Jean-Baptiste Furet

VIDA DE
SÃO MARCELINO JOSÉ BENTO CHAMPAGNAT

Nota preliminar

O texto é tradução, a partir do francês, da edição *princeps* de 1856. As notas de rodapé levaram em conta as pesquisas que se fizeram sobre as origens maristas, de uns quarenta anos para cá. Objetivam dar mais precisão ao texto do Irmão João Batista, esclarecê-lo ou até corrigi-lo. Quando provieram de publicações maristas, contentamo-nos com a referência (cf. Abreviaturas das Referências). Quando provieram de outras publicações, ou de tradução já existente em português, a referência é citada.

As notas vieram sobretudo das pesquisas dos Irmãos Alexandre Balko, Aníbal Cañón, Gabriel Michel, Paul Sester e Pierre Zind. Foram coletadas pelo Irmão Roland Bourassa e revistas pelo Padre marista Jean Coste.

VIDA DE
SÃO MARCELINO JOSÉ BENTO CHAMPAGNAT

Jean-Baptiste Furet

Secretariado Interprovincial Marista
Rua Cesário Ramalho, 288 – Cambuci
SÃO PAULO – SP – Brasil

1999

Furet, Jean-Baptiste
Vida de São Marcelino José Bento Champagnat /
Jean-Baptiste Furet; [tradução Ângelo Mizael Canatta]
São Paulo: Loyola: SIMAR, 1999
Título Original: Vie de Joseph-Benoît-Marcellin Champagnat
Bibliografia.
ISBN 85-15 (Loyola)
1. Champagnat, Marcelino, Santo, 1789-1840
I. Título
99-4191 CDD-922.22

Tradução: Ângelo Mizael Camatta
Revisão: Gonçalves Xavier, Salatiel Francisco Amaral, Gelásio Mombach e Ireneu Martim.
Organização dos índices: Ireneu Martim
Capa: Santini, Galeria dos Superiores, Casa Generalícia, Roma.

Edição conjunta

Edições Loyola
Rua 1822, nº 347 – Ipiranga
SÃO PAULO - SP
04216-000
Telefone: (11) 6914 1922
FAX: (11) 6163 4275
E-mail: loyola@ibtn.net

SIMAR - Secretariado Interprovincial Marista
Rua Cesário Ramalho, 288 – Cambuci
SÃO PAULO – SP
01521-000
Telefone: (11) 270 5576
FAX: (11) 278 7071
E-mail: simar@marista.org.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita dos Editores.

ISBN

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1999.
© SIMAR – Secretariado Interprovincial Marista, São Paulo, Brasil.

ABREVIATURAS DAS REFERÊNCIAS

AA	Abrégé des Annales du Frère Avit, F.M.S., 1789-1840.
AAL	Achives de l'Archevéché de Lyon.
ADL	Achives départementales de la Loire.
AFD	Archievement from the Depths. Br Stephen Farrell. F.M.S., 1986.
Afm	Archives des Frères Maristes, Roma.
ALS	Avis, Leçons, Sentences, 1927.
Na	Archives nationales de Paris.
APM	Archives des Pères Maristes, Roma.
BI	Bulletin de I`Instituit des Frères Maristes.
BQF	Biographies de Quelques Frères, 1924
CM	Crônicas Maristas (El Fundador). H. Anibal Cañon Presa. Luis Vives, Zaragoza, 1979
CSG	Circulaires des Supérieurs Généraux.
FMS	Revue des Frères Maristes.
LCP 1	Lettres du Père Chapagnat. Vol. 1. Frère Paul Sester, F.M.S., 1985.
LPC 2	Lettres du Père Champagnt. Vol. 2. Répertoires. FF. Raymond Borne et Paul Sester, F.M.S., 1987
MC	Marcellin Champagnat. Mgr Laveille. Ed. Téqui, Paris, 1921.
MEM	Mémoires (Souvenires Personnels). Frère Sylvestre, F.M.S.
NCF	Les Nouvelles Congrégations de Frères enseignants en France de 1800 a 1830. Pierre Zind, F.M.S., Lyon, 1969.
OM	Origines Maristes. Volumes 1, 2, 3, 4. J. Costes, S.M. et G. Lessard, S.M., Rome, 1960-1967.
OME	Origines Maristes, Extraits concernat les Frères Maristes.
PPC	Pratique de la Perfection Chrétienne. Alphonse Rodriguez. Oeuvres complètes, Paris, 1703.
RLF	(Marcellin Chapagnat) et la Reconnaissance Légale des Frères Maristes. Vol. 1 (...a 1840). Frères Gabriel Michel, F.M.S. Ed. Du Carmel de Saint - Chsmond, 1986.

As	Saint Augustin. Oeuvres complètes. Ed. Louis Vivès, Paris, 1878.
SAL	Saint Alphonse de Liguori. Oeuvres ascétiques. Ed. Paul Mellier, Paris, 1843.
SFS	Saint François de Sales. Oeuvres complètes. Ed. Niérat, 1898.
SMC	Sur les Traces de Marcellin Chapagnat. Volumes 1 et 2. Frère Pierre Zind, F.M.S. (Artigos publicados em *Présence Mariste*, de 1970 a 1987).

PREFÁCIO

Escrever a vida de um santo, divulgar suas lutas, vitórias e virtudes, tudo o que fez para Deus e para o próximo, é publicar a glória de Jesus, divino restaurador do mundo, Santo dos Santos e fonte de toda santidade. De fato, todos os predestinados que, por seus exemplos, dissipam as trevas do pecado e da ignorância, recebem luz da vida de Jesus e se inflamam na meditação de suas virtudes, tal como se acendem várias lâmpadas a partir de uma só chama inicial, da qual as demais recebem luz e calor.

Não há santo que não possa dizer como S. Paulo: *Vivo, mas já não sou eu que vivo, é o Cristo que vive em mim.* Cristo vive na inteligência dos santos pela fé, que é participação da vida eterna. Vive na memória, pela contemplação das suas grandezas, sua bondade, seus benefícios cuja lembrança os enche de júbilo. Vive no coração, pela caridade. Vive, finalmente, nas ações virtuosas. Assim, pois, tudo que existe nos santos, de graças e dons, dimana de Jesus e proclama sua glória. Os santos, afirma S. João Crisóstomo, são como as estrelas do céu, que compõem concerto maravilhoso para celebrar a glória de Jesus. Tudo o que há neles transpira seu espírito; as palavras elogiam suas perfeições; as ações são troféus de sua graça; as dores, sacrifícios de louvor à sua soberana grandeza. Resumindo: a vida dos santos consiste na imitação da vida de Jesus e na produção de suas virtudes.

Escrever a vida de um santo é condenar o vício, animar a piedade e a virtude. A vida dos santos, diz S. Gregório Magno, é verdadeira aula sobre as virtudes e os meios de adquiri-las. É límpido espelho no qual percebemos nossos defeitos e imperfeições, de maneira tão nítida e, pois, tão humilhante, que basta essa visão para levar-nos a corrigi-los. A vida dos santos é manifestação viva da perfeição evangélica e de todos os degraus através dos quais podemos chegar até lá, é o evangelho vivido na prática. Entre o Evangelho escrito e a vida dos santos, diz S. Francisco de Sales, vai a mesma diferença que entre a música impressa e a música executada.

Lendo a vida dos santos, somos levados, suave mas fortemente, a imitá-los: temos a impressão de que todos eles nos convidam a segui-los e todas as virtudes de que nos dão exemplo nos dizem o que

dizia a castidade a Santo Agostinho, no começo de sua conversão: porque não poderia fazer o que eles fizeram?, puderam eles, por suas próprias forças, superar as dificuldades que encontraram no caminho do céu? Não. Foi pela graça de Jesus Cristo que venceram o pecado e praticaram a virtude: ora, a mesma graça te é garantida e, com ela, terás a mesma força que eles; com ela poderás fazer o mesmo que eles fizeram.

O exemplo de todos os santos é utilíssimo para levar-nos a perfeição. Entretanto, diz S. Pedro Damião, a mesma prudência que determina a escolha das virtudes cuja prática nos é mais necessário ou mais conveniente deve orientar-nos na escolha do santo cujo a vida é mais adequada à nossa profissão ou ao nosso estado. Afirma S. Jerônimo: cada Instituto e cada profissão têm seus pioneiros, cujo exemplo serve de modelo para os outros. Bispo e sacerdotes considerem os apóstolos e as almas apostólicas como seus modelos e se esforcem por participar dos méritos deles como participam da sua honra. Quanto a nós, que fazemos profissão de vida monástica, imitemos os exemplos de Paulo, Antão, Juliano, Hilário e Macário.

Seguindo o conselho do insigne doutor, devemos tomar nosso piedoso Fundador por mestre de vida espiritual e modelo de virtudes, pois nada pode ser mais útil e proveitoso do que seus exemplos.

Para elevar os santos à perfeição da santidade, Deus os conduz, às vezes, por vias extraordinárias e prodigiosas, onde nós os admiramos sem poder imitá-los. Outras vezes, dirige-os por atalhos comuns e freqüentados, mas de maneira heróica e muito perfeita, sendo motivo para nós, ao mesmo tempo, de admiração de imitação.

Foi pelo último caminha que Deus santificou nosso venerado Pai, de modo que toda sua vida é modelo que podemos e devemos imitar. Sua vida é para nós um espelho em que veremos todos nossos defeitos e as virtudes que Deus quer de nós. É norma prática a nos mostrar, em cada página o que devemos fazer para sermos religiosos bons, piedosos, cheios de zelo pela glória de Deus, repleto de amor para com Jesus Cristo e autêntico devotos de Maria, verdadeiros imitadores da humildade, simplicidade, modéstia e da vida oculta desta augusta Virgem. Pelo estudo e pela meditação das virtudes que esta vida nos apresenta, cada um de nós deve dizer: *Eis o modelo que devo*

copiar e reproduzir: e não me tornarei perfeito religioso, verdadeiro Irmãozinho de Maria enquanto não me conformar com este protótipo da perfeição do meu estado.

Após a morte de S. Bento, estando seus discípulos a rezar, foram arrebatados em êxtase. Deus lhe mostrou um caminho largo que se estendia pelo lado do oriente, desde a ceia do santo até o céu. Era uma senda constelada de tochas que irradiavam uma claridade a um tempo suave e deslumbrante. Dentre os monges, S. Mauro contemplava de modo especial aquele espetáculo, quando um anjo lhe disse:

- Que é que você está olhando com tanta atenção? Sabe que caminho é esse?

- Não sei, respondeu S. Mauro.

- É o caminho que levou ao paraíso seu pai S. Bento. Se você quiser chegar à pátria celeste, sigo o mesmo caminho, isto é imite as virtudes de seu pai, observe fielmente a Regra que deixou e que ele próprio cumpriu com toda fidelidade.

Lendo a vida e os ensinamentos de nosso piedoso fundador, devemos aplicar a nós mesmos as palavras do anjo aos filhos de S. Bento e dizer-nos: "Eis o caminho, eis a Regra seguida por nosso Pai para fazer o bem, chegar ao céu e atingir a elevada perfeição a quem chegou. Se quisermos ser verdadeiros discípulos seus, se desejarmos continuar sua obra e partilhar de sua glória no céu, devemos seguir-lhe as pegadas, imitar-lhe as virtudes, observas a Regra que nos legou e que ele próprio cumpriu com tanta fidelidade, porque é somente ela que pode conduzir-nos a Deus e ao porto da salvação. Qualquer outro caminho nos transviaria e nos levaria ao abismo."

O profeta Isaías, falando aos israelitas mais fieis, convidava-os a meditar as ações e a vida de sei pai Abraão, a fim de que se animassem, pelos exemplos dos grandes patriarcas, a prosseguir com passo firme pela estrada da santidade. Entremos no pensamento do profeta. Voltemos constantemente nossos olhares para aquele que Deus nos deu por pai e modelo. Examinemos qual foi seu espírito de fé, imensa confiança em Deus, zelo ardente pela salvação das almas, amor eterno e generoso a Jesus, piedade filial para com Maria, profunda humildade, mortificação, desapego das criaturas, constância no serviço de Deus, para que nos animem à prática destas mesmas virtudes.

Boleslau IV, rei da Polônia, trazia a imagem do pai pendurada ao pescoço. Quando tinha de empreender algo de importante, tomava-a nas mãos e, fixando-a, dizia: “Papai, que eu conserve em minha pessoa a honra de sua casa e os exemplos que me deixou; que eu não cometa nenhuma ação que desabone esses exemplos e seja condenada pelo proceder que sempre teve”. Como esse virtuoso príncipe, que não empreendemos nada sem lançar previamente um olhar ao nosso Pai, sem nos lembrar de suas virtudes, sem tomar seus exemplos e seu espírito como norma de nossa conduta. Comportemo-nos de tal modo que nenhuma de nossas palavras ou ações seja indigna dele, desaprovada por ele, condenada pelo que ele disse, fez e ensinou, ou pelos exemplos que nos deixou.

A cada fundador, Deus concedeu em plenitude as graças de estado e o espírito da família religiosa para a qual o designou guia e modelo. É a partir dos fundadores que estas graças e este espírito circulam nas almas dos religiosos para animar-lhes as ações e vivificar-lhes as virtudes. Os religiosos que não tem o espírito do fundador ou perderam-no devem ser tidos – e eles mesmo devem assim considera-se – como membros mortos. Tais religiosos correm o maior perigo de se perder, abandonando a vocação e voltando para o mundo. Mesmo no caso de permanecerem no Instituto, é muito difícil viver na graça de Deus e salvar-se. Quais ramos que secam e morrem, embora ligados ao tronco, esses religiosos, após haverem perdido, por infidelidade repetidas, o espírito do seu estado, perdem a caridade e condenam-se pelo abuso dos meios que deviam conduzi-los a mais alta perfeição. Para um religioso, o espírito da sua vocação, o espírito do fundador, não é prática meramente útil; é algo necessário, indispensável, e não há graça, nem virtude, nem paz, nem felicidade durante a vida, nem salvação, nem felicidade depois da morte, para quem não possui este espírito.

Lemos nas crônicas dos Frades Menores, cujo fundador é S. Francisco de Assis, que um Irmão da Ordem teve a seguinte visão: viu uma árvore, maravilhosa de beleza e grandiosidade. As raízes eram de ouro. Os frutos eram homens, e os homens eram Frades Menores. A árvore possuía tantos galhos quantas províncias havia na Ordem e cada galho trazia tantos Irmãos quantos havia na província que ele representava.

Assim aquele Irmão conheceu o número de Frades que compunha a Ordem e cada uma das províncias. Conheceu até o nome, a idade, a condição, os trabalhos, as graças, as virtudes e os defeitos de cada um. No topo do galho do centro estava o Superior Geral, Frei João de Parma. Os ministros de todas as províncias achavam-se no topo dos ramos vizinhos. Viu também Jesus Cristo sentado em trono elevado e deslumbrante de luz.

O Salvador chamava S. Francisco para perto de si, oferecia-lhe um cálice cheio de espírito de vida e lhe dizia: "Vai visitar os Irmãos de tua Ordem e dá-lhes de beber este cálice do espírito de vida, pois o espírito de satã os combaterá, muitos cairão e nunca mais poderão reerguer-se".

Acompanhado por dois anjos, S. Francisco ofereceu o cálice e seus Irmãos: o primeiro foi João de Parma, que o recebeu e bebeu com santa avidez todo o espírito de vida que continha e imediatamente tornou-se tão brilhante como o sol. Em seguida, sucessivamente, ofereceu o cálice a todos os Irmãos. Houve poucos, porém, que o receberam com o respeito e a piedade apropriados e que beberam até o fim. O pequeno número dos que o recebiam e esvaziavam no mesmo instante adquiriam o brilho do sol, enquanto os outros envolviam-se em trevas e ficavam disformes e horríveis de se ver. Quanto àqueles que sorviam uma parte e derramavam o restante, tornavam-se meio brilhantes, meio escuros, segundo a quantidade sorvida ou derramada.

Momentos depois um vento impetuoso soprou e com tanta violência sacudiu a árvore, que os Irmãos iam caindo no chão. Os que primeiro caíram foram os que haviam derramado todo o conteúdo da taça da vida; demônios se apoderavam deles e os levavam para prisões escuras, onde eram cruelmente torturados. Mas o Geral da Ordem e todos aqueles que, com ele, havia sorvido todo o conteúdo do cálice foram transportados pelos anjos para a mansão de vida e de luz eternas.

Enfim, após ter sido abalada pela tempestade, a árvore acabou caindo e tornou-se joguete dos ventos que a carregaram. Acalmada, porém, a borrasca, da raiz da árvore de ouro que acabara de ser arrancada, nasceu outra, também de ouro, cujas folhas e frutos eram também dourados. Tudo isso mostra que a Ordem se renovou, e os Irmãos

que não quiseram receber o espírito de seu Ordem, após se perderem, foram substituídos por outros que se mostraram mais fieis.

Nem todos os filhos de Israel são verdadeiros israelitas, afirma S. Paulo. Nem todos os que nasceram de Abraão são verdadeiros filhos de Abraão. Do mesmo modo, nem todo os religiosos são verdadeiros religiosos. Os que têm apenas o nome, o hábito, a aparência, cumprindo apenas as obrigações exteriores da vida consagrada, não são religiosos de verdade. Somente aqueles que assumem o espírito do fundador e lhe imitam as virtudes são religiosos. É esse espírito, são essas virtudes que fazem o religioso perfeito, garantem sua vocação, a perfeição e a felicidade neste mundo e no outro.

Compenetrem-se todos os Irmãozinhos de Maria dessa importante verdade e apliquem-se a estudar, sem desanimar, a vida, as instruções do santo Fundador, a reproduzi-lhe as virtudes e assimilar-lhe o espírito! Os Irmãos que tiveram a felicidade de viver com ele hauriram o espírito da fonte, através das instruções diariamente ministradas e dos conselhos particulares que lhes dava. Os que vieram depois haverão de sorvê-lo na meditação assídua de sua vida, de suas mensagens e da Regra do Instituto. Foi para ajudá-lo nessa busca que recolhemos cuidadosamente todas as palavras de nosso venerando Pai. Analisamos suas instruções, relatamos o que pensavam das virtudes e mostramos o objetivo que se propunha, assim como os motivos que o inspiraram na redação da maior parte das normas que nos deixou.

Falta-nos apenas um requisito para predispormos nossos Irmãos a lerem esta biografia com prazer e proveito: garantir-lhe a veracidade dos fatos narrados e, para tanto, indicar-lhe as fontes donde foram extraídos . os documentos que compõem a seguinte história não são frutos do acaso, mas resultado de quinze anos de laboriosas pesquisas cujas fontes foram:

1. *Os próprios Irmãos* que conviveram com o Pe. Champagnat, presenciando-lhe as atitudes, seguindo-lhe de perto as ações, partilhando seus trabalhos e ouvindo-lhe os ensinamentos . esses Irmãos forneceram-nos anotações escritas. Além disso, perguntamos a cada um separadamente sobre o conteúdo sobre o conteúdo de suas notas, com a dupla finalidade de nos certificarmos da veracidade daquilo que diziam a recolhermos de suas palavras outros fatos e informações sus-

citadas pelas nossas perguntas.

2. *Significativo número de pessoas* que viveram com o Pe. Champagnat ou que o conheceram particularmente, como clérigos respeitáveis ou leigos piedosos com os quais se familiarizaram e que os ajudaram em suas obras.

3. *Os escritos do bondoso Pai*, um sem-número de cartas endereçadas aos Irmãos ou as outras pessoas; cartas que lemos e relemos com a máxima atenção. Encontramos, também, preciosas informações em numerosa correspondência remetida ao Fundador pelos Irmãos e pelas pessoas de todas as categorias.

4. *Nossas próprias recordações*, pois tivemos a vantagem e o favor de passar cerca de vinte anos com nosso venerando Pai, participar do seu Conselho, acompanhá-lo em muitas viagens, debater com ele a respeito de tudo quanto se refere à Regra, às Constituições e ao método de ensino que legou aos Irmãos e, de modo geral, a tudo o que interessa ao Instituto. Escrevendo esta biografia, podemos, pois, afirmar que narramos o que vimos, ouvimos e aquilo que pudemos examinar e estudar durante muitos anos.

Por mais edificante que seja a vida do Pe. Champagnat, nós a conheceríamos muito imperfeitamente se nos limitássemos a contar sua história. Belas ações, obras grandiosas, trabalhos longos e penosos são bem pouca coisa. O que lhes confere valor e merecimento e verdadeiramente lhes caracteriza a excelência é o espírito que os anima. Ora, é esse espírito que compõem o conjunto de pensamentos e disposições do bom Pai, que pretendemos expor na segunda parte desta obra. Parece-nos que é a mais edificante e mais vantajosa para os Irmãos. Poderíamos dar a essa parte o título de Regra em ação, pois aí o Pe. Chapagnat é apresentado como perfeito modelo das virtudes próprias de nossa vocação, nomeadamente humildade, pobreza, mortificação, zelo, pontualidade, fidelidade, regularidade. A exemplo de nosso divino Mestre, ele praticou antes de ensinar. Antes de nos prescrever normas, impor-nos práticas de piedade ou de virtude, ele próprio as observou.

Enfim o que torna sumamente interessante essa parte da vida do piedoso Fundador é que ela nos apresenta, ao mesmo tempo, exemplos e instruções. Deste modo, ele em pessoa vai falar-nos pelas

cartas e outros escritos, pelos apontamentos dos Irmãos e por nossas recordações pessoais. Não tivemos a pretensão de reproduzir suas palavras textuais, quando procuramos gravar aquilo que ele nos ensinou nas instruções e exortações, o que, é óbvio, não seria possível. Entretanto, se não pudemos reproduzir suas expressões, traduzimos-lhe fielmente as idéias e aos sentimentos. Por isso, temos profunda convicção – e a consciência nos dá testemunho – de que nosso trabalho contém o espírito do Pe. Champagnat, a análise de suas instruções, máximas, seu modo de considerar as virtudes, a Regra e a maneira de observá-la.

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Em conformidade como decreto de Urbano VIII, do ano 1631, declaramos autoridade puramente humana aos fatos e apreciações contidas nesta história. Demos ao Pe. Champagnat e aos personagens que mencionamos os apelativos de *santos* ou *bem-aventurados*, unicamente de acordo com o uso e a opinião comuns. Além disso, submetemos este livro ao juízo da Igreja católica, apostólica e romana e nos retratamos de antemão, e corrigimos tudo que as Autoridades eclesiásticas acharem de censurável.

INTRODUÇÃO

O conhecimento de Deus é tão importante que Jesus veio a terra para ensiná-lo aos homens. O divino Salvador andava a pé de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, para instruir, catequizar e transmitir a doutrina celeste. As crianças, como os demais, eram objeto de seu zelo. Dizia aos discípulos: *deixai as crianças virem a mim, e não as impeçais, pois delas é o reino de Deus.* Desejava tanto salvá-las, que anatematizou com terríveis ameaças àqueles que as escandalizassem. O Filho de Deus é, portanto, o Autor e primeiro Mestre da Doutrina Cristã. Trouxe-a do céu, ensinou-a no mundo, e pode-se afirmar que o método por ele usado para transmiti-la tem mais o sabor de catecismo do que de sermões. O que realça a função de catequista acima de todas as outras formas de anunciar a palavra de Deus é que Jesus e os apóstolos dela fizeram uso exclusivo.

Nos primeiros séculos, a Igreja só tinha mestras semelhantes aos apóstolos. Os catequistas eram seus doutores. Esta função divina de ensinar, de maneira simples e familiar, a Doutrina Cristã era a mesma que os Bispos herdaram de Jesus Cristo; consideravam-na peculiar a sua qualidade de pais e pastores. Quando com o aumento de fiéis, viram-na constrangidos pela força da circunstância a passar essa tarefa a outros, tiveram o cuidado de escolher, para tão nobre missão, os homens mais capacitados e virtuosos de sua Igreja.[1]

Os mais destacados doutores dos primeiros séculos da Igreja ufanaram-se da função de catequista e da preparação dos catecúmenos para o batismo. S. Cirilo, bispo de Jerusalém, Santo Ambrósio, arcebispo de Milão, S. Gregório de Nissa e Santo Agostinho até compuseram livros, que ainda conservamos, para orientar os catequistas e ensinar-lhes o método de transmitirem os princípios da fé cristã às crianças e aos adultos que se preparavam para o batismo.

Na Igreja de Alexandria funcionava uma célebre escola de catequistas para instruir os catecúmenos. Pantenus, S. Clemente de Alexandria Orígenes, que sucessivamente a dirigiram, deram à escola

[1] Père GARREUA, Vie de M. de la Salle, t. I

tanta fama, que para ela acorriam pessoas das mais longínquas regiões. Nela S. Gregório Taumaturgo aprendeu os rudimentos da fé e seus progressos tais, que o tornarem célebre pelos séculos afora.

Entre as honrarias da Igreja de Constantinopla, o registro dos serviçais menciona a de catequista, cujas funções era de instruir o povo e todos os que abandonavam a heresia para retornar ao seio da Igreja católica. Orígenes foi encarregado da doutrina aos catecúmenos já aos dezoito anos que ainda era leigo. em Cartago, S. Cipriano nomeou para um mesmo serviço um mestre de retórica chamado Optato. Declara-o nestes termos: "Nomeamos Optato, um dos leitores, mestres dos catecúmenos. Duzentos anos depois, o diácono Deogratias exercia idêntica função na mesma Igreja, e foi a seu pedido que Santo Agostinho compôs o belo livro intitulado*: De catequizandis rudibus*.[2] Tudo isso comprova que se confiava essa tarefa ora a um diácono, ora a um sacerdote e, as vezes, até a um simples leigo e que, na seleção de catequistas, olhava-se menos a posição social das pessoas do que seus talentos, virtudes e donos particulares.[3]

Isso continuou até que, tendo a maioria dos homens abraçados o cristianismo, a falta de catecúmenos fez desaparecer aos poucos a função de catequista. Em tal situação, os pais e as mães e, na falta deles, os padrinhos e as madrinhas assumiram o encargo de ensinar a doutrina às crianças.[4] Ao mesmo tempo os bispos fundaram escolas para instruir a juventude na religião e nas ciências humanas. A criação, nas Igrejas catedrais, do título de "écolâtre"[5] ou chanceler, remonta àquela época. Os que eram investidos dessa dignidade deviam supervisionar as escolas primárias e tinham o direito de:

1º) nomear os mestres e as mestras de primeiras letras e dar-lhe posse;

2º) resolver e julgar eventuais divergências;

---

[2] O significado é: "Catequese para o povo simples". O Ir. João Batista escreveu diretamente em Francês: *Manière d ènseigner les principes de la religion cherètienne à ceux qui n`em sont pas instruits*.

[3] *Cours complet de théologie, t. 20, cap. III.*

[4] Pére GARREAU, *Vie de M. de la Salle, t, I.*

[5] *Écolâtre* vem de *scolatre,* deformação do latim *scholasticus.* Designava o clérigo dirigente da escola vinculada à igreja catedral.

3º) elaborar estatutos e regulamentos para as escolas primárias e exigir-lhe exata observância.

A maioria dos concílios da Idade Média, especialmente os de Châlons-sur-Saône (813), Aix-la-Chapelle (816), Paris (829), Meaux (845), Toul (859), Troflé (909), Latrão (1179 a 1198), recomendaram encarecidamente a fundação de escolas e obrigaram os párocos a ensinarem o catecismo ao povo, que então se encontrava em profunda ignorância.[6]

Apesar das recomendações dos concílios, pelas circunstâncias adversas da época, essa ignorância foi sempre crescendo e a função de catequista caiu em geral desespero, disso temos duas provas bem claras: o exemplo de Gerson e o decreto do Concílio de Trento, sessão 24, capítulo IV, relativo ao catecismo.[7]

O zelo que levou Gerson a exercer as funções de catequista, em Leão, foi considerado fruto de fraqueza mental. O grande homem vive de escrever um livro para justificar seu procedimento.[8]

Os Padres do sagrado Concílio de Trento, profundamente consternados com os males causados à Igreja pela ignorância entre os cristãos provinham da negligência dos pastores na instrução do povo, redigiram vários decretos para lembrar aos sacerdotes incumbidos do pastoreio das almas suas obrigações sobre esse ponto importante.[9] De todos os decretos, o mais necessário e de resultado mais positivo foi o que obrigou cada vigário a dar o catecismo às crianças, aos domingos e dias de festas. Dele resultaram três conseqüências que renovaram a face da Igreja.[10]

1. Reanimou o zelo do clero pela instrução cristã das crianças, estabelecendo em toda parte o ensino do catecismo. Tão logo a Igreja fez ouvir sua voz, em todos os lugares acendeu-se admirável zelo pela instrução da infância. Numerosos concílios provinciais confirmaram e publicaram o decreto do concílio de Trento e obrigaram os pastores a ensinar o catecismo. Na Itália, S. Carlos Baromeu publicou o decreto

---

[6] Abbé JOLY, chanceler da Igreja de Paris, *Institution des enfants.*
[7] *Histoire des Catéchismes de Saint Sulpice.*
[8] GERSON, *Traité du zèle pour attirer les petits enfants à Jésus-Christ.*
[9] Concílio de Trento, sessão 24, cap. IV
[10] *Histoire des Catéchismes de Saint Sulpice*

no primeiro concílio provincial e, de acordo com seus bispos sufragâneos, ordenou que convidassem as crianças com o toque do sino.[11] O primeiro Sínodo de Sena, [12] o de Camerino na Úmbria, [13] os Sínodos de Monza, Cesema, Forlo; os de Parma, Albano, Montefiascone e muitos outros, seguiram o mesmo exemplo. O Sínodo de Bréscia, na Lombardia, recomendou aos vigários distribuíssem prêmios às crianças, afim de atraí-las ao catecismo, e usassem com essa linguagem e bondade de mãe.[14]

A Espanha não mostrou menor zelo e solicitude. O Concílio Provincial de Valença e o de Tarragona, publicando o decreto de Trento, ordenaram aos pastores ensinassem o catecismo na língua do povo. [15] No reino de Nápoles, o Concílio Provincial de Salerno quis, como o de Milão, que as crianças fossem chamadas com o toque do sino.[16]

Animado pelo mesmo espírito, o Norte da Europa publicou regulamentos semelhantes. Na Boêmia, o Sínodo de Olmutz, explicitando o Concílio de Trento, ordenou que se instruíssem as crianças através de perguntas e respostas e lhes explicassem cuidadosamente aquilo que tinha decorado.[17]

Várias cidades da Alemanha destinaram parte do dinheiro público ao financiamento de tão santa instituição e determinaram a distribuição de prêmios a cada fim de ano. O Concílio de Constança prescreveu aos sacerdotes tornassem as aulas de catecismo tão agradáveis que parecessem mais momentos de recreação do que ocupação trabalhosa. O Sínodo de Antuérpia fez a mesma recomendação;[18] o de Augsburgo acrescentou sábios preceitos sobre o método de ensinar o catecismo com proveito. As Constituições da Diocese de Tréveris recomendaram aos pastores que evitassem a ausência das crianças; [19] as

[11] Atos da Igreja de Milão, Concílio Provincial, 1565.
[12] Sínodo de Sena, 1599.
[13] Sínodo de Camerino, 1630.
[14] Sínodo de Bréscia, 1603.
[15] Concílio de Valença, Espanha, 1565; Concílio de Tarragona, 1591.
[16] Concílio de Salerno, 1596.
[17] Sínodo de Olmutz, 1591
[18] Sínodo de Antuérpia, 1610.
[19] Constituições da Diocese de Tréveris, 1622.

de Sion ordenaram a distribuição de prêmios;[20] as de Osnabruck determinaram que todas as perguntas fossem curtas e claras; as de Ypres, que as perguntas fossem explicadas com exemplos e comparações. [21] O Sínodo de Gand exortou os magistrados das cidades a comparecerem pessoalmente à distribuição de prêmios do catecismo, estimulando, assim, com sua presença, o interesse das crianças; o de Saint-Omer confirmou a maior parte desses decretos.[22]

Os estatutos de Tarentaise, principalmente os de Annecy, deram ao catecismo lugar de honra na Sabóia.

A França, evidentemente, não podia ver tão felizes reformas sem delas participar. O Concílio de Besançon (1571) redigiu normas para o catecismo; [23] o de Bourges, os Sínodos de Metz Ruão, Orleães, os estatutos de Troyes, Angers e de todas as dioceses da França, sem exceção, impuseram aos vigários o ensino do catecismo, o Novo Mundo também se apressou em executar o decreto do Concílio de Trento. Assim os Concílios de Lima e do México ombrearam em zelo com os da antiga cristandade.[24]

2. *Revalorizou o ensino do catecismo.* Enquanto por todas as partes os concílios se ocupavam com o objetivo prioritário da instrução cristã das crianças, houve bispos, sacerdotes categorizados, santos, taumaturgos, que desempenharam a função de catequistas, pregando eficazmente a todos, pelo exemplo, a importância da instrução religiosa.

S. Carlos Barromeu, arcebispo de Milão, reservava todas as semanas algum tempo de suas inúmeras ocupações para dedicar-se ao ensino do catecismo às crianças e orientar os catequistas que colocara em todas as paróquias da diocese.[25]

Todos os domingos do ano e sábado da quaresma, S. Francisco de Sales dava o catecismo em revezamento com seus cônegos. O convite às crianças era feito por um arauto, vestido com uma espécie de

---

[20] Constituições de Sion, 1622.
[21] Constituições da Diocese de Osnabruck, 1638.
[22] Sínodo de Gand, 1650; Sínodo de Saint-Omer, 1640.
[23] Concílio de Besançon, 1571.
[24] Concílio Provincial de Lima, 1522, Concílio Provincial de México, 1585.
[25] *Vie de Saint Charles Borromée.*

cotas de armas azul, sobre a qual estava gravado o nome de Jesus, em letras de ouro. O mensageiro agitando uma campainha pelas ruas, repetia auto e bom som: *crianças, ide à doutrina cristã! Lá aprendereis o caminho do céu.* O santo bispo sempre tinha presentinho que distribuía pessoalmente às crianças para atraí-los ao catecismo. Duas vezes por ano saía com elas pela cidade em solene procissão.[26]

Santo Inácio de Loyola comprometeu-se por, votos juntos com seus colegas, a ensinar o catecismo. Eleito superior Geral da Ordem, iniciou seu governo dando catecismo durante quarenta e cinco dias numa Igreja de Roma. É para imitar esse exemplo que os Superiores da Companhia de Jesus dão catecismo durante quarenta dias quando iniciam o ministério.[27]

S. Francisco de Bórgia percorria os campos, campainha na mão, para reunir as crianças e ensinar-lhes a doutrina cristã. Mas não eram só as crianças que o seguiam. Pessoas de todas as idades ao som da sineta ????? para ouvi-lo. Chamavam-no *o homem que veio de céu* e acolhiam suas palavras como oráculos celestes e divinos.[28]

S. Francisco Xavier andava pela cidade de Goa pedindo, em alta voz, aos pais que enviassem ao catecismo os filhos e os escravos. O santo homem tinha a convicção, afirma o autor de sua biografia, de que, se a juventude fosse bem instruída na religião, ver-se-ia em breve o cristianismo reflorescer em Goa. De fato, foi através dos jovens que a cidade começou a transformar-se.[29]

S. Pedro Claver passou a vida catequizando escravos; preparou mais de duzentos mil para o batismo.[30]

S. Felipe Néri, com seus catecismos diários, de que participava toda classe de pessoas, colheu frutos maravilhosos na cidade de Roma.

S. Vicente de Paulo, quando vigário, estudou o dialeto da região, para ter melhores condições de ensinar o catecismo. Com esse tipo

---

[26] Pére LARIVIÉRE, *Vie de saint François de Sales*, p. 362.
[27] Pére MAFFÉ, *Vie de Saint Ignace, p. 121;* Pére BOUHOURS, *Vie de saint Ignace*, p. 219.
[28] *Vie de saint François de Borgia*, p. 157.
[29] BOUHOURS, *Vie de Saint François Xavier*, p. 119, 577.
[30] *Vie du Bienheureux Claver.*

de instrução conseguiu renovar a paróquia inteira.[31]

S. Francisco Régis iniciava todas suas missões ensinando o catecismo. Um famoso pregador exclamava, numa Igreja de Puy, após assistir à catequese deste santo: "há este grande servo de Deus converte as almas e as abrasa do amor divino por meio do catecismo, enquanto nós colhemos tão poucos resultados com nosso pomposos sermões".[32]

S. Jerônimo Emiliano, em Veneza, reunia as crianças, duas vezes por dia, para ensinar-lhe o catecismo. Assim realizou bem imenso naquela cidade.[33]

O Cardeal Belarmino, arcebispo de Cápua, reunia as crianças na catedral. Ele mesmo lhes explicava o catecismo e distribuía prêmios àquelas que davam as respostas mais acertadas. Esse sábio prelado explicava com tanto afeto e carinho as verdades da religião, que todos ficavam comovidos. Em conseqüência, sempre que anunciavam o catecismo do Arcebispo, pessoas de todas as cidades afluíam juntamente com as crianças.[34]

Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, Portugal, renunciou ao cargo para dedicar-se totalmente à simples função de catequista.

O santo bispo de Cahors, Alain de Solminiac, jamais deixava uma paróquia ser ter ensinado o catecismo. Seu zelo lhe fornecia sempre novos meios de tornar a instrução interessante e agradável aos ouvintes.[35]

M. Le Nobletz, catequista desde a idade de catorze anos, exerceu esse mistério até a morte e com tal êxito que renovou toda a Bretanha.[36]

O Pe. Romilion, Fundador das Ursulinas, na França sentindo-se chamado a catequizar as crianças, começou a exercer esse ministé-

---

[31] COLLET, *Vie de saint Vincent de Paul*, t. I, p. 56, 62.
[32] DAUBENTON, *Vie de saint François Régis*, p. 112.
[33] *Actes des Saints, mois de Février*, p. 218.
[34] FRIZON, *Vie de Berllarmim*, p. 255.
[35] *Vie de Mgr Alain de Solminiac*, p 241.
[36] *Vie e M. le Nobletz, p.* 126.

rio em 1'Isle, no condado de Venaissin, onde colheu excelentes resultados. Tinha tanto jeito que era capaz de manter as crianças atentas durante duas ou três horas a fio, sem que manifestassem cansaço.[37]

O Pe. Ivan, Fundador da Congregação de Notre-Dame, dava catecismo às crianças a cada domingo, e seu zelo o levava a fazer pessoalmente gravuras para distribuí-las com prêmios.[38]

O Venerável César de Bus exerceu o mesmo ministério com tanto zelo e êxito, que mereceu o título de apóstolo das crianças. Já idoso, mesmo perdendo a visão, continuo a dar catecismo até o fim da vida.[39]

A França teve catequistas percorrendo cidades e campos para instruir os ignorantes. Os Josefinso começaram como simples catequistas; em seguida dedicaram-se à instrução da juventude e à direção de colégios . Antonio Roussier, com sua equipe, catequizou sucessivamente o Lyonnais, o Forez, o Velay e a Auvergne.[40]

O papa Clemente XI se compenetrara tão profundamente da importância do catecismo que, nos primeiros dias de seu pontificado, mandou chamar os vigários de Roma e lhes recomendou encarecidamente desenvolvessem todo zelo pela instrução dos paroquianos, principalmente das crianças. Deu-lhes orientações de como deveriam exercer a função, exortando-os sobretudo a adaptarem-se à capacidade das crianças. Não satisfeito com isso, ele mesmo quis dar-lhes o exemplo. Vai daí que o zeloso pontífice parava nas ruas para catequizar as criancinhas. Para provocar a emulação, distribuía medalhas e terços aos que haviam respondido com mais acerto.[41]

3. *A terceira conseqüência dos decretos do Concílio de Trento*

---

[37] *Vie du Pére Romilion,* p. 83.
[38] *Vie de Pére Ivan,* p. 51.
[39] *Vie de César de Bus,* p. 168
[40] *Vie de M. Démia....* p. 38.
[41] *Guide de ceux annoncent la parole de Dieu,* p. 379. Com tais exemplos, quem não se sentirá feliz em dar catecismo às crianças! Que honra, que glória, que consolo para os Irmãos exercerem o ministério que tantos homens ilustres, tantos santos, e o próprio Jesus Cristo exerceu! Foi para dar aos Irmãos uma idéia exata da missão sublime de catequista, que fazemos essa introdução no começo da vida de nosso santo Fundador.

foi a fundação de muitas sociedades cujo objetivo era a instrução da juventude. Se para sublinhar eficazmente a necessidade e a excelência do catecismo foram necessários os grandes exemplos de zelo que acabamos de referir, seria também necessária, para perpetuar esses exemplos na Igreja, a função de sociedades voltadas à instrução cristã da juventude.

O papa S. Pio V, suscitado por Deus para reparar as ruínas da Igreja, instituiu em Roma uma associação de catequistas denominada Confraria da Doutrina Cristã. Muitas e muitas pessoas nela ingressaram comprometendo-se a ensinar o catecismo aos domingos e dias de festa. Diante do bom êxito alcançado por essa confraria, o papa, mediante uma bula, exortou todos os arcebispos e bispos a introduzi-la em suas dioceses, concedendo indulgência a todos os que nela se inscrevessem e a quem assistissem ao catecismo.[42]

Em Milão, S. Carlos Barromeu criou a Confraria da Doutrina Cristã. Esforçou-se por difundi-la na diocese inteira que em pouco tempo se transformou. O santo Arcebispo sentia prazer em visitar os catecismos e, quando morreu, havia a cidade e nas paróquias da diocese mais de quarenta mil pessoas que os frequentavam, cerca de setecentos e quarenta catecismos e mais de três mil catequistas.[43]

Quando de sua elevação ao episcopado, S. Francisco de Sales fundou a Confraria da Doutrina Cristã, em Annecy, e redigiu estatutos que lhe regessem a estrutura e garantissem a continuidade.[44]

Igualmente a Companhia de Jesus, fundada na época do Concílio de Trento, se consagrou à santificação dos jovens, fundando muitos colégios. Estêvão e Sigismundo, ambos reis da polônia, bem com os imperadores da Áustria, Fernando I e Fernando II, declararam não ter encontrado meio mais eficaz para fortalecer a fé católica nos seus domingos, influenciados pela heresia de Lutero, do que as escolas dos Padres Jesuítas. "Dessas escolas", afirmava Henrique IV, rei da França, "surgia não só a literatura, mas também a fé e a piedade". Os luteranos alemães abertamente declaravam que os colégios dos Jesuítas

[42] *Vie de saint Pie V*, p. 507.
[43] *Vier de saint Charles Borromée*, p. 462.
[44] *Augustet de Salles*, p. 306.

constituíam verdadeiros fragelos que lhes arruinavam a reforma.[45]

César de Bus fundou uma congregação cujo espírito essencial, dever indeclinável e função perpétua era ensinar a Doutrina Cristã, tornou-se depois, na Igreja, uma Ordem de Catequistas, como a de São Domingo era uma Ordem de Pregadores. Iniciada em 1597, com o nome de Padres da Doutrina Cristã, aprovada por Clemente VIII, contava, no momento da Revolução Francesa, quinze casas e vinte e seis colégios.[46]

Pouco depois, S. Vicente de Paulo, lançou as bases de outra Congregação que visava a idêntico objetivo: a instrução da infância. Nas Missões pregadas às populações rurais, seus sacerdotes tinham a obrigação de dar o pequeno catecismo, ao meio-dia, e o grande catecismo, à tarde, e queria que parte do tempo fosse tomada para interrogar as crianças. Certa vez, informado de que um dos padres desobedecera a essas prescrições, escreveu-lhe: "Fiquei muito triste ao saber que, à noite, em vez de ensinar o grande catecismo, você andou fazendo pregações na missão. Isso não está certo, pois o povo tem mais necessidade de catecismo e dele tirar maior proveito. Dando catecismo, de certo modo também honramos o método seguido por Jesus Cristo para converter o mundo. É costume nosso e Jesus prometeu recompensar especiais a quem usa esta prática na qual há maiores oportunidades de viver a humildade".[47]

Na mesma época, o Cardeal de Bérulle, percebendo que as povoações rurais tinham grande necessidade da palavra de Deus e que o ensino do catecismo fora abandonado, fundou uma associação de sacerdotes destinada à formação dos clérigos e à instrução cristã da infância. Paulo V publicou uma bula aprovando essa congregação com o nome de *Padres do Oratório*. Mantinham colégios e seminários. Enviavam catequistas aos povoados rurais e algumas de suas residências eram exclusivamente destinadas ao exercício da catequese.[48]

Ainda na mesma época fundaram-se muitas outras congregações visando ao mesmo objetivo, por exemplo, os Eudistas, que reno-

---

[45] CRÉRINEAU-JOLY, *Histoire de la Compagnie de Jésus.*
[46] *Histoire de César de Bus.*
[47] ABELLY, *Vie de saint Vincent de Paul*, t. II,P. 10.
[48] *Vie du Cardinal de Bérulle*, p. 291.

varam a Normandia; os Josefinos, estabelecidos em Lião po M. Crétenet, que catequisaram o Lyonnais, a Bresser, o Forez, o Valay, a Auvergne etc. e dirigiram muitos colégios. Na Itália, os Barnabitas e Oratorianso de S. Felipe Néri; na Espanha, as Escolas Pias, fundadas por S. José Calazans etc.[49]

Graças ao zelo de todas essas congregações, a instrução cristã dos filhos das famílias abastadas não deixou nada a desejar; não acontecia ao mesmo entretanto, com as instruções do povo simples. Este vivia em profunda ignorância e licenciosidade, pois, quase por toda parte faltava mestre de religião. Todos os grandes homens suscitados pela Providência para regenerar a sociedade, sentiam vivamente a necessidade de remediar mal tão deplorável. Um deles exclama: ‘ Unicamente os seminários e as escolas primárias podem sanar os males da Igreja. Os seminários são as escolas do clero e as escolas primárias são os seminários dos cristãos. Entretanto, para que as escolas se tornem úteis ao cristianismo, é preciso que os mestres as dirijam como apóstolos e não como mercenários.[50]

Para conseguir tais mestres, formou-se, na Congregação de S. Sulpício, uma sociedade de oração, colocada sob a proteção de São José, padroeiro e modelo de todos os educadores da infância. “Considerando que a instrução dos jovens do povo se encontra muito descurada”, escrevia um dos piedosos associados, Deus, que ampara sua Igreja, quer talvez prover essa falha através de alguns dons extraordinários e suscitar mestres e mestras que se dediquem à missão com zelo apostólico. Sem dúvida, é para isso que ele envia seu espírito de oração a tantas pessoas”. Não se pode duvidar que o céu atendeu a tantas súplicas quando, pouco depois, surgiram numerosas congregações de leigos votados a esse magistério, até então muito negligenciado. Quase todos os fundadores de congregações votadas ao ensino primário da França foram formados em São Sulpício,[51] como se Deus quisesse mostrar que era aos filhos de M. Olier que cabia a glória de terem mais contribuídos para a execução dos desígnios da Providência.

---

[49] *Vie de M. Crétenet; Vie de M. Roussier; idem de saint Philippe de Néry; idem de saint Joseph Calazance.*
[50] *Vie de M. Bourdoise.*
[51] *Vie de M. Olier,* t, II, P. 322.

A partir de então, houve algumas tentativas de fundação de escolas cristãs para as crianças do povo e, em diversas cidades, surgiram associações que abriram escolas primárias a fim de facilitar o ensino do catecismo às crianças.[52]

A cidade de Privas tinha só quarenta católicos. Para chamar a população de volta à Igreja, M. Olier não encontrou melhor instrumento que abrir escolas populares. Segundo ele, se fosse possível atrair os filhos dos huguenotes à escola e inspirar-lhes desde pequenos, o amor à religião católica, a heresia ficaria minada pela base. Não se enganou. M. Couderc, responsável por essas escolas e, mais tarde, pela paróquia de Privas, transformou completamente a cidade.[53]

M. Bourdoise notou que o catecismo da paróquia de Saint-Nocolas de Chardonnet, em Paris, era praticamente inútil para a juventude. Resolveu então abrir escolas naquela paróquia. Para isso convidou sacerdotes zelosos que se dedicaram à instrução das crianças do povo.[54]

Pierre Tranchot, antigo membro do Supremo Tribunal de Paris, comprou em Orlãesm uma casa que transformou em escola gratuita. Ele mesmo dava aulas e levava os alunos à Igreja enquanto iam cantando orações. Escolas parecidas foram abertas em Blois e Tours. Um virtuoso leigo, Francisco Perdoulx, animado pelo mesmo zelo, fundou mais de trinta na diocese de Orleães.[55]

Carlos Démia, sacerdote da Diocese de Lião e promotor do tribunal eclesiástico metropolitano, fundou uma espécie de seminário onde formavam excelentes professores primários. Entregou a casa à direção de um Sulpiciano, pois, tendo sido ele próprio aluno de São Sulpício, sabia que não poderia escolher melhor.[56]

O Pe. La Salle, cônego de Reims, fundou a Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, que logo se espalhou por todas as cidades da França e hoje ministra o ensino e a educação cristã a mais de du-

---

[52] *Histoire des Catéchismes de Saint-Sulpice.*
[53] *Vie de M. Olier*, t. II, P. 480.
[54] *Vie de M. Bourdoise*, p. 474.
[55] *Influence de la Religion em France*, t. II, p. 325.
[56] *Vie de Charles Démia*, p. 137.

zentas mil crianças.[57]

Fundaram-se instituições semelhantes para a instrução das meninas. Citemos algumas congregações que nasceram na França: Irmãs de Notre-Dame, fundadas em Bordéus e aprovadas por Paulo V; as religiosas da Visitação; as Ursulinas, que em meio século chegara a ter mais de trezentas casas; as Irmãs de Notre-Dame, na Lorena; as Filhas da Caridade, fundadas por S. Vicente de Paulo; as Irmãs de São José; fundadas no Puy; as Irmãs da Instrução, fundada na mesma cidade; as Irmãs da Fé, na Diocese de Agen; as Filhas de Santa Genoveva; as Irmãs de São Carlos, em Lião, fundadas por C. Démia; as Irmãs do menino Jesus, fundadas pelo Pe. Barré; enfim uma multidão de outras congregações que, embora menos conhecidas, muito contribuíram para renovar a sociedade daquela época de reforma universal.[58]

Mas a Igreja, sempre militante, mal havia cicatrizado a ferida que lhe abriram a ignorância e a heresia de Lutero e já o inferno lhe reservava novos combates e, por isso mesmo, novas vitórias. A tempestade ocasionada pela filosofia e pela impiedade do século XVIII assolou a França, varreu a Europa, destruindo altares e tronos, semeando ruínas por toda parte. Após o catecismo, quando a sociedade voltou a encontrar seus fundamentos e pôde avaliar a natureza e a gravidade dos próprios males, ouviu-se uma voz unânime a proclamar a necessidade da instrução religiosa, afirmando que o futuro da família, da França e da sociedade dependia das novas gerações.[59]

Esse pensamento não permaneceu em estado embrionário

---

[57] GARREAU, *Vie de M. de La Salle.*

[58] HENRION, *Histoire des Ordres Religieux.*

[59] Os pastores da Igreja são unânimes em considerar c instrução e a educação religiosa da infância, por meio das escolas cristãs, como um dos grandes remédios aos males sociais, e o papa Pio IX acaba de acrescentar a esses testemunhos o peso de sua palavra.

Na ???? aos bispos da Itália, em 8 de dezembro de 1849, diz-lhes o grande pontífice: "Adverti os que têm a missão de cura de almas para que sejam vossos cooperadores vigilantes em tudo o que diz respeito às escolas para a infância. Não vos surpreendereis, veneráveis Irmãos, se nos delongarmos algum tanto sobre o tema. Com certeza, vossa prudência já reconheceu que nos temos arriscado em que vivemos precisamos, vós e nós também, envidar o máximo de esforço, usar de todos os meios, lutar com persistência inabalável, ficar continuamente alerta para tudo o que tange às escolas, à instrução e à educação das crianças e dos jovens de um e outro sexo.

Germinou por toda parte por meio de obras e sacrifícios generosos na fundação das escolas. Mas passemos a palavra a um ilustre príncipe da Igreja: "Perguntamo-nos: porque todas essas escolas particulares ou públicas, que se multiplicam, escolas de crianças, de adolescentes, de adultos, escolas diurnas, noturnas, dominicais? Porque tantos abrigos de crianças, que surgem em quase todos os municípios, para cuidar da infância e tantas creches para os recém-nascidos, porque, enfim, tantas azáfama, tanta precaução, tanta instituição, inimaginadas até a pouco, glória perene da parte sadia da sociedade e eterno opróbrio da outra? Seria somente progresso, melhoria, aperfeiçoamento como se costuma dizer? Não. É a obrigação de satisfazer uma necessidade profunda de nossa época. É o remédio denunciador do mal que nos fere. Pois é! Não estão vendo que os papéis se trocam e se invertem? É da família que a sociedade deveria haurir sua força e agora é a sociedade que vai suprir a família? Se a educação no lar fosse o que deveria ser, pensar-se-ia, acaso, em substituir o sentimento materno pela adoção? Seria imaginável, há um século, criar abrigos para ensinar às crianças os rudimentos da religião e da moral, fundar creches para dar-lhes leite e cuidados? E por quê? Porque naquela época a família era cristã. Havia, sem dúvida, escolas para aperfeiçoar e completar a educação, mas a primeira escola era o lar paterno. Há mil razões para louvar e bendizer as almas generosas que conceberam e realizaram os novos serviços de assistência caridosa. Mas há também, visível a qualquer espírito arguto, uma espantosa revelação da triste decadência de nossos costumes".[60]

A impiedade causou à religião feridas profundas. Mas a maior, que agrava e perpetua todas as outras, é a ruína quase total da educação no lar. Na verdade, a maior parte dos pais não ensina mais religião aos filhos, ora porque estão demasiadamente ocupados com as coisas da terra, ora porque eles mesmos não conhecem a religião por não terem recebido instrução na infância; ou, sobretudo, porque não têm religião, e, consequentemente, são indiferentes à salvação dos filhos. Disso tudo se conclui que inúmeros jovens cresceriam na ignorância da verdade da fé cristã e se perderiam no vício, se Deus, em sua infini-

[60] *Mandement sur I`éducation domestique* (Carta pastoral sobre a educação no lar), pelo cardeal Giraud, arcebispo de Cambrai.

ta misericórdia, não tivesse tido piedade deles e não houvesse suscitado mestres piedosos para dar-lhes atenção e educá-los cristãmente. A tarefa é imensa; tão grande que as antigas congregações não eram suficientes. Por isso Deus confiou a sua Igreja uma porção de novas que, considerando as necessidades dos tempos, adaptaram sua Regra e inserção paroquial à missão que lhes cabia desempenhar. Citemos as novas congregações, só as masculinas.

Irmãos da Instrução Cristã, na Bretanha, fundadas pelo Pe. Jena de la Mennais, antigo Vigário Geral de Saint- Brieuc.

Irmãos de São José, da diocese de Mans, cujo fundador é o Pe. Dujarrié, vigário de Ruillé-sur-Loire.[61]

Irmãos de São Gabriel, da diocese de Nancy, que têm como fundador o Pe. Fréchard.

Irmãos da Instrução Cristã do Espírito Santo, estabelecido em Saint-Laurent-sur-Sèvres, Vendéia, cujo fundador é o Pe. Deshayes.[62]

Irmãos Marianitas, fundados em Bordéus pelo Pe. Cheminal,[63] cônego da catedral metropolitana daquela cidade.

Irmãos do Sagrado Coração, na Diocese do Puy, fundados pelo Pe. Coindre, missionário da França.

Clérigos de Saint-Viateur, da Diocese de Lião, cujo fundador é o Pe. Querbes, vigário do Vourles.

Irmãos da Cruz e Irmãos da Sagrada Família, da Diocese de Belley, fundados, os primeiros pelo Pe. Bochard, antigo vigário Geral de Lião, e os últimos, pelo Irmão Gabriel Tabarin.

Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux, fundados pelo Pe. Fière Vigário Geral de Valence.

Irmãos de Viviers, cujo fundador é o Pe. Varnet, superior do seminário maior cidade.

Finalmente, os Irmãos de Maria, unidos hoje numa só família como os de Saint-Paul-Trois-Châteaux e de Vivers, fundados em 1817 pelo Pe. Champagnat, cuja vida estamos escrevendo.

---

[61] Nome correto: Rouilé-sur-Loir.
[62] HENRION, *Histoire des Ordres Religieux.*
[63] Refere-se o autor aos Irmãos Marianistas, fundados pelo Pe. Chaminade

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO PRIMEIRO

Nascimento, pais e primeira educação de Marcelino Champagnat.

O santo sacerdote, cuja vida vamos relatar, nasceu em Marlhes, paróquia situada nas montanhas de Pilá,[64] no cantão de Saint-Genest-Malifaux,[65] departamento de Loire. A paróquia pertencia, então a Diocese de Puy, no Velay;[66] porém foi desmembrada na época da concordata, em 1801, para ser anexada à vasta Diocese de Lião. Nasceu no dia 20 de maio de 1789 e no dia seguinte, dia a Ascensão do Senhor, foi batizado pelo Pe. Allirot,[67] vigário da paróquia: recebeu os nomes de José Bento Marcelino.[68] Seu padrinho, o tio materno Marcelino Chirat; sua madrinha Margarida Chatelard, prima por aliança.[69] O pai chamava-se João Batista Champagnat; mãe, Maria Chirat. Tiveram seis[70] filhos, três homens e três mulheres. Marcelino, o personagem desta história, era o caçula da família.[71] A providência que o destinava à fundação de um instituto cuja característica iria ser a humildade e a simplicidade, o objetivo, a instrução cristã das crianças camponesas, fê-lo nascer nem ambiente humilde,[72] numa região pobre e no meio de uma população profundamente religiosa, mas rude e sem instrução. Deus permitiu deste modo que conhecesse, por experiência,

---

[64] Ortografia atual: Pilat, se pronuncia Pilá.
[65] LPC 2, p. 570.
[66] LPC 2, p. 617.
[67] AA, p. 16.
[68] Os nomes de batismo nem sempre estão nessa ordem. Na certidão de batismo encontra-se Marcelino, José, Bento (AA, p. 16); na ata de profissão, o próprio Pe. Champagnat assina: José, Marcelino, Bento (OM 1, p. 928, ilustração 37). Marcelino é o nome principal, sendo o nome do padrinho.
[69] Assim designada no registro de batismo (AA, p. 16).
[70] O Ir. João Batista não leva em consideração os filhos falecidos em tenra idade (AA, p. 14-16). Na realidade eram dez filhos.
[71] Para dizer a verdade, Marcelino não era o caçula; era o penúltimo.
[72] Para maiores informação sobre a família Champagnat, ver: Frère AVIT (AA, p. 12-18); Ir. Pierri ZIND, *seguindo os passos de Marcelino Champagant.* Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas, 1988, p. 11-13; BI, XXII, p. 607-610.

as necessidades que deveria aliviar, os costumes e o caráter daqueles para quem, mais tarde, prepararia bons mestres.

O pai era muito sensato e instruído, considerando-se o tempo e a região em que vivia. Pela prudência e caráter conciliador, conquistou a estima de todos os habitantes da paróquia. Servi-lhes de árbitro nas eventuais desavenças; todos respeitavam suas decisões, e sua honestidade era por demais conhecida.[73] A mãe, de caráter firme, dirigia a casa como sábio espírito de economia e ordem perfeita. À sólida piedade unia todas as virtudes de esposa fiel e mãe excelente. Os cuidados da casa e a educação dos filhos era a única ocupação. Totalmente voltada às obrigações, vivia de tal maneira retirada, que só conhecia as casas de sua aldeia, não mais de quinze a vinte.[74] As vizinhas recorriam a ela em todas as aflições, dúvidas e necessidades e nunca a deixavam sem terem usufruído de sua caridade, prudência e sabedoria, e sem receberem consolações e apoio. Reservada nas palavras, jamais procurava informar-se do que se passa na aldeia ou na vida particular dos outros. Gostava de repetir que devemos empenhar-nos na orientação correta de nossa própria vida e acompanhar o comportamento daqueles que de nós dependem, e não nos ocupar com a vida dos outros, nem com as coisas que nos dizem respeito. A tantas qualidades excelentes, esta mãe modelar associava profunda devoção à Santíssima Virgem: todos os dias rezava o teço com os filhos. Lia, ou mandava ler, a vida dos santos ou outro livro edificante. Fazia a oração da noite em família. Além disso praticava em particular muitos outros atos de piedade em honra de Maria, para merecer-lhe a proteção.

O filho abençoado que teve, e que viria a ser tão ilustre servo de Maria, foi, sem dúvida, a recompensa de sua devoção à excelsa

---

[73] João Batista Champagnat desempenhou papel muito importante na história da Revolução em Marlhes, nos dois períodos mais sombrios. Foi secretário da prefeitura (02/06/1797), coronel da Guarda Nacional, juiz de paz, comissão do Conselho Geral de Saint-Etienne (12/08/1792), primeiro eleitor para eleger a assembléia parlamentar (26/12/1792), presidente da administração municipal do Cantão (29/12/1797). Assinava-se Champagant. Cf. AA, p. 21-21; Ir. Pierri ZIND, *O bem-aventurado Marcelino Champagnat e seus Pequenos Irmãos de Maria*. Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas, 1988, p. 38-39.

[74] O recenseamento de 1814 dá para toda a comuna de Marlhes 2.425 habitantes, dos quais 55 para a aldeola de Roset, onde nascera Marcelino.

Mãe de Deus e de sua fidelidade em honrá-la. Amamentou-o e educou-o pessoalmente, como aliás, procedera com os outros filhos. Logo que balbuciou as primeiras palavras teve ela ao maior cuidado em lhe ensinar as orações comuns do cristão e fazê-lo repetir com frequência os santos nomes de Jesus e Maria. Não satisfeita com educar os filhos na piedade, orientá-los e habituá-los às práticas da religião, aplicava-se também a corrigir-lhes os defeitos, formar-lhes o caráter, incutir-lhes as virtudes sociais e as boas maneiras, tão necessárias a paz das famílias e à felicidade social. Exigia dos filhos moderação no falar, não lhes permitindo frequentar os meninos de sua idade, nem outra pessoa que pudesse escandalizá-los ou levá-los ao mal. Não deixava faltar-lhe o necessário, mas exigia que fossem sóbrios. À mesa, nenhum deles devia servir-se, nem manifestar abertamente seus gostos, mas contentar-se com o que lhe era servido. A uma vizinha que se surpreendia com tais exigências e lhe aconselhava deixar maior liberdade aos filhos, respondeu: "Eu sei o que convém a meus filhos; cuido deles e lhes dou tudo quanto necessitam. Não quero, porém, que se acostumem a tomar o que há de melhor, que mais agrada ao paladar, porque não pretendo criar gulosos".

Embora amasse com ternura todos os filhos, tinha afeição especial pelo pequeno Marcelino, não por ser o caçula, mas por pressentir o que ele seria mais tarde. Esse pressentimento foi confirmado por um sinal, que pode ser considerado sobrenatural, e prenunciava os desígnios de Deus sobre estas crianças e o bem que, por meio dela, queria fazer á sua Igreja. Várias vezes, ao aproximar-se do berço em que dormia o nenê, ela percebeu uma chama luminosa[75] que parecia sair-lhes do peito e, após rodear-lhe a cabeça, elevava-se e se espalhava pelo quarto. Esse fato impressionou-a causando-lhe medo e admiração, e não duvidou mais de que o céu tivesse para a criança planos de misericórdia, desconhecidos por elas, mas com os quais devia colaborar, educando-a de modo todo particular na piedade. A piedosa mãe

[75] Oito testemunhas falam deste prodígio no processo de beatificação; porém, só se baseiam no que ouviram contar. "Jean Claude Quiblier, de Rosey, nascido em 25 de outubro de 1827, afirma ter ouvido de Marie Clermont, esposa de Barthélemy Champagnat, irmão de Marcelino, que a mãe do Pe. Champagnat viu, um dia, o berço do pequeno Marcelino rodeado de chamas brancas como a neve" (cf. Ver. Jean Claude Granottier, vigário. Proc. Ord. Lyon, fol. 342).

foi maravilhosamente auxiliando nessa missão por uma tia[76] do menino, pessoa de eminente piedade e acrisolada virtude. Era uma religiosa que, como tantas outras, fora expulsa do convento pelos homens que naquele tempo, inundavam a França de sangue e ruínas. Às vezes ela conversava com a mãe sobre os eventos da época e os males causados pela Revolução. O pequeno Marcelino Champagnat, que as ouvia sem que respeitassem, perguntou:

- Tia, que é revolução? É gente ou é bicho?

- Coitadinho, respondeu a religiosa chorando. Deus permita que nunca experimentes o que é revolução: é mais cruel do que as piores feras do mundo.

A virtuosa senhora, notando no sobrinho admirável disposição para a piedade, gostava de ensinar-lhe os mistérios da religião, fazer-lhe repetir as orações e narrar-lhe fatos da vida dos santos. A devoção à Santíssima Virgem, aos santos anjos da guarda e às almas do purgatório também era frequentemente o assunto de suas instruções e pelos bons exemplos que sempre as acompanhavam gravou-se tão profundamente no espírito e no coração do pequeno Marcelino, que não se apagou jamais.

Durante a sua vida, Marcelino fazia frequentes alusões à piedosa tia e referia-se às instruções dela. Facilmente se percebia pela maneira como se expressava que vivia ainda compenetrado dos sentimentos que ela soubera inculcar-lhe. Conservou gratidão e afeição por ela a vida inteira.

Educado com tanto esmero e formado à piedade pela mãe e a virtuosa tia, preservado de toda companhia perigosa, vendo ao seu redor somente exemplo edificantes, Marcelino tornou-se um adolescente piedoso, dócil e conservou total inocência de costumes. Preparou-se com muito cuidado para a primeira Comunhão que recebeu aos onze anos[77] com visível fervor. Dois acontecimentos ocorridos nessa

---

[76] Por parte do pai, Marcelino tinha pelo menos uma tia (Luiza, Ir. Tereza, falecida em 1824) e uma tia-avó (Joana), falecida em marlhes, em 1798, ambas Irmãs de São José (AA, p. 13-14).

[77] A idade normal era 13 anos (AFM 146.003). Depois do golpe de estado de Bonaparte, os padres voltam do exílio e os clandestinos aparecem à luz do dia. A vida cristã pode voltar ao normal, sobretudo nas aldeias um pouco afastadas das cidades.

época vão revelar-nos o discernimento, a inteligência e a retidão de seu espírito.

A mãe e a tia, sem condições de ensiná-lo a ler senão imperfeitamente, enviaram-no a um professor para aperfeiçoar-lhe a leitura e ensinar-lhe a escrever. No primeiro dia, como era tímido e não ousava sair de seu lugar, o mestre[78] o chamou junto a si para a leitura, mas outro aluno apresentou-se e apostou-se à frente de Marcelino. O mestre, tomado de nervosismo, pensando talvez em agradar ao jovem Marcelino, deu uma bofetada no rapaz que adiantara e mandou chorando para o fundo do da sala. Tal atitude não era de molde a tranquilizar o novo aluno, menos ainda levá-lo a curar sua timidez. Ele diria mais tarde que tremia todo e tinha mais vontade de chorar que de ler. Essa brutalidade revoltou-lhe o espírito de justiça. Pensou consigo: não volto à escola de um tl mestre; o tratamento injusto dado àquele menino prova o que posso esperar dele. Na primeira ocasião poderá tratar-me de igual maneira. Não me interessam, pois, nem suas lições e menos ainda seus castigos. De fato, apesar das instâncias dos pais não quis mais voltar a estudar com aquele professor.

Casa paterna

Marcelino faz parte do primeiro grupo de comungantes de 1800 (Chronologie FM, 1976, P. 22).

[78] O nome do mestre é, com certeza, Barthélemy Moine (SMC, vol. 1, p. 18 w NCF, p. 121). Como ajuntava todas as crianças numa única sala e aplicava o método individual, os castigos corporais deviam ser medida corrente, segundo o costume da época. Cf. Antoine PROST, *L`enseignement em France, 1800-1967*, Paris, Ed. Armand Colin, 1968, p. 115.

Casa em que nasceu Marcelino Champagnat.

Centenas de vezes, mais tarde, contou o incidente aos Irmãos, para fazê-los compreender quanto a brutalidade e as correções intempestivas podem afastar as crianças da escola, indispô-las contra o professor e levá-las a detestar sua lições.

Quando Marcelino freqüentava o catecismo, preparando-se para a primeira comunhão, o sacerdote[79] catequista, enervado com a dissipação e as travessuras de um garoto que já fora advertido, apostrofou-o energicamente e aplicou-lhe um apelido humilhante. Assustado com essa descompostura, aliás merecida, o garoto sossegou. No fim do catecismo, todos os cercaram, repetindo o apelido que recebera. O pobre rapaz, vexado, zangou-se, irritou-se, ameaçou os colegas. Tudo isso, porém, serviu apenas para provocar ainda mais a malícia deles e a continuação da brincadeira de mau gosto. Para livrar-se das zombarias mordazes e da perseguição, o infeliz viu-se obrigado a fugir, ficando isolado, indo ao catecismo quase às escondidas. Isso, com o tempo, lhe tornou o caráter sombrio, duro, difícil e meio selvagem. Dizia mais tarde o Pe. Champagant: "Aí está uma educação falha, e a criança, exposta a se tornar, por seu mau caráter, o tormento de seu lar e, quem sabe, o flagelo de seus vizinhos! Tudo isso por causa de uma palavra dita levianamente num momento de nervosismo e de impaciência que não teria sido difícil dominar". O fato lhe causara tamanha impressão que concluiu na Regra um artigo proibindo aos Irmãos darem apelidos aos alunos.[80]

Apesar do bom comportamento do jovem Marcelino e dos piedosos sentimentos que o animavam, não consta que então pensasse em deixar o mundo para abraçar a vocação sacerdotal. Tudo leva a crer que desejava continuar a profissão dos pais, lavradores e proprietários de um moinho.[81] O pai, muito jeitoso e criativo, metia as mãos

---

[79] Sem dúvida, o coadjutor Pe. Laurens, no cargo desde 27 de julho de 1781 (AA, P.16).

[80] " O Irmão não usará o tratamento *tu* nem para os colegas, nem mesmo para as crianças, e a ninguém dará apelido" (*Règle* de 1837, cap.V, art. 4).

[81] O Ir. Avit afirma de João Batista Champagnat: "Perito, jeitoso, era chamado nas partilhas... A esta nobre função acrescentava a de comerciante, agricultor e, quando o tempo ajudava, explorava um daqueles moizinhos que na região eram chamados Écoute s`il pleut" (Escute se chove) (AA, p. 13).

em tudo, gerenciava todos os bens e provia as necessidades da família. Ensinou a Marcelino como trabalhar em marcenaria, carpintaria, alvenaria e em todos os demais trabalhos necessários à boa administração de uma propriedade.

O entusiasmo de Marcelino, seu temperamento robusto e o gosto pelo trabalho levaram-no a dedicar-se, para valer, a todas essas ocupações, e saiu-se admiravelmente bem. Aos catorze anos começou a arquitetar planos de lucro e economia. Quando recebia algum dinheiro, em vez de sua idade, guardava-o no cofre e não queria que se tocasse no seu dinheirinho, nem para comprar-lhe roupas, alegando que seu enxoval devia ser mantido com os fundos da família, tal como o de seus irmãos. Os pais gostavam deste espírito de ordem e poupança. Deram-lhe dois ou três cordeirinhos, permitindo-lhe vendê-los em seu proveito pessoal, quando crescidos. Criou-os, de fato, com muito carinho; negociou-os, comprou outros que também criou e revendeu, sempre com lucro. Assim, com esse pequeno comércio e a série de economias, em breve ajuntou a quantia de seiscentos francos.[82] Era muito para um jovem de dezesseis anos! Se não se considerou rico, pelo menos creditou que seria no futuro. E planejou ampliar seu comércio. Um de seus manos se lhe associara. Combinaram fazer caixa comum e permanecer unidos toda a vida. Deus, porém, tinha outros planos sobre Marcelino e o modo os manifestou revela a ação da Providência.

[82] Por volta de 1860 o salário anual de um trabalhador rural era de 50 francos. Mas recebia moradia, roupa e comida. Cf. Archives nationales, F 11, 2705 42, Loire, Enquête agricole décennales de 1862.

CAPÍTULO SEGUNDO

Marcelino é chamado ao estado sacerdotal. Considerações sobre o tema. Comportamento e progressos nos seminários.

(aqui)

A França acabava de sair do caos em que a Revolução a mergulhar. A Igreja, novamente livre, purificava os templos que a impiedade não destruíra. Revolução arruinara. Reorganizava seus quadros sacerdotais e se esforçava por preencher as lacunas que o martírio, a apostasia e a morte havia causado em suas fileiras.[83] À frente da Diocese de Lião se encontrava, na época, o ilustre e piedoso cardeal Fesch, tio do imperador Napoleão. O prelado sofria ao ver que muitas paróquias de sua vasta diocese careciam de sacerdotes. Empenhou-se, por isso, com enormes sacrifícios, na fundação de seminários e na promoção de vocações sacerdotais.[84] Encarregou o Pe. Courbon,[85] Vigário Geral, de fazer tudo o que fosse possível junto aos senhores párocos para encontrar candidatos aos seminários.

O Pe. Courbon, de Saint-Genest-Malifaux, tinha especial estima pelo Pe. Allirot, vigário de Marlhes. Por intermédio de um professor do seminário maior, natural da região,[86] que lá passaria alguns dias

---

[83] "Majestade, a ampliação da diocese de Lião, que abrange três departamentos extensos, obriga-me a redobrar de zelo e solicitude para formar pessoas destinadas ao serviço do altar... Segundo os dados fornecidos pela experiência, vejo que morrem anualmente de sessenta a oitenta padres, na minha diocese. É, pois, necessário ordenar o mesmo número de novos sacerdotes, para conservar o que é indispensavelmente necessário".
ás precisões dos fieis. Já estão me faltando duzentos e quarenta padres e, em vários lugares dos três departamentos de minha diocese, há distritos de sete léguas sem ninguém para exercer as funções sacerdotais" (Card. Fesch à l`Empereur des Français, 21 de maio de 1805, in J. JOMAND. *Fesch par lui-même,* P. 46).

[84] Sobre o zelo de Fesch pela obra dos seminários e as dificuldades com o tio Napoleão, ver OM 4, p. 279.

[85] LPC 2, p. 149.

[86] É difícil adiantar nomes, Em *Origens Maristes*, lê-se: "Jean-Jacques Cartal (1756-1840), Sulpiciana, oriundo da diocese do Puy; por essa razão identificável, talvez, como o sacerdote que decidiu a orientação de Marcelino Champagnat para o sacerdócio" (OM 4,p. 130).

de férias, pediu-lhe que procurasse alguns jovens inteligentes, piedosos e com inclinação para a vida sacerdotal.

O professor cumpriu fielmente a missão. Foi ter com o vigário de Marlhes e lhe disse:

- O Pe. Courbon me enviou a estes morros, lugares de fé vivia, à procura de rapazes para os seminários menores: o senhor poderia indicar-me alguns?

Pe. Allirot pensou um pouco e respondeu:

- No momento não conheço ninguém.

Pensou mais um pouco e falou:

- Mas, temos a família Champagnat com vários moços,[87] bastante conservados; não me consta, porém, que algum deles deseje estudar latim. Como o senhor deve passar em Rozet (nome do lugarejo onde residia a família), não custa nada entrar e conferir.

O sacerdote chega a Rozet e faz uma visita ao sr. Champagnat, que o escolhe com respeito e afabilidade. Após trocarem algumas palavras de cortesia, o padre iniciou a conversa:

- O sr. Não sabe o motivo da minha visita. O vigário disse-me que o senhor tem vários filhos, gente boa, religiosa, de bons costumes, com bastante disposição para estudar latim[88] e ser padres. Venho saber se é verdade.

- Meus filhos nunca me disseram que estavam com vontade de estudar latim, respondeu o pai admirado. Perguntou ao mais velho, que estava em casa:

- Você está com vontade?

- Eu, não senhor, replicou este, tímido e envergonhado.

- Onde estão os outros? Insistiu o padre. O segundo mais velho e o caçula Marcelino, que estavam juntos no moinho, chegaram na-

---

[87] O episódio deve situar-se depois da morte de um filho Champagnat: João Batista (8 de agosto de 1803). De fato, Julienne Épalle, ao fazer o depoimento em 1889, no progresso de beatificação, indica os nomes de Jean-Barthélemy e de Jean-Pierre. Ora, ela é uma vizinha, e o vigário Granottier declara que ela está no uso das faculdades mentais e merece toda confiança. Cf. Proc. Ord. Lyon, fol. 310.

[88] Expressão comum para dizer: estuda para ser padre.

quele instante:

- Olhem, diz-lhes o pai, o padre veio buscá-los para estudarem latim; querem ir com ele?

A resposta do maior foi clara: pronunciou um não seco, mas expressivo. Marcelino, embaraçado, balbuciou algumas palavras inaudíveis. Mas o sacerdote tomou-o à parte para examiná-lo mais de perto. Ficou tão encantado com sua simplicidade, candura, modéstia, com o espírito aberto e leal, que lhe disse: "Meu rapaz, você precisa estudar latim e ser padre; Deus o quer".

Após alguns momentos de conversa, Marcelino estava decidido a respeito de sua vocação e sua decisão foi irrevogável.

Esse fato sugere uma reflexão que poderá ser útil a muitos jovens Irmãos, Deus, a quem compete determinar a vocação de cada um, dispõe de uma infinidade de meios para manifestar seus desígnios, chamar as almas ao estado que lhes destinou. Por vezes procede de maneira extraordinária e por si mesmo, como fez com os apóstolos, aos quais Jesus Cristo dirigiu estas palavras: "*Vinde e segui-me*";[89] com s. Paulo derrubado no caminho de Damasco[90] e com muitos outros por Ele chamados de maneira miraculosa. Na maioria dos casos, porém, serve-se Deus do atrativo para dar a conhecer a cada sua vocação; isto é, dá, às pessoas chamadas de estado religioso, certas luzes, inspirações e movimentos que as levam a deixar o mundo. Acontece, também, que aplica meios humanos para atrair as almas. Pode ser, por exemplo, uma doença, um revés de fortuna, uma humilhação, uma perseguição. Assim, S. Paulo, primeiro anacoreta, retirou-se para o deserto para fugir da perseguição; Santo Arsênio, para escapar da fúria de Arcádio, seu aluno; S. Moisés. Solitário, para livrar-se da justiça humana que o perseguia por causa de um roubo. Outras vezes Deus se vale de uma palavra, de um conselho, do exemplo de um amigo para conduzir uma alma aonde a destina. Enganam-se, pois, evidentemente, o que duvidaram da vocação porque ingressaram jovens na vida religiosa, ou levados pelo conselho do pai, da mãe, de um piedoso mestre, pelo exemplo de um colega de infância ou por qualquer outro motivo

[89] Mt 19,21.
[90] At 9,2-8.

humano. Afirma S. Francisco de Sales: Deus não atrai todos a si com as mesmas motivações; são até muito poucas as vocações fundamentadas em razões exclusivamente sobrenaturais. Das mulheres cuja conversão o Evangelho menciona, Maria Madalena é a única a se aproximar de Jesus por amor; a adúltera veio a ele constrangida; a Samaritana,[91] ocasionalmente; a Cananéia, para ser socorrida.[92]

Pouco importa, acrescenta o prelado, a maneira pela qual alguém ingressou, contanto que persevere. Aqueles que foram coagidos a entrar no banquete nupcial do Evangelho,[93] nem por isso deixaram de provar-lhe as delícias. Muitas pessoas foram levadas às casas religiosas por estes últimos meios, lá perseveraram, tornaram-se grandes servos de Deus e excelentes religiosos. Pelo contrário, muitos dos chamados por vias extraordinárias não perseveraram e se perderam. Judas é uma prova disso. Fora escolhido diretamente por Jesus como os demais apóstolos.

A decisão assumida por Marcelino Champagnat de aprender o latim não era veleidade. Os pais, cientes dos fracos dotes do filho, tentaram dissuadi-lo, alegando as dificuldades que tivera na aprendizagem da leitura e a falta de gosto pelo estudo. Tudo o que disseram foi inútil. O rapaz perdeu o atrativo pelos trabalhos e pelo pequeno comércio, aos quais outrora se dedicara com tanto afinco. Sua resolução estava tomada e respondeu claramente que só pensava em estudar. Por ele, teria entrado imediatamente no seminário, mas o que sabia de ler e escrever era insuficiente para iniciar o latim, pediu, pois, aos pais os para morar, durante algum tempo, com um de seus tios,[94] professor na paróquia de Saint-Sauveur. Conhecedor do latim, ele podia ensinar-lhe os primeiros rudimentos, enquanto aperfeiçoava a instrução primá-

---

[91] Jo 4,7.

[92] Louis VIVÈS, *Saint François de Sales*, Paris, 1871, vol. VI, p. 521.

[93] Mt 22,1-4

[94] Benoît Arnaud era cunhado de Marcelino, marido de sua irmã Mariana (AA, p.24). Quando, em 1807, Napoleão promove uma pesquisa para inteirar-se da situação do ensino da França, o inspetor encontra em Saint-Sauveur o Colégio de Arnaud com doze alunos. Nele se aprendia leitura, escrita, aritmética, geografia, história, latim (cf. ADL T, 735). Um dos netos de Benoît, Ir. Tarcício, dizia dele que fisera estudos de latim, era cristão exemplar e ótimo professor. (Cordeiro escrito em Nouméa, Nova Caledônia, em 1879.)

ria. Passou um ano[95] na casa do tio, que lhe dispensou o máximo cuidado sem, no entanto, conseguir dele progressos sensíveis. Assim, no fim do ano achou que o sobrinho não devia entrar no seminário.

"Seu filho teima em continuar os estudos, disse ele aos pais, mas não vale a pena deixá-lo prosseguir; é muito dotado para obter resultados satisfatórios."

Já várias vezes tinha procurado dissuadi-lo dizendo-lhe que não era feito para estudos tão prolongados; mas cedo ou mais tarde haveria de desistir, como o desgosto de ter feito muitas despesas, perdido tempo e, talvez até a saúde. Marcelino, que durante o ano todo rezava e refletira, em nenhum momento se deixou abalar pelas palavras do tio, nem pelas ponderações do pai. "Preparem meu enxoval, disse. Quero entrar no seminário; hei de vencer, pois Deus me chama."

Como lhe apresentassem algumas dificuldades na aquisição das roupas, atalhou: "Não se preocupem com os gastos; tenho dinheiro para cobri-los". Efetivamente, todo o enxoval foi pago com o dinheirinho juntado.[96]

O procedimento de Marcelino, antes da idéia da vocação, sempre fora muito correto. Depois que resolveu abraçar a carreira sacerdotal tornou-se ainda mais edificante, começou a freqüentar com mais assiduidade os sacramentos, rezava mais, mostrava-se mais recolhido, mais modesto, desligado das coisas terrenas. Sua devoção à Virgem Santíssima cresceu visivelmente; rezava o terço todos os dias, recomendava a Maria sua vocação, pedindo-lhe a inteligência necessária para vencer nos estudos.

Uma vaga lhe fora reservado no seminário menor de Verrières,[97] perto de Montbrison e nele ingressou em outubro de 1805.[98]

---

[95] O recrutador chegou depois de agosto de 1803 (AA, p. 24 e Chronologie, p.23). marcelino só entrou no seminário no dia de Todos os Santos de 1805. A morte do pai, em 13 de junho de 1804, deve ter adiado a entrada. Cf. BI XXVI, p.679: làcte de décès.

[96] Marcelino amealhara 600 francos. A quantia representava, mais ou menos, o montante de quatro ou cinco anos de pensão no seminário.

[97] Verrières (cf. OM 4, P. 430).

[98] A entrada era na festa de Todos os Santos (OM 1, p. 136, n. 1).

Muito tímido, os primeiros dias foram-lhe um tanto penosos. Não ousava pedir aquilo de que necessitava. Às refeições não ousava apresentar o prato para receber a comida; somente os apertos da fome o levaram a fazer como os outros. Seu acanhamento, os modos embaraçados, o jeito de montanhês atraíra sobre ele as zombarias dos alunos. Porém, a franqueza de caráter, o bom comportamento, a afabilidade, em pouco tempo, dissiparam a má impressão que tinham dele e lhe conquistaram rapidamente a simpatia de todos. Andava, então, pelos dezessete anos e possuía estatura avantajada. Era o maior e o mais atrasado da turma. Em vez de desanimar, vendo-se no meio de alunos menores[99] e mais dotados, redobrou de esforços nos estudos.

A piedade, a regularidade e a docilidade conquistaram-lhe, em pouco tempo, a confiança e a estima dos superiores. Disso deram provas visíveis designando-o vigilante do dormitório, de preferência a numerosos colegas veteranos e muito mais adiantados nos estudos.[100] Ficou surpreendido, confuso, ao ver-se encarregado de uma função para a qual se considerava muito indigno e incapaz. Aceitou, entretanto, sem a mínima objeção, porque já tomara a resolução firme de nunca recusar incumbência alguma da parte dos superiores. Esse encargo ajudou-lhe muito a acelerar seus progressos. Todas as noites, após inspecionar o dormitório, fecha portas e janelas, a assegurar-se de que todos os seminaristas estavam deitados, encobria o lampião certo tempo. Em seguida punha-se a estudar as lições do dia seguinte até altas horas da noite. Como sua cama estava numa espécie de cafua pôde agir assim durante vários anos, sem ser percebido. Tal aplicação aos estudos, bem como o excesso de trabalho, debilitaram-lhe a saúde,

---

[99] Os alunos começavam entrando na 8.ª série, depois passavam para a 7.ª, depois para a 6.ª, e assim sucessivamente. Na 6.ª, a média de idade era de 15 anos (de 10 a 23 e Marcelino está com 16. Ao término do primeiro ano letivo, junho-julho de 1806, o Pe. Périer, superior do seminário, declara-lhe que não tem condições de enfrentar estudo de longa duração. Triste, não porém desanimado, Marcelino parte em peregrinação a La Louvesc, ao túmulo de S. Régis, com a mãe para implorar a ajuda de Maria (cf. Julienne Epalle, no seu depoimento no processo de beatificação, Proc. Ord. Lion, fol. 310).

[100] É difícil datar com precisão quando foi designado para esse encargo de confiança (cf. A. BALKO, *Marcelino Champagnat e sua missão*, s.l., Províncias Maristas do Brasil, 1979, p. 21-33). Ainda três artigos do mesmo autor sobre o assunto: FMS, n. 54, 1983, p. 801; n. 56, 1984, p. 833; n. 57, p.849.

mas lhe apressaram singularmente o progresso nos estudos.

Na época de seu ingresso no seminário, acharam-no tão atrasado em leitura e escrita, que o aconselharam a estudar francês durante alguns meses. Nem quis ouvir falar nosso e pediu encarecidamente ao superior para começar o estudo do latim. Para contentá-lo,[101] o superior consentiu, convencido de quem dentro de alguns dias, acabaria de aborrecendo, e viria pedir para freqüentar a aula de leitura. Deu-se porém, o contrário: no fim de poucos meses, figurava entre os primeiros da classe[102] e neste primeiro ano completou a oitava e a sétima séries.

A aplicação ao estudo não lhe prejudicou o cuidado pela perfeição. Tinha, de fato, grande desejo de instruir-se, pois não ignorava que a ciência lhe seria necessária; mas, acima de tudo, desejava tornar-se virtuoso. A vida ordenada do seminário, os exercícios de piedade que nele se praticavam, os conselhos, a sábia direção dos superiores e os exemplos edificantes que presenciavam propiciaram-lhe os recursos que soube aproveitar. Os exercícios de piedade tinham, para ele, um encanto especial: deles participava com muito fervor e modéstia, o que imediatamente chamou a atenção do superiores e dos alunos. Não contente com as orações comunitárias, pedia muitas vezes para rezar em particular; gostava, sobretudo, de visitar Jesus Sacramentado, durante os recreios. A devoção a Maria Santíssima, a S. Luiz Gonzaga e S. Francisco Régis cresceu com as instruções e práticas de piedade do seminário em honra da mãe de Deus e destes dois grandes santos. Até aí contentaram-se com a recepção mensal dos sacramentos. No seminário pediu para comungar quinzenalmente, e depois, cada domingo. As cerimônias litúrgicas, que no seminário se revestiam de pompa, encantavam seu coração e o fazia, transbordar de sentimentos afetuosos, dificilmente contidos. Freqüentes vezes os cantos religiosos lhe arrancaram lágrimas, especialmente o cântico de Santa Teresa sobre a santa comunhão e o desejo da morte.[103]

---

[101] O estudo de seus sermões permite concluir que dominava bastante bem o latim, pois são encontrados poucos erros em sua numerosas citações (cf. BI n. 215, 1972).

[102] Ver o mapa da escolaridade de Marcelino Champagnat: para o seminário menor de Verrières, em OME, p. 43 a 46.

[103] Esse cântico fazia Santa Teresa entrar em êxtase. O cântico francês corresponde àquele que se encontra numa coletânea da época, com notas de cantochão. Eis o

Sua devoção, entretanto, não se reduzia a menos sentimentos afetuosos. Sabia que a sólida virtude deve manifestar-se em obras, isto é, na renúncia ao pecado e no cumprimento de todos os deveres do cristão. Eis como se expressa, em relação a isso, num manuscrito[104] seu, datado daquela época:

> *Meu Senhor e meu Deus! Prometo não mais vos ofender, fazer atos de fé, esperança e caridade e outros semelhantes, sempre que pensar nisso: evitar as más companhias.*[105] *Em suma, nada fazer contra o vosso serviço; mas, pelo contrário, quero dar o bom exemplo, levar os outros à prática da virtude, conforme minhas possibilidades; ensinar aos ignorantes vossas leis divinas; dar o catecismo tanto aos pobres quanto aos ricos. Fazei, Divino Salvador, que eu cumpra fielmente as resoluções que acabo de tomar.*

Sempre se manteve fiel a essas promessas, e os superiores atestaram que sempre foi modelo de piedade, regularidade, docilidade, humildade e bom espírito, durante sua permanência em Verrières.[106] Não satisfeito com ser modelar em tudo, aproveitava todas as oportunidades para levar seus colegas à prática da virtude. E como possuía certa eloquência inata e poder de persuasão, todos o escutavam com prazer. Assim reconduziu vários colegas ao caminho de Deus.

Certo jovem, que se distinguia pelo talento e pela virtude, desgostou-se completamente do estudo e da piedade. Já se dispunha a deixar o seminário. Marcelino, notando-lhe a lamentável transforma-

---

final da sétima estrofe: "Sabeis, Deus meu, quando vos tenho comigo, ai que lástima! É só por instante..." Marcelino rabiscará frequentemente as primeiras palavras em rascunhos que foram conservados (cf. AFM, Carnet 132. 3, p. 4. Também nas LPC 1, doc. 73, p. 178).

[104] AFM: dossier 11, carnet n. 1. E em OME, DOC. 6. P. 37.

[105] O autor supriu aqui a seguinte passagem do manuscrito original de Marcelino: "de me jamais retourner au cabaret sans necessité". *Cabaret* naquele tempo significava simlismente *botequim*. Mas é claro que, associando *botequim e más companhias,* a gente é pensa num período de alguma leviandade no início da vida de seminarista: de vez em quando, com a "turma do barulho" (bande joyeuse), dá uma escapada até algum dos tantos botecos que rodeavam o seminário, ficando este no centro da cidadezinha. A informação do Pe. Bedoin, vigário de Lavalla, de 1824 a 1864, está publicada em ª BALKO. *Marcelino Champagnat e sua missão,* p. 98. Tradução da passagem supressa: "nunca voltar ao botequim a não ser por necessidade".

[106] Talvez sejam declarações do Pe. Barou, superio do seminário menor, em 1809, ou do Pe. Jean-Louis Duplay, futuro superior do seminário maior.

ção, resolveu fazer o possível para trazê-lo ao bom caminho e a bons sentimentos. Fazia-lhe companhia durante o recreio e, ao saber que a principal razão de seu desgosto pelo estudo provinha de alguns castigos por ele considerados injustos, disse-lhe: "Meu amigo, de duas uma: ou mereceu ou não mereceu tais castigos. Se você os mereceu, como me parece certo, não deve entristecer-se, menos ainda criticar seus mestres, mas aceitá-los com docilidade e gratidão, como justa reparação das faltas e remédio para os defeitos. Se você acha que não mereceu, deve receber o castigo com resignação, a fim de reparar muitas outras faltas que ficaram impunes, exercitar a mortificação e imitar Jesus Cristo, que sofreu por pecados não cometidos. Depois, na sua idade, não fica bem perder a cabeça, negligenciar as obrigações religiosas e abandonar os estudos ninharias. Não perceber que está sendo um joguete nas mãos do diabo e que a antipatia que ele inspira contra o professor é uma cilada capaz de comprometer o seu futuro, roubar-lhe a vocação e, talvez, perder sua alma? Vamos, calque aos pés todas essas misérias. Vamos começar uma novena a Nossa Senhora e verá como todas essas tolices que povoam sua cabeça se desvanecerão". Antes do término da novena, o moço caiu em si, percebeu então que a causa do seu desânimo nos estudos e o enfraquecimento de sua piedade resultavam dos maus conselhos de um colega relaxado, com o qual resolver cortar relações. Manteve sua decisão, recobrou o fervor primitivo, prosseguiu os estudos e veio a ser excelente sacerdote.

Terminadas as séries iniciais, Marcelino preparou-se para entrar no seminário maior em Lião, onde foi admitido no mês de outubro[107] de 1812. Sempre julgou os melhores da vida os anos que passou naquela casa. A primeira resolução que tomou foi ser constantemente fiel à Regra. Compreendia ser ela a expressão da vontade de Deus e o meio mais eficaz e mais rápido para chegar à perfeição. Considerando, com razão, a vida e os estudos do seminário maior como preparação às santas ordens, redobrou os esforços para adquirir o saber e as virtudes de um bom padre. Examinou-se com seriedade para reconhecer seus defeitos e as virtudes que lhe eram mais necessárias. Percebeu,

[107] Mais precisamente em 1º de novembro de 1813. O que explica o engano é que o ano letivo 1812-13, (novembro a julho) passado em Verrières, sendo classe de filosofia (ou lógica), foi considerado como fazendo parte do seminário maior, e o seminário maior ficava em Lião.

então, que devia combater especialmente o orgulho. Propôs-se fazer o exame particular sobre o tema. Para mais facilmente vencer o defeito, que julgava ser seu defeito dominante, pediu a um dos colegas advertilo dos erros e repreendê-lo todas as vezes que o visse cair em algumas falta. Sabendo, porém, que todo dom perfeito vem do alto[108] e que só mediante a graça podemos combater o orgulho e adquirir a humildade, encarecidamente a pedia a Deus em todas as orações. Com tal finalidade chegou a compor uma oraçãozinha que rezava frequentemente. Ei-la tal como se acha em seus escritos:[109]

Senhor, confesso que não me conheço estou cheio de vícios e imperfeições; dai-me conhecer meus defeitos e, sobretudo,a graça de corrigi-los. Rogo-vos este favor no mais profundo aniquilamento do meu coração. Divino Coração de Jesus que, por vossa profunda humildade, combatestes e vencestes o orgulho humano, a vós, principalmente dirijo minhas preces; dai-me, vo-lo suplico, humildade; destruí em mim a obra do orgulho, não porque é insuportável aos homens, mas porque desagrada o vosso divino coração e ofende vossa santidade. Santíssima Virgem, minha boa mãe, rogai por mim, vosso indigno servo; pedi ao Coração adorável de Jesus a graça de eu me conhecer, me combater, me vencer e destruir em mim o amor próprio e o orgulho. A vossos pés tomo a resolução de fazer-lhe guerra sem tréguas.

Para combater sem tréguas o orgulho, comprometeu-se particularmente em dois pontos: primeiro, evitar qualquer palavra de vaidade, zombaria, maledicência e, em geral, todas as faltas cometidas por palavras; segundo, mostrar-se sempre correto, afável, respeitoso, mesmo em relação aos colegas, não perdendo nenhuma ocasião de prestar-lhes serviços.

No desejo de cumprir os dois compromissos, tomou as seguintes resoluções:

1.º) Impor-me-ei uma penitência cada vez que o orgulho me dominar, isto é, todas as vezes que eu cometer uma falta, de um orgulho, por pensamento ou por palavras;

---

[108] Tg 1,17.

[109] O Ir. João Batista modificou generosamente a expressão literal do texto francês, que poderá ser encontrado em OME, doc. 6 (2), p. 37.

2.º) conversarei indistintamente com todos os meus colegas, prestando-lhes, em todas as ocasiões, todos os obséquio possíveis, apesar da repugnância que possa sentir, pois reconheço que esta repugnância tem sua raiz no orgulho;

3.º) considerar-me-ei o último entre meus companheiros e não me anteporei a nenhum deles. Sinceramente porque preferir-me a alguém? Seria por causa dos meus talentos? Não tenho nenhum[110] e sou o último da aula. Seria por causa das minhas virtudes? Tenho menos ainda e estou cheio de orgulho. Seria pela verdade, é bastante desajeitado. Em suma, não passo de um punhado de pó. Vangloriar-me de quê?

4.º) nos recreios andarei e passearei com qualquer um, sem distinção, e procurarei não ser exibido em palavras;

5.º) cuidarei, sobretudo, de não falar mal de ninguém e sob pretexto nenhum;

6.º) entre um recreio e outro observarei sempre o silêncio; não falarei durante as aulas, nem nos corredores, nem na subida da escada, nem por sinais, nem por outro modo, sem grande necessidade;

7.º) durante a aula, a conferência e outros exercícios que exigem atenção, não só não falarei, mas também farei todo o possível para ficar sempre atento;

8.º) depois da aula ou da conferência, farei uma visita ao Santíssimo Sacramento para, diante de Nosso Senhor, examinar se cumprir essas resoluções, e pedir-lhe a humildade.

Meu Deus, prometo, com vosso auxílio, fazer todos os esforços para ser fiel a essas resoluções. Conheceis, porém, minha fraqueza. Tende piedade de mim, ei vo-lo suplico, dai-me a graça de não pecar por palavras. Virgem Santa, rogai por mim. Sabeis que sou vosso escravo.[111] *Na verdade, sou indigno de tão grande favor. Contudo,*

---

[110] O levantamento das notas do primeiro trimestre, do primeiro ano de Teologia em Lião (OME, doc. 9, p. 45) indica para Marcelino a nota: *Valde mediocriter*. Segundo esse critério, 51 alunos sobre 84 estão com nota superior à de Marcelino.

[111] Consagrar-se a Maria como *escravo* (era a palavra usada) vem de tempos antigos e foi muito recomendado pelos grandes representantes da escola francesa de espiri-

minha indignidade fará brilhar vossa bondade e vossa misericórdia para comigo.

Inúmeras vezes, segundo os seus escritos, renovou essas resoluções e, em 3 de maio de 1815, acrescentou as seguintes: "Hoje, vigília da Ascensão[112] de Nosso Senhor, véspera do aniversário do meu batismo, renovo a resolução de cumprir todas as que já tomei e se acham anotadas acima. Além dessas, assumo as seguintes, que ponho sob a proteção da Santíssima Virgem, de S. João Francisco Régis, S. Luís Gonzaga e de meu padroeiro, S. Marcelino:

1.º) Quando, no exame de consciência, à noite me conhecer culpado de qualquer maledicência, no dia seguinte privar-me-ei da refeição matinal;

2.º) sempre que mentir ou me exagerar em palavras, rezarei o "Miserere" pedindo a Deus perdão dessas faltas. *Meu Divino Jesus, prometo, com o auxílio de vossa graça, cumprir fielmente esses dois propósitos. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por mim*.

Desejo então ardentes de corrigir defeitos e adquirir virtudes, a vontade decidida e pertinaz de lançar mão dos meios adequados a este fim, permitiram-lhe avançasse rapidamente no caminha perfeição. Tornou-se logo um dos mais fervorosos e regulares dentre os mais numerosos levitas que, na época, lotavam o seminário maior.[113] Repartia o tempo entre a oração e o estudo da Teologia. Assim, todos os seus momentos estavam tomados. Até as horas de lazer deixaram de ser tempo desperdiçado; passava-as em piedosas conversas com os colegas, praticando atos de caridade como servi aos doentes, adornar os altares, varrer a igreja, ou visitando Jesus na Eucaristia, quando a licença – lhe era concedida.

Fidelidade à Regra, respeito aos superiores, obediência, hu-

---

tualidade: Bérulhe, Condren, Boudon etc. Não possuímos textos escrito de consagração a Maria, de Marcelino Champagnat, na qual esteja explícita a escravidão espiritual.

[112] Marcelino Champagnat celebrava o aniversário de batismo, não no dia 21 de maio, mas no dia da Ascensão, porque em 1789 o dia 21 de maio era o dia da Ascensão (OME, doc. 1, p. 29, nota 1).

[113] Para o ano letivo 1815-1816 havia 252 seminarista maiores; 31 na 4.ª série, 75 na 3.ª, 115 na 2.ª e 30 na 1.ª (OM 1, P. 207-209).

mildade, caridade, afabilidade, bondade, modéstia, piedade, aplicação constante ao trabalho, exatidão em todas as coisas, tais foram as virtudes de que deu constantes exemplos. Desde então, notabilizou-se pelo zelo inflamado pela glória de Deus e a salvação das almas, por seu espírito de fé, desprendimento de tudo, ilimitada confiança em Deus, amor à mortificação e generosidade, que nele brilharam com tanto fulgor e dos quais as páginas desta biografia nos apresentarão invulgares e edificantes exemplos.

CAPÍTULO TERCEIRO

Procedimento edificante do clérigo Champagnat durante as férias. Visita os enfermos e catequiza as crianças do lugarejo. A vida austenta e mortificada lhe prejudica a saúde. De acordo com outros piedosos seminaristas planeja a fundação da Sociedade de Maria. Preparar-se para as ordens sacras e recebe a ordenação sacerdotal.

O comportamento do clérigo Champagnat nãoera muito diferente durante as férias,[114] passadas com a família. Pode-se ter uma idéia através do regulamento que traçou a si mesmo e oberservou com o máximo rigor. Transcrevemo-lo[115] aqui, textualmente, para edificação do leitor:

1.º) Passarei as férias com a família;
2.º) farei poucas vigens;
3.º) adaptarei-me-ei, enquanto possível, ao modo de vida de minha famíli. Tratarei a todos com respeito, carinho e caridade. Esforçar-me-ei para conquistá-los todos a Jesus Cristo, com meus exemplos e minhas palavras. Não direi nenhuma palavra capaz de ofendê-los ou magoá-los;
4.º) levantar-me-ei, normalmente, às cinco horas, e nunca depois das cinco e meia:
5.º) reservarei, pelo menos, quinze minutos para meditação;
6.º) assitirei a missa, se possível, todos os dias. Após a missa voltarei imediatamente para estudar Teologia, pelo menos durante uma hora;
7.º) às onze e querenta e cinco, exame particular como no seminário maior. Em seguida, o almoço,[116] precedido da bênção da comida;

---

[114] Julienne Épalle, uma vizinha, conta como o seminarista Champagnat passava as férias. Ver anexo 1, no final do capítulo.

[115] Para seguir o itinerário espiritual de Champagnat através de seus regulamentos pessoais, ver: "Evolução espiritual de Marcelino Champagnat" in I. A. BALKO, *Marcelino Champagnat e sua missão,* s. l., Províncias Maristas do Brasil, 1979, p. 21-33 (cf. AFM, 131. 2).

[116] No original: diner, traduzindo literamente: jantar. Era o nome da fefeição do meio-dia, aliás como em algumas regiõesa do Brasil, em tempos mais antigos. A refeição do final da tarde era o *souper,* ceia, que traduzimos por: jantar.

8.º) sempre me levanterei da mesa ainda com apetite para evitar a intemperança e outros vícios que dele se originam;
9.º) farei um oratório, dedicado a Nossa Senhora e a S. Luís Gonzaga, a aí, prostrado diante do crucifixo, adorarei em espírito o Santíssimo Sacramento e farei, com o máximo recolhimento, os meus exercícios de piedade;
10.º) jejuarei todas as sextas-feiras em honra da morte e paixão de Nosso Senhor Redentor;
11.º) ensinarei aos ignorantes, ricos ou pobres, os mistérios da salvação;[117]
12.º) visitarei os doentes, quantas vezes for possível;
13.º) para as confissões e comunhões, seguirei a orientação do meu diretor espiritual;
14.º) tratarei de nunca ficar sozinho com pessoas de outro sexo;
15.º) durante o estudo da noite, dedicarei mais uma hora à Teologia;[118]
16.º) farei a oração da noite com a família e lerei o assunto da meditação do dia seguinte, individualmente.

É com vosso auxílio, Virgem Santíssima, minha divina Mãe, que desejo observar este pequeno regulamento; fazei que vosso Divino Filho o aceite e que, durante as férias e por toda minha vida, me preserve do pecado e de tudo o que possa desagradar-lhe.

Esse regularmento foi feito para as primeiras férias do seminário maior; por mais rigoroso que pareça, nos anos ulteriores acrescentou os itens seguintes:

---

[117] Julienne Èpalle: seu depoimento sobre a pregação do jovem clérigo Chanpagnat, ver anexo 2, no final do capítulo,

[118] Este estudo é previsto, porque, sendo os estudos de Teologia de três anos em vez de quatro, os seminaristas devem compensar, durante as férias, aquilo que não pôde ser estudado durante o ano letivo, especialmente História da Igreja, Bíblia e Liturgia. "Reconhecemos (nesses estudos) certa importância, mas, na realidade, não lhe reservamos senão alguns momentos marginais do dia de aula" (cf. Luis ALONSO, *La formación intelectual de j. Cl. Colin em el Seminário de s. Ireneo de Lyon, Roma Pont. Univ. Greg. 1964, p. 153, mimeo., APM).*

1.º) Após o levantar, sempre às cinco horas, farei meia hora de meditação, rezarei as horas menores e irei à santa missa.
2.º) pela manhã, dedicarei uma hora ao estudo da Sagrada Escritura e outra, ao estudo da Teologia;
3.º) depois do almoço, tirarei uma folga de hora e meia ou, quando muito, de duas horas. Havendo algum doente na vizinhança ou alguma pessoa necessitada de meus conselhos, usarei esse tempo para visitá-las;
4.º) terminada a folga, ocupar-me-ei com segue: durante uma hora, recordarei os tratados de Teologia, já estudados; e lerei, durante uma hora, alguma obra ascética que trate das virtudes necessárias a um bom padre;
5.º) depois dos estudo e da leitura, folga de uma hora; em seguida, recitação do ofício, isto é, das vésperas e completas, matinas e laudes do dia seguinte;
6.º) antes do jantar, reservarei meia hora a alguma leitura piedosa;
7.º) todos os domingos e dias santos, participarei das missas e das vésperas. Quanto à comunhão, seguirei, tanto quanto possível, a prática do seminário;
8.º) nesses dia, reservarei pela manhã, entre as duas missas, uma hora para ler a Sagrada Escritura; e à tardinha, após os ofícios, se possível, darei catecismo às crianças. À noitinha, tratarei de consagrar uma hora ao estudo da Teologia;
9.º) reduzirei ao mínimo as visitas de cortesia;
10.º) evitarei os jogos de azar ou qualquer um que possa escandalizar as pessoas. Durante os tempo de folga, ocupar-me-ei com algum trabalho manual.

Virgem Santíssima, sem vosso amparo, sou incapaz de cumprir essas resoluções. Por isso, imploro vosso poderoso auxílio junto a Deus: espero que me alcanceis a graça de observá-las fielmente, para maior glória de vosso filho. S. Francisco Régis,[119] *vós que po-*

[119] São João Francisco Régis (1597-1640) realizou uma cura em Marlhes por ocasião de suas três missões na região. O diorama de La Louvesc contém um quadro que lembra o evento. A lembrança continua viva ainda hoje entre o povo de Marlhes que

deis tanto junto a Deus mediante vossa intercessão, espero e rogo a graça de cumprir esse regulamento que me prescrevi.

Os documentos que recolhemos sobre o comportamento do Pe. Champagnat durante as férias nos demonstram que não se contentava com observar esse regulamento, mas acrescentava-lhe outras práticas de virtudes. Quase todo o tempo destinado ao repouso e lazer era usado na oração, nos estudos ou em obras de caridade. Dando-lhe a vocação sacerdotal, Deus lhe inspirou, também, grande zelo pela salvação das almas e instrução dos ignorantes. Já vimos que, desde o seminário, jamais deixava escapar oportunidade para exercitar o zelo em favor dos colegas, sobre os quais possuíria algumas influência. Mas, acreditando, e com razão, se seu primeiro dever trabalhar para a salvação das pessoas da família, fez disso uma prioridade durante as férias.

Recomendava-as a Deus em todas as suas preces e em tudo procedia de maneira a dar-lhes sempre o bom exemplo. Diariamente lia, em família, algum trecho edificante, dando explicações e conselhos e, nas conversas cotidianas, suas palavras visavam a formá-las nas verdades da fé cristã, levá-las ao amor da religião, mostrando sua beleza e vantagens, incutindo-lhes a devoção à Santíssima Virgem, aos anjos da guarda e às almas do purgatório.

Todas as noites rezava com a família e, nos domingos e dias santos,acrescentava o terço. Freqüentemente reunia, no seu quarto, as crianças do lugarejo para ensinar-lhes o catecismo[120] e as orações. Aos domingos ajudava também os adultos, a quem fazia curta, mas comovente instruções sobre os mistérios da fé e os deveres do cristão, a maneira de participarem com proveito da missa e dos ofícios litúrgicos. Várias pessoas, passados mais de trinta anos,[121] se recordavam do que lhes ensinara nas instruções e expressava com emoção os sentimentos que despertara em suas almas.

As crianças tinham-lhe amor e respeito.[122] Bastava saberam

---

venera a "Cruz de S. Régis" na entrada da vila.

[120] O Ir. Teofânio, Superior Geral, atexta: "D. Épalhe, bispo da Oceânia, declarou que devia a primeira idéia de sua vocação ao Pe. Champagnat" (cf. *Summarium Positio super Virtutibus,* Roma, 1910, p. 75).

[121] Isto é, na época em que o Ir. João Batista realizou sua pesquisa.

[122] Esta dupla impressão vai ser encontrada em diversos momentos de sua vida,

que ele estava na região, e se tornavam dóceis aos pais e cumpridores dos deveres. Uma delas dizia tempos depois: "Causavam-me tal impressão, que bastava sua lembrança para me preservar do pecado. Na hora da tentação, bastava pensar: *Quem diria o clérigo Champagnat se te visse?* Para me dominar e ter força para resistir às pequenas paixões.

Não eram só as crianças que lhe tinham respeito; também os jovens. Mostravam-se prudentes e reservado nas palavras e no proceder. Um dia, supondo-o ausente, reuniram-se num paiol para dançar. Por precausão, fecharam cuidadosamente as portas. O clérigo Champagnat, porém, chegou em casa mais cedo do que se esperava e, sabendo o que acontecia, dirigiu-se imediatamente ao local onde se organizara o baile, entrou bruscamente exclamou: "Muito bonito para cristãos! Quero ver se sabem tão bem o catecismo como sabem dançar". Num pisca de olhos, o grupo inteiro sumiu, fugindo uns pela porta, outros se escondendo no feno, alguns pulando a janela. Sobrou tão somente uma velha empregada para fechar o paiol. Champagnat repreendeu-a severamente.[123]

Houve quem dissesse que o Pe. Champagnat era cristão austero. Realmente, durante toda a vida manisfestou gosto acentuado[124] pela penitência e pela mortificação. Extremamente reservado e discreto em todos os atos e em toda sua pessoa, intransigente para consigo mesmo, inimigo das comodidades e de tudo que pudesse lisonjear a natureza, sóbrio no comer e no beber, recusava tudo quando servisse apenas para satisfazer o gosto e a sensualidade. Na casa dos pais vivia como eles, não aceitando que lhe preparasse qualquer coisa de especi-

---

naquelas pessoas que entram em contatos com ele. "O Pe. Champagnat era firme, sem dúvida; tremeríamos todos ao ouvir-lhe a voz, ao sentir-lhe o olhar, mas era, sobretudo, bom, compassivo, era pai" (Frère François, AFM, carnet 13; instructions p. 917).

[123] Cem anos antes, Grignon de Montefort compusera cânticos para denunciar a nocividade da dança. O período do Diretório conheceu grande relaxamento moral e gosto acentuado pela valsa. Portanto Marcelino Champagnat cumpriu apenas seu dever de quase-padre.

[124] O Pe. Champagnat foi fiel discípulo de Jesus padecente. Por isso não evitava as ocasiões de sofrer; antes as criava, impondo-se jejuns e severa disciplina de vida, como prova seu regulamento no décimo item.

al ou se fizesse algo extraordinário por causa dele. Pontual em tomar as refeições com a família para não pertubá-la, não queria que se mudasse nada, nem quanto à hora, nem quanto ao cardápio habitual. Nada tomava fora das refeições, nem uma fruta, nem sequer um copo d`água.[125]

Certa vez, passando debaixo de uma cerejeira, tentado pelas frutas, apanhou uma e colocou na boca. Na mesma hora, porém, se repreendeu de tal imortificação: "O quê?! Diz lá consigo mesmo, eu ser escravo da sensualidade? Não. Isso não vai acontecer". Cuspiu então a cerejeira meio mastigada, pisou-a, prometendo a Deus não se deixar vencer novamente pelo demônio da gula.

Jovens Irmãos, encarregados dos bens temporais das casas, vocês estão expostos à tentação. Quando o demônio da gula lhes sugerir o pensamento de comer fora das refeições, recordem-se do exemplo de seu piedoso Fundador e mostrem-se fiéis imitadores seus. O espírito das trevas e a sensualidade lhes dirão que é uma ninharia comer guloseimas que estão constantemente diante de seus olhos ou nas suas mãos, comer uma dessas frutas, tomar algum alimento, alguma bebida que, parece, estão precisando. Cair uma vezinha na tentação pode ser uma insignificância; não podemos, porém, dizer o mesmo do hábito. Esse pode trazer-lhes a mais funesta conseqüência: levá-lo aos pecados mais graves. Quantos Irmãos jovens perderam o gosto pela piedade, os bons hábitos e vocação, por se terem deixado arrastar a falta desse tipo! Por outro lado, o ato de virtude que praticarem resistindo à tentação, mortificando o gosto e a sensualidade, também não é ninharia: protege contra grandes desgraças, atrai-lhes cada vez uma graça de Deus, mortifica a natureza, submetendo-a ao espírito e os prepara à união com Deus.

Champagnat tinha vigorosa compleição física: na infância nunca ficou doente. No entanto, a vida dura e mortificada que levava, mas a constante aplicação ao estudo, arrunou-lhe de tal forma a saúde, que foi obrigado a interromper oterceiro ano de Teologia.[126] Para restabelecer-se passou alguns meses em casa.

---

[125] Encontra-se essa prática em Sto. Inácio e Pe. Colin (Ant. Textus II, p. 42, n, 52).
[126] Ano letivo de 1815-1816.

Proibido de estudar e receando cair na ociosidade, ocupou-se com trabalhos do campo. Em pouco tempo recuperou a saúde, podendo assim terminar os estudos de Teologia.

Era o tempo em que Napoleão, [127] voltando da ilha de Elba encontrava na França e chegava a Paris. A cidade de Lião estava tumultuada e confusa. Os inimigos da Igreja, aproveitando a situação crítica em que o país se encontrava e confiando que em breve iriam descartar-se da religião, como do rei era fulga perante as falanges vitoriosas do grande Imperador, insultavam os padres, ameaçavam-nos, perseguiam-nos, obrigavam-nos a fugir e a esconder-se. Champagnat não suspeitava de nada, e porque não tinha caráter pulsilânime, caminhava serenamente pelas ruas da cidade em direção ao Seminário Maior. Eis que um piedoso cidadão saiu correndo da loja e lhe disse:

- Reverendo, como se atreve a andar pelas ruas em tais circunstâncias? Não sabe que acabam de injuriar brutamente um de seus colegas e por um triz não o atiraram nas águas do Saône?

- Temer o que? Não fiz mal a ninguém, retrucou camalmente Champagnat.

- Sem dúvida, não fez mal a ninguém; seu colega também não havia feito mal a ninguém. É grande imprudência andar pela rua neste momento.

- Vou ao Seminário Maior.

- Corre o boato de que o Seminário Maior acaba de ser revistado pela polícia e a guarnição lá se instalou, pois dizem que nele existe armas.[128]

- Sim, é verdade, há armas e eu também trago uma.

---

[127] Napoleão passa em Lião em 10 de março de 1815. O tio, cardeal Fesch, tivera de fugir para Roma, de onde só voltaria pelo final de maio. A volta de Marcelino a Lião dá-se poucos dias depois da passagem do Imperador (cf. OM 4, p. 278-280).

[128] Os seminaristas torciam muito pelos Bourbons, e o cardeal, de passagem por Lião, de 26 a 27 de maio de 1815, sentiu isso na pele (cf. OM 1, doc. 38; OM 2, doc. 562 [2], OM 2, doc. 767). O próprio Champagnat deve ter desejado a volta dos Bourbons, sem dúvida por causa das últimas atitudes de Napoleão, especialmente sua luta contra o papa. Encontra-se, com efeito, no fim de suas resoluções de 1815, a promessa de missas a rezar "se o rei voltar" (OME, doc. 11 [11], p. 51).

Dizendo isto mostrou o breviário e acrescentou: “Eis as armas do seminário; será que poderiam inquietar o governo?” mantendo calma e serenidade, agradeceu ao cidadão caridoso qu tanto interesse lhe demostrava, e sem apressar o passo, dirigiu-se ao Seminário, onde encontrou tudo na maior paz, apesar da agitação na cidade.[129]

Nesse tempo foram lançados os primeiros alicerces da Sociedade de Maria. Alguns seminaristas, à frente dos quais se achavam Colin e Champagnat,[130] se reuniam freqüentemente para animar-se na piedade e no exercício das virtudes sacerdotais. O Zelo pela salvação das almas e a procura dos meios para consegui-la eram o assunto mais comum de seus econtros. Da comunicação recíproca dos sentimentos, surgiu a idéia de uma fundação de uma sociedade de padres, cuja finalidade principal seria trabalhar na salvação das almas, através das missões [131] e da educação da juventude.

A devoção especial desse grupo de elite para com a Santíssima Virgem levou-os a colocar a nova Sociedade sob o patrocínio da Mãe de Deus, denominando-a Sociedade de Maria.[132] Após planejarem juntos o piedoso intento e haverem-no recomendado demoradamente a Deus àquela que escolhia para ser de maneira a especial mãe e padroeira, comunicaram o projeto ao Pe. Cholleton, diretor do seminário maior.[133] O venerando diretor, conhecendo-lhes a piedade e a virtude, aplaudiu e aprovou o projeto,[134] estimulando-os a que o levassem

---

[129] Sobre o estado de espírito do seminário – que estava longe de ser calmo – ver, além dos documentos indicados acima: LYONNET, *Le Cardinal Fesch*, Lyon, périsse, 1841, II, P. 576-580.

[130] O Ir. João Batista cita aqui apenas os dois principais responsáveis pela fundação da Sociedade de Maria: Colin e Champagnat, silenciando completamente sobre o papel de Courveille.

[131] Isto será, especialmente, a finalidade dos padres, a exemplo de S. João Francisco Régis, cuja biografia foi lida durante as refeições, em 1815 (OM 2, doc. 591 [7], p. 398).

[132] O Pe. Colin dirá explicitamente em 1869, a respeito do nome da Sociedade de Maria: “Este nome vem do Pe. Courveille” (OM 3, doc. 819 [6a], p. 218). Courveille, por seu turno, dizia que tivera a inspiração em 15 de outubro de 1812, em Puy (cf. OM 2, doc. 718 [5], p. 580).

[133] Pe. Cholleton, LPC 2, p. 133-135.

[134] As primeiras comunidades de Courveille a Déclas remontam de fato à época dos Cem-dias (março-junho de 1815) (OM 2, doc. 591). Porém, a difusão do projeto só

avente. Além disso, ele mesmo quis participar do grupo, pós-se à frente e, de tempos em tempos, reunia-os no seu escritório, para dirigi-los e animá-los e com eles traçar os planos da nova associação. Numa dessas sessões, combinaram fazzer juntos uma perigrinação a Fourvières, ao fim de colocar aos pés de Maria o plano da nova associação.[135]

Os jovens seminaristas, o Pe. Cholleton à frente, subiram, pois, ao santuário[136] de Maria, confiaram a seu coração maternal o piedoso intento, pedindo-lhe que o abençoasse, se fosse para a glória de seu Divino Filho. Realmente a divina Mãe abençoou-o. E, com esta benção, a nova sociedade, nascida sob seus auspícios e no seu santuário, cresceu e viu seus filhos multiplicarem-se[137] como as estrelas[138] do firmamento.

Entrentanto, no plano da nova agremiação, ninguém cogitara de Irmãos para o ensino. [139]Somente Champagnat acalentou o projeto dessa instituição e o realizou sozinho. Freqüentemente repetia aos companheiros: "*Precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos que ensinem o catecismo. Ajudem os missionários[140] e eduquem as crianças".*ninguém contestava que fosse bom ter Irmãos; mas como esta fundação não fazia parte dos planos da nova sociedade, davam pouca importância ao eterno estribilho: *Precisamos de Irmãos.* Finalmente

---

aconteceu na entrada das aulas (novembro de 1815). O Ir. João Batista resume, num parágrafo, a elaboração de um projeito que se estendeu, lentamente, pelo espaço de dois (OM 2, doc. 718 [16] e doc. 750 [2]).

[135] O texto latino encontra-se em OME, doc. 15, p. 61-62. Ver a tradução no fim do capítulo, Anexo 3.

[136] Aquilo que me chama hoje a capela de Fourvière.

[137] As estatísticas relativas aos Irmãos Maristas para o ano da publicação da biografia do Pe. Chapagnat (1856) dão 1.536 mestres religiosos. Ensinando a 50.000 alunos em 312 escolas (cf. CSG II, p. 289).

[138] Gn 22,17.

[139] Para o Pe. Colin não há nenhuma dúvida e o dirá expressamente (OM 3, doc, 820 [10], p. 334). No pedido de demissão em 1837, o pe. Champagnat também afirma claramente ter recebido dos colegas a missão de se encarregar dos Irmãos docentes (OME, doc, 152, p. 339).

[140] Quando o Ir. João Batista escreve esta biografia, existe em verdade Irmãos a serviço dos padres missionários da Oceania. Mas, no grupo de padres, mesmo aqueles que permanecem na França, são missionários. Sabe-se que, desde o tempo do Pe. Champagnat, havia Irmãos de 1`Hermitage a serviço dos padres em Belley e em Lião.

os confrades lhe disseram: “Pois bem, encarregue-se você dos Irmãos, pois teve a idéia de fundá-los”. [141]Chapagnat aceitou prazeroso a missão e, a partir daquele momento, todos os seus anseios, planos e trabalhos tiveram por meta realizar o empreendimento.

Champagnat, totalmente absorto com a santificação pessoal, os planos para a glória de Deus e com os estudos de Teologia, via passarem rapidamente os anos de seminário. A respeito do que o futuro lhe havia de reservar e do encargo que lhe confiaram, jamais se preocupou. Matinha-se em completa indiferença sobre as funções que lhe seriam reservadas, abandonando-se totalmente à vontade dos superiores, que consideravam como intérprete da vontade de Deus sobre ele.

Um dia, alguns seminaristas lhe falaram do desejo de serem designados para este ou aquele lugar e confessaram-lhe que estavam dispostos a tomar as medidas necessárias junto aos superiores para conseguirem. “Pelo que toca a mim, disse-lhes Marcelino, jamais faria isso, pois, se pedisse um cargo e nele mais adiante encontrasse dificuldades e tribulações, com certeza me assaltaria o pensamento de que tinha sido eu o responsável por esses sofrimentos e não era lá que Deus me queria. Ao passo que, confiando-me à Providência e obedecendo, estarei sempre contente, com a certeza de estar onde Deus me quer; em qualquer circunstância poderei dizer: *“Fostes vós, Senhor, que me confiastes este trabalho; de vós espero os socorros e as graças necessárias para nele fazer o bem”.*

A um seminarista, que lhe manisfestara o desejo de ser nomeado para uma paróquia próxima de seus pais, a fim de visitá-los mais amiúde e prestar-lhes assistência, Champagnat respondeu: “Um padre dever ser como Melquisedeque,[142] sem pais; isto é, não deve ocupar-se deles. Não somos sacerdotes para ser úteis às nossas famílias, mas para servir a Igreja e salvar as almas. Se visitar freqüentemente os pais ou se deles receber muitas visitas, a toda hora estarão lhe falando de

[141] Diz o Pe. Colin nas suas memórias: “Entremente, o Pe. Champagnat, coadjuntor em Lavalla, dedicou-se à fundação do Instituto dos Irmãos Maristas. A idéia da fundação deste Instituto era dele. Foi ele que, impressionado pelas dificuldades entretadas para se instruir, disse a seus colegas do seminário maior: Será também necessário formar Irmãos docentes?” (OME, doc. 171, p. 470).
[142] Gn 14,16; Hb 7,3.

seus negócios temporais. Acabará por interessar-se e preocupar-se com isso; e essa preocupação diminuirá a piedade, o zelo e provocará desleixo nas sublimes funções de seu santo ministérios. Além disso, essas relações vão provocar maledicência das pessoas do mundo, escandalizar os fieis e diminuir-lhes a estima e a confiança. O desejo de viver perto de seus pais é, pois uma tentação. Deve combatê-la se quiser tornar-se padre segundo a vontade de Deus.

Era com tais disposições e idéias que Champagnat se preparava para a ordenação sacerdotal. Em 6 de janeiro de 1814,[143] solenidade da Epifania do Senhor, recebera do cardeal Fesch, arcebispo de Lião, a tonsura clerical, as quatro ordens menores e o subdiaconato, na capela do palácio arquiepiscopal, com a idde de vinte e quatro anos, sete meses e dezessete dias. Desde então celebrou sempre a festa com particular devoção, como agradecimento ao Senhor por havê-lo chamado precisamente nesse dia ao sagrado ministéio. No ano seguinte foi ordenado diácono.[144] Finalmente chegou o dia longamente esperado, para o qual se preparava com tantos estudos, preces e atos de virtude; dia que sua humildade fazia temer, mas que seu amor a Jesus Cristo lhe permitia considerar a saudar, sem dúvida como o maior e o mais solene de sua vida. Numa palavra, o dia em que poderia participar do sacerdócio do Filho de Deus e imolar o Cordeiro sem mancha. Passou em profundo recolhimento a semana que precedeu aquele dia para sempre memorável. Recebeu o presbiterato em 22 de julho de 1816, das mãos de D. Louis-Guillaume-Dubourg,[145] bispo da Nova Orleães, autorizado por sua eminência o cardeal Fesch.[146] Tinha então vinte e sete anos e dois meses.

A maioria[147] dos colegas que se associaram[148] para fundar a

---

[143] OME, doc. 10, p. 47.

[144] Estando o cardeal Fesch em Paris, é D. simon, bispo de Grenoble, que ordena os novos diáconos (OME, doc. 12, p. 51ss.).

[145] D. Dubourg aproveita também a ocasião para falar de sua missão da Luisiânia, e Philippe Janvier, um dos candidatos a marista, resolve partir para os Estados Unidos (OM 4, p. 302).

[146] Texto da autorização: OM 1, DOC. 48.

[147] O autor diz "a maioria", porque alguns, neste dia, receberam apenas o diaconato (OM 3, doc. 45 a 50).

[148] É mais provavél que o grupo tenha-se reunido em torno de Courveille [OM 3,

Sociedade de Maria foram ordenados junto com o Pe. Champagnat. Separando-se para ir ao lugar designado pela obediência, todos se comprometeram a trabalhar e fazer tudo o que dependesse deles[149] para realizar o plano que haviam concebido juntos. Acertaram ainda em se corresponderem amiúde, para manter a união entre si, conservar e desenvolver o espírito que os animava.

Antes de sair de Lião, o Pe. Champagnat dirigiu-se a Nossa Senhora de Fourvières para consagrar-se novamente à Santíssima Virgem e colocar seu ministério sob a proteção de Maria.[150] Após a santa missa, prostrado aos pés da imagem de Maria, rezou este ato de consagração,[151] por ele redigido e que aqui reproduzimos textualmente: *Virgem Santa, tesouro das misericórdias e canal das graças, a vós levanto as mãos suplicantes. Instantemente vos peço me tomeis sob vossa proteção e intercedais por mim junto ao vosso adarável Filho, a fim de que me conceda as graças necessárias para me tornar digno ministro do altar. Com o vosso amparo quero trabalhar na salvação das almas. Nada posso, ó Mãe de misericórdia! Nada posso, bem sei; mas vós podeis tudo, por vossas orações; virgem Santa, deposito em vós toda minha confiança. Ofereço-vos, entrego e consagro minha pessoa, trabalhos e todas as ações de minha vida.*

ANEXO 1

O clérigo Champagnat durante as férias

Julienne Épalle, sua vizinha, fornece aos 89 anos de depoimento: "durante todo o período de férias, o seminarista Champagnat permanecia em casa; fora desta, só era visto junto aos enfermos, consolando-os com palavras amáveis; ou na igreja, sempre em atitude

---

doc. 798; 819 (10.11); 820 (6-7); 845 (11); 892 (3)].

[149] Foi na manhã seguinte à ordenação, portanto no dia 23 de julho de 1816, que se realizou a perigrinação a Fourvières e a consagração a Maria (OME, doc. 15, p. 58-64). Texto abaixo, Anexo 3.

[150] Trata-se da Virgem negra, localizada acima do altar. Essa estátua substituíra, no começo do século XVII, a antiga, queimada durante o cerco de Lião, em 1562, pelos homens do barão de Adrets.

[151] Os originais desse texto não foram encontrados.

edificante... No lar usava batina muito grosseira e se contentava com a comida comum de seus pais, sem jamais aceitar nada na casa dos outros; vivia, desde então, uma vida de santo. Para dar satisfação a meus pais, que morava na casa vizinha, consagrava todos os dias algumas horas para nos instruir; eu, a mais velha, tinha então 11 anos, lembro-me sempre da dignidade do jovem seminarista e dos bons conselhos que dava para nosso comportamento entre as crianças, para com os pais e para com Deus.

O irmão menor de Julienne, Jean-Marie, contava, na ocasião, 15 meses; Marcelino salvou-o de um afogamento; também ele deu seu depoimento em 1889, mas apenas sobre o que ouviu falar: "Muitas pessoas me contaram... Quando estava em Verrières, passava as férias ensinando ou trabalhando no sítio. Ainda hoje pode-se ver exíguo quarto retirado onde passa a maior parte de seus dias, e os muros do jardim, construídos por ele. Nunca foi visto perdendo tempo na casa destes ou daqueles". (Proc. Ord. Lyon, fol. 309-310.)

ANEXO 2

Zelo do clérigo Marcelino Champagnat

No depoimento de 1889, Julienne Épalle diz mais: "O jovem seminarista ardia de zelo pela glória de Deus. Desde a primeira semana de férias no tempo do seminário maior, disse a alguns habitantes de Rozet: "Se vocês vierem eu lhes ensinarei o catecismo; mostrar-lhes-ei como devem viver a vida". Seu exíguo quarto se encheu. No domingo seguinte, veio gente das aldeias de la Frache, La Faye, Ecotay, Marconnière (Malcongnière), Montaron, Allier (L`Allier) e o quarto não comportava tanta gente. Ele ficava na soleira da porta, e daí falava ao auditório que lotava o quarto e a sala contígua. Embora muito jovem, pregava tão bem que as crianças e os alunos, muitas vezes, atuarara duas horas sem se aborrecer. Muita gente de aldeias de Marlhes vinha ouvi-lo; entre elas, destava-se a Superiora da Irmãs de São José". (Proc. Ord. Lyon, fol. 309.)

ANEXO 3

Consagração dos futuros maristas a N. S. de Fourvière

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Tudo para a maior glória de Deus, e para a honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nós, abaixo assinados, queremos trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, Mãe de Nosso Senhor Cristo, afirmamos que temos a sincera intenção e a firme vontade de nos consagrar, logo que surgir oportunidade, à instituição da piedosíssima congregação dos Maristas. Eis por que, pelo presente ato, que leva nossa assinatura, dedicamos-nos irrevogavelmente, nós e tudo o que temos, tanto quanto possível, à sociedade da Bem-aventurada Virgem Maria. E este compromisso nós o assumimos, não levianamente como crianças, nem por razões humanas ou por algum interesse temporal, mas com toda a sinceridade, após o termo refletido seriamente, tomado conselho, e pesado tudo diante de Deus, unicamente para a glória de Deus e honra de Maria, Mãe de NossoSenhor Jesus Cristo. Para atingirmos este objetivo, dispomo-nos a assumir quaisquer contrariedades, trabalhos, sofrimentos e, se preciso, todos os tormentos; tudo podendo naquele que nos dá forças, Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, por isso mesmo, prometemos fidelidade, no seio de nossa Mãe, a santa Igreja Católica e Romana; unindo-nos com todas as nossas energias, ao chefe santíssimo desta mesma Igreja, o romano pontífice, e também ao nosso reverendíssimo bispo, para, deste modo, sermos bons ministros de Jesus Cristo, nutridos pela palavras da fé e da sã doutrina que recebemos por sua graça; confiamos que, sob o governo pacífico e religioso de nosso rei cristianíssimo, esta maravilhosa instituição será fundada. Prometemos solenemente nos doar, nós e tudo que temos, para salvarmos as almas por todos os meios, sob o nome augustíssimo de Virgem Maria e sob seus aupícios. Respeitamos, entrentanto, em tudo, o parecer dos superiores. “Louvada seja a santa e imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria! Assim seja!”

CAPÍTULO QUARTO

Nomeação do Pe. Champagnat para coadjutor de Lavalla. Situação da Paróquia. Seu regulamento de vida. Respeito e submissão ao vigário. Nada empreende sem consultá-lo. Analisa a índole dos paroquianos e procura conquistar-lhes a confiança. Os primeiros desvelos são para as crianças.

Pouco depois de ordenado, o Pe. Champagnat[152] foi nomeado coadjutor de Lavalla,[153] paróquia populosa do cantão de Saint-Chamond (Loire). Sem demora, dirige-se ao seu novo destino. Cheio de sentimentos de humldade, ao avistar o campanário de Lavalla,[154] ajoelha-se, pede a Deus perdão de seus pecados, rogando-lhe para que não sejam obstáculo ao seu ministério. Em seguida, recomenda a Jesus e Maria as almas que lhe serão confiadas, suplicando-lhes que abençoem os trabalhos e tudo que se propõe realizar para a glória de Deus e a salvação das almas.

A paróquia de Lavalla, situada na encosta e nos desfiladeiros da serra de Pilat, é uma das mais difíceis de serem visitadas. A população, de dois mil habitantes.[155] Estava, em sua maioria, disseminada em vales profundos ou em morros espcarpados. Impossível da uma idéia exata da topografia dessa paróquia. Venha-se de onde vier, é tudo subida, descida, rochedo e precipício. Vários povoados, situados no fundo dos desfiladeiros de Pilá, distantes hora e meia da matriz, eram quase inacessíveis, sem caminhos tansitáveis para se poder atingi-los.

---

[152] A nomeação do Pe. Champagnat data de 12 de outubro de 1819 (AAL, reg. Des pouvoirs, citado em OME, doc. 16, p. 67).

[153] Ortografia atual: La Valla.
O recenseamento de 1820 assinala 2.423 habitantes. Le Bessat (com mais ou menos 350 habitantes) na época faz parte de La Valla, embora situado a 8 km de distância.

[154] Uma cruz vermelha localizada na parte baixa da aldeia, no cruzamento dos caminhos vindos de Marlhes e de Saint-Chamond, indica o lugar tradicional desta oração do Pe. Champagnat (cf. História desta cruz, publicada no *Êcho de La Valla-en-Gier*, n. 167, nov./1827).

[155] Quando Le Bessat se tornou paróquia em 1830, o número de habitantes de La Valla caiu para 2.039 (recenseamento de 1836). Quando o Ir. João Batista escrevia, em 1856, o total elevava-se a 2.269.

O povo de Lavalla era bom e gente de fé,[156] porém, muito simples e sem instrução. A ignorância originava-se de várias causas, sendo a principal a própria geografia da região. A maior parte dos habitantes, achando-se disseminados, como que perdidos em lugares de difícil acesso, raramente freqüentava a igreja. O vigário era bom, não o estimavam. Um defeito de dicção impossibilitava-lhe instruir convenientemente o povo, tornava suas pregações massantes, e, pois, de pouco fruto. Enfim, não havia mestres para os jovens. [157]Era essa situação física e moral da paróquia, aonde o Pe. Champagnat fora enciado. Não o intimidou esse quadro, porém; confiante na providência, pôs logo mãos à obra para desbravar o campo que lhe fora destinado. Antes de entrarmos em pormenores sobre seus trabalhos, vamos registrar o regulamento que traçou a si mesmo no retiro preparatório à ordenação e que observou durante todo o tempo em que viveu como coadjutor de Lavalla.

"Senhor, tudo o que existe no céu e na terra, vos pertenceste. Desejo também tornar-me propriedade vossa pela oblação voluntária, para, em tudo, cumprir vossa santa vontade e trabalhar eficazmente na minha santificação e na das pessoas que me confiastes. Neste intenção prometo-vos fidelidade ao seguinte.

1. Vou consagrar todos os dias, pelo menos meia hora, à meditação e, quando possível, ao levantar-me antes de sair do quarto;

2. jamais deixarei de prever o assunto de meditação e de prepará-lo com muito cuidado;

3. nunca celebrarei a santa missa sem ter feito antes um quar-

---

[156] O espírito de penitência era muito acentuado, Assim, na família Rivat, do Ir. Francisco, observava-se rigorosamente, não só a abstinência, mas também, os jejuns, sobretudo o longo jejum da queresma. (Notas manuscritas da Pe. David, sobrinho do Ir. Francisco.)
Por outro lado, em lugares como Le Bessat, distantes da igreja, muitas vezes isolados por causa da neve e das estradas em péssimo estado, compreende-se que a ignorância religiosa, e a ignorância pura e simples, fossem grandes: O Pe. Champagnat, em carta de 28 de janeiro de 1834, ao rei Luís Felipe, disse: "Enviado... numa paróquia rural, o que vi com meus próprios olhos fez-me sentir, ainda mais, a importância de...formar alguns mestres" (LPC 1, doc. 34, p. 99).

[157] Ver nota 1 do cap. 7.

to de hora de preparação. Após a missa, dedicarei outro quarto de hora à ação de graças;

4. todos os anos lerei, uma vez, as rubricas do missal;[158]

5. no decorrer do dia, visitarei o Santíssimo Sacramento e a Santíssima Virgem;

6. todas as vezes que tiver de sair para visitar um doente ou resolver alguma coisa, farei igualmente uma visita a Jesus Sacramet-nado e outra, a Maria. Assim também procederei ao voltar, a fim de agradecer a Deus os favores recebidos e pedir-lhes perdão das faltas que, por aventura, tiver cometido;

7. não esquecerei de fazer meu exame de consciência todas as noites;

8. sempre que no exame eu me reconhecer culpado de maledi-cência, aplicar-me-ei três chicotadas de disciplina. Assim farei tam-bém, quando reconhcer que pronunciei palavras de vanglória;

9. esturarei Teologia diariamente, durante uma hora;[159]

10. não darei nenhuma instrução sem tê-la preparado;

11. continuamente lembrar-me-ei de que tenho Jesus no cora-ção;

12. permanecerei na presença de Deus em todas minhas ações e evitarei a dissipação, com o máximo cuidado;

13. exercitar-me-ei, de modo particular, na virtude da mansi-dão; e, para atrair, mais facilmente o próximo a Deus, tratarei a to-dos com muita bondade;

14. dedicarei parte da tarde à visita aos doentes da paróquia, se houver;

15. depois da missa, condessarei as pessoas que se apresenta-rem. O restante da manhã sera reservado ao estudo,se as funções do ministério não exigirem minha presença em outra parte;

---

[158] O Pe. Champagnat seguia, desde modo, o exemplo do Pe. Gardette, superior do seminário maior, o qual atribuía grande importância à liturgia bem-celebrada.

[159] Vai ecigir dos Irmãos o mesmo costume: uma hora diária de estudo religioso (*Règle* de 1837, cap. II, art. 38, p. 25).

16. quanto às refeições, a maneira e passar o recreio e praticar os demais exercícios do dia, procurarei seguir, no que depender de mim, o Regulamento do seminário maior;

17. lerei esse meu Regulamento e essas resoluções uma vez por mês;

18. todas as vezes que faltar a algum dos artigos relativos às práticas de piedade, me aplicarei a disciplina, em união aos sofrimentos de Jesus Cristo. Quero que os açoites sejam um ato de amor e de fé, e pendirei à Santíssima Virgem que ela mesma torne esse ato, insignificante em si, agradável à Santissíma Trindade".

Para complementar esse Regulamento, acrescentamos: levantava pontualmente às quatro horas; fazia a meditação e logo se encaminhava para a igreja, onde rezava a missa, [160]exceto se alguma circunstância o obrigava a retardá-la. Ocupava o dia com a oração, o estudo e as funções do sagrado ministério. Saía raras vezes, só para visitar os doentes ou fazer alguma obra de caridade. Passava o tempo de lazer com o vigário ou se dedicava a um trabalho manual. Emfim, ia deitar geralmente entre nove e dez horas da noite.

Na Diocese de Lião, os coadjutores moram sempre junto com o vigário: hábito louvável, que contribui muito para manter entre os padres da paróquia a união e a caridade sacerdotais. Para o Pe. Champagnat foi grande consolação manter-se assim em contato permanente com o vigário, tomando-o como guia de procedimento, aproveitando-lhe a experiência e formando-se, sob seus olhares e sua direção, nas sublimes funções do santo ministério. Teve sempre por ele profundo respeito e filial afeição. Disso dava provas em todas as ocasiões. Nunca fez nada sem consultá-lo, nem jamais empreendeu alguma boa obra sem lhe pedir o parecer e obter aprovação de seus projetos. Mostrou-se também sempre disposto e sempre pronto a substituí-lo para levar o santo Viático aos doentes dos povoados distantes, ou exercer outras funções difíceis do ministério sagrado. Porém, seu objeto principal era conquistar-lhe a estima e o afeto dos paroquianos. Defendia-o sempre

---

[160] Desconhecemos os horários de missa de La Valla. Mas conhcemos os de Marlhes, onde existe um *"Mémorial concernant les usages religieux"* que indica, para o domingo, que a primeira missa é sempre celebrada ao nascer do sol (Arquivo do presbitério).

e em toda parte, apoiava-lhe a autoridade; justificava-lhe o comportamento perante os que o censuravam e, mesmo nos casos em que não tinha razão, sabia desculpá-lo, interpretando favoravelmente o motivo da crítica. Embora às vezes tivesse motivos de queixar-se dele – como veremos –, nunca deixou de proceder assim, conservando lhe sempre amizade e dando, diariamente, provas de respeito e submissão pelos cuidados que lhe dispensava, pela dedicação em servi-lo e causar-lhe as faltas. E também o vigário recebeu de seu coadjutor importante serviço neste ponto delicado. Apesar das boas qualidades, tinha o triste hábito de exceder-se no vinho.[161]

[Infelizmente, essa limitação tão grave num sacerdote não ficou oculta, e o Pe. Champagnt, testemunha do mal causado ao vigário e do escândalo provocado na paróquia, sentia profunda mágoa. Com prudência, respeito e caridade lançou mão dos meios ao seu alcance para corta o mal. Primeiramente rezou com fervor para alcançar ao vigário a graça de se corrigir do mau costume. Dirigiu-lhe depois respeitosas observações sobre o assunto. Ele mesmo abstinha-se de vinho, no intuito de levá-lo à sobriedade pelo exemplo. Se não conseguiu recuperá-lo totalmente, pelo menos teve a consolação de prevenir muitas faltas e levá-lo a evitar outros excessos.]

Convencido de que, para se fazer o bem e levar as pessoas a Deus, é preciso conquistar-lhes a afeição e a estima, quando chegou a Lavalla o Pe. Champagnat tratou de conquistar a confiança de seus paroquianos. Seu caráter alegre, franco, expansivo, sua aparência sim-

---

[161] Após as observações do Pe. Favre, Superior Geral dos Padres Maristas (OM 2, doc. 757, p. 763-764) e das anotações do Pe. Etienne Bedoin, vigário de La Valla, desde a publicação do Livro (AFM, 151/1, N. 1) o parágrafo entre colchetes foi substituído pelo seguinte: "Foi o próprio vigário que, tempos mais tarde, contava este fato e acrescentava: `A conduta do Pe. Champagnat era tão regular e edificante que, durante os oito anos que tive como coadjuntor, embora o acompanhasse de perto para cumprir-lhe o desejo, não tive ocasião de notar nele aquilo que se pode chamar de falta; mas, muitas vezes, tive de moderar-lhe o ardor no trabalho e o espírito de mortificação. Se eu o tiver deixado à vontade, teria passado grande parte da noite estudando e rezando, ter-se-ia entregue a privações na comida por perigo para a saúde. Só nestes dois pontos tive de chamar-lhe a atenção; e preciso declarar não ser ele desses tipos de devotos fanáticos que apenas segue as fracas luzes do próprio espírito. Ele sempre recebeu respeitosamente minhas observações e as aceitou sem reparos e com total submissão`".

ples, modesta, risonha, simpática e nobre ao mesmo tempo, contribuíram muito. Ao passar pelas ruas, e quando encontrava alguém, sempre tinha de dizer alguma coisa engraçada, uma palavra de elogio, consolo ou animação. Conversando familiarmente com todos, sabia pôr-se ao alcance de cada um, adaptar-se ao seu gênio, entender seus pontos de vistas e o modo de ver as coisas. Após haver lhe preparado o espírito, termina a rápida conversa com uma palavra de edificação, um bom conselho ou leve reparo, se fosse o caso.[162] Encontrando-se com crianças, muitas vezes parava para dizer-lhes palavras de animação, fazer-lhes pequena carícia, dar-lhes santinhos e fazer perguntas do catecismo. Muito ansioso em relação às pessoas idosas. Compreensivo e indulgente para com os jovens. Repleto de caridade e compaixão para com os pobres, de bondade e caridade para com todos para levá-los a amar a religião e conquistá-los a Jesus Cristo.[163] Porém, o que o mais contribuiu para atrair-lhe a estima e benevolência dos fieis foi sua conduta edificante, sua virtude, piedade, regularidade e fidelidade a todos os deveres. Estava sempre disponível e sempre se mostrava afável, fosse qual fosse a hora e em vinha solicitar-lhe serviços, o chamassem à igreja ou para junto aos doentes.

Cuidou primeiramente de sondar o espírito dos habitantes de Lavalla, conhecer-lhes o caráter, as boas qualidade, os vícios e os defeitos, abusos e desordens na paróquia. Após ter o conhecimento suficiente sobre tudo isso, recolheu-se na presença de Deus, arquitetou planos, forjou seus projetos com rara prudência, para reformar os abusos, corrigir as falhas, reavivar a piedade e a virtude, tornar seu ministério proveitoso a todos e realizar o maior bem possível.

Antes de qualquer iniciativa, tinha o cuidado, como vimos, de submeter todos seus planos ao vigário, ouvir-lhe os conselhos, acertar tudo direitinho com ele e pedir-lhe aprovação de tudo quanto queria

---

[162] "Tudo o que posso dizer do Pe. Champagnat é que, tendo tido muitos contatos com ele, sempre o vi como um homem incomparável; muito austero para consigo, usava cilício; austero também para com os outros, mas sempre para o bem deles. Humilde e afável, sempre bom de conversar com todos. Era o Padre da Comuna de La Valla. Realizou um bem enorme na região. Todos o veneravam" (cf. Jean François Badard, Proc. Ord. Lyon, fol. 275). C. B. Badard, mano do Ir. Barthélemy e filho de Jean-Marie, sacristão).

[163] 1Cor 9,21-22.

empreender a favor da paróquia. Assim procedendo, cumpria apenas seu dever. Mas sabemos, por outro lado, que Champagnat prezava muito a dependência, tinha profundo respeito aos superiores e jamais queria fazer o bem segundo seu espírito próprio, mas sempre segundo as intenções e vontade deles. Sua máxima era: "o zelo, para ser agradável a Deus e proveitoso ao próximo, deve pautar-se pela obediência". Por isso, teria preferido abandonar um projeto, deixar de fazer uma boa obra a empreender, fosse o que fosse, contra a vontade dos superiores e sem o seu consentimento.

De mais a mais, não lhe era suficiente a aprovação genérica dos superiores, do bem que pretendia realizar; mas, nos pormenores de sua conduta, seguia-lhes as instruções e os conselhos, convencidos de que este seria o melhor meio de purificar o zelo, nada fazer por sentimentos naturais e obter a bênção de Deus sobre seus trabalhos.

Os primeiros beneficiados de seu zelo foram as crianças.[164] Desde os primeiros dias[165] de sua estada em Lavalla, ocupou-se da fundação dos Irmãos. Todavia, para não interromper a narrativa desta importante obra, falaremos, primeiramente, do que realizou para o bem da paróquia.

Convencido de que toda a vida depende dos princípios recebidos na juventude, cuidou especificamente das crianças, esforçando-se para lhe dar sólida instrução sobre as verdade da religião, formá-las à virtude e habituá-las nas práticas da piedade cristã. Ofereceu-se para encarregar-se da catequese. Dava catecismo todos os domingos em no inverno, durante quase todos os dias da semana. Seu modo de explicar o catecismo era simples e familiar. Exigia primeiro o texto. Os que sabiam ler deviam decorá-lo e ele mesmo ensinava-o àqueles que não sabiam ler. Por fim, explicava-lhe sentido por meio de breves perguntas. Ouviam-no com visível satisfação facilmente o que ensinava. Os olhos dos pequenos ouvintes estavam constantemente fixo nele. Sabia interessá-los e despertar-lhes a curiosidade por meio de comparações, parábolas e breves historietas. Com fim de despertar a emulação, às vezes fazia a mesma pergunta a várias crianças, ou lhes apresentava a

[164] Pelo final de 1816, o Pe. Champagnat abre uma escola em La Valla, na lugarejo de Sardier: escola mista, paga e entregue a um leigo (cf. FMS 1973, n. 6, p. 86).
[165] O Pe. Bourdin é menos categórico (cf. OME, doc. 166 [1], p. 437, nota 4).

questão de diversas formas. Após as respostas, salientava a melhor e dava um elogio a seu autor. Tomava muito cuidado para não confudir as crianças; ajudava-as a dizer o que sabia mal. Quando as via atrapalhadas, animava-as, sugerindo-lhes a resposta.

Apesar de ser bondoso e de fácil acesso, mantinha sempre atitude grave e séria, por respeito à palavra divina e à santidade do recinto, asim como para mater as crianças em silêncio e no devido respeito.

Conseguiu tal autoridade sobre todos, que bastava uma palavra de censura, o menor castigo, para acomodar os mais atrevidos e atemorizar os outros.[166] Certa vez um menino meteu-se a zombar de um colega e pertubá-lo. Chamou-o e mandou-o ficar de joelho na frente. O rapaz obedeceu e ficou ajoelhado de modo muito edificante. Quando terminou o catecismo. Todos se retiraram, mas o rapaz permaneceu naquela posição, com o mesmo recolhimento e com o mesmo respeito. Impressionado, o Pe. Champagnat aproximou-se tomou-o carinhosamente pelo braço para erguê-lo, elogiou sua docilidade e disse que podia sair.

A bondade que tinha para com as crianças, a ascedência e autoridade sobre elas, a atenção com que o escutavam causavam viva impressão em todos os presentes. A notícia de que o novo coadjutor era perfeito catequista e amigo das crianças difundiu-se na contigência de castigar. Seu método consistia em levar as crianças pelo coração, pela emulação, prêmios e elogios dados oportunamente. Os prêmios estam santinhos, terços e outras coisas semelhantes. Tais objetos, embora de pequeno valor, eram cobiçados como ouro, e os felizardos premiados com alguns deles conservavam-no como preciosodades.

Para que o catecismo seja realmente proveitoso às crinças, é preciso torná-lo atraente. E nisso o Pe. Champagnat era mestre. Por isso teve a alegria de ver seus catecismos seguidos com a máxima assiduidade. Frio, neve, chuva, nada conseguia deter as crianças quando se tratava de ir ao catecismo. Várias moravam a uma hora e meia, até duas horas da igreja. Isso não as impediam de chegar com antecedência, embora o catecismo começasse muito cedo. Muitas vezes algumas delas já se encontravam à porta da matriz antes do amanhecer.

---

[166] Cf. AA, p. 284.

Numa ocasião, entre outras, houve alguns quem enganados pelo luar, madrugara, e, depois de percorrer uma légua, chegaram à igreja, que estava fechada. O Pe. Champagnat apareceu pouco depois com uma lanterna, para rezar a missa. Ficou surpreso ao perceber um grupo de pessoas na porta da igreja. Ao aproximar-se, vendo que eram crianças do catecismo, sensibilizou-se profundamente. Abriu a igreja e as crianças entraram com ele. Percebendo que tinham ajoelhado num local exposto ao vento gelado vindo da porta, desceu do altar para colocá-las num lugar mais abrigado. Terminada a missa, deu o catecismo como sempre, e para estimular as demais, elogiou publicamente o zelo e a assiduidade daquelas crianças, recomendando-lhes, entrentanto, que não saíssem tão cedo de casa, pois poderia acontecer-lhes algum acidente.

Não limitava seus cuidados às crianças que se preparavam para a primeira comunhão, mas pedia, encarecidamente, que também lhe mandasse os menores. Temendo, porém, que alguns pais, principalmente os que moravam mais longe da igreja, não atendessem às suas recomendações, por demasiada ternura para com os filhos ou por exagerado receio de aventuras acidentes, usou outro expediente para atrair ao catecismo essas criaturinhas. Prometeu uma recompensa para quem trouxesse uma criança. O piedoso expediente produziu resultado maravilhoso. Já no dia seguinte, vários jovens voltaram com alegria e sofreguidão à catequese, trazendo, um, o irmãozinho; outro, o primo; um terceiro, o coleguinha ou o vizinho pelo qual se responsabilizara e que deveria levar de volta à mãezinha, sem acidente.

Os prêmios prometidos não tardaram e o modo como foram distribuídos despertou no coração de todos o desejo de mercer igual recompensa pela apresentação de um coleguinha. Com isso, o catecismo teve a freqüência muito aumentada e, em pouco tempo, reuniu todas as crianças da paróquia. O zelo do Pe. Champagnat devia estar satisfeito. Deus haveria de recompensá-lo, o que não tardou. Certo dia, um menino que se preparava para a primeira comunhão[167] veio acompanhado do maninho e apresentou-o ao Pe. Champagnat, para receber u santinho que lhe foi dado imediatamente. Mas, qiem era essa criança

[167] Jean Marie, penúltimo filho dos Rivat, nascido em 1805, cuja idade corrsponde ao que se diz aqui.

tímida, a transpirar candura e inocência? Era Gabriel Rivat, futuro Ir. Francisco, [168]seu sucessor imediato no governo geral do Instituto.

Os catecismos do Pe. Champagant, de atraentes, tornaram-se famosos na paróquia. Os adultos também quiseram tomar parte e, aos domingos, acorriam em grande número. Esses novos ouvintes obrigaram-no a alterar um pouco o estilo de suas instruções. Assim, depois de esclarece o texto da lição do dia, mediante perguntas claras, simples e ao alcance das inteligências mais limitadas, tirava conclusões morais para a conduta e reflexões apropriadas para sensibilizar os corações e levá-los à prática da virtude. Fosse qual fosse o assunto da lição, sabia destacar o que convinha para cada classe social, estado e idade. Por isso, os habitantes da Lavalla diziam dele: "Tem algo a dizer para todos, e ninguém vai ouvi-lo sem aproveitar os seus ensinamentos".

[168] Estamos, provavelmente, em fins de 1816 ou inícios de 1817. portanto, Gabriel está com oito anos.

CAPÍTULO QUINTO

Os sermões e as instruções familiares do Pe. Champagnat renovam a paróquia. Corrige os vícios e reforma os abusos. Zelo apostólico e caridade para com os enfermos.

Os sermões[169] do Pe. Champagnat não produziram menos frutos do que os catecismos. No púlpito expremia-se com veemência. Nele, tudo falava: o gesto, a aparência humilde e piedosa, o tom de voz, a palavra viva, sonora e inflamada, tudo contribuía para comover e convencer os ouvintes. Nunca subia ao púlpito sem ter-se preparado pelo estudo, reflexão e oração. Começou com breves exortações. A primeira consistia em simples reflexões. Entretanto, agradou a todos os ouvintes. Ao saírem da igreja, diziam: "Nunca tivemos aqui um padre que pregasse tão bem!" Essa opinião difundiu-se na paráqua e nas famílias procuravam informar-se do dia em que ele devia pregar. O povo acorria então e a igreja ficava sempre cheia.

Habitualmente os sermões versavam sobre as grandes verdades: morte, juízo, inferno, gravidade do pecado, necessidade da salvação e a desgraça da condenação eterna. Pregava essas verdades comtanta veemência quem por várias vezes, arrancou lágriamas do auditório e abalou os pecadores mais empedernidos. Suas palavras, repassadas de clareza, ardor e unção, empolgavam os espíritos e sensibilizavam os corações. Às lágrimas que corriam dos olhos sucederam os remorsos, o arrependimento de ter ofendido a Deus e o desejo sincero de recuperar a graça divina e de, no fundo, servir a Deus com fidelidade. Em pouco tempo operou-se maravilhosa transformação em toda a paroquia. A fé revigorou-se, a piedade refloreceu, os sacramentos voltaram a ser freqüêntados e a renovação foi quase geral.

As instruções do Pe. Champagnat produziu frutos abundantes, preciosos e duráveis, sobretudo entre as pessoas idosas. A maioria fez com ele confissões gerais,com o sentimento da mais profunda contrição. Houve numerosíssimas confissões gerais, com frutos incalculaveis que mudaram a fisionomia da paróquia. As conversões, iniciadas

[169] Cf. A. BALKO, "Os manuscritos do Padre Champagnat e suas fontes" *in Marcelino Champagnat e sua missão*, p. 57-73.

nos sermões, completavam-se no confecionário. Inexprimível era a bondade do seu coração para com os penitentes: falava-lhes com tanto carinho tanta caridade e tanta convicção, que muitas vezes eles prorrompiam em choro. Suas palavras tinham o dom particular de incutir horror ao pecado, afastar do vício e despertar o amor e à virtude. Falava: "Ele é de Rozet,[170] por isso as palavras dele são macias e agradáveis como as rosas". Entrentanto, apesar de repassadas de doçura, suas exortações, nem de longe, bajulavam os pecadores. Pelo contrário, levavam-nos ao arependimento, ao ódio do pecado e à vontade impaciente de se livrar dele e inspiravam o propósito de abandoná-lo de vez. A quase totalidade dos que ele teve a felicidade de converter perseverou na prática da virtude.

Antes de sua vinda a Lavalla, muitas pessoas não se confessavam havia muito tempo. Outras contentavam-se com a confisão pascal, cumprindo raramente os demais deveres religiosos. O Pe. Champagnat teve a consolação de converter a uns e reavivar a fé de outros. Falou-lhes com tanto empenho e unção dos bem infinitos que temos em Jesus Cristo, e dos sacramentos que no-los comunicam, que os confessionários foram assediados e as comunhões mensais quadruplicaram. Como a maior parte dos fiéis se dirigia a ele,[171] aos sábados, domingos e grandes festas, via-se constrangido a passar grande parte da noite no confessionário. Aos domingos e dias santos ia cedinho à igreja. Já encontrava muita gente esperando para confessar-se. Trancava-se no confessionário até as onze, quando saía para cantar a missa solene, sempre seguida das vésperas.[172]

Costume de cantar as vésperas após a missa solene despertou-lhe a idéia de estabelecer, à noite, uma breve celebração pública para o povo da vila de Lavalla e para aqueles que moravam mais perto da igreja. A celebração, aprovada pelo vigário, consistia no canto das

---

[170] Grafia usada nos mapas atuais. No instituto preferiu-se adotar Rosey.

[171] Testemunho apresentado por ocasião do processo de beatificação: " O Pe. Chamapagnat era ótimo confessor, apreciadíssimo pelos fiéis. Não acho que tenha sido severo; era, como se diz familiarmente, um papaizinho, fazendo tudo com calma e com muita bondade para com os pecadores" (cf. Abbé Pierre Louis Mallaure, Proc. Apost. Lyon, fol. 775).

[172] Os paroquianos das povoações afastadas não teriam podido voltar à igreja para celebrar este ofício, na parte da tarde.

compleas com a oração da noite e piedosa leitura acompanhada de reflexões. Com o Pe.Champagnat imprimia entusiasmo em tudo, em pouco tempo a celebração da noite era participada por todos os fieis da vila. As leituras, exortações, reflexões imples, variadas, porém sempre comoventes, foram, talvez, o recurso mais eficiente que usaca para formar à piedade e à sólida virtude tão grande número de cristãos fervorosos que se tornaram a glória e a edificação da paróquia. Nesses contatos familiares, estava nos mínimos pormenores dos deveres cristãos, das práticas de piedade próprias a santificar as ações do dia e torná-las meritórias para o céu. Aqui vão alguns exemplos:[173]

"Caríssimos irmãos (dizia num domingo), estamos no tempo dos grandes trabalhos. Os dias são longos e o calor, sufocante. Vocês para o trabalho de manhã muito cedo e volta, muitas vezes, somente a noite. Cansam-se e suam o dia inteiro. Quantos méritos podem juntar para o céu., se quiserem! Como se tornarão agradáveis a Deus! Quantas graças derramará sobre vocês, se souberem santificar as ações e os sofrimentos! E para isso, o que é que precisam? Oferecê-los de manhã a Deus e unir as canseiras e dores às de nosso Salvador. Antes de iniciar a jornada e, de vez em quando durante o dia, ofereçam o trabalho a Deus. Digam-lhe: *Meu Deus, quero fazer e suportar tudo isso para fazer vossa vontade, imitar Jesus Cristo, expiar meus pecados, merecer vossos favores e o céu, e também para que abençoeis meus filhos e tudo o que me pertence.*

Caríssimos irmãos, procedendo assim, vocês serão ótimos cristãos, verdadeiros filhos de Daeus. Seus trabalhos se converterão em oração contínua. Seus passos, ações, gotas de suor serão contados, e tudo será recompensado. Como vai agradar a Deus quem agir desta maneira! Que tesouro de merecimentos ajuntará para a eternidade! Que glória e que recompensa o esperam no céu! Está aí, caríssimos irmãos, o grande segredo para garantir a salvação, conquistar esplêndida coroa e tornar-se santo sem passar trabalho; porquanto, o cuidado de oferecer as ações e os cansaços a Deus não vai fazer com que o seu trabalho seja mais pesado. Pelo contrário, vai torná-lo mas leve, porque o farão por amor de Deus; e este bom pai os ajudará, forificará e

[173] O Ir. João Batista compõe bastante livremente os sermões que vão ser citados. Não existe os manuscritos correspondente.

consolará; vai abençoá-los e lhes dará a prosperidade. Vocês terão paz interior e a certeza de que esses dias de canseira serão seguidos de merecido descanso e que os sofrimentos momentâneos serão recompensados pelo felicidade sem fim".

Em outra ocasião dizia-lhes: "Caríssimos irmãos, aproveitem as oportunidades que se apresentam para praticar a mortificação.

Estamos na época da colheita das frutas. Vocês vivem com elas diante dos olhos ou nas mãos. Não comam frutas fora da refeição. Certamente não é pecado comer uma fruta; é, porém, excelente mortificação abster-se por amor a Deus e por espírito de penitência. Este ato de virtude e outros semelhantes que vocês têm a oportunidade de praticar diariamente, como suportar os defeitos do próximo, refrear a língua a fim de evitar faltas contra a caridade etc., além de levá-los a vencer as paixões e evitar o pecado, lhes merecerão copiosos bênçãos, a proteção de Deus, e lhes garantirão grande recompensa. Vistas isoladamente, essas pequenas mortificações, esses pequenos atos de virtude, parecem pouca coisa; em quantidade, porém, são verdadeiro tesouro. Fazendo dois ou três por dia, no fim do ano vão chegar a várias centenas. No fim da vida, embora vocês os tenham esquecido, Deus se lembrará de todos, e o número será tão grande que não poderão contá-los. Aproveitar, pois, de todas as oportunidades diárias de praticar a mortificação é meio seguro de adquirir muitos merecimentos, de santificar-se discretamente, sem que ninguém pereba e sem expor-se a ficarem vaidosos".

Em outra ocasião dizia às mães de família: "Não há dúvida de que vocês amam seus filhos. Gostaria de vê-los bem educados e abençoados por Deus. Ficariam muito alegres se um anjo viesse dizer-lhes: 'Um dia seu filho será santo'. Pois bem! Isto depende de vocês; acontecerá se quiserem. Se o educarem direitinho, se o formarem à virtude e à piedade desde a mais tenra infância, garanto-lhes, em nome de Deus, que será um predestinado. Todavia ouço dizer que é dificílimo educar cristãmente as crianças, que teriam satisfação imensa em dar boa educação aos filhos, mas não sabem como fazer. Puro engano! Educar um filho é muito fácil para os pais. Pensem bem".

"Mães de família, ofereçam a Deus, todos os dias, o nenê que levam no colo. Consagremo-no, também, diariamente à Santíssima

Virgem. Peçam à divina mãe que ele cresça ajuizado, conserve a inocência batismal e se salve. De vez em quando, venham oferecê-lo a Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento do altar. Roguem ao divino Jesus, que tanto amou as crianças, que abençoe seu filhinho, a fim de que, crescendo em idade,[174] cresça também em sabedoria e graça. Logo que começar a falar, ensinem-lhe a repetir freqüêntemente os santos nomes de Jesus e Maria. Habituem-no a fazer isto de manhã e à noite. Mantenham-no junto a vocês. Não lhe permitam freqüêntar maus companheiros ou qualquer pessoa que poderiam escandalizá-lo. Dêem-lhe sempre bons exemplos. Façam tudo para incutir-lhe aversão estrema ao pecado grave. Digam-lhe, algumas vezes, que um só pecado mortal constitui a maior de todas as desgraças, que prefeririam ver a casa pegar fogo a presenciar ofensas a Deus. Falem-lhe, amiúde, da Primeira Comunhão. Aconselhem-no a fazer diariamente uma oração em preparação. Aos domingos, tragam-no à igreja ensinem-lhe a acompanhar a missa e a participar devotamente das orações, como vocês sabem fazer. Sobretudo, não se esqueçam de inspirar-lhe grande devoção a Nossa Senhora. Habituem-no a dirigir-lhe todos os dias algumas orações e a recorrer a ela em todas as necessidades, com inteiira confiança."

"Será que é difícil fazer o que lhes acabo de dizer? De jeito nenhum. Entretanto, é suficiente para dar a seu filho educação cristã e assegurar-lhe a salvação eterna. Criança educada desse jeito nunca vai ser condenada. Mas nunca! Nossa Senhora não poderá permitir que uma alma a ela consagrada repetidas vezes seja condenada e, se por infelicidade viesse um dia a transviar-se, ela saberia reconduzi-la ao caminho da salvação. Nosso Senhor não permitirá que uma criancinha, muitas vezes a ele oferecida para ser abençoada, venha a degenerar, a perder a graça divina e o céu."

"Conta o Evangelho que o divino Salvador, um dia, tomando um menino, abraçou-o e lhe deu a bênção. Acredita-se que esse menino era S. Marcial. Bastou uma única bênção de Jesus Cristo para garantir-lhe a salvação e fazer dele um santo. E vocês acham que, se Ele abençoar seus filhinhos todos os dias, eles podem ir para o inferno? Não, não é possível. Criança freqüêntemente consagrada a Jesus e

[174] Lc 2,52.

Maria nuca vai ser condenada." Tais reflexões calaram fundo no ânimo dos ouvintes e, no domingo seguinte, apareceram na igreja os pais cercados dos filhos; e as mães, das filhas.

Outras vezes em suas instruções familiares ou nos sermões, atacavam com veemência os vícios, os abusos e as desordesns na paróquia. Bebedeiras, danças, reuniões noturnas, juras, blasfêmias e a leitura de livros perniciosos foram alvo de suas mais rigorosas recriminações. Um meio muito eficaz, inspirado por seu zelo para acabar com as reuniões perigosas e as danças[175] que se organizavam em certas épocas do ano, na maioria das aldeias, foi ensinar o catecismo no mesmo dia em que, habitualmente, se ralizavam tais reuniões. Ao ser informado (havia pessoas para informá-lo) da realização de alguma dessas reuniões. Anunciava, do alto do púlpito, que em tal dia haveria catecismo na povoação. Em geral, bastava o anúncio para impedir a reunião, por enquanto era muito temido e respeitado.

Um dia, chegando da igreja, após atender as confissões até altas horas da noite, em vez de jantar disse ao Irmão que o aguardava:

- Vou sair.

- Padre, aonde vai a estas horas?

- Visitar um doente.

- Antes precisa jantar.

Não, não tenho tempo.

Vendo-o sair, o Irmão ofereceu-se para acompanhá-lo. Aceitou. O doente não estava em perigo, mas o Pe. Champagnat pensava em outra coisa. É que ao voltar da igreja, tinha recebido informação de que haveria danças em várias povoações. Era tempo de carnaval. Na primeira aldeia, de fato, pegou de surpresa uma turma grande. Cantos

[175] Não era só o clero que se opunha à valsa. Em 8 de julho de 1807, *o Journal de Paris* escreve: " Há muito tempo que os esposos, as mães e todas as pessoas sensatas protestam contra a valsa. J. J. Rousseau dissera que ele jamais permitiria que sua filha, nem sua mulher, dançasse a valsa. Com efeito, nenhuma dança é mais propícia a virar a cabeça das mulheres e incendiar seus sentidos". Evidentemente o Pe. Chapagnat partilhava das opiniões de seu tempo. Pôs-se em pé de guerra contra as danças em La Valla (cf. I. Pierri ZIND, *seguindo os passos de Marcelino Champagna*, Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas. 1988, p. 159-161: Guerra à valsa).

e danças, tudo fervia. Depois de ficar um tempo escutando à porta, abre-a, entra de repente. Em silêncio, fita a assembléia com olhar fulminate. Num abrir e fechar de olhos, cessam canções e danças; os espectadores sentados se levantam e todos, dançarinos e espectadores; por um instante, quedam-se estupefatos. A seguir, precipitam-se em tumulto, portas e janelas a fora para fugir. Outros escondem-se. Alguns, não podendo fugir depressa devido ao acúmulo de gente, atiram-se e se apinham debaixo das mesas. A dona da casa, pouco depois, apresentou-se sozinha ao padre, pedindo-lhe perdão, lágrimas nos olhos, mãos postas, alegando para deculpar-se, ser a primeira vez e também a última. O Pe. Champagnat lhe replicou, com sua firmeza habitual: "E nas primeira vez a senhora foi pilhada em flagrante".

Encaminhou-se em seguida para outras aldeias. Numa delas encontrou mas uma dança organizada, que terminou como a primeira. Foi difícil o retorno a Lavalla: a noite estava muito escura, os caminhos entransitáveis e cobertos de gelo. Por sorte levara um bastão, com o qual sondava o caminho. Mesmo assim, caiu várias vezes. Chegou pouco depois da meia-noite. Depois de se aquecer um pouco, foi se deitar, sem tomar absolutamente nada,[176] pois não se dispensava de celebrar a missa.

Em outra ocasião, informado de que em lugar distante ia realizar-se um baile à noite, resolveu ir até lá, na intenção de impedi-lo. Terminada a oração da noite, depois de ler, à pequena comunidade, o tema da meditação do dia seguinte, disse a um Irmão: "Vou sair . venha comigo".

"Eu o segui, refere o bom Irmão. Embora acompanhá-lo sempre fosse um prazer para mim, naquela vez não estava muito satisfeito, pois eram péssimas as condições atmosféricas: caía uma chuvinha gelada e a escuridão da noite era intensa. Após andar um pouco por um caminho estreito, beirando a montanha, deu um passo em falso e caí num precipício donde não pude mais sair. Foram inúteis todas as dicas que o Pe. Champagnat me dava, para libertar-me. Desceu, então, ele mesmo ao precipício e pós-se a procurar-me entre os arbustos. Só a muito custo conseguiu agarrar-me e me recolocar no caminho.

[176] A lei do jejum eucarístico não permitia tomar bem uma gota d'água a partir da meia noite.

Ao chegar perto da aldeia, algumas pessoas notaram nossa diferença, os latinos dos cães deram o alarme e a reunião se dispersou de supetão. Na volta, o Pe. Champagnat disse: 'Regozijemo-nos, Irmão, por termos impedido que se odendesse a Deus. São João Francisco Régis afirmava que se sentiria feliz e muito bem recompensado de tudo quanto sofrera durante a vida percorrendo as povoações ruruais, se com todos os seus trabalhos e sofrimentos tiveram evitados um só pecado mortal. Ousaríamos, então, queixar-nos porque nos molhamos um pouco, porque esbarramos nas pedras vez por outra, ou caímos desajeitamente num despenhadeiro e nos esfolamos as mãos? Pelo contrário demos graças a Senhor por nos ter concedido o favor de sofrer[177] alguma coisa por Ele e pelo bem do próximo'."

Censurava com tanta força, do alto do púlpito, essas desordens e instituiu tanto junto aos jovens e seus pais, que conseguiu eliminar completamente tais reuniões noturnas.

Outro vício que lhe deu ainda mais trabalho: a embriaguez. Erradicou da paróquia à custa de preces, exortações e ameaças dos castigos divinos. As tabernas, geralmente lotadas à noite antes de sua chegada a Lavalha, tornaram-se desertas. Evitava-se até mesmo fregüêntá-las durante o dia. Quando as exortações do alto do púlpito não surtiram efeito, dirigia-se pessoalmente à casa dos culpados, pedia-lhes com insistência, exortava-os e os ameaçava, até que prometessem mudar de vida.

Empreendeu igualmente a tarefa de expurgar a paróquia dos livros perniciosos. Teve êxito. Todos os livros maus[178] foram destruídos e substituídos por livros bons que versavam sobre religião e piedade. Tomou providência para montar uma biblioteca com a finalidade de oferecer bons livros a quem quisesse ler. Encarregou-se pessoalmente da distribuição dos livros aos jovens, para ter ocasião de aconselhá-los e orientá-los na prática da piedade e da virtude. A montagem da biblioteca exigiu dele muitos sacrifícios; quando se tratava, porém, de fazer o bem e de evitar o mal, não olhava dinheiro. Dava

[177] At 5,41.

[178] Esta época assinalou-se por intensa difusão das obras dos filósofos, especialmente de Voltaire. A venda era feita por vendedores ambulantes. Muitas vezes, durante as missões um dia era consagrado à queima dos maus livros.

tudo o que tinha, contar.

Nas andanças e visitas pela paróquia, pedia delicadamente às pessoas lhe mostrassem os livros que tinham em casa. Caso encontrasse alguns nocivos ou suspeitos, levava-os embora. Em certa ocasião recolheu tantos, que serviram para alimentar o fogo da lareira por mais de um dia. Freqüêntemente não se contentava com o empréstimo de livros. Doava-os. Entregando-os aos pais, recomendava-lhes a leitura em particular ou em família. Ele mesmo, nessas oportunidades, fazia de vez em quando, na presença da família reunida em pequena leitura com alguns comentários feitos ou provocados por ele, conforme o caso.

A obra, porém que mais lhe custou e onde seu zelo brilhou com mais fulgor foi talvez a visita aos doentes e o cuidado de administrar-lhes os sacramentos. Dia e noite, estava sempre disposto a sair quando solicitado. Nem esperava que o chamassem. Sabendo da existência de algum doente, ia visitá-lo. Geada, chuva, neve, nada o segurava. Enfrentava tudo quando se tratasse de levar os socorros da religião a um agonizante.

No decorrer do inverno de 1820, avisaram-no de que uma pobre mulher estava nas últimas e não podia confessar-se, porque o tempo era péssimo. Caía tanta neve, que o vigário nem tantara sair para assiti-la. De fato, o tempo estava tão ruim que ninguém se atrevia a sair de casa. Vento impetuoso carregava turbilhões de neve que impossibilitavam a visão a cinco passsos de distãncia e apagava as estradas. Insensível aos pergigos que enfrentaria, o Pe. Chamapagnat parte imediatamente e vai confessar a doente, que morava a duas léguas[179] de Lavalla. Felizmente para ela, pois faleceu logo depois de ser atendida. “Nunca vi o Pe. Champagnat tão alegre e contente como nesse dia”, conta um Irmão, testemunho do fato. Não cessava de dar graças a Deus por ter chegado a tempo de administrar àquela senhora os sacramentos da Igreja. Sua gratidão não foi menor por ter sido preservado, pessoalmente, de todos os riscos da viagem, pois a gravidade da situação era de meter medo. Dizia rindo: “Se Deus não tivesse dado um jeitinho, se não tivesse vindo em nosso auxílio, dessa não nos teríamos safado”.

[179] Esta indicação permite concluir que se trata da paróquia de Tarentaise.

Noutra oportunidade, em razão das péssimas condições climáticas, o "secretário", [180]embora forte e robusto, recusava-se a acompanhá-lo para levar o santo viático a um doente: "Coragem, meu amigo, lhe dizia o Pe. Champagnat, Deus nos ajudará". Estava mesmo precisando da ajuda divina e o pobre "secretário" sentiu-o logo. Um manto espesso de neve cobria a terra. O vento que era absolutamente impossível encontrá-los. Apesar de conhecer bem a região, o "secretário" extraviou-se e acabou caindo numa represa cheia d'água. De lá saiu somente com a ajuda do Pe. Champagnat. Livre do perigo, pediu ao Padre que não contasse a ninguém a aventura. Assim que chegou a casa, caiu na cama para se aquecer e prevenir qualquer doença.

O Pe. Champagnat, receando que o acidente trouxesse conseqüência desagradáveis para a saúde de seu "valente" companheiro, visitou-se pouco depois e, encontrando-o acamado, disse gracejando:

- Que lhe aconteceu? Faz algumas horas deixei-o em perfeita saúde!

- Não precisa fazer mistério, recrutou o "secretário", já contei tudo. Pensei que o senhor não haveria de guardar segredo. Reze por mim que aquele banho não me prejudique a saúde. O senhor me prometeu que Deus haveria de proteger-me; entretanto, Ele não impediu que me molhasse até o pescoço.

- Repito, disse o Pe. Champagnat, Deus cuidará de você. Não tenho medo; se Ele o fez passar pela água, agora o faz passar pelo fogo[181] que vai curá-lo inteiramente.

Quando chamado para assistir algum doente, o Pe. Champagnat deixava qualquer outra preocupação para ir socorrê-lo. Se o doente estivesse em perigo, apressava-se para chegar a tempo: "Em tais circunstâncias, narra ingenuamente alguém que fizera a experiência, se o

---

[180] Com certeza, Jean-Marie Badard, pai do Irmão Berthélemy. Na época do nascimento de Baerthélemy (1804), é designado como fabricante de pregos. Mas tarde (1808, 1817, 1825) nos registros do Estado civil, é chamado de "clerc de la paroisse da paróquia" (amanuense da paróquia). O mano caçula de Berthélemy, Jean-François, deu seu depoimento em 1886 e conta o mesmo caso a respeito do pai: "Caí numa represa gelada e nada de mal me aconteceu... Meu pai era sacristão nesse tempo" (cf. AFM, Témoignage de 1886, 140/3, p. 17)

[181] SL. 66,12.

acompanhante fosse homem forte e robustoo, conseguia sair-se bem, embora com muito suor. Se fosse, porém, jovem de quinze a dezesseis anos, como às vezes acontecia, o pobre rapaz levava uma canseira que valia por quatro".

Após atender um doente, costumava fazer às pessoas presentes breves e comoventes reflexões sobre a necessidade de se prepararem para a morte, sobre o nada das coisas terrenas ou sobre outro assunto,conforme o tempo e as circunstâncias. Mas de uma vez suas comoventes exortações emocionaram tão profundamente alguns pecadores, que eles se converteram e pediram para se confessar.

Não se contentava com visitar, uma ou duas vezes, os doentes para confessá-los; ia vê-los mais vezes, preparava-os para o bem morrer e fazia-os produzir atos condizentes com seu estado.

Sendo extremamente bondoso, falava sempre de Deus com muita unção. Era, assim, para os doentes motivo de consolação vê-lo e ouvi-lo.

Certo dia, saiu às cinco horas da madrugada para confessar enfermos e prepará-los para a Páscoa. Após confessar todos os que moravam na sede da paróquia, ocupou-se o resto do dia em procurar, nos povoados, os homens que ainda não se havia confessado. Não os encontrando em casa, ia buscá-lo no campo ou no mato. Falou-lhe com tanta bondade e tanta insistência, narra o Irmão que o acompanhava, que ninguém resistiu a seus pedidos e solicitações. Todos prometeram procurá-los em casa e cumpriram a palavra. No dia seguinte e nos dias subseqüêntes, visitou outro setor da paróquia para realizar o mesmo trabalho pastoral junto aos enfermos e aos pecados obstinados.

Muitas vezes suas caminhadas tinham por objetivo restabelecer a harmonia e a paz nos lares ou entre as pessoas: gozando de confiança e estima de todos, era solicitado para arbitrar as eventuais desavenças na poráquia. Quantas vezes conseguiu restabelecer a concórdia em famílias desunidas, reconciliar inimigos, erradicar velhas discórdias, silenciar os detratores do senhor vigário, de cujo procedimento se queixavam! Seu espírito conciliador, caráter alegres e modos simples, bondosos e afáveis conquistaram-lhe os corações; bons e maus gostavam dele e aceitavam com prazer, ou pelo menos sem maior dificuldade, seus avisos, conselhos e mesmo as repreensões.

Possuía o raro talento de agradar, mesmo quando estava corrigindo.[182] Como o bom médico, que deve receitar remédios amargos, trata de adoçá-los o máximo possível, assim o Pe. Champagnat conferia sempre as censuras uma expressão agradável, mediante algumas palavras de desculpa, elogio ou encorajamento, levava assim a confessarem as faltas e temerem as conseqüências da via desregrada, sem melindrar o amor próprio.

Num domingo encontrou um homem foiçado. Observou-lh que este trabalho era proibido nesse dia, por se tratar de tarefa desnecessária. O homem largou imediantamente o trabalho. O Pe. Champagnat, para amenizar a reprimenda, disse-lhe:

- Meu amigo, você ignorava que fazia mal. Estou certo de aqules modos afáveis. Seja como for, prometo-lhe não recomeçar.

Quando voltava das penosas andanças, habitualmente achava-se exausto e banhado em suor. Entretanto, em vez de repousar, punha-se imediantamente ao trabalho, se aceitar nenhuma proposta de refrigério. Nada comia em casa alheia, exceto em casos de extrema necessidade ou se houvesse motivos graves para agir de modo diferente. Uma reflexão, que certa vez lhe escapou, mostra-nos com clareza o grau das canseiras, dos labores e de tudo quanto sofreu durante os oito anos que esteve de coadjuntor na paróquia de Lavalla.

Passando mais tarde com um de seus íntimos amigos nos morros de Pilá e atravessando uma parte da paróquia, lançou o olhar sobre essa região que já percorrera em todas as direções. Parou de repente e exclamou: “Quantos passos dei nesses morros! Quantas camisas encharquei nesses caminhos! Acho que se reunisse neste vale todos os suores vertidos em minhas caminhadas, haveria água suficiente para tomar banho”. Acrescentou em seguida: “Mas, se muito suei, tenho a grata consolação de que, graças a Deus, nenhum doente morreu sem receber o tempo os socorros da religião. Isto é para mim uma das minhas maiores alegrias”.

[182] Carta do Champagnat ao Ir. Dominique, em 23 de novembro de 1834 (LPC 1, doc. 49, p. 128 e comentário no BI, n. 216, 1974, p. 231)

CAPÍTULO SEXTO

O Pe. Champagnat funda o Instituto dos Irmãozinhos de Maria. Vocação dos primeiros Irmãos. Normas de proceder que lhes dá.

As preocupações do ministério sacerdotal e os frutos de salvação que operava nas almas não conseguiam fazer o Pe. Champagnat esquecer o projeto dos Irmãos. A idéia o perseguia em toda parte: no afã das tarefas mais absorventes, nas viagens e visitas aos camponeses, que viviam na maior ignorância, nos catecismos das crianças, nas horações e mesmo no altar durante a celebração do santo sacrifício da missa. Em seus íntimos colóquios com Deus jamais esquecia o projeto. Freqüentemente rezava: "Eis-me aqui, Senhor, para cumprir a vossa divina vontade"[183]. Às vezes, temendo ser vítima de ilusão exclamava: "Meu Deus, afastai de mim esse pensamento se não vier de vós[184] ou se este projeto não contribuir para vossa glória e a salvação das almas". Tais perplexidades, nascidas de profunda humildade, não o impediam de preparar a execução de seu plano.

Desde o primeiro dia[185] em Lavalla fixava os olhos sobre um jovem pensando fazer dele o primeiro membro da nova sociedade que pretendia fundar. O jovem veio convidá-lo, certa noite, para confessar um doente. O Pe. Champagnat aproveitou o ensejo para falar-lhe de Deus, das vaidades das coisas terenas, para iniciá-lo na prática da virtude e sondar-lhe as perspectivas quanto ao modo de vida. As respostas e os bons sentimentos do jovem lhe agradam tanto que no dia seguinte foi visitá-lo em casa,[186] levando-lhe o *Manual do Cristão*.[187] Como João Maria Granjon (assim se chamava o rapaz) recusasse acei-

---

[183] Sl 39,9; Hb 10,9

[184] Ficou com a certeza moral de que a sociedade dos Irmãos devia ser fundada e, por ocasião de sua demissão em 1837 (OME, doc. 152, p. 330), ele lembrará que receberá, dos outros futuros maristas, a missão de responsabilizar-se pelo ramo dos Irmãos Maristas.

[185] Pela segunda vez, o autor fala de "primeiro dia" (cf, nota '4 do cap. 4)

[186] O Pe. Bourdin diz o seguinte: "Premier dim (anche) d'octobre f(rère) J(ean) Marie..." Traduzindo: "No primeiro domingo de outubro, Irmão JoãoMaria – muito ajuizado – veio procurar por um doente em La Rive (aldeia de La Valla), lá ele travou conhecimento" (OME, doc. 166 [11], p. 437. Também LPC 2, P. 300).

[187] Livro que continha o Novo Testamento, os Salmos, a Imitação do Cristo e alggumas orações, entre as quais o Ofício da Santíssima Virgem.

tá-lo, alegando que não sabia ler, o Pe. Champagnat respondeu-lhe. "Tome-o assim mesmo. Com ele aprenderá a ler, e, se quiser, eu mesmo lhe darei aulas de leitura.

Pouco depois convidou-o a morar na vila, para poder visitá-lo masi vezes e dar-lhes aulas mais seguidas. João Maria Granjon veio, então morar perta da igreja e, orientado pelo Pe.Champagnat, não só aprendeu a ler e a escrever, mas também se tornou para toda a paróquia modelo de piedade e virtude.

A essa altura, um acontecimento, sem dúvida providencial, veio desfazer todas as incertezas do Pe. Champagnat, levando-o, sem mais delongas,a ocupar da fundação do Instituto dos Irmãos. Chamado a confessar um jovem doente[188] num povoado, pôs-se imediatamente a caminho, conforme seu costume. Antes de ouvi-lo em confissão, fez-lhe uma série de perguntas para saber se tinha as disposições necessárias para receber os sacramentos; estremeceu a verificar que ele ignorava os principais mistérios, não sabendo nem mesmo se Deus existia. Aflito por encontrar um rapaz de doze[189] anos mergulhado em tão profunda ignorância, e temendo vê-lo morrer nessa situação, sentou-se ao lado do doente e começou a ensinar-lhe os principais mistéios e as verdades essenciais da salvação. Assim, levou duas horas para instruí-lo e confessá-lo. Não foi sem grandes dificuldades que conseguiu ensinar-lhe as coisas mais indispensáveis, pois o jovem se encotrava tão doente que mal entendia o que ele falava. Depois de o ter confessado e feito repetir, várias vezes, atos de amor a Deus e de contrição, a fim de dispô-lo a bem morrer, deixou-o para atender a outro doente, na cada vizinha.

Ao voltar, perguntou como estava o rapaz: "Morreu instante após sua saída", responderam os pais em lágrimas. Então ficou alegre, por ter chegado em tempo, mas também temeroso, em razão do perigo em que estivera o jovem, cuja condenação eterna ele, talvez, acabava

---

[188] Jean-Baptiste Montagne, residente no lugarejo de Palais, além de Bessat (OM 4, p. 220).

[189] O Ir. Francisco, numa conferência, faz alusão ao jovem moribundo, cuja morte vai estimular o zelo do Pe. Champagnat; mas lhe atrinui a idade de 17. Este adolescente, Jean-Baptiste Montagne, nasceu no dia 20 de floreal do ano 8 (10 de maio de 1800) e morreu em 28 de outubro de 1816. tinha, pois 16 anos e meio (cf. Registre de cotholicité de La Valla).

de impedir. Voltou todo compenetrado destes sentimentos, cismando: "quantos outros meninos se encontram, todos os dias, na mesma situação, correndo o mesmo risco, por não haver ninguém que os instrua nas verdades da fé". E então, o pensamento de fundar uma sociedade de Irmãos, destinados a prevenir tão sérias desgraças, ministrando as crianças a instrução cristã, perseguiu-o com tamanha insistência, que foi ter com João Maria Granjon e lhe comunicou todos os seus planos. Após fazê-lo compreender o grande bem que o Instituto a ser fundado poderia realizar, perguntou-lhe se gostaria de fazer parte dele, dedicando-se à educação de crianças.

O jovem, que o escutava com a máxima atenção, respondeu: "Estou à sua disposição, faça de mim o que lhe aprouver. Sentir-me-ia imensamente feliz em consagrar as forças, a saúde e até minha vida a intrução cristã da infância, se o senhor acho que eu dou para isso". Maravilhado com a resposta, diz-lhe o Pe. Champagnat: "Coragem! Deus o abençoará e a Santíssima Virgem vai trazer-lhe colegas". A promessa não demorou em se concretizar. Já no sábado[190] daquela semana, um adolescente apresentou-se para abraçar o mesmo estado de vida.

João Batista Audras,[191] rapaz de inocência e pureza angélicas, depara como livrinho *Pense bem nisso* e o lê com avidez. A leitura fê-lo chorar e tomar a resolução de salvar-se do jeito que pudesse. Ajoelha-se, pede a Deus o que deve fazer para servi-lo perfeitamente e se levanta com a resolução de abandonar o mundo e ingressar na Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs. Depois de meditar o projeto por alguns dias, declara seu intento aos pais que não lhe dão crédito, julgando ser mera veleidade infantil. [192]Passara alguns meses e a idéia de abraçar o estado religioso, em vez de se apagar, se fortalecia.

No domingo de madrugada, vai assistir à missa em Saint-Pierre de Saint-Chamond. Apresenta-se depois aos Irmãos das Escolas Cristãs,[193] pede uma entrevista com o Irmão Diretor, expõe-lhe o pla-

[190] O primeiro sábado depois de 28 de outubro de 1816 caía no dia 2 de novembro.
[191] LPC 2, p. 339-340 e BQF, p. 1-32.
[192] Nascido no dia 2 de messidor do ano 10 (igual 21 de junho de 1802. Tem, pois, 14 anos e meio (OM 4, P. 189).
[193] O cardeal Fesch vai fazer de Lião a sede dos Irmãos. Abrem escolas na região.

no e suplica-lhe que o ajude na execução, escrevendo em seu favor ao Superior Geral do Instituto. O Irmão Diretor, comovido com as boas disposições do candidato, confirma-o no seu piedoso propósito, mas faz-lhe ver que é muito jovem para ingressar no noviciado.[194] Aconselha-o a recomendar a Deus a vocação e a consultar o confessar a respeito. As palavras do bom Irmão não o satisfizeram plenamente. Embora se achasse feliz ao ver ratificando seu projeto de abandonar o mundo e na certeza de ser aceito pelos Irmãos das Escolas Cristãs, sentia-se aflito por ser obrigado a esperar ainda algum tempo. Porém, a docilidade em fazer o que lhe fora aconselhado valeu-lhe realizar seu desejo mais cedo do que imaginava.

No sábado seguinte foi confessar-se com o Pe. Champagnat. Revelou-lhe as intenções, assim como as diligências feitas, à revelia dos pais, para entrar no Instituto dos Irmãos, e a resposta que recebera. Depois de ouvi-lo e examinar as razões de sua vocação, o Pe. Champagnat viu nele a segunda pedra do edifícil que se propunha a construir. Seria a primeira, pois, como veremos adiante, o outro jovem não perseverou. Contudo, não julgando oportuno o momento para manifestar a seu penitente o que pensava, contentou-se com animá-lo a persistir no propósito de abraçar a vida religiosa, concitando-o a rezar com fervor para discernir a vontade de Deus a seu respeito. No entanto que o jovem Audras prestava muita atenção, recolheu-se por alguns instantes para examinar perante a Deus os conselhos que lhe devia dar. Naquele exato momento, pareceu-lhe ouvir uma voz interior a lhe sugerir: "Preparei este menino e o trouxe para fazer dele o fundamento da sociedade que você deve fundar". Sem deixar transparecer a profunda impressão que lhe causara a inspiração divina, propõe-lhe vir morar com Granjon. Para animá-lo a decidir-se, o Pe. Champagnat se oferece para dar-lh aulas e ajudá-lo a ingressar na vida religiosa.

João Batista Audras contou aos pais as propostas que lhe tinha sido feitas.não fizeram nada para impedir, pois consideraram as propostas do coadjuntor como gestos de benevolência para com o filho.

Assim, encontram-se em Saint- Chamond desde 1806 (RLF, p. 9)

[194] No começo, em La Valla, não há nada estabelecido quanto à idade. O prospecto de 1824 (OME, doc. 28 [3], p. 88, assim como a regra de 1837, cap. 1, art. 4, p. 10 (AFM 0132.0102), indicam de "quinze a trinta anos".

Para eles, seria até um meio de educá-lo sem pagar muito.

Pouco tempo depois, o Pe. Champagnat expôs seus projetos ao novo discípulo e lhe perguntou se estava disposto a integrar o novo Instituto. O jovem postulante,cuja obediência a seu diretor espiritual era uma de suas mais belas qualidades, respondeu-lhe: "Desde o momento em que tive a felidade de me colocar sob sua orientação, só pedi a Deus uma virtude, a obediência e a graça de renunciar à minha vontade: portanto, o senhor pode fazer de mim o que quiser,contanto que eu seja religioso". Beleza de virtude! Abençoadas disposições que conquistaram o coração e todo o afeto do seu pai espiritual e lhe atraíram os favores divinos, merecendo-lhe a perseverança na vocação, como veremos adiante.

Com esses dois jovens cheios de bons sentimentos, o Pe. Champagnat julgou poder iniciar a fundação.onde, porém, achar um lugar adequado para os dois discípulos? Uma casinhola, bastante próxima do presbitério, estava à venda. [195]Não hesitou em comprá-la, embora não dispusesse de recursos. A casa lhe convinha perfeitamente, por duas razões: ficava ao lado do presbitério, o que lhe permitia dirigir e formar os dois jovens sem muito trabalho, e o preço era baixo. Adquiriu-a, pois, juntos com um quintalzinho e um terreno adjacentes, pelo preço de mil e seiscentos francos, que pediu emprestados.

Assinado o contrato, ele próprio começou a consertar a casa, limpá-la e colocar nela uns poucos móveis indispensáveis. Pessoalmente,com umas tábuas fez suas camas para seus dois Irmãos e também uma mesinha de jantar. Levou, então, os dois discípulos para a casinha modesta que se tornou o berço do Instituto dos Irmãozinhos de Maria. A pobresa transparecer por toda a parte. Mas também eram pobres o presépio de Belém e a casa de Nazaré, e os filhos de Maria deviam assemelhar-se à Mãe, trazendo, desde o nascimento para a vida religiosa, a marca da pobreza e da humildade. Foi em 2 de janeiro de 1817 que os dois noviços tomaram pose da casa, começaram a viver em comunidade, lançando assim os fundamentos do Instituto dos Irmãozinhos de Maria.

---

[195] Pertencia ao Senhor Bonner, que fazia cadeiras para a igreja. Ver os dois contratos de compra, OME, doc. 16 e 17.

Repartiam o tempo entre a oração, trabalho manual e estudo. No começo, os exercícios de piedade eram breves e pouco numerosos: oração da manhã, assistência à missa, curtas leituras durante o dia, extraídas do *Manual do Cristão ou do Livro de Ouro,*[196] terço, visita[197] ao Santíssimo Sacramento e oração da noite. Quanto ao trabalho, ocupavam-se na fabricação de pregos.[198] Os ganhos desse era, suficientes para o sustento. O Pe. Champagnat, que os amava como filhos, ia muitas vezes visitá-los. De vez em quando, trabalhava com eles, animava-os, dava-lhes aulas de ler e escrever, orientava-os e expunha-lhes suas intenções e seus projetos de buscar a glória de Deus e a salvação das almas. Os dois noviços corresponderam com grande fidelidade a seus desvelos.

Passaram o inverno sozinhos, na paz, no fervor e na prática de todas as virtudes. Na primeira, Deus lhe enviou um novo coirmão. Antônio Couturier,[199] jovem bom e piedoso, mas sem nenhuma instrução, pediu para ingressar na comunidade. Foi admitido e tornou-se, depois, o excelente e virtuoso Ir. Antônio, falecido em Ampuis, em 6 de março de 1850, após ter consumido forças e saúde na educação dos meninos e ter sido modelo de regularidade, humildade, obediência, paciência e apreço à vocação.

Os pais de João Batista Audras, desconhecendo os projetos do Pe. Champagnat e as disposições do filho, pressionaram-no a voltar

---

[196] *Livre d'or* ou 1'Humilité en pratique, por Dom de Ste. Catherine.

[197] Fazia-se na igreja, porque somente depois de 1820 os Irmãos tiveram uma capela em casa. Ficava em cima do quarto do Pe. Champagnat.

[198] Naquela época, essa atividade era comum na região. As cidades industriais do vale do Gier, do Ondaine e do Furan forneciam material para as pessoas da vizinhança trabalharem em casa. A indústria metarlúrgica fornecia varetas de ferro que os camponeses-artífices transformavam em pregos. No inverno, era um meio de fazer um dinheirinho, mesmo sem sair de casa. Este artesanto podia, também, adaptar-se à vista comunitária. Em quase todos os sítios de La Valla, havia a pedra de fazer pregos, igual àquela que se encontra no quarto do Pe. Champagna em La Valla. Cf. Jean-Paul BRAVARD, *L'Ondaine, vallée du fer,* s.l., Ed.Le Hénaff, 1981, p. 58. Também, A. BALKO, *Marcelino Champagnat e sua missão*, P. 50-53: A fabricação de pregos.

[199] Diz o Ir. Antônio: "Meu irmão, o segundo; eu, o terceiro; Couturier ou Ir. Antônio, o quarto (OME, doc. 167, p. 453).

para casa.[200] O piedoso noviço, porém, consolidado na vocação, resistiu com bravura, rogando-lhes, encarecidamente o deixassem na carreira que abraçara, na qual sentia-se tão feliz. Não levaram em conta os seus desejos. Para que não tivesse mais ocasião de manifestá-los, mandaram um de seus manos mais velhos com ordem expressa de trazê-lo de volta para casa. Ao tomar conhecimento da vontade dos pais, o piedoso noviço ficou transtornado. Após alguns momentos de reflexão, corre ao encontro do Pe. Champagant e lhe confidencia com lágrimas nos olhos:

- Meu irmão veio me buscar, mas não quero ir com ele. Veja, por favor, se convence a meus pais de me deixarem a paz.

O Pe. Champagnat anima-o, tranquiliza-o e vai ao encontro do seu mano que espera ao lado de fora. Com um sorriso nos lábios, fala-lhe com aquela firmeza que o caracterizava:

- Você quer leva seu irmão?

- Sim, padre, recebi ordem de meus pais para levá-lo de volta.

- Em vez de concordar com seus pais, você faria muito melhor se lhes pedisse para vir morar aqui também.

- Que é que o senhor faria de mim?

- Um bom irmão, um bom religioso.

- Xi! Senhor Padre, sou ignorante[201] demais para me tornar religioso; sirvo apenas para trabalhar na enxada.

- Ora, vamos, não fale mal de você mesmo; já é grande coisa prestar para trabalhar na roça. Venha conosco. Estou certo de que farei algo de bom com você.

- Mas, Padre, eu me acho ruim demais para ser religioso.

- Não, não, eu o conheço; você não é mau elemento. É bom rapaz. Prometo-lhe que, se vier, não se arrependerá e fará muito bem.

- O senhor está quase me dando vontade... mas depois vão

[200] Na primavera de 1817 (março a junho).

[201] Na edição francesa consta a palavra "butor" (gazola). É um pássaro cujo grito lembra o mogido dos bois. No sentido figurado, já em Molière, significa bronco, grosseiro

zombar de mim, quando souberem que vim para me tornar Irmão.

- Deixe os outros zombar quanto quiserem. Deus vai abençoá-lo. Você há de ser feliz e certamente se salvará. É tudo de que precisa. Vá dizer a seus pais que deseja ficar aqui com seu irmão e que eu espero este semana.

O jovem foi ter com os pais e não teve dificuldade em convencê-los de lhes deixar liberdade – a ele e a seu irmão – para seguirem o chamado de Deus. Alguns dias depois[202] entrou para o noviciado e, com o nome de Ir. Lourenço,[203] tornou-se o quarto Irmão do Instituto. Ao longo desta biografia, teremos muitas oportunidades de falar dele e de admirar sua simplicidade e profunda humildade, sua piedade e zelo pela instrução cristã das crianças. Seu mano João Batista, que se destacava por especial devoção a S. Luís Gonzaga, recebeu o nome de Ir. Luís,[204] e granjon, o de Ir. João Maria. Bartolomeu Badard, com a idade de 15 a 16 anos, foi, na mesma época, admitido ao noviciado e, com o nome de Ir. Bartolomeu,[205] tornou-se excelente religioso.

O Pe. Champagnat não perdera de vista o garoto Gabriel Rivat que fora trazido ao catecismo. A piedade e a inteligência que notara no menino levaram-no a dispensar-lhe atenções especiais. Na época de que estamos falando, acabava de permitir-lhe que fizesse a primeira comunhão,[206] embora estivesse apenas com dez anos. Desejando atraí-lo à sua congregação nacente, propôs aos pais colocá-lo na casa dos Irmãos para instruí-lo, prometendo dar-lhe, pessoalmente, algumas aulas de latim. O menino veio, pois, para o noviciado, [207]recebeu algumas aulas de latim, e pouco depois, [208]aconselhado pelo Pe. Cham-

---

[202] Jean-Claude voltou para trabalhar com a família até o inverno. Foi só em 24 de dezembro de 1817 que se matriculou no noviciado (AFM, *Livre des entrées).*

[203] LPC 2, p. 316-321.

[204] Os primeiros Irmãos conservaram o nome de batismo. Alguns escolheram outro: Ir. Luís, por devoção a são Luís Gonzaga; Ir. Francisco, em lembrança da mãe, Francisca.

[205] Ir. Bartolomeu nasceu em 24-04-1804. Entra em 2 de maio de 1818, aos 14 anos (LPC 2, p. 71). Ver nota 12 do cap. 5.

[206] Nascido no sábado, 12 de março de 1808, faz a primeira comunhão em 19 de abril de 1818; tem 10 anos (Fr. François, carnet n. 1, p. 48). A idade normal seria aos 13 anos (AFM, 146.003).

[207] Em 6 de maio de 1818 (LPC 2, p. 226).

[208] Em 8 de setembro de 1819 (LPC 2, p. 226)

pagnat, entrava no Instituto com o nome de Ir. Francisco. A mãe viu com alegria o filho seguir a vocação. Várias vezes dissera ao Pe. Champagnat: "Meu filho pertence a Nossa Senhora a quem o dei e consagrei muitas vezes.[209] Eu lho entrego. [210]Faça dele o que lhe aprouver".

Jovem demais para avaliar sua vocação, mas dotado de obediência e docilidade perfeitas, aceitou os conselhos do sábio diretor que ele julgava, com razão, intérprete da vontade de Deus sobre si. Mas tarde, quando lhe amadureceu o juízo, jamais cogitou de submeter sua vocação a novo exame. Certa vez, o vigário de Tarentaise,[211] após aconselhá-lo a estudar latim e a fazer estudos para abraçar a carreira eclesiástica, vendo que seus conselheiros não obtinham efeito algum e que os escutava com visível indiferença.

- Por que não quer estudar latim com seu irmão?[212]

- porque não faço minha vontade, mas a de Deus, que se manifesta toda a noite, essas palavras não saíram de sua mente: "Não faço a minha vontade mas a de Deus". No dia seguinte disse ao Ir. Luís: "Seu Irmãozinho Francisco não me deixou dormir a noite passada; ele tem sentimentos sublimes;; se os conservar - e disso não duvido -, Deus o abençoará e vai servir-se dele para sua maior glória".

Este modo de agir do Ir. Francisco é admirável. Aqueles que, como ele, tiveram a ventura de ingressar jovens na vida consagrada devem imitá-lo quanto chegarem à idade das paixões, e o espírito das trevas lhes insuflar dúvidas quanto à vocação. Devem, então, lembrar-

---

[209] Especialmente em Valfleury, perto de Saint-Chamond, quando Gabriel estava com 5 anos. Foi admitido na confraria de Nossa Senhora Auxiliadora (AFM, Fr. François, carnet n. 1, p. 48_.

[210] Numa anotação pessoal, o Ir. Francisco escreverá: "Doado por minha mãe a Maria, ao pé do altar da capela de Nossa Senhora do Rosário, na igraja de La Valla" (AFM, carnet 1, p. 48).

[211] François Préher, chegado a Tarentaise em maio de 1816, havia restabelecido uma clerical que funcionava antes da revolução. Nela o Pe. Courbon, vigário geral, fisera os estudos iniciais (LPC 2, P. 149).

[212] Jean-Antonie, mano do Ir. Francisco, nascido no dia de Natal de 1793, foi recrutado para a guerra aos 20 anos; depois entrou no seminário e ordenou-se sacerdote em 1823. Coadjutor em Saint-Martin-la-Plaine, veio a falecer em La Valla em 1830, no presbítero, onde recolhera por motivo de saúde (LPC 2, p. 224).

se de que uma criança, embora ainda não tenha capacidade de reflexão quando Deus lhe concede a graça de renunciar ao mundo nesta idade, não falando à sua inteligência nem à sua razão, mas ao seu coração. Torna o coração dócil ao conselho de um sábio diretor, pai, da mãe, do inimigo. Infunde-lhe o gosto pelo piedade, o atrativo à vida religiosa e a graça de andar pelo caminnho que lhe é traçado. Esta maneira de ser chamado à vida religiosa é gesto de misercórdia, pois preserva a criança de um sem-número de faltas e dos perigos mundanos, onde sua virtude teria naufragado meseravelmente. É mais segura justamente porque o espírito próprio e os motivos humanos não contam. Entretanto, tempos depois, quando a capacidade de racioncínio se desenvolver, uma das ciladas mais perigosas do demônio consiste em sugerir ao jovem que seu ingresso na vida religiosa deu-se inconscientemente, sem que pudesse avaliar os compromissos que assumia e, consequentemente, sem ter vocação.

É raciocínio falso que só o demônio e as paixões são capazes de inspirar. Quando Jesus chamou os apóstolos, não lhe disse: "Reflitam, depois sigam-me", mas simplesmente: "Sigam-me". A graça que move o coração e o leva ao bem é tão excelente quanto a que ilumina o espírito. A vocação provém igualmente de Deus, quer nos atraia pelo coração, sentimento ou gosto, quer nos seduza pelo espírito, isto é, pela iluminação, reflexão ou raciocínio.

Vendo crescer o número de discípulo, Pe. Champagnat pensou em traçar-lhes uma forma de vida mais regular e mais de acordo com a vida comunitária. Não podia ficar sempre na companhia deles e sentia a necessidade de não deixá-los sozinhos. Resolveu, pois, dar-lhes um diretor que estivesse à sua frente exigindo a observância do regulamento e repreendendo aqueles que o infringissem ou cometessem alguma outra falta. Mas, para facilitar-lhes a obediência e a submissão, decidiu que o diretor seria escolhido por eles mesmos. Propôs que o elegessem por votação secreta. Depois de cada um escrever e depositar seu voto, procedeu à apuração na presença deles e proclamou diretor o mais votado. O mais antigo, isto é, Ir. João Maria, obteve o maior número de sufrágios e foi confirmado diretor.

Deu-lhes também, após várias experiências, uma vestimenta

simples e modésta[213] que os distiguia dos leigos. Dando uma forma exteiro à Congregação, tornava-a conhecida e favorecida as vocações. A vestimenta[214] consistia numa espécie de sobrecasaca azul que descia até meia altura das penas, calças pretas, um pequeno manto e chapéu redondo. A cor azu, foi escolhida para lembrar aos Irmãos que eram filhos de Maria; vestindo seu hábito e sua cor, deveriam sempre lembrar-se de viver a vida do jeito de Maria, imitando-lhe as virtudes.

O regulamento da pequena comunidade foi então aperfeiçoado com algumas modificações. As principais práticas da vida religiosa foram introduzidas. Após levantar às cinco horas, rezava-se em comunidade a oração da manhã, seguida de meia hora de meditação, da celebração eucarística, das horas menores do Ofício da Santíssima Virgem e do estudo. Às sete horas, o desjejum após o qual cada um se aplicava, em silêncio, aos seus afazeres que, para a maioria, era o trabalho braçal. Ao meio-dia, o almoço seguido da visita ao Santísisimo Sacramento e do recreio sempre comunitário. As conversas deviam versar sempre sobre assuntos edificantes ou próprios para dar aos Irmãos os conhecimentos necessários à sua vocação. A tarde era também dedicada ao trabalho braçal. Pelas seis horas, a comunidade reunia-se para a reza de vésperas, completas, matinas e laudes do Ofício da Santíssima Virgem e do terço; depois, uma leitura espiritual. Após estes exercícios, os Irmãos iam a cozinha para o jantar, seguido de recreio, como depois do almoço. Logo após rezavam as orações da noite, liam o assunto de meditação para o dia seguinte e às nove horas iam deitar.

---

[213] Nã se trata de batina, nem de hábito azul que será mais tarde inspirado pelo Pe. Couveille, mais de uma vestimenta preta. O Ir. P. Zind, no BI, vol. XXI, p. 536, distingue seis fases:
1ª No início, vestimentas seculares.
2ª 1818, calça preta, sobrecasaca preta.
3ª 1824, sobrecasaca azul e capa azul.
4ª 1827, batina preta abotoada; por ocasião dos votos temporários acrescenta-se o cordão de lã; na profissão perpétua, a cruz de cobre inscrustada de ébano.
5ª 1828, batina costurada até o meio e acolchetada na parte superior.
6ª 1829, as meias de pano subsituem as de malhas.

[214] O Ir. João Batista não faza distinção entre o primitivo hábito religioso e o seguinte. O primitivo, preto, vem descruti no relatório do inspetor Guillard, na primavera de 1822 (OME, doc. 19 [3], p. 73).

Todas as sextas-feiras, depois da meditação, fazia-se o exercício da culpa. O Irmão Diretor principiava e os demais seguiam por ordem de antiguidade.

Para favorecer o recolhimento e a piedade dos Irmãos, fora preparado um quarto pequeno para servir de oratório. Quem o tinha preparado fora do próprio Champagnat: adaptou-o, caiou e arrumou um pequeno altar. Sendo a comunidade muito pobre, impossibilitada portanto, mesmo à custa de sacrifício, de comprar os acessórios do altar, pediam-nos emprestados à igreja paroquial. Perante este altar e aos pés de Maria, os Irmãos faziam todas as práticas de piedade, as leituras espirituais, o exercício da culpa e recebiam o hábito do Instituto. Mas tarde aí assinaram de joelhos, os primeiros compromissos sagrados.

Nos primeiros tempos era o diretor que puxava todas as orações e fazia as leituras. Depois, os Irmãos rezavam-se por ordem de antiguidade. Faziam também, cada um durante uma semana, a leitura no refeitório e os trabalhos da cozinha. A refeição era fácil de preparar: sopa, laticínios, legumes. Bebida: água. Era o regime da comunidade. Refeição tão frugal exigia pouco tempo de preparo; por isso, o cozinheiro da semana podia acompanhar quase todos os atos comuntários. Tudo na pequena residência dos Irmãos estava de acordo com a comida simples e pobre. A cama era colchão e aum travesseiro de capim, ou de folhas; os lemçóis era de tecido grosseiro e um a dois cobertores, também de qualidade inferior.

Assim organizada, a comunidade assumiu nova feição: selêncio, recolhimento, piedade, modésta dos Irmãos, união, caridade, tudo lembrava e reproduzia a vida dos primeiros cristãos. O Irmão Diretor mostrava-se dígno do voto de confiança que lhe havia dado e exercia o cargo com prudência, zelo, compreensão e firmeza. Sempre à frente de seus Irmãos, era o primeiro em toda a parte e constantemente dava exemplo de regularidade, piedade e todas as virtudes religiosas. Semanalmente fazia aos Irmãos uma exortação os vícios, sobretudo dominante, e praticar a virtude. Suas instruções, preparadas com esmero, eram categóricas, geralmente muito animadas, porém sempre simples e bem práticas. Os Irmãos o escutamvam com grande atenção e com muito prazer praticavam as virtudes e a correção dos defeitos. Aliás, embora o Irmão Diretor fosse bondoso, não os adulava e, quando se

afastavam do dever, sabia impor-lhes, com prudência e caridade, penitências proporcionadas às faltas cometidas.

Além do irmão Diretor, cada um escolhia outro Irmão para avisá-lo dos próprios defeitos. Esse ato de caridade e humildade era praticado mutuamente, com muita simplicidade e franqueza. O Ir. João Maria escolheu como seu monitor um dos mais jovens, rogando-lhes, em termos que mostravam sua profunda humildade, lhe prestasse esse ato de caridade e o avissasse todas as vezes que faltasse às obrigações. Passado, porém, algum tempo, vendo que o Irmão não a advertia como ele pensava merecer e não o avisava como ele teria desejado, pediu-lhe lincença para escolher outro monitor.

O Pe. Champagnat visitava assiduamente seus filhos, passando todos os momentos livres na companhia deles. Deva-lhes, todos os dias, uma aula de leitura. Ao ensinar-lhes a ler, aproveitava todas as circunstâncias suscitadas pelo tema da leitura para fazer reflexões próprias e levá-los ao amor de Deus, à fuga do pecado e à prática da virtude.

Certa vez, vindo visitá-los na hora do recreio, percebeu que faltava algo mais e fazia muito barulho. Disse-lhe: “meus amigos, seus recreios são por demais ruidosos; assemelham-se, um pouco, às diversões mudanas. Se quiserem ser religioso, precisam divirtir-se e comportar-se em tudo como religioso. Os Irmãozinhos de Maria devem esforçar-se para imitar sua Mãe em todas as ações. Ora, a Virgem Santa mostrava-se sempre modésta e recolhia até mesmo nos lazeres, aliás necessários à natureza”. Essa correção paternal atuou nele com efeito pleno. Os Irmãos novos, recém-chegados do mundo que nem suspeitava da falta cometida, receberem com humildade e gratidão a advertência e portaram-se, depois, de tal forma, que jamais foi preciso renová-la.

Os Irmãos mostravam-se admiráveis de bomespírito,boa vontade e zelo pela observância do regulamento. Cada um procedia asim espontaneamento, por amor a Deus e pelo desejo de progredir na virtude. Um ponto semelhante lhes era difícil de cumprir e os aborrecia quando o transgrediam: o levantar. Por serem muito pobres e não tendo despertador, acontecia-lhes algumas vezes levantarem-se muito cedo ou muito tarde. Expuseram então a dificuldade ao Pe. Champag-

nat que, para remediar, mandou dependurar um sino na frente da casa e, por arame, que se estendia por uns cem metros da residência dos Irmãos até o quarto dele no presbitério, tocava pessoalmente o levantar, todas as manhãs, pontualmente às cinco horas.

CAPÍTULO SÉTIMO

Os Irmãos assumem a escola de Lavalla. O Pe. Champagnat vai residir com eles. forma-os ao magistério e à prática da catequese e os envia, a dois, para ensinarem catecismo nas aldeias.

Páginas atrás dissemos que a paróquia de Lavalla não dispunha de professores.[215] O Pe. Champagnat via sempre com tristeza tal situação e desejava ardentemente que chegasse a hora de seus Irmãos poderem assumir uma escola. Entretanto, julgando-os ainda bastante despreparados, resolveu chamar um mestre de primeiras letras[216] que, na sua opinião, era necessário para dupla finalidade: dar às crianças da paróquia a instrução primária, aperfeiçoar os Irmãos nos conhecimentos já adquiridos e iniciá-los nos métodos de ensino. [217]Pois, apesar de seu zelo e dedicação, as funções do sagrado ministério lhe tomavam quase todo o tempo, de sorte que lhe era impossível formar pessoalmente os Irmãos, como gostaria;

O moço escolhido corresponde perfeitamente às suas expectativas. Residira com os Irmãos das Escolas Cristãs e não lhe faltava erudição. [218]Entretanto, o que era mais interessante no caso, ele co-

---

[215] Os arquivos de La Valla registram que Jean Montmartin, dezembro de 1816 e, ainda, 27 de maio de 1819, é chamado de "Maître-écrivain" (igual professor que ensina a escrever) e que Jean-François Maisonneuve foi autorizado a lecionar em La Valla, em 10 de maio de 1819 (cf. Registre de l'État civil ADL, T. 14). O vigário Rebod toma defesa de um professor revoltado porque a escola dos Irmãos "lhe roubou o pão". O Pe. Champagnat, pedindo ao vigário para verificar que nem um só aluno dos Irmãos veio da escola daquele professor (OME, doc. 166 [7], p.439 enota correspondente), prova que tomou todo o cuidado para não prejudicar a ninguém. Com relação ao pessoal docente da época, ver LPC 1, P. 14-15.

[216] Uma carta escrita 60 anos mais tarde (17-11-1888) por duas senhoras (viúvas Jayet e viúva Moulin) que eram criancinhas em 1816 fornece por menores sobre a escola pioneira (lugarejo de Sardier, perto de Saut DuGier), onde o Pe. Champagnat colocara o professor de nome Maisonneuve que se tornaria o formador dos primeiros Irmãos (FMS, 1973, n. 6, p. 86).

[217] Paul BOYAT, "Quelques aspects de la Peagogie des Petits Frères de Marie", BI, vol. XXIX, p. 76-77. Também, P. ZIND, *Segundo os passos de M. Champaganat*, Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas, 1988, p. 205-215.

[218] O professor Maisonneuve não possuía de ensino (FMS 1973, n. 6, p. 86) porque esse documento não era exigido dos Irmãos das Escolas Cristãs, na França, naquela

nhecia muito bem o método simultâneo[219] praticado pelo Instituto de venerável Pe. de La Salle, método que o Pe. Champagnat queria adotar na sua congregação. O professor viveu em comunidade com os Irmãos; na residência deles abriu uma escola que logo se lotou de crianças. Os Irmãos o ajudavam na instrução dos alunos. Observavam como eles fazia, imitavam-no e aprendiam seu método. No intervalo das aulas recebiam orientação particulares sobre as diversas seções do ensino.

Em pouco tempo julgaram-se capazes de arcar com a responsabilidade de toda a escola. Levaram a proposta ao Pe. Champagnat, que não aceitou, pois desejava que as primeiras experiências fossem mais humildes e fossem desenvolvidas em cenário mais modesto. Reuniu-os e lhes disse: "Meus amigos, além de ser talvez um pouco temerário julgarem-se competentes para dirigir, sozinhos, a escola de Lavalla, é preciso recordar que o espírito de nossa congregação deve ser a humildade. Sendo assim, convém iniciarmos com algo mais modesto. Já que desejam consagrar-se à instrução das crianças - finalidade de sua vocação -, o que eu aprovo totalmente, gostaria que vocês dedicassem os primeiros passos de seu zelo às crianças mais ignorantes e mais abandonadas. Assim, proponho-lhe ensinarem[220] nas aldeias da paróquia. A proposta foi acolhida com acatamento e docilidade e mesmo com alegria. Foram escolhidas as povoações de Luzernaud, Chamiol e algumas outras. Os Irmãos iam de manhã e voltavam à tardinha. Estas primeiras tentativas, abençoadas por Deus, lograram êxito. Os bons camponeses, encantados e edificados com a dedicação, simplicidade e zelo dos Irmãos, manifestaram grande satisfação ao Pe. Champagnat.

Passado apenas um ano, o Pe. Champagnat viu-se obrigado a despedir o professor, devido a seu comportamento irregular e demasiado mundano, e confiou a escola a um dos Irmãos. Foi o Ir. João Maria, diretor da casa, que assumiu a escola. Mediante sábia a prudente firmeza conseguiu manter a ordem e a disciplina estabelecidas pelo

---

época, de acordo com a lei de 29 de fevereiro de 1816 (LPC 1, art. 36, p. 21).

[219] Ver a nota 3, logo acima.

[220] Desde o começo, os Irmãos não dão apenas o catecismo, mas também dão aula. As aldeias escolhidas a pouca distância.

seu predecessor. Como ele estivesse razoavelmente preparado e fosse de notável zelo e dedicação, o bom andamento da escola e a instrução das crianças nada sofreram com a mudança. A fama de piedoso e virtuoso que o Ir. João Maria granjeara na paróquia muito contribuiu para conferir-lhe ascendência sobre as crianças. Com satisfação os pais viram-no assumir a direção da escolinha. até então os habitantes de Lavalla tinha dado pouca atenção aos Irmãos, pois não estavam a par do seu modo de vida, nem objetivos que se propunha. Quando, porém, notaram seu zelo e dedicação na instrução das crianças e viram seu êxito, unanimemente os aplaudiram e apoiaram. O número de alunos vindo de toda a paróquia cresceu consideravelmente. Os pobres eram aceitos gratuitamente[221]; os restantes pagavam contribuição módica.

Alma da casa, o Pe. Champagnat, que apoiava e dirigia os Irmãos e aconselhava os pais a lhes confiar os filhos, resolveu imprimir desenvolvimento maior à escola. Observando que uma única sala de aula era insuficiente para tantos alunos, abriu mais uma, o que possibilitou separar os alunos, classificando-os de acordo com seu aproveitamento. [222]Isso contribuiu muito para acelerar-lhes o progresso.

Outro problema, também grave, chamou-lhe a atenção. Vários pais não conseguiram que os filhos pernoitasse na casa dos Irmãos alojavam-nos no povoado. Lá, porém, se transviavam por ficarem abandonados à própria, após as aulas. Para resolver a situação, o Pe. Champagnat ampliou e restaurou o prédio escolar. Isto permitiu que os Irmãos recebessem e alojassem as crianças que antes eram acolhidas em casas particulares. Apresentaram-se também muitas crianças indigentes. Os Irmãos acolheram-nas com bondade e solicitude, e a

---

[221] De acordo com o decreto-lei de 29 de fevereiro de 1816 que estipulava no n. 14: "Toda a comuna está obrigada a dar a instrução primária às crianças nela residentes; para as crianças indigente deve ser ministrada gratuitamente" (RLF, p. 9). E também, em razão do compromisso assumido pelos primeiros Irmãos: "Em segundo lugar, comprometemo-nos a dar gratuitamente, o ensino aos indigentes apresentados pelo senhor vigário do lugar" (OME, doc. 52, p. 138).

[222] Havendo duas classes, existe normalmente a dos "leitores", onde se ensina a leitura, e a dos "escritores", na qual se ensina a escrita, o cálculo e, pouco a pouco, outras disciplinas. São também chamadas de "petite classe" e "grande classe" (I. Pierre ZINDO, *O Bem-aventurado Marcelino Champagnat e seus Pequenos Irmãos de Maria*, Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas, 1988, p. 216).

comunidade, embora desprovida de maiores recursos, proveu a todas as suas necessidades. O Pe. Champagnat, que depositava em Deus confiança ilimitada, tomou a seu encargo vários meninos órfãos ou abandonados, deu-lhes instrução,alimentou-os, vestiu-os e depois, colocou-os em famílias de confiança, continuando sempre a velar pelo seu comportamento, orientando-os e fazendo as vezes de pai. Nesse primeiro ano recebeu doze[223] criança pobres, às quais dava tudo.

Alguém lhe censurou semelhante atitude e criticou-o por estar sobrecarregado a casa. Respondeu: "Desde há muito ouvi dizer que a esmola não empobrece, nem a missa atrasa ninguém; vamos experimentar". Depois acrescentou com profundo espírito de fé: "Deus, que nos envia essas crianças e nos dá a graça de acolhê-las, haverá de nos dar também o suficiente para alimentá-las".

A nova organização deu à escola maior incremento.[224] As aulas foram mais bem orientadas e os progresso mais rápidos. Os alunos, bem-disciplinados, freqüentavam as aulas com prazer. Estimavam os mestres, trabalhavam com gosto, assimilavam os bons exemplos e as lições e levavam para seus lares os bons princípios e as práticas de virtude que aprendiam.

A direção da casa dos Irmãos absorvia tempo considerável de Champagnat. Ali passava seus recreios e todo o tempo livre de que dispunha em seu ministério sacerdotal. Convenceu-se, porém, que isto era suficiente, pois seus Irmãos eram apenas noviços na vida religiosa e no magistério, e necessitavam a toda hora de sus orientação e seus conselhos. Muita coisa faltaria, enquanto não se pudesse à frente de sua comunidade. Essas razões e, mais ainda, o afeto que votava aos Irmãos, decidiram-no a ir morar com eles.[225]

Falou com o vigário, que tudo fez para demovê-lo. "Que fará você, disse ele, no meio desses jovens, bons e piedosos sem dúvida,

---

[223] O documento do Pe. Boudin faz alusão às crianças assacadas contra contra o Pe. Champagnat sobre a utilização de coletas em favor dos órfãos (cf. OME, doc. 166 [17], p. 445 e FMS n. 36(.

[224] A estatística de 1824, primeira estatística oficial dos Irmãos Maristas, indica 80 alunos em La Valla (cf. ZIND, BI nº 162, p. 161).

[225] O que não significa que fosse o "diretor, mas tão somente o animador e o diretor espiritual" (MEM, p. 18-19).

mas rudes e pobres, incapazes de assisti-lo e de preparar-lhe a comida?" As alegações, mesmo verdadeiras, não influíram absolutamente no ânimo de Champagnat. Bem sabia que, vivendo em comunidade, deveria suportar a pobreza, as privações e todos os sacrifícios da vida religiosa. Era exatamente por isso que desejava estar com os Irmãos. No seus entender, o melhor meio de afeiçoá-los à vocação, levá-los ao amor da pobreza, à vida regular e todas as virtudes de seus estado, seria pôr-se à frente deles, unir sus sorte à deles, unir sorte à deles, identificar-se com eles, dar-lhes o exemplo e ser o primeiro a praticar antes de ensinar. Além do mais, amava os Irmãos como filhos e seu coração de pai lhe dizia que deveria ficar no meio deles, viver com eles e como eles; partilhar de sua pobreza, participar do seu devotamente à causa da educação das crianças e, como eles, submeter-se a todas as observâncias da vida religiosa. Desde os primórdios dedicara-se totalmente à obra dos Irmãos, sacrificara-lhe tudo, predispusera-se e se preparar não somente para dar-lhes seus cuidados e trabalhos, mas também para sacrificar-lhe, se fosse necessário, forças, saúde e vida.

A instituição dos Irmãos, para alcançar bom êxito, precisava de toda essa abnegação. Obteve, pois, a autorização de deixar o presbitério e veio morar, para sempre, com os Irmãos. Transportou, pessoalmente, sua pobre mobília à noite, para não ser visto e evitar comentários. Deram-lhe um quarto pequeno, baixo e insalubre;[226] entretanto, o melhor da casa. Sua modesta alimentação era preparada com a dos Irmão, mas comia em separado.[227] Foi sumamente gratificante para ele achar-se no convívio dos Irmãos e poder consagrar todos os seus momentos a instruí-los e formá-los à virtude. Como bom pastor, andava sempre à frente do seu pequeno rebanho;[228] trabalhava com os Irmãos no amanho da terra e na fabricação de pregos; passava os recreios com eles, visitava as aulas para animar os alunos e orientar os professores, aos quais ministrava aulas particulares, formando-os ao acompanhamento dos alunos e aos demais aspectos da educação.

---

[226] "Contentou-se com um quarto bastante estreito, baixo, pouco salubre e que os móveis não atravancavam: situado ao lado da cozinha" (AA,p. 41).

[227] "O passadio do Pe. Champagnat era, mais ou menos, o mesmo da comunidade; mas, por razão de conveniência, sua mesa ficava à frente no refeitório" (MEM, p. 21).

[228] Jo 10,4.

Os Irmãos lhe consagrava a máxima veneração e amavam-no como pai. Sendo, porém, homens simples, davam pouca importância às conveniências sociais; por isso, embora tendo profundo respeito, tratava-no como companheiro, pouco preocupando com dispensar-lhe as atenções condizentes com seu caráter sacerdotal e sua posição de superior. Aqui vai um exemplo. O Pe. Champagnat permaneceu quatro anos[229] na convivência deles, sem que ninguém se oferecesse para arrumar-lhe e limpar-lhe o quarto. Ele mesmo o fazia sem se queixar, apesar de suas inúmeras ocupações. Somente em 1822, o Ir. Estanislau [230]se encarregou deste serviço, que lhe foi concedido após muita relutância de Champagnat.

Colocando-se à frente de sua pequena comunidade, o Pe. Champagnat não quis assumir-lhe a direção. Além de as ocupações no ministério não lhe permitirem, compreendia que esse encargo não era de sua competência, mas da alçada do Irmão Diretor. A ele confiou, pois todos os pormenores da administração e deixou-lhe completa liberdade de agir. Longe de constrangê-lo ou diminuir-lhe a autoridade, empenhou-se em fortalecê-la e aumentá-la. Sua presença na comunidade reacendeu o zelo e o fervor em todos os Irmãos. Os alunos melhoraram também na piedade e no bom espírito. Os pais, ufanos de tê-lo à frente da escola, manifestavam toda sua alegria e satisfação.

O Pe. Champagnat, mesmo sem interferir na direção externa da casa, acompanhava discretamente os Irmãos até nos mínimos detalhes de sua conduta, com a intenção de formá-los à virtudes e fazer deles bons educadores da juventude. Para alcançar esta dupla finalidade, trabalhava constantemente para corrigir-lhes os defeitos, aperfeiçoar-lhes o caráter, inspirar-lhes o amor e o gosto pela oração, o zelo pela instrução cristã das crianças, ensinando-os a darem o catecismo, exercerem a vigilância, disciplinarem uma turma e formarem o coração e a consciência das crianças.

Certo dia, notando que o Irmão responsável pela vigilância dos internos, entretido com a reza do ofício, dava-lhes pouca atenção, o

---

[229] Isto parece indicar que ele passou a viver com os Irmãos em 1818, uma vez que, em fevereiro de 1822, data da chegada do Ir. Estanislau, já havia vivido quatro anos com eles (LPC 2, p. 473).
[230] LCP 2, p. 473 e AA, p. 47.

Pe. Champagnat observou-lhe:

- Meu Irmão, você nunca dever perder de vista seus alunos.

- Mas, padre, se não estou recolhido, não consigo rezar, e meu ofício fica sem fruto nenhum.

- Sua primeira obrigação é cuidar de seus alunos para prevenir o mal e conservar-lhes a inocência. Se conseguir isso, sua oração será mais agradável a Deus e mais meritória, ainda que, em decorrência de sua função, você se distraia um pouco. É bem melhor do que rezar sem distração, mas negligenciando este importante dever. Sabe o que é tirar proveito das práticas de piedade? É aprender, na oração, a bem cumprir os deveres, praticar as virtudes de seu estado e proceder corretamente em todas as coisas. Foi por isso que Sto Agostinho pôde viver bem é saber santificar todos os seus atos, aplicar-se às coisas exteriores por espírito de fé e fazer de sua atividade, seja qual for, uma oração constante. O fruto mais precioso de seus exercícios de piedade resume-se, pois, em ser fiel a todas as obrigações e cumprir do melhor modo possível a tarefa que lhe foi confiada, sendo, para seus alunos, modelo de caridade, paciência, pontualidade e modéstia.

Recomendava com freqüência aos Irmãos descrição e prudência na explicação do catecismo, evitando decidir se tais e tais faltas sãos pecados mortais ou veniais, por causa do perigo de falsear a consciência[231] dos alunos, expondo-os a ofenderem a Deus. Em certa ocasião repreendeu severamente o Irmão que se afastara desta regra: "Contente-se com lhes inspirar o ódio ao pecado, deixando a Deus e ao confessor o julgamento da gravidade das faltas.

noutra ocasião, informando de que um Irmão impusera aos alunos proibições demasiado rigorosas, mandou chamá-lo e lhe disse:

- Que foi que você proibiu aos alunos?

- Proibi falarem, perderem tempo etc.

- Vá ter com eles e diga-lhes que, mesmo no caso de dizerem alguma palavra ou fazerem alguma dessas coisas que você proibiu, não cometiam nenhum pecado.

Eis a que extremos levava ele a delicadeza e quanto receava

[231] Mesma atitude do Pe. Colin, ver *Entretiens Spirituels*, doc. 99 (8).

constranger as crianças a agirem contra a própria consciência. Muitas vezes ficava escutando os Irmãos enquanto dava o catecismo. Mostrava-lhes, depois, as falhas cometidas, o que deviam ter evitado, o que deviam ter feito para despertar a atenção dos alunos, para pôr-se ao alcance deles e levá-los a amar as santas verdades que ensinavam. "Dar boa instrução aos meninos é pouco. Conseguir que amem a religião é tudo." Em pouco tempo vários Irmãos tornaram-se excelentes catequistas e tiveram êxito além do esperado.

O Pe. Champagnat não se contentou com exercitar os Irmãos na catequese escolar. Para inculcar-lhes o espírito apostólico e levá-los a compreender que a santificação das almas era a meta de sua vocação, resolveu enviá-los dois a dois, aos domingos e outros dias, aos povoados da paróquia para darem catecismo aos camponeses. Tendo chegado ao lugarejo indicado, ambos reuniam adultos e crianças num rancho ou em qualquer outro local conveniente. Começavam com a oração, entoavam um cântico, perguntava o catecismo aos jovens. Em seguida, por meio de perguntas breves e bem claras, desenvolviam as respostas e terminavam a instrução com algumas conclusões práticas e exemplos ilustrativos. Preparavam com esmero a instrução e falavam com simplicidade e unção, apoiando suas lições na piedade e modéstia. Acorria gente de todas parte. Muitas vezes o auditório reunia toda a população da aldeia. Champagnat ia pessoalmente às localidades onde os Irmãos atuavam para ouvi-los e informar-se do que faziam. Nunca prevenia aqueles a cuja catequese ia assistir. Chegava a tomar precauções para tudo escutar e tudo ver sem que os Irmãos o percebesse.

A noite, durante o recreio, levava-os a descobrirem as falhas ocorridas, retificava possíveis erros na explanação de algumas verdade ou de algum ponto de doutrina, aprovava e elogiava o que fora bem feito. Sempre terminava animando-os e mostrando-lhes a excelência da função de catequista e o grande bem que realizariam, desde que fosse animados pelo espírito de sua vocação e cheio de zelo no desempenho da missão que lhes era confiada.

Essas palavras tiveram tanta influência sobre os Irmãos que todos consideravam privilégio serem escolhidos para ensinar o catecismo nos povoados. Esse privilégio, insistentemente solicitado, nem sempre lhes era concedido. Precisavam conquistá-lo por meio de pie-

dade constante, profunda humildade e comportamento sempre exemplar e edificante. O bom Ir. Lourenço postulou por muito tempo o favor de ir desempenhar essa função na aldeola de Bessac. Visto que se tratava de missão penosa e difícil, para merecê-la foi-lhe preciso fazer muitos altos de zelo, abnegação e humildade.

Situada no cimo do monte Pilá, distante duas léguas de Lavalla, Bessac permanece coberta de neve pelo menos seis meses durante o ano. Nessa época, a povoação achava-se desprovida de sacerdote: em conseqüência, as crianças e até mesmo os adultos viviam em profunda ignorância.

O Ir. Lourenço, quando para lá se dirigia, levava os mantimentos necessários e toda quinta-feira, vinha de Lavalla para se animar no convívio com Irmãos e abastecer-se com o indispensável. Hospedava-se na casa de um morador de Bessas.[232] Preparava pessoalmente as refeições que consistia numa sopa, feita de manhã para o dia inteiro, algumas batatas e queijos. Duas vezes por fia, o bom Irmão percorria a aldeia tocando a campainha para reunir a criançada. Era tão a veneração que sua virtude lhe granjeara, que todos se descobriam à sua passagem. Rodeado pelas crianças, ensinava-lhes as orações e o catecismo e dava-lhes aulas de leitura. Aos domingos, reunia na capela toda a população da aldeia. Após a oração da noite, rezava o terço, entoava um cântico, explicava àqueles bons camponeses as verdades da religião, instruía-os nas disposições necessárias para receber com frutos os sacramentos; ensinava-lhes como santificar as ações, os sentimentos e a pobreza, oferecendo tudo a Deus e submetendo-se, com paciência, à sua santíssima vontade. Impossível expressar a felicidade que sentia catequizando aquela boa gente e sacrificando-se para instruir as crianças pobres e ignorantes. Podemos ter uma idéia com o seguinte episódio:

Numa quinta-feira, segundo o costume, veio renovar suas provisões em Lavalla. Depois, subiu novamente até Bessac, em companhia do Pe. Champagnat, que ia confessar um doente. Havia neve de dois a três pés de espessura (pé= 32,4cm), e os caminhos estavam recobertos de gelo. O Ir. Lourenço levava na mochila um pão de tamanho regular, queijo e batatas, sua provisão para semana. Embora fosse

[232] AA, p. 45. Ir. Avit registra a grafia atual: Le Bessat

robusto, os péssimos caminhos faziam-no suar sob o peso do fardo. O Pe. Champagnat, vendo-o em tal situação, ponderou-lhe:

- Meu irmão, seu trabalho deve ser muito pesado.

- Desculpe, Padre, não pesado, para mim é muito agradável.

- Não acho que seja tão agradável assim subir as encostas desses morros cada oito dias, caminhar na neve com um saco pesado nas costas, arriscando-se a resvalar em algum precipício.

- Tenho plena convicção de que Deus conta nossos passos e haverá de retribuir, com peso imenso de glória, os sofrimentos e as canseiras suportadas por seu amor.

- Quem dizer que está satisfeito com andar lá para coma, para ensinar o catecismo e dar aulas, carregando seu pão, como se fosse um mendigo?

- Tão satisfeito, padre, que não trocaria meu trabalho por todas as riquezas do mundo.

- Bom, então você está gostando muito do trabalho, mas será que o merece?

- Ah! não! Estou convencido de que não mereço o privilégio de ensinar o catecismo lá em Bessac: é pura bondade de Deus.

- Tudo o que você diz está certo; mas convenhamos que hoje é um dia horrível.

- Não, padre, considero-o um dos mais belos de minha vida.

Dizendo isto, tinha o rosto sorridente, transfigurado, e suaves lágrimas de felicidade corriam de seus olhos. O Pe. Champagnat, comovido e consolado por verificar tanta virtude, com muito esforço pôde conter as suas.[233]

Feliz o Irmãozinho de Maria que, para imitar tão belos exemplos, deseja ser enviado para um estabelecimento escolar pobre; considera privilégio ser titular de uma classe de alunos indigentes, rudes e ignorantes, ama a vida oculta e procura fazer o bem sem alarde... terá, sem dúvida alguma, o espírito da vocação e seus trabalhos serão aben-

[233] No fim da vida, o Ir. Lourenço vai pedir ao Ir. Francisco autorização para "ensinar o catecismo de aldeia em aldeia, esmolando seu pão" (CSG II, p. 71).

çoados por Deus, que p cumulará de graças e consolações. Esse Irmão será o alicerce e ornamento do seu Instituto.

CAPÍTULO OITAVO

Fundação das Escolas de Marlhes e de Saint-Sauveur. Atitude edificante do Ir. Luís. Fundação de Tarentaise e Bourg-Argental.

A escola de Lavalla esta em franca prosperidade. O comportamento exemplar dos alunos, os progressos, a piedade e a estima que dedicavam aos mestres atraíram a atenção do público sobre os Irmãos e os tornaram conhecidos nas paróquias vizinhas. Alguns vigários, desejando dar a seus paroquianos professores como aqueles, dirigiram o pedido ao Pe. Champagnat. O Pe.Allirot,[234] vigário de Marlhes, achou-se no direito de ser atendido em primeiro lugar. Havia vários Irmãos mais ou menos preparados. Champagnat julgou poder atender aos desejos de seu antigo vigário e prometeu-lhe dois Irmãos. As primeiras escolas, a exemplo da casa-mãe, tiveram por fundamento a pobreza. Para alojar os Irmãos, o vigário de Marlhes comprou uma casa pequena,[235] insalubre, porejando águas por todos os lados. O Ir. Luís foi nomeado Diretor da escola. Inaugurou-a no decorrer de 1819.[236]

Tendo chegado a Marlhes, os Irmãos não encontraram nem mobília nem comida. Tiveram de permanecer alguns dias na residência paroquial onde foram observados de perto. Achavam-nos bons, piedosos e modestos. Acrescentavam, porém, que eram simplórios e de pouco instrução. Estando no quarto com seu companheiro, o Ir. Luís ouviu o coadjutor, sobrinho do vigário, dizer tio:

- Esses dois mocinhos não vão fazer é nada. Não têm instrução nem experiência para dirigir uma escola. São duas crianças...[237] como

---

[234] "O Pe. Allirot tomava posse da paróquia de Marlhes em 1781. Foi ele quem deu a primeira comunhão ao piedoso fundador, em 1800. Exigiu dois primeiros Irmãos para sua escola, em 1818, e se viu privado deles em 1821. Faleceu em 1822" (AA, p. 42). A respeito de Allirot, ver P. PIAT, *Jean-Antoine,* curé de Marlhes de 1781 a 1822

[235] Ainda existente na praça da aldeia, na data desta reedição.

[236] Pelas estatísticas deve ter sido inaugurada no final de 1818 (AA, p. 42).

[237] Ir. Luís está com 16 anos e Ir. Antônio, com 18 (AFM, 137. 13).

poderão disciplinar e educar outras crianças?!

Receio que, em breve, tenhamos de nos arrepender por tê-los chamado à nossa paróquia.

- Tem razão, retrucou o vigário, ambos são muito crianças. Deixam muito a desejar quanto à instrução e é pouco provável que alcancem bons resultados.

"Ouviu o que estão falando de nós?" perguntou o Ir. Luís ao colega. "Vamos embora daqui já que somos julgados com tanta severidade. é melhor vivermos no lugar que nos foi destinado, mesmo que só existam quatro paredes; é melhor passar a pão e água do que continuar aqui. Vamos abrir nossa escola e começar o trabalho. Vamos provar a essa gente que somos capazes de cumprir a tarefa que nos foi confiada por nosso superior.

No dia seguinte abriram a escola e logo se empenharam em disciplinar os alunos, torná-los atentos, formá-los aos hábitos de ordem e asseio, à piedade, à modéstia e às boas maneiras, introduzindo a emulação e todo o condicionamento externo que caracteriza uma escola bem-organizada. Apenas um mês depois da abertura, os alunos estavam transformados. Parecia que a piedade, a discrição e a modéstia dos jovens professores se haviam transfundido nos alunos. Pais, autoridade, povo,[238] todos estavam maravilhados com a docilidade, o bom comportamento, o amor ao estudo e a estima deles a seus mestres. Não se cansavam de vê-los percorrer as ruas em direção aos povoados, dois a dois, em perfeita ordem e silêncio: de toda parte ouviam-se exclamações de admiração. Tudo isso causou agradável surpresa ao coadjutor e as vigário. Compreenderam, então, que haviam sido precipitados no seu julgamento. Aliás, foram eles os primeiros a se regozijar com o bom êxito dos Irmãos, aplaudi-los, elogiar sua atuação e fazer todo o possível, junto aos pais e alunos para apoiar inícios tão promissores.

O Ir. Luís, cheio do espírito de sua santa vocação e compreendendo a grandeza da missão que lhe fora confiada, não lecionava como simples professor, mas como religioso e apóstolo. Não negligenciava o ensino primário. Sabia que devia ministrá-lo, pois era um meio de atrair as crianças e assim levá-las a Deus. Seu objeto não era ape-

[238] AA, p. 43.

nas instruí-las; queria, sobretudo, fazer delas bons cristãos. Muitas vezes dizia a seu coirmão:

"Meu Irmão, temos uma centena[239] de criança em nossas escola; elas representam cem pessoas cuja inocência nos foi confiada e cuja salvação depende muito de nós. Elas serão pela vida afora o que hoje fizemos delas, pela educação. Seu comportamento futuro está em nossas mãos. Se lhes incutirmos bons princípios e as formarmos à virtude, viverão como bons cristãos e sua vida será uma seqüência de atos virtuosos. Se, ao invés, negligenciarmos a instrução religiosa, contentando-nos com lhes ensinar as ciências profanas, tornar-se-ão maus cristãos, na maioria, isto é, homens cheios de vícios e vazios de virtudes. Portanto, conforme desempenharmos nossa missão, seremos para essas crianças poderosos instrumentos de salvação, oi causa de ruína. E de nós poderá dizer-se com toda a verdade aquilo que Simeão dizia do Menino Jesus: *Estão destinados para salvação ou par perda do muitos*:[240] Para salvação daqueles que estiverem sob nossos cuidados, a quem dermos instrução e educação cristã; para perda de todos aqueles que deixarmos na ignorância religiosa e daqueles cujos defeitos não corrigirmos. Os pais nos mandam seus filhos para que lhes ensinemos a ler e escrever; mas Deus quer que nós lhes revelemos Jesus Cristo, lhes mostremos o caminho do céu e os formemos à piedade e à virtude. Esta é nossa finalidade. Empenhemos-no, prioritariamente em concretizá-la, sem esquecer o resto".

Com olhos clarividentes e princípios tão religiosos, o Ir. Luís só poderia dar uma boa educação aos alunos. Sua aula era verdadeira escola de virtude. Aí se cumpria os atos religiosos com devoção e fervor admiráveis. O catecismo ocupava sempre o primeiro o primeiro lugar. Os alunos, de qualquer idade, o aprendiam e recitavam duas vezes ao dia. O Ir. Luís punha tanto entusiasmo nas explicações, que as crianças o escutavam com profunda atenção. Eram os ensinamentos religiosos que mais as atraíam e prendiam à escola. À cada aluno repetia em cada o que aprendera do Irmão: as historietas narradas e as virtuosas práticas e recomendadas. Assim, o catecismo era proveitoso também para os pais. Devotíssimo de Maria, o Ir. Luís escolheu-a co-

[239] De fato é o total fornecido pela primeira estatística de 1824 (BI n. 162, p. 61)
[240] Lc 2,34.

mo superiora da casa e quis ser considerado apenas como seu administrador. Era incansável no empenho em fazer amar esta divina Mãe e incutir sua devoção na alma dos jovens. Todas as semanas fazia uma instrução sobre o assunto[241] e a ele voltava em todas as oportunidades.

Com semelhança orientação, as classes não podiam deixar de progredir. Ao chegar, os Irmãos tinham encontrado as crianças em estado de profunda ignorância. Um ano depois, a maioria delas sabiam ler, escrever, calcular e, o que é mais importante, sabiam de cor as quatro partes do catecismo. [242]Além disso, pela piedade e bom comportamento, os alunos dos Irmãos eram motivo de consolação para os pais e edificação da paróquia.

O Sr. Colomb de Gast,[243] prefeito de Sain-Sauveur-en-Rue, que veraneava com a família na sua mansão de Coin[244] e aos domingos assistia à missa em Marlhes, teve ocasião de ver os Irmãos no meio das crianças e ficou encantado com a piedade dos mestres, a modéstia e o procedimento dos alunos. Falou ao vigário:

- Quem são esses professores que o senhor conseguiu? Fiquei muito edificado com eles. Onde os encontrou?

-São Irmãos formados pelo Pe. Champagnat. Até que trabalham bem e estamos satisfeitos. A paróquia gosta deles. Nossas crianças mudaram completamente desde que ficaram sob seus cuidados.

Com tais informações, o Sr. Colomb[245] resolveu logo trazer à

---

[241] A catequese marial é ainda ministrada pelos Irmãos ao jovens de hoje (Constituições e Estatutos, art. 84. 1, 1986).

[242] As quatro partes são: Símbol dos Apóstolos, SACRAMENTOS, Decálogo e Oração dominical. Cf. Elisabeth GERMAIN, *Langages de la foi à trovers l'histoire*, Paris, Fayard, 1972, p. 44.

[243] Pierre François de Colomb, escudeiro, senhor de Hauteville e de Gaste (LPC 2, p. 146-147 e OME, doc. 19, p. 74). Aconselhou o Pe. Champagnat que pusesse na Regra um artigo proibindo aos Irmãos tomarem as refeições com o vigário ou em casa de outras pessoas (AA, p. 44).

[244] Coin é, nesta época, um lugarejo. Como Bessat, tornar-se-á, depois, paróquia e município com o nome de Saint-Régis, que aí estivera no século XVII. Na primeira metade do século XIX, Coin pertencia à paróquia a ao município de Marlhes. O Sr. Colomb de Gaste, embora prefeito de Saint-Sauveur, era paroquiano de Marlhes. (LPC 2, p. 146-147).

[245] As famílias de Colomb e Champagnat certamente se conheciam, pelo menos

comuna de Saint-Sauveur tão boa instituição e pediu dois Irmãos ao Pe. Champagnat. O pedido foi aceito e a abertura de nova escola, fixada para o dia de todos os Santos de 1820. Os Srs. Colomb, de Saint-Trivier[246] e de la Rochette[247] cotizaram-se para cobrir os gastos do conserto da casa, arranjar alguns móveis para os Irmãos e garantir-lhes pequena renda anual.[248] Foi nomeado Diretor da escola o Ir. João Francisco, homem cheio de ardor. No entanto, por ter pouca instrução, foi-lhe dado como ajudante um Irmão jovem,[249] mas qualificado para assumir a aula mais adiantada. A escola de Saint-Sauveur[250] teve o mesmo êxito que as de Lavalla e Marlhes.

Nesta última paróquia, os Irmãos havia conquistado de tal modo a estima dos pais, que não havia nem um que não desejasse confiar-lhes os filhos. A eles vinham, também muitos alunos das paróquias vizinhas. Mas foi justamente a excessiva prosperidade que, em parte, causou a ruína dessa escola. Como já dissemos, a casa dos Irmãos era pequena, insalubre e inadequada: as salas não comportavam o número de alunos; faltava espaço, ar, claridade. Semelhante situação punha seriamente em risco a saúde dos Irmãos. Por isso o Pe. Champagnat pediu que se fizessem consertos e ampliações. O padre vigário sabia que os Irmãos estavam mal-acomodados e que era necessário melhorar as suas condições. Mas, ou por falta de recursos ou, antes, por sentir-se melindrado com a retirada do Ir. Luís[251] - o que se fizera contra sua vontade e apesar de suas objeções -, não se apressou em aceder ao

---

devido à atividade política de João Batista Champagnat durante o Terror (LPC 2, p. 146).

[246] O cardeal Donnet foi mais preciso: o Sr. Trivier não tivera nada a ver com a fundação da escola de Saint-Sauveur, mas fizera muito pela de Boug-Argental (CSG, III, p. 544).

[247] Provavelmente Claude Victor de La Rochette, cavaleiro, senhor de Bonneville.

[248] O relatório do inspetor Guillard nos informa da quantia mínima que recebem: 150 francos por ano, para os dois. Além disso, recolhem pequena contribuição dos alunos que podem pagar: 0,50 fr., ou 1 fr.

[249] Etienne Roumesy, que devia abandonar a congregação mais tarde (LPC 2, p. 288).

[250] LPC 2, p. 620.

[251] A escola foi fechada. O Ir. Luís substituiu em La Valla o Ir. João Maria, que foi nomeado diretor da escola de Bourg-Argental (LPC 2, p. 590ss). Tentava de datação dos acontecimentos destes anos. Ver no final dessas notas.

pedido de Champagnat.

Nos primeiros tempos, embora todos estivessem contentes com os Irmãos, reconhecessem os bons resultados obtidos, lhes admirasse o comportamento pessoal e aprovassem o método de ensino e o modo de lidar com as crianças, estavam longe de acreditar no futuro da obra e de confiar plenamente na congregação. Olhavam-na, pelo contrário, como novidade, edifício sem base e sem fundamento que logo seria arruinado e derrubado pelo vento da tribulação.[252] O êxito não era visto como resultado do espírito da congregação, graça de estado, mas como dom pessoal de quem dirigia a escola[253] e fruto de seus talentos. Daí nascia a crença de que tudo estava perdido quando ocorria uma substituição. Julgava-se que a prosperidade da escola terminaria quando este ou aquele Irmão saísse.

Era o que imaginava o Pe. Allirot, mas do que nenhum outro. Assim, enquanto solicitava Irmãos a Champagnat, enviava aos Irmãos das Escolas Cristãs, em Lião, os jovens que se aconselhavam com ele para ingressar na vida religiosa. Estava certo de que comprometeria os interesses, a vocação e o fruto desses postulantes e cometeria ato de grave imprudência, se os orientasse ou simplesmente os deixasse entrar no Instituto dos Irmãozinhos de Maria. Seu erro maio foi não esconder seus preconceitos nem mesmo aos Irmãos. Dizia ao Ir. Luís:

- Não espere que sua comunidade se mantenha. Para uma obra deste gênero ter solidez, deve ser construída sobre a rocha, e sua congregação está sobre areia;[254] necessita de recursos que não possui e jamais possuirá.

- A rocha que deve servi de base a uma congregação, retrucou-lhe com muita calma o Ir. Luís, é a pobreza com a adversidade. Ora, Deus seja louvado, temos em abundância tanto uma como a outra; isso me leva a crer que estamos edificando sobre fundamentos sólidos e que Deus nos abençoará.

Voltou à carga em outra ocasião.

---

[252] Mt 7,27.

[253] O Pe. Allirot confia num homem concreto que agora já conhece, Ir. Luís; não, porém, numa congregação que começa a ser criticada (BI, janeiro de 1955, p. 158 e OME, doc. 19, Cantão de St. Chamond, 26 de abril, p. 75-76).

[254] Mt 7,26.

- Aqui você está fazendo o bem, então por que ir embora?

- Vou embora, sr. vigário, porque a obediência me chama.

- Não está vendo que a escola vai morrer se você deixar?

- Não creio, pois meu sucessor fará melhor do que eu.

- Isso não é possível.

- Não é possível como é certíssimo; ele é mais competente e mais piedoso do que eu.

- Aqui você é estimado e está indo bem; fique conosco e cuidarei de você e de seu futuro.

- Nunca, senhor vigário.

- Você está enganado.

- É necessário que eu cumpra minha obrigação; meu superior ordena, deve obedecer.

- Seu superior é homem inexperiente, incapaz e falho de inteligência. O fato de retirá-lo daqui, apesar de minhas alegações, é uma prova disso. Aliás, conheço-o de longa data...

- Não é bem essa a idéia que temos do Pe. Champagnat. Em Lavalla todos o consideram homem sábio e prudente; nós, Irmãos, o consideramos um santo. O vigário, sem mais argumentos, nada replicou, e o Ir. Luís nesta circunstância é admirável e revela todas as belas virtudes de seu caráter. Humilde e modesto, coloca seus coirmãos muito acima de si mesmo e considera-os mais virtuosos e competentes. Dócil qual uma criança, a obediência lhe é tão natural e lhe parece tão necessária ao religioso, que ele simplesmente a chama *sua obrigação.* "Meu superior mandou, devo obedecer." Não diz: " devo examinar sua ordem, devo fazer observações, preciso expor-lhe os pontos de vista do sr. vigário, as preocupações que esta mudança lhe trazem"...; mas simplesmente: "devo obedecer". Em relação a esse superior que lhe dá uma ordem causadora de tantas dificuldades, contra o qual ouve críticas e difamações, demonstra respeito e veneração incomparáveis. Firme como um rochedo em sua vocação, importam-lhe muito pouco as ofertas de vantagens temporais e lhe parece inútil dizer que as despreza. Nem mesmo responde. Oxalá os membros do Instituto não esqueçam jamais o exemplo de seu Irmão mais velho e se mostrem dig-

nos dele, quando lhes acontecer encontrarem-se em situação análoga!

A primeira recompensa concedida por Deus ao Ir. Luís por seu comportamento digno foi aquilo que talvez ele mais desejava: a prosperidade da escola que lhe custara tantos trabalhos, atenções e sacrifícios. De fato, o sucessor obteve êxito absoluto. Soube granjear a afeição dos alunos, a confiança dos pais e até mesmo a do vigário. Entretanto, era tal a precariedade da casa, que não se podia mais habitá-la sem perigo. Champagnat, em sua visita aos Irmãos, sensibilizou-se tanto com a situação precária em que estavam, que resolveu levá-los embora. Foi ter com o vigário, que o recebeu com frieza, e disse-lhe:

- Vou retirar meus Irmãos.

- Sim, mas vai me dar outros, retrucou o Pe. Allirot.

- Não, porque não tenho nenhum para sacrificar. A situação é tão precária quem em sã consciência, não devo deixar ali nem os Irmãos nem os meninos.

Alguns dias depois os Irmãos foram para Lavalla e o estabelecimento ficou abandonado, ou melhor, em recesso, até 1833, quando voltou a funcionar já com o novo vigário, Pe. Duplaix.[255]

Por essa época fundou-se a escola de Tarentaise assumida pelo Ir. Lourenço.[256] Estava sozinho. Um depósito lhe servia de sala de aula. Aí, pelo menos, se faltava a maior parte dos móveis escolares, sobrava ar e espaço. O Ir. Lourenço não alojamento pessoal. Dormia no dormitório dos alunos do padre vigário. Ele mesmo preparava suas refeições no presbitério, como fizera em Bessac, seguindo mais ou menos o mesmo regime alimentar.

O trabalho na escola de Tarenstaise não o impediu de continuar a catequese em Bessac. Para lá se dirigia todos os domingos e quintas-feiras. Atravessava o povoado tocando a campainha para atrair as crianças. Entrava nas residências para chamar os pequeninos e os adultos pouco instruídos na religião. Reunia-os todos na capela, entre-

[255] Claúdio Duplay, irmão mais velho de João Luís, colega de seminário de Marcelino e, mais tarde, superior do seminário maio (LPC 2. p. 208ss.)

[256] Está encarregado do grupo dos principais, e o vigário, ou seu coadjutor, se encarrega dos latinistas, alguns dos quais são internos. Ir. Lourenço também cuida dos internos (LPC 2, P. 316 e AA, p. 45)

tendo-os, às vezes hora a fio, para rezar, ou explicar-lhes as verdades da fé cristã. O bom Irmão possuía dom particular para fazer compreender a apreciar as verdades da religião, cativar a atenção das crianças, interessando-as e afeiçoando-as a seus catecismo. O que é mais admirável é que os adultos o escutavam com a mesma atenção. Recebiam de seus lábios a palavra divina com tanto respeito como se fosse anunciada pelo próprio vigário.

A fama da escola de Saint-Sauveur chegou a Bourg-Argental, localidade distante apenas alguns quilômetros. O Sr. Pleyné,[257] prefeito do município, quis saber do Sr. Colomb onde ele tinha conseguido aqueles professores a quem a opinião pública fazia tão grandes elogios. Melhor do que ninguém, o Sr. Colomb conhecia o bem realizado pelos Irmãos e tinha por eles, assim como pelo seu Fundador, a mais profunda simpatia. Explicou ao colega quem era, que objetivo se propunham, seu estilo de vida e as condições exigidas para se estabelecerem numa paróquia. [258]Havia muito tempo que o Sr. de Pleyné tinha a idéia de fundar uma escola de Irmãos na sua comuna. O único empecilho era a falta de recursos. Por isso, ficou exultante ao ser informado das modestas exigências da Congregação dos Irmãozinhos de Maria. Podia agora concretizar seu plano. Escreveu imediatamente a Champagnat solicitando três Irmãos,que lhe foram concedidos. O Sr. de Pleyné preparou com tanta rapidez o alojamento e a mobília dos Irmãos que, no final de algumas semanas, tudo estava pronto.

Ao enviar os Irmãos a Bourg- Argental,[259] Champagnat deulhes as seguintes instruções: "Meus caros Irmãos, nosso objetivo, quando nos unimos e fundamos esta pequena sociedade, foi proporcionar o ensina e a educação cristã aos meninos das pequenas paróquias das zonas rurais. Entretanto, eis que regiões mais importantes estão reclamando o mesmo benefício. Temos, sem dúvida, obrigação de não lhes recusar este serviço, uma vez que a caridade de Jesus Cristo, que

[257] Senhor Devaux de Pleyné (LPC 2, p. 175).

[258] Observações do inspetor da Academia, Guillard, a respeito de sua visita ao cantão de Bourg-Argental na primavera de 1822 (OME, doc 19, p. 72-73).

[259] A superioridade de Bourg-Argental não é devido ao número de habitantes, inferior a 2.000, quando La Valla e Marlhes têm, cada qual, 2.500. Sua importância lhe advém do seu papel político desde a Idade Média. No momento da Revolução ela é um dos três bailiados onde se reúnem os deputados-eleitores dos Estados Gerais.

é a norma da nossa, se estende a todos os homens, e os meninos das cidades custaram igualmente todo o seu sangue. Sobre isto, entretanto, tenho duas observações a fazer-lhes. A primeira: nunca devemos esquecer que fomos fundados principalmente para as paróquias rurais e que estas escolas devem merecer nossa predileção. A segunda: o ensino religioso nas paróquias populosas e nas cidades deve ser mais profundo, pois que as necessidades espirituais são maiores e a instrução primária é mais desenvolvida. Nessas escolas, mas do que em qualquer outra parte, a catequese e as práticas religiosas devem ocupar o primeiro lugar. Compete, pois, aos Irmãos dispensarem tanto maior zelo à educação cristã dos meninos, quanto mais eles se acharem desassistidos e menos acompanhados pelos pais".

"Podem ir, meus caros Irmãos, podem ir com inteira confiança, cultivar o campo que a divina Providência lhes entrega para desbrava. Se a tarefa lhes parecer árdua, lembrem-se de que foi imposta por Deus, cujo auxílio não há de faltar, contanto que lhe permaneçam fiéis. As autoridades que os convidam, assim como os pais que os aguardam com impaciência para lhes entregar os filhos, esperam que ministrem aos meninos excelentes instrução primária. A congregação que os envia tem uma visão mais abrangente; por isso que lhes pede que ensinem também a conhecer, amar e servir ao Pai Celeste, que façam dos meninos bons cristãos, e que sua escola seja uma sementeira de santos. A congregação os envia para destruir o reino do pecado e estabelecer o da virtude, conservar a inocência dos meninos, prepará-los á primeira comunhão, dar-lhes a conhecer a Jesus e seu imenso amor para com eles, inspirar-lhes a devoção a Maria e levá-los a amar a lei de Deus. Nisso consiste, queridos Irmãos, a parte mais importante do seu trabalho e a finalidade da sua vocação. O Senhor há de abençoá-los e dará prosperidade à escola na proporção dos esforços que fizerem e do zelo que tiverem na realização desta missão.

"Chegando a Bourg-Argental, vocês irão diretamente à igreja adorar a Nosso Senhor, oferecer-se a Ele, recomendar-lhe a obra que lhes foi confiada e pedir que a abençoe. Ao sair da igreja, vocês irão a casa paroquial par cumprimentar o sr. vigário, pedir-lhe a bênção, rogar-lhe que lhe sirva de pai e prometer-lhe que se portarão sempre como filhos obedientes. Depois irão visitar o se. prefeito, seu benfeitor, pondo-se às suas ordens para começar as aulas no dia que ele jul-

gar oportuno. Enfim,não esqueçam, prezados Irmãos: a primeira aula que deverão dar a seus alunos, e a todos os fiéis da paróquia, é um bom exemplo. Sejam, pois, para todos, modelos de piedade e virtude".

Os Irmãos chegaram a Bourg-Argenta no fim do ano de 1821. Inauguraram a escola em 2 de janeiro de 1822. [260]Passado poucos dias, as turmas somavam duzentos alunos. A direção foi entregue ao Ir. João Maria, e o Ir. Luís[261] o substituiu em Lavalla.

Seria normal que o Ir. João Maria, como a maior parte dos que entram com mais idade na vida religiosa, era virtuoso, mas do jeito dele. O espírito próprio, do qual não se despojara suficientemente, levava-o a exageros e à conquista de perfeição imaginária. O que ele queria a todo custo era tornar-se santo, e santo de primeira,e, por isso mesmo, santo a seu modo. É o que era pior, exigia dos outros a mesma perfeição. O Pe. Champagnat empenhou-se em fazê-lo ver o perigos de semelhantes atitudes, mas não conseguiu muita coisa. Encontrou

---

[260] Temos informações sobre esta escola e sobre o Ir.João Maria, pelo relatório do inspetor Guillard (BI, nº 157, p. 455ss. e OME, doc. 19, p. 72-73).

[261] LPC 2, p 339.

Tentativa para datar os acontecimentos destes anos - O Ir. João Batista chegou a La Valla em março de 1822. Deve estar trabalhando em Bourg-Argental por volta de Todos os Santos do mesmo ano, uma vez que está enfermo em fevereiro de 1823 (o "Lembrai-vos" nas neves, AA, p. 50). Esteve, pois, com o Ir. João Maria, que abriu a escola em 2 de janeiro de 1822 (AA, p. 45).

Quanto ao fechamento de Marlhes, o Ir. Avit, nos anais de Marlhes, fala de 1822. E no *Abregé des annales* diz que "em 1832, na reabertura, nós a tínhamos abandonado havia onze anos". Logo, se quisermos conservar 1822 como data do fechamento, deve ser bem no início deste.

O Ir. Luís deixaria Marlhes no dia de Todos os Santos de 1820 para assumir o noviciado.

O Ir. João Maria ficaria em La Valla, mas sem responsabilidade com relação aos noviços que, aliás, são raríssimos entre 1820 e 1822.

O Ir. Lourenço substituiria o Ir. Luís em Marlhes, mas não seria exigente quanto à disciplina, devido à sua excessiva bondade, como sugere o Ir. Avit nos anais de Marlhes, dando assim aos fechamento da escola de Marlhes um motivo a mais, além do meu estado do edifício. Como quem fechou Marlhes foi o Ir. Lourenço, isso deve ter acontecido na festa de Todos os Santos em 1821 e não em 1822, uma vez que o Ir. Avit escreve que o Ir. Lourenço abriu Tarentaise em novembro de 1821 (AA, p. 45). Se o fechamento de Marelhes foi no começo de 1822, pode-se imaginar que o Ir. João Maria se encontra em Tarentaise na festa de Todos os Santos de 1821, e em seguida, vai para Bourg-Argental, em 2 de janeiro de 1822

mais docilidade e mais espírito religioso no Ir. Luís. Achou, pois, com razão, que este era melhor para dirigir a casa do noviciado e inspirar aos jovens Irmãos o espírito do Instituto.

CAPÍTULO NONO

Champagnat pede vocações Deus. Deus atende a suas preces de modo inesperado.

A fundação das escolas de Saint-Sauveur e Bourg-Argental despovoara o noviciado. Já não havia nem postulantes nem noviços, e todos os Irmãos da casa-mãe se achavam ocupados nas escolas da paróquia ou no cuidado dos bens temporais.[262] Se, por um lado, o Pe. Champagnat tinha grandes consolações pelo êxito obtido por seus filhos em todos os lugares, e pelo afã dos municípios em solicitá-los, por outros, angustiava-o muito a escassez de vocações. Nos três últimos anos receberá apenas três ou quatro aspirantes[263] e nada permitia antever que se apresentassem outros, pelo menos em número suficiente para satisfazer às solicitações. Esta penúria, que ameaçava a própria existência da pequena congregação, foi para o Fundador verdadeira provação que, longe de o desanimar, serviu para aumentar-lhe o zelo e a confiança em Deus. Sem recurso humano para resolver a situação, convicto, aliás, de que a devoção é obra de Deus, que a dá e encaminha os que chama para as comunidades que deseja abençoar, depositou na divina bondade toda confiança e dirigiu-lhe ardentes súplicas

[262] A expressão "escolas da paróquia" lembra que e, La Valla os Irmãos, além da escola da sede, dão também instrução e catecismo em alguns povoados. Segundo os registros e de acordo com as estatísticas da Congregação em 1825 (AFM 143. 01), o Instituto conta com oito Irmãos em 1º de janeiro de 1822. Um documento dos Arquivos departamentais de Loire (ADL, T, 10) assinala: "25 de setembro de 1822, Granjon e Couturier estão autorizados a ensinar em Bourg-Argental. Roumezy e Badard, em Saint-Sauveur". Podemos supor que lá estivessem desde o começo do ano letivo. No início de 1822, o Ir. Lourenço não está mais em Marlhes e sim emTarentaise e continua também, às quintas e domingos, a fazer apostolado em Bessat, que é uma das escolas da paróquia de La Valla. Restam ainda, para ocupar-se da escola da sede (La Valla) e também ensinar nos lugares, os Irmãos Luís, João Pedro e Francisco. O Ir. Luís com certeza não consagra todo o tempo a Claude Fayol e a Antoine Gratalon que são os únicos candidatos à vida marista antes da chegada, em 1822, dos oito postulantes do Haute-Loire.

[263] Durante os três anos (1819-1821), o registro de entrada assinala a chegada ao noviciado de: Etienne Roumesy (1819), Jean-Pierre Martinol (1820), Antonio Gratalon (1821) e Jean-Baptiste Tardy (1821). Este último sai pouco tempo depois e retorna em 1827. Isto confirma o número indicado de três ou quatro.

para que lhe enviasse novos filhos.

Recorreu também a Maria[264] em cuja proteção depositava ilimitada confiança. Celebrou a santa missa, fez muitas novenas em sua honra. Deu-lhe a entender,com simplicidade de criança, que, sendo ela mãe, superiora e protetora da casa, tinha obrigação de cuidara e não deixar que ela desmoronasse:

"Senhora, o empreendimento é seu. A Senhora nos reuniu, mesmo contra as adversidades do mundo, para trabalharmos para a glória de seu Divino Filho. Se não vier em nosso auxílio, vamos acabar, minguando como lâmpada que não tem mais azeite. Agora, se o empreendimento acabar, o que estará acabando não será o nosso, mas o seu. Pois aqui na família foi a Senhora que fez tudo. Contamos com a Senhora, co seu auxílio poderoso, e estaremos sempre contando com ele".

A Mãe de misericórdia, comovida com a confiança de seu servo, ouviu-lhe as súplicas. Atendeu-o, mostrando-lhe que não confiara nela em vão. Atingimos, na verdade, uma fase na qual a congregação, que parecia fadada à esterilidade, retoma impulso verdadeiramente prodigioso. Mas admirável ainda é o meio usado por Deus para torná-la conhecida e trazer-lhe os jovens que lhe destinara. Em suas mãos poderosas qualquer instrumento é bom para atingir seus objetivos. Comprovava-o o fato seguinte, pois veremos que se valeu de um homem indigno, um religioso renegado, para realizar seus desígnios de misericórdia em favor da congregação nascente e trazer-lhe vocações.

Em meados da quaresma de 1822, ao voltar, à noite, a oração e da homilia que fizera na igreja, o Pe. Champagnat deparou-se com um jovem[265] que lhe pedia o favor de ser admitido na comunidade. Não simpatizou com o jeito e as maneiras do jovem. Suspeitou dos motivos que o traziam e perguntou-lhe sem muito interesse a respeito da profissão e procedência. Ao saber que era egresso dos Irmãos das Escolas, onde permanecera seis anos, disse-lhe:

---

[264] A escassez deixou inquieto o piedoso Fundador. Recorreu a Deus e a Nossa Senhora da Piedade, com ardor, e mandou rezar muitas novenas (AA, p. 46).

[265] O que se sabe deste rapaz é que era descendente de uma família distinta da região. Apesar de nossas pesquisas não conseguirmos identificá-lo nos registros dos Irmãos das Escolas Cristãs.

- Se você não serve para os Irmãos do Senhor de la Salle, ou se o gênero de vida deles não lhe convém, você é inútil para nós e vou ser bem claro: não posso recebê-lo.

Contudo, sendo já noite, não achou conveniente recusar-lhe hospitalidade: "Pernoitará aqui, concluiu, e amanhã irá embora". O jovem, que tinha real desejo de ficar, certamente por não saber o que fazer na vida, usou de todos os meios para interessar o Pe. Champagnat em seu favor e conquistar-lhe a confiança. Após a refeição falou demoradamente da sua região e das inúmeras vocações que os Irmãos das Escolas Cristãs ali recrutavam. Percebendo que o assunto agradava ao Pe. Champagnat, acrescentou: "Se eu for admitido, prometo trazer-lh vários postulantes meus conhecidos".

No dia seguinte, continuou insistindo para ser aceito. Foi-lhe permitido passar dois ou três dias na casa. A experiência não satisfez plenamente o Pe. Champagnat. Achou muito ambíguo o jeito do moço; chamou-o embora. Depois de novas e inúteis instâncias para sua admissão, o ex-irmão, vendo que nada conseguia, perguntou-lhe:

O senhor me aceitará se lhe trouxer meia dúzia de bons candidatos?

- Sim, mas quando os tiver trazido, respondeu Champagnat.

- Pois bem, passe-me uma autorização para[266] legitimar minha tarefa.

Queremos ver-se livre dele, Champagnat redigiu um documento vago[267] e, entregá-lo, disse-lhe:

-Vá e fique com seus pais ou, o que seria melhor, volte para a comunidade de onde saiu; nossa casa e nosso modo de vida não lhe convém.

Com o documento na mão, o jovem partiu para sua terra, distante umas quinze léguas[268] de Lavalla. Assim chegou à casa paterna, não perdeu tempo. Em menos de uma semana convenceu oito rapa-

---

[266] Para que os pais e os vigários lhe dessem crédito.

[267] "Vago", isto é, não-comprometedor. O Pe. Champagnat era superior de uma comunidade não autorizada para o ensino (LPC 1, p. 21, art. 36).

[268] 60km. É, mais ou menos, a distância entre La Valla e Saint-Pal-en-Chalençon, aldeia do Ir. João Batista.

zes[269] a partirem para Lavalla, ou melhor, para Lião, pois tivera a precaução de não lhes dizer que os levaria a Lavalla. Na região, consideravam-no membro da Congregação dos Irmãozinhos de Maria, nem os rapazes nem sempre pais poderiam pensar que se tratasse de um Instituto totalmente desconhecido para eles.

No contrato firmado para determinar as pensões e a época do pagamento estava escrito que os postulantes iriam para o noviciado dos Irmãos das Escolas Cristãs em Lião e não se fazia mínima alusão ao Pe. Champagnat nem aos Irmãozinhos de Maria . Não é de admirar que esse jovem tenha conseguido reunir, com incrível facilidade, tão elevado número de colegas. Além de aparecer claramente neste episódio a mão de Deus, ignorava-se a conduta irregular desse infeliz. Sua família figurava entre as mais distintas da região, pelas posses e pela piedade. Por isso foi-lhe fácil aliciar aqueles postulantes. Vários deles, aliás, já havia decidido ingressar na vida religiosa e tinham até reservado vaga no noviciado de Lião. Poucos dias foram suficientes para aprontar o enxoval e ultimar os preparativos da partida.

Em fins de março[270] de 1822, os piedosos jovens, juntamente com o guia, puseram-se a caminha, na funda convicção[271] de que se dirigiam para o noviciado dos Irmãos das Escolas Cristãs em Lião.[272] Após dois dias[273] chegaram ao cimo do morro defronte a Lavalla. "Estão vendo", diz o ex-Irmão, apontando para o campanário da paróquia, "é lá que termina nossa viagem".

- O quê" exclamaram os postulantes; é para lá que vamos? Mas lá não é Lião.

- Não, não é Lião; mas temos aqui um noviciado no qual passarão alguns dias e, em seguida serão levados a Lião.

A chegada do ex-Irmão, com seu grupo, causou grande surpresa ao Pe. Champagnat. Naquele momento estava virando terra na horta. Largou tudo e foi falar com eles. Parece-me ainda vê-lo, comenta

---

[269] "L'épisode des 8 postulants". Cf. Gabriel MICHEL, BI XXVIII, p. 270-280.
[270] 25 de março, festa da Anunciação. P. ZIND, *Seguindo os passos de Marcelino Champagnat,* p. 272.
[271] Como o Ir. João Batista é do grupo, pode falar "na funda convicção
[272] O noviciado situa-se ao lado da catedral.
[273] Diz o Ir. Silvestre: "Após o sol pôr-se duas vezes" (MEME, p. 25).

um dos jovens[274] do grupo, a medir-nos de alto a baixo, com a estupefação de quem não contava com nossa chegada. Depois de algumas perguntas para certificar-se de nossas disposições e dos motivos que nos traziam, acabou por declarar que não podia receber-no. Essas palavras nos causaram enorme surpresa e nos fizeram sofrer muito. Percebendo isso, o Pe. Champagnat acrescentou para nos consolar: "*Vou rezar e examinar o problema diante de Deus; fiquem até amanhã".*

A maioria desses postulantes tinha impressionado bem a Champagnat. Se fazia dificuldades em recebê-los, era porque não os conhecia e receava que a vocação deles não fosse suficientemente comprovada, não tivesse motivos bastante puros, fosse apenas o resultado das solicitações daquele que os trouxera com o objetivo de ser pessoalmente aceito. Serem numerosos, era outra preocupação: "Os rapazes decidiram-se talvez convencidos pelo guia. Ora, se der na veneta de algum deles de voltar para casa, é provável que os outros desanimem também e todos voltem como vieram, uns por causa dos outros". Além de tudo, o grupo era numeroso demais em relação à moradia. Faltava e até camas. Foi necessário mandá-los dormir no celeiro,[275] sobre a palha. Enfim, faltavam também recursos: a maioria desses rapazes podia pagar apenas uma pensão insignificante, e a casa que mal se mantinha não estava em condições de fazer sacrifícios em favor deles. Por isso, Champagnat julgou conveniente consultar os principais Irmãos.

No dia seguinte, mandou chamar os postulantes e lhes disse: "Ainda não posso prometer que os receberei. Devo antes consultar os Irmãos. Permito-lhes somente ficarem alguns dias conosco. Mas, como não temos certeza de poder admiti-los todos, quem estiver com vontade de ir embora pode ir. Escreveu uma carta aos Irmãos de Bourg-Argental e outra aos de Saint-Sauveur, mandando os vir ter com ele por ocasião das festas da Páscoa, dentro de dez dias. [276]Quando os Irmãos chegaram, reuniu-os diversas vezes no seu quarto; refletiu com eles sobre os desígnios de Deus para com a Congregação nas-

[274] Pode-se supor que o Ir. João Batista está falando dele mesmo na terceira pessoa.
[275] O Ir. Avit escreve: "Ele (o Pe. Champagnat) os submeteu a duras provações e finalmente os aceitou. Mandou que dormissem no paiol" (AA, p. 46).
[276] Em 7 de abril (cf. BI XXVIII, p. 279)

cente que, naquela ocasião, pareciam manifestar-se, e declarou-lhes que, na sua opinião, os rapazes deviam ser aceitos, uma vez que haviam sido visivelmente trazidos pela Providência. Todos os Irmãos foram do mesmo parecer. Decidiu-se que os oito postulantes seriam admitidos, juntamente com o guia. Seriam, porém, submetidos a provas especiais, para testar a autenticidade da vocação.

Quem não concordou com Champagnat foram as pessoas amigas. Pelo contrário, desaprovaram abertamente a resolução adotada. Pressionaram-no de todas as formas para que afastasse os recém-chegados: "O senhor não pode conservar esse grupo de jovens. Onde conseguirá recursos para alimentá-los? Sua casa é pequena [277]demais para alojá-los. Sabe o que vai acontecer se ficar com eles? Acabarão indo embora depois de acarretar-lhe vultosas despesas. Alimentar e manter todos esses jovens está acima de suas posses. A prudência exige que vá devagar, sem impor levianamente fardo tão pesado à sua comunidade. O senhor precisa, pelo menos, despedir os mais jovens. São muitas crianças para saberem se têm vocação". [278]Champagnat fizera sua opção e nada podia abalar. Mas, homem prudente, lançou mão de todos os meios sugeridos pelo espírito de Deus para experimentar os postulantes e saber se convinham ou não à congregação. Em vez de pô-los no estudo, empregou-os no cultivo da terra, da manhã à noite. Exigiu deles rigoroso silêncio e ocupação constante. O "capítulo das culpas", as repreensões, os castigos pelas mínimas transgressões, nada poupado, mas nada conseguiu abalar a decisão dos rapazes.

Champagnat, surpreso e edificado com tanta constância, resolveu impor aos mais jovens uma última provação. Reuniu-os na presença dos Irmãos da casa e disse-lhes: "Meus amigos, visto que desejam absolutamente ficar aqui e tornar-se filhos de Maria, resolvi aceitá-los todos. No entanto, sendo alguns jovens demais para conhecerem a própria vocação, decidiu mandá-los trabalhar de empregado na casa de alguns pequenos proprietários para cuidarem do gado. Se procederem bem, contentarem os patrões e mantiverem a disposição de abra-

[277] A vista do inspetor Guillard um mês mais tarde mostra a casa e reforma (cf. OME, doc. 19, p. 76).
[278] As idades variam de 15 a 25 anos (BI XXVIII, p. 275-278); *Seguindo os passos de Marcelino Champagnat*, p. 274.

çar a vida religiosa, vou admiti-los definitivamente ao noviciado na próxima festa de Todo os Santos". E dirigindo-se ao mais jovem:

- Você concorda?

- Pois não! Já que o senhor quer. Mas somente se me der a certeza de que me receberá no tempo em que o senhor marcou.

A essa resposta o Pe. Champagnat emuduceu de admiração; baixou os olhos e, após alguns momentos, disse.

- Muito bem! Aceito-os todos, e agora mesmo.

De onde podia vir a persistência desses jovens? Qual a causa de seu apego a um Instituto que lhes opunha tantos obstáculos à admissão? Um[279] deles vai explicar. Ouçamo-lo em sua linguagem singela: "Não tinham razão de desconfiar tanto de nós e de suspeitar das razões que nos moviam. Fossem humanos os motivos, não teríamos ficado um só dia. Quem nos seguraria numa casa onde só víamos pobreza, onde dormíamos num celeiro, onde a cama era só um pouco de capim seco? Onde tínhamos como alimentos alguns legumes e um pouco de pão que se esfarelava todo e onde a bebida era somente água? Numa casa onde, de manhã à noite, éramos ocupados num trabalho penoso, cujo único salário eram algumas repreensões ou castigos, que devíamos aceitar com profundo respeito? Se nos perguntarem, agora, o que poderia agradar-nos numa situação tão contrária à natureza, o que nos apegava tanto a uma Sociedade que nos repelia, responderei: foi a devoção que ela professava à Virgem Maria. No dia seguinte de nossa chegada, o Pe. Champagnat entregou um terço a cada um, falou-nos, várias vezes, de Maria Santíssima naquele tom persuasivo que lhe esta natural,e narrou-nos alguns fatos que mostravam sinais da proteção da divina Mãe. As coisas maravilhosas que nosso bom Padre nos contava de Maria calaram tão profundamente na alma de todos nós, que nada no mundo teria conseguido afastar-nos da nossa vocação".

Finalizaremos este relato, acrescentando que o infeliz guia destes postulantes foi expulso quinze dias depois, por idêntica falta

[279] Alguns destes moços perseveraram por alguns anos; mas apenas dois perseveraram até o fim. Foram os Irmãos Hilarião e João Batista, autor deste livro (cf. BI XXVIII, p. 273).

que motivara sua saída da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs: atentado contra os bons costumes.

Aqui, naturalmente, cabe a reflexão que pode ser utilíssima para os que duvidam da vocação, pelo fato de ter sido determinada, em sua origem, por motivo humanos ou porque teve o homem com promotor. "Mesmo que a vocação à vida religiosa viesse do demônio, afirma Sto. Tomás, deveria ser abraçada como excelente conselho, embora dado pelo inimigo. Além disso, acrescento o santo doutor, se o impulso à vocação proviesse de satã,[280] não se deveria concluir daí que não pudesse vir ao mesmo tempo de Deus, que muitas vezes permite que a malícia do inimigo da humanidade resulte em seu prejuízo e em nosso proveito, fazendo-nos, assim, decapitar esse Golias com sua própria espada.[281] Porventura não usou a maldade dos irmãos de José para exalçá-lo ao governo do Egito? e acaso não tirou da traição de Judas e da perfídia dos judeus os meios para realizar nossa Redenção? Assim, o amor à vida religiosa, seja qual for a causa ou o promotor, só pode ter Deus como origem.

Nossos oito postulantes, embora trazidos ao Instituto por um religioso que havia profanado a santidade de seus estado perdido sua vocação, não eram por isso menos vocacionados. Entre eles estavam bons religiosos; estava um assistente;[282] estava quem trabalhou mais de quinze anos reunindo os documentos que serviam para compor esta biografia do piedoso Fundador.

Como dissemos acima, começa nesta época o extraordinário desenvolvimento do Instituto. Até então era desconhecido. Os candidatos que havia recebido vinham quase todos de Lavalla ou residia na paróquia.O fato narrado acima tornou-o conhecido e lhe trouxe vocação. Apenas aceitos os postulantes, o Pe. Champagnat mandou um dos principais Irmãos visitar suas famílias, para colher algumas informações e cobrar as pensões[283] do noviciado. O Irmão visitou os vigários

---

[280] " Deus acha bom, em sua sabedoria, usar para seus planos até mesmo anjos maus" (*Summa,* Ia qu. 64, art. 4).

[281] ISm 17,51.

[282] O Assistente (Conselheiro Geral) e quem trabalhou mais de quinze anos são a mesma pessoa: Ir. João Batista.

[283] François Civier pagou 400 fr. Os demais pagaram pensões que variavam entre 50 fr. 240 FR. (AFM, Registre des entrées, p. 1). A soma de 400 fr. era o máximo exi-

do distrito[284] e lhes falou da congregação. Por sua vez, os postulantes escreveram aos pais, dizendo-lhes que estavam contentes e felizes na vocação. Com isso, mais quatro[285] jovens resolveram entrar no Instituto. Dois meses depois, três outros seguiram o mesmo exemplo. No fim do semestre, o noviciado tinha mais de vinte noviços da mesma região. é certo que nem todos perseveraram, mas nem por isso o Instituto deixou de crescer rapidamente. Os Irmãos de Maria tornaram-se conhecidos. Outros jovens vieram em grande número para substituir os desertores. Mas donde eram esses novos filhos? De que região? Vinham do Haute-Loire, das montanhas de Velay. Fora Nossa Senhora de Puy que os havia preparado e agora os estava mandando.

---

gido, segundo o prospecto de 1824 (dois anos depois da chegada desse grupo). "Pagarão 400 fr. para os dois anos; os que tiverem uma legítima (herança), entregá-la-ão à casa que, a esse respeito, dará garantias de reembolso, caso o noviciado abandone o Instituto; neste caso haverá uma retenção para os gastos do noviciado" (AA, p. 58).

[284] Cantão de Bas-en-Basset.

[285] Ei-los, de acordo com o "registre des entrées: Michel Marconnet de Boisset, Antoine Monier de Boisset, Jean Aubert de Saint-Pal-en-Chalençon e Pierre Vertore de Tirange (AFM, 137. 13).

CAPÍTULO DÉCIMO

Champagnat empreende uma construção para ampliar o noviciado. Seu zelo para formar os noviços à piedade e às virtudes da Vida Religiosa. O grande fervor na casa do noviciado e nas escolas.

Os postulantes continuavam dormindo no celeiro.[286] Querendo retirá-los de lá, o Pe. Champagnat trabalhou mais de oito dias no melhoramento do sótão[287] da casa, para transformá-lo em dormitório. Com algumas tábuas rústicas montou pessoalmente as camas; mas, por falta de espaço, cada cama servia para dois. A pouco altura do sótão obrigava todos a se curvarem quando nele entravam, e a claridade do dia penetrava unicamente através de uma clarabóia. Era evidente que a casa[288] não podia comportar tanta gente. Urgia a construção de outra. Champagnat não teve dúvida em executá-la. Por falta de recursos, construiu-a pessoalmente, com a ajuda dos Irmãos. Nenhum operário entranho participou. A comunidade levantava-se às quatro da madrugada. Irmãos e noviços faziam juntos meia hora de meditação, assistiam à missa e logo iam para o trabalho até às sete da noite.

Champagnat era o arquiteto[289] da construção. Ordenava e dirigia tudo. Os Irmãos e postulantes mais robustos e hábeis trabalhavam com ele e carregavam o que era mais pesado. Os demais traziam as pedras e preparavam a argamassa feita sem cal nem areia, mas apenas de terra argilosa. Enfim, todos estavam ocupados e trabalhavam satisfeitos, conforme suas forças, para a construção de uma casa que consideravam o berço do Instituto.

Champagnat era sempre o primeiro a chegar ao trabalho. não descansava nunca e, ordinariamente, era o último a deixar o canteiro

---

[286] Cf. AA, p. 46

[287] O sótão era o segundo andar da casa (cf. BH III, P. 31).

[288] Continha um relatório no rés-do-chão, aulas no primeiro andar, dormitório no segundo e águas-furtadas no terceiro transformadas em dormitório durante as férias (AA, P; 47 BI III, p. 31).

[289] Diz o Ir. Lourenço: "Foi ele (o Pe. Champagnat) que construiu toda a nossa casa de La Valla. Nós fazíamos, sim, alguma coisa, mas como ninguém nos ensinara a construir, ele precisava corrigir-nos a todo momento e, e freqüentemente, refazer o trabalho. Havendo pedras grandes para carregar, era sempre ele que carregava" (OME,doc. 167 [4], p. 454).

de obras. Para ganhar tempo, rezava o breviário à noite. Assim podia passar o dia inteiro na companhia dos Irmãos, exceto nas horas em que as obrigações do ministério o chamavam à igreja ou à cabeceira dos doentes. Os padres, seus amigos, que vinham visitá-lo, assim como outras pessoas que vinham falar com ele, encontravam-no sempre nos andaimes, trolha em punho e meio das pedras. Testemunha um Irmão, seu colega de trabalho: "Parece que ainda estou vendo, com a batina cheia de terra, branca de poeira, mas sujas de argamassa, cabeça descoberta, apresentar-se perante os que o visitavam ou o chamavam, acolhê-los, conversar com eles risonho, alegre e jovial, embora na maior parte das vezes estivesse moído de cansaço".

Certo dia, um padre amigo, vendo-o daquele jeito, disse-lhe:

- Francamente, Champagnat, você virou pedreiro!

- Mais do que isso: pedreiro e arquiteto.

-Sabe que os profissionais estão reclamando e tramando contra você, porque está fazendo concorrência, privando-os do seu ganha-pão e formando uma escola de pedreiros?

- Deixe que falem; não receio a zanga deles e estou até disposto a receber você como aprendiz, se quiser tornar-se meu aluno... Em tom mais sério, retrucou o sacerdote:

- Meu amigo, você está exagerando; este tipo de trabalho não condiz muito com a vida sacerdotal e, além disso, os exageros podem comprometer-lhe a saúde.

- Este trabalho não rebaixa o ministério sacerdotal e muitos padres ocupam-se menos ultimamente do que eu. Não vejo, tampouco, que me esteja prejudicando a saúde. Além do mais, não o faço por prazer, mas por necessidade. Vivemos empilhados neste barraco. Não temos dinheiro para pagar operários, quem pode achar ruim que construamos uma casa para morar?

Durante o trabalho observava-se rigoroso silêncio ou, quando necessário, falava-se por sinais. A certas horas do dia, um dos mais cansados ou dos mais jovens, impossibilitado de trabalhar, fazia uma leitura que os demais escutavam atentamente, sem deixar o serviço.

Liam-se os seguintes livros: *O Guia de Pecadores*,[290] *As Vidas de São Francisco Régis, São Vicente de Paulo, São Francisco Xavier* e outros. O silêncio ou a leitura eram interrompidas apenas por algumas breves palavras de edificação ou de estímulo que nosso bom Padre nos dirigia. Suas palavras, e sobretudo seus exemplos, animavam os mais indolentes e davam coragem a todos. Jamais alguém de nós ouviu dele alguma palavra de queixa. Jamais o vimos impacientar-se ou censurar-nos, embora lhe déssemos muitas ocasiões por nossa inexperiência e nossos defeitos. Quando executávamos mal o que nos mandava, indicava-nos com benevolência a maneira de fazê-lo melhor. Se, apesar das instruções não o conseguíamos, ele mesmo realizava o trabalho, sempre se mostrando contente e satisfeito com nossa boa vontade.

Em poucos meses a casa estava pronta. O Pe. Champagnat, ajudado por alguns Irmãos ou postulantes, deu acabamentos aos serviços de carpintaria, isto é, portas, janelas e assoalhos.

As ocupações materiais o absorviam mas não a ponto de fazer-lhe descurar a formação dos noviços. Aproveitava as horas de recreio e os domingos para formá-los à piedade e ministrar-lhes os conhecimentos necessários. Dava-lhes aulas de canto, exercitava-os a ajudar a missa, cooperar nas cerimônias litúrgicas, da Igreja, rezar e dar o catecismo. Suas exortações eram breves mas animadas e cheias de entusiasmos. Versavam geralmente sobre piedade, obediência, mortificação, amor de Jesus, devoção a Maria e zelo pela salvação das almas. Seria alongar-nos demais se pretendêssemos analisá-las. Mas não podemos dispensar-nos de registrar aqui alguns de seus pensamentos mais familiares.

"O Irmão que não reza não sabe praticar a virtude nem fazer o bem entre os alunos; é somente na oração que se aprendem estas coisas."

***

"A Vida Religiosa é essencialmente vida de oração porque, além de exigir que se reze mais do que os simples fiéis, é para ter contato mais freqüente com Deus que nos tornamos religiosos. É impos-

[290] Livro de Luís de Granada (Guia de pecadores) publicado em Lisboa em 1555 e muito conhecido na França nos séculos XVII e XVIII (OM 2, doc. 561. 353).

sível cumprir as obrigações da vida consagrada sem verdadeira e sólida piedade."

***

"O religioso sem piedade nunca vai amar nem estimar sua vocação, porque nela viverá sem consolação."

***

"Ah! como a virtude é fácil, como os sacrifícios que ela exige custam pouco, quando se ama a Jesus! O amor a Jesus é, para o religioso que percorre o caminha da virtude, como as velas para as embarcações que singram o oceano. Sem se dar conta, este amor conduz às mais sublimes virtudes."

***

"O apego ao dinheiro leva os homens do mundo a se entregaram sem trégua aos trabalhos mais árduos e aos mais duros sacrifícios. Seria uma vergonha se o amor a Jesus exercesse menor motivação sobre o religioso."

***

"Aquele que tem grande amor a Maria terá certamente grande amor a Jesus. Por isso, os santos que tiveram particular devoção a Maria, como S. Bernardo, S. Boaventura, S. Francisco de Assis, Sto. Afonso de Ligório, Sta. Tereza, distinguiram-se por grande amora a Jesus."

***

"Maria não guarda nada para si. Quando a servimos, quando nos consagramos a ela, só nos recebe para oferecer-nos a Jesus, para nos impregnar de Jesus."

***

"Foi ao discípulo amado que Cristo confiou sua Mãe, para nos ensinar que concede amor especial à Virgem Santíssima somente às almas privilegiadas, sobre as quais tem planos especiais de misericórdia".

***

"A pobreza, a mortificação, a humildade e, em geral, todas as virtudes, são como as rosas entre espinhos. As pessoas do mundo somente enxergam e sentem os espinhos e por isso têm medo da virtude. Os religiosos sentem e saboreiam os encantos, as delícias e as conso-

lações da virtude e assim não percebem os espinhos, isto é, as dificuldades inerente."

***

"O bom religioso sente mais felicidade e consolo num só exercício de piedade, como a meditação, a assistência à missa, um quarto de hora de visita ao Santíssimo, do que os afortunados do mundo podem ter em todos os prazeres de uma longa vida."

***

"Por que são os mundanos tão espalhafatosos em seus prazeres e no meio das alegrias profanas? Porque não conseguem abafar inteiramente os remorsos que os perseguem; porque sua felicidade é apenas aparente e seu coração infeliz só encontra amargura nas satisfações sensuais."

***

"Por sua vocação, todos os Irmãos são apóstolos enviados para ensinarem às crianças os ministérios da religião e lhes anunciarem a boa nova da salvação de Jesus Cristo nos mereceu."

***

"Há muitos modos de dar o catecismo, isto, é ensinar as verdades da salvação e levar ao bem as crianças e as demais pessoas. Rezar pelas crianças que nos são confiadas, pela conversão dos pecadores e dos infiéis é também fazer boa catequese, assim como é bom catequista aquele que dá sempre o bom exemplo e é, em toda parte, modelo de piedade, regularidade, modéstia e caridade."

***

"Esses dois modos de dar catecismo, além de servir a todos os Irmãos, em qualquer função que exerçam, e independentemente de seus talentos e capacidade, são as mais eficazes e mais fáceis do que explicar a doutrina cristã às crianças. São mais eficazes porque a graça, única realidade absolutamente necessária à salvação, se consegue mais seguramente pela oração e pela santidade da vida do que por qualquer outro meio; mais fáceis, porque é possível rezar e praticar a virtude em qualquer tempo e lugar."

***

Nas tardes de domingo, o Pe. Champagnat continuava enviando Irmãos, dois a dois, isto é, um Irmão e um noviço, para ensinarem

o catecismo nos lugarejos da paróquia. Ele ia junto para certificar-se de que maneira se desincumbiam desse ministério. Um dia, apareceu no momento em que um Irmãozinho, de apenas treze ou quatorze anos, explicava com muita seriedade o catecismo a algumas crianças e uns poucos adultos. Champagnat queixou-se de que o auditório era pequeno e ameaçou não mais enviar Irmãos, se não houvesse mais entusiasmo em comparecer à catequese. Uma senhora levantou-se e disse: "Senhor padre, não ralhe conosco; se tivesse chegado ainda agorinha, teria encontrado muita mais muita gente; mas como o catecismo foi comprido demais, várias pessoas foram obrigadas a se retirar".

Os trabalhos manuais e todos os incômodos inerentes à construção da casa não enfraqueceram o amor dos noviços à vocação, nem prejudicaram o bom espírito, a piedade e o fervor na comunidade. Pelo contrário, nunca houve tanto fervor, tanto zelo na prática das virtudes religiosas e na aquisição do espírito do Instituto. Os Irmãos e o próprio Champagnat não continham sua admiração. Para se ter uma idéia, vamos reproduzir o quadro esboçado por um[291] dos bons noviços daquele tempo:

"A comunidade, embora composta de gente simples e ignorante, em breve reproduziu as virtudes dos eu chefe. O amor à oração, o recolhimento e o fervor eram admiráveis. Achava-se curto demais o tempo dedicado aos exercícios de piedade. Pedia-se para continuar os colóquios com Deus e considerava-se grande favor a permissão de poder prolongá-los, visitar o Santíssimo Sacramento, rezar o terço ou fazer qualquer outro exercício semelhante durante os recreios, ou à noite, após a leitura do assunto da meditação. Durante todo o meu tempo de noviciado, que eu saiba, nenhum noviço deixou de se levantar na hora e fazer sua meditação com a comunidade. Se acontecesse a alguém cometer alguma falta, omitir algum ponto da Regra,[292] não esperava que o repreendessem. Ele mesmo, ajoelhado diante da comunidade, pedia uma penitência. A caridade, a união e a paz eram admiráveis. Nunca a mínima altercação. Nunca uma palavra ofensiva

[291] É provável que se trate do próprio Ir. João Batista.

[292] A regra só foi impressa em 1837. Nos inícios a comunidade tinha um Regulamento (cf AA, p. 41).

ou capaz de ferir alguém. Todos nos amávamos como irmãos. Nada de amizades possessivas, antipatias, singularidades. Tínhamos um só coração e uma só alma. [293]Achava-se alguém necessitado? Todos os outros rivalizavam em zelo e dedicação para ajudá-lo e dar-lhe apoio. O tempo dos recreios passava-se cantando ou em conversas, sempre edificantes: lamúrias, aborrecimento e desânimo eram desconhecidos, Suave contentamento, santa alegria e notável modéstia faziam parte das disposições habituais de cada um e transpareciam em todos os semblantes . Amor carinhoso e respeito profundo por nosso bom Pai e pelos Irmãos que nos dirigiam e instruíam, a obediência, a mais perfeita submissão às suas vontades, a simplicidade e a humildade, tais eram as virtudes que brilhavam no proceder de todos os noviços. Oh tempos ditosos, onde estais? Não posso recordar-vos sem que as lágrimas me umedeçam os olhos".

Igual fervor havia entre os Irmãos que estavam nas escolas. Por não haver ainda uma Regra que os orientasse nos pormenores da conduta e lhes indicasse o dever de cada hora, aplicavam-se com todo o zelo à sua própria perfeição e à santificação do próximo. A alimentação[294] era das mais simples; a frugalidade e a economia em que viviam beiravam freqüentemente o exagero.

As aulas, a educação e os cuidados para com as crianças não eram suficientes para satisfazer-lhes o zelo; a tudo isso acrescentava muitos outros compromissos. Em Saint-Sauveur, faziam coleta o ano inteiro: trigo, batatas, queijo, manteiga, peças de vestuário, roupas de cama e dinheiro. Os produtos arrecadados serviam para a manutenção das crianças pobres da paróquia, que os Irmãos educavam em casa, até depois da primeira comunhão. O número dessas crianças ultrapassava, às vezes, a casa dos vinte. O resultado das coletas servia, também para atender os indigentes, a quem distribuíam semanalmente muitos pães que mandavam fazer. Visitar os doentes, atendê-los de noite, fazer a

---

[293] At 4,32.

[294] O Ir. Lourenço sublinha: "Éramos paupérrimos no começo: nosso pão tinha cor de terra; mas nunca faltou o necessário" (OME, doc. 167 [8], p. 455). O Ir. Silvestre anota: "(...) pão à vontade, feito de farinha grosseira; sopa, alguns legumes; e por bebida, água (MEM, p. 19). O Ir. Avit escreve: "O Pe. Champagnat partilhava da comida feita para seus discípulos; consistia em caldos claros e com óleo, pão de centeio, queijo, laticínios, legumes, às vezes um pouco de toucinho, e água" (AA,

cama, arranjar-lhes aquilo de que precisavam; tudo isso também eram tarefas de predileção para os Irmãos.

Um dia, o Irmão Diretor fica sabendo que um doente se encontra abandonado de todos; por causa das chagas e dos insetos, ninguém ousa aproximar-se dele. Corre-lhe ao encontro, acha-o estendido na palha e com apenas um cobertor esfarrapado para cobrir-lhe a nudez. Arranja-lhe uma cama, leva-lhe os alimentos necessários, cuida dele, pensa-lhe as feridas, penteia-o e, durante um ano, visita-o várias vezes por dia. Nem é preciso dizer que a este atendimento corporal acrescentou o do espírito: ensinou-lhe as verdades da religião; levou-o a confessar-se; mostrou-lhe como santificar os sofrimentos; dirigia-lhe, diariamente, palavras de consolação; levou-o a fazer orações compatíveis co seu estado e preparou-o para morrer. Não teve consolação de assisti-lo nos últimos momentos e cerrar-lhe as pálpebras, porque as férias obrigaram-no a separar-se dele. Mas dever ter ficado muito alegre e contente quando lhe contaram que se doente querido, na hora de morrer, pronunciara-lhe o nome por duas vezes, e morreu dizendo: "Meus Deus, meu Deus, eu vos amo e vos recomendo o bom Irmão que tanto me ajudou; abençoai-o e dai-lhe o cêntuplo de tudo o que lhe devo!"

Todas as noites, durante o inverno, os Irmãos catequizavam os jovens e as crianças da vila. A instrução era muito concorrida e durava uma hora e meia. Assim, os Irmãos davam catecismo três vezes por dia, nos períodos escolares da manhã, da tarde e da noite. outro ato de zelo que Deus abençoou de modo especial consistia em procurar as pessoas que não freqüentavam os sacramentos e levá-las a cumprir este importante dever. Muitos foram recuperados pelas instruções, orações e piedosas estratégias dos Irmãos. O jeito de se insinuar nos corações, o talento para ganhar-lhes a simpatia e persuadi-los a retornarem à prática dos deveres religiosos adquiriram tal popularidade que já se tornara proverbial que o único meio de não se deixar conquistar era fugir e se esconder.

Os vigários e outras pessoas, testemunhas da excelente atuação dos Irmãos e de todo o bem que realizavam, endereçaram ao Pe. Champagnat cartas muitíssimo lisonjeiras, dando-lhe os parabéns por ter formado, em pouco tempo, homens piedosos e tão dedicados à causa da religião. Nessa época, houve também numerosos pedidos de

abertura de novas escolas[295] e, no decorrer de 1822 e 1823, fundaram-se as de Saint-Symphorien-le-Château, Buolieu e Vanosc.[296] Esta última teve de ser fechada quatro anos depois devido ao péssimo estado da casa e à total falta do necessário. Nela dois Irmãos contraíram doenças dos olhos e outras enfermidades que os levaram ao túmulo.

Na escola de Boulieu o elevado número de alunos fez com que o Ir. João Pedro,[297] seu diretor, sucumbisse à estafa. Morreu vítima de seu zelo e dedicação. No seu último retiro espiritual, realizado em 1824, teve pressentimento de sua morte próxima e, voltando para o estabelecimento, disse ao Pe. Champagnat, abraçando-o e pedindo-lhe a bênção: "Desculpe-me Padre se estou chorando ao deixá-lo, mas uma voz interior me diz no fundo do coração que não tornarei ao vê-lo neste mundo". Era tão estimado pelos alunos que, tendo um deles falecido no mesmo dia, os pais pediram que o sepultassem no mesmo túmulo que seu mestre.

Por esse tempo os Irmãos suplicaram ao Pe. Champagnat que lhes permitisse chamá-lo de *Père* (pai),[298] a que acedeu de bom grado.

---

[295] Entre esses novos estabelecimentos?

- em 1822, Bourg-Argental (2 Irmãos);
- em 1823,Vanosc (2 Irmãos);
- em 1823, Saint-Symphorien-le-Château (3 Irmãos); Boulieu (3 Irmãos);
- em 1824, Chavanay (2 Irmãos);
- em 1824, Charlieu (3 Irmãos).

[296] LPC 2, "index des noms de liieux".

[297] Ir. João Pedro (cf. BQF, p. 38).

[298] Até então os Irmãos o chamavam de *Monsieur* Champagnat, Sr. Champagnat. "Era o tratamento que se dava aos homens de alta condição social. Entre eles, os sacerdotes" (*Seguindo os passos de Marcelino Champagnat*, p. 332). Père era o tratamento de respeito dado ao superior religioso que fosse sacerdote. Era considerado o pai espiritual.

CAPÍTULO ONZE

Contrariedade e perseguições que a obra dos Irmãos atrai a seu Fundador. D. Gaston de Pins, administrador da diocese de Lião, protege o Instituto.

Era de esperar que a fundação dos Irmãos só atraísse elogios e aprovações ao Pe. Champagnat. Mas Deus salvou o mundo pela cruz e quer todas as obras marcadas com este sinal sagrado. O Instituto dos Irmãos nasceu na pobreza, cresceu na humildade e, até a morte de seu piedoso Fundador, permaneceu à sombra da cruz. Oxalá possa ficar sempre aí, pois desta árvore da vida nasce a prosperidade e a graça de produzir abundantes frutos.

Desde o início de sua obra o Pe. Champagnat tornou-se alvo de contradições e, se até o presente silenciamos estas provações, foi porque achamos melhor reunir, num só capítulo, tudo o que pretendemos expor sobre o assunto. Os homens, medindo sempre os êxitos segundo as forças humanas, não compreendiam como um simples coadjutor, sem recursos, tivesse êxito na fundação de uma comunidade. até o projeto desta obra para eles não passava de fantasia, filha do orgulho e da temeridade. "Que pretende fazer com isso? Como pode, destituído de recursos e talentos, sonhar com a criação de uma comunidade? É a soberba que os impulsiona a semelhante empreendimento. É a ambição, o desejo de projetar-se, a tola pretensão de ser chamado fundador. Que pretende fazer destes adolescentes que está retirando da roça para ficarem mofando em cima dos livros? Certamente uns metidos, uns vagabundos quem após passarem a juventude na ociosidade, vão acabar vivendo às custas da família, tornando-se, quem sabe, o flagelo da sociedade." Era o que diziam do Pe. Champagnat.

E não era somente alguns pessimistas que se permitiam semelhantes difamações; leigos de rara piedade, clérigos de grande virtude, inclusive vários de seus amigos, pensavam e falavam assim. Acusavam-no de mil projetos contraditórios: ora diziam que fundava um colégio para competir com o de Saint-Chamond;[299] ora espalhavam

[299] O Pe. Cattelin, superior de Saint-Chamond, imaginava que o Pe. Champagnat queria arruinar seu colégio recém-fundado. É verdade que Champagnat ensinava latim a alguns alunos (cf. OME, doc. 166 [19], p. 445)

que estava formando uma comunidade de Irmãos professores, de Irmãos lavradores, de Frades eremitas etc. Chegaram ao extremo de inventar que ia instituir uma seita de beguinos.[300] Criticavam e censuravam[301] amargamente as normas que prescrevera à sua pequena comunidade, bem como o estilo de vida, as ocupações e a indumentária dos Irmãos. Semelhantes incriminações provocaram tamanho estardalhaço que chegaram ao conhecimento do arcebispado. O Pe. Bochard,[302] vigário geral, chamando o Pe. Champagnat, repetiu-lhe todas as difamações urdidas contra ele e solicitou-lhe esclarecimentos.

- É verdade, Sr. vigário geral, respondeu o Pe. Champagnat, que reuni alguns rapazes para ensinar às crianças de Lavalla que não tinha professor. São ao todo uns oito,[303] vivem comunitariamente, ocupam-se na instrução das crianças, na formação pessoal, na aquisição dos conhecimentos próprios do ensino primário e, enfim, nos trabalhos manuais. Esses jovens,[304] na verdade, não usam hábito e não tem compromisso religioso, e estão lá por livre e espontânea vontade, porque este modo de vida lhes agrada; apreciam o recolhimento, o estudo e o ensino.

- Entretanto, comentam por aí que pretende constituí-los em comunidade, arvorando-se em superior deles.

---

[300] Sobre os Beguinos, ver Benoît LAURENT, *Les Béguin en Forez.* Saint-Étienne, Ed. Loire républicaine, 1944. O período da construção de I'Hermitage coincide com a passagem pelo tribunal correcional de Saint-Étienne (janeiro - março de 1825) de alguns Beguinos acusados de "dividir a Igreja romana e de fundar, nesta cidade ou na vizinhança, uma sociedade conhecida, em outros países, pelo nome de Quakers"(p. 104). Para o povo, "Beguino" Segundo o Dicionário Aurélio, beguino significa: frade mendicante, homem de vida penitente.

[301] O pároco Rebod criticava muito a conduta do Pe. Champagnat (OME, doc, 166 [20], p. 446).

[302] Cf. OM 4, P. 198. O Pe. Caurbon, numa ao cardeal Fesch, deixou uma descrição nada lisonjeira do Pe. Bochard (cf. OM 1, DOC. 32 [2], p. 183).

[303] Trata-se dos oito primeiros Irmãos Maristas (AFM 137. 139). Pela ordem de entrada: Irs. Jean-Marie (Granjon), Louis (J. B. Audras), Laurent (J. Cl. Audras), Antoine (Couturier), Barthélemy (Badard), François (Gabriel Rivat), Jean Pierre (Martinol) e Jean-François (Etienne Roumesy).

[304] Pe. Champagnat expõe ao inspetor Guillard, em abril de 1822, que "aguada, para obter a legalização, que a árvore recém- plantada, havia quatro ou cinco anos, tenha criado raízes. Deseja, entretanto, a isenção do serviço militar para seus Irmãos" (OME, doc. 19 [10], p. 76).

- Sou eu que os oriento, os preparo, mas não ambiciono a função de superior; eles próprios escolheram um deles para diretor.[305]

- Vamos! Seja claro, não é verdade que você acaricia projeto de fundar uma congregação de professores?

- Sim, pensei em formar professores para a juventude rural. Neste intuito reuni alguns jovens. Deus fará deles o que lhe aprouver, pois só desejo realizar sua santíssima vontade.

- Mas você lhes deu o nome de Irmãos de Maria: é, portanto, uma congregação que deseja fundar; ora, temos uma instituição[306] similar na diocese, não admito que haja várias.

Após essas explicações, o Pe. Bochard propôs ao Pe. Champagnat unir seus Irmãos aos que ele próprio fundara em Lião. Sem opor-se radicalmente a tal proposta, o Pe. Champagnat desconversou jeitosamente e se despediu do vigário geral. Mas compreendeu que devia aguardar novas pressões para consentir na fusão ou maiores dificuldades, se por acaso a recusasse.

Deixando o Pe. Bochard, foi ao encontro do Pe. Courbon,[307] primeiro geral, conhecedor de seus projetos. Expôs-lhes a situação da sua pequena comunidade, os obstáculos que surgiam de todos os lados e concluiu dizendo:

-Sr. vigário geral, o senhor sabe o que eu quero, quais são minhas intenções e o que fiz até agora. Por favor, queira dar-me seu parecer sobre este empreendimento. Estou pronto a abandoná-lo se o senhor me ordenar, pois apenas desejo cumprir a vontade de Deus. Uma vez que esta vontade me for manifestada através do senhor, eu

---

[305]O diretor era o Ir. João Maria, que acompanhava o Pe. Champagnat na ocasião desta entrevista (OME, doc. 166 [224], p. 448. Mais tarde, quando dos primeiros pedidos de reconhecimento legal, o Pe. Champagnat colhe a assinatura de um grupo de Irmãos (cf. RLF, p. 39).

[306] Graças aos relatórios da Academia de Lião (Lista destes doc. OM 1, P. 100), pode-se dar como certo que não havia na diocese de Lião, antes de 1823, outra congregação de Irmãos, a não ser a dos Irmãos das Escolas Cristãs e a dos Irmãos de La Valla. A fundação de Bochard, à qual faz alusão, só começou em 1823 (cf. (OME, doc. 21, p. 80). Comparar com a entrevista narrada pelo Pe. Bourdin (OME, doc. 166 [24], p. 448).

[307] Pe. Courbon, LPC 2, p. 149. O problema das funções do Pe. Bochard é explicitado em biografia (OM 4, p. 198; também BI n. 159, 161, 162, 163, 165).

me submeterei.

- Não sei por que lhe promovem tanta guerra, respondeu o Pe. Courbon,[308] é obra digna de elogios preparar mestre competentes[309] dos quais tanto precisamos; prossiga.

Satisfeitíssimo com a resposta, o Pe. Champagnat foi ter com o Pe. Gardette, superior do seminário maior, a fim de lhe expor a situação de sua comunidade e as opiniões dos vigários gerais. O Pe. Champagnat tinha agido sempre de acordo com os conselhos do Pe. Guardette que, também desta vez, o estimulou na execução de seu projetos e desaconselhou a união dos Irmãos de Maria com os da diocese: "Seja prudente,[310] tenha confiança em Deus e não desanime por estar sua obra enfrentando adversidades; esta provação[311] servirá apenas para consolidá-la".

Pouco depois, Pe. Bochard insistiu novamente para ultimar a fusão das duas sociedade de Irmãos. Vendo, porém, que o Pe. Champagnat não se prestava a seus objetivos, falou-lhe com aspereza, ameaçando-o com o fechamento de sua casa e com sua transferência[312] de Lavalla. O bondoso padre voltou aflito de Lião, mais cheio de confiança em Deus e de resignação à sua santa vontade. Estas contrariedades lhe eram tanto mais dolorosas, quanto procediam de um superior e porque se via obrigado a reprimi-las no coração. Para não amedrontar os Irmãos, nem desanimá-los, silenciava tudo ou falava apenas de maneira vaga e geral. por ocasião dessas novas tribulações, prescreveu à comunidade orações especiais e uma novena de jejum a pão e água. Dirigiu em romaria ao túmulo de São Francisco Régis, em La Lou-

---

[308] Comparar com o texto do Pe. Bourdin, muito mais preciso (OME, doc. 166 [23], p. 447).

[309] O propósito Pe. Courbon fundara em Lião, perto da catedral, uma escola de aprendizes, em 1783 (cf. *Bulletin historique du diocèse de Lyon*, 1922, 1º trimestre, p. 25).

[310] O Pe. Gardette não podia censurar diretamente o Pe. Bochard; contentou-se em dizer ao Pe. Champagnat: "Seja prudente; tenha confiança em Deus" (OME, doc. 7, p. 449).

[311] LPC 1, doc. 7, p. 39.

[312] Na realidade, o Pe. Champagnat já esperava por essa mudança sobre a qual troca idéias com o Pe. Courbon (OME, doc. 166 [23] p. 447).

vesc,[313] para obter, por intercessão desse grande santo, o espírito de luz e de força de que tanto necessitava, Entretanto, foi na Santíssima Virgem que encontrou seu refúgio seguro. Foi implorar sua proteção numa capelinha[314] a ela dedicada, nas redondezas de Lavalla. Diversas vezes por semana para lá se dirigia com os Irmãos: celebrava a missa e consagrava novamente sua obra a Maria, suplicando-lhe que tomasse sob a sua proteção, que a defendesse e conservasse, caso ela servisse para a glória de seu divino Filho.

O Pe. Bochard,[315] entretanto, voltou à carga para conseguir a fusão das duas comunidades. Não conseguindo vencer as resistências do Pe. Champagnat, tratou-o de obstinado, orgulhoso, rebelde, espírito tocando, e acabou dizendo-lhe que tomaria as providências para fechar a casa e dispensar seus seguidores. Provavelmente escreveu nesse sentido ao Pe. Dervieux,[316] vigário do distrito, pois alguns dias mais tarde, esse venerando sacerdote chamou o Pe. Champagnat a Saint-

---

[313] Depoimento da senhora Sériziat sobre as peregrinações do Pe. Champagnat a La Louvesc. "O santo Champagnat fazia freqüentes peregrinações a La Louvesc, a pé, passando pelos morros. Voltava de noite, ajoelhava-se nos degraus da entrada da igreja e, de cabeça descoberta, adorava a Jesus sacramentado, esperando que abrissem a igreja para celebrar a santa missa" (Témoignage, 1886, AFM 104.13, n. 38, p. 104).

[314] Trata-se de uma capela situada a um quilômetro da Vila de La Valla, construída, no mínimo, no século XV. Chama-se Nossa Senhora de Leytre, porém, mais freqüentemente, a invocam com o nome de Nossa Senhora da piedade. Durante as epidemias do século XUII, era considerada como o santuário das vítimas da peste, que viviam em sua volta, uma vez banidos da aldeia.

[315] Em setembro de 1823, o Pe. Bochard acolheu amavelmente o Pe. Champagnat para o retiro dos padres (OME, 166 [25]. Queria conquistar os que iam fazer o retiro para que apoiassem sua atitude de oposição a uma recente decisão de Leão XII de nomear um administrador apostólico para a diocese de Lião. Nesta ocasião, o Pe. Courbon falará de "galicanagem" do Pe. Bochard. O episódio vem narrado por Simon CATTET em: *Defense de la vérité sur le cardianal Fesch,* p. 291-292. Esta intervenção deve situar-se pouco antes da chegada de D. Gaston,de Pins, entre setembro e dezembro de 1823.

[316] O Pe. Dervieux era presidente do Comitê distrital encarregado das escolas e, devido a isso, recebia as reclamações como, por exemplo, do diretor do colégio de Saint-Chamond, o qual, dispondo de poucos alunos, se queixava de padres quem aqui e acolá, lecionavam latim na casa paroquial, roubando-lhe alunos (OME, doc. 18, p. 71). O inspetor Guillard assinalará que o Pe. Champagnat deixou de ensinar latim em 1822 (OME, doc. 19 [9],p. 750.

Chamond e repetiu-lhe, mais ou menos, a fala do vigário geral: "como você, pobre coadjutor de roça, tem a pretensão de fundar uma congregação? Não tem recursos nem talentos e, contrariando o parecer dos superiores, atreve-se a encarregar-se de empreendimento de tal monta? Não está vendo que é orgulho que o que está cegando? Se não tem a devida consideração por você como pessoa, pelo menos tenha dó dos jovens que você está jogando em tão lastimável situação: pois, mais dia menos dia, a casa vai cair e então seus seguidores nem terão de que viver".

A oposição do Pe. Bochard à comunidade dos Irmãozinhos de Maria, quando se tornou pública, provocou uma explosão de críticas e mexericos injuriosos contra o Pe. Champagnat. O pároco de Lavlla, um dos primeiros a criticar o bom Padre e a desaprovar-lhe a obra, mantendo o Pe. Bochard a par de tudo o que se fazia entre os Irmãos,[317] redobrou as invectivas contra ele.

Dois fatos, sobretudo, martirizaram muito o Pe. Champagnat: primeiro, o inocente vigário deixou transparecer em público a oposição ao coadjutor e seus Irmãos, chegando mesmo a censurá-lo e repreendê-lo em público. Num domingo, enquanto o Pe. Champagnat, depois das completas, fazia uma pequena oxortação aos fiéis, o vigário entra de supetão na igreja pela porta principal e daí entoa o hino *O Cruz, ave...* com o qual se acostumava encerrar este exercício. Surpresos e escandalizados, os fiéis se voltam, acompanharam-no com o olhar, ouvem o canto com indignação, numa demonstração inequívoca de sua desaprovação. O Pe. Champagnat, sem deixar transparecer nenhuma emoção ou contrariedade, aguardou que o vigário[318] terminasse o conta e prosseguiu a instrução.

De outra feita, durante numa catequese preparatória à confirmação, no momento em que dizia ser o bispo o ministro desse sacramento, o vigário entra a igreja e,voltando-se para os fiéis, grita: "Os sacerdotes também, meus irmãos, podem administrar a crisma com a devida autorização". Com muita freqüência o Pe. Champagnat sempre respondia por uma paciência inalterável.

---

[317] OME, doc. 19 (16, 20 e 23).

[318] Em contrapartida sabemos que o vigário apreciava muito o coadjutor, mas julgava-o um tanto caxias.

A segunda causa de sofrimentos foi o vigário desacreditar o Pe. Champagnat até junto aos Irmãos. Mais ainda, procurava desligá-los da congregação; a um dos melhores dispôs-se no mundo ou a admissão em outras comunidades. Por ocasião da transferência do Ir. Luís para Bourg-Argental, em 1823,[319] fez de tudo para retê-lo e impedi-lo de obedecer: "Sou eu o vigário, você é natural de minha paróquia, não quero que vá embora. Deixe o Pe. Champagnat falar. Ele não sabe o que faz". O santo Irmão não era homem de transferir com o dever e só conhecia a voz da obediência; procedeu, nesta oportunidade, como procedera em Marlhes.

Até o confessor[320] do bom Padre chegou a abandoná-lo,na situação dolorosa em que ele se encontrava. Prevenido por intrigas e cansado de tudo quanto ouvia, chegou ao extremo de recusar-lhe a confissão. Como o Pe. Champagnat nunca empreendera nada sem consultá-lo, ficou extremamente penalizado ao ser repreendido e condenado por quem, até aquele momento, fora seu apoio e guia. Suplicou em vão que continuasse a dirigi-lo e, nada conseguindo, teve de escolher outro confessor.

A situação do Pe. Champagnat era das mais críticas: não cedia ao desânimo, mas não sabia em que ia dar sua obra. Para salvá-la das perseguições que ameaçavam destruí-la, veio-lhe a idéia de pedir a licença de ir para as missões da América.[321] por várias vezes falou aos Irmãos a respeito desse projeto, perguntando-lhes se estavam decididos a segui-lo. Todos lhe garantiram que nunca o abandonaram, nem que fosse necessário ir até o fim do mundo.

Daí a alguns dias, mais mexericos chegaram aos ouvidos do vigário de Saint-Pierre-de-Chamond. Sabendo disso, o Pe. Champagnat foi trazer-lhe uma visita, no intuito de desviar a tempestade; po-

---

[319] Ano em que o Ir. João Maria fugiu para a Trapa.

[320] Nenhum documento de nosso arquivo identifica com exatidão o "confessor do bom Padre".

[321] O Pe. Champagnat não duvida de que o ramo dos Irmãos da Sociedade de Maria deve ser fundado; os demais "fundadores" encarregaram-no dessa tarefa: " O ramo dos Irmãos Maristas, que me fora confiado em 1816, escreverá em 1837" (OME, doc. 152, p. 339). Por outro lado, um dos signatários do compromisso de Fouvière (Philippe Janvier) se encontra nos EUA, onde acompanhou o bispo Dubourg; talvez tenha percebido nisso um aceno da Providência.

rém, apenas chegou, o pároco o cumulou de censuras, avisando-o de que mandaria a polícia a Lavalla para dispersar os Irmãos e fechar a casa. Com humildade o padre pediu licença para falar e justificar seu comportamento e o dos Irmãos. Tudo inútil. Negou-se o vigário[322] obstinadamente a ouvi-lo, fechou-lhe a porta e mandou-o embora sem mais nem menos. Era no começo de 1824. Mergulhados na dor, o Pe. Champagnat e seus Irmãos aguardavam, a qualquer momento, a chegada dos policiais; o menor ruído os alarmava e dava-lhes a impressão de que eles estavam à porta... Foi quando chegou a notícia da nomeação de D. Gaston de Pins,[323] arcebispo titular de Amasie, como administrador apostólico da diocese de Lião.

Diante do novo cenário, reavivou-se a confiança do piedoso Fundador, permitindo-lhe vislumbrar dias melhores para sua congregação. Depois de consultar a Deus na oração, escreveu uma carta[324] ao novo prelado. Nela fazia uma exposição sucinta de sua obra; origem, finalidade e situação atual. Concluía depositando a obra aos pés de Sua Excelência, colocando-se, ele mesmo, em suas mãos, disposto a tudo abandonar ou a continuar, segundo seu beneplácito.

Visto que o Pe. Champagnat sempre se conduzira em sintonia com o Pe, Guardette, superior do seminário maior, entregou-lhe a carta endereçada ao prelado, rogando-lhe que a lesse e, se julgasse conveniente, que ele mesmo a fizesse chegar ao destinatário. O Pe. Gardette entregou o documento, [325]fazendo, ao mesmo tempo, o elogio do

---

[322] O documento Bourdin é mais matizado a este respeito. O Pe. Dervieux, após ler uma carta do Pe. Courbon ao Pe. Champagnat e que este lhe passava, disse-lhe: "Admira-me que o Pe. Courbon só lhe tenta escrito isso" (OME, doc. 166 [22], p. 447). Daí por diante o Pe. Dervieux será grande amigo do Pe. Champagnat (AA, p. 318).

[323] Tendo o cardeal Fesch recusado pedir demissão (OM e, p. 279), D. Gaston de Pins foi nomeado administrador da diocese de Lião pelo breve de 22 de dezembro de 1823, porém, só foi confirmado por decreto real em fins de janeiro de 1824.

[324] Esta carta não foi conservada.

[325] O Pe. Boudin também fala destas duas cartas a D. Gaston de Pins e ao Pe. Gardette (OME, doc. 166 [26], p. 449). Avit diz: OPe. Champagnat remeteu uma carta ao novo arcebispo por intermédio do Pe. Gardette, a quem solicitou que a entregasse a Sua Excia.m se julgasse oportuno. Pe. Gardette, grande conhecedor do Fundador e de sua obra, fez dela uma apresentação elogiosa ao arcebispo" (AA, p. 54).

autor e da obra que fundara com tantos sacrifícios. O venerando arcebispo, que os Irmãozinhos de Maria devem perpetuamente considera como pai, não vacilou um só instante em comprometer-se a proteger a nova congregação. Disse ao Pe.Gardette: "Escrevera [326]ao Pe. Champagnat que desejo encontrar-me com ele para conversarmos sobre sua instituição e, por enquanto, manifesta-lhe toda minha estima.

Na ida do Pe. Champagnat a Lião, o Pe. Gardette[327] apresentou-o a D. Gaston de Pins. Mal se achou na presença do prelado, ajoelhou-se pedindo-lhe a bênção. "Claro que lhe dou a bênção, assim como a todos os Irmãos. Queira Deus multiplicar sua família, para que se espalhe, não somente em minha diocese, mas em toda a França".[328] Depois de conversar demoradamente com o Pe. Champagnat sobre a origem, o desenvolvimento e o estado atual da congregação, disse-lhe: "Permito-lhe dar um hábito aos seus Irmãos, a até admiti-los aos votos,[329] pois é o único jeito de segurá-los na vocação". E acrescentou: "Já que a casa é muito pequena, é preciso construir outra; prometo-lhe alguma ajuda".[330] Saindo do arcebispo, o Pe. Champagnat dirigiu-se a Fouvière para agradecer a Deus tantos favores, por intermédio de Maria. Por longo tempo permaneceu como que aniquilado aos pés da Divina Mãe e, na efusão do seu coração, mas uma vez consagrou-se inteiramente a seu serviço.

Temos aqui a obrigação de ressaltar os relevantes serviços que o Pe. Gardette, nesta conjuntura, prestou à congregação: foi principalmente graças a ele que ela obteve a proteção e a benevolência generosa e constante do novo arcebispo. Este santo sacerdote não se con-

---

[326] Segundo o Pe. Boudin, D. Gaston de Pins escreveu pessoalmente (OME, doc. 166 [27], p. 449).

[327] Pe. Bordin não cita a presença do Pe. Gardette mas a dos Pes. Cholletton e Baron (OME, doc. 166 [27], p. 450).

[328] O Pe. Champagnat dirá mais tarde: "Todas as dioceses do mundo entraram em nossos planos" (LPC 1, doc. 93, p. 210).

[329] Os Irmãos emitirão os primeiros votos em 1826. O Pe. Boudin menciona o hábito e o voto de castidade depois da entrevista de Champagnat com D. Gaston de Pins e, aparentemente, como uma conseqüência da última (OME, doc. 166 [30], p. 450 e notas).

[330] A construção, começada em maio, teve o grosso do trabalho terminado no fim do ano; porém, os trabalhos de acabamento duraram ainda alguns meses. Os Irmãos puderam fazer a mudança, um ano após o início da construção (AA, p. 55-56).

tentara apenas com dirigir e animar o Pe. Champagnat: concedera-lhe também auxílios financeiros. Jamais o santo Fundador ia ao seminário maior sem dele receber conselhos, incentivos e recursos em prol de sua obra. Os Irmãozinhos de Maria devem eterna gratidão a este venerando sacerdote.

De volta a Lavalla, o Pe. Champagnat encontrou a paróquia em polvorosa. Um Padre,[331] que o vigário enfermo chamara para ajudá-lo na preparação da Páscoa, aproveitara-se da ausência do pastor para indispor os paroquianos contra ele. Por sua instigação, circulara um abaixo-assinado pedindo a mudança do vigário e sua substituição pelo referido Padre. Embora tivesse mil razões de queixar-se do vigário, o Pe. Champagnat não hesitou em tomar-lhe a defesa e apoiá-lo. Condenou clara e abertamente o que se passara. Chamou os líderes da paróquia que haviam subscrito a petição, expressou-lhes seu descontentamento e convidou-os a desistir de tal propósito. Repreendeu também o Padre, centro de todas as intrigas, e declarou-lhe não querer nenhuma relação com ele, o que muito irritou. Entretanto, como o procedimento do vigário tinha motivos fundados para reclamações, foi suspenso e substituído,[332] não por seu competidor,[333] mas pelo Pe. Bedoin,[334] sacerdote que, por sua prudência e raras virtudes, granjeou, em pouco tempo, a confiança, a estima a as simpatias de todos os paroquianos. O arcebispo tinha oferecido o cargo[335] ao Pe. Champagnat, mas ele não aceitou. Suplicou ao prelado que o exonerasse até das funções de coadjutor para dispor de mais tempo em favor da obra dos

[331] João Batista Seive, natural de Saint-Genest Malifaux, coadjutor de Tarentaise (1816-1820) e vigário de Anthum (1821-1823) (OM 4, p. 254).

[332] Na verdade, o arcebispo deixa-lhe a possibilidade de ficar em La Valla, mas ele prefere assumir a capelania das Ursulinas de Saint-Chamond. Lá, vem a falecer pouco depois, em 27 de janeiro de 1825 (AAL, reg. délib. 1, nécrologie).

[333] Em 5 de maio de 1824, o Pe. Seybe foi nomeado pároco de Burgnes, onde parece que não se mostrou muito prudente. “Todo o Conselho municipal de Burgines escreveu, em 5 de junho de 1830, ao prefeito de La Loire, uma carta violenta contra o despotismo e as exigências descabidas do Pe. Seyve e, então vigário da paróquia” (ADL, v. 15, n. 226).

[334] OM 1, doc. 103, p. 319.

[335] Segundo o Pe. Bourdin, a proposta teria sido feita logo na primeira entrevista co o arcebispo (OME, doc. 166 [27], p. 449).

Irmãos; passados alguns meses,[336] foi atendido. Os habitantes de La-valla, que o costumavam muito, fizeram de tudo para segurá-lo com vigário; vendo-o, porém, disposto, não só a rejeitar este cargo, mas até a deixar a paróquia para construir uma nova casa em local mais con-veniente e de mais fáceis acesso, apresentaram-lhe as mais vantajosas propostas, tentando conservá-lo com ele. Alguém chegou até a ofere-cer-lhe uma propriedade de valor bastante apreciável: nada, porém, pôde demovê-lo de sua resolução.

[336] Sabe-se que Champagnat foi nomeado coadjuntor em La Valla em 12 de agosto de 1816 (OME, doc. 16, p. 67). Mas não se sabe exatamente a data em que foi oficialmente substituído. Sua última assinatura data de 20 de março de 1825 (Arch. par. de La Valla, reg. de cath.), e em recibo de 21 de fevereiro de 1825 lhe confere ainda o título de coadjutor (AFM, cahier Champagnat 3, p. 10).

CAPÍTULO DOZE

A transferência do noviciado acarreta novos aborrecimentos ao Pe. Champagnat. Construção da casa de I'Hermitage.

Nas suas viagens a Saint-Chamond,[337] o Pe. Champagnat contemplara, muitas vezes, o vale onde hoje está I'Hermitage[338] e sempre dizia de si para si: como ficaria bem na casa de noviciado nesta solidão! Lugar tranqüilo e muito adequado para os estudos; se Deus nos abençoar, um dia viremos nos estabelecer aqui. Entretanto, antes de optar por este local, percorreu as regiões circunvizinhas em companhia de dois Irmãos de maior liderança, à procura de algo melhor. Terminada a pesquisa nenhum local lhe pareceu mais conveniente para uma casa[339] religiosa. O vale de 1' de Hermitage, dividido e banhado pelas águas cristalinas do Gier, limitado a leste e oeste por montanhas dispostas em anfiteatro, revestidas, quase até o cimo, de vegetação ou bosques de carvalhos e árvores frutíferas, constitui, de fato, um sítio encantador e dos mais agradáveis, mormente na primavera. Mas por ser muito estreito, este vale não permita o desenvolvimento de uma comunidade numerosa; as correntezas de ar e a umidade provocadas pelas águas, tão prejudicadas às compleições menos robustas e às saúdes debilitadas pelo estafante trabalho no ensino, são algumas das razões que determinam, mais tarde a transferência da casa principal do Instituto para o local.[340]

---

[337] LPC 2, P. 542.

[338] O nome de "Hermitage" (=Eremitério) é provavelmente, escolha do Pe. Courveille. O primeiro texto que fala dele é o prospecto de 1824 (OME, doc. 28 [2], p. 87). Aliás, não é difícil encontrar outros textos onde o Pe. Courveille expressa seu gosto por um "Hermitage" (OM 2, doc. 780 [2]; 784 [1]; OM 3, doc. 873 [12]; 876 [20]. Isto não impede que tenha sido o Pe. Champagnat quem escolheu o terreno, cuja solidão apreciava (LPC 1, doc. 45, p. 124). Diz o dicionário Robert: Ermitage, designativo, às vezes de uma casa de campo afastada: L"ermitage (ou hermitage) de J. J. Rouseau.

[339] O terreno compreendia, na margem esquerda, a aldeia dos Gauds (=Bosque) e, na margem direta, o Bois Coulaud (OM 4, p. 423). Antes construção de 1"Hermitage, o Pe. Rouchon, vigário de Valbenoîte, oferecera ao Pe. Champagnat uma parte das instalações da antiga abadia cisterciense que ele tinha adquirido para ser presbítero; porém, o Pe. Champagnat recusou (OME, doc. doc. 23. p.82).

[340] A publicação deste livro em 1856 coincide com os preparativos, já iniciados, para

À luz da sabedoria humana, o piedoso Fundador cometia grave imprudência ao empreender, sem nenhum recurso, uma construção que acarretaria volumosas despesas. Somente o terreno[341] custou-lhe mais de doze mil francos. Quando o projeto da transferência da comunidade e da construção de uma vasta moradia veio a público, deu-se nova explosão de censura, críticas,[342] invectivas e ofensas que superou, talvez o que ocorrera na fase mais tempestuosa do Instituto. A aprovação que o arcebispo[343] outorgara a esta obra, o apreço e a cordialidade com que distinguia seu Fundador, nada conseguiu sustar a efervescência dos espíritos e a perversidade das línguas. O projeto foi tachado de loucura[344] e os próprios amigos do Pe. Champagnat o reprovaram, nada poupando para pressioná-lo a desistir. O mundo não entende mesmo nada das obras de Deus, porque elas ultrapassam o intelecto obscurecido pelas paixões; considera-as como loucura e qualifica de dementes aqueles que as realizam. *O mundo nos trata como insensatos,*[345] diz S. Paulo. O próprio Jesus Cristo foi tratado como louco na corte de Herodes,[346] e os servos não esperem tratamento melhor que o Senhor.[347]

S. João Batista de la Salle, Fundador dos Irmãos das Escolas

---

instalar a casa-mãe em Saint-Genis-Laval (cf. CSG II, p. 175 e 186; também BI X, p. 31).

[341] Ver o ato de compra, pelos Pes. Champagnat e Courveille, dos terrenos sobre os quais se ergue l'Hermitage (OME, doc. 26, p. 83-84).

[342] O povo simples era mais levado à admiração. Em 6 de setembro de 1824, um vizinho de l'Hermitage escreveu aos pais: "Ontem fui participar das vésperas em Bois Coulaud (nome do lugar onde de construía l'Hermitage: margem direita) mais por curiosidade do que por devoção. Realmente, são as druidas do tempo antigo. Uns no mato, outra na relva. (Há, pois, vésperas ao ar livre e cada qual procurava arranjar um lugar ao sol ou à sombra.) O povo de Layat (aldeia acima de l'Hermitage: margem esquerda) sai das casas e vem sentar-se na parte baixa de suas terras, com seus livros. Enfim, isto merece ser publicado. Ao som do órgão, como os cantores de Paris" (Archives provées, famille Ginot).

[343] Ver os incentivos dados por D. Gaston de Pins (OME, docs. 22, 23, 24, 25).

[344] Pe. de la Croix, futuro arcebispo de Auch, encarrega um de seus amigos de dizer seu pensamento ao Pe. Champagnat: "Diga ao Pe. Champagnat que está construindo à toa" (OME, doc. 160 [21], p. 386).

[345] 1Cor 1,27.

[346] Lc 23,11.

[347] Mt 10,24; Lc 6,40; Jo 13,16 e 15,20.

Cristãs, contrariando o parecer dos pais e amigos, distribuiu seus haveres aos pobres e renunciou ao canonicato da catedral de Reims, a fim de dar a seus Irmãos exemplo de pobreza, pertencer inteiramente a Deus e não possuir nada na terra. Quando a notícia se espalhou, a cidade em peso o chamou de louco. Vendo-o andar pelas ruas, os transeuntes encolhiam os ombros em sinal de compaixão e murmuravam: "Até o levaram o fanatismo e a teimosia". Antes de ultimar o processo de renúncia ao canonicato, o piedoso cônego entrou numa igreja e, prostrado diante de Nosso Senhor, permaneceu mergulhado em profunda oração. Naquela hora, apareceram dois amigos da família do santo sacerdote; um deles, cheio de falsa sabedoria do mundo, diz ao outro, simulando compaixão: "Reze a Deus por esse coitado de la Salle: [348]está acabando de perder o juízo. Falou certo, Falou certo, respondeu o outro; na verdade, ele perdeu o juízo, mas o do mundo, para ficar com o juízo de Deus".

Os dois santos fundadores, cujas obras são muito parecidas, tiveram neste particular, bem como em vários outros, surpreendentes traços de semelhança que gostaríamos de ressaltar. Comentavam diversos confrades e muitas outras pessoas: "Esse doido do Champagnat, será que perdeu a cabeça? Que é que pretende fazer? Onde arranjará dinheiro para custear essa obra? É temeridade demais! Serpa que não perdeu definitivamente todo o juízo para não ver mais nada e botar planos desses na cabeça?" Um livreiro[349] de Lião, que conseguira um empréstimo de doze mil francos para o Pe. Champagnat começar a construção, tendo ido a um presbitério, nas cercanias de Saint-Chamond, a fim de tratar de negócios, foi convidado pelo vigário para jantar. Naquele dia, havia uma reunião de padres na casa paroquial.

- Pois é, disseram-lhe ao vê-lo, parece que o senhor não sabe o que fazer com o dinheiro.

- Não estou entendendo, minha gente.

---

[348] J. CI. GARREAU, *Vie de Messire Jean-Baptiste de la Salle,* 1, p. 126, Ed. Méquignon, cadet, 1825.

[349] O livreiro é o Sr. Rusand e o financiador, junto ao qual é fiador do Pe. Champagnat, é o Sr. Maréchal. O balancete de agosto de 1826 menciona, de fato, uma soma de doze mil francos como devida a este último e outra de seis mil francos devida a Rusand. Sabe-se, por outro lado, que ambos prestaram serviços aos aspirantes maristas (cf. OM 2, doc. 757, p. 780, nota).

- Está correndo o boato de que o senhor emprestou doze mil francos ao maluco do Champagnat.

- Não emprestei; mas arranjei quem lhe emprestasse e fui o avalista.

- Pois fez uma grande besteira.

- Mas, por quê?

- Porque esse homem é um temerário, um cabeçudo. É só o orgulho que o leva a um empreendimento que não tem qualquer condição de êxito.

- Meu conceito sobre o Pe. Champagnat é bem melhor: considero-o gente séria e espero que Deus haverá de abençoá-lo.

- Não, não, isso é impossível, pois não tem nada. Sem preparo, sem recursos, sem talentos, como quer o senhor que ele seja bem sucedido? Brevemente, acossado pelos credos, ver-se-á obrigado a desistir de tudo e fugir. Veja que o senhor fez uma grande besteira ao fazer-se avalista. Além de expor-se a perder o dinheiro, o senhor está favorecendo as loucuras dele.

- O Pe. Champagnat merece toda minha estima, tenho plena confiança nele e, estou convencido, sua obra vai dar certo. Se estiver enganado, tanto pior; até agora, não me arrependo de havê-lo ajudado e continuo acreditando que jamais me arrependerei.

O Pe. Champagnat não ignorava o que pensava e diziam dele publicamente; pouco o sensibilizavam, porém, os pareceres dos homens e jamais tomou por norma de conduta os princípios da prudência humana. Assim, muito embora tivesse sobre os ombros o encargo de uma comunidade numerosa, numa dívida de quatro mil francos e nenhum dinheiro, unicamente com sua confiança em Deus, uma confiança sem limites, empreendeu sem temor a construção de uma casa muito vasta, com uma capela, e capaz de alojar cento e cinqüenta pessoas. A aquisição do terreno e a construção constaram-lhe mais de sessenta mil francos. Era algo realmente desconcertante para a prudência humana; não devemos, portanto, estranhar que a execução do projeto trouxesse tantas contrariedades a seu autor. Para diminuir as

despesas, toda a comunidade trabalhou na obra.[350] Até mesmo os Irmãos já ocupados no ensino foram chamados a dar sua colaboração. Todos porfiaram em zelo e dedicação. Ninguém, nem mesmo os mais fracos e doentes, consentiu em ficar alheio ao trabalho. Todos queria ter a satisfação de contribuir a obra completa; exclusivamente os pedreiros[351] se incumbiram desta parte, enquanto os Irmãos se ocupavam em extrair e carregar pedras, puxar areia, preparar argamassa e fazer-se de servente de pedreiros.[352]

No início de maio de 1824, o Pe. Cholleton, vigário geral, veio benzer a pedra fundamental; a carência era extrema; nem o almoço conseguiram oferecer-lhe. O Irmão cozinheiro dirigindo-se ao Pe. Champagnat, observou:

- O que é que eu faço, Padre? Não tenho absolutamente nada para oferecer ao Pe. Cholleton.

Após um instante de reflexão, o Padre respondeu:

- Vá dizer ao Senhor Basson[353] que vou almoçar na dele com o vigário geral.

O senhor Basson era homem rico e muito amigo dos Irmãos; recebeu-os com grande prazer. Aliás, não era a primeira vez que o Pe. Champagnat lhe pedia semelhança de serviço; agia assim todas as vezes que precisava.

Para abrigar os Irmãos, o Pe. Champagnat alugou uma casa velha[354] à margem esquerda do Gier, defronte àquela que se estava construindo. Os Irmãos dormiam num celeiro de péssimas condições, tão apertado que amontoavam uns sobre os outros. A alimentação era simples e frugal: pão, queijo e alguns legumes enviados de Saint-

---

[350] AA, 55-56.

[351] "A direção dos trabalhos estava a cargo dos senhores Roussier, mestre-pedreiro, Matricon Benoît, merceneiro, e Robert, gesseiro" (AA, p. 56).

[352] AA, p. 56.

[353] O Sr. Basson tinha uma casa em La Valla. Esta casa é hoje propriedade da família Marze, seu descendentes.

[354] Os desenhos da época representavam várias costruções, específicando para que serviam: casa de moradia, estábulo, pisoeiro, pequena oficina com martinetes para o fabrico de barras de ferro, contendo também uma forja (cf. N.D. de l'Hermitage, p. 37; também MEM, p. 32).

Chamond por pessoas caridosas; às vezes, excepcionalmente, um pouco de toucinho e sempre água pura como bebida: era esse regime de vida deles. O bom Padre partilhava a casa e a comida dos Irmãos e muitas vezes tomava para si o que havia de pior. Assim, não encontrando dentro de casa um cantinho onde colocar a cama, viu-se obrigado a ajeitá-la numa espécie de sacada exposta às intempéries e protegida apenas por um beiral. Dormiu ai todo o verão; durante o inverno, desceu para o estábulo. Além disso, a casa se achava em estado tão deplorável que os Irmãos e o Padre sofreram terrivelmente pelo espaço de quase um ano em que ali ficaram.

Enquanto durou a construção, o levantar era às quatro da madrugada. O Pe. Champagnat dava sinal e, se necessário, trazia o lume aos dormitórios. Após o levantar a comunidade se reunia no bosque, onde se erguia uma capelinha dedicada a Maria e que fora construída pelo próprio Pe. Champagnat. Uma cômoda servia de credência e de altar; para fazer de campanário, havia um carvalho, onde estava pendurado o sino. Esta capela não podia abrigar a comunidade toda;[355] só entravam o celebrante, os dois coroinhas e os Irmãos principais; os outros ficavam de fora.

Todos, ajoelhados perante a imagem[356] da Mãe de Deus, rezavam com tanto fervor que apreciam iniquilados; não se ouvia outro ruído além do farfalhar das folhas, do murmúrio das águas da torrente que deslizava um pouco mais a baixo e do canto dos passarinhos. Cada manhã a comunidade se reunia na capela onde os Irmãos, após as preces vocais o almoço lá voltavam, a fim de visitar a Santíssima Virgem, Encerrava-se o dia com a reza do terço. Quantas vezes, na estrada da montanha fronteiras, os viajantes paravam e olhavam de um lado e do outro, procurando donde vinham aquelas vozes que cantavam com tanto entusiasmo e afirmação! Eram os Irmãos que, ocultos sob as árvores e ajoelhados perante o altarzinho onde se imolava o Cordeiro imaculado, entoavam os louvores de Jesus e de Maria.

---

[355] Or. Avit escreve: "um oratório, de tijolos, de 12m. Este local era arborizado. Um sino, pendurado num carvalho, ao lado do oratório, assinalava os exercícios do dia"(AA, p. 55).

[356] Trata-se de uma estátua de Maria, segurando o Menino Jesus que chupa o dedo indicador. Possuímos dois exemplares: um em 1'Hermitage e outra na Casa Generalícia, de Roma.

Concluída a celebração eucarística, cada qual se encaminhava para seu trabalho, ele se entregando conforme as forças, e em silêncio. A cada hora[357] do dia, o Irmão responsável pelo horário tocava uma sineta; suspendia-se, então, o trabalho; cada qual se concentrava, e todos, rezavam o Glória *Patri*, a *Ave Maria* e a invocação a *Jesus, Maria, José.* Nem precisa dizer que o Pe. Champagnat era sempre o primeiro no trabalho; organizava tudo, dava ocupação a todos, supervisionava o andamento das obras, o que não o impedia, segundo o depoimento dos próprios operários, de alcançar maior rendimento em alvenaria do que o mais eficiente dos pedreiros. Conforme já dissemos, os Irmãos não trabalhavam em alvenaria; os pedreiros admitiram apenas o Pe. Champagnat neste tipo de trabalho, porque executava-o com perfeição.[358] Muitas vezes foi visto trabalhando sozinho, durante a sesta dos operários, ou ao entardecer, após a faina diária. Aproveitava a noite para rezar o ofício divino, acertar as contas, anotar as jornadas dos operários, e as compras do material e a prever os trabalhos do dia seguinte. Depois de tudo isso, podemos facilmente concluir que seu tempo de repouso era muito limitado.

Um fato digno de menção, que deve ser visto como resultado da proteção de Deus sobre a comunidade, é que, tendo o é. Champagnat feito construção ao longo de toda a vida e empregado sempre os Irmãos nesta atividade, nunca houve um acidente sequer, nem para os Irmãos nem para os operários. Por várias vezes acidentes graves ameaçaram a comunidade, mas sempre a divina Providência, por intercessão de Maria, deteve ou removeu as conseqüências. Eis alguns exemplos: um operário trabalhava a grande altura, do lado voltado para o rio; despencou e, na queda, iria certamente esmigalhar-se de encontro a enormes pedras que estavam embaixo; mas, ao cair junto com o ma-

---

[357] Esta Casa oração foi prescrita na Regra de 1837: "Reza-se a oração da hora nas aulas como da Casa-Mãe, ficando os alunos sentados" (Art. 12, p. 37).

[358] O Pe. Champagnat era um hábil operário. Uma carta do Pe. Forest, de 20 de junho de 1836, mostra que reconhecia nele experiência de construção. Escreveu-lhe a respeito da reforma de uma casa para os Padres Maristas, em Lião: "Se tudo ocorrer como esperamos, será desejável que o senhor faça a gentileza de vir o mais breve possível, para ver e examinar qual o plano que podemos seguir em relação aos diversos consertos que deveríamos fazer para a estrada dos alunos" (OME, doc. 150, p. 336).

terial que estava no andaime, teve a sorte de agarrar-se a um galho de árvore, onde ficou dependurado até virem socorrê-lo. Não sofreu nada, nem sequer um arranhão; mas a proteção de Deus ficou mais evidente porque, sendo a árvore quebradiça e o galho muito frágil, normalmente não poderia agüentar um peso desses.[359]

Um jovem Irmão, servente dos pedreiros do terceiro andar, pisou numa tábua meio podre que se quebrou sob seus pés e o arrastou na queda. Ao cair, recomendou-se à Santíssima Virgem andaime. Corria tamanho perigo que o primeiro operário que foi socorrê-lo nem se atreveu a tocá-lo. Felizmente um segundo, mais corajoso e decidido, acudiu, agarrou-lhe a mão e o retirou são e salvo, sem outra conseqüência além do susto.

Uma dezena de Irmãos dos mais robustos estavam carregando pedras para o segundo andar. Um deles, ao chegar ao topo da escada com uma enorme pedra aos ombros, sente-se mal com tamanho peso e amolecem-lhe as pernas e deixa cair a pedra. Na queda, a pedra derruba o Irmão que vinha logo atrás. Mesmo não esperando por essa, desvia ligeiramente a cabeça, de modo que a pedra só o atinge de raspão, causando-lhe nada mais que um esfolamento. Do alto da escada o Pe. Champagnat presenciou o acidente considerando certa a morte do Irmão, deu-lhe a absolvição. Mesmo não tendo sofrido mal maior, o susto foi tão grande que o acidentado pôs-se a correr pelo campo como um desatinado. Todos os Irmãos presentes a esta cena passaram por igual susto e sobretudo o Pe. Champagnat, que logo mandou agradecer a Deus pela proteção recebida. E, no dia seguinte, celebrou ainda[360] uma missa em ação de graças.

Embora sobrecarregado de ocupações, o Pe. Champagant sempre encontrava alguns instantes, seja à noite, seja aos domingos, para instruir os Irmãos e formá-los à piedade. Ministrou-lhes, no decurso desse verão, sólidos ensinamentos sobre a vocação religiosa, a finalidade do Instituto e o zelo pela educação cristã das crianças. Para

---

[359] Escreve o Pe. Bourdin: "Um (pedreiro) caiu no riacho: uma missa em ação de graças". O Pe. Coste acrescenta numa nota: "A menção, pelo todo caso que, para ele, o acidente foi evitado de um modo ou de outro"

[360] Alusão, sem dúvida, à missa rezada após o primeiro acidente do qual fala o Pe. Boudin (nota 25. 1, acima).

relembrar aos Irmãos aquilo que lhes transmitira sobre esses diversos temas, entregou-lhes um resumo escrito[361] no qual, em poucas palavras, estavam as principais coisas que lhes havia dito. Aqui está o essencial:

"A finalidade dos Irmãos, ingressando no Instituto, foi antes de mais nada assegurar a salvação da alma e tornar-se dignos deste imenso tesouro de glória que Deus lhes promete, e que Jesus Cristo lhes mereceu por seu sangue e sua morte na cruz.

Eis os principais meios que Deus lhes deu para adquirir a virtude, santificar-se e merecer o céu: a oração, vocal e mental, a recepção dos sacramentos, a assistência diária à missa, as visitas ao Santíssimo Sacramento, a leitura espiritual, a Regra e a correção fraterna.

A caridade fraterna é o primeiro apoio de fora e um dos meios propícios para manter os Irmãos no espírito do seu estado, prevenir os abusos e preservar o Instituto de tudo o que pudesse comprometê-lo. Os Irmãos jamais deverão esquecer que, ingressando na comunidade e unindo-se para formar uma só família, assumiram a obrigação de se amarem como irmãos, de se edificarem, de se advertirem dos defeitos e de se ajudarem mutuamente para chegarem à salvação. A caridade humana, chamada por Jesus seu mandamento,[362] deve constituir uma das suas principais virtudes, e devem esforçar-se por praticá-la em relação a todos, mas de modo especial, para com os Irmãos e as crianças. Para com os Irmãos, prestando-lhes serviços sempre que tiverem ocasião, ocultando e perdoando seus defeitos, advertindo-os caridosamente, quando necessário, prevenindo o superior, caso a advertência fique infrutífera, rezando por eles e dando-lhes o bom exemplo. A caridade fraterna, em relação às crianças, consiste em dar-lhes instrução cristã. A fim de que a educação produza todos os frutos, os Irmãos devem prestar atenção especial aos seguintes pontos:

Ensinar o catecismo de manhã e de tarde, procurando instruir os meninos nos mistérios de nossa santa religião, na verdade de salvação e nos mandamentos de Deus e da Igreja.

Levar os meninos à confissão sacramental cada três meses,

---

[361] Este escrito não foi conservado.
[362] Jô 15,12.

prepará-los, com grande cuidado, à primeira comunhão, ensiná-los e se confessarem, instruí-los bem sobre as disposições requeridas para receberem com proveito os sacramento da penitência e da eucaristia, aconselhando-os a se aproximarem com freqüência dessas fontes de graça e salvação.

Usar de todos os meios sugeridos pelo zelo para fazer-lhes compreender a necessidade da oração, levando-os a apreciá-la devidamente. Zelar para que rezem sempre com atenção. Modéstia, respeito e piedade; ensinar-lhes as orações da manhã e da tarde e as demais, usadas em nossas escolas.

Falar-lhes, freqüentemente da Santíssima Virgem e incutir-lhes confiança ilimitada em sua poderosa proteção, dando para isso instruções bem familiares e a seu alcance, proteção, dando para isso instruções bem familiares e a seu alcance, próprias e lhes infundir a verdadeira devoção a Maria, sinal certo de salvação.

Inspirar-lhes, também, a devoção aos anjos da guarda, aos santos padroeiros e recomendar-lhes que rezem freqüentemente pelas almas do purgatório.

Fazer cantar todos os dias cânticos religiosos, formá-las ao canto gregoriano, ensinar-lhe a ajudar a missa e a participar das cerimônias da Igreja; lançar mão de todos os meios para atraí-los às celebrações litúrgicas e nelas ter participação proveitosa.

Ensinar-lhe a maneira de santificar as ações, os trabalhos e os sofrimentos, oferecendo-os a Deus e aceitando sua santa vontade. fazer-lhe compreender que a virtude e a santidade consiste, principalmente, em evitar o pecado, em ser fiel aos deveres do próprio estado, em santificar as ações ordinárias fazendo-as por motivo de fé e com intenções sobrenaturais.

Cuidar muito dos meninos; nunca deixá-los sozinhos na sala de aula, nos recreios ou alhures; cuidar deles em toda parte, a fim de conservar-lhes a inocência, conhecer-lhe os defeitos, para corrigi-lo, as boas disposições para desenvolvê-las e as faltas, para puni-las, prevenindo desde modo o escândalo e o contágio do mal. Atraí-los à escola[363] e aí mantê-los pelo maior tempo possível, para subtraí-los aos

[363] A escolaridade não era obrigatória; as crianças compareciam muito irregularmen-

maus exemplos e às múltiplas ocasiões de ofenderem a Deus.

Recomendar-lhes com freqüência o respeito para com os ministros de Jesus Cristo, a obediência às autoridades civis; combater, sem trégua, o espírito de independência, a grande chaga de nosso tempo, persuadindo-os de que a obediência aos pais e às autoridades civis e eclesiásticas é mandamento divino e dever sempre e em toda parte.

Inspirar-lhes o gosto e o amor pelo trabalho; mostrar-lhes que a preguiça é um dos vícios mais perniciosos para a alma e para o corpo, e fonte de uma infinita de falta.

Formá-los à compostura e boas maneiras: incutir-lhes o amor à ordem e à higiene, obrigando-os a pôr em prática as lições recebidas sobre estas questões, a ser muito leais com todos, especialmente com as pessoas constituídas em dignidade.

Apoiando e animado por tais instituições, os Irmãos mostraram-se admiráveis em piedade, modéstia, dedicação e atividade durante todo o tempo da construção da casa. Os operários não se cansavam de admirar o espírito de abnegação, humildade e caridade reinante entre os Irmãos. Ficaram tão sensibilizados que proclamavam de público sua admiração. Os bons exemplos dos Irmãos não foram inúteis: com admiração, foram levados a imitá-los tanto quanto lhes era possível, de modo que, em pouco tempo, tornaram-se silenciosos, comedidos, discretos nas palavras, atenciosos e caridosos uns para com os outros.

Entrementes, as "férias" iam chegando ao fim. Por ocasião da Festa de Todos os Santos, os Irmãos deviam voltar para as escolas. O Pe. Champagnat pregou-lhes o retiro espiritual de oito dias. Sugeriu a cada Irmão as resoluções que devia tomar, de acordo com as próprias necessidades, os defeitos, o caráter e o trabalho que lhe seria confiado; a primeira resolução de casa um devia ser: lembrar-se continuamente da presença de Deus.

Naquele ano o Instituto fundou duas novas escolas: a de Charlieu,[364] a pedido do Sr. Arcebispo, e a de Chavanay. O Pe. Térel, vigá-

---

te às aulas, sobretudo durante o período dos trabalhos nos campos. Era-lhes fácil ser gazeadores (cf. LPC 1, doc. 298, p. 543).

[364] LPC 2, p. 544-548 e OME, doc. 32, p. 91-98.

rio, e o Sr. Guinot,[365] prefeito de Charlieu, cobriram as primeiras despesas e continuaram sempre protetores e benfeitores dos Irmãos. Estes encontraram os meninos de Charlieu em total ignorância, expostos a todos os vícios decorrentes. Durante algum tempo, o trabalho foi difícil e sem retorno. Mas, com muito zelo, dedicação e paciência, conseguiram bons resultados. E, desde então, a escola[366] sempre foi das mais florescentes do Instituto.

O Pe. Gaucher,[367] vigário de Chavanay, veio pessoalmente solicitar Irmãos, incumbindo-se parcialmente dos gastos iniciais do estabelecimento. Os habitantes de Chavanay ansiavam pela vinda dos Irmãos. Enviaram a l'Hermitage uma delegação representativa para levá-los a seu destino, e a escola, gozando da simpatia da população, reuniu já nos primeiros dias a totalidade dos meninos da comuna.

Por ocasião da solenidade de Todos os Santos de 1824, o Pe. Champagnat foi exonerado da coadjutoria[368] de Lavalla. Enquanto durou a construção da casa, subia todos os sábados, à tarde, a Lavalla para confessar e rezar a missa no domingo. Liberado agora, totalmente de qualquer função estranha à sua obra, pôde dedicar-se exclusivamente ao serviço e ao bem da comunidade.

O tempo do inverno foi aproveitado para agilizarem os serviços de acabamento no interior da casa. Como de costume, o Padre estava sempre à frente dos operários, marceneiros, gesseiros etc. Os trabalhos foram levados com tanto ardor que, durante o verão de 1825, a comunidade pôde instalar-se na nova casa. A capela[369] também foi terminada e provida do necessário para o culto divino. O Pe. Dervieux, vigário de Saint-Chamond, representante do arcebispo, veio benzê-la no dia 15 de agosto,[370] festa da Anunciação de Maria. O santo

---

[365] Guinault, PLC 2, p. 267.
[366] Ir. Luís foi o primeiro direito (AA,p. 61).
[367] LPC 2, p. 549-559 e OME, doc. 166 (25), p. 448.
[368] Houve um intervalo entre a nomeação do vigário Beboin e a renúncia do Pe. Champagnat à coadjutora. Pois, o Pe. Bedoin afirma que o Pe. Champagnat foi seu coadjutor durante seis meses. Bedoin dirigiu a paróquia durante 40 anos (cf. AAL, reg. Délib. 1, p. 19 e OM 1, DOC. 103, P. 319).
[369] Ficava no terceiro andar, dominada pelo pequeno campanário que ainda existe.
[370] Na realidade, em 13 de agosto de 1825, segundo as atas (cf. OME, doc. 37, p. 107).

sacerdote, cujos sentimentos havia mudado muito com relação ao Pe. Champagnat e à sua Congregação, doou à capela um jogo de castiçais que foram usados no mesmo dia.

CAPÍTULO TREZE

O Pe. Couveille associa-se ao Pe. Champagnat. Suas intrigas para ser eleito superior. O Pe. Champagnat cai gravemente enferno. Situação tensa na comunidade durante a doença.

Não bastassem as contrariedades e perseguições vindas de fora e os embaraços criados pela construção de uma grande casa, caiu-lhe nos ombros outra cruz, mais penosa do que tudo quanto sofrera até aí. Na época, dois sacerdotes, integrantes da reunião do seminário maior para fundar o Instituto dos Maristas, associaram-se ao Pe. Champagnat: O Pe. Courveille,[371] coadjutor de Épecieux, e o Pe. Terraillon,[372] capelão das Ursulinas de Montbrison.

O Pe.Courveille pretendia ter sido o primeiro a pensar na fundação da sociedade dos Maristas,[373] por isso tinha-se na conta de superior geral dos Irmãos. O Pe. Champagnat, ignorando os desígnios de Deus sobre a Sociedade dos padres, tendo em alta estima o Pe. Courveille, e o mais humilde conceito de si mesmo, permitiu-lhe, sem a mínima resistência, que ele assumisse o cargo de superior, e os Irmãos o considerassem como tal. Como a Sociedade dos Padre Maristas e a dos Irmãos, na idéia de todos, se confundiam então num mesmo projeto, formando uma única obra, dirigida por um só superior, os Irmãos não manifestaram nenhuma relutância. Aliás, confiavam que o Pe. Champagnat continuasse a guiá-los e os Pe. Courveille exercesse sobre eles apenas uma orientação geral, cuidando especialmente do ramo dos Padres. Com esse pensamento, continuaram, como sempre, dirigindo-se em tudo ao Pe. Champagnat. O Pe. Courveille, apesar de ostentar o título de Superior Geral,[374] notava que os Irmãos na lhe

---

[371] Courveille, LPC 2, p. 250. Exerce a função sacerdotal em Epercieux, vilazinha que nem é paróquia, mas sucursal. Aí permanece cinco anos (cf. OM 4, p. 254). O Pe. Champagnat só foi procurar o Pe. Courveille a conselho de outra pessoa que chama de Pe. Superior, isto é, Pe. Gardette (cf. LPC 1, doc. 30, p. 84).

[372] Terraillon, LPC 2, p. 479.

[373] É certo que Courveille se acha na origem do grupo dos futuros Maristas da diocese de Lião. Depoimento do Pe. Déclas (OM 2, doc. 551 [1], p. 340) e do Pe. Terraillon (OM 2, doc. 750 [1-2, p. 666).

[374] Mesmo quando estava em Epercieux, o Pe. Courveille considerava-se responsá-

davam maior importância e recorriam sempre ao Pe. Champagnat. Concebeu, pois, o projeto de promover sua própria eleição como primeiro e único superior.

Antes de empreender qualquer coisa, tratou de conquistar a confiança dos Irmãos e afeiçoá-lo a si. Para tanto, lançou mão de todos os expedientes. Durante as férias[375] de 1825, julgando ter preparado suficientemente os ânimos, reuniu[376] os Irmãos e, para melhor ocultar a cilada, falou-lhes demoradamente do bem que a Sociedade estava destinada a realizar, das diversas obras que assumiria. Concluiu: "Como os padres aqui presentes podem, a qualquer momento, ser chamado a diferentes ministérios, é necessário que vocês escolham, enquanto estamos todos à disposição, aquele que desejam para dirigi-los. Vocês me merecem e sabem que estou a seu inteiro dispor. O Pe. Terraillon, assim como o Pe. Champagnat, dedicaram-lhes, sem dúvida a maior atenção. No entanto, como cada um de nós deve ter suas atribuições próprias e como para maior unidade, convém que apenas um de nós se encarregue especialmente de vocês, quero que me dêem a conhecer aquele que preferem para dirigi-los. Roguem a Deus para que os ilumine, reflitam seriamente antes de votar. Não se deixem guiar por razões provindas da carne e do sangue,[377] mas tenham somente em mira a glória de Deus. Quando tiverem definindo sua preferência, escrevam num bilhete o nome do escolhido. Daqui a pouco minutos voltarei para recolher os votos.

Não suspeitando de nada, os Irmãos executaram com naturalidade a ordem recebida. Nem sequer pensaram que se tratava de privá-los daquele que os reunira e a quem considerava e amavam como pai. Passado alguns instantes de recolhimento, cada um aprontou seu voto, sem consulta mútua e em silêncio. O Pe. Courveille, voltando à sala, procedeu à apuração dos votos: quase todos indicavam o Pe. Champagnat. Diante deste resultado o Pe. Courveille, encarando o Pe.

---

vel por tudo o que se fazia sem ele na região de Feurs, em La Valla e Cerdon etc. Ver prospecto de 1824 (OME, doc. 28, p. 81-89) onde parece de fato atribuir-se este título, assinando em primeiro lugar.

[375] O Ir. Avit diz: "Os Irmãos desceram em maio" (AA, p. 63). As férias escolares duram os meses de setembro e outubro.

[376] AA, p. 67.

[377] Mt 16,17.

Champagnat, disse-lhe com emoção maldisfarçada: “Até parece que combinaram para votar em você”.

Convencido de sua própria indignidade, o Pe. Champagnat, longe de se melindrar com o deselegante cumprimento que lhe fora dirigido, concordou piamente com a manifestação do Pe. Courveille. Para ele, naquela ocasião, os Irmãos não tinham refletido bem; pediu que anulassem a votação e fizessem outra. Antes, porém, do segundo escrutínio, assim falou aos Irmãos: “Meus amigos, receio muito que não estejam compreendendo a importância do assunto em pauta. Basta ver a escolha que fizeram. Se quiserem – e não tenho dúvida – que a eleição se faça segundo a vontade divina, devem renunciar ao própria, não agir por razão humanas, e deixar de lado quaisquer simpatias que possam ter para comigo. Não pensem que eu seja mais apto que qualquer outro para dirigi-los, só porque os conheço e vocês me conhecem desde há muito tempo. Pelo contrário, acho os padres presentes muito mais capazes do que eu para dirigi-los e formá-los. Não tiveram de se ocupar com trabalhos manuais, dedicando-se exclusivamente à espiritualidade e ao estudo da religião; possuem, nessas áreas, conhecimentos que me faltam. Não tenho, é verdade, a intenção de abandoná-los. Vejam, porém, que os cuidados dos bens matérias me tomam todo o tempo. Apesar de toda a minha boa vontade, não posso fazer por vocês tudo quanto quisera. É necessário, pois, que outro seja encarregado de instruí-los na piedade. Portanto, roguem novamente as luzes do Espírito Santo e a proteção de Maria. Reflitam melhor. Renunciem a qualquer sentimento ou motivação humana, para, em seguida, proceder a nova eleição.

Por obediência os Irmãos sujeitaram-se a tudo. A nova eleição, como aliás a primeira, processou-se em grande recolhimento e os Irmãos agiram com tanta simplicidade que nem sequer cogitaram de fazer conluios. Depois de escreverem o voto, cada qual depositou a cédula no lugar designado como da primeira vez, após a apuração, o Pe. Courveille disse com amargura: “Sempre o mesmo resultado!” depois, dirigindo-se ao Pe. Champagnat: “Você será o superior deles; não querem outro”. De fato, não queriam. Mas uma vez Champagnat obtivera a quase totalidade dos votos. O comportamento dos Irmãos, nessa circunstância, constituiu prova inequívoca do excelente espírito

e da sincera afeição que votavam ao Fundador.[378]

Naquele ano de 1825, deu-se a fundação da escola de Amúis. O Pe. Hérard,[379] antigo missionário na América, mandou construir a casa e garantiu aos Irmãos uma receita de seiscentos francos. Após a festa de Todos os Santos, o Pe. Champagnat resolveu visitar todas as casa para certificar-se pessoalmente da situação de cada uma e decidir, com as autoridades municipais, diversas questões de interesses das escolas, que não poderiam ser solucionadas sem a participação dele.

O Instituto mantinha, então, dez escolas:[380] Saint-Sauveur, Bourg-Argental, Vanosc, Boulieu, Chavanay, Saint-Symphorien-le-Chatêau, Tarentaise, Lavalla, Charlieu e Ampuis. O bom Padre fez todas essas visitas[381] a pé, apesar do mau tempo. Particularmente penosa foi a viagem a Charlieu, por causa das chuvas torrenciais que havia deixado intransitáveis as estradas. Aliás, o Pe. Champagnat, rigoroso ao extremo para consigo mesmo, não sabia poupar-se e, nas viagens, não tomava cuidado com sua pessoa. Disso podemos ter idéias vendo como se portou, um pouco mais tarde, na segunda viagem a Charlieu. Às nove da noite, tomou a condução em Saint-Étienne. Chegou a Roanne às oito da manhã, celebrou missa, e, a pé e em jejum, partiu para Charlieu, onde chegou por volta de uma da tarde. Na volta saiu de Charlieu às quatro da madrugada, rezou missa em Roanne, tomou uma sopinha e foi almoçar em Vandrages, a seis léguas de Roanne. Depois do almoço, pôs-se a caminho, andando horas a fio. Morto de sede, pediu algo para beber a uma senhora, que lhe ofereceu vinho. Não aceitou e bebeu somente a água. Detendo-se um pouco na casa, começou a ensinar o catecismo às crianças, distribuindo-lhes medalhas de Nossa Senhora. Chegando ao fim do dia a Balbigny, pernoitou na residência paroquial. Partiu às quatro da madrugada e, após andar quatro léguas, rezou a missa, reiniciando logo a caminhada até Fouillouse, onde tomou sopa e algumas frutas. De Fouillouse foi direto para 1'Hermitage, sendo nenhuma parada, chegada às

[378] Sobre o mesmo episódio, ver o depoimento do Pe, Séon (OM 2, doc. 625 [4], p. 441).
[379] AA, p. 66-67 e LPC 2, p. 528-529.
[380] Quanto a essas escolas, ver LPC 2, "index des noms de lieux"
[381] AA, p. 67ss. Estas visitas tomaram mais ou menos 50 dias (AA, p. 67-68).

sete da tarde.[382]

Devemos todos esses pormenores a um operário[383] que o acompanhou e declarou nunca ter passado tanta fome. "Por várias vezes tive a tentação de largar dele e entrar numa venda para matar a fome". Tal era a maneira de agir do Pe. Champagnat nas viagens. Será de admirar, depois disso, que tenha gasto tão depressa sua forte construção física morrido tão prematuramente?

De retorno a l'Hermitage teve novas dificuldades como o Pe. Courveille. Profundamente aborrecido com a preferência dada ao Pe. Champagnat na eleição das férias, esse padre aproveitou o tempo em que esteve sozinho em l'Hermitage, para externar seu desconhecimento aos Irmãos. Chegou mesmo a escrever, aos que trabalhavam nas escolas, cartas[384] eivadas de amargas repreensões, porque continuavam a se dirigir ao Pe. Champagnat, tratando – como superior. Alegou ser este modo de proceder uma ofensa à sua pessoa, uma falta de confiança e respeito, que poderia atrair a maldição de Deus sobre o Instituto. Em relação ao Pe. Champagnat, não disfarçou mais i seu despeito e começou a censurá-lo em tudo quanto fazia. Achava que os Irmãos eram maldirigidos; os noviços, insuficientemente desafiados, pouco instruídos e pouco piedosos. Segundo ele, a disciplina de casa era frouxa e sem cunho monástico; descurava-se a administração dos bens e as despesas se tornavam excessivas. Em suma, o Pe. Champagnat não sabia administrar. Retirou-lhe, pois, o cuidado das finanças. O cofre passou às mãos dele, mas nem por isso se encheu. Muitas vezes ficava até vazio, o que aumentava o meu humor[385] de Courveille, que extravasava em investidas contra o Pe. Champagnat.

---

[382] De Charlieu a Roanne, pela estrada atual, perto de 20 km. De Roanne a Vendranges, pela N. 7, 14km. De Vendrages a Balbigny, 16 km. De Balbigny a Fouuilouse, 38 km. De Fouillonuse a Saint-Chamond, 18,5km. A todo, mais ou menos 105 km em dois dias.

[383] Este operário é Philippe Arnaud, sobrinho do Pe. Champagnat (cf. AA, p. 166-243 e MEM, p. 36).

[384] Cartas não reservadas.

[385] Diz o Ir. Teodósio: "Ele (Courveille) era atirado e se punha à frente de tudo; depois, não tinha continuidade. Era exatidão. Numa hora tudo estava maravilhoso, magnífico, generoso, depois tudo estava perdido, tudo mudado afinal" (OM 3, doc. 860 [1 e 2], p. 825) e (OME, doc. 40 e notas, p. 112ss.).

Esses sofrimentos e dissabores, que o piedoso Fundador ocultava com o máximo e cuja amargura suportava sozinho, somadas às canseiras de longas e penosas jornadas, causaram-lhe uma enfermidade que o levaria às portas da morte. Durante a viagem a Charlieu, já sofria muito. Não deu importância à indisposição e nada fez para combatê-la. Desde que voltou, aliás, entregou-se novamente a trabalhos muito pesados. Embora com muita febre, quis assistir ao ofício e à missa da meia-noite, à missa solene e ao ofício vespertino da Festa do Natal. Foi somente no dia seguinte, festa de Sto. Estevão, que, não tendo mais forças para ficar em pé, foi deitar após oferecer o santo sacrifício. A moléstia progrediu rapidamente. Em poucos dias atingiu tal intensidade, que se perdeu toda a esperança de salvá-lo. Diga-se a favor do Pe. Courveille, que ele demonstrou muita preocupação com a doença do Pe. Champagnat. Logo escreveu[386] a todas as comunidades, pedindo-lhes que rezassem e pedissem orações para obter a cura do bondoso Padre.[387]

Quando se tornou público o estado desesperador do enfermo, acorreram numerosos credores, exigindo pagamento. Antes impossibilidade de serem atendidos, ameaçaram tomar os móveis e vendar a casa. Teriam executado as ameaças, se o venerando Pe. Dervieux,[388] vigário de Saint-Pierre, não os tivesse chamado, garantindo responsabilizar-se por todas as dívidas. Pagou, de fato, uns seis mil francos, alguns dias depois.

Mas isso era apenas o começo das atribulações. Na comunidade à dor profunda causada pela doença do Pe. Champagnat secedeu o desânimo geral: todos, Irmãos e Noviços, tinham a certeza de que, se

---

[386] O Pe. Courveille, numa circular de 3 de janeiro de 1826, pede aos Irmãos que rezem pelo restabelecimento do Pe. Champagnat (cf. OME, doc. 41, p. 115). Esta circular está nos AFM e foi publicada no BI XXII, p 168.

[387] Em 6 de janeiro de 1826, o Pe. Champagnat, prevendo o pior, redige um testamento em favor do Pe. Courveille e do Pe. Joseph Verrier, diretor do seminário menor de Veerrières, antigo colega de estudos e aspirante marista do seminário maior (OME, doc. 42, p. 116-118).

[388] Não parece que o Pe. Dervieux tivesse tanto dinheiro, mas era ajudado por benfeitores, em particular pela Mademoiselle Fournas, que em 1832, após a morte do Pe. Dervieux, orientará suas beneficências para o Padre Champagnat (AA, p. 318). Quando de sua morte, o Pe. Dervieux não terá deixado nem o dinheiro necessário para o enterro. Ficará a cargo paróquia (cf. Biographie, por Jacques de Boisseiu).

ele viesse a falecer, tudo estaria perdido e não haveria outras alternativas senão ir embora. É, verdade seja dita, a presença do Pe. Coureille em nada contribuía para dissipar-lhes as apreensões. Ao invés de acalmar os Irmãos, animá-los, levá-los à confiança e à designação, só criou resistência com o excessivo rigor e desmedida severidade.

A inquietação geral sobre o destino de cada um e o futuro do Instituto introduziu o relaxamento e a dissipação na comunidade. Bastaria, entretanto, um pouco de prudência e alguma dose de firmeza para restabelecer a ordem e a disciplina. Infelizmente tudo foi feito pelo avesso: as primeiras infrações à Regra acarretaram severas repreensões, e isso desencadeou o descontentamento geral e aumentou o desânimo. Percebendo que o relaxamento e o mau espírito aumentavam, o Pe. Courveille julgou poder barrá-los, usando medidas drásticas. Começou, pois, a proferir sérias ameaças, aplicar severos castigos e até mesmo mandar embora alguns aspirantes, o que, longe de sanar o mal, só contribuiu para agravá-lo. Os Irmãos, não habituados a serem levados pela violência, desconfiaram que era uma estratégia para obrigá-los a se retirar do Instituto. Isso deixou-os irritados aos extremo. O fato seguinte foi a gota d´água para o desespero. O Pe. Courveilli reuniu-os em comunidade e, após dirigiu-lhes ásperas censuras, acabou por dizer que pouco se importava com o desfecho das coisas, ia retirar-se e solicitar ao arcebispo sua nomeação para uma paróquia. Semelhante declaração provocou descontentamento e murmúrio geral. Apagou o derradeiro clarão de esperança e o desânimo contaminou o coração de muitos Irmãos mais antigos que, então, haviam resistido ao contágio generalizado.

A partir daí, ninguém mais conteve as próprias idéias e palavras. Cada qual tratou do seu futuro, arquitetou seus projetos e os comunicou aos demais. Este, propunha-se voltar à família e já ia prevenindo os pais; aquele, ia ingressar em outra congregação; um terceiro ia aprender esta ou aquela profissão. Todos, enfim, se preparavam ou se resignavam a abandonar uma Sociedade que prezavam tanto, onde, porém, não encontravam mais paz, a união, a felicidade de outrora...

Em circunstância tão críticas, somente o Ir. Estanislau[389] mos-

[389] Para o Ir. Estanislau, ver BQF, p. 47ss. Em 1854, o Ir. Francisco, Superior Geral, escreveu sobre ele uma biografia curta, mas comovente (CSG II, p. 178-184).

trou-se homem de cabeça fria, de coração sensível e total dedicação. Ele sozinho enfrentou o desânimo dos Irmãos, o rigorismo excessivo e imprudente do Pe. Courveille. Ele sozinho não perdeu a cabeça, mostrou-se fiel ao Instituto e digno filho de Champagnat. Dia e noite estava à cabeceira do bom Padre e redobrava de cuidados. Foi ele quem esteve com o vigário de Sainte-Chamond e lhe expôs a triste situação da casa e as ameaças dos credores. Com rogos e lágrimas, conseguiu que o vigário assumisse as dúvidas. Por seus bons conselhos, exortações e preces, segurou Irmãos e Noviços e impediu o intento de largarem tudo. Não receou fazer ao Pe. Courveille humildes mas firmes recriminações sobre seu rigor e jeito de tratar os Irmãos. Criticou-os, sobretudo, por ter manifestado a intenção de abandoná-los, para assumir uma paróquia. O Pe. Courveille, em vez de acalmar e reconhecer seus erros, respondeu-lhe secamente: "Não foi eu que contraí as dívidas. Se as coisas estão indo mal, tanto pior: não respondo pelas conseqüências. Se Champagnat morrer, eu vou embora e cada qual vai fazer outro".

De fato, se Champagnat tivesse falecido, tudo teria ido por água abaixo; mas Deus o escolhera para fundar e desenvolver a obra dos Irmãos, e velava sobre seus dias. Conservou-lhe a vida e devolveu-lhe a saúde, contra todas as previsões humanas.

Com os primeiros sinais de melhora, com a esperança de vê-lo restabelecido, os Irmãos sentiram-se aliviados e a alegria voltou a iluminar todas as fisionomias. O Ir. Estanislau informou-o de tudo quanto se passara na casa. O Pe. Champagnat suplicou ao Pe. Courveille que desse aos Irmãos uma direção mais paternal e se mostrasse mais tolerante quem embora tivessem defeitos, poderiam, com o temo, tornar-se bons religiosos.

Do jeito como estavam as coisas, era difícil parar. De lado a lado, estavam os ânimos exacerbados: os Irmãos haviam perdido toda confiança no Pe. Courveille, este mostrava-se descontente com tudo e com todos. Convencido de que a maioria dos candidatos careciam de qualidades indispensáveis à vida religiosa, não lhe dava pena vê-los abandonaram a vocação a que ele não os julgava chamados. Em contrapartida, enfatizando em demasia a excelência e os deveres da vida religiosa, exigia dos jovens noviços uma perfeição que já seria gratificante encontrar nos homens habituados às observância regulares. Im-

punha um fardo[390] que ninguém conseguia carregar e despedia quem procurasse alijá-lo. Apesar de tudo, mal se teve certeza de que o Pe. Champagnat estava fora de perigo, os espíritos se acalmaram, a confiança renasceu em todos os corações; o júbilo, a alegria, o contentamento substituíram a inquietação e as críticas que haviam predominado durante três semanas. Voltaram a ordem e a disciplina. Todos dispuseram-se a agüentar mais um pouco na expectativa de que em breve tudo voltaria ao entusiasmo anterior.

O que aconteceu quando o Pe. Champagnat reapareceu pela primeira vez na comunidade, permite-nos avaliar a estima e o afeto que os Irmãos lhe votavam; o prazer e a felicidade pelo seu restabelecimento tão desejado e tantas vezes pedido a Deus. Embora pudesse apenas firmar-se em pé, sabendo que àquela hora, no capítulo das culpas, um noviço deveria receber severas repreensões, pediu ao Ir. Estanislau que o levasse pela mão até a sala do capítulo.[391] À sua entrada, todos os olhares se voltam para ele. Há um delírio de júbilo indescritível. Todos se levantam instantaneamente como se fosse um só homem. Os semblantes se descontraem, todas as fisionomias traduzem felicidade; a comunidade em peso se volta para se exclamar: "É o Pe. Champagnat!" É nosso bom Pai! Salvas de palmas e lágrimas de alegria se confundem e exprimem o prazer indizível que inunda todos os corações. O exercício da culpa, tão serio e solene, fica interrompido e suspenso. O Pe. Courveille, que o presidia, diante das demonstrações de carinho e notação que ninguém sequer olhava para ele, saiu e não reapareceu mais no capítulo. O bom Padre dirigiu aos Irmãos algumas palavras de conforto[392] que trouxeram a esperança a todos os corações e dissiparam de vez todos o s temores.

A crise que acabamos de narrar não repercutiu fora das paredes do noviciado, e a doença do Pe. Champagnat não causou nenhum transtorno, nenhuma perturbação nas escolas.

---

[390] Lc 11,46.

[391] Outro termo para "culpa".

[392] Em 1833, o Pe. Champagnat relembra esses eventos numa carta ao Pe. Cholleton: "Eu tranqüilizo meus filhos, digo-lhes que nada temam, que eu partilharei de todos os seus infortúnios, partilhando com eles até o último pedaço de pão" (LPC 1, doc. 30, p. 84).

Alguns dias depois, um postulante[393] apresentou-se para ser admitido ao Instituto. Levantaram-no ao quarto do Pe. Champagnat. O Pe. Courveille, que ali se encontrava no momento, examinou-o minuciosamente e lhe fez uma descrição tão assustadora das obrigações da vida religiosa quem desanimado, o jovem estava a ponto de desistir. O Pe. Champagnat, que durante a entrevista ficara em silêncio, mas de olho no postulante, notando no rosto do jovem a péssima impressão daquela descrição exagerada, fez-lhe um sinal quando o jovem ia saindo. Uma vez a sós com ele, convidou-o a visitar a capela e, embora caminhasse com dificuldade, quis acompanhá-lo pessoalmente para ter ocasião de conversar com ele.

Custou-lhe muito subir quarenta[394] degraus de escada que dava acesso à capela. Apoiava-se no corrimão e parava alguns instantes em cada patamar. Mesmo assim sentiu-se ofegante ao atingir o topo. Após adorar o santíssimo Sacramento, disse ao jovem apontando-lhe a estátua de Maria: "Esta vendo aquela estátua? É de nossa Boa Mãe. Vai ser também a sua, se você ficar nesta casa consagrada a ela. Ela há de ajudá-lo a vencer os obstáculos da vida religiosa". E, ao sair da capela, acrescentou: "Pode-se ainda dizer que o jugo de Jesus Cristo é pesado e difícil de carregar? De jeito nenhum. O Divino Salvador – a própria verdade nos ensina que seu jugo é suave,[395] e carregá-lo traz consolo e felicidade. Garanto que você vai encontrar maior alegria, contentamento e satisfação no serviço de Deus do que em todos os prazeres do mundo. Experimente e vai ver. A vida religiosa não tem nada de pesado para os que têm boa vontade. Não tenha medo. Prometo-lhe a proteção de nossa Boa Mãe. Ela cuidará de vocês como de um filho. Combinado? Espero você um dia desses".

A essas palavras, o jovem sentiu dissiparem-se todos os seus receios. O coração encheu-se-lhe de alegria e coragem: "Sim, respondeu, estarei de volta; prometo-lhe".

---

[393] Trata-se de Benoît Deville (Ir, Bento) (AA,p. 87).
É o mesmo Ir. Bento que, seis meses após a morte do Pe. Champagnat, pedirá ao Sr. Ravery que lhe faça uma cópia do retrato do Pe. Champagnat, que Revery tinha pintado no dia seguinte ao da morte (cf. SMC, vol. 1, p. 60).
[394] Entre o primeiro e último andar, onde fica a capela, de 1825 a 1836.
[395] Mt 11,30; 1Jo 5,3.

Alguns dias depois ingressava no noviciado e, como lhe dissera o Pe. Champagnat, teve poucos dissabores e muitas consolações. Para garantir a perseverança, ia freqüentemente reza aos pés da Divina Mãe, que jamais deixou de protegê-lo como filho seu. O rapaz nunca duvidou de sua vocação e sempre foi bom religioso.

Logo que o Pe. Champagnat pôde sair de casa, o vigário de Saint-Pierre veio buscá-lo para conduzi-lo ao presbitério. Temendo que não cuidasse bastante dele em 1'Hermitage, ou que a extrema pobreza de casa não permitisse comprar tudo quanto lhe era necessário, encarregou-se pessoalmente de todos os pequenos cuidados que seu estado de saúde exigia, e o fez com tanta solicitude e delicadeza que o bom Padre ficou muito sem jeito. Até o fim da vida o vigário mostrou-se protetor e benfeitor da congregação, Pai dos Irmãos e amigo do Fundador, testemunhando assim que, se lhe causara alguns dissabores no passado, fora por não saber ou por estar mal informado.[396]

[396] Para mais informações sobre as dificuldades e compromissos financeiros como o Pe. Courveille, ver Avit, AA, p. 337.

CAPÍTULO CATORZE

A virtude do Pe. Champagnat sofreu novas provações causadas pelo comportamento do Pe. Courveille e pela deserção de vários Irmãos.

Os recentes acontecimentos da comunidade não conseguiram curar o Pe. Courveille de sua ambição, nem sequer inspirar-lhe melhores sentimentos com relação ao Pe. Champagnat. Percebendo, porém, a impossibilidade de tirar-lhe o afeto dos Irmãos, lançou mão de outros meios para alcançar seus intentos. Um deles foi escrever[397] ao arcebispo para difamar o bom Padre e conseguir que o prelado perdesse a estima por ele. Entre outras coisas acusava-o de admitir, com demasiada facilidade, todo tipo de candidatos, que, na maioria, se retiravam depois de causar vultosas despesas à casa; de não formar suficientemente os Irmãos a piedade e às virtudes da vocação, ocupá-los demasiadamente nos trabalhos braçais, negligenciando-lhes[398] a instrução. Finalmente, dizia ser o padre demasiado bom e tolerante, afrouxando, assim, a disciplina e a regularidade.

Conquanto no arcebispo[399] não dessem total crédito às acusações, julgaram necessário examinar os fatos, no sentido de apurar a verdade. Para isso, decidiram que o Pe. X[400]... faria uma visita a 1'Hermitage. Lá chegou quando o Pe. Champagnat convalescia na residência do vigário de Saint-Pierre. Assim que soube da visita do Pe. X..., subiu a 1'Hermitage para cumprimentá-lo e interuá-lo de tudo. Já prevenindo, o Pe. X... recebeu-o friamente, crivando-o de perguntas e observações. Em seguida visitou a casa, descendo aos mínimos detalhes. Submeteu Irmãos e Noviços a um exame sobre a religião e as

---

[397] Esta carta não foi encontrada nem no AAL, nem no acervo dos documentos de D. de Pins (cf. OM 2, doc. 757, p. 793, nota 2).

[398] Pelo contrário, o Pe. Champagnat tinha a peito tomar seus Irmãos em particular por meio de cursos de férias, que causavam a admiração do inspetor Dupuis (cf. AA, p. 98-99 e RLF, p. 107).

[399] O arcebispo tinha certa desconfiança com relação ao Pe. Courveille. No dia 25 de agosto de 1825, foi-lhe pedido que se aquietasse um pouco seria e se "limitasse, por ora, à obra dos Irmãos Maristas; qualquer outro projeto seria intempestivo" (OME, doc. 38, p. 108).

[400] No texto da segunda edição, o autor identifica o vigário geral que realizou a visita como sendo o Pe. Cattet.

disciplinas fundamentais do ensino primário. Mostrou-se muito severo nesse exame e concluiu que os Irmãos não tinham a devida instrução. Não ficou satisfeito, foi o que todos perceberam. Não fez, aliás, nenhum esforço para ocultar o mau humor. Queixou-se abertamente e censurou, por toda parte, aquilo que lhe desagradava. Antes de retirar-se, repetiu ao Pe. Champagnat as censuras que lhe fizera à medida que ia fazendo a avaliação. Recomendou-lhe dar mais tempo à instrução dos Irmãos; proibiu-lhe fazer novas construções e ocupar-se demasiado das coisas temporais.

Teriam fundamento as queixas do Pe. X...? Não acreditamos. Versavam elas sobre dois temas principais: o desleixo na formação dos Irmãos e a demasiada preocupação com as coisas temporais arruinando a comunidade com gasto de construções e consertos.[401] Na verdade, os estudos não eram profundos, pois o noviciado existe para formar Irmãos não na ciência, mas na virtude. Os Jovens que então moravam na casa vinham das regiões montanhosas e, em sua maioria, não sabiam ler nem escrever. Eram-lhes impossível adquirir, num ano ou dois, os conhecimentos necessários que deles se exigiam prematuramente. No tocante aos consertos e construções, na falta de recursos o Pe. Champagnat via-se obrigado a executá-los pessoalmente, com os Irmãos e Noviços, quando indispensáveis.

Ainda que o Pe. X... tivesse dado razão ao Pe. Courveille naquilo que acabamos de relatar, soube-se logo no arcebispo, como se deveriam interpretaras denúncias e queixas contra o Pe. Champagnat. Alguns dias após aquela visita, a justiça divina se encarregou de vingar o inocente perseguido e de pôr termo aos obstáculos de toda sorte tramados contra ele. O Pe. Courveille que via falhas por toda parte, queixava-se da pouca piedade e regularidade da casa e achava por demais imperfeitos os Irmãos e os Noviços, cometeu faltas graves, atraindo sobre si a terrível sentença do Divino Salvador: "*Se alguém escandalizar um desses pequeninos, seria melhor para ele que lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o precipitassem ao mar".*

[401] Esta crítica de construir demais será repetida muitas vezes, ao Pe. Champagnat. Mas os aspirantes continuavam afluindo numerosos (cf. OME, doc. 65 [1], p. 151). Na época do seu pensamento já havia recebido 500 postulantes dos quais 280 eram Irmãos e 49 falecidos como Irmãos. (cf. AA, p. 316).

Depois dessa queda vergonhosa, foi fazer um retiro no mosteiro trapista de Aiguebelle, para pôr ordem na consciência. Mas, ao invés de abrir os olhos sobre o abismo em que o orgulho o lançara, persistiu na louca pretensão de tudo dominar e escrever uma carta em que lamentava não receber as honras que lhe eram devidas. Finalizava afirmando não voltar mais a l'Hermitage senão depois de receber a promessa formal de quem no futuro, lhe deixariam toda a autoridade e o tratariam como superior.[402] Nesse ínterim, sua falta tornou-se conhecida. De acordo com o arcebispo, o Pe. Champagnat e o Pe. Terrailon endereçaram-lhe uma carta pedindo-lhe que permanecesse em Aiguebelle, visto que lá se sentia bem, mas que não pensasse mais em voltar a l'Hermitage.[403] Esse acontecimento, como é fácil compreender, causou grande pesar ao Pe. Champagnat; mas Deus ainda lhe reservava outras provações.

Por essa mesmo época, Ir. João Maria,[404] o primeiro candidato a juntar-se a ele em Lavalla, o primeiro que ele retirara do mundo, a quem votava afeição e simpatia especiais, desligou-se do Instituto, ou melhor, foi mandado embora. Achando a Regra pouco severa, pediu licença para ingressa na Trapa. O Pe. Champagnat fez tudo para dissuadi-lo. Exortações e conselhos não deram resultado: abandonou a

---

[402] OME, doc. 171 (24), p. 473.

[403] Assim que o livro foi editado, o Pe. Favre, Superior Geral dos Padres Maristas, escreveu ao Ir. Francisco, em 17 de setembro de 1856, expressando seu desacordo à respeito do trecho referente ao Pe. Courveille, ainda vivo, beneditino em Solesme (OM 2, doc. 757, p. 763). Imediatamente o Ir. João Batista, na 2ª edição, modificou assim seu texto: "O Pe. Courveille que, [...] e achava por demais imperfeitos os Irmãos e os noviços, ficou comprometidos num caso que é inútil relatar aqui".
Pouco depois, foi fazer um retiro no mosteiro trapista de Aiguebelle; mas ao invés de abrir os olhos sobre os próprios erros, reconhecer o que não estava certo, apenas confirmou o espírito próprio e a louca pretensão de tudo governar sozinho. Assim, escreveu uma carta, na qual se lamentava de não receber as honras que lhes eram devidas; finalizava afirmando não voltar mais a l'Hermitage senão depois de receber a promessa formal de reconhecê-lo como primeiro superior dos Irmãos, assim tratá-lo e deixar-lhe toda autoridade e liberdade para governar a comunidade como ele achasse bom. Neste intervalo, estando o arcebispo a pa e de acordo com ele, o Pe. Champagnat e o Pe. Terraillon escreveram-lhe uma carta conjunta pedindo-lhe que permanecesse na Trapa, e se achava bem naquele mosteiro; mas que não pensasse em voltar a l'Hermitage.

[404] Frère Jean Marie, LPC 2, p. 292-301; OME, doc. 166, p. 443.

escola de Bourg-Argental,[405] da qual era diretor e, deixando os duzentos alunos por conta de dois Irmãos jovens, partiu[406] sem aguardar a chegada de seu substituto, embora soubesse não haver ainda nenhum Irmão suficientemente preparado para assumir a direção da escola. Após permanecer três semanas entre os trapistas, arrependeu-se e, atirando-se aos pés do Pe. Champagnat, suplicou-lhe instantemente o favor de ser readmitido no Instituto. O bom Padre acolheu-o com bondade e muita solicitude, pensando que estivesse definitivamente curado de sua ilusões. Puro engano!

O Ir. João Maria quem no começo, mostrava grandes talentos para a direção de escolas e para o governo de casas, notável piedade e virtude sólida, perdeu-se na cabeça imitar, em tudo, S. Luís Gonzaga. Tomando de obcecação incompreensível, que só podemos considerar castigo do orgulho, jamais pôde perceber que não é dado a todos imitarem os santos em tudo o que fizeram. Sonhando com uma perfeição utópica, levava tudo aos extremos:[407] na alimentação impunha-se privações que lhe arruinaram a saúde; usava o cilício, infligia-se a disciplina, praticava a pobreza até o ridículo, não se interessava por nada, isolava-se de qualquer companhia, não falava com ninguém, com o pretexto de ficar sempre unido a Deus. O Pe. Champagnat empregou todos os meios inspirados por sua caridade criativa. Usou até de toda autoridade para libertá-lo de sua ilusões e reconduzi-lo ao bom caminho, mas o egoísmo, o espírito de orgulho que o dominava, tornou-o surdo e rebelde aos conselhos, às exortações e à própria autoridade de seu superior.

Bem depressa sofreu o castigo de sua teimosia. Aquela vida de

---

[405] Nos anais de Bourg-Argental, o Ir, Avit narra assim os fatos: "Após um ano, o Ir. João Maria enfiou na cabeça que devia entrar na Trapa. Sumiu sem dizer nada e deixou duas turmas com 200 alunos, ao adjunto de 15 anos", que pelo jeito era o Ir. João Batista (cf. AFM 213.85, p. 4)

[406] Para uma cronologia aproximada desta fugida, ver LPC 2, p. 300 e nota; OM 4, p. 294, nota 2.

[407] O inspetor Guillard visita oficialmente a escola de Bourg-Argental em 23 de abril de 1822. no relatório apresentado ao reitor da universidade, ele anota, segundo as referências de Colomb: "que o primeiro Irmão que vi ontem em Bourg-Argental foi granadeiro da guarda imperial e que na quinta-feira ficou de joelhos, parado, desde as oito da noite até às oito da manhã (OME, doc. 19 [5], p. 74).

auto-repressão, as prolongadas meditações transtornaram-lhe o espírito e causaram-lhe uma doença nervosa tão prejudicial que, em certas horas, não se agüentava a si mesmo nem agüentava os outros e agredia a quem estivesse por perto. Outras vezes cometia leviandades inacreditáveis com quem se encontrasse, sobretudo com os Irmãos Jovens. Nas crises de leviandade não se continha, não observava o silêncio nem mantinha a compostura conveniência a seu estado. Até durante as orações brincava e perturbava os Irmãos. A coisa foi tão longe que sem demora provocou a desordem na casa, e o Pe. Champagnat, que tanto fizera para conservá-lo, viu-se obrigado a despedi-lo.[408] A esse gesto de severidade que lhe custou imensamente ao coração, acrescentou estas palavras que os Irmãos de Maria jamais deverão esquecer: "Assim serão tratados todos aqueles que se afastarem da obediência para seguir a vontade própria". Pronunciando essas palavras, deu por encerrado o assunto sobre o desditoso Irmão.

Depois do Ir. João Maria saiu também o Ir. Etienne Roumesy,[409] não menos caro, nem menos útil ao Pe. Champagnat. Também ele fazia parte do grupo dos primeiros Irmãos. No princípio fora piedoso e gostava da vocação. Realizara grande bem nas escolas em que estiver. O zelo pela formação cristã dos alunos, a caridade para como os pobres e órfão nunca serão condignamente enaltecidos, pois conquistaram-lhe o respeito e a estima de todos. Como, porém, a virtude rapidamente degenera em vício quando não se pauta pela obediência, foi justamente a tendência desse Irmão para esse tipo de obras a causa de sua perdição. Havia já algum tempo, o Pe. Champagnat, assoberdado de preocupações, retirara o Ir. Roumesy do ensino, chamando-o à casa-mãe para confiar-lhe a direção dos trabalhos e o cuidado dos bens materiais. Sem esperar e contra a sua vontade, foi afastado das tarefas pelas quais sentia especial atrativo. Ficou tão melindrado que chegou a cair doente. Desempenhou muito mal a nova função, não por falta de talentos, pois possuía grandes qualidades para a administração dos bens temporais, mas por não gostar do trabalho e sonhar com as ocupações anteriores.

---

[408] AA, p. 66.
[409] LPC 2, p. 288-290.

Foi quando um padre,[410] com quem se relacionava muito, teve a idéia de fundar uma congregação, cuja finalidade primeira seria a educação de órfãos e abandonados. Havia muito tempo participado ao Ir. Roumesy seu plano, propondo-lhe a direção da comunidade que desejava fundar.[411] Apreciando muito o projeto, o Irmão comunicou-o o Pe. Champagnat, solicitando-lhe para segui o atrativo que sentia por esse gênero de vida. O bom Padre respondeu: "Irmão, se a Providência o tivesse destinado a essa nova comunidade não o teria chamado para a nossa. A vontade de Deus é que fique onde está e a mudança que deseja não passa de perigosa armadilha de satanás, que você deve evitar. Para desistir de uma vocação santa, mesmo sob pretexto de abraçar outra mais perfeita, haveria necessidade de sinais extraordinários, ousaria quase dizer prodígios, que nos garantissem ser essa a vontade divina. Os sinais extraordinários deveriam ser reconhecido e comprovados, não por quem se acha propenso a um sistema diferente de vida, mas pelo superior, pois os altos de um religioso, para serem agradáveis a Deus, devem trazer o selo da obediência. Quem se afasta dessa norma para seguir seu próprio ponto de vista torna-se joquete do demônio ilude-se e arruína-se".

Percebendo o Padre que esses sábios conselhos não surtiam efeito, disse-lhe: "Meu Irmão, proíbo-lhe deixar-se levar pelo pensamento de abandonar a vocação. Se continuar com esse propósito, Deus lhe retirará sua assistência, deixando-o entregue às suas próprias luzes; cairá na cegueira, perderá a vocação e acabará mal". Após essa proibição, o Irmão ficou triste e abatido e, poucos dias depois, fugir sem avisar o Pe. Champagnat. Foi ter com o sacerdote que o atraíra, sendo acolhido de braços abertos. Mas como *é em vão que o homem constrói, se Deus não constrói com ele*[412], bem cedo se desentenderam, e não levou dois anos, tiveram de abandonar tudo. E, como lhe predissera o Pe. Champagnat, o Ir. Roumesy tornou-se infeliz e sua vida foi rosário de tribulações, desgostos e amarguras.

A perda dos dois Irmãos causou grande sofrimento ao arcebis-

---

[410] Era o Pe. Colomb. Cf. Atas do Conselho de D. de Pins, de 1º de março de 1826 e de 15 março de 1826, citadas em LPC 2, p. 290.
[411] LPC 2, p. 290.
[412] Sl 126,1.

po Fundador, pois eram os mais capacitados para ajudá-lo no governo do Instituto. Na verdade, ambos, em plena maturidade, com experiência das escolas e com muito talento para administrar e para orientar os Irmãos, estavam em condições de prestar bons serviços à congregação, exatamente na hora em que, deixando-se arrastar pelas ilusões do amor próprio, ambos perderam a vocação pelo mesmo motivo: a falta de obediência. Querendo provar a virtude de seu servo. Nosso Senhor feriu-se naquilo que lhe era mais caro: os dois elementos mais qualificados, os únicos que podiam aliviá-los do peso da administração, abandonaram-no ao mesmo tempo, para voltarem ao mundo. Apreciava-os tanto mais porquanto lhe eram necessários. Quanto mais lhe tinham custado sua educação e formação, tanto mais sentiu a saída deles. Deus, contudo, permitiu que tal acontecesse para que somente nele pusesse toda a confiança e para que aprendesse a contar unicamente com sua Divina Providência.

Também nessa época, o santo Ir. Luís foi tentado violentamente contra a vocação. A facilidade que tinha para o estudo das ciências, o amor que dedicava a Nosso Senhor despertaram nele o desejo de estudar latim e abraçar a vida eclesiástica, para dar maior glória a Deus e unir-se mais freqüentemente a Jesus Cristo. O Pe. Champagnat, a quem abriu o coração, garantindo-lhe ser isso uma cilada do demônio, que, invejoso de sua virtude, o enganava com o desejo de vida mais perfeita, para impedir o bem que estava realizando: "Meu caro amigo, não é preciso ser padre para amar a Jesus Cristo e conquistar-lhe almas. Na sua santa vocação, você pode estudar, amar e imitar o Divino Salvador, com igual perfeição e maior facilidade do que em qualquer outro estado. Em parte alguma poderá realizar maior bem, uma vez que não existe ministério mais excelente do que dar catequese às crianças, formá-las à piedade, prepará-las à primeira comunhão e conservar-lhes a inocência".

Apesar dos conselhos, aumentavam as tentações do santo Irmão, e ele teria sucumbido se não fosse filho obediente. O Padre, que lhe conhecia a perfeita docilidade, vendo-o sempre mergulhado em tais fantasias, chamou-o ao seu quarto e lhe disse: "Irmão Luís, estou convencido de que fique onde está. Por isso, proíbo-lhe pensar em estudar latim".

Não obstante as repugnâncias da natureza, o Ir. Luís, na sus

humildade, acolheu essa ordem com submissão, e – a coisa admirável que deve ser considerada como fruto de sua obediência -, a partir daí, a tentação não mais o acometeu. *O homem obediente alcançará vitórias*[413]. Diz o Espírito Santo. O santo Irmão fez a experiência: não apenas triunfou sobre o inimigo, recobrando a paz e a tranqüilidade de espírito, mas também recebeu, com o amor e o gosto da vocação, o fervor e o auxílio da graça que o fizeram progredir rapidamente na perfeição e na prática de todas as virtudes do seu estado. E assim a obediência do Ir. Luís conservou-lhe a vocação, encheu-o de consolação durante a vida, merecendo-lhe a graça de morrer como predestinado, como adiante veremos. Enquanto o orgulho e a desobediência dos dois outros, além de arruinar-lhes a vocação, infelicitaram-lhe a existência, jogando-os num caminho semeado de perigos para a própria salvação.

[413] Pr 21-28.

CAPÍTULO QUINZE

O Pe. Champagnat admite os Irmãos à profissão religiosa. Novas fundações. Importância das normas concernentes ao relacionamento com os seculares.

A saída dos dois Irmãos e a tentação do Ir. Luís fizeram o Pe. Champagnat compreender que urgia consolidar os Irmãos na vocação, mediante os votos, e obstar tanto quanto possível a inconstância humana através de compromissos irrevogáveis. Desde o começo prescrevera aos Irmãos promessas[414] de fidelidade a Deus e à vocação. Claro, tais promessas não eram votos. Entretanto a importância que lhe atribuíam, o caráter público que as realçava, as disposições religiosas com as quais se faziam eram próprias para radicar os Irmãos na vocação e ligá-lo ao Instituto. Eis a consagração, exatamente como a escreveu o piedoso Fundador:[415]

Tudo para a maior glória de Deus e a honra da augusta Virgem Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nós, abaixo assinados, certificamos e atestamos que, a partir de hoje, por livre e espontânea vontade, consagramos-nos a Deus, por cinco anos, na humilde associação dos Irmãozinhos de Maria, para trabalhar incansavelmente pela vivência de todas as virtudes, em nossa santificação e na educação das crianças do meio rural. Assim, propomo-nos a:

1.º - procurar tão somente a glória de Deus, a honra da augusta Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo e o bem da Igreja Católica, Apostólica, Romana;

2.º - comprometer-nos a dar ensino gratuito a todos os meninos indigentes, apresentado pelo Pe. Vigário da Paróquia ensinar-lhes, assim como a todos os demais meninos que nos forem confiados, o catecismo, a oração, a leitura, a escrita e os outros conteúdos do ensino primário, segundo as necessidades deles;

---

[414] As "promessas" dos primeiros Irmãos (cf. ª ABALKO, *Marcelino Champagnat e sua missão*. S.l., Províncias Maristas do Brasil, 1979, p. 38-46).

[415] Para o texto verdadeiro, ver OME, doc. 52, p. 137. Quanto às diferenças introduzidas pelo Ir. João Batista, ver o artigo do Ir. A. Balko, nota 1, acima.

3.º - comprometer-nos a obedecer, sem contestação, a nosso superior e a todos quantos ele designar para dirigir-nos;

4.º - viver a castidade;

5.º - colocar tudo em comum.

Cada Irmão assinava esta promessa, de joelhos, perante a comunidade reunida. Vê-se que ela continha, em princípio, todas as obrigações da vida religiosa, e o Pe. Champagnat não deixava de salientar isso aos Irmãos quando os admitia a pronunciá-la. A primeira vez que se cogitou de assumir semelhante compromisso, em 1818, o Ir. Luís,[416] de consciência timorata e escrupuloso cumpridor do que prometia a Deus, apavorou-se com as obrigações que isso implicava. Recusou-se, pois, a assinar, apesar dos conselhos do Pe. Champagnat e a amigável insistência dos demais Irmãos. O Ir. João Maria escandalizou-se e disse ao Pe. Champagnat.

- Que acha do senhor do Ir. Luís? Que será dela? Receio que tome um caminho errado e assim venhamos a perdê-lo.

-Conheço o Ir. Luís, respondeu o Padre. É homem sério e firme na vocação. Não assinou pó excessiva delicadeza de consciência. Assinará mais tarde. Enquanto esperar, não deixará de praticar o que prescreve a fórmula do compromisso. E acrescentou e repetiu duas vezes: "O Ir. Luís é um ótimo rapaz. Conserva ainda intacta a inocência batismal. É um espírito decidido que não transigirá com o dever. Eu me responsabilizo por ele e pela perseverança na vocação".

Que elogio! Tanto mais honroso para quem o recebeu, quanto seu comportamento até o final da vida jamais o desmentiu. Confirmou-o em tudo. Quando o Pe. Champagnat proibiu de pensar no estudo de latim, com o intuito de afastar a tentação e impedir que ela voltasse, pediu logo licença para professar e foi atendido. Até o fim da vida foi para os demais modelos de humildade, mortificação, regularidade, apego ao Instituto e, sobretudo, de grande amor a Deus. Meses antes de falecer dizia a um Irmão, para quem são tinha segredo:

- Sou terrivelmente assediado pelo amor divino; na meditação

[416] Cf. BQF, p. 9-10.

e depois da comunhão, sinto o coração de tal modo abrasado e tão repleto de felicidade, que fico arrebatado.

- Quer dizer que seu assunto de meditação é o amor de Deus? Replicou o Irmão.

- Não só de meditação; em todos os outros exercícios, não consigo ocupar-me de outra coisa. Aliás, o amor me basta, e, de agora em diante, quero somente contemplar e amar Nosso Senhor Jesus Cristo.

Foi nessas disposições que veio a falecer em 3 de agosto de 1847, após dolorosas enfermidade, durante a qual não perdeu uma só comunhão.

Após o retiro de 1826, foram emitidos os primeiros votos. Havia duas modalidades: os temporários, geralmente por três anos, e os perpétuos. Considerando que o voto de castidade poderia apresentar algumas dificuldades mais tarde, [417] a emissão deste voto, assim como o de pobreza, só acontecia na profissão. Os Irmãos noviços, após dois anos de provação, só eram admitidos ao voto temporário de obediência. Os primeiros votos eram pronunciados sem muita solenidade. Os Irmãos admitidos emitiam-nos depois da comunhão. E, para que tudo contasse, era lavrada uma ata, que o Irmão assinava de joelhos, depois de emitir o voto.[418]

---

[417]. Em outubro de 1840 (cf. AFM,AA, manuscrito, p. 231).

[418]. Ata assinada pelo Ir. Bartolomeu (cf. AFM, R. V. P. 1, p. 10). BARTOLOMEU (Ir.). "Eu, abaixo assinado, Irmão Bartolomeu, nome de batismo, Barthélemi Badard, filho legítimo de Jean-Marie Badard e de Jeanne-Marie Teillard, vivos, natural da paróquia de La Valla, de vinte e cinco anos, atesto e declaro que, pela graça de Deus, fui admitido em 1º de maio de 1819, na casa de Lavalla, noviciado da Sociedade de Maria, que, no 8º de setembro de 1819, tive a honra de ser revestido com o santo hábito religioso dos Irmãos da dita sociedade, após ter feito o humilde pedido ao R. Pe. Superior; e que, em seguida, com a licença, fiz, no 5º dia de outubro de 1828, na capela de Na. As. de l'Hermmitage, após a comunhão realizada na santa missa, secretamente, mas voluntária e livremente, os três votos perpétuos de pobreza, de castidade e de obediência aos superiores da dita Sociedade de Maria, segundo seus estatutos e objetivos, após havÊ-los feito pelo espaço de três anos, em 10 de outubro de 1826; dando fé a isso eu assinei esta ata na presença do Ir. Francisco e do Ir. Luciano que também assinaram, em 22 de outubro de 1829, em Na. Senhora de l'Hermitage. Champagnat, sup. d.F.M.; Ir. Bartolomeu; Ir. Francisco; Ir. Luciano". Comparar com OME, doc. 66, p. 152; doc. 67, p. 154.

Apesar das contradições de toda ordem que o sacudiram durante o ano, o Instituto continuou a crescer e se desenvolver. Os Irmãos que se retiraram ou que foram despedidos durante a doença do Pe. Champagnat foram substituídos por outros, animados das melhores disposições. Após o retiro anual, três novos estabelecimentos foram abertos: Saint-Paul-em-Jarret, Mornant e Neuville-sur-Saône.[419]

O Sr. Tripier, homem de fé e cristão fervoroso, custeou todas as despesas da fundação do estabelecimento de Neuville.[420] Quando os Irmãos chegaram, chamou à parte o Irmão Diretor e lhe disse: "Irmão, quando precisar de alguma coisa é só falar comigo. Estarei pronto a ajudá-lo; não quero que sofra e ficaria magoado se, por timidez, frustrasse minha disposição de não lhe deixar falar nada".

O Irmão Diretor aproveitou ao máximo a generosa oferta. Em qualquer emergência recorria ao Sr. Tripier, seja para prover às necessidades da comunidade, seja para fornecer, aos alunos pobres, livros, material escolar e roupas. Nunca recorreu em vão.

Certa feita, o Irmão Diretor pediu-lhe quinhentos francos. Após contar e colocar na mesa cinco pacotes de cem francos, o generoso benfeitor, mãos postas e olhos para o céu, exclamou: "Meus Deus, agradeço-vos a graça que me fazeis de investir em boas obras esta riqueza que me deste. Por minhas próprias forças seria incapaz de semelhante ato de virtude". Em seguida, dirigindo-se ao Irmão Diretor, maravilhado com este linguajar: "Sim, meu Irmão, é grande favor divino poder dar-lhe esta soma; considero com o insigne dom divino a disposição que tenho de distribuir meus bens em esmolas e servi-me deste vil metal – desgraça de tanta gente – para bendizer a Deus e para ajudar aos pobres, meus irmãos. Quanto, mais ricos do que eu, não doam nada, ou muito pouco, porque não receberam a graça preciosa de despojar-se e doar". Concluiu: "Meu Deus, daí-me a graça de ser agradecido por esse benefício e não permitais que me torne indigno, obrigando-vos a me deixar sem ele". Este senhor[421] foi o pai dos po-

---

419. Estatística de 1833 (cf. AA, p. 133-136).
420. Neuville, LPC 2, p. 603-604 e AA, p. 78.
421. Em 9 de outubro de 1837, o Pe. Champagnat escreveu ao Sr. Triper, logo depois de uma desavença referente à escola dos Irmãos em Neuville: "Como nosso estabelecimento de Neuville necessita de um homem igual ao senhor, que nada faz desa-

bres e distribuiu toda a sua fortuna. No fim da vida viu-se obrigado a recorrer à sua família para poder sustentar-se, e de tal maneira aproveitara a graça de repartir seus bens em donativos que, após a morte, não tinha o suficiente para custear o enterro.

O Pe. Champagnat visitava freqüentemente o estabelecimento de Neuville, não só por causa da estima que sentia pelos Irmãos, como também para ter a satisfação e o prazer de encontrar-se com o Pe. Durand, vigário da paróquia, amigo íntimo e conselheiro seu. O Pe. Durand,[422] antigo superior do seminário menor de Alix, era sacerdote de profunda ciência, grande piedade e muita ponderação. O Pe. Champagnat dizia que ninguém lhe dera conselhos mais acertados, nem compreendera melhor sua obra. Por isso, nunca deixava de pedir seu parecer em todos os assuntos sérios que interessavam o bem e o futuro do Instituto. [423]Perfeitamente a par dos compromissos da vida religiosa, Pe. Durand era para os Irmãos um diretor sábio e prudente, ficando a igual distância os rigorismos e do laxismo. Criterioso e ponderado, captava com admirável sagacidade as conseqüências, boas ou más, de um ato.

"Observem a regra, dizia muitas vezes aos Irmãos. Lembrem-se de quem sem ela, não podemos fazer bem algum. Ainda que fizessem milagres, sem fidelidade à Regra seriam maus religiosos. Um piloto sem bússola a sem mapa só pode transviar-se e naufragar. Assim também um religioso que negligencia a Regra cairá nas ciladas do demônio e se perderá infalivelmente. Desconfiem dos que transgridem facilmente a Regra e não acreditem na perseverança deles: porquanto, quem larga a Regra, larga a batina.

Em duas ou três circunstâncias provocadas por ele, percebemos que um Irmão, aparentemente bem-prendado, pouco ligava às normas, disse ao Irmão Diretor: "Esse irmão não vai perseverar na vocação e previno-o de que acabará mal". Decorrido algum dia, ao surpreender o Irmão comendo uma fruta fora da refeição, disse-lhe:

- Sua falta de controle vai arruinar-lhe a vocação e sua pregui-

---

nimar, que sabe superar as dificuldades e preveni-las!" (LPC 1, doc. 131, p. 265).

[422]. Durand (cure), LPC 2, p. 210)

[423]. O Pe. Champagnat também lhe apresenta problemas práticos da vida. Escreve ao Pe. Vigário de Neuville, com respeito à moradia dos Irmãos (LPC 1, doc. 5, p. 36).

ça o levará, um dia, a mendigar o pão.

- Não penso em abandonar minha vocação, replicou o Irmão, melidrando; mas, se isso acontecesse, encontraria o necessário para viver, junto a seus pais.

- Juntamente por essa razão replicou o Padre, aposto que um dia terá de mendigar o pão.

Não demorou e cumpriu-se a profecia. O Irmão abandonou a vocação. Em pouco tempo dissipou a fortuna de trinta mil francos e teve de viver de escolas o resta da vida.

As normas relativas às visitas e aos relacionamentos com os seculares pareciam, ao Pe. Durand, tão essenciais e tão importantes que não acreditava na perseverança de um Irmão que as transgredisse. Um dia, encontrando na rua um Irmão que passeava sozinho, abordou-o dizendo: "Irmão, preferia encontrar um lobo a vê-lo sozinho". Como o Irmão se desculpasse, acrescentou: "As pessoas mundanas poderiam acusá-lo de todos os crimes, e você não teria como defender-se, porque anda sozinho, desobedecendo a Regra".

Durante o ano verificaram abusos quanto à saída e passeios. O Pe. Champagnat soube que em várias comunidades tinha havido reuniões demasiado numerosos; que Irmãos de duas ou três casas tinham feito piquenique juntos e outros viajavam e saíam sozinhos sem necessidade. Advertiu a todos esses Irmãos e escreveu-lhes cartas paternais para lembrar-lhes o dever à observância da Regra, mas suas caridosas advertências tiveram pouco resultado. Angustiado com esse comportamento e temendo com razão que a transgressão da Regra num ponto tão sério acarretasse conseqüências prejudiciais, resolveu atalhar de vez os abusos. Nas férias, quando os Irmãos chegaram às casa-mãe, logo os reuniu. Com toda a severidade levantou-se contra o abuso; impôs aos culpados o exercício da culpa do ano todo, perante a comunidade inteira. Suas palavras enérgicas impressionaram a todos e os Irmãos em peso comprometeram-se a ser fiéis a todas as normas. O abuso foi totalmente erradicado. Não houvesse o mau espírito e o começo de desordem, não teria tido maiores conseqüências.

Mas, dois ou três Irmãos, de espírito mundano e mania de independência, adquiridos em contatos com o mundo, já estavam periclitantes na vocação. Magoados por serem repreendidos na presença

da comunidade e pouco virtuosos para suportarem a humilhação, protestaram abertamente contra o Pe. Champagnat e tacharam de tirania sua virtude.

- Meu amigo, você pensou bem no passo que vai dar? Não sabe que a vocação é de suma importância para a salvação?

- Sei sim.

- Porque, então, instigado pelo demônio, você está abandonando esta comunidade aonde a Providência o chamou?

- Fazer o quê? Já decidi, não posso voltar atrás.

- Pode sim, basta querer.

- Não, porque, além de ter perdido totalmente minha vocação, sinto uma força invencível que me arrasta, contra vontade.

- Será que não é o diabo que está ludibriando?

- Seja o diabo ou qualquer outra coisa, vou-me embora, pois sofro terrivelmente e não posso mais ficar aqui.

- Você não vê que está indo para o inferno?

- Estou vendo, sim.

- Como? Sabe que está indo para o inferno e não volta atrás?

- Não. Para mim é impossível. Mesmo sabendo que vou indo para o abismo.

- Infeliz de você! Saiba que sua cegueira e obstinação me fazem tremer.

- Você tem razão de tremer, pois pode cair como eu. Enquanto fiel à Regra, amei minha vocação tanto quanto você. Agora detesto-a tanto quanto a amei.

- Admite, então, que andou errado ao desobedecer à Regra?

- Claro que admito. Nunca neguei.

- Por que então acusa o Padre superior por tê-lo repreendido? E por que se joga no mundo em vez de se arrepender e reparar o mal que praticou?

- Vou-me embora e me jogo no mundo porque Deus me abandonou e não passo de um condenado.

Dizendo isso, voltou as costas e encaminhou-se para a porta. Enquanto durou o diálogo, do qual demos apenas o essencial, mostrava fisionomia, compostura e inflexão de vozes aterradoras, que metiam medo no santo Irmão que tentava fazê-lo voltar ao bom caminho.

O infeliz Irmão apóstata saiu, apesar de todo o esforço para segurá-lo na vocação, comprovando uma vez mais a verdade da afirmação de S. Bernardo: "Vereis, com mais freqüência, pessoas seculares se converterem do que religiosos relapsos voltarem à virtude".[424] E a de Cassiano: "É mais fácil converter um grande pecador do que um religioso tíbio".[425] Por que isso? Responde Sto Agostinho: "Porque Deus desampara as pessoas omissas que escancaradamente falham nas suas obrigações e abusam da graça.[426]

Na abertura das aulas de 1827, o Pe. Champagnat fundou mais duas escolas: Saint-Symphorien-d'Ozon, a pedido do vigário, Pe. Dorzat, que custeou todas as despesas, e Valbenoîte, cujo fundador foi o Pe. Rouchon, vigário da paróquia. Este havia tentado fundar uma congregação cujo fim seria a educação da juventude. Sabendo, porém, que o Pe. Champagnat já estabelecera obra semelhante, propôs-lhe a fusão das duas comunidades. Para isso, em maio[427] de 1822, acompanhado de uma dezena de discípulos, visitou o Pe. Champagnat em Lavalla. Mas, logo que os Irmãos de ambas as comunidade se conhecerem, a união lhes pareceu absolutamente impossível. O noviciado de Lavalla compunha-se de jovens simples, sem instrução, com roupas de pano grosseiro. A casa, a mobília e a alimentação, tudo era pobre, tudo anunciava uma vida de privações e sacrifícios. Os Irmãos de Valbenoîte, pelo contrário, trajavam à burguesa,[428] tinham aparência elegante e apurada. Pareciam instruídos e tinham o jeito e os modos da alta

---

[424]. Epístola 96 a Richard, abade de Fontaine. PL 182, 229.

[425]. O Ir. João Batista atribuiu esta frase a Cassiano. Sto. Antonio Ligório, em "La religieuse Sanctifiée" a atribui a S. Gregório (*Oeuvres ascétiques*, cap. 14.3)

[426]. Comentários sobre o salmo 103.4 (PL 37, 1378).

[427]. O Ir. João Batista chegou no fim de março de 1822, portanto, testemunhou a cena (cf. OME, doc. 166 [36], p. 452).

[428]. "Os irmãos de Valbenoîte... adotaram uma vestimenta, primeiramente reservada para os domingos e dias de festas. Consistis essencialmente em uma calça aristocrática e de uma sobrecasaca, caindo até os joelhos. Fraque e cartola complementavam o uniforme para andar fora de casa" (NCF, p. 216).

sociedade. Depois de verem os Irmãos de Lavalla ocupados na construção, ainda visitaram o dormitório, a cozinha e o refeitório, saíram e não falaram mais de fusão. [429]Já em 1827, o pe. Rouchon veio solicitar Irmãos ao Pe. Champagnat, porque os dele, não podendo conviver em harmonia, tinham sumido todos, deixando as escolas sem professores. Quatro Irmãos foram[430] enviados a Valbenoîte, e o bom vigário generosamente se responsabilizou por todos os gastos.

[429]. Em 1824, o Pe. Rouchon tentou novamente reunir os Irmãos do Pe. Champagnat com os dele (cf AAL, reg. Délib. 5 p. 5-6 e OME, doc. 23, p. 82).
[430]. AA, p. 81 e LPC 2, 634-637.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O Pe. Champagnat completa o traje dos Irmãos. Adota a nova pronúncia das consoantes no ensino da leitura. Relutância de alguns Irmãos às meias de pano e ao novo método de leitura.

No ano de 1828, o Pe. Champagnat completou o traje dos Irmãos. Desde 1824, com a chegada de D. Gastron de Pins, administrador da diocese de Lião, ele dera aos Irmãos a batina, o pequeno manto, o chapéu triangular e o rabá branco. Na emissão dos votos acrescentou um cordão de lá e uma cruz de cobre, incrustada de ébano, para os que haviam feito profissão. [431]A essa altura, determinou que a batina, abotoada até então, fosse fechada por meio de colchetes até a cintura, sendo o restante costurado até embaixo. Diversos motivos o levaram a essa mudança: o novo modelo de batina era mais modesto e mais religioso e facilitava o asseio, pois os botões do modelo antigo perdiam a cor e destoavam do conjunto; e também porque, costurada na frente até embaixo, a batina cobria inteiramente as pernas, ao passo que, com os botões, desabotoava-se freqüentemente, expondo os Irmãos a nem sempre terem, perante as crianças, o recato necessário.

O calçado[432] não mudou e os Irmãos usavam meias de malhas, feitas de lã ou algodão. Em todas as casas, cada qual se provia segundo as necessidades. Mas o Pe. Champagnat compreendeu logo os abusos que essa liberdade acabaria introduzindo no Instituto. Realmente as meias em uso traziam graves inconvenientes:

1. com essas meias, a provedoria não podia encarregar-se do fornecimento, e, por isso mesmo, seria impossível conseguir a uniformidade;
2. ficando os Irmãos com a liberdade de escolher suas meias, expunham-se, apesar de todas as cautelas, a se desviar do espírito de simplicidade, humildade e pobreza, próprias da vocação. A experiência já demonstrara que o abuso era

[431]. Na emissão dos votos perpétuos.

[432]. Aqui *chaussure é* tomado num sentido amplo, hoje raro em francês. Segundo o Petit Robert: "Parte do vestuário que envolve e protege os pés".

muito fácil, pois vários Irmãos haviam mandado confeccionar meias de seda e outra com recamos[433] de seda; muitos compravam meias de má qualidade; alguns recebiam-nas de presente; outras não as encontravam com facilidade;

3. enfim, o terceiro inconveniente também era grave: as meias de malhas só podiam ser consertadas por mulheres. Isso franquearia as casas da congregação ao elemento feminino ou, pelo menos, ocasionaria relacionamentos freqüentes em vista dois serviços. Foram essas as principais razões que levaram o Pe. Champagnat a fornecer a seus Irmãos "meias religiosas", chamadas também meias de pano.[434] Entretanto, para não melindrar os ânimos e agir em tudo com prudência, não aboliu de uma só vez as meias comuns. Contentou-se com adotar, em princípio, as meias de pano. Deu um par para cada Irmão, ordenando que as usassem nos dias de comunhão e proibindo-lhes fossem comungar com as meias de malha.

As inovações no traje foram acompanhadas de mudança no método de ensino. Até então, para ensinar a ler, os Irmãos seguiam o método habitual, isto é, usavam a soletração e a antiga denominação das consoantes. Ora, o Pe. Champagnat convencera-se de que esse método multiplicava as dificuldades no ensino da leitura.[435] Resolveu adotar a nova pronúncia das consoantes e proibiu a soletração. Os Irmãos, não-habituados a essa nova maneira de ensinar a ler, rejeitaram a inovação por unanimidade.

Após haver-lhes demonstrado as vantagens incontestáveis do novo método e exposto as desvantagens do antigo, o Pe. Champagnat, vendo que os Irmãos não aceitavam suas razões, propôs-lhes fazer a experiência: "Vocês vão usá-lo com serenidade, durante este ano, e nas próximas férias, saberemos, na prática, se é melhor do que o ou-

---

433. "Fleuret": "fio da parte mais grosseira da seda" (Larousse enciclopédique).
434. BI, XXI, p. 537, nº 6.
435. Frère Paul BOYAT, "Quelques aspects de la pèdagogie des Petits Frères", BI XXIX, p. 101-103. Também, P. ZIND, O *Bem-aventurado Marcelino Champagnat e seus pequenos Irmãos de Maria.* Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas, 1988, p. 217-218.

tro; regulamentaremos então, definitivamente, o assunto".

O bom Padre, convencido de que suas idéias podiam não ser as melhores, aproveitou esse tempo para consultar muita gente com relação ao assunto. Após minucioso exame da questão, todos lhe aconselharam a adoção da nova pronúncia das consoantes como sendo mais racional e mais adequada à aprendizagem das crianças. Os Irmãos, que a muito custo se tinham resignado a fazer a experiência do método, não a fizeram com serenidade e ficaram pouco satisfeito. Por isso, nas férias seguintes, quase todos se pronunciariam contra a adoção definitiva. Reunidos em conselho pelo Padre, para deliberem sobre o assunto, cada um veio com uma série de objeções, expondo-as com tanto mais força e energia, quanto as estimava perfeitamente fundamentadas. Ouvidas as objeções e as observações de cada um, o Pe. Champagnat começou a demonstrar, de maneira categórica, as vantagens do novo método sobre o antigo e concluiu que era preciso adotá-lo.

- Mas, Padre, replicou um Irmão, quase todos os Irmãos acham falho este método; como então poderemos admitir que vai dar melhores resultados que o outro? Além disso, podemos nós adotar um método rejeitado pela grande maioria?
- Meu caro Irmão, replicou-lhe o Pe. Champagnat, há circunstância em que importa menos contar as opiniões do que pesá-las.[436] Irmãos diretores, vocês não têm o encargo das turmas de alfabetização e, além disso, estão de prevenção contra o método, sem o terem examinado ou experimentado seriamente. Os poucos Irmãos que o adotaram estão satisfeitos com ele e não se queixaram dos inconvenientes que vocês assinalaram. Até provam acelerar a aprendizagem das crianças. Pessoas eruditas e experimentadas, por mim consultadas, são do mesmo parecer. Adotando-o tomamos uma decisão acertada apesar da maioria, uma vez que esta maioria tem preconceitos e julga sem conhecimento de causa.

[436]. Lembra o adágio: *Vota non sunt numeranda sed ponderanda*.

Mas o novo método preocupava menos do que as meias de pano. Vários Irmãos reclamavam das meias e não queria usá-las. Alguns mais exaltados, sem nenhum espírito religioso, aproveitaram a ocasião para incitar os Irmãos à revolta contra o Pe. Champagnat e forçá-lo a conservar as meias comuns. Os argumentos para demonstrar os inconvenientes das meias de pano já vinham prontos. Na opinião deles as meias tinham todos os defeitos imagináveis: para alguns eram quentes, provocando demasiada transpiração dos pés; para a maioria, eram incômodas e machucavam os pés, impossibilitando qualquer viagem; outros ainda achavam-nas fora de moda, sendo motivo de chacotas das pessoas de fora. Apelavam até para o preço: falavam que sairiam muito mais caras que as outras; aprová-las seria uma violação da pobreza. Defenderam essas razões com vigor e persistência em conversas particulares ou com o Pe. Champagnat, e nas reuniões em torno do assunto. Após ouvir as objeções de cada um, o Pe. Champagnat argumentou: "Vejam, amigos, as contradições nas invectivas contra as meias de pano: elas não podem ser ao mesmo tempo excessivamente quentes e frias. A questão do preço é apenas aparente porque, se as meias de pano são mais caras do que as de malha, sua duração é muito maior. Portanto, na realidade, são muito mais baratas e por isso mesmo mais de acordo com o espírito de pobreza. Mesmo que as meias de pano fossem mais caras, os inconvenientes das outras são de tão grandes que jamais eu consentiria em conservá-las. Estou percebendo muito bem que a principal razão, ou – para falar com franqueza – a única razão para se aferrarem tanto às meias de malha é que são agradáveis. Falando claro: é porque são mais mundanas. Mas pergunto-lhe: não é vergonhoso rejeitar as meias de pano por motivo por motivos tão fúteis, por pretextos que não ousam confessar, de vergonha? Rezei durante todo o ano para ter luzes sobre a questão. Examinei, pesei os prós e os contras; consultei pessoas prudentes e esclarecidas. Quis fazer pessoalmente a experiência das maias de pano e usei-as nas viagens. Pois bem, devo dizer-lhes que tudo me convence do acerto na deliberação de conservá-las. Creio que a vontade de Deus é que devemos usá-las: estou, pois, decidido a adotá-las em definitivo.

Com essa declaração, a controvérsia das meias parecia encerradas, pois a grande maioria dos Irmãos, aceitando os argumentos do Pe. Champagnat, submeteram-se à sua vontade. Contudo, dois ou três

mais rebeldes, decididos a ir embora do Instituto, fosse qual fosse o resultado da discussão, ficaram irritados com a decisão do Pe. Champagnat e a submissão dos Irmãos. Combinaram entre si e resolveram criar uma facção dentro da comunidade e protestar contra a decisão recém-tomada. Arregimentaram, primeiro, alguns jovens e, depois, alguns mais antigos. Finalmente procuraram aliciar os capelães. Fizeram com tanta habilidade, realçaram tão bem as pretensas desvantagens das meias de pano, que um deles[437] lhes deu razão, prometendo apoiá-los junto ao Pe. Champagnat. Para os intrigantes foi um verdadeiro triunfo. Demonstraram publicamente seu júbilo, pensando já terem garantida a vitória. Aproveitando-se da vantagem que lhes davam a autoridade e o caráter da pessoa aliciada, os mais atrevidos, os cabeças da conspiração, assanharam-se contra as meias de pano. Durante os recreios formavam grupinhos nos quais só se falava em batina acolchetada, meias e métodos de leitura. Já estavam tramando estratégias para convencer o Pe. Champagnat a reconsiderar a decisão, quando souberam que os vigários gerais – então de visita a Saint-Chamond – deviam chegar a l'Hermitage no dia seguinte. Armaram logo um plano: fariam aos vigários gerais uma petição em favor das antigas usanças. Redigida a petição, foi assinada por todos os facciosos. temendo que o número de assinaturas fosse pequeno, um dos cabecilhas, enquanto os Irmãos estavam em aula, apresentou-se a cada um, petição em punho, para assinarem sem saber do que se tratava. infelizmente, o Irmãos que estava dando aula aos colegas não se opôs à circulação da petição que correu todas as carteiras e foi apresentada a todos os Irmãos.

Todavia, um dos Irmãos mais idosos, indignado com a conduta dos rebeldes, profundamente aflito com o rumo que os acontecimentos iam tomando, saiu da sala, reuniu alguns Irmãos mais piedosos e dedicados e falou-lhes: "Não vamos fazer nada para sustar este espírito de revolta e de independência que está surgindo e ameaça invadir a comunidade? Acaso vamos deixar alguns agitadores transformarem a

[437]. Este capelão é difícil de ser identificado. Documentos permitem fazer deduções, porém sem fornecer certezas (OM 1, doc. 196, 472; LPC 2, P. 469; OME, doc. 11, p. 47; LPC 2, P. 101; e OME, doc. 160 [11 a 16], p. 381-383). Haveria o dedo de M. Pompallier ao lado dos revoltosos em 1829? Ver a observação do Pe. Colin: OME, DOC. 165 [3], P. 421 E notas.

casa e perverterem os Irmão? Não caberia a nós a obrigação de barrar semelhantes abusos protestar contra esse espírito de insubordinação? A mim me parece que devemos pôr termo a esse escândalo.

Convenceram-se todos de que o mal era grave e urgia barrá-lo. A primeira providência consistiria em prometer fidelidade ao Pe. Champagnat, manifestar-lhe a mágoa que a atitude dos Irmãos extraviados lhes causava e pedir-lhe conselhos sobre o modo de agir para acabar com a agitação. Dirigiram-se, pois, todos ao quarto do piedoso Fundador e disseram-lhe: "Padre, sentimo-nos angustiados com o que está acontecendo. Vimos exprimir-lhe nosso pesar, bem como assegurar-lhe que estamos absolutamente resolvidos a obedecer-lhe em tudo, em particular, usar as meias de pano, a batina costurada e acolchetada na frente, e adotar o novo método de leitura. E, uma vez que os revoltosos se propõem entregar aos senhores vigários gerais uma petição para manter o primitivo estado-de-coisas, pedimos licença para elaborarmos outra em termos opostos".

O Pe. Champagnat ficou muito confortado com as boas disposições desses Irmãos e com a iniciativa. Testemunhou-lhes sua alegria, elogiou-lhes o bom espírito e a fidelidade. Disse-lhes, após um momento de reflexão: "Deixem-me a sós algumas horas a fim de examinar diante de Deus o que devem fazer. Rezem também vocês, para que o Espírito Santo me ilumine e me inspire o que lhes devo aconselhar. Vou chamá-lo quando houve ponderado tudo maduramente".

No intervalo, o Irmão que havia provocado o episódio acima descrito encontrou-se com um Irmão antigo que, iludido, redigira e assinara a petição. Interpelou-o em tom de autoridade:

- Mas como, meu Irmão, não tem vergonha do que está fazendo? Não tem vergonha de seguir a facção dos rebeldes, você, que é antigo e deveria dar o exemplo de lealdade, de perfeita fidelidade? Você quer mesmo matar de desgosto nosso Pai? Se soubesse quanto sofrimento lhe está causando, você não agiria assim. Vai prestar contas a Deus do escândalo que está provocando.

Tais palavras caíram como um raio sobre o culpado, que se deixara arrastar por excessiva condescendência e ingenuidade.

- O que estamos fazendo penaliza muito o Pe. Superior?
- Que dúvida! Tanto é que nem se alimenta. Não viu que nem compareceu ao jantar?
- Onde é que ficou?
- No quarto, chorando o escândalo que você está causando.

O bom Irmão, assustado com essas palavras, não hesitou um instante em se retratar. Imediatamente foi ter como Pe. Champagnat, lançou-se-lhe aos pés, pediu perdão e dispôs-se a fazer a necessária reparação. Horas depois retratava-se perante a comunidade inteira, reunida no refeitório para a ceia, reafirmando seus propósitos de obediência irrestrita a todas as vontades do superior.

Essa mudança brusca e a reparação pública surpreenderam a todos, sobretudo aos signatários da petição. Os cabeças, porém, em vez de comover, ainda fizeram troçar. Tacharam o gesto de fraqueza de caráter, de baixeza e obstinaram-se ainda mais nos sentimentos de insubordinação e de revolta. Entretanto, a mudança provocou a cisão do grupo. Os que se haviam assinado sem conhecimento de causa, desligaram-se do grupo rebelde. Vários, inclusive, pediram publicamente perdão do seu desatino. Por outro lado, veio a notícia de que os vigários gerais não visitariam mais 1'Hermitage, chamados que foram, subitamente, a Lião.

A essa altura dos acontecimentos, o Pe. Champagnat, que passara o tempo em reflexão, chamou o grupo que lhe jurara fidelidade e lhe disse: "Foi somente após prolongado exame diante de Deus que, no ano passado, resolvi mudar as meias. Desde então, não deixei de rezar, refletir e aconselhar-me com pessoas prudentes. Ora, as preces, as consultas, as reflexões, a experiência que eu mesmo quis fazer com essas meias, tudo tende a confirmar a minha decisão. Hoje tão convencido estou de que a vontade de Deus é essa, que nada me poderá fazer mudar de idéia. A atitude dos Irmãos rebeldes me deixou muito triste, mas nem me passou pela idéia ceder o mínimo que fosse. E tem mais: estou resolvido a despedir todos aqueles que não quiserem acatar a determinação. Façam, portanto, o seguinte: ergam um altar na capela, apoiado na parede voltada para o sul. Sobre o altar, bem orna-

mentado, coloquem a estátua da Santíssima Virgem[438] meio de muitas velas. Cuidado, para que ninguém perceba os preparativos. mantenham, pois, fechada a porta da capela. Às oito e meia da noite, quando formos à capela para visita ao Santíssimo, acendam todas as velas. Uma vez todos na capela, um de vocês me pedirá, em nome de todos, em voz alta, as meias de pano, a batina acolchetada e o novo método de leitura. Redijam sua petição e mostrem-na antes de lê-la".

Tudo foi feito conforme o combinado, e à surdina. Ninguém na casa soube dos preparativos da cerimônia. À noite, após a leitura do assunto da meditação a comunidade, como sempre, dirigiu-se à capela para adoração do Santíssimo. A surpresa foi geral ao verem o novo altar todo iluminado. Cada qual se perguntava o significado daquilo e o que iria acontecer. Depois da adoração ao Santíssimo, o Pe. Champagnat, que se ajoelhara nos degraus do altar-mor, levantou-se e foi para o outro lado dos Irmãos. Um dos Irmãos mais antigos adiantou-se, ajoelhou-se perante ele, e fez o pedido nestes termos:

"Reverendo Padre, profundamente magoados com o que está sucedendo na casa e querendo prosseguir sempre pela estrada da obediência e da mais perfeita docilidade, ajoelhamo-nos a seus pés para lhe manifestar nossa dor pelos escândalos ocorridos entre nós e lhe garantir que estamos dispostos a cumprir, com docilidade, tudo o que o senhor determinar. Em razão disso, aqui prostrado ante Nosso Senhor Jesus Cristo e na presença de Maria, nossa divina Mãe, vimos pedir-lhe as meias de pano, a batina costurada e acolchetada na frente, prometendo-lhe usá-la durante toda nossa vida. Prometemos também seguir as normas didáticas que nos traçou e em particular adotar a nova pronúncia das consoantes. Finalmente, nesses pontos e nos demais só queremos cumprir o que for de sua vontade".

Tendo o Irmão acabado de falar, o Pe. Champagnat disse em tom enérgico: "Bom" os que optarem por seu bons religiosos e autênticos filhos de Maria, venham aqui para o lado de sua divina Mãe". Apontando para o altar de Nossa Senhora, para onde os convidara, repetiu as mesmas palavras: "Que todos os filhos de Maria passem para o lado de sua Mãe". Nenhum relance, todos se precipitaram para o altar de Nossa Senhora, aglomerando-se a seus pés. Do lado oposto

[438]. Atualmente em Roma, na casa generalícia.

permaneceram apenas alguns Irmãos, que não tinham entendido bem para que lado passar, tomados que estavam de surpresa e pavor. Então, o Pe. Champagnat voltou a insistir. "O lugar dos filhos de Maria é aqui ao lado do seu altar e o dos recalcitrantes é lá contra aquela parede." Desta vez, no lado dos recalcitrantes sobraram apenas os dois cabecilhas, sentados, um ao lado do outro; acompanhavam a cena com olhar sinistro. O Pe. Champagnat, dirigindo-se diretamente a eles, perguntou-lhes se queriam continuar ali. Sim, responderam eles com total frieza. No dia seguinte os dois foram mandados embora.[439] Todos os Irmãos que tinham sido aliciados pediram perdão na presença da comunidade, manifestando profundo arrependimento da falta. Mas, é bom lembrar que de todos os signatários da petição apenas dois perseveraram na vocação. Todos os outros abandonara seu santo estado e saíram do Instituto.

A perversidade, a obstinação e a cegueira dos dois Irmãos que persistiram na rebeldia, sendo finalmente excluídos do Instituto, têm algo de espantoso e é de se indagar: Como é que chegaram a esse ponto? Os dois, como a maioria dos outros por eles desviados, e que perderam mais tarde a vocação, eram pessoas competentes e por muito tempo foram a alegria do piedoso Fundador e a edificação dos coirmãos, pela piedade, zelo pela educação cristã das crianças e pelo apego à vocação. A causa única da ruína deles foi a transgressão das normas a respeito das relações com pessoas do mundo. No ano anterior, eles tinham sido alvo de censura, devido a saídas e visitas freqüentes demais. Os contatos com o mundo, as visitas, mesmo a coirmãos, exageradamente repetidas, enfraqueceram-lhes sensivelmente a piedade, o zelo pela perfeição; fizeram-nos perder o gosto pela piedade, o apego à vocação e o espírito religioso. Sem se darem conta, adquiriram os defeitos das pessoas que freqüentavam. Seus pensamentos e sentimentos tornaram-se profanos; suas ações e atitudes, totalmente mundanas. Não admira, pois, que tivessem tanta repugnância às meias de pano. Não tendo espírito religioso, não estimando a vida religiosa, e não praticando mais as virtudes características, por que haveriam de usar o

[439]. Trata-se provavelmente dos Irmãos Agostinho (Cossange), cf. AA, p. 65, e Miguel (Marconnet); cf. LPC 2, P. 401; cf. também, AA, p. 86.

hábito religioso? Um abismo chama outro abismo, diz o profeta.[440] Os primeiros desvios desses Irmãos foram faltas leves, que acarretaram outras mais graves, estas os precipitaram na insubordinação, na cegueira, na obstinação e em todos os escândalos acima referidos.

"Para o religioso os relacionamentos com o mundo, mesmo necessários, sempre trazem perigos", afirmava o Pe. Champagnat. "Representam um dos maiores obstáculos à vida religiosa. É através desses relacionamentos que o espírito mundano; trazendo toda sorte de abusos e vícios. É durante essas visitas que se criam amizades e ligações perigosas, que o coração se dissipa, o espírito se inunda de idéias mundanas e se perdem o tempo e a devoção".Foi a convicção profunda dessa verdade que lhe inspirou orientações prudentes e sábias quanto ao relacionamento dos Irmãos com os leigos. Explicitando essas normas, cuja observância julgava de suma importância, repetia sempre: "Observem-nas integralmente se quiserem conservar o espírito de sua condição de religiosos e sua vocação, porquanto não poderão transgredi-las sem comprometer a ambas". Há um fato que devemos registrar aqui e que confirma o pensamento do piedoso Fundador:entre os Irmãos diretores que até agora perderam a vocação há mais de oitenta por cento cuja apostasia se deveu exclusivamente à violação dessas normas.

[440]. SL 42, 8

CAPÍTULO DEZESSETE

Prosperidade crescente do Instituto. Tentativas do Pe. Champagnat junto ao governo para obter a autorização legal. Os acontecimentos de 1830 interrompem as dilegências. Confiança e serenidade do Pe. Champagnat. Visita domiciliar à casa-mãe. Fechamento da escola de Feurs. Fundação de La Cote-Saint-André.

Os episódios que acabam de relatar não tiveram conseqüência externas nem interromperam os progressos do Instituto, que continuou recebendo candidatos e fundando novas escolas. Durante o ano, foram inauguradas duas: de Millery[441] e de Feurs.[442] A autoridade superior do Departamento de Loire, que sempre se mostrara benévola para com o Instituto, deu-lhe, na época, um testemunho público de simpatia e satisfação pelo jeito como os Irmãos levavam as escolas. O Sr. De Chaulier,[443] prefeito de Loire, escreveu[444] ao Pe. Champagnat comunicando-lhe que o Conselho Geral, atendendo a pedido seu, destinara a quantia de 1.500 francos à casa de noviciado dos Irmãozinhos de Maria, a título de ajuda. Semelhante demonstração de benevolência era tanto mais lisonjeira para o piedoso Fundador, quanto nenhum deligência fizera ele para consegui-la. A ajuda continuou até 1830, [445]sem haver necessidade de soliciltá-la.

Já havia algum tempo que o Pe. Champagnat tencionava conseguir do governo o reconhecimento[446] legal do Instituto. A proteção, que o Conselho Geral e o senhor prefeito de Loire lhe havia dado recentemente, levou-o a crer que o momento era favorável para ocupar-

---

441. 'Quem pediu Irmãos para Millery foram: o vigário Desrosiers e o prefeito Tribaudier. Este comprara uma casa antiga e a doara aos fabriqueiros da igreja, com a condição de que os Irmãos e a escola nela fossem instalados" (AA, p. 90).
442. OME, doc. 19 (15), p. 77.
443.AA, p. 89 e 79.
444. Esta carta não se encontra em nossos arquivos.
445. Sobre o assunto, ver a carta de 11 de abril de 1829 do Pe. Champagnat ao prefeito de La Loire (LPC 1, doc. 12, p. 47) e os dois rascunhos de carta ao vigário de Charlieu (LPC 1, doc. 13, p. 49-52). Ver sobretudo RLF, p. 68-71.
446. As tentativas para obter o reconhecimento legal começam em 1822 para terminar em 1851, com o Irmão Francisco. 1822: autorização de um reitor (cf. RLF, p. 21). 1851: decreto nº 3072 do governo (cf. CSG II, p. 449).

se dessa questão importante. As mudanças introduzidas na legislação da instrução primária, em decorrência dos famigerados decretos-leis[447] de 1828, tornavam indispensável a autorização para insentar os Irmãos do serviço militar. Até então, a instrução elementar dependia dos bispos; era fácil obter as dispensas necessárias. Além disso, o Instituto ainda contava com poucos Irmãos e apenas alguns postulantes tiveram de obter dispensa.

O Pe. Champagnat redigiu, pois o requerimento, assim como os estatuto da Congregação, que desejava submeter ao Conselho Régio da Instrução Pública. Prontos os documentos, levou-os a D. Gaston de Pins, arcebispo de Lião, recentemente nomeado Par de França,[448] o que se incumbiu de promover essa legalização junto ao governo. Como o ilustre prelado tinha grande influência sobre os responsáveis pelo ministério da Instrução Pública[449] e gozava da inteira confiança do rei, suas diligências tiveram êxito rápido e total. O decreto[450] que aprovava a Congregação dos Irmãozinhos de Maria e seus estatutos estava redigido e já se encontrava sobre a mesa do rei, quando repentinamente os acontecimentos de 1830 paralisaram a solução do problema.

Habituado a dimensionar as coisas na perspectiva da fé, o P. Champagnat não se atemorizou nem desanimou diante dos acontecimentos da época. Quando todos tremiam,[451] mergulhados em previ-

---

447. Os decretos-leis *(ordonnances)* que o rei Carlos X fora pressionado a assinar diminuíam, em muito, o poder que os bispos tinham sobre o ensino e limitavam a liberdade de recrutamento dos seminários menores. Não incomodavam muito o ensino primário. Entretanto o serviço militar para os Irmãos sem diploma era um problema que se a gravava para as congregações não-autorizadas (cf. LPC 1, p. 24 e RLF, p. 61).

448. 15 de novembro de 1816.

449. É, então, ministro da Instrução Pública Vatimesnil (cf. RLF, p. 71).

450. Enquanto a lei devia ser voltada pelas duas câmaras, o decreto-lei era uma decisão do chefe de Estado. Em 1825, Carlos X teve de aceitar uma resolução das câmaras, retirando do rei a faculdade de abaixar decretos-leis para autorização legal de novas congregações (cf. Rlf, P. 57-58). Em 24 de maio de 1830, o Pe. Cattet escreveu ao Pe. Champagnat: "Recebi uma carta de Paris dando-me notícias de que o decreto-lei para a sua congregação está pronto; aguarda, apenas, sua vez para ser assinado" (OME, doc. 83 [2], p. 174).

451. Na época, escreve o duque de Broglie em seus Souvenirs, começava a caça aos

sões sinistras, ele se manteve calma, confiante e tranqüilo. Escrevia os Irmãos:[452] Não se preocupe e nem se perturbem; nada receiem nem por vocês, nem pelas escolas. É Deus quem permite e dirige todos os acontecimentos, orienta-os e faz com que sirvam à sua glória e ao bem dos seus eleitos. Os maus podem fazer só o que Deus lhes permite. Como às ondas do mar, ele lhes diz: Podem ir até ali; não, porém, mais longe".[453]

Alguns Irmãos lhe perguntaram se não era bom tomar algumas precauções para evitar surpresas, e se não era medida de prudência munirem-se de trajes seculares. Respondeu-lhes: "As cautelas que devem tomar resumem-se em nada temer, em serem prudentes e discretos nas relações com o mundo e com os alunos, não se meterem na política,[454] ficarem bem unidos a Deus, redobrarem de zelo pela própria perfeição e pela instrução cristã das crianças e, enfim, depositarem total confiança em Deus. A batina é para vocês uma salvaguarda e não um perigo. Deixem as librés do mundo; para preservá-los de acidentes, elas não têm mais poder do que uma teia de aranha. Vocês estão vendo muitos homens que se inquietam, se atormentam e se arreceiam do futuro da sociedade e da religião. Não pensem como eles, nem se assustem com o que lhes disserem. Lembrem-se destas palavras do Evangelho: *Todos os cabelos de vossa cabeça estão contados*,

---

"roupas pretas" e aos "chapéus de abas caídas", aos jesuítas, aos capuchinhos, aos Irmãos da Doutrina e até às pobres Irmãs da Caridade. As procissões eram apedrejadas; as cruzes das missões, derrubadas e arrastadas na lama: não era nada agradável para um bispo sair da catedral. Padre nenhum ousaria aparecer na rua, de batina; os jornais diziam caçoando que os revendedores não tinham roupa velha que chegasse para satisfazer essa clientela imprevista de eclesiástico obrigado a se mascarar... o desconhecido, contra o que um moleque soltasse o grito temível: "Olha o jesuíta" estava ameaçando de ser agarrado e atirado ao rio... Quantos edifícios, quantas casas arrombadas e saqueadas sob o pretexto de procurar armas escondidas pelos jesuítas... (THUREAU-DANGIN, *Histoire de la Manarchie de Juillet*, t. 1, p. 248-249, Paris, Plon-Nourrit e Cie, 1888).

[452]. Duas cartas do Pe. Champagnat ao Ir. Antônio (15 de agosto e 10 de setembro de 1830). LPC 1, doc. 16 e 17. p. 56-57.

[453]. Pr 8,29; Sl 89,10; Rm 8,28.

[454]. "É devida, também, aos Irmãos (Maristas) esta justiça, que jamais a preocupação política os desviou da finalidade de sua instituição; o passado parece garantir que os Irmãos saberão manter esta linha de comportamento" (Registro das liberações do Conselho Geral de La Loire, 25 de agosto de 1838. Em RLF, p. 186).

e não cairá um sequer sem a permissão de vosso Pai Celestial.[455] Não esqueçam, tampouco, que têm Maria por defensora; ela é terrível para os inimigos de nossa salvação como um exercício em ordem de batalha".[456]

Longe de permitir aos Irmãos deixarem o hábito religioso, deu-o a alguns, no dia 15 de agosto,[457] festa da Assunção de Nossa Senhora. Conforme seu costume, escreveu uma carta ao arcebispo pedindo-lhe licença para proceder à vestição. A carta deixou surpresos o prelado e os vigários gerais. "Homem admirável esse Champagnat, exclamaram; enquanto todos se apavoram, só ele não tem medo; enquanto comunidades se escondem, dispersam-se e despedem os noviços, ele aparece em pleno dia e, sem se amedrontar com as ameaças dos maus e das revoluções que transtornam a sociedade, trata de aumentar as fileiras com novos membros.

Mas, enquanto o Pe. Champagnat se preparava para dar o hábito religioso a seus postulantes, grande agitação sacudia a região. bandos de operários desempregados percorriam as ruas das cidades vizinhas, entoando canções ímpias e revolucionárias, insultando e ameaçando as pessoas de bem. Por diversas vezes planejaram subir a l'Hermitage para derrubar a cruz do campanário e dar sumiço aos demais símbolos religiosos que decoravam a casa. Na tarde de um domingo, várias pessoas vieram, a toda pressa, avisar que os revoltosos estavam se aproximando. Um dos capelães falou ao Pe. Champagnat: "Aconselho-o a que faça os Irmãos saírem desta casa, pelo menos não testemunharão os escândalos que aqueles miseráveis poderão fazer. Se quiser, posso levá-los a passeio no bosque até a noite". "Por que levar os Irmãos a passeio, objetou o Pe. Champagnat; que é que têm eles a recear aqui? Vamos cantar as vésperas e recomendar-nos a Nosso Senhor, e deixemos agir os homens, pois, sem a permissão de Deus, não conseguirão fazer-nos mal nenhum". Os Irmãos foram tranqüilamente cantar as vésperas e não foram perturbados.

Entretanto, corriam boatos alarmantes, capazes de comprome-

---

[455]. Mt 10,29-30; Lc 12,6-7; Lc 21,18.
[456]. Ct 6,10.
[457]. Doze dias após o período das "3 glorieuses", isto é, os dias da Revolução de julho de 1830.

ter[458] a comunidade. Diziam que a casa estava repleta de armas, com subterrâneos abarrotados. Comentavam até que tinham visto os Irmãos fazendo manobras nos dormitórios e nos pátios. Correu também a notícia de que um certo marquês vivia escondido na casa e seria ele quem insuflava planos contra-revolucionários os Irmãos e os treinava no manejo das armas. Tais boatos caluniosos chegaram até a autoridade superior, que ordenou imediatamente uma busca[459] a domicílio. Foi feita pelo procurador do rei, assistido por um pelotão de polícia. Sem mais nem menos o procurador interpelou o Irmão que lhe abriu a porta:

- Vocês não estão com um marquês escondido aqui?

Pessoa ingênua, o porteiro respondeu:

- Sei lá, nem sei o que é um marquês; mas o Pe. Superior poderá informá-lo. Aguarde um momento, já vou chamá-lo.

- Tenho certeza de que vocês estão escondendo um marquês.

E, em vez de esperar na portaria acompanhou o Irmão que, encontrando o Pe. Champagnat na horta, comunicou-lhe:

- Padre, esse homem está procurando um marquês.

O procurador, sem deixar tempo de responder, foi logo dizendo:

- Sr. Padre, sou o procurador do rei.
- Grande honra para nós, respondeu o Padre. Ao perceber os policiais que fazia, o cerco da casa, acrescentou em tom firme e decidido:
- Estou vendo que não veio sozinho, Sr. Procurador. Já sei o que veio fazer. Pois vai realizar uma visita para valer; assim vai saber se há por aqui algum nobre, algum cidadão suspeito, ou armas. Com certeza, disseram-lhe que temos subterrâneos... é por eles que vamos começar.

E, sem delongas, conduziu o procurador, com dois policiais, à lavanderia e adega, onde existia uma fonte que abastecia a ca-

---

[458]. G. MICHEL, "Une synopse de trois témoignages: Jean- Baptieste, Avit et Sylvester" (cf. BI XXVIII, nr 208, 1968, p. 94-113).
[459]. Em abril ou julho de 1831 (AA, p. 97 e MEM, p. 47).

sa.

- Senhora, aqui estão os nossos subterrâneos. Examinem bem para ver se não existe por aí coisa que possa preocupar o governo.

Pelo tom de voz e modo como o Pe. Champagnat lhe falava, o procurador viu logo que as denúncias não passavam de calúnias e quis dar por encerrada a busca. Insistiu, porém, o Pe. Champagnat:

- Não, senhor, é preciso que examine tudo. Do contrário continuarão dizendo que escondemos coisas suspeitas.

Imediatamente o procurador deu ordem aos policiais:

- Acompanhem o Padre e continuem a inspeção.

Quanto a ele, retirou-se para a portaria. O Pe. Champagnat levou os soldados a todos os cantos e recantos da casa, dizendo cada vez: "Reparem bem existem armas". Chegando a um compartimento trancado, mandou buscar a chave. Não a encontraram, pois o quarto pertencia a um capelão que se ausentara.

- Está bem, disseram os policiais, estamos satisfeitos; não precisa abrir.
- Tem de abrir, sim, retrucou o padre, precisamos entrar; arranjem um machado para arrombar a porta, porque, se não visitarmos este compartimento, vão achar que é precisamente aqui que estavam as armas e o marquês.

Não demorou, a porta cedeu e os degraus nada mais viram do que uma cama pobre, uma mesinha e uma cadeira. Finda a devassa, o Pe. Champagnat convidou gentilmente o procurador e os soldados a tomarem um refresco. Aceitaram com satisfação, enquanto se desculpavam mil vezes pela desagradável missão que acabavam de cumprir. O procurador do rei confidenciou ao Pe. Champagnat:

- Não tema coisa alguma, Sr. Padre, garanto-lhe que esta visita vai ser-lhe útil.
- Ao sair, notando uma construção inacabada, falou:

- É preciso terminar esta ala.
- Agente não fica muito entusiasmado para terminar a construção, quando se vê por aí as cruzes serem derrubadas.

O procurador retirou-se reafirmando que a visita, em vez de prejudicar o Padre, lhe seria muito proveitosa. De fato, dias depois, publicou no jornal de Saint-Etienne[460] um artigo no qual desmentia todos os boatos desabonadores propalados na região. O mesmo artigo tecia elogios á casa e aos religiosos que nela habitavam.

Tranqüilo quanto a isso, o Pe. Champagnat ocupou-se com os preparativos do retiro anual. A maioria dos vigários achavam que os Irmãos não deviam abandonar as escolas ou, pelo menos, deveriam passar férias e fazer o retiro em seus respectivos estabelecimentos, para não despertar nas pessoas mal-intencionadas a idéia de substituí-los por mestres leigos durante sua ausência.

O Pe. Champagnat, compreendendo que os acontecimentos ocorridos, assim como os dias borrascosos em curso, podiam perturbar alguns Irmãos, favorecendo o relaxamento e a tentação de abandonar o Instituto, pensou, e com acerto, não haver nada melhor do que um bom retiro para acabar com esses males, reavivar a piedade e o espírito religioso, repor novamente cada um no seu fervor primeiro e pelo fato mesmo garantir o êxito das escolas.[461] E o retiro realizou-se como todos os anos.

No encerramento, o Padre efetuou como de costume as transferências necessárias, sem considerar eventuais dificuldades ou riscos para a vida das escolas. Acima de tudo, fazia questão de conservar os Irmãos. Preferia mil vezes fechar um estabelecimento a tolerar abusos e expor um Irmãos ao perigo de perder a vocação. Com essa atitude,

---

460. Com certeza, *Lês Stéphanois*. A coleção está incompleta, mas *L'Am de la Rligion* de 1º de setembro de 1831 publicou um artigo que é provavelmente, o resumo do artigo do procurador Valentin-Smith (cf. FMS, nº 29, 1978, p. 389-390).

461. Os acontecimentos não impedem ao Pe. Champagnat de marcar o retiro para os Irmãos. Os vigários procuravam dissuadi-lo, alegando que os tempos estavam ruins e que as prefeituras indispostas poderiam, durante a ausência dos Irmãos, substituí-los por professores leigos (AA, p. 100). Será que este retiro se realizou? A carta do Pe. Champagnat ao Ir. Antônio desperta dúvida (LPC 1, doc. 17, p. 58 e OME, doc. 84 [2], p. 175 e nota 1).

sábia e prudente, preveniu qualquer deserção. Apesar da efervescência dos ânimos e da agitação reinante, as escolas continuaram a prosperar. Os Irmãos não foram molestados em parte alguma, com exceção de Feurs,[462] donde foram expulsos. Um dos Irmãos daquela casa, permitindo-se – contra a Regra – certas familiaridades com um menino, foi acusado de faltas graves. A calúnia escandalizou a paróquia e deu oportunidade aos inimigos da religião para declararem guerra à escola. O prefeito, filósofo voluntairiano, a princípio incomodou os Irmãos de mil maneiras e criou-lhes toda sorte de dificuldades. suprimiu os vencimentos, introduziu o ensino pago e fez exigências totalmente contrárias à Regra. Não conseguindo seu intento, fechou a escola. Os Irmãos retiraram-se de Feurs na semana santa de 1813.

Assim, a violação de uma norma e o comportamento irregular de um só Irmãos a primeira e principal causa da ruína daquela casa, e causaram maior prejuízo ao Instituto do que a perseguição dos maus e todos os esforços da impiedade. Prova de que a Regra é guardiã e sustentáculo das comunidades religiosas e sua transgressão lhes traz a ruína, mais cedo ou mais tarde. Essa terrível verdade deveria fazer tremer os religiosos violadores da Regra. Eles deveriam perguntar-se: "Será que as violações que me permito não irão acarretar a ruína desta casa?" O certo é que a violação de uma norma causou o fechamento da primeira escola que o Instituto perdeu.

A perda do estabelecimento de Feurs foi amplamente compensada com a inauguração da escola de La Cote-Saint-André,[463] que se deu por essa época. O Pe. Souillet,[464] diretor do seminário menor daquela cidade, planejara fundar uma congregação de Irmãos para a instrução de crianças. Já conseguira reunir alguns jovens numa residência situada perto do seminário. Em sua profunda humildade, não se julgava bastante virtude bastante virtuoso e capacitado para levar a bom termo obra tão difícil. Além disso, o governo lhe interpôs alguns obs-

---

462. AA, p. 102.

463. La Côte-Saint-André, LPC 2, p. 552-555.

464. "O projeto do Pe. Crenoble. Apoiado pelas autoridades departamentais, tinha atpe obtido em seu favor um decreto-lei, assinado por Carlos X, erigindo seu estabelecimento em nível de escola normal para todo o departamento de Isère. Os eventos de 1830 impediram a ampliação desse decreto" (AA, p. 101; LPC 2, p. 190-199; NCF, p. 324ss., 408ss:).

táculos após os eventos de 1830. Diante disso recorreu ao Pe. Champagnat, oferecendo-lhe seu pequeno estabelecimento. O Pe. Champagnat foi a La Cote-Saint-André a fim de examinar a oferta, aceita, aliás, sem dificuldade. Decidiu-se que os Irmãozinhos de Maria assumiriam a direção das escolas da cidade e do pequeno internato primário anexo. Os postulantes presentes na casa e que até ali dirigiriam as escolas iriam todos para 1'Hermitage fazer o noviciado e ficariam depois à disposição do superior.[465] O Pe. Douillet, antes mesmo de entrevistar-se com o Pe. Champagnat, tinha elevado conceito relativamente a seus méritos e capacidade. Sua estima cresceu muito, quando o viu de perto e trocou idéias com ele. Numa visita que ambos fizeram à casa de La Cote, passearam por algum tempo numa sala grande onde se encontravam os postulantes. À saída, o Pe. Champagnat fez a descrição exata de cada um e ponderou ao Pe. Douillet: "O moço que estava em tal lugar da sala não vale grande coisa". De fato, era o que valia menos. Dizia mais tarde o Pe. Douillet ao lembrar o caso: "Fiquei admiradíssimo e até hoje não me sai da cabeça a surpresa, ao ouvi-lo fazer a avaliação de meus jovens com tanta objetividade; pois parecia não olhar para eles, não lhes dar a mínima atenção. Entretanto, o parecer dado assentava perfeitamente em cada um". Sob a direção dos Irmãos, a escola de La Cote-Saint-André recebeu grande impulso. O internato cresceu muito e veio a ser sementeira de candidatos para o noviciado de 1'Hermitage. Sob esse aspecto a fundação daquela casa foi verdadeira bênção para o Instituto.

[465]. Não possuímos o texto do convênio entre o Pe. Champagnat e o Pe. Douillet, mas depreende-se das cartas do último, que será enviado à diocese de Grenoble um número de Irmãos proporcional ao número de noviços que forem recebidos. O Pe. Douillet recrimina o Pe. Champagnat de não ter cumprido esse item.

CAPÍTULO DEZOITO

Novas tentativas para obter a aprovação legal do Instituto. Projeto de fusão com os Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux. Crescimento do Instituto, apesar dos obstáculos. Impressão da Regra.

O Pe. Champagnat cogitava fazer novas diligências junto ao governo para obter a aprovação legal[466] do seu Instituto. De ano para ano crescia o número de Irmãos sujeitos ao alistamento militar e, sobretudo depois da Lei[467] de 1833 sobre o ensino fundamental, não havia possibilidade de isentá-los,[468] se não tivesse certificado de habilitação para o ensino primário.[469] Fez uma revisão dos estatutos,[470] adaptando-os à nova lei, e dirigiu um requerimento ao rei, entregue a Sua Majestade por um deputado amigo do Instituto. O conselho da Universidade examinou e aprovou os estatutos.[471] Quanto à autorização, o Sr. Guizot.[472] Ministro da Instrução Pública, respondeu em nome do rei que não podia concedê-la.[473] Enquanto solicitava a autorização do Instituto, o Pe. Champagnat pediu orações à comunidade. Nossa intenção, ele próprio dirigiu fervorosas preces a Nosso Senhor. Falava aos Irmãos com o espírito de fé e a confiança absoluta em Deus, que o caracterizavam: "Tenho certeza de que a bondade divina nos atenderá e virá em nosso auxílio. Se não nos conceder a autorização, haverá de nos proporcionar algum meio de isentar nossos jovens e conservá-los na vocação". Não foi inútil sua confiança em Deus. Co-

---

466 OME, doc. 93, nota 2, p. 198.
467 AA, p. 137.
468 Nem todos faziam o serviço militar, mas tão somente os que tivessem azar no sorteio. Podia durar seis, sete ou oito anos (cf. RLF, p. 99).
469 Mediante o certificado, era possível assinar um compromisso decenal de ensino e ficar isento do serviço militar (cf. RLF, p. 11 e 16).
470 Em 28 de janeiro de 1834, o Pe. Champagnat escreveu a Sua Majestade Luís Felipe, rei dos franceses, para obter a autorização da Sociedade (cf. LPC 1, doc. 34, p. 98-104).
471 O ano de 1834 terminará sem que seja ultrapassado o estágio da aprovação dos Estatutos. O ministro Guizot não tem intenção de aprovar outras congregações docentes (cf. RLG, P. 113).
472 LPC 2, p. 269-272.
473 Em 8 de fevereiro de 1834, o Conselho Real da Instrução Pública aprova os Estatutos da Congregação; não foi concedido, porém o decreto real (cf. CSG I, p. 278).

mo acabamos de ver, não conseguiu a legalização. Deus reservava à Congregação esse favor de modo mais satisfatório.[474]

Enquanto o governo negava a autorização do Instituto, o Pe. Champagnat, por circunstâncias providenciais, conhecera o Pe. Mazelier,[475] superior da Congregação dos Irmãos da Instrução Cristã da diocese de Valence, cujo noviciado ficava em Saint-Paul-Trois-Châteaux. Essa Congregação, embora pouco numerosa, fora autorizada por decreto régio de 11 de junho de 1823, nos três departamentos que compunham o antigo Delfinado: Drôme, Isère e Hautes-Alpes. Desde o primeiro encontro, os dois venerando superiores compreenderam duas coisas: suas congregações tinham a mesmíssima finalidade e uma fusão seria fácil, beneficiando ambos. O Pe. Champagnat exprimia sua opinião sobre o assunto nos seguintes termos: "Nós temos os Irmãos, vocês têm a autorização. Unindo-nos, poderíamos conseguir alguma coisa". Houve logo algumas respostas de união.[476] Mas problema tão sério exigia tempo e reflexão.

Aguardando o momento em que a vontade divina fosse claramente manifesta, prometeram-se ajuda e assistência mútuas. Assim, o Pe. Mazelier decidiu partilhar com os Irmãozinhos de Maria os benefícios de sua aprovação, incumbindo-se dos candidatos atingidos pela lei do alistamento militar. Estes deveriam ficar em Saint-Paul-Trois-Châteaux até conseguirem o certificado ou serem designados dentro das prescrições legais que os isentavam do serviço milita. O venerando Pe. Mazelier prestou este serviço ao Instituto pelo espaço de dez anos, isto é, até a fusão[477] das duas congregações. União tçao provei-

---

[474] Em 10 de junho de 1851, o Ir. Francisco obterá o reconhecimento legal. Decreto nº 3072: "Fica reconhecido como estabelecimento de utilidade pública a associação religiosa votada ao ensino, denominada Irmãozinhos de Maria,cuja sede fica em Notre-Dame-deHermitage-sur-Saint-Chamond... Nessa qualidade ela goza de todos os diretos civis conferidos aos estabelecimentos congêneres..." (cf. CSG II, p. 450 e 458).

[475] LPC 2, p. 380-393 e RLF, p. 280.

[476] Em 4 de novembro de 1836, o Pe. Champagnat convida o Pe. Mazelier a dar uma chegada até 1'Hermitage (cf. LPC 1, doc. 72, p. 175). Também LPC 1, doc. 66,p. 163 e BI nº 178, p. 177-179.

[477] A união realizada em 1842 entre as duas congregações era um documento *ad intra*
(cf. CSG I, p. 533-536). Esta união não mudava fundamentalmente o problema aos

tosa às duas comunidades não se preparou apenas por um relacionamento de dez anos. Tornou-se, de certa maneira, inevitável para satisfazer os sentimentos de afeto, estima e amizade que tais relações despertaram entre os membros de ambas as congregações. Na época em que se concluiu definitivamente a fusão, os dois Institutos eram dois amigos, dois irmãos que não podiam mais separar-se, de tanto viverem juntos, de tanto se quererem, de tanto necessitarem um do outro. A união serviu maravilhosamente para o desenvolvimento[478] e crescimento do Instituto, pois preparou a dois Irmãos de Viviers,[479] garantindo-lhe, dessa forma, todo o sul da França. Assim a negativa da autorização obrigou o Pe. Champagnat a um acordo com o Pe. Mazelier, o que foi uma bênção para a Congregação. O piedoso Fundador tinha razão, portanto, em dizer aos Irmãos, quando lhes pedia orações para a legalização do Instituto: "Estou certo de que Deus nos atenderá, ou concedendo-nos o que pedimos ou dando-nos coisa melhor.

Aliás, a negativa ao pedido de autorização nada mãos foi do que a conseqüência dos princípios que norteavam o governo imposto à França pela revolução de julho. Em princípio o governo era hostil às Congregações religiosas, de modo especial às que se dedicavam ao ensino. A lei de 1833, sobre a instrução primária, teve como objetivo dominá-las, submetê-las à Universidade, diminuir-lhes a influência, assustar-lhes o progresso, enfim, afastá-las gradativamente do ensino. Daí aquela exigência de pormenores, aqueles exames de toda ordem, formalidade, má vontade permanente dificultando e, as vezes, impossibilitando a fundação de novas escolas. Depois de 1830, em diversos lugares quiseram submeter os Irmãos ao serviço de guarda nacional.[480] Assim, os Irmãos viam-se obrigados a deixar os alunos, abandonar as aulas para fazer manobras e montar guarda; em certas comunas, tais

---

olhos da administração militar.

[478] O Ir. João Maria (Bonnet), LPC 2, p. 292, com o apoio do Ir. Paulo (BQF, p. 129), co-fundador dessa congregação com o Pe. Fière, soube conduzir admiravelmente a fusão que iria ser tão fecunda. De uns 40 anos no momento da fusão em 1842, os Irmãos passam a 60 em 1843, a 98 em 1847, a 188 em 1852, para ultrapassar os 300 em 1856,ano do falecimento do Pe. Mazelier (cf. Saint-Paul-Trois-Châteaux, BI nº 183, p. 765).

[479] A união com a congregação dos Irmãos de Viviers realizou-se em 1844 (cf. CSG I, p. 563-567).

[480] LPC 2, p. 46.

exigências absurdas duraram vários anos. Qualquer escola cujo Irmão responsável não fosse diplomado deveria ser fechada, fossem quais fossem a capacidade, a dedicação, a experiência e a idade do professor. Esses diplomas, que constituíam condição rigorosa para dirigir ou abrir uma escola de que a Universidade detinha o monopólio, só se obtinham com incríveis dificuldades.[481]

Foi sobretudo durante os primeiros anos após os acontecimentos de 1830 que as perseguições [482] se tornaram mais violentas. Uma vez consolidado e normalizado, o governo compreendeu ser do seu interesse acabar com tais perseguições e adotar medidas menos arbitrárias e mais de acordo com a justiça e o espírito religioso do país.

Apesar dos obstáculos fundaram-se novas escolas. Em 1832 abriu-se a escola de Peaugres, Departamento de Ardèche; reabriu-se de Marlhes, [483] desatvada desde 1820. Em 1833 fundou-se o estabelecimento de Virille; em 1834, os de Saint-Genest-Malifaux, de Sury, de Larette, Departamento de Loire; em 1835, os de Terrenoire, de Pélussin e de Sorbiers, no mesmo Departamento.[484]

A lei de 1833, editada também com o objetivo de atrapalhar as congregações religiosas e tirar-lhes o ensino da juventude, teve um resultado que o governo absolutamente não esperava. Com a criação de escolas normais, essa lei cedo cobriu a França de professores mercenários, muitas vezes sem religião, que às vezes tornavam-se inimigos dos vigários, praga das paróquias e propagandistas de princípios anárquicos. Uma vez conhecidos, a repulsa foi quase geral. O povo não quis saber deles. Em todos os lugares pediam Irmãos, [485]mesmo

---

[481] Devido às exigências da Universidade, o Pe. Champagnat organizou estágios de formação em l'Hermitage e, mais tarde, em Grange-Payre (cf. LPC 2, p. 574 e LPC 1, doc. 313, p. 566-570).

[482] Entre o Conselho do distrto de Saint-Etienne e o Conselho Geral há hostilidade até 1832. atenua-se em 1833, para dissipar-se totalmente pouco depois. Em 27 de agosto de 1840 o Conselho do distrito de Saint-Etienne, por unanimidade de votos, recomenda que os Irmãos de Maria recebam o reconhecimento legal (cf. RLF, p. 232).

[483] AA, p. 122-123.

[484] LPC 2, "index des noms de lieux".

[485] Em 1837, o Pe. Champagnat fundou seis novos estabelecimentos e pôs muitos pedidos numa lista de espera. Eis dois exemplos da resposta do Pe. Champagnat: - ao vigário de Crozier de Coutouvre: "Bem quiséramos satisfazer a todos, porém o

com os maiores sacrifícios. Aqui, era um vigário que escrevia solicitando Irmãos para retirar as crianças da paróquia do ensino e dos escândalos de um mau professor; acolá, um prefeito, pressionado pelo Conselho e por todos os municípios, suplicava que aceitassem a escola municipal, sem alunos, porque o professor se ocupava de tudo, menos de sua aula. A maioria das vezes, era o vigário, o prefeito, a população em peso que, por unanimidade, solicitavam a presença dos Irmãos, enviavam delegações para consegui-los, prometendo arcar com todos os sacrifícios.

Certa vez, um município populoso delegou a metade do Conselho Municipal para pedir que o Pe. Champagnat lhe mandasse três Irmãos. O bom Padre não tinha ninguém disponível. Mil vezes disse a essa gente ser impossível atender-lhes o pedido. Não sabendo o que fazer para livrar-se de tão prementes solicitações, pegou um jornal de cima da mesa. Nele havia um artigo contra o Instituto. Entre outras coisas dizia que os Irmãos de Maria eram ignorantes e, portanto, incompetentes para dirigir escolas e ministrar instrução primária às crianças.

- Peguem esse jornal;[486] leiam isto e vão ver que os Irmãos não são aquilo que vocês estão pensando. Esta publicação está dizendo que eles não passam de uns ignorantes.

- Diga o jornal o que quiser, pouco nos interessa. Dê-nos Irmãos, sejam quais forem. Sempre serão melhores do que nosso professor-filósofo.

O prefeito de um importante município, membro do Conselho Geral do Departamento de Rhône, na impossibilidade de conseguir Irmãos, retirava-se pesaroso, quando avistou, no pátio, um Irmão encarregado de zelar pelo setor de material, que naquela hora estava preparando argamassa: "Reverendo, o senhor disse-me que não tinha Ir-

---

campo é por demais extenso para o número de operários" (LPC 1, doc. 23, p. 253 e nota, p. 252); - ao Sr. Jovin Deshayes, prefeito de Saint-Jean-Bonnefonds: "Não estamos de forma alguma em condições de lhe fornecer Irmãos este ano, mas seu pedido foi tomado em consideração e vamos esforçar-nos para corresponder, o mais depressa possível, a seu zelo pela educação religiosa da juventude" (LPC 1, 140, p. 279).

[486] Pode-se pensar no artigo de *Gazette des Cultes*, citada em RLF, p. 76-77

mãos. Ali está um, com o qual ficaria satisfeito. Posso levá-lo?" é logo acrescentou: "Não ba me dizer que ele não tem condições para dar aula. Seja ele quem for, fará o melhor que nosso professor. Pelo menos cuidará de nossas crianças e não lhes dará maus exemplos".

Outro prefeito, acompanhado pelo vigário da paróquia, após prolongada insistência para ter Irmãos, acabou dizendo: "Não sairemos daqui sem receber uma promessa, e, uma vez que não dispõe de elementos formados, dê-nos, pelo menos, um noviço ou até mesmo um empregado: precisamos urgentemente de alguém que assuma a escola e assim livramos-nos do mau elemento que nos querem impingir".[487] É assim que Deus frustra os planos dos ímpios e sabe tirar o bem do mal; e uma lei editada para retirar das congregações religiosas o ensino elementar levou os municípios a chamarem essas mesmas congregações para confiar-lhes a educação de seus filhos.

Nessa época, o Instituto encontrava-se em fase de grande prosperidade,[488] sob todos os pontos de vista. Multiplicavam-se as vocações, reinavam a piedade e a regularidade em todos os estabelecimentos; e, com maior razão, nos noviciados. As escolas iam bem. De todos os quadrantes o Pe. Champagnat recebia elogios das autoridades eclesiásticas pelo bom espírito, a dedicação, a vida exemplar dos Irmãos e o zelo na educação cristã das crianças. Os estudos se aprofundavam em todas as comunidades, e todos os anos, apesar da severidade das comissões examinadoras, grupos de Irmãos conquistavam o certificado. Cada retiro anual se encerrava com numerosas profissões. Os primeiros Irmãos, uma vez atingida a maturidade e prestígio. Valiam-se disso para formar os outros na piedade, nas virtudes da vida religiosa e consolidar a regularidade, a paz e a concórdia em cada comunidade. Os Irmãos amavam o superior como a um pai. Estimavam a vocação e se fortaleciam no espírito do Instituto, aperfeiçoavam-se no método de ensino e viviam unidos por virtude e espírito de família.

Não foi por nada que registramos e publicamos a situação exa-

[487] A vaga era preenchida pelo inspetor.

[488] As estatísticas dão 82 Irmãos para 1833 (AA, p. 133) e 171 para 1837 (AA, p. 206). Também LPC 1, p. 310-312, sobre a situação das fundações em 27 de novembro de 1837.

ta em que se encontrava o Instituto. Na época, ele ocorreu perigo mais sério do que todos os citados anteriormente, pois foi ameaçado em sua própria existência. O Pe. P[489] estava em 1'Hermitage, como capelão, havia vários anos. Desaprovava a conduta do Pe. Champagnat, censurava e criticava sua administração e a orientação que dava os Irmãos. Segundo ele, o Instituto perecia se continuasse nas mãos do Pe. Champagnat. Disso estava tão convencido, que se julgou em consciência obrigado a comunicar seu ponto de vista e seu receio ao arcebispo: "O Pe. Champagnat, apesar de sua piedade e virtude, carece das qualidades necessárias a um superior de comunidade. É incapaz de redigir uma correspondência, instruir os Irmãos, tratar com os fundadores das escolas e dirigir convenientemente o noviciado. Aliás, quase não cuida dessas coisas e gasta quase todo o tempo em fazer construções e preparar morro para plantar. Em conseqüência, não forma suficientemente os Irmãos na piedade, nas virtudes religiosas, nem nos conhecimentos necessários a professores, e muitas outras coisas se ressentem de semelhante situação".

Como resultado de todas essas críticas, achava que se devia retirar-lhe a direção da comunidade e unir os Irmãos de 1'Hermitage com a Congregação de Saint-Viateur, [490]Vouerles, perto de Lião o padre punha tanta boa fé naquilo que dizia e demonstrava tanto zelo e dedicação aos Irmãozinhos de Maria, que todos se deixaram persuadir por seu arrazoado. O arcebispo encarregou-o de resolver esse problema com o Pe. Querbes,[491] superior dos Irmãos de Saint-Viateur. Ao mesmo tempo, chamou o Pe. Champagnat ao palácio e lhe disse: "O senhor já percebeu que não conseguiu a autorização, e o governo, com os princípios que o norteiam, jamais a concederá. Por outro lado, sua comunidade se torna números e não pode mais prosseguir sem autorização. Desejo, pois que uma seus Irmãos aos de Saint-Viateur, já legalizados. O Pe. Querbes aceita de boa mente essa fusão e se encarregará de seus Irmãos".[492]

---

[489] Pe. Pompallier, LPC 2, p. 432-434.
[490] A respeito disto, ver em OME os docs. 108, 109, 110, 111, 112, 117, 119, 124 e LPC 1, doc. 30, p. 82.
[491] LPC 2, p. 438.
[492] OME, doc 71, p.156; docs. 170 e 462.

Tomando de surpresa com semelhante proposta que nem podia imaginar, o Pe. Champagnat respondeu: "Excelente, eu e meus Irmãos nos colocamos em suas mãos. Pode dispor de nós como lhe aprouver. Entretanto, no que se refere à fusão que me propõe, não a julgo necessária para a isenção de nossos Irmãos, pois a Providência já nos aponta uma boa saída.[493] A meu ver, essa fusão seria a ruína do nosso Instituto e, provavelmente, a dos Irmãos de Saint-Viateur, pois as duas congregações têm cada qual um espírito muito diferente e também no modo de remanejar[494] os seus membros, nas condições de fundação, além de seguirem normas totalmente opostas. Propor a nossos Irmãos o abandono de seus estatutos, hábitos, método de ensino, do estilo de vida enfim, para adotarem o de outra comunidade, equivaleria a destruí-los e devolvê-los ao mundo. Senhor arcebispo, com a experiência que tenho, não posso, em consciência, concordar com tal medida. Se V. Exa . ordenar, concordo, aceito, porque sou obrigado. Temo, porém, as conseqüências". O arcebispo voltaou à carga. Tentou refutar as razões alegadas. Não conseguindo que mudasse de opinião, ao se despedirem, mandou que refletisse mais sobre o assunto. Diversas outras tentativas foram feitas por um [495]dos vigários gerais, todas sem o menor êxito. A questão ficou nisso, mas, no arcebispado, durante algum tempo, perdurou certa frieza em relação ao Pe. Champagnat. Comentavam: "Champagnat é um santo homem. Mas é bastante teimoso e prejudica a comunidade com seu jeito original".

Passado algum tempo, mais bem informado, o arcebispo mudou de idéia quanto àquela união e reconheceu que o Pe. Champagnat estava certo quando a ela se opusera. Uma vez, encontrando-se com ele na secretaria do arcebispado, convidou-o para o jantar e durante a refeição lhe disse: "Pe. Champagnat, quero dizer-lhe que o senhor

---

[493] O Ir. João Batista faz aqui um resumo dos acontecimentos. Em 1830, Mons. Devie, bispo de Belley, julgará que os Irmãos de l'Hermitage poderiam ser aprovados com os estatutos legalizados de outros Irmãos (OME,doc. 77 [1], p. 166). Os contatos sistemáticos entre o Pe. Champagnat e o Pe. Mazelier datam de 1835. a tentativa dos clérigos de Saint-Viateur, iniciada em 1832, ou começo de 1833, foi abandonada em 1835.

[494] O clérigo de Saint-Viateur podia trabalhar sozinho nas pequenas comunas. Vivia com o vigário.

[495] O Pe. Cholleton (OME, docs. 119 e 124; LPC 1, doc. 30, p. 82).

tinha razão quando se opôs a união de sua comunidade com a de Saint-Viateur. Dou-lhe os parabéns pela atitude que tomou. Hoje eu lastimaria muito se a fusão houvesse acontecido. Reconheço que aqueles que me aconselharam semelhante solução tinham-me dado informações erradas sobre seu Instituto". Quantas vezes, com o passar do tempo, o venerando prelado, vendo o progresso da congregação, rendeu graças ao Senhor por não se ter efetuado a união. "A sociedade dos Maristas, de todas as obras é a que me dá maior satisfação, declarou em diversas circunstâncias. Quanto desgosto sentiria hoje, se não a tivéssemos conservado tal como foi fundada!"

Fazia tempo que o Pe. Champagnat planejava i a Regra do Instituto, depois de tê-la revisado com os Irmãos mais influentes. Desde o início, idealizara o plano de sua Congregação e traçara-lhe os princípios básicos, como se pode ver na fórmula de compromisso que os Irmãos assinavam. Esse documento contém os elementos essenciais de uma comunidade; o objetivo, o espírito do Instituto acham-se claramente enunciados, bem como a pobreza, a obediência e a castidade, essência da vida religiosa. Mas o desenvolvimento desses princípios fundamentais, os meios próprios, isto é, as normas para atingir o objetivo para viver e aperfeiçoar o espírito do Instituto, para se praticar as virtudes e estabelecer, tudo deveria ser obra do tempo e da experiência. Por isso, as primeiras normas[496] foram pouco numerosas e o piedoso Fundador deu-as apenas a título experimental.

Persuadido de que, muitas vezes, o que parece perfeito na teoria torna-se inexeqüível na prática, decidiu experimentar o que poderia ser praticado constantemente, antes de adotá-lo em definitivo. No começo limitou-se a fitar em poucas palavras algumas normas gerais, para determinar os exercícios de piedade dos Irmãos, orientar seu comportamento nas relações entre si, com s meninos e com outras pessoas, e para regulamentar as principais ações do dia. Acrescentava cada ano os artigos referentes a pormenores, que o tempo, as circunstâncias e o crescimento do instituto iam mostrando que eram necessários e úteis. Antes de adotá-los, embora tivesse pensado muito, submetia-os ao exame e à aprovação dos Irmãos de maior influência com os

[496] Os arquivos da casa generalícia conservam um exemplar da primeira Regra. Foi encontrado na escola de Saint-Sauver-em-Rue (AFM, 361.1 –).

quais discutia artigo por artigo em reunião específicas. Além disso, chamava Irmãos experientes ao seu escritório, um depois do outro, perguntando-lhes, em particular, pareceres, dificuldades e vantagens percebidas neste ou naquele dispositivo que pretendia adotar ou que já tinha sido experimentado durante certo tempo. Somente após consultar cada um, ouvir e ponderar as observações de todos, formulava os artigos em estudo. Idênticas medidas e iguais cuidados tomaram para elaborar o regulamento das aulas e o método de ensino. Agindo assim, sua intenção que esclarecer-se com as luzes e a experiência dos Irmãos para só adotar e impor normas que fossem observadas por opção e com plena aquiescência.

Após quase vinte anos de observância dessas normas a título experimental, como as escolas se multiplicassem e se tornasse difícil manter a exatidão e a uniformidade nos manuscritos, resolveu imprimi-las. Antes, porém achou prudente, até necessário, submetê-las a novo exame. Para esse fim, reuniu os meses e várias horas por dia. Discutiu-se e examinou-se cada artigo em separado. Alguns deles ocuparam várias sessões. Algumas vezes, após ouvir as observações de cada um e as razões pró e contra a adoção de uma norma, antes de tomar a decisão final, pedia ainda mais tempo para refletir e rezar. Foi assim a decisão de permitir que a bebida fosse metade vinho, metade água. Quis esperar por várias semanas, a fim de consultar a Deus e, na sua santa presença, examinar o que deveria fazer, pois temia que essa quantidade de vinha fosse exagerada, tanto mais, que, até aquele momento, ela fora menor.[497]

Depois de toda a Regra foi assim discutida e aprovada, ele a submeteu ao exame dos homens prudentes e sábios, pedindo-lhes o parecer. Após estudá-la cuidadosamente, não acharam nada a corrigir. Pareceu-lhes, entretanto, que faltava alguns detalhes e que não era bastante completa. Isso porque, nesta primeira edição, o Pe. Champagnat não julgou conveniente introduzir muitas prescrições pormenorizadas que, embora em uso no Instituto, ainda careciam da sanção do tempo e da experiência. Nada queria estabelecer, sem ter antes um tempo bastante longo de experiência e sem certificar-se de que a práti-

[497] "À mesa só será sevido o vinho com os dois terços de água" (Regra manuscrita de 1830; AFM, 361. 2.1, bis).

ca seria não somente benéfica, mas também possível em todas as casas do Instituto.

Assim preferiu deixar incompleta a Regra, como declarou no preâmbulo dessa edição, a prescrever algumas práticas já em uso e que desejava conservar, mas que poderiam receber alguns retoques antes da redação definitiva. Seu pensamento não era dar caráter de estabilidade, nem mesmo às normas que estava aprovando e mandando imprimir. Na última doença continuava com a mesma idéia e chegou a falar ao Ir. Francisco, seu sucessor, que lhe delegava plenos poderes para, com o corpo da congregação isto é o capítulo geral, completar e fixar em definitivo as normas relativas às escolas e ao método de ensino. Isso iria acontecer doze anos depois de sua morte.[498]

A impressão da Regra constituiu para o Pe. Champagnat motivo de grande alegria e satisfação, pois conferia ao Instituto garantia de estabilidade e, sobretudo, era meio eficaz de fazer vingar a regularidade, tornar os Irmãos mais fiéis e afeiçoá-los à vocação. Dizia-lhes em certa ocasião: "Agora será fácil para vocês estudarem a Regra, meditá-la, conhecê-la a fundo, saber o que exige de cada um e observá-la fielmente, porquanto está na mão de todos e cada qual deve fazer dela o seu manual. Quando[499] enviou a Regra aos Irmãos, escreveu-lhes: [500]"Caríssimos Irmãos, é em nome de Jesus e Maria que lhes peço receberem esta Regra que desejam há tanto tempo e que hoje tenho a alegria de lhes entregar. Não pretendo obrigá-los sob pena de pecado a observar cada artigo em particular. Direi, contudo, que somente vão sentir-se bem na santa vocação, na medida em que forem rigorosamente fiéis à observância de toda a Regra. A fidelidade à Regra, em lhes assegurando a perseverança, lhes garantirá coroa eterna". Foi recebida com o maior júbilo pelos Irmãos, dispostos que estavam a ob-

---

[498] Será tarefa do capítulo geral de 1852-53-54. Cf. J. Pedro HERRE crianças! Que honra, que glória, que consolo para os Irmãos exercerem ROS, *La Regla del Fundador: suas fuentes y evolución,* Roma, 1984 (mimeo.) (AFM, em Roma e em Notre-Dame-de-l'Hermitage).

[499] A Regra foi impressa e entregue aos Irmãos em janeiro de 1837. imprensa no formato in-18, continha diversas orações e as cerimônias da vestição e dos cotos, e ainda, a carta de Sto Inácio sobre a obediência (cf. LPC 1, doc. 203 e AA, p. 209-212).

[500] Carta publicada em CSG I, p. 13. Ver também LPC 1, doc. 89, p. 203.

servá-la a ser-lhes fiéis por toda a vida.

CAPÍTULO DEZENOVE

A Santa Sé aprova a Sociedade dos Padres Maristas. O que fez Champagnat por essa obra.

Na mesma época, Deus concedeu ao Pe. Champagnat a maior alegria que poderia desejar: a aprovação dos Padres Maristas pela Santa Sé. Para bem compreender o que vamos relatar sobre o assunto, é necessário remontarmos ao curso dos acontecimentos. Depois do lamentável episódio do Pe. Couveille, o Pe. Terraillon, que não gostava de 1'Hermitage e duvidava do futuro da obra dos Irmãos, pediu para se retirar. Partiu, de fato,aí pela festa de todos os Santos de 1826, apesar dos esforços do Pe. Champagnat para demovê-lo. A saída do Pe. Terraillon criou uma situação dolorosa para o piedoso Fundador; precedida pela do Pe. Courvielle, provocou certos boatos no público, que teceu mil e uma hipótese no afã de explicar a partida dos dois sacerdotes. Por um lado, ficando só, o Pe. Champagnat não podia mais arcar com a direção dos Irmãos e o governo do Instituo.[501] Por outro lado, e era o que mais o entristecia, a obra dos Padre Maristas na diocese de Lião achava-se gravemente comprometida com o acontecido.[502]

Entretanto, confiando plenamente em Deus, pôs-se a trabalhar com renovada coragem, procurando compensar as perdas que acabava de sofrer. Após ter refletido e rezado demoradamente, resolveu escrever ao arcebispo, suplicando-lhe mandasse alguém para ajudá-lo na administração dos interesses da Congregação. Ao mesmo tempo foi entrevistar-se com o Pe. Gardette,[503] superior do seminário maior, para lhe expor a situação, rogando-lhe instar o arcebispo a aquiescer ao seu pedido. Dirigiu-se igualmente ao Pe. Barou, vigário geral, a fim de interessá-lo por sua causa e, nessa intenção, escreveu-lhe a segunda carta:[504]

"Sr, vigário geral, dirijo-me a V. Ver.ma, com muita confiança, para comunicar-lhe meus dissabores e expor-lhe a situação emba-

[501] LPC 1, doc. 4, p. 34.
[502] OME, doc. 160 (11), p. 381; LPC 1, doc. 7, p. 39 e LPC 1, doc. 11, p. 45.
[503] LPC 1, doc. 3, p. 32.
[504] LPC 1, doc. 7, p. 39

raçosa em que me encontro. Estou sozinha, como já deve saber, o que gera muita apreensão nas pessoas que estimam nossa obra e prestam-lhe generosa ajuda. O público, que em geral fala sem conhecimento de causa, atribui a mim o afastamento dos padres Courveille e Terraillon. Tudo isso, sem dúvida, me deixa triste, mas não desanimado. Eu já esperava, e ainda espero maiores tribulações. Louvado seja o nome do Senhor! Continuo tendo a firme confiança para realizá-la. O caso triste daquele que parecia ser o chefe foi um dos golpes mais terríveis inventados pelo inferno para destruir um empreendimento que imaginava ser grande obstáculo à sua causa. A simples lembrança dessa história me dá calafrios.

Eis, em síntese, Sr. vigário, a minha posição. Temos atualmente dezesseis estabelecimentos de ensino que seria absolutamente necessário visitar, pelo menos, cada três ou quatro meses, para ver se tudo corre bem, se a Regra é observada, se os Irmãos vivem de acordo com o espírito de sua vocação, se não têm relações perigosas com o mundo, se ministram aos alunos sólida instrução religiosa e se os formam à piedade. Tais visitas são também indispensáveis para entendimento com os prefeitos quanto à administração das casas e arrecadação das mensalidades escolares. Temos mais de dois mil alunos em nossas escolas. Parece-me que o fato merece atenção. Nas férias estaremos aqui em mais de oitenta. A contabilidade da casa, a correspondência, o economato, as dívidas, enfim, a preocupação com o material e o espiritual, tudo recai sobre mim. Veja se é possível atender a tudo isso! Acabo, Sr. vigário geral, de revelar-lhe a situação em que me encontro. Espero que venha ajudar-me, mandando-me alguém que aprecie a obra dos Irmãos, alguém que exija apenas roupas e comida. O Pe. Séon[505] seria o homem talhado sob medida. Gosta de nossa casa, dispõe de recursos e pode ajudar-nos muito. Termino recomendando-me a suas orações; pois, mais do que nunca, compreendo a veracidade do oráculo: *Nissi Dominus aedificaverit domum, in vanum laboraverunt qui aedificant eam".*[506]

Após atrair para a sua causa duas pessoas tão eminentes, ambas de muita influência junto ao prelado, escreveu também ao Senhor

[505] M.Séon, LPC 2, p. 469ss.
[506] Sl 126,1

Arcebispo, expressando-lhe os sentimentos da mais profunda humildade e da mais inteira confiança em Deus. Aqui vai um trecho[507] da carta:

"Excelência, o fracasso de nossa obra quanto aos padres, até agora, faz com que não ouse apresentar-me pessoalmente a Vossa Excelência para manifestar-lhe como é grande a minha dor. Mas a paternal bondade com que me acolheu por ocasião na tomada de posse na diocese me anima a rogar-lhe, em nome de Jesus e Maria, não abandone a obra que protegeu e honrou com a sua benevolência. Mas do que nunca, estou convicto de que Deus quer esta obra. Os esforços empreendidos por satã para destruí-la são para mim uma prova disso. Infelizmente tudo me leva a crer que seriam necessários outros homens para consolidá-la. Seja como for, toda a minha confiança está em Jesus e Maria. Estou só, como padre. Isso me deixa triste, mas não desanimado, pois aquele que me sustenta chama-se Deus Forte. [508]O Pe. Barou e o Superior do Seminário maior certamente o informaram de minha situação. Espero que Vossa Excelência compreendia e não me abandone".

Na carta a Barou, Champagnat fala do Pe. Séon,[509] porque, tendo ocasião de vê-lo no Colégio de Saint Chamond, onde era professor, achou-o disposto a entrar no Instituto e atender os Irmãos. Com receio de que a administração diocesana opusesse dificuldade à cedência desse padre, que por seu zelo a capacidade lhe parecia apto a compensar a pedra dos outros dois, foi ter com o Pe. Barou, para lhe manifestar seu interesse pelo Pe. Séon e a intenção deste último de ingressar em 1'Hermitage.

"Senhor vigário geral, não tenho a menor dúvida de que Deus quer a Congregação dos Irmãos. Tudo o que a Providência fez por ela é para mim prova convincente. Estou igualmente persuadido de que Ele quer a Sociedade dos Padres. O comportamento infeliz do Pe.

---

[507] Com referência ao rascunho (LPC 1, doc. 7, p. 39), há muitas diferenças na expressão, na importância dada aos detalhes, sem, entretanto, mudar seriamente o sentido.

[508] Dt 7, 9; Sl 7, 12; 24,8; 71,7.

[509] Pe. Séon era de Tarentaise e estudara no colégio de Saint-Chamond (cf. LPC 2, p. 469).

Courveille e o desânimo do Pe. Terraillon, longe de diminuírem minha convicção, reforçam-na. Contudo, nisto, como em tudo mais, não procuro senão a santa vontade de Deus. Submeto-lhe, pois, meus pensamentos e sentimentos. Estou decidido a fazer o que o senhor quiser. Se achar que Deus aprova a Sociedade dos Padres, ceda-me o Pe. Séon. Se, pelo contrário, pensar que tal obra não corresponde aos planos de Deus, peço que me diga. Assim não me preocuparei mais com ela".

O Pe. Barou, que o escutava com muita bondade e atenção, respondeu-lhe: "O caso é muito sério. Rezemos a Deus para que nos manifeste sua vontade". Ajoelharam-se e rezaram durante algum tempo, com grande fervor. Ao levantar-se, o Pe. Barou disse ao Pe. Champagnat: "O Sr. vai ganhar o Pe. Séon. Hoje mesmo conversarei sobre isso com o Sr. Arcebispo". Vinte e cinco anos depois ao narrar esse episódio, assim se exprimia o Pe. Barou: "Enquanto rezava cdo melhor modo possível, veio-me, de repente, a inspiração de dizer ao Pe. Champagnat: Continue trabalhando na obra dos Padres. Creio que Deus a quer. Oh! Como hoje me congratulo por haver-lhe dado esse conselho, à vista das bênçãos que Deus derramou sobre a Sociedade e o bem que ela realizou!"

O Pe. Séon, sacerdote piedoso, dedicado, cheio de zelo e de notável bom senso, não teve dificuldade em sintonizar com o Pe. Champagnat. Esteve-lhe sempre muito unido e prestou-lhe relevantes serviços na direção dos Irmãos e na administração do Instituto. Pouco depois,[510] os Padres Bourdin, Pompallier e Chanut seguiram o bom exemplo do Pe. Séon e se ligaram também ao Instituto. O Pe. Bourdin, simples diácono quando entrou em 1'Hermitagem, teve de enfrentar grandes obstáculos para permanecer fiel à vocação. Depois da ordenação sacerdotal, ofereceram-lhe cargos brilhantes. Recusou-os generosamente, preferindo a pobreza, a vida humilde e oculta dos Irmãos de 1'Hermitage.[511] Deste modo formou-se o pequeno núcleo de sacerdotes que, anos mais tarde, juntamente com o grupo de piedosos padres

[510] O Pe. Etienne Séon chegou a 1'Hermitage no dia 30 de maio de 1825 (OM 1, doc. 175, p. 438); Pe. Bourdin, no mês de dezembro seguinte (OM 1, doc. 185 [4], p453); Pe. Pompallier, em setembro de 1829 (OM 1, doc. 196 [3], p. 472); Pe. Chanut provavelmente, no decurso de 1831 (OM 1, doc. 238 [3], p. 531).
[511] Carta de 1829 transcrita em CSG I, p. 150.

formado em torno do Pe. Colin, superior do seminário menor de Belley,[512] iriam fundar a Congregação dos Padres Maristas.

O Pe. Colin e o Pe. Champagnat trabalhavam, pois, de comum acordo, cada um no seu setor, para atrair candidatos ao Instituto. Pretendiam estabelecer um centro de unidade e uma forma de vida comum. Contudo, pelo estabelecimento do bispado[513] de Baelley, em 1823, ficaram pertencendo a duas dioceses diferentes. Tiveram de usar de prudência para obter o consentimento de ambas as jurisdições, sem as quais nada queriam empreender. Antes de 1830, já se cogitara do estabelecimento desse centro de unidade. O Pe. Champagnat, que lhe reconhecia a necessidade para dar solidez à obra e unir-lhe os membros, propusera ao Pe. Colin instituí-lo secretamente, isto é, sem prevenir a autoridade eclesiástica. O Pe. Colin discordou dizendo-lhe: [514]"Jamais fazemos, em prol da Sociedade, coisa alguma em segredo e à revelia de nossos superiores eclesiásticos. Não devemos agora agir diferente. Precisamos ir direto ao nosso objetivo. Em parte alguma a obra enfrenta mais obstáculos que em Lião. Deus assim o permite para prová-la. Não desanimemos. Você deveria fazer um requerimento a seus superiores. Se quiser, posso mostrar-lhe em que termos deve ser formulado".

O Pe. Champagnat voltou a insistir junto à administração diocesana, a fim de conseguir plena liberdade de ação para uni-se com seus coirmãos, organizarem-se com autonomia e escolherem um coordenador. Com tal finalidade viajou repetidamente a Lião e escreveu numerosas cartas ao arcebispo e aos vigários gerais. Ao lermos sua correspondência,[515] estaríamos propensos a crer que o zelo da glória de Deus e a dedicação à causa dos Padres Maristas o levavam longe demais, caso esquecêssemos que as expressões por ele usadas nada mais eram do que efeito de seu caráter franco, da inteira confiança nos

[512] Foi lá que se realizou o primeiro capítulo dos 20 primeiros padres em 1836. Os de Belley e os de Lião formavam dois grupos, quase iguais em número (cf. OM 1, doc. 403 [2], p. 922).
[513] Desde a Concordata de 1801 até 1823, quando se tornou diocese, o departamento de Ain fez parte da diocese de Lião.
[514] Dia 13 de fevereiro de 1830 (cf. OME, doc. 77, p. 165-166). O Ir. João Batista modificou ligeiramente o texto.
[515] Várias destas cartas não foram conservadas.

superiores, aos quais nada escondia. Numa de suas cartas, escreve ao Pe. Cattet, vigário geral:

"O interesse que até hoje demonstrou por nosso Instituto me anima a renova minha instância no sentido de solicitar-lhe que favoreça ainda mais o seu desenvolvimento. Quando as agremiações que tem por único objetivo a propagação do mal se estabelecem com, com plena liberdade, por que as que visam a glória de Deus teriam de enfrentar dificuldades intransponíveis? Já faz quinze anos que me comprometi com a Sociedade de Maria, sem duvidar um instante sequer que Deus deseja esta obra.Ora, não é a Congregação dos Irmãos que deve ser considerada efetivamente como sendo a Sociedade de Maria. Ela é apenas uma ramificação posterior. A parte principal[516] é a dos Padres; é pelos menos o que sempre admitimos. Sendo assim, ouso dizer-lhe: mostre-me que esta obra não é de Deus; ou então, viabilize-a cada vez mais. Permita-me recordar-lhe a promessa que nos fez de ceder-nos todos os aspirantes que desejassem integrar-se em nossa casa e fossem bons para nós. Atualmente apresentam-se muitos com as qualidades requeridas para nosso gênero de vida e que nos prestariam grandes serviços. Se no-los ceder, cumular-nos à de alegria a todos, pelo que louvaremos ao Senhor".

O Pe. Cattet os dizeres dessa carta ao conhecimento do Sr. Arcebispo. Falou-lhe da prosperidade da Congregação dos Irmãos, bem como do ardente desejo de consolidar e desenvolver a dos Padres. O venerando prelado prometeu ceder os que tivessem disposições e sentissem inclinação para essa obra. Consentiu igualmente que os Padres de 1'Hermitage se articulasse com os de Belley para escolher um superior. [517]Enfim, delegou ao Pe. Cholleton,[518] em substituição ao Pe. Cattet, cuidar dos interesses do Instituto. Embora só tivéssemos moti-

[516] O texto aqui apresentado pelo Ir. João Batista é muito diferente do rascunho conservado em nossos arquivos (LPC 1, doc. 11, p. 45). Por exemplo, a frase: "O ramo principal é o dos Padres; pelo menos é o que nós sempre pensamos" não aparece no documento original.

[517] O fato não está, de modo algum, comprovado pelos documentos contemporâneos, que mostram, pelo contrário, que as autoridades de Lião preferem conservar a autonomia do grupo de 1'Hermitage, nomeando o Pe. Champagnat como superior. Ver OM 2, p. 803, nota 2. Também OME, doc. 89 (3), p. 188 e doc. 90, p. 190.

[518] Em fevereiro de 1833 (cf. OM1, DOC. 146, P. 383)

vo para elogiar a abnegação do Pe. Cattet pela Sociedade, foi uma bênção a passagem da administração para as mãos do Pe. Cholleton,[519] que conhecera e protegera a obra desde seu nascimento e sentia-se disposto não só a prestar serviço, mas até a consagrar-se como um de seus membros. A partir do momento em que assumiu esse encargo, a Sociedade não teve mais dificuldades sérias, caminhando sem obstáculos para a canonização definitiva.

Os acontecimentos de 1830 tornaram necessário o centro de unidade, há muito desejado, e que estava sendo preparado por ambos os lados, com o mesmo zelo e idêntico espírito de abnegação e generosidade. Os Padres de 1' Hermitage fora a Beley para se elegeram o Ver. Pe. Colin como superior. O Pe. Champagnat[520] exultou de alegria. Desde vários anos havia preparado aquele passo. empregara tanto zelo e ardor, que o Pe. Colin, que não o queria menos, por ser mais calmo, aconselhara-o a se moderar[521] e deixar agora Providência. Mas o caráter fogoso do Pe. Champagnat, o zelo pela glória de Deus e sua limitada dedicação à Sociedade dos Padres não lhe davam trégua. Aliás, trabalhar sem desfalecimento e com toda energia para essa obra era para ele uma questão de consciência, pois prometera a Deus sacrificar-lhe trabalhos, saúde, a própria vida, se necessário o centro da unidade, há muito desejado, e que estava sendo preparado por ambos os lados, com o mesmo zelo e idêntico espírito de abnegação e generosidade. Os Padres de 1'Hermitage foram a Belley para se entrosar com seus confrades. Após alguns dias de retiro, elegeram o Ver. Pe. Colin como superior. deixar agir a providência. Mas o caráter fogoso do Pe. Champagnat, o zelo pela glória de Deus e sua ilimitada dedicação à Sociedade dos Padres não lhe davam trégua. Aliás, trabalhar sem des-

---

[519] Carta de Jean-Claude Colin ao Pe. Champagnat com data de 1º de março de 1833: "Todos devemos agradecer ao Senhor por nos ter dado o P. Cholleton para orientar e dirigir as diligências em favor da Sociedade. É ajuda providencial admirável" (OME, doc. 115 [3], p. 239).

[520] O Pe. Champagnat fora eleito reitor provincial do grupo dos Padres de Lião em 8 de dezembro de 1830 (MOE, doc. 88, p. 181). A nomeação fora confirmada pelo senhor arcebispo administrador (OME, DOC. 90, P. 190-191 e doc. 101, p. 212 e doc. 102, p. 214).

[521] Em 10 de setembro de 1830, o Pe. Jean-Claude Colin escreveu ao Pe. Champagnat para manifestar-lhe dúvidas a respeito do lugar e data da reunião para a eleição do Superior central (OME, 84 [2], P. 175).

falecimento e com toda energia para essa obra era para ele uma questão de consciência, pois prometera a Deus sacrificar-lhe trabalhos, saúde, a própria vida, se necessário.

Enquanto se esforçava exaustivamente para obter da arquidiocese os candidatos que demonstrassem desejo de ingressar no Instituto e a autorização de se articular com os Padres de Belley, para estabelecer o centro de unidade, acima referido, Irmão lhe observou que estava se cansando muito com esse problema. Deus não exigia tanto dele. O Instituto dos Irmãos bastava para seu zelo, e a Providência parecia tê-lo preparado exclusivamente para isso.

- Meu caro amigo, respondeu o Padre, só Deus sabe quanto quero bem os Irmãos. Deus é testemunha de que por eles estou disposto a oferecer o sangue e a vida. Todavia, a obra dos Padres me parece tão importante[522] que a dos Irmãos e a ela me dediquei a tal ponto que, para garanti-la, daria, se fosse necessário, tudo quanto temos, meus trabalhos, forças e a própria vida. Desconheço ainda os planos divinos sobre a Sociedade dos Padres, mas tenho a profunda convicção de que Deus a quer. Sobrevenham dificuldades, aconteça o que acontecer, estou resolvido a trabalhar com todas as minhas forças e até o derradeiro suspiro, para que seja bem-sucedida.

- Sabe, Padre, prosseguiu o Irmão, se soubessem da sua preferência pelos Padres, os Irmãos ficariam com ciúme?

- Não tenho motivo, replicou o Padre. Todos os Irmãos autênticos, todos os que amam verdadeiramente Jesus e Maria, enfim, todos os que têm espírito religioso, compartilham dos meus sentimentos e pensam como eu. Alem do mais, Deus quer os Padres e os Irmãos. Portanto, abençoará uns e outros, e tanto mais os abençoará quanto mais se amarem, viverem unidos e dispostos a se ajudarem. Quanto a mim, sou todo de uns e todo dos outros. Desde o momento em que Deus me deu a graça de me doar à Sociedade de Maria, acalentei somente um sonho, o de vê-la constituir-se e desenvolver em todos os setores. Todos os meus trabalhos, até agora, tiveram como finalidade o pleno êxito dessa obra. Até a morte, se Deus quiser, vou me bater por isso.

---

[522] Aqui há reconstituição de conversas.

A eleição de um coordenador ou o estabelecimento de um centro de unidade, como dizia então, foi um evento muito importante par ao êxito da obra, que a partir daí progrediu rapidamente. O coordenador não era propriamente um superior, pois os Padres, tanto em Lião como em Belley, permaneciam sob a jurisdição do Bispo. Embora o Pe. Colin exercesse sobre os membros da associação apenas autoridade de direção e de conselho, os resultados dessa autoridade não foram menores nem menos valiosos. A partir daí, o futuro da Sociedade iluminou-se de esperança. Seu estabelecimento, perfeito e definitivo, foi apenas questão de tempo, cujo termo era fácil de se prever e a demora, fácil de calcular. Os Padres de Belley ocupavam-se, uns lecionando no seminário menor da cidade, outros pregando missões populares. Os de 1'Hermitage também pregavam nas paróquias vizinhas e nas missões, pois o atendimento aos Irmãos não lhes tomava todo o tempo.

Uma vez que o gênero de vida dos Irmãos e sua Regra não se adequava a Padre que tinha finalidade e ministério diferente, o Pe. Champagnat intuiu a necessidade de reuni-los em comunidades separadas. Para isso ofereceu a propriedade e a residência de Grange-Payre,[523] perto de Saint-Chamond. Tal projeto tinha a chancela do arcebispo e do Pe. Colin e achava-se em via de execução, quando uma proposta do pe. Rouchon, vigário de Valbenoîte,[524] fez com que fosse abandonado. O venerando vigário havia adquirido o antigo convento dos beneditinos, com hortas e demais dependências, e prontificou-se a deixá-la para a Sociedade se os padres quisessem morar ali e trabalhar com ele na paróquia. O prelado retirou os coadjutores, os Padres to-

[523] O Ir. João Batista abrevia o desenrolar dos acontecimentos: Os Padres vão a Valbenoîte e pelos fins de 1831 (carta de 7 de novembro de 1831 em OME, doc. 100 [1], p. 211). Em 15 de maio de 1833, a Sra. Fournas lega, por testamento, a propriedade de Grange Payre ao Pe. Champagnat (OM 1, doc. 321, p. 720). Em 8 de setembro de 1834, o Pe. Champagnat, achando a situação dos padres em Valbenoîte pouco de acordo com seu estado, propõe ao Pe. Colleton a ocupação da casa de Grange-Payre (LPC 1, doc. 45, p. 120-124). Em 13 de outubro de 1835, o Pe. Rouchon, vigário de Valbenoîte, constitui uma Sociedade Universal com os Padres Maristas (OME, doc. 136, pp; 286-292).

[524] Com referência à presença dos padres em Valbenoîte (OME, doc. 107 [1], p. 225 e doc. 160 [23 e 24], p. 387-388). Pe. Rouchon (LPC 2, p. 445-458). Valbenoîte (LPC 2, p. 634-637).

maram posse da casa e tornaram-se auxiliares do vigário.[525] O Pe. Séon foi escolhido superior da comunidade de Valbenoîte. Os Padres Bourdin e Chanut tranferiram-se para Belley a fim de lecionar literatura. Foram substituídos pelos Padres Servant e Frest, e esses últimos, pelos Padres Matricon e Besson que tão relevantes serviços prestaram aos Irmãos.[526]

O Ver. Pe. Colin por sua vez trabalhava para que a Sociedade fosse aprovada pela Santa Sé. Em 1833, munido de cartas[527] de recomendação do arcebispo de Lião e dos bispos de Belley e Grenoble viajou para Roma no intuito de conseguir esse favor.[528] A Congregação dos Bispos e Regulares estudou o plano, a história e as constituições do Instituto, aprovando-as integralmente, após demorado e sério exame.[529] Poucos dias depois[530] (11 de março de 1836), o papa Gregório XVI autorizou, mediante um Breve, a Sociedade dos Padres Maristas, confiando-lhes a missão da Polinésia. Impossível exprimir o regozijo e a satisfação do Pe. Champagnat, quando recebeu a notícia.

Depois de dar humildes ações de graças a Deus pelo insigne favor, escreveu ao Pe. Colin, pedindo autorização para emitir os votos religiosos. Este lhe respondeu:[531] "Você deve saber que o revê de aprovação nos autoriza a eleger um Superior Geral. Enquanto isso não acontecer, não me considerei superior de jeito nenhum, nem agirei como tal. Até a eleição, aceito continuar, como no passado, a servir de elo de uma reunião. Mas longe de mim receber votos religiosos. Também é verdade que estou muito edificado com suas disposições. Eu ficaria muito feliz se todos os coirmãos pensassem e agissem como

[525] Carta de 13 de novembro de 1833 (OME, doc. 107, p. 225).
[526] Pe. Matricon, LPC 2, p. 375; Pe. Besson, LPC 2, p. 91.
[527] Carta de 23 de junho de 1833 (OME, doc. 116, p. 239).
[528] De fato, segundo o que escreveu ao Pe. Champagnat em 27 de fevereiro de 1834: "... a finalidade de (minha) viagem foi unicamente fazer consultas sobre nosso empreendimento" (OME, doc. 127 p. 267).
[529] Este exame durou mais de dois anos: Carta de 4 de setembro de 1834 (OME doc. 129 [4], p. 271). Carta de 29 de dezembro de 1835 (OME, doc. 140 [3], p. 305). Carta de 28 de janeiro de 1836 (OME, doc. 142, p. 310 e doc. 143, p. 312 e doc. 144, p. 315).
[530] Carta de 11 de abril de 1836 (OME, doc. 145 [1], p. 317.
[531] Carta de 24 de junho de 1836 (OME, doc. 147 [1], p. 328). Passagem reproduzida com pequenos retoques de estilo.

você. Espero que, com o tempo, Deus lhes dê essa graça.".

Pelo visto, a humildade do Pe. Colin não lhe permitia considerar-se como superior,[532] embora, na mente de seus coirmãos, tivesse autoridade, como fundador e com escolhido em eleição livre. De mais a mais, chegara o momento em que a situação devia ser regularizada. Para conformar-se com o Breve que lhes permitia eleger canonicamente o Superior Geral, os Padres reuniram-se em Belley para proceder à eleição.[533] Realizou-se após um retiro. A maioria dos votos foram para o Pe. Colin, que não teve outra saída senão reconhecer a vontade de Deus no voto dos seus coirmãos. Para assistente[534] foi escolhido o Pe. Champagnat. Alguns padres chegaram a cogitar de nomeá-lo Superior Geral, mas afinal compreenderam que o governo dos Irmãos o prendia demais, para que pudesse dirigir, ao mesmo tempo, o ramo dos padres, principalmente nessa fase inicial, quando a organização das duas partes da obra exigia tanto durante o retiro, os principais Padres ligaram-se ao Instituto pelos votos religiosos. O Pe. Champagnat, que fora dos primeiros a pedi-lo, destacou-se pelo fervor e pela alegria com que os pronunciou.[535] Assim a Sociedade ficou definitivamente constituída pela autorização da Santa Sé, pela eleição de um coordenador e pelos votos dos primeiros membros. Antes de separarem-se, os Padres entenderam-se sobre a missão da Polinésia[536] e decidiram que a casa principal do Instituto ficaria em Lião.[537]

Após o encerramento, o Pe. Champagnat partiu para 1'Hermitage a fim de preparar o retiro dos Irmãos. Sempre tinha sido

---

[532] Carta de 19 de janeiro de 1836 (OME, doc. 141 [2], p. 308) na qual o Pe. Colin propõe o Pe. Cholleton como Superior da Sociedade.
[533] OM 1, doc. 402 (17) e 403 (19).
[534] Só um assistente foi eleito em 24 de setembro de 1835 (OM 1, doc. 402 [21]). No primeiro turno foi o Pe. Pierre Colin; mas, a pedido de seu mano, procedeu-se a novo escrutino (OM 1, doc. 416 [4] e APM, reg. 1, p. 8). O Pe. Champagnat foi nomeado assistente ao mesmo tempo que os padres Maîtrepierre e Pierre Colin, no retiro de 1839 (APM, reg. 1, p. 12 e OM 2, doc. 757, p. 807, nota 1).
[535] 24 de setembro de 1836 (OME, doc. 151, p. 338).
[536] O Ir. João Batista está enganado. As disposições relativas à missão da Polinésia havia sido tomadas bem antes da reunião de setembro, e a ata da reunião de setembro (OM 1, doc. 403) não as menciona.
[537] Sobre essa importante decisão, ver os documentos indicados em OM 4, p. 594, secção 366.03.

ele quem, nessas ocasiões, fazia conferência sobre a Regra e os deveres dos Irmãos. Embora suas palestra sempre despertassem interesse, nesse ano, mais do que habitualmente, esteve comovente, firme e persuasivo. As exortações alusivas à felicidade da vida religiosa, aos votos, ao zelo pela educação cristã dos jovens, foram tão emocionantes e profundas, que ficaram gravadas para sempre na memória.

Aprovando a Sociedade, Roma lhe confiara, como já vimos, a missão da Polinésia. O Pe. Pompallier, escolhido como superior da missão, foi ordenado bispo.[538] Preparou-se para embarcar no fim do ano de 1836. Levou consigo quatro Padres e três Irmãos,[539] para compartilharem com ele trabalhos e sofrimentos. O Pe. Champagnat, cuja vida inteira fora votada à salvação das almas, foi tomado pelo santo desejo de seguir tão bela vocação. Pediu ao Pe. Colin o favor de acompanhar os missionários para a Oceania, a fim de consagrar à instrução e santificação dos infiéis seus derradeiros dias e as forças que lhe restavam. O Pe. Colin, sumamente edificado com seu zelo e dedicação, respondeu-lhe: [540]"Você realizará maior bem aqui na França do que na Oceania. Sua missão própria não é ir pessoalmente evangelizar os povos, mas preparar-lhes apóstolos zelosos e abnegados".

A obediência fez com que o bom Padre não insistisse. Sua humanidade levou-o a pensar que não merecia tal fervor. Mesmo resignando-se, não conseguia disfarçar o desejo.

Algum tempo depois, conversando com o Pe. Douillet, superior do seminário menos de La Cote-Saint-André, o assunto recaiu sobre a missão da Oceania e ele exclamou: "Ah! Se eu estivesse com menos idade e mais saúde, iria com muito gosto ceifar naquele campo; mas estou enfermo, ninguém vai querer sabe de mim. Todos sabem que não dou mais para nada". "Fui compreendendo cada vez mais, disse o Pe. Douillet ao narrar o episodia, como ele se sentia tomado pelo desejo de trabalhar na salvação das almas e conquistar a palma do martírio".

Se não lhe foi dado consagrar os últimos dias à salvação dos

---

[538] Ver OM 1, doc. 378 (2), 382, 383 e 390.

[539] Com D Pompallier; Bret e Chanel; os Irmãos Marie-Nizier, Michel e Joseph-Xavier (Chronologie de 1976, p. 71).

[540] Deve tratar-se de uma resposta oral (OM 2, p. 808, nota).

povos da Oceania, em compensação preparou excelentes Irmãos catequistas para aquela missão. Chegou a enviar doze,[541] durante o pouco tempo que ainda viveu. Além disso, não deixava passar nenhuma oportunidade de mandar rezar pelo êxito daquela obra e de inculcar nos Irmãos todas as virtudes necessárias a um bom catequista.

Dizia-lhes numa conferência: "Caríssimos Irmãos, temos de render muitas graças ao Senhor por nos ter escolhido para levarmos a luz do Evangelho aos infiéis, pois este favor reverterá em fontes de bênçãos para o Instituto. Se correspondermos aos desígnios de Deus, ele nos dará tudo o que for necessário para o bom desempenho de tão espinhosa missão. O zelo, o espírito de sacrifício, as virtudes, a santidade são os únicos meios eficazes para a salvação dos homens. Pois é, não receio afirmar que um dia teremos mártires no Instituto, o que me enche de alegria e satisfação. Padres e Irmãos serão imolados pelos povos que irão catequizar, darão a vida por Jesus Cristo.[542] Que felicidade morrer por uma causa tão santa e tão nobre! Mas, repito, temos de ser fiéis a Deus para merecer tão insigne favor.

Gravem bem: Confiando ao Instituto a missão da Oceania, a Providência nos responsabilizou pela salvação dos indígenas que jazem à sombra da morte.[543] Não pensem que esta obrigação seja reservada aos privilegiados que vão àquelas terras longínquas: é tarefa de todos os membros do Instituto. Se não nos foi dado sacrificar-lhe trabalhos, forças e saúde, temos, contudo, maior obrigação de cooperar

---

[541] Na verdade, partiram 9 Irmãos enquanto o Pe. Champagnat estava em vida: em 24 de dezembro de 1836: Irmãos Michel Colomban, Marie-Nizier Delorme; Joseph-Xavier Luzy; em 9 de setembro de 1838: Irmãos Marie-Angustin Drevet, Florentin Françon, Elie-Régis Marin; em 15 de junho de Bertrand, Aumond Duperron (BI I, p. 468).

[542] A predição não tardou a concretizar-se. O Pe. Pedro Chanel foi martirizado em 1841 e declarado santo em 1954. outros Irmãos e Padres também derramaram o sangue pela fé: "Queridos Irmãos, escrevia o Ir. Francisco, em 1º de agosto de 1848, comunicando-lhes o necrológico dos Irmãos falecidos no decorrer deste ano... tenho a alaegria de lhes dizer que, entre eles, temos um mártir: é nosso caro Ir. Jcinto; partira em 1845 com D. Épalle e foi imolado no ano passado pelos selvagens da ilha de São Cristóvão, juntamente com dois padres da Sociedade. Vereis, nos anais da propagação da Fé, os pormenores do seu martírio e quanto foi sublime e digno de inveja o término de suas vidas" (CSG I, p. 137)

[543] Lc 1,79.

com nossas orações, bom exemplos e toda sorte de virtudes.cada um de nós considere-se, pois, encarregado da conversão daqueles povos e por eles reze constantemente a Deus. Se formos bons religiosos e observarmos bem a Regra, se nos esforçarmos por adquirir as virtudes necessárias a uma pessoa consagrada, se permanecermos bem unidos a Nosso Senhor, se lhe dissermos sempre, com grande confiança, *Santificado seja vosso nome*,[544] Ele nos concederá a graça de salvarmos numerosos infiéis. Quem sabe se no juízo final não veremos vários Irmãos mais piedosos e virtuosos – que agora não nos parecem úteis senão para se mesmo -. Quem sabe, repito, se naquele dia não descobriremos que eles contribuíram mais para converter[545] infiéis a salvar almas, do que os escolhidos a dedo para aquela missão? Em resumo, digo-lhes: 1.º uma de nossas principais intenções, em todos os exercícios de piedade, é a conversão dos pecadores e a salvação dos povos a nós confiados pela Santa Sé; 2.º devemos trabalhar, sem tréguas, na aquisição das virtudes necessárias a um bom catequista, virtudes que nos podem merecer a graça de sermos escolhidos para tão sublime vocação".

Entre os missionários que partiram na primeira leva achavam-se três preparados pelo Pe. Champagnat: Padres Pompallier,[546] Servant e Forest.[547] O bom Padre teve também a satisfação dever todos os confrades que conseguira reunir e conservar durante dez anos consagrarem-se Deus e ligarem-se ao Instituto pelos votos. Incluindo o Pe. Champagnat, foram dez os que se consagrara: [548]Padres Seón, Boudin, Pompallier, Chanut, Servant, Forest, Matricon, Besson e Terraillon.

Estes, poucos meses depois de sair de 1'Hermitage, fora no-

---

[544] Mt 6,9; Lc 11,2.

[545] Esta intenção se acha expressamente indicada nos extratos da Regra dos Irmãos, inseridos pelo Pe. Colin no *Summarium* de 1833 (Ant. Textus I, p. 81, nº 100).

[546] O Pe. Pompallier recebera uma formação marista; porém, havendo sido nomeado vigário apóstolo antes do capítulo de 1836, não podia emitir votos na Sociedade. Assim mesmo assinara uma adesão espiritual à Sociedade de Maria (OM 1, doc. 404, p. 930). Quando ao Pe. Servant (OM 4, p. 353).

[547] Forest só partiu para as missões em 1841 (OM 4, p. 282).

[548] Consultar o registro do retiro geral dos Padres Maristas para a eleição do Pe. Jean-Claude Colin, Superior Geral; e da emissão dos primeiros votos (OM 1, doc. 403,p. 920-929).

meado vigário da paróquia de Notre-Dame de Saint-Chamond.[549]O Pe. Champagnat, admirador de seus talentos e virtudes, tudo fizera para mantê-lo no Instituto. Quando chegou a autorização de Roma, disse-lhe: "Você não tem mais motivos para duvidar do futuro e do êxito da Sociedade. Deus a quer, pois a Igreja a aprova". Em seguida, assumindo um tom entre sério e jocoso, acrescentou: "Deus o chamou para essa obra. Você está obrigado a responder ao apelo, se não quiser arriscar-se a sofrer algo desagradável. Se entrar na Sociedade fazendo os votos, eu respondo pela sua salvação, mas, se for infiel à própria vocação, cuidado!" Retornando de Belley, após a primeira profissão, o Pe. Terraillon lhe dizia:

- Eis que emiti meus votos. Você responderá agora pela minha salvação. Não esqueça do que me prometeu.

- Responder pela sua salvação é coisa diferente, replicou o Pe. Champagnat. Emitir os votos não é tudo, o essencial é observá-los. Se, pois, você observar os votos, será salvo. Somente com esta condição posso garantir-lhe o céu.

Alguns instantes depois, como a carruagem andasse muito devagar, um dos padres começou a falar: "Carruagem à toa, cavalos à toa, cocheiro à toa. Desse jeito não chegaremos nunca!" Ouvindo-, o cocheiro voltou-se e bradou com bom humor: "Vigários á toa!". A essa apóstrofe os dois padres deitaram a rir, fitando o Pe. Terraillon, pois no grupo ele era o único vigário. "O *à toa* é só para você, disse-lhe o Pe. Champagnat, só você é vigário aqui. Sua salvação não é certa, enquanto viver paróquia. Aconselho-o a desfazer dela quanto antes". Deixou-a, com efeito, alguns meses[550] mais tarde, sem levar saudade.

O Pe. Terraillon, que sempre fora sacerdote piedoso, pastor zeloso pela glória de Deus e a salvação das almas, como religioso mostrou-se modelo de regularidade, humildade, simplicidade e obediência.

[549] 9 de abril de 1828.
[550] Demitiu-se em 20 de novembro de 1839 (OM 4, p. 356).

CAPITULO VINTE

Fundação de novas escolas. O Pe. Champagnat faz novas tentativas para obter a autorização legal do Instituto. A saúde do bom Padre se altera sensivelmente. Concorda com a nomeação de um sucesso.

Deus continuava abençoando, de modo especial, o noviciado era assinalado por novas escolas.[551] Assim, fundaram-se em 1835, Providence Denuiziere[552] em Lião;Saint-Martin-la-Plaine no Loire;Semur-em-Brionnais em Lião; Saint-Didier-sur-Rochefort no Rohône e Thossey[553] no Ain. Como os membros do Instituto aumentavam continuamente, o Pe. Champagnat foi obrigado a fazer novas construções[554] para abrigar convenientemente os Irmãos nas férias. A própria capela tornou-se pequena. Construiu outra, mas ampla, levantando mais uma ala. A nova capela recebeu a bênção[555] de D. Pompallier no retiro de 1836. Como de costumes, os trabalhos foram feitos, em parte, pelos Irmãos. O Pe. Champagnat, embora sobrecarregado com a administração, orientava os operários e trabalhava na construção a maior parte do dia. Ao terminar o último lance, que no conjunto formava um retângulo perfeito, pressentindo a morte próxima, exclamou: "É a última construção que faço". E tinha razão.

Desde algum tempo, o governo abrandara as hostilidades contra os estabelecimentos religiosos. Considerando que o reconhecimento legal da Congregação se tornava cada vez mais premente, o Pe. Champagnat resolveu reiniciar as tentativas feitas em 1829 e 1931, para alcançar a legalização. [556]Em agosto[557] de 1836 empreendeu uma

---

[551] Para estas casas, ver RLF, p. 131-134.
[552] Ler: Denuzière, um orfanato, PPC, 2, p. 588-589.
[553] Ler: Thoissey, LPC 2, p.632-633.
[554] Completa o quadrilátero de l'Hermitage, como existe atualmente.
[555] Descrição da capela pelo Ir. Francisco (AA, p. 185-188).
[556] Somente a partir de 1834 encarrega-se da questão que, até então, era tarefa mais do arcebispo (OME), doc. 33, p. 101).
[557] No dia 24 ou 25 de agosto de 1836, partem para Paris o Pe. Champagnat, D. Pompallier e Pe.Chanut. Em 4 de setembro, o Pe. Champagnat entrega ao Sr. Jarmain Delebecque, chefe da divisão do ministério da Instrução Pública, os papeis atinentes ao pedido de autoritarização legal (cf. ELF, p. 153).

viagem a Paris. Confiava que o Sr. Sauzet,[558] deputado por Lião, então ministra da Instrução Pública, acolhesse favoravelmente o pedido. Contudo, ao chegar a Paris, soube que o ministro fora substituído. Voltou a l'"Hermitage sem ter sequer apresentado o requerimento.

Em 1833, munido[559] das cartas de recomendação do arcebispo de Lião, dos bispos de Belley e Grenoble, retornou a Paris para tentar concluir o processo. Era então ministro da Instrução Pública o Sr. de Salvandy.[560] Na aparência, acolheu favoravelmente o pedido de Champagnat, antecipando-lhe que os trâmites seriam demorados, [561] mas que o êxito estava garantindo. Falando assim, o Sr. de Salvandy[562] não tinha o mérito da franqueza do sr. Guizot,[563] que, em 1834, lhe dissera sem rodeios: "É inútil tentar obter a autorização neste momento; é impossível concedê-la". O Sr. de Salvany – como se ficou sabendo depois – jamais quis atender ao Pe. Champagnat; porém, em vez de negar abertamente, preferiu vencer pelo cansaço o piedoso Fundador, suscitar-lhe mil dificuldades, jogá-lo num labirinto de formalidades arbitrárias, impossíveis de se cumprir e impor-lhe condições que não poderia aceitar, porque acabariam com a Congregação.[564]

A primeira artimanha para frustrar o pedido de autorização foi esquecê-lo, deixando-o encalhado nos arquivos do ministério. O Padre logo se deu conta disso. Em 23 de janeiro[565] escrevia: "Pelo visto, as coisas irão lentamente; pouco importa. Estamos resolvidos a não desistir sem obter o que pretendemos. Disse-nos o ministro que nosso pedido seria encaminhado ao Conselho de Estado e lá permaneceria por mais de três semanas. Ainda que fossem três meses, iríamos até o

[558] O Sr. Sauzet era, na ocasião, não ministro da Instituição Pública, mas da Justiça e dos Cultos (de 22 de fevereiro a 6 de setembro de 1836). Foi ele quem apresentou os documentos ao ministro (cf. RLF, p. 141, 144 e 153).
[559] Em 15 de janeiro de 1838, junto com o Ir. Marie Jubin (LPC 1, doc. 169, p. 334).
[560] LPC 2. p. 462-466.
[561] Para este período ver LPC 1, p. 330-340; as cartas ao Ir. Francisco e as anotações do Pe. Champagnat, nas páginas 335, 338, 349, 354, 361, 369.
[562] Quanto à intervenção do Sr. Salvandy, ver: RLF, p. 147-148 e 163ss.
[563] LPC 2, p. 269-272.
[564] LPC 1, doc. 195, nota 3, p. 395.
[565] AFM, 111. 31.

fim. Da manhã[566] até a noite, estou ocupado com esse problema. Quantas diligências, [567] quantas viagens, quantas visitas! Vocês nem podem fazer idéia! Já faz um mês e meio que cheguei e não fiz outra coisa senão correr, num vaivém constante de fulano a beltrano. Há dois dias que rodo de carruagem, na esperança de conseguir uma audiência com o ministro, sem nenhum resultado. Ora dizem que está no Conselho, ora que está ausente. Meu Deus! Quanto chove-não-molha! E como sai caro! Porque, como imaginam, na carruagem param-se até os minutos".

Quando o ministro não pode mais recusar-se a dar audiência ao Pe. Champagnat, recebeu-o: desculpou os adiantamentos, alegando que faltava peças na documentação apresentada. Conseguidas as peças, alguns dias depois, já não se tratava mais de aprestá-las ao Conselho de Estado, mas ao Conselho da Instrução Política.[568] Com certeza, o ministro não quisera falar-lhe antes desse Conselho para não possibilitar ao Pe. Champagnat, contatar os conselheiros e interessá-lo por sua causa, com já o fizera com os membros do Conselho de Estado. Só esteve de ficar surpreso quando ouviu falar do tal Conselho da Instrução Pública ou da Universidade. "Estou voltando do ministério, escrevia, onde me informaram que, sexta-feira, 2 de março, meu pedido Serpa entregue ao Conselho da Universidade. Agora vou à procura desse Conselho, do qual nunca ouvi falar. Disseram-me , também, que dentro de três semanas a questão estaria resolvida. Respondi: mesmo que seja dentro de um mês!"[569]

Um mês depois não estava mais adiantada que no primeiro dia, e o piedoso Fundador escreve: "Impossível dizer-lhes hoje em que ponto se encontram as coisas. De concreto, não há nenhuma dificuldade séria, a não ser estúpido emperramento nos gabinetes". E alguns dias depois acrescentaria: " Nossos papeis estão sempre no mesmo pé, e já não sei que meios usar para fazê-los andar mais depressa. Apesar das confusões e andanças sem fim, a saúde se mantém. Aliás nada me está incomodando, uma só coisa inquieta – e é mais do que suficiente

[566] LPC 1, doc. 174, p. 351,
[567] Ver o diário escrito pelo Pe. Chanut e o Pe. Champagnat (RLF, p. 138ss.).
[568] LPC 1, doc. 170 (22), p. 336.
[569] LPC 1, doc. 174, p. 352.

para envenenar tudo - , o processo não caminha. Que vamos fazer nós, diante da lei do alistamento militar?[570] Em tudo seja Deus louvado!" Realmente o serviço militar o inquietava, pois naquele ano havia quatro Irmãos sujeitos à lei do alistamento. Como contasse com a autorização, não os mandara a Saint-Paul-Trois-Châteuux[571] para obter a isenção. Não saindo a autorização, os quatro Irmãos corriam o risco de serem obrigados a abandonar a vocação, caso fossem sorteados.

Finalmente, após tanta lentidão e adiantamentos, o Conselho Universitário examinou o processo. O bom Padre fizera tantas visitas, do Conselho, que a grande maioria deu parecer favorável. Tudo dependia disso. Quando se soube que o Conselho Rela da Instrução Pública dera parecer favorável, pensou-se que estava tudo resolvido. Os funcionários do ministério, os deputados e numerosas pessoas de projeção garantiram ao Pe. Champagnat que sua petição não encontraria mais obstáculos e que, em breve, o ministro apresentaria ao rei o decreto de autorização. O Sr. Lachèze,[572] deputado pelo Loire, quem com muitos de seus colegas, se emprenhara em obter do governo a isenção dos Irmãos, dizia, após o Conselho ter emitido o parecer favorável: "Aposto dez contra um que a questão chegará a bom termo".[573] De fato, a autorização dependia apenas do ministro. Tivesse ele tido um pouco de boa vontade, tê-las-ia concedido. Mas essa boa vontade ele nunca teve, como se verificou mais tarde.

Em 1849, sendo ministro o Sr. de Falloux, reiniciadas as diligências e o pedido novamente submetido ao Conselho da Universidade, o parecer foi inteiramente oposto ao de 1838, o que provocou o seguinte comentário de um dos chefes do ministério: "Em 1838, seu pedido, foi negado porque o ministro assim o quis. Hoje o ministério está todo a seu favor, porém o Conselho é contra. Provavelmente vai ser esse empecilho".[574] Apesar das lisonjeiras esperanças com que acenava de toda parte, o Pe. Champagnat não tinha tanta certeza: "Ainda que afirme que o decreto não encontrará mais nenhum obstá-

[570] LPC 1, doc. 179, p. 364.
[571] LPC 1, doc. 172, p. 345.
[572] MO 1, p. 79 e 81, este nome está grafado: Lachièze.
[573] LPC 1, doc. 183, p. 373.
[574] A opinião a respeito de Salvandy deve ser atenuada. Ver RLF, p. 179-180 e LPC 2, p. 464-465.

culo, que eu posso ir embora e que a autorização em chegará às mão logo no primeiro dia, não ponho nisso muita fé. Mais do que nunca repito*: Nisi Dominus aedificaverit domum*,[575] pois tenho profunda convicção de que só acontecerá o que Deus quiser, nem mais, , nem menos. Se este decreto prejudicar a salvação das almas, que nosso divino Salvador o afaste de nós. Entretanto, não deixarei de dar os passos necessários para consegui-lo, pois num caso desses a Providência quer que nos sirvamos dos homens. Vamos rezar! Vamos rezar! Porque é de orações que precisamos para conhecer e fazer em tudo a vontade[576] de Deus".

Surpreso porque o processo de autorização dos Irmãos não encontrava dificuldades sérias em Paris, o Sr. de Salvandy tratou de suscitar-lhe empecilhos arbitrários nas regiões em que atuavam. Disse[577] ao Pe. Champagnat que, antes de redigir o decreto, queria conhecer o parecer dos prefeitos dos Departamentos de Paris e foi solicitar a opinião dos dois magistrados. Após dois meses, os pareceres chegaram ao ministério e, graças aos meios de toda espécie usados pelo Pe. Champagnat e às suas incessantes corridas, as declarações eram favoráveis. Mas nem com isso o processo andou mais depressa.

Vencido por este lado, o ministro suscitou um obstáculo que ninguém imaginava. Fingindo zelo e benevolência para com o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, achou que os Irmãos de Maria poderiam prejudicá-los, sobretudo no caso de se lhes permitir estabelecerem-se nas cidades. Em razão disso, ele só concederia a autorização, se o Pe. Champagnat se contentasse 1.800 habitantes.[578] Em todo caso, para ter a certeza de que o novo Instituto não prejudicaria aos Irmãos Lassalistas, exigia uma declaração do Superior Geral dessa Congregação.

Limitar o Instituto a um círculo tão restrito, confiná-lo às pequenas localidades geralmente sem recursos, era não só ir contra sua

---

[575] Sl 126,1.
[576] LPC 1, doc. 183, p. 373.
[577] Antes de falar, deu por escrito (RLF, p. 170 e 173)
[578] Foi o prefeito de Rhône quem fez esta espécie de sugestão (1.200 habitantes), pois a grande maioria dos professores não queria ir para os municípios menores (RLF, p. 173).

finalidade, mas arruiná-lo e matá-lo com o pretexto de dar-lhes vida. Isso o Pe.Champagnat compreendeu logo, razão por que disse ao ministro que a esse preço jamais aceitaria a autorização.[579] "É na verdade que nosso Instituto visa a proporcionar os benefícios do ensino primário às crianças das pequenas comunas e a maioria de nossas escolas serão fundadas nessas localidades. Mesmo assim, tanto para centralizar nossos estabelecimentos, quanto para angariarmos recursos, precisamos fundar escolas em municípios mais importantes. No que diz respeito aos Irmãos das Escolas Cristãs, o raciocínio não tem base, uma vez que eles não ocupam nem a décima parte dos municípios do reino e só podem aceitar escolas gratuitas." Apesar da sensatez e do realismo de tais argumentos, o ministro[580] persistiu em exigir uma declaração do Superior Geral dos Lassalistas. Esse documento foi solicitado pelo próprio Pe. Champagnat, mas, contrariando suas esperanças a declaração perdeu a favor do ministro.[581]

O Sr. de Salvandy, entretanto, percebendo claramente que as duas congregações, longe de se prejudicarem, não teriam número suficiente de professores religiosos para atender às populações[582] que os solicitavam, imaginou outro tipo de dificuldade. Supondo, com razão, que o piedoso Fundador tinha apreço pelos estatutos de sua Congregação e jamais consentiria em abandoná-los, observou-lh:

- Se o senhor adotasse os estatutos de uma sociedade religiosa já aprovada, seria bem mais fácil dar-lhes a autorização.

- Nossos estatutos, replicou-lhe o Pe. Champagnat, não podem ser obstáculo à autorização, uma vez que foram aprovados pelo Con-

---

[579] De fato, a maior parte das escolas do Instituto estavam localizadas em município de mais de 1.800 habitantes.

[580] O ministro Salvandy mandou elaborar um projeto para os lugares de 1.000 habitantes (RLF, p. 213).

[581] O Ir. Anacleto, Superior Geral dos I.E.C., no final da carta ao Pe. Champagnat, dizia: "Faço os mais sinceros votos de êxito para sua obra, tão útil para as pequenas comunas" (AA, p. 252 e RLF, p. 181).
O Pe. Champagnat pensava, sobretudo, nas comunas rurais pobres e mal-atendidas". As duas primeiras escolas de La Valla e Marlhes estavam em localidades que ultrapassavam 2.000 habitantes.

[582] Na Carta a Mons. Pompallier, de 17 de maio de 1838, o Pe. Champagnat fala de 38 ou 39 estabelecimentos e de 70 pedidos (LPC 1, doc. 194, p. 392).

selho Real da Instrução Pública.

Ignorando esse pormenor, o ministro não soube o que responder e, como que exasperado, disse que não poderia ir adiante, antes de consultar os Conselhos Gerais dos departamentos de Loire e Rhône. Equivalia a dizer que não queria conceder nada, pois, tendo ele total influência sobre os membros desses Conselhos, os pareceres seriam sempre de acordo com o que ele desejava. Entretanto. O de Rhône foi contra, [583] e isso bastou para o ministro indeferir o pedido.

O Pe. Champagnat decidiu, pois, sair de Paris, a contragosto, sem nada ter conseguido. Antes de partir, escrevia: [584] "Com certeza, desejam saber em que situação se encontram nossas diligências. Pois bem, eu mesmo não sei quase nada, ou melhor, sei tudo: isto é, antes eu andava desconfiado, hoje tenho certeza: não querem nos conceder nada. Estou muito triste, mas não desanimado. Tenho sempre confiança ilimitada em Jesus e Maria. Cedo ou tarde obteremos nossa autorização, não tenho dúvida. Só não serei quando. Agora, o importante é fazer, de nossa parte, o que Deus quer, isto é, fazer o nosso possível, e depois esperar tranqüilos, deixando a Providência agir. Deus sabe melhor do que nós aquilo que nos convém. Tenho certeza de que um pouco de espera não nos será prejudicial".

No leito de morte o piedoso Fundador falaria aos Irmãos: "Deus resolveu na me dar a alegria de ver o Instituto legalizado, pois eu não merecia tal favor. Mas garanto-lhes que a autorização nos Serpa concedida quando se fizer absolutamente necessária". Não podemos deixar de considerar tais palavras com autêntica profecia: tudo aconteceu como ele predissera. A recusa da autorização, longe de ser um mal para o Instituto, constituiu-se num grande bem, porque, se a autorização tivesse sido concedida naquela ocasião, não teria sido total e irrestrita, como foi mais tarde. Quanto a época de sua concessão, aconteceu no momento preciso em que o Instituto não podia mais continuar a viver sem ela, devido às disposições da lei de 1850 sobre o ensino.[585]

---

[583] O prefeito de Rhône não estava disposto a reconhecer de utilidade pública um Instituto que dirigia apenas quatro escolas no seu departamento.

[584] LPC 1, doc. 197, p. 400, linhas 18-28; breves retoques do Ir. João Batista.

[585] De fato, essa lei (Lei Falloux de 15 de março de 1850), que se imaginava mais

Relatemos agora, brevemente, a maneira de viver do Pe. Champagnat em Paris. Durante sua permanência na capital,[586] hospedou-se no seminário das Missões Estrangeiras, onde sentia, onde se sentia muito bem por causa da regularidade e do bom espírito reinantes naquela piedosa comunidade: "Estou profundamente edificado,[587] escrevia ele a um Irmão, com os exemplos que vejo e a solicitude generosa daqueles que se destinam às missões estrangeiras. Quanta caridade solícita entre eles! São alegres, sem leviandade, nem dissipação. Tudo quanto lhes retarda a partida os inquieta, mas não os desanima". Se o bom Padre se edificava com a piedade e os exemplos de virtudes dos piedosos sacerdotes com os quais vivia, este não lhe admiravam menos a vida exemplar. Para todos era modelo de regularidade, piedade, humildade, modéstia, caridade e mortificação. Submeteu-se ao regulamento do seminário, tanto quanto lhe permitiam suas idas e vindas. Levantava sempre com a comunidade, participava da meditação, da leitura espiritual, do terço e de todos os exercícios de piedade.

Após seis meses de estrada em Paris, conhecia tão pouco dos monumentos e curiosidades da grande cidade, como se nunca tivesse estado lá! Disse numa carta: Muitas vezes alguém vem propor-me uma visita a essa ou àquela a essa ou aquela curiosidade da capital.

Não posso aceitar, só me dá prazer, só me atrai o que puder favorecer o êxito da minha missão: é só o que eu peço, depois vontade de Deus".[588] Suas visitas limitaram-se aos ministros e a outras pessoas interessadas no processo, não realizando nenhuma outra, exceto a alguma igreja de sua devoção, como as de Nossa Senhora das Vitórias [589]e Nossa Senhora da Boa Esperança,[590] onde rezara S. Francisco de

---

favorável à educação religiosa, era, afinal, mais embaraçosa para as congregações não-autorizadas do que a lei Guizot; em particular para formas comunidades dependentes de um superior religioso (CSG II, p. 432).

[586] Em 1838 teve duas estadas em Paris: de janeiro a fim de abri e de maio a fins de junho.

[587] Carta ao Ir. Antonio, de 24 de março de 1838 (LPC 1, doc. 183, p. 373, linhas 39-44), texto ligeiramente modificado.

[588] Carta ao Ir. Francisco (LPC 1, doc. 182, p. 370, linhas 15-18). Texto modificado.

[589] O vigário Desgenettes, em 1836, teve a inspiração de consagrar sua paróquia ao Coração Imaculado de Maria e, depois, a de fundar a arqui-confraria de Nossa Senhora das Vitórias, a qual os Irmãos Maristas se filiaram em 28 de outubro de 1839.

[590] Cf. LPC 1, doc. 196, linha 45, p. 398. A oração de São Francisco de Sales a Nos-

Sales. Só a glória de Deus e os interesses do Instituto tomavam seu tempo. Dispondo de alguns momentos livres, ia para a escola de surdos-mudos,[591] no intuito de aprender o método didático utilizado pela escola, a fim de transmiti-lo depois aos Irmãos. Aludindo a essa organização, dizia: "Irei lá sempre que puder, pois o essencial é que não perca meu tempo em Paris, aproveitando-o em favor dessas pobres crianças, desfavorecidas pela natureza, mas que não deixam de ser amadas por Jesus Cristo, pelas quais ele verteu todo sangue".[592] NO seminário das Missões Estrangeiras, o piedoso Fundador era considerado um santo. O Pe. Dubois, [593]superior da casa, homem de grandes méritos e muita virtude, dizia a um Irmão virtuoso que eu conheço. Quanto sofrimento suportou! Quantas viagens fez para obter a autorização de sua comunidade! Não conseguiu, o que aumenta seus méritos. Jamais testemunhei humildade, mortificação, resignação à vontade de Deus que se equiparasse à sua. Nossos jovens sacerdotes disputavam-se a ventura de ajudar-lhe a missa, tanto sua piedade os encantava e edificava".

Ao deixar Paris, o Pe. Champagnat dirigiu-se a Saint-Pol-em-Artois,[594] para tratar, com as autoridades, da fundação de uma escola. Essa fundação fora apadrinhada pelo ministro da Instrução Pública, [595]na mesma hora em que dizia que só havia de legalizar o Instituto

---

sa Senhora da Boa Esperança foi realizada durante mais de século em l'Hermitage, durante a visita ao Santíssimo Sacramento antes da refeição do meio-dia. O Pe. Champagnat rezava-a com fervor comunicativo (MEM, p. 97).

[591] Tinham solicitado ao Pe. Champagnat que cuidasse da educação dos surdos-mudos de Saint-Etienne; mas a cidade optou pelos Irmãos das Escolas Cristãs (LPC 1, doc. 321, p. 588). O Ir. Marie Jubin acompanhou-o na viagem a Paris, em janeiro de 1838, para aprender o método de ensino dos surdos-mudos (LPC 1, doc. 183, p. 374). Aliás, o Pe. Champagnat manteve relações epistolares com o barão de Gérando que publicara, em 1824, um livro sobre os surdos-mudos (LPC 2, p. 249-251).

[592] Carta ao Ir. Francisco (LPC 2, 1, doc. 176, p. 357 e doc. 196, p. 398) e ao Ir. Antônio (LPC 1, doc. 183, p. 374).

[593] LPC 2, P. 200.

[594] Tratava-se de uma subprefeitura, situada a 700km de l'Hermitage. O Pe. Champagnat, depois do pedido do ministro (LPC 1, p. 395), esteve no local (LPC 1, doc. 197, p. 400). O Ir. João Batista, primeiro diretor desta fundação, saiu-se muito bem (cf. O diário *L'ami de la Religion,* nº 103, p. 377).

[595] Mais precisamente pelo Sr. Delebecque, chefe de Gabinete de Salvandy, deputado de Pás-de-Calais, donde era originário (LPC 1, doc. 221, p. 436 e LPC 2, p. 169-

para as pequenas povoações. Para pilhá-lo em flagrante contradição, o Pe. Champagnat aceitou o pedido[596] com facilidade. Com isso queria demonstrar que os Irmãozinhos de Maria, longe de prejudicar os Irmãos das Escolas Cristãs, limitavam-se a substituí-los aonde eles não pudessem ir. De fato, as autoridades da cidade de Saint-Pol haviam primeiro apelado para os Lassalistas. Fora-lhes respondido que os pedidos anteriores ao deles, era tão numeroso, que, antes de dez anos, não seria possível atendê-los. Essa escola foi fundada alguns meses mais tarde,[597] assim como a de Roches-de-Condrieu no Isère e a de Yzieux[598] no Loire.

Desde sua enfermidade de 1825, nunca mais o Pe. Champagnat se restabeleceu completamente. Durante vários anos sofreu de uma pleurodinia que lhe causava dores agudas todas as vezes que fazia um trabalho penoso ou era obrigado a andar algum tempo. A esse incômodo somou-se, mais tarde, uma fraqueza de estômago que, em pouco tempo, degenerou em gastrite bem caracterizada, resultado, sem dúvida, das privações diárias e dos jejuns prolongados do bom Padre. Já observamos que, em suas freqüentes viagens não poucas vezes passava dias inteiros sem nada comer. Outras vezes, animados pelo espírito de penitência e mortificação, escolhia os alimentos mais comuns e o que havia de menos gostoso na mesa. Esse gênero de vida acabou gerando nele uma gastrite crônica, sem esperança de cura. Antes da viagem a Paris, já repetiam os vômitos e ele não suportava mais certos alimentos. Pior ainda, qualquer espécie de comida o enfastiava. O es-

---

170).

596 A cidade tinha por volta de 3.800 habitantes (LPC 2. p. 615).

597 "Abriu-se a escola no dia 14 de novembro (LPC 2, p. docs. 221 e 222, p. 436-440), com 30 aluno (LPC 2, P. 615 E CSG III, p. 526-527). No fim do ano escola, a distribuição dos prêmios realizou-se em cerimônia solene. Os alunos dissertaram sobre diferentes temas referentes a todas as partes do ensino primário: gramática, geometria, sistema métrico, geografia, esfera e desenho linear. Trataram seus temas com tanta desenvoltura e facilidade que causaram assombro ao numeroso auditório" (Diário *L'ami de la Religion,* nº 103, p. 377) citado em RLF, p. 178. Ver também LPC 1, doc. 221, p. 436. O Pe. Champagnat parte para Saint-Pol, em 24 de junho de 1838. Aproveitará para peregrinar a Amettes, lugar de nascimento de S. Bento Labre. É um detalhe que o Ir. Luís ampliará, muito tempo depois, na circular de 15 de dezembro de 1862.

598 Hoje: Izieux, a mais próxima de l'Hermitage.

tômago estava cheio de mucosidade esbranquiçada expelida em expectoração e vômito quase contínuos. A extenuantes correria na capital e os dissabores de toda sorte que suportou acabaram arruinando-lhe a constituição física, minando-lhe as poucas forças que ainda lhe sobraram. Assim, ao voltar de Paris, sentiu logo que não iria longe.

O Pe. Colin foi o primeiro a preocupar-se com a moléstia do Pe. Champagnat. Julgou, com razão, que, para tranqüilizar os Irmãos e prevenir qualquer sobressalto, era preciso providenciar-lhe um sucessor mediante eleição entre os Irmãos, antes do seu desaparecimento. Fazia tempo que a eminente sabedoria, o profundo bom senso e a longa experiência do Pe. Colin lhe fazia prever dificuldades intransponíveis se tivesse que submeter Padres e Irmãos a uma mesma Regra, a um só governo e a um só superior. Primeiramente, a finalidade, a formação, as funções, não sendo idênticas, exigiam regulamentos e estilos de vida diferentes. Depois a administração e a direção de cada ramo era mais que suficiente para ocupar uma pessoa. Finalmente não ignorava que a direção prudente dos Irmãos exigiria a adoção do seu espírito, a estima e simpatia deles, bem como a experiência das escolas, o conhecimento dos membros e da Regra do Instituto, coisa impossível a uma só pessoa – muito embora dotada de insigne virtude e competência -, se não houvesse convivido com os Irmãos e praticado seu gênero de vida.

Embora admitisse que os dois ramos devessem manter certo vínculo de comunhão, no propósito de se entreajudar, amparar mutuamente e conservar os traços de semelhança, assim como os sentimentos de família, herdados da origem comum, julgava, contudo, imprescindível, para o bem de todos, que cada ramo tivesse independentes suas próprias normas, governo e superior. A Igreja confirmou mais tarde integralmente esses pontos de vista. O Pe. Champagnat, entretanto, tinha batalhado a vida inteira por uma sociedade única, e julgava a ser a união uma garantia de preservação do espírito religioso dos Irmãos. Por isso, nesse ponto não iria aceitar facilmente o parecer do Pe. Colin. Embora cedesse de boa mente aos desejos dele quanto à eleição do Irmão que devia suceder-lhe, até morrer, como lemos no seu Testamento Espiritual, manteve a esperança de que os Irmãos permanecessem, de certa forma, na dependência do Superior Geral dos Padres Maristas.

O Pe. Colin, graças à sua posição em melhores condições para perceber as desvantagens da fusão das duas sociedades e não perdia ocasião de lhe ressaltar os riscos que tal ordem de coisas suscitaria para ambos. Para mostrar-lhe que não devia contar com os Padres para a direção dos Irmãos, escrevia-lhe: "Receio muitíssimo o vazio que vai deixar, se o Senhor o chamar a si. Essa apreensão inspira-me a idéia de confiar o ramo dos Irmãos ao arcebispo de Lião. A meu ver seria de vantagem para eles. Comunique esta idéia aos Irmãos de maior liderança e rezem todos para que Deus os ilumine nessa importante questão".[599] O Pe. Champagnat nunca sonhara estabelecer uma obra diocesana. Pelo contrário, a cada passo tinha afirmado que sua Congregação trabalhando em todas as dioceses.[600] Não precisou, pois, refletir muito para rejeitar a proposta. Queria que os Irmãos tivessem por superior o Padre Geral dos Maristas. Caso fosse impossível, aceitava que um Irmão[601] fosse o superior deles.

O Pe.Colin, no entanto vendo que as forças físicas do Pe. Champagnat minguava dia a dia, foi pessoalmente encontrar-se com o Sr. Arcebispo. Informou-o do estado do bom Padre e pediu que concedesse poderes para se realizar uma eleição entre os Irmãos, a fim de escolher seu sucessor. O prelado incumbiu o Próprio Pe. Colin de fazer essa eleição. Dirigiu-se, pois, para 1'Hermitage. Por ocasião do retiro anual. Depois de explicar ao Pe. Champagnat a urgência dessa medida para o bem de sua comunidade e para sua tranqüilidade, marcou a eleição para o fim do retiro.

---

[599] Em 1833, D. de Pins nomeara o Pe. Cholleton como responsável pela Sociedade de Maria na diocese de Lião, para grande satisfação do Pe. Colin (EME, doc. 115 [3], p. 239). Sem dúvida o Pe. Colin esperava que o bispado nomeasse o Pe. Cholleton para exercer a mesma função, em relação aos Irmãos Maristas. Entretanto, o Pe. Champagnat temia que tal medida tornasse diocesano o seu Instituto. Em 1840, O Pe. Cholleton recusou o canonicato oferecido por D. Bonald e ingressou no noviciado dos Padres Maristas (LPC 2, p. 135).

[600] "Todas as dioceses entram em nosso planos" (LPC 1, doc. 93 p. 210 e doc. 112, p. 238).

[601] O Ir. Francisco, tendo sido eleito Diretor geral e embora tivesse todas as responsabilidades do ramo dos Irmãos, continuará submetendo seus projetos ao Pe. Cholleton e pedindo seus pareceres (CSG I, p. 338-340). Observa-se, também, que, em 1840, o Pe. Cholleton preside o encerramento do retiro e recebe os votos dos Irmãos (Chronologie de 1976, p. 90, citado AFM, AA, manuscrito, p. 231).

Na véspera, o Pe. Colin reuniu todos os Irmãos na sala da comunidade. Após uma instrução de circunstância, dedicou-lhes a ordem da cerimônia. Em seguida, determinou o seguinte, de acordo[602] com o Pe. Champagnat e os Irmãos professos:

1. o superior a ser eleito seria escolhido entre os Irmãos professos. Somente eles teriam voz ativa e passiva;

2. quem fosse eleito não poderia apresentar nenhuma alegação, submetendo-se à vontade divina manifestada no sufrágio dos coirmãos;

3. cada eleitor indicaria, na cédula da eleição, os três Irmãos que diante de Deus julgasse mais capacitados a exercer o cargo de Superior Geral;

4. dos três Irmãos mais votados, um seria nomeado Superior Geral dos Irmãos pelo Superior Geral dos Padres Maristas, assessorado por seu Conselho; os dois outros seriam, de direito, seus Assistentes e Conselheiros;

5. o Irmão Superior Geral seria vitalício;[603] mas poderia ser deposto nos casos previstos nas Constituições;

6. caso ficasse provado que alguém, direta ou indiretamente, houvesse pedido sufrágio para si ou para os outros ou tivesse feito conluio de qualquer forma, ficaria *ipso facto* impedido de voltar e ser votado.

Finalmente recomendou aos Irmãos que implorassem as luzes do Espírito Santo e a proteção de Maria, com fervorosa preces, para discernirem a vontade divina nesta escolha memorável, afastando qualquer consideração humana, espírito próprio e qualquer idéias de ambição e de conluio.

A cerimônia da eleição começou pelo canto do *Veni Creator* e a celebração da missa do Espírito Santo, com a participação de toda comunidade. Terminada a Eucaristia, o Pe. Colin dirigiu curta, porém patética, alocução aos Irmãos, conclamando-os novamente a fazerem

---

[602] O Ir. Avit apresenta um relatório mais completo desta eleição (AA, p. 285-292).
[603] Na realidade, o Ir. Francisco pedirá demissão, por razões de saúde, no Capítulo Geral de 1860.

uma boa escolha. Terminou com o coração dos Apóstolos: *Senhor, vós que conheceis os corações de todos, daí a conhecer aquele que escolhestes* (At 1,24).

Após a exortação, os Irmãos professores, em número de noventa e dois, dirigiram-se para a sala capitular. Depois de meia hora de meditação, cada um escreveu numa cédula os nomes dos três Irmãos que julgava mais aptos a governar o Instituto. Após todos preencherem a cédula, o Pe. Champagnat recolheu-as numa urna. Em seguida os escrutinadores fizeram a apuração. O resultado foi o seguinte: oitenta e sete votos para o Ir. Francisco; setenta para o Ir. Luís Maria e cinqüenta e sete para o Ir. João Batista. O Pe. Colin retirou-se e, após curta deliberação, em conselho com o Pe. Champagnat e os demais Padres voltaram à sala capitular e proclamou, na presença de toda a comunidade, o Ir. Francisco, Superior Geral[604] dos Irmãos; Luís Maria e João Batista, Assistente. Em seguida, todos os Irmãos apressaram-se em reconhecer o Ir. Francisco como Superior e nesta qualidade apresentaram-lhe seus respeitos e submissão. A cerimônia encerrou-se com o canto do Magnificat e a missa de ação de graças, na qual todos os Irmãos comungaram. A eleição realizou-se em 12 de outubro de 1839. Veio em boa hora e deve ser considerada como efeito da proteção divina sobre o Instituto, pois, alguns meses mais tarde, o piedoso Fundador, maduro para o céu, adormecia no Senhor.

[604] A eleição deu ao Ir. Francisco o título de Diretor Geral, como afirma o Ir. Avit (AA, p. 286). E o Ir. Francisco assina assim: O Diretor Geral, Ir. Francisco. Por ocasião da 3ª sessão do Capítulo Geral de 1854, ficou decidido que "o chefe do Instituto teria desde então o título de Reverendo Irmãos Superior Geral" (AA, AFM, manuscrito, p. 2703, tendo o Pe. Colin renunciado definitivamente a seu título relacionado com o ramo dos Irmãos.

CAPÍTULO VINTE E UM

Fundação do noviciado de Vauban. Agrava-se a doença do Pe. Champagnat. O piedoso Fundador põe ordem nos negócios temporais do Instituto. Faz confissão geral. Recebe o sagrado viático. Exortação feita aos Irmãos na circunstância. Várias censuras que faz a si mesmo.

Embora o Pe. Champagnat sentisse as forças diminuírem e a doença se agravar dia a dia, não conseguia poupar-se nem descansar. Assim, alguns dias depois de encerrar o retiro dos Irmãos foi para La Cote-Saint-André, com outro padre, para pregar um retiro aos alunos internos.[605] Achava-se tão debilitado, enfermo e extenuado, que inspirava compaixão. O ar de bondade, piedade e santidade que transparecia em seu semblante impressionou de tal maneira os alunos, que a maioria quis confessar-se com ele. Não se cansava de olhá-lo, Admirável, diziam entre si: "Este padre é um santo". As instruções e os conselhos do bom padre produziram copiosos frutos de salvação, e sua lembrança gravou-se por muito tempo no espírito de muitos, como um bálsamo de piedade e virtude.

Após o retiro de La Cote-Saint-André, o piedoso Fundador viajou para Autun.[606] D. Bénigne de Trousset d'Héricourt,[607] bispo diocesano, havendo adquirido o castelo de Vauban,[608] com o fim de nele instalar um noviciado de Irmãos professores e, querendo confiar esta obra ao Instituto dos Irmãozinhos de Maria[609] pediu ao Pe. Champagnat que fosse ter com ele, para tratar da questão.[610] O bispo cedeu ao

---

[605] "Em novembro de 1839, o bom Pe. Champagnat, embora muito cansado, veio pregar retiro aos alunos, com o Pe. Chaves... Como de costume, fizera esta viagem a pé, por espírito de pobreza e de mortificação" (Anais de la Cote-Saint-André, AFM 214:43, p.12).

[606] LPC 2, p. 534.

[607] LPC 2, p. 501-503.

[608] LPC 2, p. 641-642.

[609] Cartas do Pe. Champagnat ao Sr Bispo, antes da abertura do noviciado (LPC 1, docs. 208, 240, 258, 268).

[610] Uma carta de D. de Marguerye, sucessor de D. d'Héricourt, afima que os convênios existiam nos arquivos do bispado, em 1855 (Anais de Vauban, AFM 212.54, p. 3).

Instituto a casa de Vauban [611]e tidas as dependências, com a cláusula única de nela estabelecer o noviciado e fundar escolas nas paróquias da diocese. Essa supriria os Irmãos do necessário, de acordo com a Regra. O venerando prelado ficou tão edificado com a humildade, a modéstia e a simplicidade de Champagnat, tão satisfeito com seus diálogos, sua personalidade e todo seu modo de ser que, após assinar a ata da doação da propriedade de Vauban, abraçou-o com ternura exclamando: "Graças a Deus, agora sou totalmente Marista".

Um mês depois, o Padre retornou a Vauban, com alguns Irmãos para tomar posse e começar o noviciado. A inauguração deu-se em 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição. Por força da circunstância e pela devoção especial que o Pe. Champagnat consagrava ao glorioso privilégio da Mãe de Deus, o noviciado foi colocado sob o patrocínio de Maria Imaculada.

Foi a última fundação do santo Fundador. Sob certos aspectos, era muito diferente da primeira. Foi o que ele, num misto de temor e gratidão, expressou ao Irmão que o acompanhava: "Meu Irmão,[612] como esta casa é diferente do casebre que nos serviu de berço em Lavalla! Veja se não é verdade que o cêntuplo é dado aos que seguem a Jesus! [613]Deixamos ninharias e Deus nos dá castelos. Mas há algo que devemos temer. Não será perigoso que, morando numa casa dessas, o espírito de humildade, modéstia e pobreza venha a se enfraquecer? Isso me causa receio e inquietação; o que me tranqüiliza é que não desejamos esta casa e nada fizemos para tê-la. O senhor bispo quase nos forçou a aceitá-la".

Em seguida, percorrendo-a com o Ir. Diretor,[614] mandou retirar todos os objetos de luxo, tudo o que pudesse ferir o espírito de pobreza. Após visitar todos os aposentos, dirigiram-se aos paióis, aos celeiros e aos estábulos. Lançando um olhar sobre tudo aquilo, exclamou: "Irmãos, isso sim que seria bom para a gente. Aqui teríamos uma casa

---

[611] Vauban torna-se noviciado de uma Província que será mais tarde, em 1876, a Província de Bourbonnais (AA, AFM, manuscrito, p. 705).

[612] "Achando-se, então, muito cansado, o bom Padre fez-se acompanhar pelo Ir. Estanislau e foi instalar os Irmãos Cassiano, Paulino e Teófilo em Vauban" (Anais de Vauban, AFM 212.54, P.4).

[613] Mt 19,29.

[614] Ir. Cassiano (AA, p. 312).

modesta, de acordo com nossa vocação". Voltando-se para o Irmão Diretor, acrescentou: "Lembre-se, Irmão, de que somos filhos de Belém, Irmãozinhos de Maria. Conserve cuidadosamente em si próprios e empenhe-se por inspirar aos noviços os sentimentos de Jesus e Maria na gruta de Belém e na pobre casa de Nazaré".[615]

Tantas viagens causaram muitos sofrimentos ao Pe. Champagnat. Acabaram por debilitar-se as forças, tirando-lhe o resto de saúde que ainda sobrava. Nem podia ser diferente, de vez que passava em jejum quase dias inteiros. O estômago não suportava mais nenhuma espécie de alimento. "Cuidem-se bem, alimentem-se bem, recomendava aos que estavam com ele. Sem isso não podem conservar a saúde, nem trabalhar com entusiasmo para o reino de Deus. Quanto a mim, parece que estou de mal com a comida, pois em vez de me ajudar e dar-me energias, ela me cansa e me pesa com pedra. Já não posso tomar nem ver comida. É sinal que estou no fim". Sofreu muito durante todo o inverno. Tomava apenas alguns caldos, um pouco de leite e outros alimentos bem leves que conseguia ingerir em doses diminutas. Mesmo assim freqüentemente os vomitava.

Apesar dos sofrimentos, não se eximiu de seguir o regulamento da casa. Assim, continuou a levantar-se com os Irmãos às quatro horas, celebrar a missa da comunidade, ir ao refeitório para as refeições, embora o mais das vezes não comesse nada, participar dos recreios e ir com os Irmãos para o trabalho. Todo seu prazer, toda sua alegria era ficar com os Irmãos, rezar com eles, trabalhar com eles e estar com a comunidade. Pouco antes de ficar acamado, foi ter com os operários da pedreira,[616] apesar de quase nem poder andar. Lançando mão das ferramentas, com sua energia habitual, pôs-se a trabalhar até que lhe caíssem das mãos. Irmãos e operários que testemunharam o fato e que lhe haviam pedido que deixasse de trabalhar esse contentasse em fazer-lhes companhia ficaram comovidos até as lágrimas, e um dele, tomando-o pelo braço, sustentou-o e ajudou a voltar para casa. A partir desse dia não mais retornou ao trabalho e deu apenas raras e

[615] Em 1855, o noviciado de Vauban foi fechado e substituído pelo de Hautefort (BI XXI, p. 392 e CSG VII, p. 278 e XIII, p. 458-459).
[616] Alusão provável aos operários que lascavam o rochedo (LPC 1, doc. 172, p. 344). "Não precisa mandar vir outros operários para o rochedo" (LPC 1, doc. 174, p. 351).

curtas saídas.

Na quarta feira de Cinzas,[617] acometeu-o violenta crise renal que não o deixou até a morte. As dores tornavam-se tão agudas quando deitado, que mal podia ficar na cama. Durante o inverno, às vezes inchavam-lhe as pernas. Agora a inchação aumentou muito e não o deixou mais. Sempre calmo e alegre, muito conformado com a vontade divina, via, sem se apavorar nem se entristecer, a dor e o enfraquecimento invadirem-lhe os membros. Certo dia, olhando par ao Irmãos [618]que lhe massageava as pernas para diminuir a inchação, disse-lhe sorrindo: "Quantas vezes, após minha morte, vai contar que me massageou as penas! Sou-lhe muitíssimo grato por esse ato de caridade. Sei que não é nada agradável friccionar os membros de um cadáver, sobretudo de um pecador". As dores renais e a inflamação das penas não lhe impediram, porém, de acompanhar, quanto possível, os atos comunitários.

Com muito fervor celebrou o mês de S. José, para obter a graça de uma boa morte. Todos os dias rezava a ladainha do santo esposo de Maria. Quando não conseguia mais rezá-la sozinho, nos últimos dias, quis que um Irmão a rezasse junta à sua cama. No dia da festa deste grande santo, após a bênção do Santíssimo, declarou que a dava pela última vez em tal data.

Desde então teve pressentimento de sua morte próxima. abandonou qualquer trabalho, por excelente que fosse, e quis apenas ocupar-se com aquilo que pudesse garantir-lh uma santa morte. Pôs em ordem os negócios temporais da casa, tomando todas as medidas necessárias para garantir aos Irmãos o uso pacífico das propriedades da Congregação, que até então estavam no nome dele.

Para não se enganar em questão de tamanha relevância, chamou um tabelião[619] e outras pessoas aptas a orientá-lo e apontar-lhe os meios mais seguros de transmissão. Após examinar detidamente o problema e discuti-lo com os Irmãos mais qualificados, decidiu transferir os bens do Instituto aos Irmãos conselheiros, mediante contrato

---

[617] 4 de março de 1840.

[618] Provavelmente o Ir. Jerônimo (LPC 2, p. 305).

[619] O Sr. Viennot, tabelião, que se tornará Padre Marista e legalizará todos os problemas de sucessão dos padres com D. de Pins (OM 4, p. 359-360).

de sociedade, celebrado na presença do escrivão.[620] Redigiu, também, um testamento, através do qual instituía seus herdeiros universais os próprios Irmãos.

Pouco depois de tomadas essas providências, o Pe. Maîtrepierre[621] veio visitá-lo. O Pe. Champagnat convidou-o a permanecer alguns dia em sua companhia, para ajudá-lo a preparar sua confissão geral. Ele a fez com efeito, com profundo sentimento de pesar e arrependimento. Sua consciência delicada apontava-lhe manchas até nas ações mais santas. Chegava a considerar defeito ou imperfeição aquilo que uma virtude menos exigente tomaria como coisa boa ou indiferente. O temor do julgamento de Deus vinha, às vezes, perturba-lhe a serenidade de espírito. Mas a profunda confiança que depositava nos méritos de nosso divino Salvador acalmava, de imediato, seus receios e o fazia voltar à tranqüilidade habitual.

Na quinta-feira quis rezar a missa em Grange-Payre.[622] Como procurassem dissuadi-lo, replicou: "Deixem-me ir. É a última vez que vou lá. Se demorar mais tempo, não poderei despedir-me daqueles santos Irmãos e dos seus alunos". Foi o cavalo e, depois de celebrar missa, pediu para falar aos internos: "Meus filhos: Deus lhes concedeu grande favor dando-lhes mestres piedosos, virtuosos que continuamente lhes dão bons exemplos e os instruem com segurança nas verdades da religião. Aproveitem os seus ensinamentos, sigam os conselhos que lhes dão e imitem seus bons exemplos. Lembrem-se amiúde de que Cristo os amou muito, morreu por vocês e lhes prepara a felicidade eterno no céu. Não esqueçam que o pecado é o maior de todos os males e pode fazer-lhes perder esta felicidade. Temam o pecado: considerem-no seu grande inimigo e peçam diariamente a Deus que não cometam nenhum. Conseguirão esta graça e haverão de salvar suas almas se tiverem verdadeira devoção à Santíssima Virgem e se rezarem diariamente o *Lembrai-vos,* ou qualquer outra oração para se co-

---

[620] Em 23 de março de 1840, perante "Maître" Jean-François-Noël Mioche, tabelião de Saint-Chamond (AFM, *Testamento de M. Champagnat*, 136.2).

[621] em 1839, o Pe. Maîtrepierre estabeleceu-se em Puylatam, Lião para ajudar o Pe. Colin no trabalho administrativo costumeiro (OM 3, p. 429-430).

[622] A partir de 1834, a Grange-Payre transformara-se em pré-noviciado; recebia os aspirantes que ainda eram muito crianças para ingressarem no noviciado de 1'Hermitage (LPC 1, doc. 132 [30],p. 267).

locarem sob sua proteção. Sim, meus filhos, se confiarem plenamente em Maria, ela lhes obterá a graça de entrar no céu, eu lhes garanto". Ao retornar a 1'Hermitage, disse: "Vi Grange-Payre pela derradeira vez. Estou contente por ter feito essa visita. Foi para mim real consolação ver essas criancinhas e pedir-lhes fossem sempre bem-comportadas".

Na véspera do mês de maio, embora estivesse muito fraco, e sofrendo muito, quis pessoalmente presidir a abertura dos exercícios do mês de Maria e celebrar a bênção do Ssmo. Sacramento. Mas cansou tanto e sentiu-se tão mal que, ao voltar para o quarto, exclamou: "Estou no fim; acho que desta vez eu vou". O Ir. Estanislau chegou naquele instante. O bom Padre, vendo-o mais alegre e mais contente que de costume, perguntou-lhe.

- De onde lhe vem esta alegria?

- É que durante os exercícios do mês de maio pense que Maria, comovida com nossas súplicas, haverá de lhe devolver a saúde antes do fim do mês.

- Está enganado, meu Irmão, o fim do mês de Maria Será penosíssimo para mim; grandes sofrimentos me aguardam. Confio, porém, na ajuda da divina Mãe para suportá-los com paciência e resignação.

Assim aconteceu: no final do mês as dores tornaram-se intoleráveis. Porém, graças à proteção de Maria, na qual depositava absoluta confiança, maior foi sua paciência e resignação.

No dia seguinte, um Irmão dos mais antigos veio visitá-lo e, após breve conversa, lhe disse:

- Padre, precisaríamos tanto que Deus o deixasse por mais tempo entre nós! Que será de nós e quem poderá nos dirigir, se o perdermos?[623]

- Meu caro Irmão, não se preocupe com isso! Por ventura Deus não achará gente para realizar sua obra? O Irmão que elegeram para

[623] Fazia seis meses que o Ir. Francisco tinha sido eleito, mas conforme escreve o Ir. Avit: "Embora fosse muito estimado por todos, o Ir. Francisco não possuía o caráter, a iniciativa, a energia e o entusiasmo do Pe. Champagnat" (AA, p. 327).

me suceder fará melhor que eu. A gente é apenas um instrumento, ou melhor, não é nada; Deus é quem faz tudo. Você deveria compreender essa verdade, pois está entre os veteranos e presenciou as origens do Instituto, acaso a Providência não cuidou sempre de nós? Não foi ela que nos congregou e nos fez triunfar de todos os obstáculos? Forneceu-nos recursos para construir esta casa, abençoou nossas escolas e lhes deu prosperidade, embora fôssemos gente sem talento. Em suma, não foi a divina Providência que tudo realizou entre nós? Ora, ela cuidou do Instituto até hoje, porque não cuidaria dele no futuro? Pensa, acaso, que Ela deixará de protegê-lo, por causa de um homem a menos? Desiluda-se, repito, os homens não contam para esta obra. Deus a abençoará, não por causa dos homens que a dirigem, mas por causa da sua infinita bondade e dos desígnios de misericórdia em favor dos meninos e nós confiados.

Falou mais ou menos nos mesmos termos ao Ir. Estanislau que se lamentava e chorava, tanto pela dor de perdê-lo, como pelo receio do prejuízo que seu falecimento causaria ao Instituto. "Coitado do Irmão, disse-lhe um dia. Você não tem muita fé e confiança em Deus! Pensou então, que a prosperidade da casa dependia de mim. Pois olhe, garanto que após minha morte, tudo andará melhor do que até agora. Os progressos da Congregação serão mais rápidos do que nunca. Um dia reconhecerá a verdade do que lhe afirmo e, então, compreenderá que nunca devemos pôr nossa confiança nos homens, mas em Deus que é tudo e faz tudo". Em sua profunda humildade, o piedoso Fundador estava fazendo uma profecia que o Irmão viu cumprir-se integralmente. À morte do Pe. Champagnat, o Instituto compunha-se apenas de quarenta e cinco casas.[624] A morte do Irmão, treze anos depois, já contava com duzentas e cinqüenta. Os Irmãos não eram os únicos a temer que o desaparecimento do Padre viesse paralisar o desenvolvimento de sua obra; todos quantos vinham vê-lo assim pensavam e diziam: "Deus vai restituir-lhe a saúde, porque você é demais responsável à comunidade". "De modo algum, Deus não precisa de mim, respondia. Estou persuadido de que sou mais prejudicial do que útil à minha comunidade, e que ela irá melhor depois de minha morte".

No dia 3 de maio celebrou missa pela última vez. Ele próprio

[624] 48 estabelecimentos, sem contar 1'Hermitage e Oceania (AA, p. 317).

disse, depois da ação de graças: "Acabo de reza minha derradeira missa e gostei que fosse a missa da Santa Cruz.[625] Pela cruz nos veio a salvação e por ela nosso divino Salvador se despediu do mundo". Desde então, suas dores recrudesceram cada dia mais e não lhe deixavam quase nenhum descanso. O sofrimento e a dor que sua doença causava aos Irmãos o penalizavam e o preocupavam mais do que os sofrimentos próprios. A desolação em que os via mergulhados arrancava-lhe lágrimas. Procurou ocultar, o mais que pôde, a gravidade do seu estado. Mas, sentindo as forças diminuírem e, percebendo que a moléstia assumia sintomas de morte próxima, chamou o Ir. Estanislau e lhe disse: "Bem quisera retardar o mais possível o que vou propor-lhe, devido à dor que isto causará a todos. Mas não posso, pois sinto que vou morrer. Desejo ser administrado hoje à tarde. Prepare o necessário, na sala da comunidade, para que todos os Irmãos sejam testemunhas da cerimônia. Que eu possa vê-los reunidos, despedir-me deles e dirigir-lhes algumas palavras de conforto" Se em certos aspectos este ato supremo era motivo de consolo para o coração paternal do bm padre, em outro era-lhe extremamente doloroso, e o pensamento de que veria os Irmãos pela última vez confrangia-lhe o coração.

Às cinco da tarde, reunidos todos os Irmãos e postulantes na sala de exercícios, onde tudo estava preparado para o ritual, o bom Padre entrou revestido de sobrepeliz e estola. Sua aparência e estado de fraqueza e sofrimento impressionaram muitíssimo os Irmãos e provocaram lágrimas. Sentado na poltrona, junto as mãos e recolheu-se profundamente por alguns momentos, dispondo-se a receber os últimos sacramentos. Administraram-lhe, primeiro, a Unção dos enfermos. Recusou que o Irmão lhe tirasse as meias, fazendo-o ele mesmo. Recebeu o sagrado viático com profundo sentimento de humildade, respeito e amor. Terminada a cerimônia, permaneceu alguns minutos como que aborto, adorando e agradecendo a Jesus Cristo, com aquela piedade e fé ardente que lhe eram habituais ao celebrar a santa missa, mas que a circunstância singular tornava mais intensas e mais sensíveis. Levantando o rosto e pousando o olhar sobre os Irmãos, com voz fraca e comovente lhes dirigiu as seguintes palavras em tom patético: "Meus queridos Irmãos, lembrem-se dos novíssimos e não pecarão

[625] Em 1840, no dia 3 de maio celebrava-se a festa da Invenção da Santa Cruz.

jamais.[626] Nesta hora eu compreendo, e vocês também um dia compreenderão, quando estiverem na situação em que me encontro, não é a toa que o Espírito Santo nos garante que, se pensássemos na morte só uma coisa nos pesa: não havendo trabalhado bastante para Deus, para a salvação da alma e para a conquista do céu".

"Meus amigos, estamos aqui reunidos pela última vez. O que lhe recomendo[627] sobretudo, antes de os deixar, é que se amem uns aos outros. [628]Recordem-se que são os Irmãos, que Maria é a Mãe comum, e que são todos destinados à mesma herança que é o céu. Amem-se, pois como Jesus Cristo os ama, como Maria, a Boa Mãe, os ama. Como prova deste amor suportem-se uns aos outros, prestem-se mutuamente serviços, ajudem-se nunca esqueçam que, pela prática da caridade, a vida religiosa será para vocês uma vida tranqüila e um ce na terra. Devem viver tão profundamente unidos, que se possam aplicar-lhe as palavras da Sagrada Escritura: "*Como é bom, como é suave e agradável viver como Irmãos."*[629]

"Após a caridade, a virtude que mais lhes desejo e mais lhes recomendo é a obediência. Não tenho a queixar-me de ninguém a esse respeito. Pelo contrário, folgo em dizer que sempre foram dóceis à minha vontade. Quero que obedeçam ao meu sucessor como obedeceram a mim até agora. Obedecendo, estarão certos de fazer a vontade de Deus. Para o religioso, a obediência é o caminho aberto para o céu. Se não a deixar, chegará certamente ao céu. Como vocês serão felizes na hora da morte e que recompensa estará à sua espera, se puderem dizer de cada um: foi obediente a vida inteira!"

"Meus filhos, como é bom morrer na Sociedade de Maria! Eu lhes confesso que isso constitui hoje minha maior consolação. Sejam, portanto, fiéis à vocação e, para isso, observem a Regra porque a obediência à Regra lhes obterá a perseverança, fará com que honrem os compromissos da vida religiosa e os tornará leves. Amem sua vocação, conservem-na. É por meio dela que Deus quer salvá-los e sua salvação estará garantida se morrerem na Sociedade de Maria. Já vi

---

[626]Sr 7, 36.
[627] No seu Testamento Espiritual o Pe. Champagnat insistirá ainda neste ponto.
[628] Jô 13,34.
[629] Sl 132,1.

morrer muitos Irmãos. Nenhum encontrei que, na hora da morte, se arrependesse de ter abraçado a vida religiosa, de ter perseverado na vocação e de morrer com o hábito de Irmão de Maria". A essas palavras fraquejou-lh a voz, faltara-lhe as forças; não pôde continuar. retomando o fôlego, ainda acrescentou:

'Meus filhos, não posso falar mais. Termino, pois, pedindo perdão a todos, aqui diante de Nosso Senhor, pelos maus exemplos que acaso lhes tenha dado. Não me lembro de ter causado, voluntariamente, desgosto a ninguém. Mas peço sinceramente perdão a todos os que ofendi sem querer.

Os Irmãos ouviram as exortações com a máxima atenção e profundo recolhimento. Comovidos e enternecidos ao extremo, tanto pelas palavras que lhes dirigia, quanto pela situação em que se achava, quando o ouviram pedir perdão, prorromperam em pranto, e sufocados pela dor, caíram de joelhos. Testemunha dessa dolorosa cerimônia, um dos capelães[630] exclamou: "Meus Irmãos, nós é que devemos pedir perdão ao Pe. Champagnat". Tão impressionados estavam os Irmãos e tão desolados, que não lhe deram ouvidos, permanecendo como que aniquilados. O próprio Padre estava profundamente comovido e sensibilizado. Embora se esforçasse para reprimir os sentimentos do coração e sempre tivesse mostrado coragem viril, o tom de voz e as lágrimas que lhe escapavam a contragosto falavam com eloqüência do quanto estava sendo atingindo pela dor de seus Irmãos. Para não prolongar a aflição da comunidade, retirou-se para o quarto e, apesar das fortes dores, permaneceu bastante tempo rezando e entretendo-se com Nosso Senhor.

Era uma segunda-feira, 11 de maio, quando recebeu os sacramentos dos enfermos. Nos dias seguintes aumentaram os sofrimentos. As dores renais manifestaram-se com tanta intensidade, que não conseguia permanecer na cama por mais de duas horas. No mesmo dia em que recebeu o santo viático, começaram uma novena a Sta. Filomena[631] nas suas intenções. Depois da novena, notaram-lhe algumas me-

[630] Eram, então, capelães os padres Matricon e Besson.

[631] Esta santa, personagem devido à importância que lhe deu o Cura d'Ars. Se a nova liturgia não lhe tributa mais culto, é por falta de documentação histórica a seu respeito.

lhoras, que reavivaram as esperanças. A inflamação das mãos e dos pés desapareceu. Também cedeu a dor renal que tanto o martirizara desde quarta-feira de cinzas. O bom Padre pôde deixar o quarto, ir à capela adorar o Santíssimo e à sacristia, para ver uma credencia[632] nova.

- Agora deve estar contente, disse ao Irmão sacristão, pois tem uma credencia bonita e prática para guardar os paramentos.

- Sim, Padre, respondeu o Irmão, mas ficaria muito mais satisfeito se ela pudesse servir ao senhor.

- Não, caro amigo, atalhou o Padre, não é a mim que servirá. Pouco importa, servirá a outros.

De volta a caminha do quarto, viu um Irmão fazendo no muro uma abertura que poderia servir de esconderijo àqueles que gostam de ficar escondidos. Mandou chamar imediatamente o dirigente dos trabalhos e lhe disse: "Recomendo-lhe particularmente ter sob os olhos esse rapaz e aqueles que trabalham com ele. Deve saber sempre onde ele se encontra e o que anda fazendo, e nunca lhe confie Irmãos jovens. A vigilância é essência a uma casa como a nossa, onde há tantos jovens, cuja virtude necessita deste apoio exterior para se manter".

Em outra ocasião, viu Irmãos trabalhando com desmazelo no pomar e disse ao Irmão Diretor: "Zele para que os noviços se ocupem e não desperdicem o tempo, pois a preguiça é dos piores vícios e talvez seja dos que maiores danos causam aos religiosos. Tenho de me penitenciar por não haver exigido o trabalho como maior empenho e ter tratado dos preguiçosos com demasiada indulgência". Sem dúvida, a recriminação carecia de fundamento, pois sabemos quanto ele gostava do trabalho e quanto exigia que todos estivessem ocupados. Entretanto, esse escrúpulo nos mostra, uma vez mais, até que ponto o Pe. Champagnat detestava a preguiça, considerada por ele como o vício mais perigoso para os Irmãos.

A intensidade dos sofrimentos, longe de enfraquecer-lhe a piedade e os sofrimentos religioso, como acontece com muitos em casos de doença prolongada, contribuíram apenas para aumentar seu fervor e o vigor de sua fé. Desejava e pedia que lhe falasse muitas vezes de

[632] Esta credencia encontra-se ainda na sacristia de Notre-Dame-de-1'Hermitage.

Deus. Gostava de sempre ter alguém perto de si, para inspirar-lh sentimentos de amor e confiança a Nosso Senhor, ajudando-o a transformar em oração. Gostava sobretudo de ouvir o Ir. Francisco. Era para ele uma consolação tê-lo ao pé da cama. Em freqüentes colóquios abria-lhe o coração e manifestava-lhe seus desejos e pesares. Sua profunda humildade fazia-o, às vezes, temer por não ter feito tudo quanto Deus queria dele, ou não tê-lo feito com maior perfeição. Então, como o Rei-Profeta, sentia-se penetrado do temor do juízo de Deus. Mas logo seu coração se abria à confiança e à gratidão, quando o Irmão lhe recordava as grandes graças que Deus lhe concedera e o bem que realizara com a fundação do Instituto e que os Irmãos continuariam após sua morte.

Certo dia, o piedoso Fundador angustiava-se relativamente a uma boa obra que outrora lhe haviam proposto. Repreendia-se por não a ter concretizado. Temia dever prestar contas a Deus. Tratava-se de uma colônia agrícola,[633] que se deveria fundar em benefícios de crianças abandonadas ou órfãs. Um generoso paroquiano de Lavalla lhe oferecera, para essa finalidade, a residência e uma vasta propriedade. Outras pessoas se haviam comprometido a contribuir parta semelhante instituição, garantindo os recursos necessários. O Pe. Champagnat manifestara o desejo de encontrar-se com essas pessoas, com o objetivo de examinar a proposta e executá-la. O Ir. Francisco, ao qual comunicou suas inquietações e aspirações, lhe disse: "Padre, o senhor deve tranqüilizar-se e não sentir nenhum pesar por não haver iniciado essa obra mais cedo, uma vez que necessitava de todo tempo para fundar o Instituto, organizá-lo, dirigir e formar os Irmãos. Aliás, como esse projeto de escola agrícola é obra completamente diferente da sua, fez bem não aceitá-la, antes da profunda reflexão, ainda mais quando

[633] A idéia da colônia agrícola nasceu de Villeneuve-Bargemont, homem político, depois cristão social. Achava que muitas terras improdutivas poderiam ser entregues a famílias ou comunidades religiosas, as quais cuidariam de órfãos e os fixariam nos trabalhos agrícolas, para diminuir o êxodo para as cidades. O Pe. Champagnat podia ver, na oferta que lhe era feita no fim da vida, um sinal do Senhor para realizar, de forma diferente da escola e artesanal, aquilo que teve de abandonar em l'Hermitage, por razões morais: o contato com os órfãos era prejudicial aos postulantes. Oferta semelhante já lhe fora feita em outra região (Bresse), mas abortara (OME, doc. 115 e 116, p. 237ss. Também, OM 1, doc. 273, p. 594).

a Congregação necessitava de todas as suas energias, atenções e solicitude. O senhor não poderia ocupar-se com outras coisas, sem comprometer-lhe os progressos e, quem sabe, comprometer-lhe o futuro. Creio, pois, que convém deixar a fundação da colônia de órfãos a outrem, a quem Deus haverá de inspirar e facilitar os meios necessários". Esse raciocínio o acalmou completamente e não mais falou nisso.

Outra inquietação que comunicou ao Ir. Francisco era não ter visitado suficientemente os Irmãos doentes. Aqui novamente,a consciência timorata do bom Padre e seu terno amor aos Irmãos o induziam a inculpar-se imerecidamente. Os doentes sempre foram o alvo predileto de sua contínua solicitude. Nada negligenciava para levar-lhes o alívio possível. Construíra expressamente um pavimento para ter uma enfermaria confortável. Uma farmácia, montada a custo elevado, continha todos os medicamentos necessários, e diversos Irmãos, formados no serviço de enfermagem, lhes prodigalizavam cuidados solícitos e minuciosos. Quando Irmãos adoeciam num estabelecimento, chamava-os ou mandava buscá-los a fim de que recebessem melhor atendimento junto a ele.

Informado, certa vez, da doença de um Irmão que não podia ser transferido à casa-mãe devido à gravidade do mal e ao tipo de infecção, exclamou com lágrimas nos olhos: "Ah! Receio que deixem esse Irmão sofrendo! Gostaria que ele tivesse aqui para eu cuidar dele! Daria tudo para aliviar suas dores". Os Irmãos enfermos estavam sempre no seu pensamento. Visitava-os, recomendava-os às preces da comunidade, providenciava para que fosse assistidos dia e noite. Cercava-os de mil e uma solicitudes. E depois disso tudo, recriminava-se por não ter feito bastante por eles! Assim se tratam e se julgam os santos. S. João, o Esmoler, após distribuir seus bens aos pobres e despojar-se de tudo para socorrê-lo, julgava não ter feito o suficiente pela causa deles. O receio de que Deus o censurasse por haver deixado padecer algum deles impedi-o de dormir.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Testamento Espiritual do Pe. Champagnat. Recomendações a diversos Irmãos. Sente-se consolado com as visitas que recebe. Os sofrimentos lhe aumentam a piedade, o fervor, o amor a Deus. Agonia, falecimento, exèquias.

Apesar dos sofrimentos, o Pe. Champagnat nunca esquecia a presença de Deus e ocupava-se em rezar ou conversava sobre algum assunto de piedade com os Irmãos que vinham visitá-lo ou que o atendiam. Quando precisou acamar-se, mandou colocar à sua frente as imagens de Nosso Senhor, de Nossa Senhora e de S. José, a fim de vê-los, contemplá-los à vontade, alimentar a piedade e o amor a Jesus, Maria e José, cujo auxílio implorava, invocando-lhes os nomes sem cessar. Tendo o Irmão encarregado de providenciar as imagens trazido a de Nossa Senhora com moldura dourada, disse-lhe o Padre: "Padre, nós somos pobres. Esse quadro não fica bem aqui; leve-o de volta à sacristia, donde o tirou e traga outro, mais simples e modesto.

Não satisfeito com repetir muitas jaculatórias, cumpria com exatidão e fervor admiráveis todos os exercícios de piedade. Respondia com clareza ao terço, que se rezava a seu lado quando não dispunha mais de força para rezá-lo sozinho. Acontecia o mesmo com a Ladainha de S. José e outras orações que pedia rezassem nas diversas horas do dia. Mandava que fizessem diariamente a leitura de um capítulo da Imitação de Cristo. Em seguida comentava-o com os Irmãos presentes. Rezou o breviário, enquanto pôde segurá-lo. Certa vez o livro caiu-lhe das mãos. Quis retomá-lo, e foi necessário proibição formal para que deixasse de rezar o ofício divino.

Não durou a pequena melhora havida após a novena a Sta. Filomena. Sofrimentos e vômitos voltaram mais violentos do que antes. Mandou então chamar os irmãos Francisco e Luís Maria, e lhes falou:

- Meus caros Irmãos, considerando que me resta pouco tempo de vida, gostaria muito, antes de morrer, de redigir meu testamento espiritual, isto é, dar meus últimos conselhos aos meus Irmãos. Para eles será uma consolação, além de lhes fazer bem.

- Padre, respondeu-lhe o Ir. Francisco, sem dúvida que os Irmãos ficariam muito contentes e agradecidos; receio, porém, que se

canse demais.

-Mas, de jeito nenhum. E, encarando o Ir. Luís Maria, acrescentou:

-Meu bom Irmão, você vai colocar por escrito meus pensamentos. Ei-los tais como quero exprimi-los e comunicá-los aos Irmãos. Expressou, então, todos os pensamentos, advertências e recomendações que se encontram no Testamento Espiritual e mais ou menos na mesma seqüência repetindo as frases, dando tempo, facilitando deste modo as anotações e o registro fiel de suas idéias e expressões. Terminada a redação, o Irmão voltou e a submeteu à sua apreciação. Após ia leitura, disse: "Realmente são esses os meus pensamentos e o que desejo dizer aos Irmãos: Convoquem-nos todos ao meu quarto e assim que eu tiver recebido a indulgência dos agonizantes, diante de mim você fará a leitura do testamento. Será para mim grande alegria rever esses santos Irmãos e dar-lhes minhas últimas recomendações". Proferiu essas palavras com grande emoção e parecia sumamente comovido e sensibilizado.

Finda a oração da noite, os Padres capelães e os Irmãos entraram no quarto e, de acordo com seus desejo, foi-lhe dada a indulgência *In articulo mortis.* Enquanto o Ir. Francisco lhe segurava a cabeça, o Ir. Luís leu o Testamento Espiritual, redigido nos seguintes termos: [634]*Testamento Espiritual de José Bento Marcelino*[635] *Chmpagnat, Padre, Superior e Fundador da Congregação dos Irmãozinhos de Maria.*

"Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Aqui na presença de Deus, sob os auspícios da Ssma. Virgem e de S. José, queremos deixar conhecida a todos os Irmãos de Maria a expressão de meus últimos e mais caros desejos, recolho todas as minhas forças para redigir, de acordo com o que acredito ser mais conforme à Vontade Divina e mais útil ao bem da Sociedade, meu Testamento Espiritual".

Primeiramente[636] suplico muito humildemente àqueles a quem

---

[634] Ver OME, doc. 153, p. 343ss. O Testamento Espiritual está aguardado nos APM e foi publicado de acordo com o original em OM 1, doc. 417 p. 952ss.

[635] Na certidão de batismo, que também servia de certidão de nascimento, os nomes de batismo encontram-se na seguinte ordem: Marcelino José Bento.

[636] Esse trecho: "Primeiramente... (até)... caros ao meu coração", no texto escrito

eu poderia ter ofendido ou escandalizado de qualquer modo, embora desconheça que tenha voluntariamente ofendido a alguém, queiram perdoar-me em consideração à caridade infinita de Nosso Senhor Jesus Cristo, e unir suas orações às minhas para obter de Deus que Ele se digne esquecer os pecados de minha vida passada e receber minha alma em sua infinita misericórdia. Morro cheio de respeito, de reconhecimento e de submissão ao Superior Geral da Sociedade de Maria e nos sentimentos da mais perfeita união com todos os membros que a compõem, especialmente com todos os Irmãos que o Bom Deus tinha confiado à minha solicitude e que foram sempre tão caros ao meu coração.

"Desejo que uma inteira e perfeita obediência reine sempre entre os Irmãos de Maria; que os súditos encarem nos superiores a pessoa de Jesus Cristo, a eles obedeçam de coração e de espírito, renunciando sempre, se for necessário, à própria vontade e ao próprio critério. Que eles se *lembrem de que o Religioso obediente cantará vitórias,* [637] e que a obediência é que é principalmente a base e o sustentáculo de uma comunidade. Nesse espírito os Irmãozinhos de Maria submeter-se-ão desta verdade de Fé que o superior representa Jesus Cristo e deve ser obedecido quando manda, como se fosse o próprio Jesus Cristo que mandasse.

"Eu vos peço também, meus queridos Irmãos, com toda a afeição de minha alma e por toda a afeição que tendes por mim, procederdes sempre de tal modo que a santa caridade se mantenha entre vós. Amai-vos uns aos outros como Jesus Cristo vos amou. [638] Que não haja entre vós senão um mesmo coração e um mesmo espírito. [639] Que se possa dizer dos Irmãozinhos de Maria como dos primeiros cristãos: "Vede como eles se amam"... É o mais ardente voto de meu coração neste último momento de minha vida. Sim, meus caríssimos Irmãos, atendei às últimas palavras de vosso pai, pois são as mesmas de nosso amado Salvador: "Amai-vos uns aos outros".[640]

---

pelo Ir. Francisco está no fim do Testamento (OME, doc. 153, p. 340-347).
[637] Pr 21,28.
[638] Jô 13,34.
[639] At 4,32.
[640] Jô 13,34.]

"Desejo, meus caros Irmãos, que essa caridade que vos deve unir todos juntos como membros do mesmo corpo se estenda também a todas as outras congregações. Ah" Eu vou peço pela caridade sem limites de Jesus Cristo, não vos permitais nunca ter inveja de ninguém, sobretudo daqueles que o Bom Deus chama a trabalhar com vós, no estado religioso, na instrução da juventude. Sede os primeiro a vos alegrar por seus êxitos e a lastimar suas desgraças. Recomendai-vos muitas vezes ao Bom Deus e a Sua Divina Mãe; sem constrangimento, considerai-os melhores que vós. Não deis nunca atenção a conversas capazes de prejudicá-los a glória de Deus e a honra de Maria sejam unicamente vosso objetivo e toda a vossa ambição.

"Como vossas vontades devem identificar-se com as dos Padres da Sociedade de Maria na vontade de um Superior único e geral, desejo que vossos corações e vossos sentimentos também se identifiquem sempre em Jesus e Maria. Os interesses deles sejam os vossos; vosso prazer seja ajudá-los[641] pressurosamente todas as vezes que a isso fordes solicitados. Um mesmo espírito, um mesmo amor vos ligue a eles como ramos a um mesmo tronco e como os filhos da mesma família a uma boa mãe, Maria.[642] O Superior Geral dos Padres, na qualidade de Superior dos Irmãos, deve ser o centro de união de uns e de outros. Como só tenho motivos para ufanar-me da inteira docilidade dos Irmãos de Maria, desejo e espero que o Superior Geral encontre sempre a mesma docilidade da parte deles. Seu espírito é o meu e sua vontade é a minha. Encaro essa concorrência perfeita e inteira docilidade como a base e o sustentáculo da Sociedade dos Irmãos de Maria.

"Peço ainda a Deus e desejo com todo o ardor de meu coração que persevereis fielmente no santo exercício da presença de Deus, alma da oração, da meditação e de todas as virtudes. A obediência e a simplicidade sejam sempre a característica dos Irmãozinhos de Maria".

"Uma devoção terna e filial por nossa boa Mãe vos anime em

---

[641] Os Irmãos acorrerão pressurosamente em auxílio dos Padres Maristas logo que solicitados pelo Superior (*Règle* de 1837, chap. I, art. 3).

[642] Temos aqui uma citação quase literal do artigo da Regra do Pe. Colin, tal qual figura no Summarium de 1833, nº 114 (Ant. Textus I, p. 84).

todo tempo e em todas as circunstâncias. Tornai-a amada emtoda parte, tanto quanto vos for possível. Ela é a primeira Superiora de toda a Sociedade".

"Juntai, à devoção de Maria, a devoção ao glorioso S. José, seu digníssimo esposo. Vós sabeis que ele é um dos nossos primeiros patronos".

"Vós exerceis o papel de anjos da guarda dos alunos que vos são confiados: prestai também a estes puros espírito um culto particular de amor, respeito e confiança".

"Meus queridos Irmãos, sede fiéis à vossa vocação, amai-a e perseverai nela corajosamente. Conservai-vos num grande espírito de pobreza e de desapego. A observância diária de vossa santa Regra vos preserve sempre de violar o voto sagrado que vos liga à mais bela e delicada das virtudes. Para viver como bom religioso exige-se sacrifício, mas a graça suaviza tudo. Jesus e Maria vos ajudarão; aliás a vida é em curta e a eternidade jamais abará. Ah! Como é consolador no momento de se apresentar diante de Deus, lembrar-se de que a gente viveu sob os auspícios de Maria na sua Sociedade! Digne-se esta boa Mãe vos conservar, multiplicar e santificar!

"A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunicação do Espírito Santo estejam sempre convosco.[643] Deixo-vos todos, confiantes, nos sagrados corações de Jesus e Maria, esperando que nos possamos reunir, todos juntos na eternidade bem-aventurada. Tal é a minha última e expressa vontade, para a glória de Jesus e de Maria.

"O presente Testamento Espiritual será entregue ao Pe. Colin, Superior Geral da Sociedade de Maria.

"Dados em Nossa Senhora de 1'Hermitage,[644] em 18 de maio de 1840".

"José Bento Marcelino Champagnat, Padre da Sociedade de Maria e Superior dos Irmãos".[645]

---

[643] 2Cor 13,13.
[644] O Ir. João Batista omite a menção das testemunhas.
[645] Título em desacordo com o original (OME, doc. 153, p. 346).

A leitura foi ouvida com a maior atenção e o melhor carinho. Chegada ao fim, o bom Padre acrescentou algumas palavras para confirmar o que fora lido. Então os Irmãos puseram-se de joelhos, pediram-lhe perdão e suplicaram-lhe que os não esquecesse diante de Deus. "Esquecer-vos? Impossível" exclamou o piedoso Fundador com voz repassada de emoção e ternura o piedoso Fundador com voz repassada de emoção e ternura. O Ir. Francisco pediu-lh a bênção para todos os membros do Instituto presentes e ausentes, inclusive para os que dele fariam parte no futuro. Ele acrescentou com amorosa afeição. Juntando as mãos, ergueu os olhos par ao céu e, pousando-os em seguida nos Irmãos, pronunciou a fórmula habitual com intenso fervor, num tom de voz fraco, porém firme. Os Irmãos rezaram na sua intenção três ave-marias, o Lembrai-vos e o Sub tuum. O Irmão Superior, temendo cansar o enfermo, acenou-lhes para que se retirassem. Saíram, com os olhos marejados de lágrimas e muitíssimo comovidos.

Quando a comunidade se retirou, o bondoso Fundador manifestou contentamento pelo que acabara de fazer: "Agradeço a Deus ter-me inspirado a idéia de fazer meu testamento espiritual. Estou feliz porque todos os Irmãos podem conhecer e ler minhas últimas recomendações e vontades. Será para eles motivo de edificação e lhes fará bem; aliás, era uma dívida que eu tinha para com eles pelo tanto que se mostravam afeiçoados a mim". De fato, afeiçoaram-se mais seria impossível. Rezavam por ele em toda parte e continuamente. Além disso, haviam pedido orações a todas as comunidades da região. Às quintas-feiras, os Irmãos mais próximos de 1'Hermitage não esqueciam de fazer-lhe uma visita para testemunhar-lhe quanto compartilhavam de seus sofrimentos. Os Irmãos da casa sentiam-se felizes em cuidar dele e assisti-lo. Desvelavam-se em descobrir os meios que lhe atenuassem as dores e lhe causassem alegria. Irmãs e noviços evitavam, com o máximo cuidado, qualquer ruído por perto. Embora se tivessem estendido tapetes nos corredores vizinhos, andavam descalços ao se aproximarem.

O Pe. Béller,[646] missionário de Valence, que na ocasião se en-

[646] O Pe. Bellier entrara numa sociedade de missionários, que eram para a diocese de Valence o que eram os "Cartuxos" fundados por D. Fesch, para a diocese de Lião. "O Pe. Bellier veio a 1'Hermitage, com o Pe. Mazelier, visitar o Pe. Champagnat,

contrava em 1'Hermitage, maravilhava-se com tantas atenções, tantos cuidados e tanta afeição: "É bem verdade que os religiosos possuem o cêntuplo[647] já nesta vida. É um santo prestes a partir para o céu. Nem príncipe do mundo é cercado de tantos desvelos nos momentos derradeiros". Aliás, nada havia de exagerado nas atitudes dos Irmãos para com seu bem amado Pai. Percebia-se que era o coração que os movia e orientava. Mas é preciso dizê-lo: guardadas as proporções, essa mesma afeição, esses mesmos cuidados são sempre dispensados a todos os Irmãos que morrem na Congregação. Foi o bom Padre que, por seus exemplos e instruções, ensinou os Irmãos a maneira como devem ser tratados os doentes da Sociedade.

Devemos acrescentar que o Pe. Champagnat não era doente difícil de ser tratado. Não dissimulada as dores, mas a resignação, maior que os sofrimentos, lhe fazia repetir continuamente. *Meu Deus seja feita a vossa vontade!*[648] Aceitava as coisas como vinham, as crises de sua enfermidade, como os raros alívios que lhe eram proporcionados. Mostrava-se sempre conformado, alegre e satisfeito.

Observando, certa vez, que o Irmão de Platão estava com muito sono, disse-lhe: "Sente-se na cadeira e durma um pouco. Chamá-lo-ei quando precisar". Num instante o Irmão mergulhou em sono profundo. O Padre, necessitando dele, chamou-o sem conseguir acordá-lo. Quando acordou, o Padre falou-lhe sorridente: "Faz mais de meia hora que o chamo com todas as forças", e, em tom jovial,acrescentou: "Ah! Já sei porque não me ouviu: é que não o chamei pelo nome". De fato, havia-se equivocado de nome. Ao mesmo Irmão, de Platão em outra noite, disse em tom jocoso: "Não vai acontecer como da outra vez".o bom Irmão prometeu-lhe e chegou a tomar algumas providências para não ser surpreendido pelo sono. Tudo inútil; momentos depois dormia profundamente. O Padre, que nessa noite sofria muito, chamou-o por longo tempo, sem conseguir arrancá-lo do sono. Felizmente, um Irmão do quarto vizinho ouvia e veio dar-lhe o que pedia.

---

moribundo; Mazelier saiu antes da morte do padre; mas Pe. Bellier ficou o tempo todo e escreveu ao Pe. Mazelier um pequeno relato da morte. O que levou o Pe. Mazelier a apressar a união dos Irmão de Saint-Paul-Trois-Châteux com o Irmãos de 1'Hermitage" (AA, AGM, manuscrito, p. 442).

[647] Mt19,29.

[648] Mt 6,10; Lc 22,41.

Ao despertar, o dorminhoco envergonhou-se de ser pego em flagrante e foi substituído por outro. Mas o Pe. Logo o tranqüilizou com grande bondade: “Meu Irmão, vê-se que está em paz com Deus e que tem a consciência tranqüila, pois dorme tão profundamente. Vá deitar-se e não se aflija por seu esquecimento”. O Irmão que acudiu era o santo Ir. Jerônimo, muito estimado pelo Pe. Champagnat devido ao excelente caráter e simplicidade. Esse Irmão tinha tanto jeito para levantá-lo e mudar de leito, adivinhava-lhe tão bem as necessidades e as satisfazia o quanto dependesse dele, que o bom Padre preferia seus serviços aos demais Irmãos, mesmo que se mostrasse contente com todos os que o assistiam.

Por maiores que fossem os sofrimentos, recebia sempre com especial bondade os Irmãos que o visitavam e nunca deixava de lhes dirigir palavras de conforto e animação. Dizia a um deles: “Irmãos, observe bem a Regra. Instrua com zelo seus alunos nos mistérios e nas verdades da religião, porque são essas duas coisas que lhe darão maior consolo na hora da morte”. Disse o outro que lhe perguntava qual o meio para fazer bem suas ações: “Pense unicamente naquilo que está fazendo no momento ou naquilo que, na hora da morte, desejaria ter feito”. A um terceiro, dado a escrúpulos, que lhe comunicara certas dúvidas de consciência: “O escrúpulo é inimigo do amor de Deus e da perfeição. É preciso ter consciência timorata, não, porém, escrupulosa. Não perca tempo a examinar-se, a voltar continuamente sobre as mesmas coisas. Ocupe-se fazendo atos de fé, esperança e caridade e outros. Um só desses atos o tornará mais agradável a Deus e o fará progredir mais na virtude do que todas as inquietações a que se entrega. O escrúpulo arruína e destrói a esperança, virtude teologal. Deus é nosso Pai e nada lhe desagrada tanto como a falta de confiança”.

Vemos pois, que apesar dos sofrimentos, ele instruía e consolava os Irmãos. Se, caso, a intensidade das dores o impedisse de entreter-se com eles e responder às diversas perguntas que lhe faziam, sentia imenso pesar. Um dia, não podendo falar a um Diretor, por causa da intensidade das dores, mandou chamá-lo tão logo sentiu-se melhor. Como lhe dissessem que já voltara para casa, exclamou: “Ah! Que pena não ter podido reconfortá-lo e animá-lo a cumpri com zelo a bela missão que Deus lhe confiou. Quantos méritos têm os Irmãos que lidam com o ensino... Como será grande sua recompensa, se forem ze-

losos!”.

Noutra ocasião, após rápida conversa com o Ir. Francisco, voltando-se para ele, perguntou-lhe quanto tempo fazia que estavam juntos. O Irmão respondeu que havia mais de vinte anos. O bom Padre ergueu então os olhos ao céu e, imerso em profundo recolhimento, parecia balbuciar uma ardente prece, espero que, se estamos obrigados a separar-nos corporalmente, está sempre conosco de espírito e de coração, continuando sempre nosso Pai” “Claro, respondeu, se tiver algum crédito perante Deus e a Ssma. Virgem, haverei de usá-lo inteiramente em favor da Sociedade”. Encarando em seguida com ternura, o Ir. Francisco: “Coitado do Irmão, tenho dó de você, pois o governo do Instituto é um fardo pesado. Contudo o espírito de zelo, a oração e a confiança em Deus lhe ajudarão a carregá-lo. Lembre-se de que não se pode ser útil aos outros e conseguir a salvação das almas senão sacrificando-lhe”. Ao Ir. Luís Maria, que acabava de chegar, disse, apertando-lhe a mão: “Coragem, Irmão, ajude o Ir. Francisco o mais que puder. Sintonize perfeitamente, pois Deus estará do seu lado, visto que é sua obra que estão fazendo. Com seu auxílio vencerão todas as dificuldades suscitadas pelo inimigo. Também não esqueçam que têm a Ssma. Virgem, o recurso[649] da casa. Sua proteção jamais lhes faltará”.

Certa vez disse ao Ir. Estanislau,quase constantemente a seu lado: “Meu santo Irmão, estou lhe dando muito trabalho; sinto muito. Consola-me, porém, saber que Deus vai dar-lhe o cêntuplo de tudo quanto faz por mim. Como Deus é bom, leva em consideração tudo quanto se faz para o próximo e dá, ele próprio, a recompensa! Que motivação para praticarmos a caridade e prestarmos serviços a nossos Irmãos! Procure, pois, tornar-se útil quanto puder! Recomendo-lhe, sobretudo, que anime[650] os noviços, converse muitas vezes com os novatos, para se acostumarem. A vocação à vida religiosa é grande graça, por isso o demônio faz tanta força para desgosta os jovens, desanimá-los e assim jogá-lo no mundo onde é tão difícil salvar-se”.

---

[649] É o mesmo designativo usado em sua carta de 27 de maio de 1838, a D. Pompallier: “Maria, eis todo o recurso de nossa caridade” (LPC 1, doc. 194, p. 393).

[650] É o que o Ir. Estanislau fazia muito bem: “Geralmente passava os recreios com os postulantes, com os Irmãos jovens e procurava sempre encontrar-se com aqueles que claudicavam de ajuda (BQF, p. 52).

Entrementes, o estado do enfermo piorava dia a dia. Não suportava mais nada, nem mesmo os mingaus mais leves. Um fogo abrasador lhe consumia as entranhas. Os vômitos cada vez mais freqüentes causavam-lhe horríveis sofrimentos. Só expelia matérias misturadas com sangue e às vezes em forma de blocos resistentes e bastantes volumosos. Por vezes o bom Padre se perguntava: "Donde pode vir tanta coisa podre? Céus! O que teria acendido tamanho fogo no meu corpo?" E logo completava: "*Meu Deus, tende piedade de mim. Ofereço-vos o que estou sofrendo; dai a vossa graça; depois disso, mandai-me quantas dores quiserdes".* Só a água gelada, que tomava por obediência, e a compressa de gelo sobre a região abdominal lhe traziam algum alívio.

Em meio às dores, ansiava receber novamente o santo Viático. Amiúde repetia: Já passou o prazo prescrito; eu poderia comungar uma segunda[651] vez, se não fossem os vômitos". Aparentemente estes vômitos contínuos iriam privá-lo definitivamente desse favor; mas para a fé e o amor, tudo é possível. Continuamente preocupado com o pensamento e o desejo de comungar, exclamou após profunda meditação: "Creio que serei atendido; meu santo anjo[652] vai obter-me uma estampa do anjo da guarda: vou pedir essa graça a esse espírito celeste". Trazida a imagem e colocada na cortina da cama, o bondoso Padre fixou-o demoradamente. Depois de rezar durante alguns minutos com grande fervor,sentiu que fora atendido: podia comungar uma segunda vez. De fato os vômitos cessaram completamente. readquiriu a calma e a tranqüilidade, como se não tivesse tido nenhuma doença de estômago. Depois de permanecer sossegado por mais de uma hora, disse: "Fui atendido, posso comungar, peça ao capelão para trazer-me Jesus".

---

[651] "Quem recebeu o viático pode recebê-lo uma segunda vez, e até mais vezes, durante a mesma doença, se o perigo continuar. Mas é preciso deixar o espaço de oito a dez dias, entre as comunidades. Se, depois de ter melhorado, o doente recair, pode-se ministrar-lhe o viático, mesmo que não tenham passado oito dias desde a última comunhão" (Mgr. T. M. J. GOUSSET, *Théologie morale,* Édition 1848, t. II, p. 141).

[652] O Pe. Champagnat tinha grande devoção ao anjo da guarda. Recordava aos Irmãos que "se empenhassem para inspirar às crianças" a mesma devoção (Régle de 1837, cap. VI, art. 14, p. 50). Lembra, no Testamento Espiritual, a importância dessa devoção.

Recebeu Nosso Senhor com viva fé, terna piedade e extraordinária devoção. Seu olhar, gestos, atitudes tudo anunciava profundo respeito, confiança sem limites e ardente amor. Após a recepção do Santo Viático, insistiu na observância do silêncio, absolutamente necessário para manter o espírito de recolhimento e oração na comunidade. Exortou novamente os Irmãos a evitarem a preguiça a todo custo e estarem sempre ocupados, assegurando-lhes, que, na hora da morte, sentiriam muitos remorsos se não houvessem empregado bem o tempo.

Ficou em muita paz, sem ter vômitos, por mais de uma hora. Depois a doença retomou seu curso com mais violência do que nunca. Mas, com o Pão dos Fortes recebera novas forças e nova coragem para suportá-la. Na tarde do mesmo dia, domingo, 24 de maio, o Ver. Pe. Colin, Superior Geral da Sociedade, veio a 1'Hermitage. O Pe. Mazelier, Superior dos Irmãos de Saint-Paul-Trais-Châteaux, chegou na manhã seguinte. Ao saber da chegada deles, exclamou: "Ah! como estou feliz por ser visitado e assistido por sacerdotes tão santos!"Conversou demoradamente com o Pe. Colin, recomendando-lhe os Irmãos. Ao final do encontro, com profunda humildade, pediu-lhe perdão de todas as faltas que, por acaso, tivesse cometido. O Pe. Colin, comovido e edificado, falou-lhe com muito afeto, confortando-o muito. A visita do Pe. Mazellier o alegrou, tanto pela oportunidade de interessá-lo pelas necessidades dos Irmãos, quanto pelo conforto que esperava receber das palavras e orações desse santo sacerdote. Na conversa com ele, o Pe. Champagnat disse-lhe:

- Recomendo-lhe os meus Irmãos sujeitos ao serviço militar.

- E eu, peço-lhe que não esqueça os meus, quando estiver no céu.

Ambos cumpriram a palavra. O Pe. Champagnat não se contentou com rezar pelos Irmãos da Instrução Cristã, mas adotou-os com filhos. O Pe. Mazellier continuou a prestar os mesmos serviços aos Irmãos de Maria. Sua estima por eles fora sempre crescendo. Acabou oferecendo seus próprios Irmãos, a fim de que formasse com eles uma só mesma família.

A festa da Ascensão, [653] que celebrariam naquela semana despertou gratas recordações no coração do Pe. Champagnat. Era o dia de seu batismo. Dele falou muito e com profundo sentimentos de gratidão. Desejava ardentemente morrer no dia da festa ou na oitava. "Mas, receio tentar a Deus, ao suplicar-lhe essa graça", dizia com humildade.

O amor à pobreza, o afeto para com os Irmãos e o desejo de lhes causar menos transtornos quando o assistiam fizeram com que pedisse para ser transportado à enfermaria. "Meus caros Irmãos, disse aos que o cercavam, quero comunicar-lhe uma idéia, que julgo ser de inspiração divina. Desejo ser transferido para a enfermaria. Assim poderei desfrutar da felicidade de morrer no quarto onde tantos Irmãos morreram e de onde partiram para o céu. Aliás, na enfermaria causarei menos incômodos. Para atender-me não precisarão caminhar tanto. Vejo que se preocupam demais comigo". Como insistisse, o Ir. Francisco lhe observou: "Padre, creio que, no estado em que se encontra, não seria prudente transportá-lo para a enfermaria. Deus quer que permaneça no seu quarto e, por ser esta a vontade de Deus, Ele o fará participantes dos méritos dos Irmãos. Quanto aos incômodos, há menos aqui do que na enfermaria, por causa dos que estão dormindo lá. Isso poderia incomodá-lo". "É mesmo, concordou o venerando Padre então façam como acharem melhor. Uma vez que não posso ir a enfermaria, pelo menos coloquem-me numa cama de ferro".[654] Apressaram-se em trazer-lhe uma, primeiro para atender a seu desejo; depois, porque esta cama era útil para mudá-lo, quando necessário. Foi neste pobre leito que veio a falecer.

Os sofrimentos aumentavam progressivamente. Eram os mesmos, qualquer posição que tomasse, nada conseguia minorá-lo. Assim se cumpria o que predissera no início do mês de Maria: seus sofrimentos atingiriam o auge no fim do mês. Mas a veemência das dores não lhe impedia a união com Deus, nem os incessantes atos de amor, con-

---

[653] Em 8 de maio de 1840.

[654] As camas de ferro eram consideradas de qualidade inferior, em comparação com as camas de madeira. "Ir. Casto era agrimensor, mecânico e apto para qualquer emprego. Foi ele que fabricou a maioria das camas de ferro com barras, usadas pela comunidade durante muito tempo. Ele mesmo as inventou, pois daquela espécie não existiam no mercado. O ferro para as camas era doado ao venerando Fundador pela usina Terrenoirte, isto é, pelo Sr. Genissieux, seu diretor (AA, p. 276).

fiança, resignação e contrição e algumas breves invocações à Ssma. Virgem, a S. José, ao anjo da Guarda e aos santos padroeiros. A todo momento voltava os olhares para as estampas de Jesus, Maria, José e do Anjo da Guarda, apensos ao cortinado da cama, ou apanhava a cruz de profissão, beijando-a com muita devoção. Queria sempre ter essa cruz sobre as cobertas. A fim de beijá-la repetidas vezes. A todo momento, estendia o braço para pegá-la e beijá-la.

Na segunda-feira, primeiro de junho, o Pe. Du Treuil, vigário de Saint-Pierre-de-Saint-Chamond, veio visitá-lo. Ao inclinar-se sobre a cama, para abraçá-lo, o bom Padre exclamou muito sem jeito: "Eh!Padre Vigário, estou muito sujo para que o senhor me abrace!" O vigário ficou edificado e comovido com tanta humildade e resignação. Dirigiu-lhe algumas palavras para alimentar-lhe a confiança em Jesus e Maria.

- Jesus Cristo virá visitá-lo e fortalecê-lo.

- Gostaria muito de recebê-lo, porém os vômitos não deixam.

- Mas isso não é obstáculo à recepção do viático. Basta que o senhor fique tranqüilo alguns minutos após a comunhão.

No fim da conversa surgiu entre os dois santos sacerdotes uma bela competição de humildade: um pedido ao outro que o abençoasse; cada qual alegando razões a seu favor. Afinal os rogos do Pe. Champagnat acabaram vencendo. O Pe. Vigário de Saint-Pierre[655] deu-lhe a benção e retirou-se, recomendando-se as suas orações.

Na terça-feira, recebeu a visita de muitos padres. O Pe. Javier,[656] vigário de Saint Julien-em-Jarret a quem, havia muito, se ligara com laços de santa amizade, não quis deixá-lo sem ter recebido uma bênção. O Pe. Champagnat repetiu várias vezes: "Ah! Se você soubesse como é agradável morrer na Sociedade de Maria, não hesitaria em entrar". Após tê-lo abençoado, disse-lhe: "Vamos lá precisa entrar nos Maristas. Você me promete?" "Para não contristá-lo, diria mais tarde

---

[655] Thiollièr du Treuil, que sucedera ao Pe. Dervieux em 1832. Carta do Card. Donnet ao Ir. Luís Maria, de 24 de dezembro de 1864, citando du Treuil: "Acena que contemplei numa cela da casa-mãe de 1'Hermitage, dizia-me, ficará gravada no meu coração com caracteres indeléveis" (OME, doc. 175. 495).

[656] Fazia parte do grupo que se consagrava em Fourvière, mais partiu logo depois para os EUA onde ficou dez anos (OM 4, p. 302).

o venerando vigário, sentiu-me na obrigação de prometer".

Quanto mais se aproximava do fim, tanto mais ardente se fazia sua caridade, tanto mais desejava ver a Deus e possuí-lo. Os derradeiros dias consistiram numa seqüência ininterrupta de atos de amor e de fervorosas invocações a Jesus e Maria. Só pensava no céu e só falava do céu e da ventura de morrer religioso: "Dentro em breve verei todos esses santos Irmãos que me precederam; são todos santos".

-Padre, disse alguém, a alegria de estar com os Irmãos do céu não lhe fala esquecer os da terra; pois agora mais do que nunca precisamos que reze à Santíssima Virgem por nós.

- De jeito nenhum, não vou esquecê-los; se tiver a ventura de ficar perto de Maria, hei de lhe pedir, com tanta insistência, por todos os Irmãos do Instituto, que não vou desistir até obter misericórdia. Tenho certeza de que todos aqueles que perseverarem na vocação e tiverem devoção à Boa Mãe estarão salvos. Repetia com freqüência: "Que felicidade morrer na Sociedade de Maria!" Depois expandia-se em sentimentos afetuosos de ação de graça.

Morrer como religioso é, na verdade uma grande graça. Na opinião dos santos é sinal de predestinação. A razão apresentada por S. Bernardo é ser quase impossível a um religioso perseverar até o fim e não fazer parte do número dos eleitos. A impressão do Pe. Champagnat sobre a graça de morrer como religioso não é só dele: inúmeros santos religiosos tiveram a mesma convicção íntima e a manifestaram na última hora. "Aquilo que foi sempre o objeto dos meus mais ardentes desejos, dizia Sto. Tomás de Aquino na hora da morte, é agora motivo da minha mais viva gratidão. Meu Deus, eu vos agradeço por me conservar no estado religioso e conceder-me a graça de nele morrer. Este é um dos maiores favores que me fizeste. Exulto de alegria e pressinto já a felicidade sem mescla".[657]

Na quinta-feira, 4 de junho, o bom padre desejava ardentemente receber a sagrada comunhão. Recordando-se das palavras do vigário

[657] O Ir. João Batista transcreve de BAREILLE, *Histoire de Saint Tohmas d'Aquin*: "Meu filho... não se perturbe. O que sempre foi objeto de meus desejos é agora o da minha gratidão: Deus me retira da vida no estado de simples religioso... Não tenho receio, meu filho, pressinto já a felicidade sem mescla" (4. édition, p. 367-368, Paris, Louis Vivès, 1862).

de Saint-Pierre, alimentava a esperança de receber essa graça por intercessão de S. José, a quem rezava com grande devoção. Foi atendido. Quando os vômitos diminuíram, trouxeram-lhe o sagrado viático.

Na sexta-feira os sofrimentos tornaram-se insuportáveis. O ardume interno e os vômitos causavam-lhe dores tão pungentes, que desmaiou várias vezes. O médico[658] admirava-se de que situação tão desesperadora se prolongasse por tanto tempo. "Para dizer a verdade, não sei o que está podendo sustentá-lo para não morrer". Há dez dias afirmara que o doente não passaria de vinte e quatro horas. No meio de tão longo martírio, o virtuoso Fundador continuava os colóquios com Deus. Constantemente lançava os olhares sobre as imagens de Jesus, Maria e José e, não podendo pronunciar-lhe os nomes, saudava-os com a mão, que lhe sustentava e estendiam em direção a cada uma delas.

Enfim, na sexta-feira à noite notaram que estava chegando a hora extrema. Muitos Irmãos oravam fervorosamente no quarto e queriam passar a noite com ele, para ter a consolação e a sorte de receber sua bênção e presenciar-lhe a morte. Mas ele não quis e teve força suficiente para convidá-los ao repouso. Ficaram somente os Irmãos Hipólito e Jerônimo. Durante a noite continuou repetindo as jaculatórias *Jesus! Maria! José!* Por volta das duas e meia da madrugada disse aos Irmãos que estavam a seu lado:

- Irmãos, a lâmpada está se apagando.

- Desculpe, Padre, respondeu um deles, a lâmpada está bem acesa!

-Mas eu não estou vendo, traga-a para mais perto, sim?

Um dos Irmãos aproximou a lâmpada. Mas o Padre não conseguia enxergá-la. "Ah! disse então,com voz mortiça, estou entendendo, é minha vista que se vai, chegando a minha hora, Deus seja louvado!" Balbuciou ainda algumas preces e entrou em agonia que durou aproximadamente uma hora. Foi suave e tranqüila. Haviam cessado os vômitos e seu organismo achava-se totalmente exaurido. Às quatro e vinte a respiração passou a ser mais lenta, mais ofegante e por interva-

[658] É difícil saber o nome do médico uma vez que o movimento de caixa não menciona os honorários pagos.

los. A comunidade estava na capela para o canto da *Salve Regina.*[659] Imediatamente procedeu-se à recitação da Ladainha da Ssma. Virgem. Durante a reza o piedoso Fundador adormeceu placidamente no Senhor.

Era sábado, 6 de junho, vigília de Pentecostes.

Várias vezes dissera durante a enfermidade: "Meu grande desejo é morrer num sábado, mas não mereço esta graça; assim mesmo espero-a da bondade de Maria". Não só receber essa graça, mas também pôde expirar na hora que, por mais de trinta anos, havia consagrado à meditação e à união com Deus. Foi no momento da oração e após o canto da Salva Regina que a Mãe de misericórdia fê-lo passar de exílio à pátria celeste e mostrou-lhe Jesus, bendito fruto do seu ventre virginal.

Seu falecimento prostrou a comunidade em profunda consternação. Mas o longo calvário do bom Padre havia já preparado os Irmãos para o desenlace doloroso. Além disso, tão convictos estavam da santidade dele, que o sentimento de aflição se amenizava com a íntima certeza de que seus sentimentos se tinham mudado em peso imenso de glória.

Depois da morte, fizeram-lhe a barba e levaram-no. Vestiram-no com as vestes sacerdotais, sobrepeliz e estola. Puseram-lhe na mão direita a cruz da profissão, expondo-o desta forma no seu quarto, sentado numa cadeira de braços. Aos lado, numa mesinha, colocaram o breviário, o barrete[660] e as imagens de Nosso Senhor e da Ssma. Virgem, com duas velas acesas. Estava extremamente pálido, não, porém, desfigurado. O rosto conservava os traços viris, o ar de bondade, de dignidade que durante a vida lhe dera tanta ascendência sobre os ânimos e conquistara os corações. Perto dele, nenhum mal-estar. Pelo contrário, todos se achavam à vontade para contemplá-lo e beijar-lhe os pés. Os Irmãos vieram, um por um, contemplar com amor os restos preciosos do seu terno Pai. Em grupos de seis, rezavam junto ao corpo o ofício dos mortos e o terço. Nos intervalos dos exercícios, todos para lá se dirigiam reiteradamente. No dia do passamento foi chamado um

---

[659] Desde 1831, a comunidade iniciava o dia com esse canto (AA,p 98).

[660] No original francês: *bonnet carré*, outro nome do barrete,cobertura litúrgica da cabeça do padres.

pintor[661] para compor seu retrato. No domingo, à noite, puseram o corpo, ainda flexível, revestido do hábito eclesiástico, num ataúde de chumbo, dentro de um caixão forte de madeira de lei. Antes de fechar o esquife, nele introduziram, na presença do capelão, Pe. Matricon, e dos Irmãos Francisco, João Maria, Luís e Estanislau, uma placa de chumbo em forma de coração[662] sobre o qual estavam gravados os seguintes dizeres:

Ossa J. – B. – M. CHAMPAGNAT 1840

As exéquias realizaram-se na segunda-feira, 8 de junho. Estavam presentes[663] quase todos os padres do cantão e o que era de gente importante de Saint-Chamond. Carregaram o caixão os Irmãos professores que, imersos na dor, misturavam as lágrimas às orações que por eles faziam.

[661] Ravery, Jean-Joseph (1800-1868). "Foi o autor das pinturas que ornamentavam a capela de Notre-Dame-de-1'Hermitage e também do grande quadro pintado em tela representando a Assunção da Ssma. Virgem" (AA, p. 185).
[662] Placa encontrada no ato de exumação em 1890 (CSG VIII, p. 10).
[663] Ver a lista de presença em AA, p. 325-326.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Os Irmãos testemunharam seu amor ao Pe. Champagnat rezando com fervor pelo seu descanso e submetendo-se docilmente a seu sucessor. União com os Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux e os Irmãos de Viviers. Prosperidade crescente do Instituto. Fundação do noviciado de Beaucamps. O governo reconhece o Instituto. Revisão, exame e adoção definitiva da Regra, pelo Capítulo Geral. Situação da Congregação em 1856.

Logo após o falecimento do Pe. Champagnat, o Ir. Francisco apressou-se em fazer chegar aos Irmãos uma carta-circular[664] para comunicar-lhe a dolorosa notícia: "Meus caros Irmãos, no sábado, seis de junho, às quatro e meia da madrugada nosso venerando Padre Superior adormeceu placidamente no Senhor após quarenta e cinco minutos de suave agonia. Nesta triste circunstância, convidamo-lo a se unirem às nossas lágrimas e esperanças. Prateemos o Pai carinhoso, o digno Superior e Fundador, o santo sacerdote,[665] nosso arrimo, nosso guia e consolador. Choremos, pois a morte nos arrebata aquele que sabia tão bem partilhar das nossas tribulações e orientar nossos passos pelo caminho da salvação. Terminou sua vida penitente, laboriosa, repleta de boas obras, zelo e dedicação, com o calvário da longa e cruel enfermidade. Sua morte, como sua vida, foi sumamente edificante, e não duvidamos de que foi preciosa aos olhos de Deus.[666] Que esse pensamento meu,[667] caros Irmãos, nos console e nos anime. Teremos um protetor a menos na terra, porém, sê-lo-á, com maior eficácia e poder, no céu junto de Maria, a quem nos entregou ao morrer. Cabe-nos, agora, recolher e fazê-lo viver em cada um de nós, imitando-lhe as virtudes que nele admiramos". Em seguida, o Ir. Francisco indica as orações que cada comunidade deverá fazer pelo descanso da alma do bem amado Pai.

Fies aos sábios conselhos do novo Superior, os Irmãos, embo-

---

664 CSG I, p. 41-42.
665 "Santo sacerdote". A circular acrescenta: "... de Maria".
666 Sl 115,15.
667 Ir. Francisco escreve: N.T.C.F.: *Nos Três Chers Frères* (=Nossos caríssimos Irmãos).

ra muito sentido com a partilha do piedoso Fundador, não se deixaram levar pelo desalento. Compreenderam que a melhor maneira de testemunhar afeto e piedade para com o bondoso Pai não seria entregar-se a uma dor infrutífera, mas imitar sua obra. O elevado conceito que faziam de sua virtude não os impediu de orarem fervorosamente pelo descanso de sua alma, pois sabiam que a pureza infinita de Deus encontra manchas até nos atos mais santos e que, por efeito de debilidade humana, nem a vida dos homens mais piedosos e mais perfeitos è isenta de imperfeições.o

Com a morte do Pe. Champagnat, muitos duvidaram do futuro e da estabilidade de sua obra.[668] O Irmão escolhido para lhe suceder poderá arcar com tão pesada incumbência? Será que os Irmãos vão acatar a sua autoridade? O Instituto terá Regra suficientemente consolidada e governo bastante firme para manter-se e garantir seu desenvolvimento? Têm os Irmãos bastante amor à vocação, firmeza na virtude e experiência para caminharem sozinhos? Serão capazes de conservar o espírito do Fundador? Continuarão seguindo os princípios que lhes deu, o caminho que lhes traçou? Tais eram os questionamentos que se faziam e aos quais o tempo respondeu de maneira muito honrosa para os Irmãos.

Cheios de estima e respeito para com o Superior que elegeram,nele depositaram inteira confiança, cuidando, antes de tudo, de lhe manifestar submissão. Entregando-se em tudo e com inteira confiança à sua direção e solicitude paterna, cada qual continuou a se aplicar na perfeição pessoal e no desempenho de sua tarefa própria, com a máxima dedicação. Nunca, talvez, tivessem brilhado mais a piedade, o bom espírito, o apego ao Instituto e a união fraterna do que no decurso das férias e do retiro que seguiram a morte do Pe. Champagnat. Nesta fase foram fundadas três novas casas:[669] Saint-Lattier em Isère, Digoin em Saône-et-Loire e Carvin em Pás-de-Calais.

Repleto do espírito do piedoso Fundador e ansioso por imitá-lo

---

[668] O Pe. Colin, entre outros, levou esta dúvidas ao Ir. Luís Maria, em 26 de maio de 1841: "O público que o acompanha para ver como irão as coisas depois da morte do Pe. Champagnat certamente não lhe negará voto de confiança se o vir em dificuldades" (AFM, 51.020.11).

[669] LPC 2, ver esses vocábulos no "Répertoire topologique".

no modo de dirigir os Irmãos e de praticar o bem, o Ir. Francisco nada mudou daquilo que estava feito e continuou a proceder em tudo como no passado. Essa conduta sábia granjeou-lhe a estima geral, tornou benquisto seu governo e deu-lhe autoridade sobre os Irmãos. Cada um percebeu, com grande satisfação, que a nova ordem de coisas não trazia nenhuma mudança na administração e que o Pe. Champagnat e agia no sucessor.[670]

Um dos primeiros atos de governo do Ir. Francisco foi a consumação da união dos Irmãos de Maria com os de Saint-Paul-Trois-Châteux.[671] O Pe. Mazelier, vendo que seu Instituto não podia desenvolver-se devido à falta de vocações, foi o primeiro a desejar a rápida conclusão do acaso. O Pe. Colin, através de prudentes conselhos, também ajudou a afastar as dificuldades que ameaçavam a fusão, tão necessária às duas comunidades. As dificuldades maiores provinham de que o Pe. Mazelier[672] achava ser possível mandar um só Irmão para as paróquias mais humildes e que o governo das províncias deveria ser confiado a um Irmão Provincial,sob a autoridade do Superior Geral, duas coisas que o Pe. Champagnat jamais quisera admitir e que contrariavam o sistema vigente do Instituto. Entretanto, como de um lado e de outro existia grande espírito de conciliação e só se visava à glória de Deus, sendo a união desejada pelos Irmãos das comunidades e considerando ser possíveis estatuir regras definitivas sobre o modo de colocações, o governo e as constituições do Instituto, resolveu-se estabelecer os seguintes princípios: [673]

1. os Irmãos unidos teriam um só e o mesmo objetivo: uma só e a mesma Regra, um só e o mesmo governo;

2. Os Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux reconheceriam a

---

[670] Recebendo o retrato do Pe. Champagnat por Ravery, Ir. Francisco escrevia no caderno de anotações, em 20 de fevereiro de 1841: "Ser sua imagem viva" (AFM, caderno n 1. p. 51).

[671] CSG I, p. 533-536 e AFM, 221. 121.

[672] Cf. LPC 2, p. 390-391 e BI XXIV, p. 176-178. Alguns anos mais tarde, o Pe. Mazelier aposentou-se e, no fim da vida, era cônego em Valence. Faleceu em 26 de junho de 1856, em Bourg-de-Péage, sua terra natal.

[673] Trata-se aqui de um pequeno extrato do que ficou decidido nas duas deliberações: uma do Conselho de 1'Hermitage, em 20 de outubro de 1841, e outra do Conselho de Saint-Paul-Trois-Châteaux, em 29 de novembro de 1841 (CSG I, p. 530-536).

autoridade do Ir. Francisco e lhe prestariam obediência. Adotariam o hábito e a Regra dos Irmãos de Maria. Numa palavra, as duas congregações formariam uma só e teriam um só e o mesmo chefe.[674]

Nessas bases a união foi decidida e concretizada. Em abril de 1842, o Ir. João Maria[675] foi tomar posse da casa de Saint-Paul-Trois-Châteaux e dirigir o noviciado. Conforme previsto, a fusão não trouxe inconveniente algum e apresentou vantagens recíprocas. Os Irmõas de Sain-Paul-Trois-Châteaux eram poucos numerosos; porém todos bons religioso, de profunda piedade e sólida virtude.[676] Maristas de coração e sentimento desde muito tempo, não lhes foi nada difícil submeterem-se à nova Regra e assumirem o espírito do Instituto.

Após a união dos Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux veio a dos Irmãos de Viviers. Essa Congregação, fundada em 1803, pelo Pe. Vernet,[677] superior do seminário maior de Vivers, não era numerosa. O zelo e os esforços do Pe. Vernet para promover esse Instituto foram quase inúteis. A causa do insucesso estava nos próprios fundamentos. O único laço que ligava os Irmãos à sua vocação era a livre escolha. Da companhia de Saint-Sulpice, onde o Pe. Vernet encontrara tal norma, trouxe-a para a Congregação dos Irmãos. Foi a ruína da comunidade nascente. Após o noviciado, por força de suas funções, os Irmãos voltavam ao convívio com a sociedade e pediam pouco a pouco o primitivo fervo. A vontade, cuja constância somente os votos poderiam fixar, achando-se indefesa perante as tentações e o desânimo, e em meio aos dissabores inerentes à profissão do magistério, tornava-se fraca demais para mate-los na vocação. Assim a maioria dos Irmãos que mais se distinguiam pelos talentos, uma vez posse do certificado, abandonavam seu santo estado para voltar ao mundo.

Tas deserções causaram sofrimento ao Pe. Vernet, frustraram suas esperanças, convenceram-no da necessidade dos votos e despertaram-lhe a idéia de imitar o exemplo do Pe. Mazelier e unir sua Con-

---

[674] Na realidade, um mesmo Superior Gera, o Pe. Colin; ujm mesmo Provincial, o Pe.Cholleton, e um mesmo Diretor Geral, o Ir. Francisco.

[675] Sua vida vem narrada num livrete, fora da série de *Biographies de quelques Frères* (cf LPC 2, p. 292-302).

[676] Em *Biographies de quelques Frères,* ver o do Ir. Paulo (p. 129) que era, juntamente com o Pe. Fière, o co-fundador dos Irmãos da Instrução Cristã de Valence.

[677] LPC 2, p. 506-510.

gregação à dos Irmãozinhos de Maria, que, além dos compromissos dos votos,possuíam Regra e governo bem-consolidado. Com esse objetivo mandou várias cartas ao Pe. Cholleton para solicitar-lhe que tratasse da união. Porém, morte o surpreendeu antes de concluí-la. Dom Guibert,[678] a quem ao falecer entregou a obra dos Irmãos, levou a união a bom termo, nos primeiros meses de 1844. Realizou-se nas mesmas condições da dos Irmãos de Saint-Paul-Trous-Châteaux. Embora os Irmãos de Viviers estivessem menos ansiosos, não a receberam com menos regozijo, porquanto compreendiam que sua Congregação carecia dos elementos necessários para promover eficazmente a glória de Deus e assegurar a seus membros a tranqüilidade quanto ao futuro. Ao se agregarem aos Irmãos de Maria, adotando sua hábito e sua Regra, os Irmãos de Vivers[679] esforçaram-se ao mesmo tempo por assimilar-lhe o espírito. Desse modo, a união dos corações se tornou mais sólida que os laços externos que faziam deles uma só comunidade.

As duas fusões, agrupando três famílias religiosas sob o mesmo chefe, a mesma Regra, o mesmo governo, constituem, talvez fato único na história monástica. O que, porém, é mais admirável e mostra a mão da Providência a dirigir esses eventos são os felizes resultados colhidos depois. Segundo o curso normal das coisas, uniões assim deveriam lançar na Congregação o fermento de mau espírito e princípios de discórdia. Pelo contrário, trouxeram-lhe elementos de paz, caridade e maior capacidade de ação pela causa do bem. Nunca se viu mais compreensão e caridade entre os Irmãos, mais piedade, regularidade e bom espírito nas casas. E os Irmãos unidos, formando a Província do Sul, sempre se salientaram pela docilidade, dedicação e apego ao Instituto.

O bispo de Viviers, desejando ter um noviciado na diocese, comprou uma casa espaçosa em La Bégude,[680] perto de Aubenas. No-

---

[678] O Pe. Vernet faleceu em 1843. D. Guibert, na época bispo de Vivers, desejava muito a união; realizou-se sem dificuldade, em 15 de abril de 1844. O Ir. Francisco, Diretor Geral, escolheu o Ir. Bernardino como Diretor-Provincial, mestre de noviços (LPC 2, p. 647 e 510).

[679] Deliberação do Conselho de 1'Hermitage, em 17 de agosto de 1843. (CSG I, p. 553) e Alta da reunião dos Irmãos de Vivers com os de 1'Hermitage (CSI, p. 564).

[680] O noviciado dói inaugurado em 3 de maio de 1844, com duas dezenas de noviços

viciado que se tornou para o Instituto sementeira de ótima vocação. O de Saint-Paul-Trois-Châteaux, que até então recrutara poucos candidatos, foi aos poucos desenvolvendo-se, e os postulantes foram tantos que foi necessário ampliar as instalações. Os dois noviciados prosperaram de tal forma que em poucos anos os Irmãos se expandiram em todo sul da França, onde foram fundadas mais de cem casas.

O noviciado de l'Hermitage, centro da vida e do verdadeiro espírito do Instituto, não só fornecera os principais Irmãos que criaram a Província do Sul, como também fundara grande número de casas nos departamentos de Loire, Rhône, Isère, Saône-e-Loire, Ain, Heut-Loire, Puy-de-Dôme, Oise, Pás-de-Calais e Nord. Neste, durante o ano de 1846, foi fundado um noviciado. A condessa de La Grandville,[681] senhora de eminente piedade e rara virtude, cobriu todas as despesas com uma generosidade que só o espírito cristão pode inspirar. Seu primeiro projeto limitava-se à fundação de uma simples escola para as crianças de Beaucamps, pequeno povoado do distrito de Haubourdin, perto de Lille. Era ali que morava e, pela sua inesgotável caridade, tornara-se a providência visível. Pelo bem que os Irmãos faziam em Beaucamps, avaliou o que poderiam realizar em outras paróquias da região, cujas necessidades eram maiores. Seu espírito lúcido aconselhava a fundação de um noviciado como único meio eficaz para ampliar esse bem. Não hesitou em fazer todos os sacrifícios para realizar a fundação.[682] Mandou construir espaçosa moradia, com uma capela, que cedeu ao Instituto, juntamente com uma prosperidade com o rendimento de 1.800 francos para a manutenção de três Irmãos encarregados das escolas das paróquias de Beaucamps e Ligny. O noviciado, totalmente obra da senhora de Grandville, faz com que tão generosa benfeitora participe amplamente do bem que o Instituto venha a realizar e torna-a merecedora para sempre da gratidão dos Irmãozinhos de Maria.

Nem mesmo os eventos de 1848 conseguiram impedir a prosperidade do Instituto. Os Irmãos, ocupados exclusivamente na educação dos jovens que lhes eram confiados, conseguiram manter a simpa-

---

(Anais de Vivers, AFM 221.222, P. 45 E 221. 224, P. 61-63).

[681] BI IX, p. 361-368 e CSG II, p. 496-498 e III, p. 303.

[682] BI II, p. 496; (AFM BEA, 606.012.01/02)

tia de todos os partidos e em parte alguma foram molestados. As eleições de dez de dezembro, confiando o governo ao Príncipe Luís Napoleão, acalmaram as inquietações sobre o futuro do país e permitiram vislumbrar uma era de segurança, na qual a França iria entrar. Houve renovação religiosa em todos os espíritos amantes da ordem. O Sr. de Falloux, homem profundamente religioso, foi nomeado ministro da Instrução Pública e dos Cultos. O clero e todos os bons católicos aproveitaram-se desta conjuntura para reivindicar a liberdade de ensino. Depois de ingentes esforços, viram suas reivindicações atendidas pela lei de 15 de março de 1850. essa lei[683] concedia liberdade ao ensino secundário e conferia às congregações religiosas, reconhecidas pelo Estado e votadas ao ensino primário, o direito de apresentar os alunos aos exames nas escolas públicas e isentava os membros do serviço militar. Opunha, porém, às que não estavam autorizadas obstáculos intransponíveis, colocando-as na impossibilidade de fazer o bem.[684] A Congregação encontrava-se nessa difícil situação. O Governo Geral[685] do Instituto não hesitou em retomar as diligências que, por duas vezes, já tentara levar adiante no reinado de Luís Felipe, desde a morte do Pe. Champagnat, na intenção de obter o reconhecimento legal.

D. Parisis, bispo de Langres, encarregou-se de apresentar pessoalmente o pedido[686] ao ministro da Instrução Pública. Entre vários outros do mesmo teor, obteve que o seu pedido fosse examinado em

---

683. Esta lei chama-se "Lei Falloux", embora o Visconde de Falloux não fosse mais ministro da Instrução pública no momento da promulgação.

684. Especialmente a distribuição dos professores dependia de um Conselho Acadêmico (AA, AFM, manuscrito, p. 368-369). O Ir. Francisco, baseando-se numa carta do ministro Villemain de 1842, que aceitava pessoalmente o princípio de um extensão do decreto-lei de Saint-Paul, válido para os departamentos de Drôme, Isère e Hautes-Alpes, extensão do departamento de Loire, continuou a designar os Irmãos como se fosse superior de uma congregação legalmente reconhecida; mas não sem provar reações dos inspetores. O ano letivo de 1850-1851 foi um tanto temultuado (CSG I, p. 501).

685. No original francês é usada a palavra *Regime* para designar o conselho geral do Instituto".

686. Em 30 de janeiro de 1851, o Ir. Francisco remetera a D. Parisis, representante na Assembléia Nacional, o pedido destinado ao ministro da Instrução Pública e uma exposição de motivos em apoio ao pedido de autorização (CSG II, p. 443-444).

separado e em primeiro lugar. O ministro o acolheu com muito interesse e teve a gentileza de levá-lo pessoalmente ao Conselho Superior.[687] Baseado no relatório favorável do Sr. Portalis, primeiro presidente da Corte de Cassação, o Conselho aprovou o pedido por unanimidade e sem discussão. Dias depois o requerimento foi remetido ao Conselho de Estado, com o parecer favorável do Conselho Superior, bem como a minuta do decreto relativo ao reconhecimento legal do Instituto e à aprovação de seus estatutos.

Tudo indicava que o pedido tramitaria sem dificuldade no Conselho, mas não foi o que se deu. Esbarrou em forte oposição e, após mais de três horas de calorosos debates, apesar dos esforços do Sr. Crouseilhes, ministro da Instrução Pública que apoiava a causa dos Irmãos, não se chegou a nenhuma conclusão, remetendo-se a discussão para oito dias depois. Entretanto, as pessoas religiosas e todas as que haviam colaborado na lei de 15 de março de 1850 trabalhavam para o deferimento do pedido de reconhecimento. Não era apenas o interesse pela Congregação dos Irmãozinhos de Maria que os movia. Havia outro estímulo: tratava-se de conseguir do governo a consagração do direito de aprovar, através de simples decreto, as congregações religiosas votadas ao ensino de acordo com a lei supracitada. Vista sob essa perspectiva, a questão assumia extrema gravidade e importância, em conseqüência todos os homens religiosos lhe atribuíam grandes interesses e fizeram ingentes esforços para garantir a vitória dos Irmãos e do princípio de que dependia. Graças ao zelo perseverante desse grupo, o princípio foi reconhecido pelo Conselho de Estado e o artigo principal foi reconhecido pelo Conselho de Estado e o artigo principal do decreto de autorização do Instituto passou, com todas as vantagens que se podiam desejar. Assim, nele verifica-se a índole religiosa da Congregação, sua existência civil é reconhecida para toda a França, sem nenhum obstáculo ou restrição, com o direito de apresentação de alunos as escolas públicas. Assegurar-lhe a inserção do serviço militar, a faculdade de receber doações, tanto para o Instituto como para as escolas. Também lhe ficou assegurado o direito de adquirir e

687. Trata-se de Comitê do Interior, cujos membros mais influentes era o Visconde de Montesquiou, relatou, e Pèrignou, presidente (CSÇ II,p. 59).

possuir. Três dias depois,[688] o decreto era assinado pelo Príncipe Presidente da República.

Assim, como prometera o Pe. Champagnat no leitor de morte, a autorização chegou na hora em que era absolutamente indispensável e foi concedida em condições muito mais vantajosas do que se tivesse sido concedida na época em que ele a pleiteava. Não duvidamos de que tão grande favor foi fruto das orações dele e de tantos Irmãos que, juntamente com ele, gozam da glória eterna. "Pode ficar tranqüilo", dizia o santo Lourenço, antes de morrer,[689] ao Ir. Superior que ia a Paris para pedir o reconhecimento: "quando estiver no céu com o Pe. Champagnat , verá como nós dois resolveremos esse problema". A profunda piedade e a virtude do bom Irmão nos leva a crer que Deus lhe inspirara essa idéia, a fim de nos mostrar a proteção sensível que haveríamos de receber de nosso piedoso Fundador naquela circunstância.

Outra questão, não menos importante, ocupava o Ir. Francisco e seus Assistentes: a revisão da Regra e sua aceitação definitiva pelo Corpo do Instituto. Vimos que o Pe. Champagnat não julgara oportuno inserir, na primeira edição da Regra, uma infinidade de pormenores, cuja prática era aceita, mas necessitava da sanção do tempo e da experiência, antes de serem definitivamente adotadas. Achava que a Regra que imprimira, com exceção das constituições fundamentais. Podia ser revista e modificadas pelo Capítulo Geral que se reuniria após sua morte, caso houvesse reconhecida necessidade.

No desempenho da tarefa, o Governo procedeu a três atos:

1. redigiu todas as normas que figuravam apenas como tradicionais, mas cuja prática e uso constante remontavam ao tempo do Pe. Champagnat e por ele tinham sido estabelecidas;

2. compulsou cuidadosamente todos os escritos, anotações, instruções sobre a Regra legadas pelo piedoso Fundador. Deles extraiu tudo o que podia esclarecer ou explicar certos pontos da Regra, corre-

---

688. Em 20 de junho de 1851 (CSG, p. 440-450). A circular de 3 de julho narra as diligênciaas empreendidas pelo Fundador e as que acabam de chegar a bom termo (CSG II, p. 56-74).

689. O Ir. Lourenço falece em 8 de fevereiro de 1851 (CSG II, p. 70 e p. 62 nota).

lacioná-los e completá-los;

3. coordenou o conjunto, organizou-o e dividiu em três partes sob os títulos de Normas Comuns, Normas de Governo e Guia das Escolas.

Terminado o trabalho e detidamente revisto, o Irmão Superior convocou o Capítulo Geral para estudar o projeto, examiná-lo, modificá-lo se necessário, redigir e fixar definitivamente as Normas, o Governo e método de ensino do Instituto. Os Irmãos professores elegeram trinta Irmãos capitulares que se reuniram em 1'Hermitage em fins de maio de 1852.[690] Após três duas de retiro, foi aberto o Capítulo Geral, com Missa do Espírito Santo e procissão ao túmulo do Pe. Champagnat.

Conhecido o trabalho preparado pelo Governo Geral, os Irmãos capitulares, julgando ser impossível examinar tudo numa única sessão, decidiram que haveria três, isto é, uma para cada parte do projeto. Na primeira sessão foram estudadas as Normas Comuns. Na segunda, o Guia das Escolas. Na terceira, as Constituições e as Normas do Governo. Os membros do Capítulo empenharam-se muito no estudo e exame das Normas Comuns. Reconhecendo que eram a manifestação fiel da vontade do piedoso Fundador, que continha seus princípios e seu espírito, aprovaram-nas tais como o Governo Geral as apresentou, introduzindo-lhes apenas leves alterações. Não poderia ser de outro modo, sendo os capitulares homens piedosos e sinceramente devotado ao Instituto. A maior parte deles tinham sido formados pelo Pe. Champagnat e, imbuídos de seu espírito, gostavam imensamente de tudo o que vinha dele e entendiam ser a primeira obrigação manter os usos estabelecidos por ele e perpetuar seu espírito entre os Irmãos. Algumas discussões, mesmo um pouco vivas, a respeito de certos pormenores da Regra, jamais desviaram os capitulares dessa orientação. Quanto a isso, não houve duas opiniões, dois conceitos contrários no Capítulo. Conservar o Instituto tal como foi fundado pelo bem-amado Pai foi o único desejo e a única preocupação dos Irmãos capitulares.

Querendo, com razão, dar a conhecer a todos os Irmãos sua

690. Em 31 de maio.

opinião a respeito e a virtude por eles assumida no exame da Regra do Instituto, assim se expressam no prefacio que abre que abre o volume das Constituições:[691] "Caríssimos Irmãos, cremos necessário prevenilos de que as Normas e as Constituições da Congregação, longe de serem de nossa autoria, são de nosso bem amado, Pai. Muito embora não tenha sido todas escritas por sua mão são todas dele, porquanto nós as ouvimos de sua boca ou as extraímos de seus escritos e dos usos que ele estabeleceu entre nós. São a expressão fiel de sua vontade, e contêm seu espírito, seu modo de praticar a virtude, formar e dirigir os Irmãos e fazer o bem entre eles. sim, a Regra, em todas as seções, é obra do Pe. Champagnat. Foi ele quem prescreveu os exercícios de piedade que diariamente devemos rezar. Delo nos vêm as práticas das virtudes, os votos e outros meios da santificação que encontramos em nosso santo estado. Foi ele quem regulamentou o relacionamento dos Irmãos entre si, com o público e com os alunos e o modo como devem comportar-se em comunidade, para serem religiosos, com os meninos para serem prudentes e piedosos professores, com o público, para edificá-lo e para ser em toda parte a fragrância de Jesus Cristo.[692] Foi ele quem transmitiu ao Instituto seu espírito, sua índole, sua finalidade e determinou a forma exterior: o hábito dos Irmãos, alimentação e o estilo de vida que lhes é próprio, o alojamento, a mobília, o método de ensino e o governo, por meio de um Superior Geral vitalício, coadjuvado por Assistentes,[693] Visitadores, e representado nas casas particulares pelo Diretores e Vice-diretores".

"Não era de nossa conta discutir esses princípios, menos ainda acrescentar ou suprimir, mas era de nosso dever reconhecê-lo e assumi-los assim como nosso piedoso Fundador no-los deixou. Somente seu desenvolvimento e sua aplicação podiam ser assunto de nossas reflexões. Ainda aqui,precisamos dizê-lo, a maior parte desses desen-

---

691. O Ir. João Batista transcreve fielmente trechos da "carta aos membros do Capítulo Geral nas Constituições e Normas de Governo" Périsse, Lyon, 1854.
692. 2Cor 2,15.
693. Os Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux e outros pretendiam um governo menos centralizado. Além dos Assistentes, alguns queriam Provinciais, residindo no centro da Província. Os Visitadores tinham um papel mais pedagógico do que pastoral; além disso, a visita das escolas era apenas uma parte das atribuições (AFL, Atas do Capítulo Geral de 1852-1854).

volvimento foram-nos fornecidos pelas normas e escritos que o Pe. Champagnat nos deixou. Nossa missão limitava-se, pois, a explicar e completar esses ensinamentos. Consistia, sobretudo, em reconhecer e aceitar para nós e para todos os nossos Irmãos a preciosa herança de nosso venerando Pai, assim como nosso dever mais importante e sagrado é transmiti-la tal como a recebemos, para que, por sua vez, vocês a transmitiam àqueles que vieram depois".

Antes da separação, o Capítulo, a pedido do Irmão Superior, escolheu o Ir. Pascal como terceiro Assistente. Durante o transcurso do Capítulo Geral, o Ver. Pe. Colin veio a l'Hermitage para estimular os Irmãos capitulares e assisti-los com seus conselhos. Aproveitou a oportunidade para esclarecê-los sobre a importância de unir os dois ramos sob o mesmo Superior.

Depois de testemunhar sua satisfação aos capitulares pelo bom espírito, acrescentou:[694] "Meus caros Irmãos, devo confessar-lhe que me achava muito preocupado ao ver a saúde do Pe. Champagnat enfraquecendo cada vez mais. Não sabia o que seria da Congregação, mas Deus velava sobre ela. Conservou-a, proveu a tudo e inspirou ao piedoso Fundador a idéia da nomeação de um sucessor, ainda em vida. Embora o Pe. Champagnat, cedendo a meus insistentes pedidos, tenha arranjado um substituto, não ignoram que ele me fez depositário de sua autoridade e de suas últimas vontades. Eu teria podido, perante esse ato, imiscuir-me nos assuntos que lhe são afetos. Compreendi, porém, que isso só contribuiria para embaraçar-lhes o governo. Conseqüentemente, meu dever era deixar tudo nas mãos de seus Superior Geral e seus Assistente. Por certo não têm motivos de se queixar da administração deles, pois governaram o Instituto com prudência. Tudo isso me convence cada vez mais ser da vontade divina que se governem a si mesmos".

"No princípio, com crianças recém-nascidas, precisaram da

---

694. No seu conjunto o excerto reproduz textualmente o original. Mas é interessante notar a ausência de certo trechos: a admiração pela localização de l'Hermitage; a Sociedade de Maria que não segue os modelos das congregações precedentes, mas o da Igreja primitiva e Nazaré; a característica da Sociedade, que é a humildade, a simplicidade, a modéstia e seus modestíssimos inícios, garantia de expansão mundial, a ser preparada neste Capítulo pois "uma pequena fenda" pode deixar passar uma torrente devastadora (AFM, Atas do capítulo de 1852, pp; 122-125).

orientação e de inúmeras atenções dos Padres. Agora, tendo atingido a maturidade, podem caminhar sozinhos; numa palavra, devem emancipar-se. Fiquem certos, meus filhos, de que atualmente os Padres não podem, sem imprudência, intrometer-se em sua administração, pois, ignorando-lhes os costumes, só poderiam dificultar o governo. Após ter orado demoradamente e examinado a questão, devo confessar-lhes que não me pareceu possível subordinar os padres e os Irmãos a um só Superior. A vontade divina manifestou-se claramente durante minha visita a Roma, quando apresentei ao Cardeal protetor de nossa Congregação meu projeto de reunir os dois ramos sob um único chefe. Por várias vezes disse-me que isso não se podia fazer, e a propósito citou esta passagem da Bíblia: *Não jungires o asno com o boi.*[695] Assim, meus filhos, a vontade de Deus é que tenham um Superior escolhido entre os Irmãos. No entanto, isso não significa que deseje afastar-me de vocês e que me desinteressei por seus problemas. Pelo contrário, não omitirei nenhuma ocasião de ser-lhes útil, quando puder. Desejo que Irmãos e Padres permaneçam sempre unidos, e minha intenção é colocar em nossa Regra um artigo que perpetue essa união, fruto de nossa origem comum".

A declaração[696] do Pe. Colin não surpreendeu a ninguém, pois desde muito sabia-se da recusa de Roma em autorizar a Congregação dos Irmãos e dos Padres sob a dependência de um mesmo Superior.

Os Irmãos receberam a nova edição da Regra com grande júbilo. Cada um sentiu crescer em si a coragem e a confiança, o apego à vocação e ao Instituto ao verificar que as Normas e as Constituições estavam definitivamente fixadas e que, doravante, a forma de vida do Instituto e seu porvit estavam assegurados.

A partir do conhecimento pelo Governo e do trabalho do Capítulo Geral, o Instituto prosperou de maneira impressionante. Quando

---

695. Dt 22, 10.

696. Havia mais de 10 anos que o Pe. Colin dera a entender ser este o ponto de vista da Santa Sé. Entretanto, contatos de amizades continuariam a existir entre Padres e Irmãos; não, porém, vínculos de dependência (cf. OM 1, p. 13 e 14). Em 1854, o Ir. Francisco receberá o título de Ver. Ir. Superior Geral. Em 1863, o Capítulo Geral, a pedido da Santa Sé, será presidido pelo Pe. Favre, Superior Geral dos Padres Maristas (cf. AFM, Atas do Capítulo de 1862-1863).

da morte do Pe. Champagnat havia apenas quarenta e cinco[697] escolas. Hoje está com mais de trezentas,[698] que comportam mais de 1.500 Irmãos, ocupados em instruir e educar cristãmente cinqüenta mil alunos.

[697].48 escolas, mais 1'Hermitage e Oceania (AA, p. 316).
[698]. Em 1856.

SEGUNDA PARTE
Espírito de Champagnat e suas virtudes

CAPÍTULO PRIMEIRO

Retrato e índole do Pe. Champagnat. O que pensava da tristeza e da santa alegria. Seu empenho em educar o caráter dos Irmãos.

O Pe. Champagnat[699] era de estatura alta, aprumada e majestosa; tinha fronte larga, traços fisionômicos bem-definidos, tez morena, aparência grave, comedida e séria. Inspirava respeito e, muitas vezes, ao primeiro encontro, timidez e receio.[700] Bastavam, porém, alguns instantes de contato com ele para que tais sentimentos se esvaíssem, substituídos pela confiança e pelo amor. Sob formas um tanto rudes e um exterior que manifestava algo de severo, ocultava caráter invejável. Tinha espírito de retidão, discernimento seguro e profundo, coração bom e sensível, sentimentos nobres e elevados.

Era de caráter alegre, expansivo, franco, firme, corajoso, ardoroso, constante e quânime. Tais dotes preciosos e magníficos atributos, aperfeiçoados pela graça e realçados por humildade profunda e notável caridade, tornavam-no extremamente amável a seus Irmãos e a todos quantos se relacionavam com ele. Deus, destinando-o a formar mestres para a juventude, dotara-o de caráter eminentemente apropriado ao ensino. Desse modo, seus Irmãos, nesse particular como no restante, podiam modelar-se por seu exemplo e nele contemplar um protótipo das virtudes e dos predicados necessários a um mestre para realizar o bem no meio das crianças.

Ao temperamento alegre, expansivo, acessível, obsequioso e

---

699. O passaporte com data de 22 de agosto de 1836 indica: altura *1, 79*; c*abelos castanhos;* fronte *descoberta;* olhos *pardos;* boca *média* tosto *alongado;* tez *pálida* (cf. AFM 140.06).

700. O Ir. Silvestre descreve a impressão que causou nele "sua estatura elevada e majestosa, a aparência bondosa e grave, o vulto que exigia respeito, as bochechas magras, os lábios poucos salientes que pareciam querer sorrir, o olhar penetrante e esquadrinhador, a voz forte e sonora, a palavra nitidamente articulada, sem laconismo, nem prolixidade..." (MEM).

conciliador é que o Pe. Champagnat deveu, em grande parte, o êxito no ministério sacerdotal e na fundação do Instituto. As maneiras simples e afáveis, os sinais de bondade que lhe transpareciam no semblante, atraíam os corações e dispunham os ânimos a aceitar, sem ressentimentos, e mesmo com alegria, seus conselhos, diretivas e repreensões. "É tão bondoso e sabe arranjar as coisas de tal jeito, que a gente não pode furtar-se a fazer o que ele aconselha e quer", diziam os habitantes de Lavalla. Assim também falavam os Irmãos.

Certo dia, ao sair do seu quarto, dizia um Irmão:[701] "Se qualquer outro me tivesse dado semelhante repreensão, jamais a teria suportado; mas, ao mesmo tempo que me dizia as verdades, soube tão bem ajeitar as coisas, que não somente não estou zangado com ele, mas também gosto dele mais do que antes". Solicitado a declarar o que o Pe. Dissera, respondeu: "Deus me livre! Seria fazer minha confissão. O que lhes posso garantir é que suas palavras atingiram meu ponto sensível, e a maneira como ajeitou as coisas amenizou o amargor da correção e conquistou meu coração".

O mais admirável no caráter do Pe. Champagnat era a uniformidade. Contradição, provações, cansaços, preocupações da administração de uma comunidade numerosa, com freqüência carente de muitas coisas, enfermidades, nada lhe alterava a paz espiritual, nem a serenidade do rosto. Nunca se queixava; jamais viram-no triste ou desanimado. Pelo contrário, ocultando cautelosamente suas próprias aflições e canseiras, estava sempre a levantar o ânimo dos Irmãos, repetindo-lhes amiúde: "Meus amigos, lembremo-nos de que trabalhamos para Deus, que nos prepara um prêmio eterno. Se crêssemos nessas verdades com fé viva, deixar-nos-íamos, acaso, dominar pela tristeza? As pessoas do mundo trabalham mais do que nós e cantam, às vezes, todo o dia, porque ganham um pouco de dinheiro, e nós que ganhamos o céus, ficaríamos tristes e abatidos? Deus nos livre de ter tão pouca coragem e pouca virtude".

Certo dia estava viajando a pé com um Irmão. Este parecia triste e deixava, de quando em vez, escapar uma queixa. O Pe. Champagnat, sabendo que o Irmãos era propenso à melancolia, fazia tudo

[701]. Trata-se do Ir. Silvestre, autor das Mémoires (MEM, p. 90).

para animá-lo e alegrá-lo.

- Como está demorando para chegarmos, não é, Irmão?

- É mesmo. E estou louco para chegar logo.

- Pois vamos chegar e você vai se arrepender de não ter agüentado com paciência o cansaço da viagem.

- Eu bem agüentaria, se houvesse água para beber; estou morto de sede.

- Se não fosse a sede, você sofreria de outra coisa. Neste mundo a dor nos acompanha por toda parte e aquele que a suporta com resignação, sem temê-la, é que sofre menos. Não vê que está sofrendo duas vezes, e sem mérito, com esse mau humor? Cantemos um hino a Nossa Senhora. Isso vai ajudar-nos a suportar a sede e outros incômodo da viagem.

O bom Padre entoou o hino *Memento salutis auctor*, que cantou por inteiro, sozinho, repetindo três vezes a segunda estrofe: *Maria, Mater gratiae*. Encontrando uma casa de campo à beira da estrada, entrou e pediu algum refresco para o Irmão. Quanto a ele, ainda que estivesse moído de cansaço e sofresse muito de uma pontada ao lado, não quis tomar nada, nem uma gota d'água. Retomando a caminhada, disse ao Irmão:

Agora que se acha restabelecido e matou a sede, não é verdade que está arrependido de não ter aceito pacientemente esse pequeno incômodo? Na próxima vez seja mais valente e não se deixe vencer pelo mau humor, porque, além de enfraquecer e destruir os bons sentimentos, agrava as penas da vida e as torna insuportáveis. Mas do que ninguém, precisa precaver-se contra a tristeza, uma vez que está propenso a ela por causa do seu temperamento.

No entender do Pe. Champagnat, os homens propenso à tristeza e à melancolia são impróprios à vida religiosa e ao magistério. Em razão disso, não houve, talvez, nenhum defeito contra o qual mais tenha lutado. "A tristeza,[702] comentava numa instrução, produz quatro grandes males:

---

[702].Texto inspirado em PPC, partie, traité VI, chap. I, "Des grands maux de la tristesse", p. 479ss.

1.º *Mata a piedade*, pois obscurece o espírito e resseca os bons sentimentos do coração. Elimina a confiança em Deus e provoca na alma inquietações e temores contínuos. Para quem é dominado pela tristeza não há exercício mais penoso do que a oração, que se torna um martírio, ou antes um inferno, impossível de ser descrito.

2.º *Alimenta as tentações*. Há duas espécies de homens dos quais o demônio faz tudo quanto quer: os preguiçosos e os que se deixam levar pela tristeza e pelo desânimo. Não lhes pergunte que tentações elas têm, porque estão sujeitos a todas. Os religiosos de caráter tristonho, melancólico, que gostam de ficar a sós e esconder-se, quase sempre aninham no espírito pensamentos perversos. Cada um ama aqueles com que se parece. O demônio espírito das trevas, gosta das pessoas de humor sombrio e tenebroso. Esse inimigo da salvação, absolutamente infeliz, compraz-se com os tristes. Apenas os vê entregues a essa perigosa paixão, povoa-lhes o espírito e os ataca com toda espécie de tentações: o que levou um grande santo a dizer que, de todas as armas do demônio, a mais perigosa é uma tristeza amarga. O demônio não consegue seduzir ao pecado senão pela tristeza e pelo desânimo. Se lhe arrebatarmos essas armas, não poderás mais prejudicar-nos.

3.º *Provoca discórdia, destrói a caridade fraterna.* A tristeza geral a cólera, a impaciência, o despeito, o mau humor; torna o homem desconfiado, susceptível, intolerável; perturba-lhe o espírito, deixa-o louco e o torna insuportável a todos. Basta um Irmão com esse defeito para comprometera harmonia numa comunidade e nela introduzir a discórdia.

4.º *Escandaliza o próximo* porque induz a crer que se é infeliz no serviço de Deus e que a prática da virtude só traz amargura. "Vejam como sofre" Diriam as pessoas ao deparar com um religioso dominado pela tristeza. "Percebe-se, na sua fisionomia, que não gosta de sua vocação; aí vive como escravo; ainda não encontrou o caminho dele".

Certo dia informaram ao Pe. Champagnat que um Irmão jovem andava triste e taciturno. Mandou chamá-lo e lhe disse:

Você não gosta de sua vocação, não é verdade?

- Padre, me desculpe, eu sempre gostei de minha vocação.
- Então vai ver que é dos Irmãos que você não gosta?
Não tenho nada contra eles, nem o menor motivo de queixa.
Talvez não goste do seu trabalho?
Meu trabalho não me parece difícil e até gosto bastante dele.
Então, talvez a casa ou o lugar não lhe agradem?
Não Padre, nada me desagrada.
Por que, então, vive triste e calado?

Não é bem assim; é verdade que, por temperamento, propende à tristeza; porém, este defeito cresce muito devido a sua negligência em combatê-lo. Deixando-se arrastar por ele, você dá a impressão de que tudo na vida religiosa o aflige e desagrada. Tanto isso é verdade que, dentre seus companheiros, uns me asseguram que você não gosta nem da sua vocação e nem dos Irmãos; outros, que a casa ou seu trabalho lhe desagradam. Assim, deixando-se levar à melancolia, induz os outros a pensarem toda espécie de coisas ruins. Donde concluo que você não serve para a vida religiosa, se não corrigir esse defeito, porque se tornaria motivo de escândalo para os Irmãos e os alunos, e infelicitaria todos aqueles com quem vivesse.

No tempo em que se lia, no refeitório, a vida de S. Francisco de Assis, o bom Padre aproveitou a ocasião para fazer aos Irmãos uma fundamentada instrução sobre a santa alegria: "Meus Irmãos, o grande santo de quem estamos lendo a biografia, nos dá raros exemplos de virtude. Há um, entretanto, que desejo especialmente salientar: o cuidado com que evitava a tristeza e cultivava a santa alegria. Eis as razões que alegava para assim proceder: 1.º Os demônios são impotentes contra aqueles que conservam a paz, a confiança e a alegria;[703] 2.º a santa alegria da alma é tormento para os espíritos das trevas, pois invejam a vocação do religioso, os favores divinos que recebe e o prêmio que o aguarda; 3.º é próprio dos demônios entristecerem-se, e dos religiosos, alegrarem-se, já que os filhos de Deus. S. Francisco acrescentava que a alegria e a jovialidade devem ser a disposição habitual dos religiosos. É essa disposição que desejo a todos, e nada devem temer tanto como a tristeza e o mau humor, porquanto, depois do pe-

[703]. Texto inspirado em PPC, partie III, traité IV, chap. VI, "De la joie que donne la bonne conscience", p. 496ss.

cado, não existe nada pior, nem mais perigoso".

Para conservar entre os Irmãos a jovialidade, a alegria espontânea e modesta, o Pe. Champagnat permitia-lhes jogarem durante os recreios[704] e preferia vê-los entretido em brincadeiras inocentes em vez de em conversações e passeios. "Principalmente para os Irmãos jovens, argumentava, o jogo durante o recreio é o que há de melhor." Ele pessoalmente, de vez em quando, jogava com os Irmãos. No jogo, como em qualquer outro lugar, era sempre recatado, digno, discreto, embora muito alegre e cordial.

Alguns Irmãos de certo estabelecimento queixava-se amargamente da leviandade de um Jovem Irmão, dizendo que só pensava em divertir; que suas criancices, contrárias à austeridade religiosa, perturbavam a ordem da casa.

- Esse Irmão, inquiriu o Padre, é trabalhador, asseado, faz bem seu trabalho de cozinheiro?

- Não posso me queixar da cozinha, respondeu o Irmão Diretor.

- No tocante aos exercícios de piedade, reza bem?

- Quanto à piedade, não vai tão mal assim; aliás, como em tudo o mais. Censuro-lhe unicamente a demasiada paixão pelos jogos, sua leviandade e turbulência. Um só fato, entre outros, poderá revelar-lhe quanto esses defeitos sobressaem. Outro dia, após brincar demoradamente no pátio com o carrinho de mão, levantado-o à cozinha e às salas de aula, acabou levando-o escada acima, até a sala de estudos.

O Padre, que conhecia a fundo o jovem Irmão e gostava dele devido à sua candura e docilidade, respondeu aos acusadores:

- Lastimo deveras que tenha levado o carrinho somente até a sala de estudo. Se o tivesse levado ao sótão, eu lhe daria uma recompensa. Prefiro que se divirta assim a que fique ocioso e se aborreça. Não vejo que mal possa ter feito com o carrinho. Vocês também se

---

704. "Após o almoço, se não houver crianças para cuidar, os Irmãos irão para a horta tomar a recreação juntos: podem ocupar-se com horticultura. Outro tanto, após as aulas da tarde" (*Régle* de 1837, cap. II, art. 27, p. 23).

divertiam quando jovens. Parece que quem está errado são vocês: em vez de o interessarem em alguns jogos inocentes ou fazerem com ele alguns exercícios próprios para distraí-lo e fazer-lhe passar o tempo, vocês o largaram a sós, ocupam-se no estudo ou em conversas sobre assuntos sérios. Será de estranhar que ele brinque com o carrinho? Não há razão alguma para recriminá-lo e menos ainda para abandoná-lo a si mesmo, com o risco de se desgostar do trabalho e da vocação.[705]

O Piedoso Fundador considerava a jovialidade e a santa alegria como sinal de vocação: "Quem está alegre e contente prova, só por essa disposição, que gosta de seu santo estado. Nele vive feliz, não achando nada demasiado difícil". Quando via algum Irmão jovem sucumbir ao tédio e ao desalento, não descurava nada para ajudá-lo a combater essa tentação. Tinha dom especial para dissipá-lo e libertar as vítimas. Numerosos Irmãos fizeram a experiência de que bastava conversar com ele por alguns momentos para que se desvanecesse todos os pensamentos de tristeza e desânimo. Vários até afirmaram ter sido suficientes vê-lo, para ficarem livres dessa perniciosa tentação.

Um postulante,[706] de excelentes qualidades, depois de permanecer dois ou três dias na casa, veio falar com o Padre e lhe pediu para se retirar, alegando aborrecer-se e ser-lhe impossível acostumar-se.

De fato, respondeu-lhe o Padre, notei que está sofrendo e não está satisfeito. Para tornar-se Irmão é necessário ser alegre e contente, e, se você não conseguir viver assim, não farei nada para conservá-lo. Mas não quero que se vá enquanto estiver triste. Receio que acabe desanimando os jovens candidatos de sua terra, que se preparam para vir. Dentro de alguns dias, se a tristeza desaparecer, eu lhe darei licença para voltar para a família, se quiser. Depois de acrescentar diversas outras coisas agradáveis deixou o jovem satisfeitíssimo.

Decorrido alguns dias, o postulante voltou:

- Padre, não estou mais aborrecido. Ando mais calmo, acho que já passo ir embora.

---

705. É o Ir. Silvestre (AA, 109-111).

706. Trata-se do Ir. Firmino, falecido com a idade de 73 anos (CSG XIII, p. 325 e *Notices nécrologiques*, vol. 2, p. 72).

- Meu caro amigo, por que ir embora, se está contente? Agora vê claro que a tristeza sentido anteriormente não passava de tentação: em vez de retornar ao mundo, onde é tão difícil salvar-se, seria bom você começar, hoje mesmo, seu noviciado. Se ouvir meu conselho, garanto-lhe que se tornará um bom Irmão e salvará sua alma.

- Até pensei nisso, porém tenho duas coisas que me atrapalham. A primeira é o medo de que meu desgosto volte quando estiver longe do senhor. A segunda, são os gastos que eu estou fazendo. Serão inúteis se não perseverar.

- Não se preocupe. Prometo cuidar de você e não mandar você dar aulas, ates de firmar completamente na vocação.

Quanto aos gastos, não vai gastar nada. Caso não se acostumar e for obrigado a se retirar, não lhe cobrarei nada.

Em seguida, abrindo a escrivaninha, apanhou a bolsa do jovem, com duzentos francos e, separando-a numa gaveta, disse rindo: "Aí está seu dinheiro; nem toque nele; e nele ninguém, vai mexer. Se você for embora, terá de volta tudo o que me entregou".

A jovialidade, a santa alegria e a modéstia não são menos necessárias aos Irmãos para alcançarem pleno êxito junto aos meninos; o caráter intratável é um dos piores obstáculos ao bem. Para cativar os alunos, se fazer atender, é necessário tornar-se amigo dele. Ora, é sobretudo pelos predicados externos, vale dizer, pelas maneiras afáveis, delicadas, pelo gênio alegre, expansivo, acessível, condescendente, uniforme e modesto que se lhes granjeiam o respeito, a atenção e a confiança. "Um caráter bondoso, diz Sto. Ambrósio,[707] agrada a todos; e se vier acompanhado de carinho no trato, moderação no comando, afabilidade e honestidade nas palavras, modéstias e dignidade na conduta, é impossível exprimir até que ponto conquista o coração." Os santos não recomendam nada com mais vigor do que essas qualidades exteriores, imprescindíveis para quem deseja ser útil ao próximo e lavá-lo a salvação. "É preciso que os servos de Deus sejam modestos, sérios, prudentes, afáveis, irrepreensíveis e sem mancha, dizia Sto. Agostinho, afim de que, aqueles que os vêem, digam com admiração: 'com certeza quem possui caráter tão excelente e tão perfeito, é ho-

[707]. Sto Ambrósio, De *officiis Ministrorum*, 2. 7, PL 16, 118 C.

mem de Deus'." S. Gregório de Nissa, ao narrar as eminentes virtudes de S. Melécio, patriarca de Antioquia, elogia-lhe principalmente aquele algo de alegria e afabilidade, modéstia e dignidade com o qual conquistava todos os corações. S. Francisco Xavier[708] escrevia a seu confrade, enviando-o à catequese dos pagãos: "Tenha modos afáveis, cheios de alegria e serenidade para que não se assemelhe a certas fisionomias tristonhas e carrancudas, que espantam e afugentam as pessoas. O mundo já antipatiza demais com as coisas boas; é necessário, pois torná-lo agradáveis e afáveis". O mesmo santo ordenava a todos os religiosos da Campanhia de Jesus, de Cochim: "Cuidem para que suas palavras não tenham tom severo e ameaçador, revelador do desejo de serem temidos e honrados. Sejam, antes, francos e acessíveis, mediante alegria no semblante e grande afabilidade no falar". S. Vicente de Paulo[709] fazia a mesma recomendação aos membros de sua Congregação e lhes dizia: "Há pessoa que, por suja presença sorridente e modesta, esparzem a felicidade e conquistam a todos quantos se lhes achegam. Outras, pelo contrário, se apresentam com ar triste, cara fechada, rosto austero, franzido, que atemorizam e desconcertam. O catequista, acrescentava o grande santo, deve trabalhar por adquirir maneiras atraentes e dignas que conquistem os corações. Sem isso não acolherá frutos e será como solo árido que produz somente espinhos".

A convicção profunda dessa verdade levou o Pe. Champagnat a combater, sem tréguas, os defeitos de caráter; pois se convencera de que, se conseguisse corrigir os Irmãos nesse ponto essencial, teria eliminado o maior obstáculo ao êxito e apostolado junto às crianças. Dizia a um dos Irmãos mais antigos, que estranhava a persistência com que repreendia certas faltas exterior, aparentemente pouco graves: "Claro amigo, se você fosse chamado a santificar-se como trapista no interior de um convento, eu chamaria menos a atenção para seus defeitos de caráter, pois, admito-o, prejudicam pouco a sua perfeição e não o impedem de ser bom religioso. Mas podem desgostar os alunos, tornar-lhes sua presença repulsiva e, conseqüentemente, constituir um estorvo para o bem que deseja realizar. Quando, por vocação, não bas-

---

[708]. S. Fracisco Xavier, Instruções, pelo Pe. Barzero, que devia partir para Ormuz. Goa. Abril de 1549: BAC 101, 323.

[709]. L. ABELLY, *La Vie du Venerable de Dieu, Vincent-de-Paul, Paris,* Florentin Lambert, 1664, livre III, chap. XII, p. 194.

ta agradar a Deus pela pureza de consciência. É preciso também agradar aos homens por meio de um caráter afável e de grande delicadeza nas palavras e maneiras de agir".

Nas instruções o piedoso o piedoso Fundador votava ao tema com freqüência. Afirmava: "Não gosto dos Irmãos cuja presença afugenta as crianças; mas considero muito próprios a inspirar o amor à religião aqueles cujo temperamento jovial e maneiras afáveis e delicadas revelam uma alma satisfeita e virtuosa. Para edificar os alunos e conquistá-los para Deus. É também indispensável ter gênio que agrade e maneiras que atraiam. Ora, o caráter que mais facilita a prática do bem é aquele que, simultaneamente, é alegre, expansivo, serviçal, afável e constante. Porém, o caráter não pode ter todos esses predicados se o coração não for humilde, caridoso e respeitoso. A humildade e a caridade são o alicerce e o princípio de todas as boas qualidades que granjeiam a simpatia e o apreço dos homens. Não é sem razão que coloco o respeito pela criança na mesma linha da humildade e da caridade pois, além de brotar naturalmente destas virtudes, não há nada mais necessário na educação, tanto para o mestre como para o aluno, do que o respeito mútuo. Penso não haver ninguém dentre vocês que duvide dessa verdade, quando se trata do respeito para com o professor. Todos querem, todos exigem das crianças respeito e não acreditam possam educar quem se negue a esse dever. Ora, é igualmente impossível educar um menino sem respeitá-lo. Por que respeita a criança?"

1.º - Porque você quer que ela o respeite e aqui, como em tudo o mais, precisa dar o exemplo daquilo que exige;

2.º - Porque a criança é seu semelhante. Como você ela é filha de Deus, membro de Jesus Cristo e tempo do Espírito Santo;

3.º - Porque é inocente. A inocência e a virtude merecem o máximo respeito e a máxima veneração;

4.º - Porque não conquistará estima, confiança e simpatia senão pelo respeito e pelos bons modos que tiver para com ela;

5.º - Porque, pelo respeito, manterá a criança no dever e lhe fará evitar a maior parte das faltas que são conseqüências da idade e da leviandade;

6.º - Porque esse respeito e, para você, a salvaguarda da virtu-

de, o baluarte que o protege contra sua própria fragilidade diante dos perigos no magistério e no trato constante com as crianças;

7.º - Porque o respeito é o freio mais poderoso para acalmá-lo num momento de irritação e de cólera, e pelo fato mesmo, é o mio mais eficaz para prevenir os maus tratos, o castigo ou a correção injusta ou demasiado severa;

8. – Porque, sem o respeito e a sábia prudência que devem sempre orientá-lo, a honestidade, as atenções, a afabilidade, a delicadeza, a condescendência não passariam de vis e culpáveis adulações, próprias a rebaixá-lo desprezível perante os alunos.

Se agora me perguntarem quais são os efeitos mais opostos ao respeito devido à criança, responderia que são os seguintes:

1. - a grosseria e a dureza, do que se originam normalmente os maus tratos;

2. – a leviandade, oriunda da falta de dignidade e de compostura, faz com que não se pense as palavras, que se digam e se façam mil coisas próprias a impressionar mal as crianças;

3. – todas e qualquer familiaridade capaz de levar a criança a faltar com o respeito a seus mestres, ou a torná-lo menos dócil e menos fiel a seus deveres;

4. – as amizades preferenciais, as afeições puramente naturais, as carícias e outros sinais de apego, que os acompanham. O Irmão bonachão e que se permite familiaridades levianas avilta-se tanto quanto aquele é rude e grosseiro e maltrata os meninos. Um mestre sensato, que deseja conservar a boa reputação e a dignidade, e, sobretudo, que deseja fazer o bem e prevenir os perigos, jamais toca as crianças com as mãos, nem para acariciá-las, nem para corrigi-las;

5. – a inconstância no modo de trata os alunos e nos processos de ensino. A facilidade em muda de conduta a todo instante, dar muitos castigos hoje e amanhã perdoar tudo agir agora de um modo e logo a seguir de outro, é prova de que não se estendeu a importância da obra educativa, que se desconhecem os princípios que asseguram o êxito e que se exerce de maneira absolutamente profana o mais excelente e o mais sublime dos ministérios;

6. – a fraqueza voluntária, ou de caráter, que dissimula os de-

feitos das crianças, não ousando corrigi-los. Não é amar a criança, nem respeitá-la, tolerar que viva indisciplinar, viciada, deixando-o fazer o que bem entende. Semelhante procedimento sobretudo num professor religioso, é desonesto e fere profundamente o respeito devido à criança;

7. – finalmente, a falta de dignidade é o defeito mais oposto ao respeito devido à criança. Cometem-se uma série de deslizes que ferem o respeito devido a si mesmo e deixam na criança péssima imagem do mestre e levam-na a desprezá-lo"

Para conservar nos Irmãos grandes igualdade de caráter, preservá-los dos repentes de mau humor, afastar o que poderia ferir o respeito mútuo entre mestres e alunos, o Pe. Champagnat compôs aquelas sábias normas que proíbem aos Irmãos ter familiaridades[710] com os meninos, até brincar com eles, tuteá-los, dar-lhes apelidos,[711] usar palavras duras e ofensivas ao falar-lhes ou repreendê-los, e dar castigos corporais.

Em outras normas, não menos prudentes, o piedoso Fundador prescreveu aos Irmãos:

1. – serem sempre honestos com as crianças, formá-las às boas maneiras muito mais pelos exemplos do que pelas lições:[712]

2. – adiarem a punição das faltas graves para o dia seguinte,[713] a fim de que a correção se faça com calma e o espírito de justiça, de caridade e de compreensão a acompanhe sempre;

3. – elevarem o coração a Deus sempre que precisarem castigar os meninos, repreendê-los ou dar-lhes alguma advertência.

---

710. "Por nenhum motivo se chamará um menino para uma conversa em particular" (*Regle* de 1837, cap. 5, art. 22, p. 44)."Jamais se permitirá qualquer familiaridade com eles (os meninos, como seja, tomá-los pela mão, ou outra coisa semelhante" (ibid, art. 23, p. 44).

711. "Um Irmão jamais teteará seus coirmãos, nem mesmo as crianças, e a ninguém dará nenhum apelido" (ibid., art. 4, p. 38.

712. Carta ao Ir. Bartolomeu, de 31 de janeiro de 1830: "Sei também que tem bastantes alunos; terá, portanto, bastantes cópias de suas virtudes, pois é à sua imagem que as crianças se formam e são seus exemplos que vão nortear a conduta deles" (LPC 1, doc. 14, p. 53).

713. "As faltas graves só serão castigadas no início da aula seguinte. Pode-se começar dando ao culpado algumas linhas para decorar" *(Règle* de 1837, art. 20, p. 43).

Essas regras e exortações do piedoso Fundador não visam apenas afastar os Irmão de qualquer ato de grosseira, mas também fazer da escola uma família, pelo respeito, amor e confiança recíprocas entre mestres e alunos.

SEGUNDO CAPÍTULO

Espírito de fé do Pe. Champagnat.

A fé, diz Sto. Ambrósio, é o fundamento[714] de todas as virtudes. Quanto mais esclarecida, viva e firme, tanto mais as virtudes sobre ela edificadas serão sólidas e excelentes. O Pe. Champagnat foi modelo de virtudes sacerdotais e religiosas. Todas foram radicadas na fé; produzidas, desenvolvidas e fortalecidas pela fé. Para ele, como para o Rei Profeta, era a fé a luz que iluminava todas os seus passos,[715] palavras, decisões, projetos e todas as ações.

De sua fé vivíssima emanava aquela força, aquela energia que o tornava tão comovente nas instruções, fazendo com que fosse ouvido com atenção e prazer. Podia-se acreditar que via com os próprios olhos e apalpava com as mãos as verdades religiosas, tão profundas era sua convicção ao comentá-las. Nas conversas e nos colóquios particulares com os Irmãos, repetidas vezes lhes escapavam exclamações, expressões profundas, que, ditadas pelas vigor de sua fé, atingiam os corações, deixando impressões indeléveis. Eis alguns exemplos: a certo Irmão abalado por algumas dificuldades dizia: "Não receia injuriar a Deus abatendo-se por tão pouco? Pode-se temer o fracasso quando se tem o apoio de Deus e se trabalha pela expansão de sua obra?"

Querendo infundir sentimentos de generosidade em outro: "Ah! Meu Irmão, disse-lhe abraçando-o após a confissão, é preciso que nos salvemos; mas que nos salvemos por Deus e conseqüentemente deixemos de lado os temores, as inquietações e nos ocupemos unicamente em amar a Deus".

A um Irmão que se queixava das dificuldades da vida religiosa , disse o seguinte: "Se tivesse mais fé, não seria tão displicente no serviço de Deus e acharia que as dificuldades da vida religiosa nem são assim tão grandes. Há sofrimentos em toda parte. Todos tem sua

714. Fides enim virtutum omnium stabile fundamnetum est (Ambrósio, In Psalmis 40,4, PL 14, 1112a).

715. Sl 36,10.

cruz; aquele que carrega a sua por Deus e medita nas verdades da fé acha-a sempre leve".

"Meu amigo, afirmava a um Irmão jovem a quem as práticas da vida religiosa custavam muito, o que mais o penaliza hoje fará um dia sua maior consolação!" Não havia passado um ano e aquele que fora o alvo de tais palavras fazia a feliz experiência. "Ah! Como estou contente, exclamava no leito de morte, por ter aceitado alguns sacrifícios para perseverar na vocação e me haver obrigado a manter-me fiel à Regra! Nesta hora é o que me dá mais confiança em minha salvação".

Desse espírito de fé do piedoso Fundador brotava seu zelo inflamado pela glória de Deus e pela santificação das almas; seu imenso amor às crianças e o santo desejo de consagrar os últimos anos de vida à conversão dos infiéis.[716] "Ah Se conhecêssemos o preço de uma alma", repetia com freqüência aos Irmãos. "Se soubéssemos quanto Jesus ama as crianças e com que ardor deseja salvá-las, longe de achar penoso o ensino e queixar-nos dos sacrifícios impostos por nossa vocação, aceitaríamos sacrificar nossa própria existência, para propiciar a essas inocentes crianças o benefícios da educação cristã!" Quantas vezes os Irmãos que o acompanhavam nas jornadas ouviram-no dizer, à vista de um menino: "Está aí uma alma criada à imagem de Deus resgatada pelo sangue de Jesus, destinada à felicidade eterna. Talvez desconheça essas sublimes verdades e ninguém se preocupa com lhas ensinar". E sem demora, sempre que lhe era possível, o bom Padre achegava-se a ele, falava-lhe com bondade e indagava se sabia o catecismo.

O espírito de fé, mostrando-lhe sempre presente, mantinha-o em contínuo fervor. Após ocupações absorventes, os Irmãos viam-no e ouviam-no rezar com tamanha devoção e piedosa unção, que inflamavam os mais tíbios e inspiravam o amor à oração aos mais indiferentes. Por isso, na oração não tolerava desleixo, atitudes pouco respeitosas ou o sinal da cruz malfeito. Quantas vezes repreendeu severamente os Irmãos por surpreendê-los fazendo este sinal precipitada ou distraidamente: "É deste modo que fazem um sinal que nos recorda nossos mais comoventes e inefáveis mistérios? Não entendo como

716.OM 2, doc. 757, p. 808, nota.

religioso possam se descuidar a tal ponto! Que exemplo estarão dando aos alunos e fiéis? Que pensarão, vendo-os executarem levianamente um gesto tão adequado a inspirar a piedade e o fervor? Como ensinarão aos alunos a fazer este sinal sacrossanto, se pessoalmente o fazem tão mal?"

Após visitar 1'Hermitage, certo clérigo dizia: "Nada me impressionou e me edificou tanto como a piedade do Pe. Champagnat. Ouvindo-o rezar , a gente se convence de que é um santo. Impossível não serem piedosos os que vivem com ele. Assisti apenas a um exercício de piedade em sua companhia (a oração da noite) e me incutiu sentimentos de devoção que espero conservar por muito tempo".[717]

O mesmo espírito de fé inspirava-lhe profundo respeito pelos objetos de piedade e por todas as coisas consagradas a Deus. Encontrando pelo chão páginas de livros religioso, apanhava-as com carinho. "Zelem, recomendava aos Irmãos, para que os alunos não deixem cair as folhas dos livros; as que se despregam devem ser queimadas, porque o nome de Deus e, freqüentemente, sua própria palavra podem nelas estar gravados. Seria profanar o nome adorável e a palavra divina deixá-los pelos chão com perigo de serem pisados, ou abandoná-los sobre os móveis. Tomem muito cuidado, também, com todos os objetos religiosos das suas casas, como os crucifixos, as imagens dos santos, as pias de água benta, dispondo-os adequadamente e mantendo-os sempre muito asseados. Ensinem às crianças a procederem assim em seus lares."

Estendia esse respeito à vestimenta religiosa e muitas vezes foi visto recolhendo pedaços de cordão, um chapéu velho, ou qualquer outra parte do vestiário dos Irmãos para o resguardar. Dizia: "Suas vestimentas são bentas, são as librés de Maria. É preciso, pois, respeitá-las e tratá-las com o máximo cuidado. [718] Dar pouca importância ao habito religioso implica subestimar a vocação e desconhecer a santidade de seu estado. Sinto imensa aflição quando vejo partes de seus hábitos jogadas pelo chão. Peço-lhe, pois mantê-las sempre resguar-

717. "Quando rezava em voz alta... não lia a oração, mas recitava-a com ardor, energia e inteligência; sentia-se que os sentimentos do coração passavam para suas palavras e era-se levado à piedade e à devoção, até sem querer" (MEM, p. 97).-

718. LPC. 1, doc. 107, P.S., p. 231.

dadas. Não se deve, a pretexto de que uma peça não serve mais, largá-la indiferentemente em qualquer canto, pois todo objeto que relembre nosso estado deve ser tratado com respeito". Recomendava que cada manhã se beijasse a batina e a cruz, [719] antes de usá-las. Vezes sem conta repetiu semelhantes avisos e recomendações aos Irmãos tão vivamente se empenhava em incutir-lhes veneração às coisas santas, estima à vocação religiosa e a tudo quanto lhe diz respeito.

Não há palavras que exprimam seus respeito e veneração às igrejas, aos sacramentos e à santa missa. A fé vivíssima na presença real prostrava-o diante do Santíssimo Sacramentos. Impossível assistir-lhe a missa sem sentir-se levado à devoção e sem ser penetrado de profundo respeito aos nosso sagrados mistérios. Ao distribuir a comunhão, proferia as palavras: *Ecce Agnus Dei* com inflexão de voz compenetrada e enternecida que parecia estar vendo Nosso Senhor e que esse Deus Salvador para ele não era um Deus escondido. Inúmeras pessoas ficaram profundamente como vidas e reanimadas em sua devoção, ouvindo-o pronunciar, com tanto fervor e respeito, essas divinas palavras.

Em determinada viagem que fez à Sabóia,[720] pediu para celebrar missa numa paróquia rural. A toalha do altar e o corporal estavam bastante sujos. O Pe. Champagnat quase ficou doente. Disse ao companheiro: "Veja como tratam Nosso Senhor, que por nosso amor permanece nos altares! Dispõe-se de roupa limpa para o uso pessoal, para a mesa, mas deixa-se o adorável corpo do Filho de Deus na mais repugnantes sujeira. A casa da gente fica adornada e varrida, mas a igreja, onde mora Nossa Senhor, fica cheia de aranha e de poeira".

O profundo respeito que voltava a Jesus Cristo impedia-lhe pronunciar uma palavra sequer, no lugar sagrado, sem extrema necessidade. Mesmo na sacristia ele queria que se falasse o menos possível. A um Irmão que, por distração, entrara sem descobrir a cabeça, repreendeu: "Como, Irmão! Entra aqui sem se descobrir? Ignora que a sa-

719. Na Règle de 1837, na p. 107, encontram-se as orações para rezar no momento de pôr a batina, o cordão e a cruz.

720. O Ir. Avit, nos Annales afirma: "Foi por distração que o Ir. João Batista colocou esta cena na Sabóia" (AA, p. 108). Trata-se de uma viagem a la Cote-Saint-André onde o Pe. Champagnat acompanhava o Ir. Luis Maria. A cena passa-se na paróquia de Anjou (Isère) a 18 km de Chavanay.

cristia[721] faz parte da igreja e que nela se deve aparecer com recato e modéstia?" Excusando-se o Irmão, o Padre acrescentou: "Vamos lá, nada de desculpas, se tivesse fpe mais viva na presença de Jesus no Santíssimo Sacramento do altar não cairia em tais faltas". O Irmão que relata o fato acrescenta: "Há mais de vinte e cinco anos que recebi do bom Padre esta censura, e a impressão perdura em mim tão forte como no primeiro dia".

Nos primórdios do Instituto, quando ainda se estava em Lavalla, e a comunidade possuía apenas um exíguo oratório para os exercícios de piedade, dizia muitas vezes aos Irmãos: "Quando teremos a ventura de possuir uma capela[722] com Jesus Eucarístico? Tenho a esperança de que esse favor nos será concedido; mas, saberemos nós reconhecê-lo e apreciá-lo adequadamente? Constitui graça insigne desfrutar da presença d'Aquele que é a bem-aventurança dos anjos e dos santos. Essa presença, embora oculta e velada no Santíssimo Sacramento, merece ainda mais nossa reverência e adoração".

Apreciava muitíssimo a felicidade de ter nascido na Igreja Católica, dando por isso contínuas ações de graças a Deus. O dia do aniversário de seu batismo foi para ele, durante toda a vida, um dia festivo, celebrado com profundos sentimentos de gratidão e júbilo.[723] Procedia do mesmo modo na data de sua ordenação sacerdotal.

O justo vive da fé,[724] afirma a Sagrada Escritura. O Pe. Champagnat vivia intensamente essa vida de fé. Leiam, na Regra, o capítulo referente ao espírito de fé. É a expressão fiel de suas convicções, de sua doutrina e dos princípios que constituíam o móvel propulsor de sua conduta. Com o espírito de fé transbordante, o Pe. Champagnat só via Deus e sua santa vontade em todos os acontecimentos: [725]"É Deus

721. Na época a sacristia achava-se contígua à capela.

722. O Ir. Francisco assinala que fez o retiro, em 1829, na capelinha do primeiro andar, em La Valla. Então, em 1820, o desejo do Pe. Champagnat já estava satisfeito; existia uma capela na casa (AFM, cahier n 1, p. 121).

723. Marcelino, nascido em 20 de maio, foi batizado no dia 21. neste dia 21, celebrava-se a festa da Ascensão. Gostava de renovar suas resoluções por ocasião do aniversário do batismo, que celebrava anualmente no dia da Ascensão e não no dia 21 de maio (OME, doc. 1, p. 29, nota). Em 3 de maio de 1815, Marcelino escreveu numa caderneta: "Hoje, vigília da Ascensão de Nosso Senhora, véspera do aniversário do meu batismo, tomo novamente a resolução de cumprir todas aquelas que tomei..." (OME, doc. 11 [5], p. 50.

724. Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 2,4.

725. LPC 1, doc. 16, p. 57.

que dirige todos os eventos e os faz sempre reverter em benefícios de seus eleitos. Os maus se agitarão inutilmente, pois nada mais farão do que aquilo que a Providência lhes permitir. Não é, pois, a eles que devemos temer, mas somente a Deus. Precisamos ter mais receio de nós mesmos do que de todos os homens e do inferno, pois somos nosso maior inimigo; e o mal que nos causamos ultrapassa o que podem ocasionar-nos os maus e todos os demônios juntos".

Iluminado por esse espírito de fé, sentia perfeitamente sua própria fraqueza, o vazio da criatura, a vaidade dos meios humanos, e constava unicamente com Deus para o êxito de seus empreendimentos. Servia-se, é claro, dos meios ordinários, pois fazem parte dos planos da Previdência. Mas esperava tudo de Deus.[726] "Perderíamos o tempo, explicava às vezes, se esperássemos de nossos esforços e talentos, de nossas estratégias ou dos homens, o êxito de nossas obras, porque somente Deus pode no-lo conceder. Quanto a nós, servimos somente para estragar tudo."

Na época das férias, após haver feito com muito cuidado as colocações dos Irmãos e fixado, com seu conselho, o lugar e o trabalho de cada um, dizia: "Refletimos maduramente, tomamos as precauções para dar a cada Irmão o que lhe convém. Acreditamos ter arranjado bem as coisas. Evitemos, porém, de contar com nossa própria sabedoria. Se Deus não intervier para abençoar esses arranjos, é como se nada tivéssemos feito, e as mudanças que julgamos mais sábias vão ser as que terão menor resultado. Peçamos, pois ao Senhor que abençoe nosso trabalho, porque *Nisi Dominus aedificaverit domum, uin vanum laboraverunt qui aedificant eam"*. Tomava, então, a lista das colocações e depositava-a no altar, durante a missa. Por vários dias rezava fervorosamente com a comunidade inteira, para obter a proteção de Deus sobre essas nomeações.

Nas suas exortações, assim como nas recomendações particulares a cada Irmão, repetia à saciedade: "Com a graça de Deus, a proteção de Maria, a piedade e a virtude você haverá de vencer, realizar o bem e ter êxito. Cuidado, portanto, para não confiar em si mesmo ou no apoio dos homens. Precisa, sem dúvida, comportar-se de maneira a

726. "Não menosprezo nenhuma diligência para conduzir a bom termo este problema (o reconhecimento legal), porque a Providência quer que nos sirvamos dos homens em tais circunstâncias" (LPC 1, doc. 183, p. 373).

conquistar a confiança das autoridades e interessá-las pela escola. Mas não é dos homens, nem dos seus talentos que deve esperar a prosperidade das escolas, mas de Deus".

Certo Irmão Diretor, ao fazer o relatório da gestão no seu estabelecimento, certificou-lhe que os Irmãos gozavam da simpatia geral de todas as pessoas conceituadas da região, que lhes tinham conquistado a estima e contavam com seu apoio. Alguns dias depois o Padre teve informações seguras de que essas pessoas, consideradas pelo Irmão como dedicadas à causa do estabelecimento e de quem esperava os recursos necessários, tramavam a ruína da escola e manobravam, na sombra, para se desvencilhar dos Irmãos. O bom Padre, tendo reunido naqueles dias os Irmãos Diretores, para assuntos administrativos, aproveitou a circunstância para ministrar a todos excelentes lição acerca da inutilidade dos meios humanos na promoção do bem. Interpelando o Irmão interessado, respondeu-lhe:

Meu Irmão, não me garantia que as autoridades e todas as pessoas influentes de sua municipalidade eram dedicadas e protegiam a escola e, portanto, não tinham nada a temer sobre o futuro do estabelecimento?

Isso mesmo, Padre.

É pôs-se imediatamente a repetir o elogio às autoridades e as magníficas promessas recebidas.

Pois bem, meus caros Irmãos, prosseguiu o Padre, renovo as recomendações que lhes fiz tantas vezes, no sentido de procederem de modo irrepreensível em relação a todos, particularmente às autoridades e outras pessoas, cuja colaboração lhes é necessária para fazer o bem. Entretanto, confiem somente em Deus para o êxito das escolas e dos seus trabalhos. O Irmão que vocês acabam de ouvir se apoiou demais nas elites do seu município. Esta manhã recebi a informação de que estão fazendo tudo para despedir os Irmãos e fechar a escola. Sempre que nos apoiarmos nos homens, Deus nos retirará sua proteção. Então, veremos, com certeza, cumprir-se a sentença do Profeta: *Nisi Dominus aedificaverit domum, in vanun laboraverunt qui aedificant eam.*[727] Jamais esqueçam que é somente com a ajuda de Deus e

727. Sl 126,1.

não com meios humanos que podemos realizar o bem.

Pois a sessão chamou o Irmão e lhe disse: "Certamente minhas palavras o deixaram sem jeito, mas julguei que a lição serviria para todos. Sabe, Irmão, estou convencido de que Deus permitiu para castigá-lo da exagerada confiança depositada nos homens. No decorrer do ano visitou-os mais vezes no intuito de conquistar-lhes a simpatia; com uma só visita ao Santíssimo Sacramento lucraria muito mais. Lembre-se que apoiar-se nos homens é apoiar se em caniço que verga e nos deixa cair".

Certo dia deparou com os pertences de um Irmão que chagava de viagem; num pacote leu: Meios infalíveis de sucesso. Curiosa por saber quais eram os tais meios, desfez o embrulho e viu que encerrava rubricas, pássaros desenhados e folhas de desenhos de toda espécie. Decepcionado com a importância atribuída a tais bugigangas, manda vir o Irmão responsável pela formação dos jovens e, mostrando-lhe toda aquela papelada, disse: "Está vendo os meios infalíveis de sucesso dos seus jovens Irmãos; está vendo em que se apóiam para vencer. Com isso, será de se admirar que realizarem tão pouco bem junto aos alunos? Que adianta ensinar-lhes todas essas coisas se não sabem usá-las com mais proveito? Doravante, dê menor importância ao acessório e mais à piedade. Sobretudo, repita sempre aos Irmãos em formação que a prosperidade das escolas e o bem que nelas se faz é fruto da virtude e do auxílio divino e nunca da confiança em semelhantes frivolidades". Tendo chamado o Irmão, dono dos papéis, após censurá-lo, apanhou o embrulho e jogou no fogo, dizendo: "Olhe os meios infalíveis de sucesso voando com a fumaça, e não são mais do que fumaça".

"A fé é virtude generosa, afirma Sto. Tomás; é audaciosa e plena de vigor, acrescenta Sto. Agostinho; é o vigor das almas heróicas,[728] completa S. Leão". Em nosso Fundador a fé teve todas essas qualidades. Conferiu-lhe a generosidade que não retrocedia perante sacrifício algum. Impeliu-o a unir sua vida à dos Irmãos, a lhes compartilhar as privações, imolar as suas forças, saúde e a própria existên-

728. "A fé é uma virtude generosa. É o elogio de Sto. Tomás. É audaciosa e plena de vigor, diz Sto. Agostinho; ela é, afirma S. Leão (Serm. De Ascens), o vigor das almas heróicas" (ETIENNE DE SAINT FRANÇOIS-XAVIER, Exhortations Monastiques, t. 3, 314, Avignon, Aubanel, 1836).

cia para o êxito da sua obra. Tornou-o, audacioso, animado e o levou a empreender obras cujos triunfo parecia impossível aos olhos da prudência humana. A fé deu-lhe o vigor, a grandeza de alma que lhe permitiu levar de vencida todas as dificuldades, todos os acidentes da vida. Afirma um piedoso eclesiástico, seu colega de seminário: "O Pe. Champagnat não era gênio, não era muito instruído; seus talentos eram bem medianos, mas era homem de fé. Desde o tempo de estudante notava-se essa virtude brilhar nele com grande vivacidade, atuar e motivar-lhe todas as ações. Foi essa fé inabalável como um rochedo, que lhe permitiu triunfar em tudo. Deus lhe ordenara:

fará isto, isto, é ele o fez, apoiando-se unicamente em Deus e só Nele confiando".

Não esqueçam os Irmãozinhos de Maria por quais meios o Pe. Champagnat realizou o bem, a fim de que jamais os seduza a tentação de lançarem mão de outros. Quando não conseguirem todo o êxito que teriam direito de esperar do seu trabalho, indaguem se a principal causa não reside no esquecimento do espírito de fé do piedoso Fundador e no uso de certos meios que ele desconhecia. Freqüentemente ouve-se dizer: como é possível que tantos desvelos, tantas orientações aos alunos, tenham tão pouco resultado? Como, com tantos meios de perfeição, haja tão pouco virtude sólida entre os Irmãos? Sto. Agostinho[729] nos dá a resposta em duas palavras: *Fides dormit:* a fé está adormecida. Os ensinamentos dados às crianças, os recursos de toda ordem usados para nosso próprio aperfeiçoamento não são animados, não são vivificados pelo espírito de fé. Durante o inverno, pela paralisação da seiva, as plantas não se desenvolvem e nada produzem. Assim também, quando a fé adormece, o religioso não produz nenhum bem, nem para si nem para os outros, apesar de todo o trabalho a que se entrega.

729. Sto. Agostinho fala de Jesus adormecido na barca: "Eu pretendo... exortar-vos a não deixar adormecer a fé em vossos corações... É bom não pensar que o sono tenha fechado, sem querer, os olhos do Onipotente durante essa travessia. Se estais pensando assim, Jesus Cristo está adormecido em vós; se, porém, Jesus Cristo está de vigia, vossa fé vigia com ele" (Évangiles, t. 16, serm. 63, Paris, Luís Vivès, 1871).

CAPÍTULO TERCEIRO

Confiança em Deus.

O Pe. Champagnat teve êxito em tudo quanto empreendeu. O mais admirável é que conseguiu tudo sem nenhum socorro humano. Qual a causa principal de semelhante êxito? Não há outra, além do seu espírito de fé e sua ilimitada confiança em Deus. "Quando temos Deus a nosso favor, repetia amiúde aos Irmãos, quando depositamos nele nossas esperanças, nada é impossível. É uma verdade de fé da qual não é lícito duvidar, porquanto o apóstolo nos exorta: 'Se Deus é por nós, quem será contra nós?'[730] e 'Tudo posso naquele que me conforta'."[731]

A história da vida de nosso piedoso Fundador é uma confirmação admirável dessa realidade. Possuía tão poucos talentos, que seus pais, descrentes de que pudesse ingressar na carreira eclesiástica, fizeram de tudo para dissuadi-lo de estudar latim. Transcorrida uma semana no seminário menor de Verrières, os responsáveis quiseram, a todo custo, despedi-lo, porque, depois de submetê-lo a exame, julgaram-no totalmente incapaz de vencer nos estudos e adquirir os conhecimentos necessários ao estado sacerdotal. O piedoso jovem se dava conta, melhor do que ninguém, das dificuldades que encontrava para apreender. Mas, depositando absoluta confiança em Deus, manteve-se inabalável, não se deixando abater. "Se é vontade de Deus que eu abrace esta vocação, disse aos pais, Ele me dará inteligência e tudo o que for preciso para prosseguir nos estudos. Vou iniciar, confiante em seu auxílio, que não pode negar-me, pois é Ele quem me chama. Dê-me uma oportunidade, disse ao superior do seminário menor e, se dentro de alguns meses eu não der conta do recado, mande-me embora. Espero que Deus que me conceda a graça de acompanhar a turma e dar ao senhor plena satisfação."

Sua confiança em Deus não foi vã. Já vimos que não foi aluno

---

730. Rm 8,31
731. Fl 4,3.

brilhante pelos talentos;[732] entretanto, saiu-se bastante bem nos estudo, porquanto, no transcurso do ano, no início do qual queria despedi-lo, completou duas séries.

Ordenado sacerdote e nomeado coadjutor de Lavalla, empreendeu a reforma da paróquia. Conseguiu-o, não com talentos oratórios, mas com suas preces e inteira confiança em Deus. Suas homilias primavam pela singeleza. Constava geralmente de uma leitura comentada. Entretanto, produziram os mais excelentes frutos nos ouvintes. Não tinha muito tempo para preparar os sermões porque as ocupações do ministério e os cuidados da comunidade o absorviam quase por inteiro. Assim mesmo, nunca subia ao púlpito sem ter estudo e meditado o que ia dizer. A simplicidade nos ensinamentos não se originava da falta de preparação, mas da desconfiança de si mesmo e da confiança em Deus, como podemos concluir das seguintes palavras, freqüentemente repetidas aos Irmãos: "A palavra humana pode agradar e até converter os corações. Não há dúvida, é impotente para mover e converter os corações. Não há dúvida de que devemos estudar a religião e preparar com cuidado os catecismos, porque é impossível transmitir o que não se conhece; estaríamos muito enganados, porém, se julgássemos ser isto bastante para realizar o bem. Não é com belas palavras que inspiramos a piedade e conquistamos almas para Deus. A conversão dos corações é obra da graça e não efeito da eloqüência e dos talentos do homem. Que vale a habilidade do jardineiro ou do lavrador, se Deus não lhes abençoa os trabalhos e não dá crescimento às plantas? Cuidemos de jamais nos apoiar em nossos talentos; são nulos para o bem: perderíamos o tempo e nos cansaríamos inutilmente, se Deus não estivesse conosco. Nissi Dominus aedificaverit domum, in vanum laboraverunt qui aedicant eam. Se Deus não vivifica nossas palavras por sua graça e seu espírito, serão apenas um som inútil, que fere o ouvido, mas não atinge o coração.

Não é pelo estrondo que o canhão derruba as muralhas e incendeia os edifícios, mas é pelo tamanho da bala. O homem pode fazer barulho, mas é a graça, figurada pelo tamanho da bala, que muda os corações, abrasa no amor divino. Só Deus pode concedê-la. Eis por que a oração e o ofício bem-rezados, o terço rezado com piedade, a

[732]. AA, p. 25.

missa participada com devoção, a comunhão fervorosa, são mais úteis par ao êxito do catecismo do que a ciência e todos os talentos naturais, porquanto essas santas ações nos unem a Deus e nos obtêm a graça que é tudo e faz tudo. Desejo que todos fiquem bem convencidos de uma coisa: não existe defeito mais prejudicial Às obras de Deus e mais garantidor do fracasso do que a presunção, a confiança em nossos pequenos talentos. Por isso não receio afirmar: os indivíduos, por mais talentosos que sejam, se não tiverem, ao mesmo tempo, sincera humildade, são os menos aptos a fazer o bem, porque contam demais consigo mesmo e de menos com Deus".

Certa vez, um membro do seu Conselho lhe propôs um Irmão, dos mais hábeis, para um cargo difícil: "Não, senhor, redargüiu energicamente o Padre, não faria nada. Confia demais nos próprios talentos. Precisamos, isso sim, de um homem piedoso, humilde, que desconfie de si mesmo e confie mais em Deus do que na sua capacidade".

Outra vez, quando em sua presença gabavam as qualidades naturais de um jovem Irmão, replicou: "É verdade, esse Irmão possui talentos, mas o diabo também os possui e bem maiores. Nem por isso é capaz de fazer o bem. Não é de gênios que precisamos para fazer as obras de Deus e converter os alunos em bons cristãos; porém, de grande dedicação, sólida virtude, espírito de oração e confiança em Deus. Os talentos desse Irmão, acrescentou, são para ele um dom nocivo, pois tornavam-no vaidoso, presunçoso, fazendo-o perder o espírito religioso e talvez a vocação". O bom Padre não se enganava: o Irmão teve êxitos brilhantes, que o encheram de orgulho, tornando-o mundano e desobediente. Terminou sendo expulso do Instituto.

Nos retiros anuais, o piedoso Fundador se encarregava de todas as conferências. Em certo ano, começou a primeira com esta advertência. "Amados Irmãos, ouviu alguém perguntar se o Padre missionário prega bem. A minha resposta é a seguinte, e peço que não esqueça: se, para o Êxito do retiro, contam com os talentos do missionário e como que poderia dizer-lhes, não farão nenhum retiro. As palavras dos homens podem comover o espírito, exaltar a imaginação, impressioná-los por algum tempo, mas, se Deus não lhes tocar o coração tal impressão se esvairá com o som que a provocou e vocês sairão do retiro tais como nele entraram. As mais ardentes exortações e as alocuções mais bem preparadas não geram nenhum efeito duradouro,

se Deus não falar ao coração; só a graça pode nos comover, criando sentimentos de arrependimento e de conversão. Rezem, pois, se pretendem fazer um excelente retiro. Ponham toda sua confiança em Deus, pois aqui, mais do que em tudo o mais, é necessário repetir: Nissi Dominus aedificaverit domum, in vanum laboraverunt qui aedificant eam".[733]

O estilo do Pe. Champagnat, embora muito simples, apresentava nobreza e vivacidade; a palavra era expressivo: tudo nele anunciava um homem repleto do espírito de Deus. Era isso que comovia e tornava suas palestras interessantes para os Irmãos, que as apreciavam mais do que os sermões dos pregadores famosos. Só de vê-los subir ao púlpito, um sentimento de satisfação iluminava todos os semblantes. Ninguém se cansava de ouvi-lo. Todos preferiam seus ensinamentos familiares, suas exortações paternais, até as repetições, aos discursos mais bem elaborados.

Não há virtude que o Pe. Champagnat tenha mais recomendado que a confiança em Deus.[734] Comentou milhares de vezes os dois primeiros versículos do Salmo Nisso Dominus aedificaverit domum e seus comentários formariam volumes: "Não se admirem por me ouvirem falar sempre sobre o mesmo assunto. É que pe importantíssimo. É tudo. Com efeito é próprio do homem a fraqueza, a miséria, o nada. Nada possui e nada pode sem o auxílio divino. Nossa fraqueza e nossas permanentes necessidades constituem outra tantas razões para que depositemos em Deus toda nossa esperança. Aliás, há outro motivo para inspirar-nos confiança se limites: é que esta virtude representa a medida das graças que recebemos, e Deus nos auxilia sempre na proporção da nossa confiança. O Senhor nos fala como aos hebreus? Toda terra que pisardes será vossa;[735] vale dizer, dar-vos-ei tudo quanto

---

[733]. Sl 126,1.

[734]. Escrevia ao Ir. Francisco: "Estamos nas mãos de Jesus e Maria... Cumpra-se a santa vontade de Deus e procuremos só querer o que Deus quer... ele sabe mais do que nós o que estamos precisando" (LPC 1, doc. 195, p. 396). Ao Ir. Domingos: "Deposite toda confiança em Jesus e Maria e esteja certo de que tudo redundará para a maior glória de Deus e a salvação de sua alma" (LPC 1, doc. 234, p. 455). Ao Ir. Antonio: "... temos Deus como nosso defensor; ninguém nos pode prejudicar, se Deus não lhe permitit" (LPC 1, doc. 17, p. 58).

[735]. Dt 11, 24 (cf. PPC PARTIE iv, trite I, chap. XVI).

esperardes de minha bondade. Se esperardes de mim a graça de lutar contra as paixões, de corrigir os vícios e triunfar dos adversários, eu vos darei tudo isso. Se de mim esperardes a virtude, eu vo-la darei. Tende confiança em mim, serei vosso protetor, amigo, pai. Abençoarei vossos passos. Saciarei vossos desejos: dar-vos-ei os bens naturais tanto quanto vos forem úteis e os bens da graça. Numa palavra, tende confiança em mim, buscai no seio de minha misericórdia todos os dons e favores que desejardes".

O bom Padre folgava de ver seus Irmãos na necessidade de praticar essa virtude. "Não lamento que tenha dificuldades e perseguições, escrevia a um deles; assim ficará na feliz obrigação de confiar em Deus". Escrevia a todos: "Você me diz que a morte arrebatou o maior benfeitor da sua escola. Não é exato. O maior de seus benfeitores é Deus, que não morre nunca. Confie nele e nada lhe faltará. Levou a pessoa que você pranteia, para que saiba contar só com Ele".

Vendo alguém desanimar ou perder a confiança em Deus, o bom Padre ficava profundamente contristado. Escrevia a um Irmão: "O que? Você tem a coragem de magoa a Deus, desconfiando dele? Acaso não é Ele bastante poderoso para socorrê-lo, ou você duvida de sua bondade? Você já viu alguém esperar nele e ficar desamparado? Se conhecesse melhor a Deus, não o trabalharia assim".[736]

Após a enfermidade de 1825, que o levou à beira da sepultura, ficou sabendo do desânimo dos Irmãos. Diversos deles haviam já planejado retirar-se, julgando a Congregação desfeita, caso viessem a perdê-lo. O Pe. Champagnat ficou extremamente surpreendido e amargurado com tanta falta de confiança em Deus. No mesmo dia, depois de saber todos os pormenores do ocorrido, reuniu a comunidade e a censurou energicamente: "Queridos Irmãos, quando é que teremos sentimentos dignos de Deus? Porventura, não nos deu Ele suficiente provas de sua bondade, para aprendermos a confiar em sua Providência? Acaso deixou-nos falta do necessário desde que nos retirou do mundo? Não dói Ele quem fundou o Instituto, quem nos deu todos os meios para construirmos esta casa, quem nos multiplicou e abençoou nossas escolas? Quem dentre vocês pode apresentar-se e dizer que Deus deixou de ajudá-lo e assisti-lo, desde sua entrada na vida religio-

[736]. As cartas, às quais o parágrafo faz alusão, não foram encontradas.

sa? Por que duvidar do futuro da Congregação? Por que julgá0la perdida, se lhe aprouver retirar o instrumento do qual se serviu para orientá-la?

Esta comunidade é obra dele. Foi Ele quem a fundou; não necessita de ninguém para mantê-la; vai levá-la a bom termo sem os homens e apesar dos homens. Lembremos-nos sempre: Deus não precisa de nós, nem de ninguém. Se nossos sentimentos e nossas preocupações continuarem sendo terrenas, acabaremos por nos desligar deste Instituto, perdendo a vocação. Outros virão substituir-nos. Deus haverá de abençoá-lo, porque serão mais fiéis, e por meio deles continuará sua obra. No mais, devo afiançar-lhes, para tranqüilizá-los e fazer-lhes compreender como erraram ao desanimar, que a casa não se acha tão endividada como imaginam. Deus sempre acudiu Às nossas necessidades. Nunca chegou atrasada sua assistência. Assim nossa dívida é pequena e por ela me responsabilizo".

Em 1830, pronunciou também várias exortações para incentivar os Irmãos[737] à prática desta virtude: "Deus permite todos os acontecimentos e os faz reverter à sua maior glória e ao bem dos eleitos. Se confiarmos nele, nenhum mal nos acontecerá. Ninguém no mundo pode lesar-nos, nem fazer cair um só cabelo de nossa cabeça,[738] sem a permissão de Deus. Deus diz aos maus: podem chegar até lá, não, porém, mais longe.[739] É inegável, portanto, que nada nos acontecerá sem sua permissão. Os homem têm sobre nós o poder que Deus lhes dá, e todo o mal que sua malícia pode ocasionar-nos haverá de reverter em vosso proveito."[740]

Alguns Irmãos consultaram-no se não seria prudente adotar certas providências para salvaguardar-se em caso de acontecimentos catastróficos. "A grande providência que vocês devem tomar, disse-lhes, é entregaremos tranqüilamente nas mãos de Deus e redobraremos de confiança na Providência divina. Façam tudo por merecer sua proteção, mediante maior fidelidade à Regra, maior zelo na educação das

---

737. Carta ao Ir. Antonio e aos coirmãos de sua comunidade, em15 de agosto de 1830 (LPC 1, doc. 16. p. 57).
738. Lc 21,18.
739. Pr 8, 29; Sl 89,10. E ainda, carta ao Ir. Antonio, LPC 1, doc. 16, p. 56.
740. Rm 8,28.

crianças e a prática de todas as virtudes da vocação. Essas providências bastam e, sem elas, quaisquer outras seriam inúteis para livrá-los dos perigos que temem."[741]

Em vários municípios, os Irmãos, vendo-se privados de seus vencimentos, preveniram o bom Padre, manifestando-lhe preocupação quanto à penúria que iriam passar. Assim lhes respondeu: "Os homens lhes retiraram os vencimentos; Deus, porém, sabendo que vocês necessitam de alimentos, não lhes retirou sua proteção. Ele tomará conta de vocês, uma vez que trabalham na sua vinha. Alimenta as aves, dá o pão aos maus que lhe blasfemam o santíssimo nome e insultam a religião. Como é possível que desampare a vocês e lhes deixe faltar o necessário, se têm confiança nele! Ora, essa confiança em sua bondade deve ser tanto maior, quanto vocês, agora, só têm a Ele como apoio e sustentáculo. De mais a mais, quando se virem na impossibilidade de viver, venham a l'Hermitage. Enquanto houver um bocado de pão,[742] vocês terão sua parte".

Quando empreendia uma obra, considerava apenas uma coisa: sabe se Deus a queria. Quando tinha certeza, não se importava nem com os obstáculos, nem com a falta de recursos, convencido de que Deus saberia afastar os empecilhos e prover às necessidades. Assim sendo, convidar jovens pobres e ignorantes, adquiri-lhes uma residência e mobiliá-la, embora ele próprio fosse pobre e sem recursos. Todos o preveniam de que essa fundação estava destinada ao fracasso total. Um Padre[743] de grandes méritos, que mais tarde se tornou arcebispo, usou de todos os meios para dissuadi-lo de semelhante empreendimento. Vendo que não conseguia mudar-lhe a idéia, mandou-lhe dizer: "O que você está querendo não vai dar certo, e você vai ser objeto de zombaria por parte de todo mundo". Infelizmente, replicou o Padre,

---

[741]. Carta ao It. Lúís Maria, de 21 de janeiro de 1837 (LPC 1, doc. 86, p. 200; e LPC 1, doc. 30, p. 84).

[742]. LPC 1, doc. 86, p. 200. Também LPC 1, doc. 30, p. 84.

[743]. O Pe. Séon nos revelou o nome: O Pe. Champagnat construía l'Hermitagem; o Pe. de la Croix, então vigário dos Cartuxos, hoje arcebispo de Auch, mandou dizer-lhe: "Diga ao Pe. Champagnat que o que ele está empreendendo não vai dar certo" (OME, doc. 160 [21], p. 386 e nota 3). Esse padre, Nicolas-Auguste de la Crois d'Azolette, eera um dos diretores do seminário de Lyon durante os anos de estudante do Pe. Champagnat (OM 4, p. 191).

tenho a certeza de que não vai dar certo, se Deus não tiver conosco[744] Mas, se Ele deseja esta obra, como acredito, ele vai dar certo, embora não tenha nada para isso. O vexame que pode sobrevir, em caso de malogro, não me preocupa. Receio mais ser infiel a Deus do que desprezado pelos homens".

Quando projetou construir a casa de 1'Hermitage, diversas pessoas lhe ponderaram que era imprudente empreender, sem nenhum capital, tão vasta construção. Respondeu ele:

- É mesmo, acho que seria grave imprudência e extrema temeridade, se confiássemos em nós. Mas nós confiamos na Providência, que nuca nos faltou e tudo realizou entre nós; Ela não pode abandonar-nos, pois é obra sua o que fazemos.

- Mas o senhor está assim tão certo de que Deus quer esta obra?

- Como duvidar, depois das bençõe com que nos cumulou e proteção que nos concedeu? Se Deus não quisesse essa comunidade, não nos mandaria tantos aspirantes, não abençoaria nossas escolas; não nos daria o necessário para viver, como o fez até hoje. Favorecendo a Congregação, dá-nos a prova de que Ele a quer; e, se é assim, haverá de nos mandar os recursos para construirmos uma casa de acordo, onde possamos morar.

Alguns atreveram-se a ir mais longe: vendo que não atendia aos conselhos, sustentaram que o orgulho o enlouquecera e brevemente ele mesmo daria a prova da loucura abandonando tudo e indo à falência. Ao tomar conhecimento do que andava dizendo do contentou-se em retrucar serenamente: "Deixemos os homens criticar e confiemos em Deus que jamais nos abandonará, a menos que nós tememos a iniciativa de abandoná-lo".

Tais dizeres ofensivos não teriam prejudicado o Pe. Champagnat se não tivessem distorcido a opinião pública com referência à sua obra e estacado os recursos de que tinha necessidade imprescindível. Realmente, várias pessoas abastadas que tencionavam ajudá-lo deram outra destinação a seus benefícios. Em situação de grande penúria, um Irmão apresentou-se a uma dessas pessoas, pedindo-lhe ajuda: "De

[744]. Sl 126,1.

modo nenhum, respondeu, não quero apoiar seu superior em suas loucuras. Que pretende fazer com aquela imensa moradia que está levantando? Antes de acabá-la, terá de vendê-la e abandonar tudo. Jamais terá algo de mim e não aconselharei ninguém a ajudá-lo".

Quando o Irmão trouxe a resposta, o Pe. Champagnat exclamou: "Há muito me convenci de que não devemos esperar nada dos homens e que é Deus quem deseja realizar tudo em nosso meio: redobremos, pois, de confiança em sua bondade, abandonemo-nos à Providência: é glória para ela assistir-nos e fornecer-nos os recursos que os homens nos recusam. Mesmo que todos os homens se armem contra nós, nada teremos a temer, se Deus estiver a nosso favor". A confiança do bom Padre não foi inútil: os recursos vieram, de fato, e de onde menos se esperavam. Assim a proteção de Deus tornou-se mais visível.

Ademais, não era do feito do Pe. Champagnat esmolar para obter recursos. Preferia deixar à Providência o cuidado de auxiliá-lo com bem lhe aprouver. Parece incrível, mas imputaram-lhe com crime essa maravilhosa confiança em Deus! Murmuravam: "Estão vendo? Não atende aos conselhos de ninguém; está tão atacado pela 'doença da pedra' que só pensa em construir. Quem vai pagar?! Pouco lhe interessa, contato que erga paredes que amanhã derrubará, para construir depois". Tais caluniosas insinuações iludiram a muitos, envolvendo o próprio Arcebispo. De tanto ouvir falar que o Pe. Champagnat só se ocupava em construir e gastava o dinheiro desatinadamente, acabou acreditando. Tendo-o chamado, censurou-o energicamente e lhe proibiu[745] novas construções.

No arcebispado reinava grande temor de que o Pe. Champagnat fosse à falência. "Impossível, comentava-se, que não acabe levando na cabeça. Faz despesas vultuosas e as receitas são quase nulas. Deve mais do que tem. Os credores, vendo a situação, vão confiscar-

[745]. M. Cattet, vigário geral, escreve em 31 de setembro de1829: "O senhor deve usar de todos os meios para fazer prudentes poupanças; porém, o melhor é diminuir ou adiar quanto possível as reformas ou construções..., tenho a certeza de que o senhor não vai mais fazer em 1'Hermitage..., tenho a certeza de que o senhor não vai mais fazer em 1'Hermitage ou em outra senão aquilo que for rigorosamente recessário" (OME, doc. 65 [3], p. 152).

lhe a casa e, não podendo satisfazer a todos, vai acontecer o escândalo". A certa altura, essa interpretação dominou de tal forma os ânimos, que o Arcebispo se viu na obrigação de destruir o Pe. Champagnat da direção da casa, o que se teria verificado se o padre escolhido não tivesse desistido da incumbência.[746] Apressemo-nos em afirmar que o Arcebispo não ficou muito tempo sem perceber que estava enganado: rapidamente voltou depositar confiança e estima no Pe. Champagnat. Não se deu o mesmo com muitas outras pessoas. Vendo os fatos sob o prisma da prudência humana, jamais puderam compreender a conduta do bom Padre. Sabendo que devia mais do que tinha, indagavam o que seria dos irmãos depois de sua morte e o que fariam para pagar os credores.

Durante toda a vida o piedoso Fundador constantemente se empenhou para inspirar aos Irmãos a confiança em Deus, assegurando-lhes que Deus cuidaria deles e jamais lhes faltaria sua assistência, no leito de morte proferiu a derradeira recomendação: "Depositem sua confiança em Deus e contem com Ele. Sua Providência os sustentará, ajudará, abençoará e proverá a todas as necessidades". Foi uma glória para divina Providência conferir grande prêmio a quem nela tanto confiara, bem como mostrar que não fica frustrado quem nela se apóia. Ao longo de toda a vida o homem de Deus fora assistido pela Providência tão oportunamente, que pôde confidenciar a um amigo: "Nuca me faltou dinheiro, sempre que dele tiver absoluta necessidade". Ao falecer, deixou a seus filhos mais de duzentos mil francos de bens-de-raiz, sem nenhuma divina, exceto alguns milhares de francos de uma propriedade[747] que adquiriria no ano de seu passamento. É, como se Deu houvesse jurado recompensar sua confiança até o fim, uma pessoa generosa, pouco tempo depois, saldou essa dívida.[748]

A confiança total em Deus mantinha-o em serenidade admirá-

---

[746]. Quando as quedas de M. Courveille vêm a público, há ainda um momento (maior-outubro de 1826) em que o arcebispo pensa em propor a um "padre (M. Coindre, de 31 de maio de 1826, mostra não estar ele disposto a isso (OME, doc. 44, p. 119). Em 8 de agosto de 1826, uma decisão do conselho de D. de Pins indica que o caso está encerrado (OMEC, doc. 48, p. 128).

[747]. A propriedade da família Patrouillard foi comprada no dia 1. de janeiro de 1839 (AA, p. 271).

[748]. O grande benfeitor é M. Thiollière (LPC 2, p. 494).

vel e em paz inalterável, em meio aos maiores dissabores. Afirmava em tais circunstâncias: "Nosso Senhor haverá de nos ajudar na medida de nossas necessidades; quanto maiores os obstáculos, mais devemos confiar nele, porque mais temos direito ao seu auxílio".

Tendo um Irmão adoecido e não havendo ninguém disponível para substituí-lo, Champagnat viu-se obrigado a enviar o mestre de noviços.

- Que fará agora, falou-lhe alguém; onde encontrará gente para dirigir a casa?

- Espero-o de Deus. Respondeu.

- Então, receio que deva esperá-lo por muito tempo.

- Nem tanto quanto pensa. Deus não se atrapalha para encontrar gente. Pode pegar o primeiro que passa na rua. Nas mãos dele, qualquer instrumento é bom. Enquanto esperamos que sua bondade nos envie alguém, vou confiar esse cargo a tal Irmão, embora tenha apenas dezesseis anos.[749] Tenho certeza de que se sairá bem e que Deus o abençoará, porque não tenho outro.[750]

Um Irmão Diretor fazia alguma resistência para receber em sua comunidade determinado Irmão, por ser muito criança: "Receba este jovem, disse-lhe o Padre, garanto-lhe que vai ficar satisfeito com ele. Deus terá de abençoá-lo, pois é Ele que o envia. Aliás, é com nada que Ele faz tudo. Confie em Deus e verá que este jovem Irmão vai fazer maravilhas". Não se enganou. O Irmãozinho teve desempenho para lá de satisfatório.

Em 1823, enquanto ainda morava em Lavalla, escrevendo a um Irmão,[751] depois de transmitir-lhe notícias de vários estabelecimentos, acrescentava: "Quanto a Lavalla, parece que teremos muitos pobres este ano. Faremos o possível para alimentá-los. A Providência que no-los manda sabe que não temos nada. Confio, pois, que nos dará o necessário, para eles e para nós. Aparecem , também, muitos postu-

---

[749]. Provavelmente trata-se do Ir. Luís, em 1822 (LPC 2, p. 339).
[750]. Pode-se fazer o pararelo entre esse diálogo e o registrado pelo Pe. Maîtrepierre (OME, doc. 164 [55], p. 417).
[751]. Carta do Pe. Champagnat ao Ir. João Maria Granjon, de 1. de dezembro de 1823 (LPC 1, p. 28-30).

lantes, mas todos sem recursos e muitos jovens. Contudo trÊs atingiram a idade da razão, pois ultrapassam a casa dos trinta: um é homem de negócios; o outro é sapateiro,[752] o terceiro não é nada, mas é com nada que Deus faz coisa grandiosas".

Para a manutenção da comunidade e dos indigentes que aceitava, o Pe. Champagnat dispunha apenas de seu ordenado de coadjutor. Por isso, maravilhados, muitos se perguntavam como fazia para alimentar tanta gente.

- Não compreendo, disse-lhe um amigo, quais suas interpretações ao abarrotar a casa de meninos pobres e ao receber tantos postulantes, que nada lhe pagam; a não ser que você tenha autorização para sacar dos cofres públicos, vai quebrar na certa.

- Tenha mais do que isso interveio o Padre sorrindo, tenho o cofre da Providência, onde todos vão sacar e jamais se esgota.

Observa-lhe outro:

- O senhor deve ter uma bolsa abarrotada para atender a tanta miséria.

- Minha bolsa, acudiu-lhe o Padre, é a Providência: quanto mais se tira, mas se tem.

Uma vez, criticada porque não parava de construir, replicou: "Censuram-me pelo fato de construir. Mas é indispensável para alojar os Irmãos: ou construímos ou deixamos de receber postulantes". E como o advertissem da falta de dinheiro e que seria temerário empreender novas construções sem dispor de capital, retrucou: "Sempre fiz assim; se tivesse esperado dinheiro para começar, ainda não teria colocado uma pedra sobre outra". A um amigo, que viera visitá-lo e que lhe perguntava onde arranjaria recursos para pagar a nova ala do edifício que se erguia, assim falou: "Vou sacar onde sempre saquei: no cofre da Providência".

Num tempo em que a comunidade era muito numerosa e os gêneros alimentícios muito caros, um Irmão, membro do Conselho,

---

[752]. Parece que o sapateiro não ficou muito tempo, a manos que se tenha feito professor; pois, pelo menos até 1826, o Pe. Champagnat recorre aos sapatos; pois, pelo menos até 1826, o Pe. Champagnat recorre aos sapateiros de La Valla (AA, p. 77).

sabendo que não havia dinheiro em caixa, lhe disse:

- Padre, este ano não teremos com saldar nossas dívidas.

- É verdade, respondeu o Padre, se raciocinarmos baseados apenas nos recursos de que dispomos. E a Providência, você não conta com Ela? Forçosamente Ela vai nos ajudar, uma vez que nos envia esses moços.

- Por certo, replicou o Irmão, confiamos na Providência; talvez fosse bom, também, que mostrássemos maior severidade escolha dos postulantes, recusando alguns que não contribuem com nada.

- Nunca, respondeu o piedoso Fundador, nunca recusarei um aspirante que parece ter vocação e que julgo apto para fazer o bem, só porque não traz dinheiro. Eu mesmo pagaria, se fosse necessário, para manter um jovem que no futuro pudesse vir a ser um bom religioso.

Certo dia precisava absolutamente de dois mil francos para pagar uma dívida, e ameaçavam autuá-lo casa não pudesse saldá-la. Chamou o Irmão ecônomo e pediu-lhe arranjasse o empréstimo da quantia.

- Padre, respondeu o Irmão, o senhor sabe que nada consegui na semana passada e que fogem de mim ao ver-me chegar. É absolutamente inútil que eu vá a Saint-Chamond para isso, assim, por favor, não me mande.antes a insistência do Padre, o Irmão retrucou-lhe bastante constrangido:

-Se o senhor quiser mesmo, eu vou, mas garanto-lhe de que voltarei de mão abanando.

O Padre não respondeu. Como se aproximasse a hora da cobrança, subiu ao quarto e começou a rezar. Após alguns minutos, chamam-no à portaria. Vai atender. Ao entrar no locutório, um benfeitor deposita na mesa uma bolsa com três mil francos, dizendo: “Reverendo, eis o que pensei trazer-lhe hoje”. O Padre abraçou-o calorosamente, exclamou: “Deus o abençoe, meu amigo! Foi a Providência que o trouxe o favor que está me prestando”.

De outra feita, o Irmão ecônomo veio preveni-lo de que não havia mais farinha e era necessário adquirir nova provisão. Abrindo a gaveta, o Padre entregou-lhe todo o dinheiro existente no momento.

- Mas isso dá para comprar apenas dois sacos de farinha, disse

o Irmão. Numerosos que somos, não teremos pão nem para quinze dias.

- Compre primeiro estes dois sacos, replicou o Padre. Deus virá em nossa ajuda antes que se acabem.

Dez dias depois o Irmão veio avisá-lo de que a farinha estava para terminar.

- Olhe, falou o Padre, acabam de me dar o suficiente para comprar trinta sacos. Veja que eu tinha razão quando lhe garanti que Deus não iria abandonar-vos.

À vista dos progressos dos Instituto, alguém lhe disse:

- Quantas coisas magníficas o senhor faria se dispusesse de algumas centenas de milhares de francos!

- Se a Providência me enviasse cinqüenta Irmãos, bons, replicou o Padre, faríamos coisas muito mais maravilhosas. Não é dinheiro que nos falta, mas bons candidatos. Uma comunidade é bastante rica sempre que possui santos religiosos. É isso que eu peço a Deus diariamente. Quanto aos recursos pecuniários, atenho-me às seguintes palavras de nosso Divino Salvador: "Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo".[753]

Dava tão pouca importância aos meios humanos que chegava a duvidar do êxito de um empreendimento se o visse muito apoiados pelos homens. Como numerosas pessoas se interessassem pela autorização do Instituto, quando se dirigia a Paria para acompanhar de perto o processo, escrevia de Lião:[754] "Humanamente falando, tudo está bem-encaminhado. Contudo, mais do que nunca repito: *Niss Dominus.* Receio muito que todos esses apoios prejudiquem a ação da Providência. Pode bem acontecer que, em vez de ajudar nosso pedido, contribuam para seu fracasso. Rezem, pois, e mandem rezar, porque é só de Deus que devemos esperar tudo".

---

[753]. Mt 6, 33.

[754]. Ao Ir. Francisco, em 10 de janeiro de 1838 (LPC 1, doc. 169, p. 334), texto ligeiramente modificado.

CAPITULO QUATRO

Amor à oração. Modo como, para ela, formava os Irmãos.

O espírito de oração constitui um dos mais insignes favores que Deus me concedeu, afirmava o humilde S. Francisco de Assis; porquanto através da oração conseguiu todos os dons que a bondade divina me concedeu. O mesmo poderia dizer o Pe. Champagnat. Deus lhe outorga a inestimável graça da oração e, neste santo exercício, hauria a fé viva que animava todas as suas ações, a confiança ilimitada na Providência, da qual tudo alcançava. Foi pela oração que atingiu tão alto grau de virtude, conquistou almas para Deus e fundou uma obra utilíssima à Igreja.

Vivia mergulhado na oração. Ela se entregava com tanta facilidade e gosto que, para ele, rezar parecia coisa natural. Além das preces comunitárias, a santa missa e o breviário, dedicava tempo considerável aos diálogos com Deus. Para isso levantava-se muito cedo. Estando muito atarefado durante o dia, via-se na necessidade de tomar parte do tempo destinado ao repouso para satisfazer a piedade e o desejo de entreter-se com Deus. Na oração concebeu e resolveu todos os projetos e as obras que realizou. Pela oração começava, prosseguia e terminava tudo. Afirmava: "Nunca ousaria empreendeu qualquer obra sem antes tê-la demoradamente recomendado a Deus. Primeiro, por ser fácil ao homem enganar-se e considerar suas próprias idéias e ilusões como projetos inspirados por Deus. Depois, porque nada podemos sem a ajuda e proteção do céu".

Agia desta forma, não somente nas coisas importantes, mas também nos pormenores de sua conduta diária, iniciando sempre cada uma de suas ações pela prece e continuando-as no espírito de oração. Daí as práticas devocionais que tanto recomendou aos Irmãos e introduziu na Regra: principiar todas as atividades escolares pela oração; recomendar-se a Deus cada vez que se precise tratar como uma pessoa, dar castigo tanto a um aluno, admoestar um Irmão; multiplicar as

jaculatórias, com tanta freqüência que transformem o trabalho em oração ininterrupta,[755] continuando assim, durante todo o dia, a meditação da manhã. Nos perigos e situações complicadas, a oração era-lhe o porto seguro da salvação. Em conseqüência, na comunidade sucediam-se as novenas.[756] Uma ainda não terminara, já havia motivo para começar outra.[757] Estimulava constantemente os Irmãos a rezarem com fervor. Sua confiança na oração era tão grande, que não hesitava em afirmar: "Tenho certeza de que seremos atendidos e de que as coisas, seja qual for o desfecho, servirão para nosso bem".

Perfeitamente compenetrado de que, para o religioso, o meio mais apropriado para adquirir as virtudes do seu estado, trabalhar para a santificação própria e das pessoas que lhe eram confiadas, quis que os Irmãos lhe consagrassem um tempo considerável e tivessem muitos exercícios de piedade.

Alguns não queriam que lhes impusesse a obrigação de rezarem o ofício da Santíssima Virgem e aduziam suas razões; 1º. Os Irmãos precisavam falar muito em aula e sendo cansativa a tarefa do ensino, a recitação do ofício acabaria por lhes cansar pulmões e arruinar-lhes a saúde; 2º os Irmãos não aproveitariam essa oração, por não entenderem o latim. O Padre argumentava: "Estou convencido de que o ofício de Nossa Senhora é uma consolação e um alívio para os Irmãos e um não agravamento de sua penosa tarefa. Porque podem rezá-lo andando, em tom de voz moderado; e porque é uma satisfação para eles unirem-se a tantas congregações religiosas e tantos piedosos fiéis que prestam esse tributo de louvor a Maria. Quanto à objeção de que não entendem o latim, isso é verdade: mas Deus o entende, e a oração não lhe é menos agradável por isso, quando o espírito interior e a in-

755 "Não devemos contentar-nos com a meia hora de meditação, mas procurar continuá-la nas diferentes ações do dia, através da lembrança da presença de Deus e de prática das orações jaculatórias" (Règle de 1837, cap. II, art. 2, p. 15). Antes de responder às perguntas que os pais fizeram a respeito dos filhos, será preciso elevar o coração a Deus dizendo: Senhor, falai por meu intermédio o que vos for agradável e o que puder contribuir para vossa glória (Règle ed 1837, cap. V, art. 18, p. 42).
756 Carta ao Ir. Bartolomeu, 1º de novembro de 1831 (LPC 1, doc. 24, p. 72-73).
757 P.S. da carta ao Ir. Denis, dia 5 de janeiro de 1838: "...Quando tiverem terminado a novena que estão fazendo, comecem outra em minha intenção. Que todas as crianças participem" (LPC 1, doc. 168, p. 333).

tenção do coração a acompanham".

Objetaram-lhe, também, que os alunos tiravam pouco fruto do terço. Rezavam-no sem atenção, sem entender as palavras e, portanto era tempo perdido. "E as crianças que gritavam *Hosana ao Filho de Davi*, acaso sabiam o que estavam dizendo?' replicou ele. "Jesus, porém, agradou-se tanto de sua oração a ponto de lhes tecer elogio público, afirmando que da boca das crianças é que Deus recebe o mais perfeito louvor.[758] Se a devoção e o fervor das crianças é inferior aos dos adultos, em compensação possuem elas maior candura e inocência. É isso que torna sua oração tão agradável a Deus".

Nos primeiros tempos do Instituto estabelecera numerosas práticas de piedade que teve de suprimir com decorrer dos anos, pelos menos em parte, porque sobrecarregavam a comunidade e não podiam ser observadas por todos os Irmãos. A visita ao Santíssimo Sacramento[759] várias vezes ao dia ficou reduzida a uma; a hora de vigília de oração na passagem do ano novo, a devoção dos seis domingos, consagrados a S. Luís de Gonzaga; finalmente, várias orações acrescentadas aos exercícios comuns ou que cada um devia cumprir em particular.

Prezava sobremodo as orações da Igreja, preferindo-as a quaisquer outras. Isso o levou a prescrever as procissões das Rogações, a celebrar, segundo os ritos da Igreja, as festas surpresas pela Concordata de 1801, como também a cantar os ofícios de vigília do Natal e da Semana Santa. Nos primórdios do Instituto, executava quase sozinho o canto desses ofícios, pois os Irmãos, além de pouco numeroso, não tinham condições de ajudá-lo, o que não o impedia de cantá-lo por inteiro e com tanta solenidade, como nas igrejas mais importantes.

Em todas as oportunidades recomendava aos Irmãos que rezassem por seu alunos. "Realizarão maior bem pela oração do que por qualquer outro meio, dizia-lhes. O Irmão que se limitar a instruir os

---

758 Mt 21,15-16.

759 A Règle de 1837 recomenda a prática da visita ao Ssma. Sacramento: - depois da aula da manhã (cap. II, art. 19, p. 20) com as crianças, ensinando-lhes como fazê-la com respeito e devoção (cap. IV, art. 13 p. 37); - chegando à casa-Mãe (cap. VIII, art. 7, p. 56).

alunos cumprirá sua obrigação pela metade. Se quiser cumprir sua missão por inteiro, deverá rezar continuamente por eles, isto é, nunca apresentar-se diante de Deus sem lhe falar deles. Reze, sobretudo pelos que têm mais defeitos, pelos que lhe dão mais trabalho para formá-los à virtude, pelos que parecem ter mais carência. Pode acontecer que o Irmão não possua grandes talentos naturais para ensinar o catecismo, habituar os alunos à disciplina e transmitir-lhes a instrução que deseja. Mas sempre pode rezar por eles. Esse é o meio de ser-lhes verdadeiramente útil e, freqüentemente, adquiri ascendência sobre eles, conquistar-lhes a confiança e ser acatado por eles. É que não existe nada mais adequado para tornar dócil o coração das crianças do que a oração. Isso é tão verdade que alguns Irmãos me confirmaram: desde que começaram a rezar pelos seus alunos, conseguem deles tudo o que desejam".

Pessoalmente, Champagnat, incluindo em sua caridade as necessidades de todos os homens, suplicava continuamente a misericórdia de Deus para todos. Rezava pelos pastores da Igreja, pela conversão dos pecadores, dos infiéis, pelos alunos e especialmente pelos membros da Congregação. Diariamente consagrava seus Irmãos a Deus e à Ssma. Virgem, recomendando-lhe constantemente as necessidades de cada um. "Tenho tanto interesse pelos Irmãos, confidenciou a alguém, e lhes desejo tão ardentemente a salvação, que nunca me canso de rezar por eles e oferecê-los continuamente a Jesus e Maria".

Ouvindo alguém[760] falar-lhe de um jovem Irmão que se achava às voltas com graves tentações, exclamou: "Santo Irmão! Jamais subo ao altar sem recomendá-lo insistentemente aos sagrados corações de Jesus e de Maria. Coitado, quanto desejo que Deus o abençoe e preserve do pecado! Não rezo sequer uma oração sem pedir para ele essa graça". O que fazia por esse Irmão, fazia-o igualmente por todos aqueles que se achavam em semelhantes situações.

Entretanto, o que tinha mais a peito era inspirar aos Irmãos o amor à oração, compenetrá-los de sua necessidade e vantagens e for-

760. Esse alguém talvez seja o próprio Ir. João Batista que, em 1839, era diretor de Saint-Pol-sur-Ternoise e tinha como auxiliar o jovem Ir. Mário Lourenço, que estava atravessando um período difícil e a quem o Pe. Champagnat escreveu uma carta cheia de compaixão em 8 de abril de 1839 (LPC 1, doc. 249, p; 479).

má-los neste santo exercício. Nas instruções voltava constantemente a esse assunto, por ele considerado *ponto capital*, segundo ele, possuir o dom de sólida piedade é possuir todas as virtudes. Eis como desenvolvia sua idéia: "Se Deus lhes dá a graça da oração, pelo fato mesmo lhes concede todas as virtudes, pois pode-se dizer a piedade o que Salomão dizia da sabedoria: Com ela me vieram todos os bens.[761] É impossível dialogar assiduamente com Deus sem adquirir-lhe o espírito de oração, possuíam, ao mesmo tempo, o espírito de obediência, mortificação, zelo, e se dedicavam totalmente à própria perfeição".

"Os Irmãos piedosos são as colunas do Instituto. Não importam seus talentos, força e saúde; tornam-se úteis em qualquer lugar, porque aonde quer que se dirijam, levam consigo o bom espírito, e Deus abençoa tudo quanto se lhes confia. Muita razão tinha S. Paulo em dizer: a piedade é útil para tudo;[762] a piedade acarreta não somente as virtudes, mas também o bom êxito nas atividades temporais. Se Deus favorece o Instituto, devemo-lo a esses Irmãos, que às vezes julgamos inúteis por possuírem poucos predicados ou por serem pessoas adoentadas. São, porém, sumamente agradáveis a Jesus Cristo e a sua santa Mãe, graças à solidez de sua piedade. Mas o Irmão sem piedade não faz bem algum, nem para si, nem para os outros. É importante para rezar o bem, pois lhe faltam as *condições necessárias*, ou seja, a oração e a união com Deus. Além disso, através de longe experiência aprendi que o Irmão sem piedade não presta para nada. Em parte alguma se acha no seu lugar. É um trambolho. Vocês parecem espantados com a minha linguagem, entretanto a coisa é fácil de se entender. Sem oração tornar-se impossível amor a vocação e sacrificar-se por seu trabalho. Sem espírito de oração não existe virtude. Ora, um homem sem virtude, que executa mal seu trabalho ou age por razões humanas, que não gosta da vocação, só pode ser um peso para seus coirmãos. Não só não presta, mas ainda estraga e paralisa os esforços que os coirmão fazem para o bem".

Nada afligia tanto o piedoso Fundador como ver certos Irmãos faltarem com facilidade aos exercícios de comunidade. Considerava omissão das mais perigosas. Eis como se expressava numa exortação:

761 Sb 7,11.
762 1Tm 4,8.

"Como podem viver contentes, gozar da paz, depois de faltarem a seus exercícios de piedade? Não sabem que a meditação, a missa, o ofício, o terço, a leitura espiritual, constituem a consolação dos bons religioso, sendo impossível viver feliz em comunidade se os negligenciarem? Por acaso, não lhes ensinou a experiência que o descuido da oração sempre lhes precedeu as grandes quedas, e os dias em que não se incomodam com os exercícios de piedade são dias repletos de faltas? Estejam certos de que a cilada mais funesta, armada pelo demônio para perder as almas, é desviá-las da oração. Porquanto, o abandono desse santo exercício garante infalivelmente a vitória ao demônio".

Quem não podia participar dos exercícios com a comunidade devia solicitar um tempo para fazê-lo em seu particular:[763] assim queria o Pe. Champagnat e disso fez um artigo de Regra. E para demonstrar o acerto de tal norma argumentava: "Quando não podem tomar a refeição com os Irmãos, não deixam de comer depois e, por mais apressados que estejam, sempre acham tempo para dar ao corpo o alimento de que precisa. Por que não fariam o mesmo em relação à alma? Gostam dela menos do que do corpo? O Irmão, sejam quais forem suas ocupações, pode sempre encontrar tempo para fazer as orações. Aliás, nada pode dispensá-lo desse dever, que é o mais importante, e deve ter prioridade sobre todos os outros. Não consigo entender como o Irmão se atreve a omitir o ofício, o terço ou qualquer outra oração, alegando falta de tempo. Quando não puderem rezá-lo de joelhos ou no oratório, rezem trabalhando, andando, cuidando das crianças. Enquanto coadjutor, nem nas minhas viagens me faltou tempo para rezar o breviário. Entretanto, esse ofício, é muito mais longo do que o dos Irmãos e as ocupações de um eclesiástico, ao menos em certas circunstancias, são muitos mais numerosas que as dos Irmãos".

Sucedia muitas vezes que o bom Padre ficava ocupado o dia inteiro. Nesse caso, empregava o tempo destinado ao lazer ou ao sono, para rezar o ofício divino e as demais orações. Nas viagens, a reza do breviário, o terço, leituras espirituais e, caso estivesse só, o canto de um hino, eram o passatempo. Confessava, inclusive, que gostava das viagens, por lhes oferecerem oportunidade para orar mais do que de

763 "Normalmente ninguém se eximirá do ofício, exceto em caso de doença grave ou licença explicita do Superior (Règle de 1837, cap. II, art. 4, p. 16).

costume.

Os exercícios de piedade, por ele considerados mais importantes e para os quais tinha o máximo de empenho, eram a meditação e a santa missa. Queria que, mesmo em viagem, os Irmãos participassem da missa e, quanto possível, comungassem, conforme o costume. "Para o Irmão animado pelo espírito de fé, dizia, constitui enorme sacrifício não pode participar da missa diariamente. Quem a omite por negligência, para dedicar-se ao estudo ou a qualquer outra tarefa não absolutamente necessário, prova que não tem zelo pela perfeição e não ama Jesus Cristo. A santa missa, a comunhão, a visita ao Ssmo. Sacramento, numa palavra, a divina Eucaristia, eis a fonte da graça; eis a primeira e a mais indispensável das devoções, a que nos traz os maiores benefícios e as maiores consolações. Mas como eu tenho dó dos que não compreendem esta verdade!"

Achava tão necessária a meditação, que não acreditava na perseverança do religioso que a negligenciasse. Palavras textuais: "A terra, conforme a voz do profeta, está cheia de crimes e aflições porque os homens não meditam[764] na lei de Deus. Também, por haver poucos religiosos de oração, proliferam, nas comunidades, os abusos, os defeitos, e há muito pouca virtude sólida".

"A vida religiosa é o tesouro que Nosso Senhor diz estar oculto num espaço.[765] Ora, é através da meditação que se descobre e se valoriza devidamente esse tesouro,[766] e se tomam os meios de conservá-lo e multiplicá-lo. Quem não medita, jamais saberá apreciar esse tesouro: não lhe dará valor. Assim, como a primeira dificuldade, a

764 A falta de reflexão é uma das principais causas de todos os males que afligem o mundo, segundo as palavras de Jeremias: "A terra inteira está desolada de uma desolação universal porque ninguém reflete em seu coração... A terra está desolada porque ninguém penetra no seu próprio coração nem repassa em seu espírito os mistérios inefáveis da religião e os infinitos favores de Deus" (PPC, partie I, traité V, chap. VIII, "De la nécessité de la méditation", p. 302).

765 Mt 13,44.

766 E quem sabe ponderar e considerar estas coisas, se desengana facilmente de tudo o mais, e se resolve a abraçá-la; e conhecendo perfeitamente bem o grande valor da pedra preciosa que achou, não faz mais caso de nada e vende tudo o que tinha compra-a (PPC, partie I, TRAITÉ V, chap. IX, "Avantage que nous pouvuns retirer de la méditation", p. 306).

primeira tentação, abandonará o campo, a vida religiosa".

" A meditação, a oração, a graça atual, a graça habitual, a perseverança na vocação e a salvação eterna são seis coisas que se entrosam e dependem umas das outras. Sem meditação não há oração; sem oração não há graças atuais; sem graças atuais não é possível vencer as tentações, conservar a graça habitual e a vocação, pois o pecado mortal, matando a alma, acaba ao mesmo tempo com a vocação e solapa, até os fundamentos, a questão suprema da salvação eterna. Quanto jovens não tiveram a amarga experiência dessa verdade! Mas ocorre o contrário a quem permanece fiel à meditação das verdade eternas. A meditação lhe infunde gosto e amor à oração, porque lhe faz ver a necessidade e as vantagens dela; a oração lhe obtém abundantes graças atuais, mediante as quais resiste às tentações, evita o pecado persevera no estado de graça e na vocação, prática a virtude, garante a perseverança no bem a realiza a salvação.[767] Para mim, ser verdadeiramente piedoso ou ser bom religioso é a mesma coisa, porque o bom religioso sempre é homem de oração e o homem de oração é sempre bom religioso. Não esqueçamos, contudo, que só se chega à sólida piedade pela meditação das verdades eternas".

O Pe. Champagnat estava tão convicto da eficácia da oração, que ousou afirmar a vários Irmãos:[768] "Se forem fiéis à meditação, responsabilizo-me por sua salvação e, dou minha palavra, mais cedo ou mais tarde, se tornarão ótimos religiosos". Tal conceito não é exagerado e muitos santos pensaram assim. Afirma Sto. Afonso de Ligório:[769] "A oração mental e o pecado são incompatíveis. Os que meditam, raramente caem e, logo se levantam". Acrescentam Sta. Teresa:[770] "Podemos garantir que uma alma perseverante no exercício da

767 Fl 2,12.

768 Citadamente ao Ir. Eutímio (LPC 1, doc. 102, p. 223).

769 "A oração mental e o pecado não podem permanecer juntos. A experiência prova, de fato, que aqueles que rezam dificilmente caem na desgraça de Deus; quando, por infelicidade sucumbem, se não abandonam a oração, entram em si e voltam para Deus" (Alph. De Liguori, La religieuse sanctifiée, t. 8, cap. XV, 1, VI, p. 407).

770 "Se tanto acentuei esses pormenores... é para fazer compreender a grande misericórdia de Deus e o imenso favor concedido à alma, quando a inclina a entregar-se generosamente à oração mesmo que não tenha todas as disposições necessárias. É também para mostrar que, se perseverar apesar das quedas, das tentações e falta de

meditação nunca se perderá, não obstante a enormidade e o número de suas quedas, a impetuosidade e freqüência das tentações diabólicas; mas dia menos dia, Deus a libertará do perigo, levando-a para o céu".

Os ensinamentos do piedoso Fundador visavam sempre incutir ilimitada confiança em Deus. Eis algumas de suas idéias sobre o tema de sua predileção: "Quanto mais graças pedirmos a Deus, mais receberemos. Pedir muito aos homens é o meio de nada receber. Para obter deles alguma coisa é preciso pedir pouco. Com Deus, porém, é diferente: pedir-lhe grandes coisas é honrar-lhe a grandeza e bondade. Assim como seria injuriar um rei poderoso pedir-lhe alguns centavos, da mesma forma seria menosprezar a Deus e desconhecer-lhe o poder e a bondade, pedir-lhe pouco. O homem rico empobrece quando dá. Com Deus acontece não se cansa de oferecer. Para ele, favorece os homens constituir uma necessidade. Aliás, continua possuindo aquilo que nos prodigaliza. Diferentemente dos homens, ele nos enriquece sem perder. Pode-se mesmo afirmar que aumenta suas riquezas aos nos acumular de seus dons. As graças que nos distribui achavam-se como que sepultadas no seio de sua misericórdia, sem contribuir em nada à sua glória externa. Mas, quando em nossas mãos, servem para glorificá-lo, mediante as boas ações que nos levam a fazer. Nunca Deus, lhe dizia: 'Vós perdoarei o meu pecado porque é muito grande[771] e assim mostrarei vossa imensa bondade'. Desse modo, o que ordinariamente leva os homens ao desânimo, grandes pecados, grandes necessidades, era par ao Rei Profeta a razão de sua confiança, porque tinha elevado conceito de Deus. Concluindo, direi: pouco a Deus é o meio de nada obter. Se quisermos, pois, agradar a Deus, peçamos muito, peçamos grandes coisas; quanto maior for nosso pedido, mais agradará a Deus e mas depressa seremos atendidos".

Com o objetivo de formar os Irmãos à piedade, além de freqüentes instruções sobre o assunto, mantinha repetidas entrevistas. Exigia que lhe prestasse conta da meditação e de como se desempenhavam dos demais exercícios. Numa entrevista, certo Irmão que achava não haver nada mais penoso do que a oração, durante a qual as

---

toda sorte em que o demônio quereria arrastá-la, tenha a certeza, o Senhor a conduzirá ao porto da salvação" (Sta Teresa de Jesus, Vie, chap. 8, 4, BAC 212.50(.

771 Sl 24,11.

tentações se multiplicavam, o Padre respondeu-lhe: "Não se admire; o diabo conhece os grandes benefícios que a oração traz a você e presente que Deus quer lhe conferir graças especiais e grandes virtudes: aí está a razão de seu furos contra você. Não se espante, nem desanime: essa provação é bom sinal. Combater as tentações, suportá-las com paciência, já é oração; mais do que oração, é uma virtude, ou antes, o exercício de várias virtudes".

Outro Irmão declarou-lhe que sentia grande dificuldade em ocupar o tempo da meditação e que nela não experimentava nenhum sentimento de devoção: "A razão disso, esclareceu-lhe o Padre, são as dissipações durante o dia; não se concentra em si mesmo, desconhece seus defeitos e até as necessidades de sua alma. Se fizesse melhor seu exame particular, também rezaria melhor. Veja como orava o santo rei Davi: 'Meu Deus, sou um homem miserável, cego, cheio de vícios.[772] De todos os lados me cerca a penúria, e a corrupção penetrou até a medula de meus ossos'. Assim fala Davi porque sabe do que precisa: sabe do que precisa porque se recolhe freqüentemente no interior de si mesmo. Você não tem virtudes, está cheio de feitos e vem dizer que não sabe o que fazer durante a oração mental! Mostre a Deus seus defeitos, diga-lhe: Meu Deus, tendes na vossa presença um homem dissipado, orgulhoso, indolente, sensual, volúvel. Ai, meu Deus, diariamente caio nesses defeitos e em muitos outros. Todos os dias vos ofendo por pensamentos e palavras, por meus olhos, meus ouvidos e por todos os meus sentidos. Jesus, curai as chagas de minha alma. Perdoai meus pecados. Estais vendo que me falta humildade, modéstia, obediência, mortificação, zelo, piedade. Dai-me essas virtudes e, sobretudo, o vosso amor. Faça esse exercício diariamente e garanto que, brevemente, será ótimo Irmão, e não encontrará mais dificuldade em preencher o tempo da meditação".

Certa vez, finda a meditação, o Padre perguntou publicamente ao Ir. Lourenço como se ocupara. O bom Irmão lhe respondeu com grande simplicidade:

1. O senhor acertou, meu Padre: Deus lhe inspirou interrogar-me para me castigar: hoje nada fiz de bom, esqueci até o assunto da meditação. Contudo, para aproveitar o tempo, imaginei S. Francisco

772 Sl 38,5-11.

Régis[773] passando noites a fio prostrado na porta das Igrejas adorando Jesus Sacramentado. Passei o tempo contemplando esse santo naquela posição. Está aí alguém que não esquecia o assunto da meditação e com ele se ocupava a noite inteira, pensava comigo mesmo; ao passo que eu, nem sequer pude ocupar-me por alguns instantes.

2. Está bem, Ir. Lourenço, tornou-lhe o Padre. Assim deve proceder todas as vezes que esquecer o assunto da meditação.

Terminaremos com uma palavra do piedoso Fundador, que sintetiza, de certo modo, o conjunto de suas exortações sobre a oração: "Os Irmãos piedosos são uma preciosidade. Impossível dar-lhe o devido valor. São eles que sustentam o Instituto. Quanto mais numeroso forem, tanto mais florescente será a Congregação e tanto mais Deus haverá de abençoá-la".

773 O vigário de Saint-Bonnet-le-Froid "encontrou-o à porta (da igreja de joelhos, mãos postas e cabeças descoberta, apesar do vento frio que soprava... Régis continuou passando todas as noites na igreja, apesar do frio rigoroso, que naquele ano foi intolerável" (DAUBENTON, Vie, livre IV, Lyon, 1803).

CAPÍTULO QUINTO

Espírito de recolhimento do Pe. Champagnat e cuidado para se manter na presença de Deus.[774]

O exercício predileção do Pe. Champagnat era o da presença de Deus. Preferia-o a qualquer outro, por inclinação, por atrativo e sobretudo porque sugerido pelo próprio Deus, como o caminho mais breve e eficaz para se atingir a perfeição.[775] Anda em minha presença, disse o Senhor a Abraão, *serás perfeito* (Gn 17,1). Davi fala de si mesmo, que sempre se preocupa em ter Deus presente no pensamento para nunca vacilar (Sl 15,8), nem pela tentação, nem pelas dificuldades ligadas à prática da virtude. Se não tivesse esquecido esta resolução, jamais teria ofendido a Deus, jamais se tornaria adúltero e homicida.

A prática da presença de Deus, além de ser a mais própria para santificar-se, é, também, a mais simples, a mais fácil e a mais suave. É a mais fácil e mais simples porque abrange todas as demais e as substitui. É a mais fácil e mais suave porque a lembrança de Deus revigora a alma, cumulando-a de alegria e felicidade.

Por ocasião de um retiro, o pregador indicou inúmeros meios para se fazer bem as ações e corrigir os defeitos. O Pe. Champagnat desejando ardentemente tornar-se agradável a Deus começou a pô-los todos em prática. Contudo, em pouco tempo, aquela multiplicidade, ao invés de ajudá-lo, embaraçavam-no e o perturbavam. Foi consultar o padre, que também era seu confessor em com simplicidade, lhe expôs o problema: "Os meios que nos indicou para adquirirmos a perfeição,

774 Para este capítulo, o Ir. João Batista, a exemplo do Pe. Champagnat, inspirou-se muito em Rodríguez (PPC, parte II, traité III, De la présence de Dieu).

775 "A presença de Deus é o remédio último e universal indicado por S. Basílio para vencer todas as tentações do demônio e as resistências da natureza; então, se quiserem meio fácil e imediato de adquirir a perfeição, um meio concentrador da força e eficácia de todos os outros, empreguem esse aí. Foi com essas propriedades que o próprio Deus o indicou a Abraão: Anda na minha presença e será perfeito" (PPC, partie I, traité VI, chap. I).

embora todos ótimos, deixaram-me perturbado, passo de um para o outro e não consigo nada. A presença de Deus não substituiria todos os outros? Até hoje empenhei-me neste exercício e, se bastasse, eu o preferiria a qualquer outro". O pregador não hesitou em garantir-lhe que a presença de Deus era o meio mais excelente para levar-nos à perfeição, podendo substituir todos os demais, com grande vantagem. Satisfeitíssimo com a resposta, o bom Padre retirou-se agradecendo ao confessor e, mais do que nunca, apegou-se a seu exercício predileto, com o qual se dava tão bem e conseguia tão bons resultados.

S. Francisco de Sales observa que a multiplicidade dos meios de perfeição constitui, para muitos, embaraço em vez de ajuda: "Acontece com eles o mesmo que a um viajante diante de muitos caminhos que levam ao mesmo destino; perde tempo em procurar qual o mais acertado". O sábio e prudente diretor aconselhava a escolha de um exercício particular e uma determinada virtude; pois Deus não colocou nossa perfeição de coisas que fazemos para lhe agradar mas tão somente no método[776] de fazê-las, que consiste em fazer por amor e com todo o cuidado o pouco que fazemos. Queria, por exemplo, que a pessoa se aplicasse ao exercício da presença de Deus, seu exercício preferido, ao da conformidade[777] com a vontade de Deus, ou ainda, ao da pureza de intenção, também muito apreciado por ele. "Não façamos, acrescentava o ilustre prelado, como os avarentos espirituais[778] que nunca estão satisfeitos com as práticas propostas e andam sempre à procura de novos meios; gostariam de ajuntar toda a santidade dos

776 "Deus não colocou a perfeição na multiplicidade de atos que tenhamos de fazer para lhe agradar, mas somente no método que neles usarmos; e este consiste em fazer o pouco que pudermos conforme nossa vocação no amor, pelo amor e para o amor" (S. François de Sales, Oeuvres X 211. Annecy, Nièrat, 1898).

777. Cf. S. François de Sales, Traité de l'amour de Dieu, livre VII, chap. I. Lettre à M.me de chantal, com data de 23/06/1919. Directoire apirituel, art. 8 (rècréation), art. 2 (lever). Conformitê à la vontonté de Dieu, livre VIII, 7; IX, 6 Pureté d'intention, livre XII, 7,8,9 (Oeuvres, Ed. Niérat, 1898).

778 "Por favor, olhem um pouco para esses avarentos espirituais: nunca estão satisfeitos com os exercícios que lhes são oferecidos... Não param no afã de descobrirem novos meios para ajuntar toda a santidade dos santos numa só santidade que eles quereriam ter: por isso, jamais estão contentes, tanto mais que não possuem a energia suficiente para praticar tudo o que intentam abraçar, porque quem muito abraça pouco abarca" (Oeuvres, X, 211, Ed. Niérat, p. 401).

santos, se possível, naquela santidade com que sonham. Agindo desta forma jamais se acham satisfeitos, pois lhes fala coragem para executar tudo quanto procuram abraçar. Na verdade, não podemos avaliar quanto essa variedade de práticas retarda nossa perfeição, pois nos tira a serena e tranqüila atenção que precisamos para fazer cuidadosamente para Deus aquilo que fazemos. Num banquete, aqueles que beliscam um pouco em cada prato estragam o estômago, provocam indigestão que os impede de dormir e os faz cuspir a noite inteira. Assim também, as pessoas desejosas de experimentar todos os métodos e meios de perfeição desviam-se do bom caminho. O estômago da vontade, não tendo bastante calor para digerir e pôr em prática tantos métodos traz e azia e indigestão que fazem perder a paz e a tranqüilidade de espírito junto a Nosso Senhor, sendo esta a única necessária, [779] escolhida por Maria e que nunca lhe será tirada".

Esse ponto de vista de S. Francisco de Sales é de notável importância na vida espiritual e pode ser útil aos Irmãos. Cremos não ter fugido do nosso propósito transcrevendo-o aqui. Tanto mais que servia de norma para nosso venerado Padre e se enquadra perfeitamente no seu espírito e nos seus ensinamentos. Como o santo prelado, de quem costumava ler e praticar os ensinamentos, nosso piedoso Fundador não cessava de repetir: "A perfeição não consiste em sobrecarregar-se de toda sorte de práticas, ou em assumir todos os meios relatados nos livros, mas em cumprir a obrigação do próprio estado e praticar, constantemente, a virtude a que somos chamados pela graça, sob a orientação de nosso diretor espiritual".

O modo como o Pe. Champagnat praticava o exercício da presença de Deus coinsistia em crer, com fé viva e atual, na onipresença de Deus,[780] pleneficando o universo com sua infinitude, com as maravilhas de sua bondade, de sua misericórdia e de sua glória. Nas exortações, meditações e também nas entrevistas particulares, freqüentemente se inspirava nas palavras do Apóstolo: Em Deus temos a vida, o

779 Lc 10, 42.

780 "Alguns, para mais se ajudarem neste exercício, consideram todo o mundo cheio de Deus, como de fato está, e consideram-se a si mesmo no meio deste mar imenso de Deus, cercados e rodeados de Deus, da mesma forma que estaria uma esponja no meio do mar (PPC, partie I, traitie I, traité VI, chap. I, "Exercíce de la présence de Die").

movimento e o ser;[781] ou estas do rei profeta: Meus Deus, para onde irei, longe de teu espírito? Para onde fugirei para estar longe de tua face? Se eu escalar os céus, aí está, e aí mostras tua glória. Se descer aos abismos, também aí está e tremo perante a terrível justiça que lá exerce. Se me apossar das asas da aurora e for morar nos confins do mar, também aí tua mão me conduz e tua destra me segura. Nenhum lugar, por mais oculto que seja, pode me esconder de teu olhar. Observas minha caminhada e meu descanso e cuidas de todos os meus caminhos. Não chegou a palavra à minha língua e tu, Senhor, já a conheces toda: abranges meu passado e meu futuro e sobre mim repousa tua mão.[782] Essa maneira de ver a Deus o mantinha em profundo recolhimento no meia das tarefas mais dispersivas e lhe tornava a oração extremamente fácil. Tudo era motivo de se elevar até Deus e bendizê-lo. Conseqüentemente, em qualquer ocasião, sua alma se expandia em atos de amor e de ação de graças.

Um postulante pediu-lhe, certa vez, para permanecer a vida inteira na casa do noviciado, para assim viver mais na solidão, pensar menos nas coisas mundanas, pelo fato de não vê-las. Replicou-lhe o Padre: "Nada o impede de viver a solidão numa escola e no meia das crianças. Quanto a mim, acrescentou, acredito que me acharia tão solitário no coração de paris como nos desertos da Sibéria. Durante minha estada naquela capital, resolvia meus problemas e me trancava no quarta. Paris inteira ignorava que eu existia e pessoalmente não me ocupava da cidade, nem de suas curiosidades. Era como se eu estivesse a cem léguas".

Outra pessoa lamuriava-se na presença dele, da incapacidade de orar, queixando-se das distrações ocasionadas pela lembrança do que vira nas andanças pelas ruas da capital. Confessou-lhe o Padre que, para ele, todo aquele ruído, aquela multidão com que cruzava a mínima impressão e não experimentava maior dificuldade em se recolher e manter-se em comunhão com Deus nas ruas de Paris do que nos bosques de 1'Hermitage.[783]

---

781 At 17,28.

782. Sl 138,2-5 e 7-8.

783 Carta ao Ir. Hilarião, 18 de março de 1838: "Permaneço mais solitário em plena Paris do que em 1'Hermitage. Garanto-lhe, se Deus quisesse, eu ficaria satisfeito na

O sentimento da presença de Deus mantinha-lhe a alma em paz e tranqüilidade imperturbáveis. Era sua máxima: nada devemos temer, quando estamos com Deus e nada pode prejudicar a quem confia na Previdência divina.

Não cessava de recomendar aos Irmãos o santo exercício da presença de Deus. Queria que figurasse entre as principais resoluções que habitualmente se tomavam nos retiros. E citava S. Francisco de Sales: a presença de Deus deve ser o pão[784] nosso de cada dia das almas piedosas. Assim como para o alimento corporal acrescenta-se o pão a toda espécie de comida, assim também, no tocante ao espírito, não existem atos, menos ainda exercícios espirituais, que não devam ser acompanhados e santificados pela recordação da presença de Deus. Seguia sempre a orientação do santo bispo[785] de Genebra, que prescreveu nas constituições das Irmãs da Visitação houvesse, durante os recreios e outros exercícios, uma irmã encarregada de relembrar, de quando em quando, às demais, a presença de Deus mediante estas palavras: "todas as Irmãs se lembrem da presença de Deus". Nosso piedoso Fundador desejava que o diálogo dos Irmãos, nas horas de lazer, se desenvolvesse ordinariamente em torno de temas edificantes[786] Pelo menos deveriam entremear alguns pensamentos edificantes nas conversas, para não se esquecerem da presença de Deus e fazerem todas as ações para sua glória.

"Talvez indaguem, dizia numa instrução, por que insisto tanto neste assunto. É porque constitui a base da vida espiritual. Em que consiste a vida espiritual? Na fuga do pecado e na prática da virtude. Ora, a presença de Deus faz evitar o pecado, revigora a alma para pra-

---

solidão" (LPC 1, doc. 181, p; 368).

784. Cf, S. François de Sales, Oervres complètes, Ed. Niérat, 1898, vol. VII, p. 183 e vol. X, p. 271. Sto. Agostinho já fizera esta comparação: "Afirma que, como os alimentos corporais nutrem o corpo, assim também a palavra de Deus e a oração nutrem o homem interior" (PPC, partie I, traité V, chap. II, p. 280).

785. "Cada Irmã, por seu turno, relembrará a presença de Deus, por intervalos, durante o recreio, e no fim dirá alguma boa e santa advertência (Directoire spirituel, art. 8, récréation).

786. Os Irmãos procurarão introduzir algumas palavras de edificação nas conversas, a fim de não perderem a lembrança da presença de Deus e assim fazerem todas as ações para sua maior glória" (AFM, Appendice à la Régle de 1837, art. 6)

ticar a virtude, suportar os sofrimentos inerentes ao próprio estado e infunde sentimento de piedade. No momento da tentação, basta o pensamento: Deus me vê! para dissipar as tentações. Pois, se não ousamos fazer o mal na presença dos homens, como ousaríamos fazê-lo na presença de Deus, se nos lembrarmos que ele está presente?[787] O esquecimento de Deus é a causa primeira de todos os crimes".

O piedoso Fundador hauria essa doutrina na Sagrada Escritura e nos santos Padres. A terra está manchada de homicídios, exclama o profeta Ezequiel, as cidades andam repletas de injustiças, sacrilégios e idolatrias porque os homens pensavam que Deus não os via mais (Ez 9,9). O ímpio não tem Deus diante dos olhos. Por isso todos os seus pensamentos, afetos, palavras e obras são machados e tudo nele é perverso e corrupto (Sl 10,5). Se nos lembrássemos que Deus nos vê, que é testemunha de nossas ações, dificilmente o ofenderíamos. Nunca o ofenderíamos garante Sto. Tomás. Nós nos perdemos, acrescenta Sta. Teresa,[788] porque pensamos que Deus anda longe de nós. S. Jerônimo[789] comenta, a respeito da recriminação feita pelo Senhor a Jerusalém, que o esquecera: a lembrança de Deus exclui todo tipo de pecado. Que meios tomar, pergunta S. Basílio,[790] para fixar a leviandade de espírito, manter a atenção nas orações, combater eficazmente os vícios e evitar qualquer pecado? Não existe outro, responde o santo doutor, senão o pensamento de Deus nos vê; porquanto, a lembrança da presença divina é o remédio mais eficaz contra todo pecado.

Resposta mais ou menos semelhante dava o Pe. Champagnat a um Irmão que lhe perguntava por que fazia tão poucos progressos na piedade e caía em tantas faltas durante o dia. "Não conheço outra cau-

787. "Com certeza estamos nos impondo obrigação muito séria quando consideramos que tudo o que fazemos, fazemo-lo diante de um juiz que observa tudo, a quem nada pode ser ocultado. Se a presença de um homem sério já nos mantém no dever, o que não fará a presença da majestade infinita de Deus?" (PPC, partie I, traité VI, chap. I).

788. Cf. Saint Thérèse, Chamim de la perfection, chap. XLIII.

789. Rodrígues atribui este pensamento a S. Jerônimo, Ez 8,12 (PPC, partie II, traité I, chap. I).

790. "Quem, pois, consentiria em mau pensamento ou cometeria ação má se se lembrasse que Deus está em toda parte e vê tudo o que se faz, anota cada uma de nossa ações e sonda o interior dos corações?" (PPC, partie II, traité I. chap. I).

sa, retrucou-lhe, senão sua mente dispersa que o leva a esquecer a presença de Deus. Todas as suas faltas se originam da facilidade com que se esquece de Deus". A outro escrevia: "A dispersão lhe causa um dano imenso. Trabalhe, pois, com afinco para alcançar o hábito do recolhimento e da presença de Deus: esse é o meio de corrigir a leviandade, causadora de uma infinidade de faltas e que talvez o leve a perder a alma."[791]

De outra vez, perto do bondoso Fundador falava-se a respeito de certo Irmão, dono de excelentes qualidades para o magistério; alguém comentou que bastava a presença dele na sala para por ordem e levar os alunos e trabalhar. "Meus amigos, interrompeu bruscamente Champagnat, acontece a mesma coisa e até mais com a presença de Deus na alma. Basta a divina presença para estabelecer a ordem, trazer a paz, desviar do pecado e levar a alma a trabalhar sem tréguas para a perfeição".

Certo dia, visitando um estabelecimento, o bom Padre surpreendeu um Irmão em falta. Envergonhado, o Irmão cai de joelhos dizendo-lhe:

- Desculpe, Padre, eu não sabia que o senhor estava aí!

É Deus? Pensou que ele não estava? Replicou o Padre. Então, Irmão, você faz diante de Deus o que não faria diante de mim? Enquanto agir deste modo, de religioso só terá o hábito. Sua vida está repleta de faltas e vazia de virtude.

"Outra vantagem da presença de Deus, dizia o Pe. Champagnat, é incutir-nos muito zelo pela nossa própria perfeição. Nenhum sacrifício é custoso quando refletimos no que Deus fez por nós. Quais são os religiosos que se arrastam no caminho da virtude? São os dissipados, incapazes de concentrar-se, os violadores do silêncio, os que conversam demais com os homens e quase nada com Deus. Os religiosos habitualmente infiéis à graça, à semelhança dos judeus, só ouvem a voz do Senhor quando acompanhada do ribombar do trovão, isto é, quando vem com ameaça do inferno. Tais religiosos, esquecidos de que Deus os vê, por terem perdido o espírito de fé, comportam-se como os maus desempregados: param de trabalhar, vão dormir ou diver-

[791.] Esta carta não foi conservada.

tir-se mal o patrão vire as costas. Não vamos fazer uma coisa dessas! Para tanto, lembremo-nos de que nos contempla aquele por quem trabalhamos e sempre vivemos sob o seu olhar. Graças à presença de Deus, os patriarcas conseguiram praticar as sublimes virtudes que admiramos neles. Esta recordação era-lhe tão familiar que sua maneira mais comum de falar consistia em dizer: O senhor vive, e eu estou diante dele".[792]

'Outro motivo muito próprio a reanimar nossa coragem e dispor-nos a agir corretamente é pensar que Deus se satisfazer com nossa boa vontade e nossos esforços, sem exigir o sucesso. É o contrário dos homens que ordinariamente não consideram a boa vontade e pagar apenas os serviços concretos prestados a eles. Ao passo que Deus olha unicamente as disposições de nosso coração. Leva em consideração nossos bons desejos e nos enche de benefícios, desde que façamos o possível para lhe agradar e cumprir nossos deveres.[793] Com um mínimo de boa vontade, podem-se fazer santos religioso, conseguem-se maravilhas. Se nos achamos pobres e sem virtudes, a causa está em nossa negligência, em nossa falta de boa vontade não meditamos as verdades da religião e passamos dias inteiros sem pesar em Deus".

A um Irmão que julgava difíceis demais as práticas da vida religiosa, o piedoso Fundador dizia: "Meu caro amigo, se você tivesse freqüentemente diante dos olhos estas palavras do Apóstolo – *em Deus temos a vida, o movimento e o ser,*[794] não seria tão pusilânime; a observância da Regra lhe custaria menos e não ficaria eternamente a discutir com o demônio da preguiça". Fazia notar a outro: "Pelo seu modo de agir, é visível que não se preocupa com Deus e que o motivo de lhe agradar não significa nada para você".

"Você sofre muito dissabores em suas aulas, escrevia a um terceiro, deixa-se dominar pela impaciência, pelo aborrecimento e o desânimo, porque não se lembra da presença de Deus e não procura

792. "Os santos e patriarcas do Antigo Testamento foram muito delicados em andarem sempre na presença de Deus...Afinal, para eles era coisa tão familiar comporem-se na presença de Deus, que falavam do jeito mais natural: vive o Senhor, em cuja presença eu estou" (PPC, partie I, traité VI, chap. I).
793. LPC 1, doc. 24, p. 72.
794. At 17,28.

sua glória naquilo que faz. Os atos de paciência, de caridade, de zelo, que você tem tantas se tivesse a convicção de que Deus o vê e o anjo da guarda registra no livro da vida todos os sofrimentos e atos de virtude".

Vejamos agora em que deve consistir o exercício da presença de Deus para o Irmãozinho de Maria, segundo o Pe. Champagnat:

Conservar-se no estado de graça, vigiar pensamentos, palavras e toda a conduta para nada dizer, nem fazer que fira a consciência e desagrade a Deus; combater as tentações com este pensamento: *DEUS ME VÊ*;

Oferecer todas as ações a Deus e procurar em tudo sua maior glória;

Rezar freqüentes orações jaculatórias durante, mesmo durante a noite nos intervalos do sono;[795]

Tomar Jesus Cristo como modelo nas ações; lembrar-se de suas virtudes, sofrimentos, sua maneira de tratar com os homens, aplicando-se em falar e agir como Ele fez, ou faria em semelhante ocasião;

Contemplar Deus nas criaturas, louvá-lo e bendizê-lo pelos serviços que elas nos prestam, confiar na Providência, submetermo-nos a seus desígnios em todos os acontecimentos, sejam quais forem, e esperar dela somente o socorro em nossas dificuldades e precisões.

Vê-se logo essa maneira de praticar a presença de Deus é, ao mesmo tempo, muito fácil e muito proveitosa.[796]

795. "O assunto (da meditação) será previsto na véspera, a fim de pensarem nele durante os intervalos do sono... Não se devem contentar com esta meia hora de meditação e sim procurar continuá-la nas diferentes ações do dia, pela recordação da presença de Deus e a prática das orações jaculatórias" (Règle de 1837, cap. 2, art. 2, p. 15-16).

796. A última frase foi também inspirada em Rodrígues (PPC, partie II, traité I, chap. V).

CAPITULO SEXTO

Amor a Jesus Cristo.

Toda a virtude e santidade consiste em conhecer, amar e imitar Jesus Cristo. O Pe. Champagnat tinha a intuição dessa verdade e tomava a vida do divino Salvador por tema habitual de suas meditações. Nutria especial devoção ao Menino Jesus. Anualmente preparava-se com esmero para a festa do seu nascimento e a celebrava com grande solenidade. Na noite de Natal mandava amar um presépio para representar o divino nascimento, com todas as circunstância que o acompanharam. Depois ia com toda a comunidade adorar o divino Mestre, deitado na manjedoura, sobre palha e lhe dirigiria fervorosas preces.

"Ah! Meus Irmãos, exclamava numa instrução sobre essa festa, contemplem o divino Jesus deitado no presépio, carente de tudo; estende as mãozinhas, convidando-nos a nos aproximar dele, não para nos fazer participar de sua pobreza, mas para nos enriquecer com seus dons e suas graças. Fez-se criancinha e reduziu-se a tal estado de despojamento para conquistar o nosso amor, fazer-se amar, e para libertar-nos de qualquer temor. Nada mais encantador do que uma criança: sua inocência, simplicidade e doçura, seus afagos e sua própria fraqueza são capazes de como ver e arrebatar os corações mais empedernidos e insensíveis. Porque então não amar a Jesus, que se fez criança para testemunhar-nos o extremo de seu amor e para fazer-nos compreender que tudo obteremos dele? Nada mais amável, nada mais afável: dá tudo, perdoa tudo e tudo esquece. Uma bagatela enche-a de alegria, sossega-a e satisfaz. Não traz nem fiel, nem amargura no coração. É só meiguice e ternura. Vamos, pois, para junto do divino Infante, cujo coração tem todas as perfeições divinas e humanas. Mas vamos pelo caminho da humildade e da mortificação. Peçamos-lhe essas virtudes. Peçamos-lhe o amor e tudo de que precisamos. Ele nada pode recursar-nos".

O mistério da Redenção era, também, um dos grandes objetos da devoção do Pe. Champagnat. Passava toda a quaresma meditando os sofrimentos do divino Salvador e, considerando o assunto mais que

suficiente para ocupar os Irmãos e alimentar-lhes a piedade, não lhes propunha outro, para suas meditações, leituras espirituais e, até mesmo, para leituras no refeitório.

Com grande fervor dedicava a Semana Santa à contemplação do inefável mistério do amor imenso de Deus pelos homens. Passava-a no mais profundo recolhimento, como se fosse dias de retiro. Nos três últimos dias, os ofícios da Igreja celebravam-se integralmente, com a máxima devoção e solenidade. Durante muitos anos, na sexta-feira santa, o Pe. Champagnat jejuava a pão e água, com todas a comunidade. Nesse dia, suprimia-se o recreio, após o almoço.[797] Silêncio profundo reinava na casa. Todos os momentos do dia eram consagrados aos ofícios, à leitura e meditação dos sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. O piedoso Fundador fizera da Semana Santa um período de renovação na piedade e no fervor, para si e para seus filhos. Apreciável número de Irmãos dos estabelecimentos vinham juntar-se a ele durante esse tempo santo. Recebia-os em entrevista particulares para encorajá-los e reavivar-lhe o espírito religioso. Nos intervalos entre os atos litúrgicos fazia-lhe conferência, palestra da vida religiosa. Resumindo, a semana, conforme sua própria denominação, era realmente santa, porquanto passava-a totalmente na oração, na santificação própria e dos Irmãos.

Mas gostava, sobretudo, de testemunhar seu amor a Jesus no Ssmo. Sacramento do altar. Tão viva era sua fé na presença real que se diria estar vendo o Senhor face a face nesse inefável mistério.[798] No tempo de seminário pedia freqüentemente licença para visitar o Ssmo. Sacramento e passaria a maior parte dos recreios ao pé do altar, se a prudência dos superiores não tivesse determinado limites à sua piedade e fervor. Com coadjutor de Lavalla jamais omitiu a visita ao Santíssima depois do almoço. Para ele era sagrado visitar Nosso Senhor

797 No original: dîgner, qe se traduziria por jantar. Mas, na região, designava a refeição do meio-dia.

798 "Gostava de contemplar durante a missa, parecia um serafim. Na visita das 11h30, outras pessoas e eu assistíamos, quase sempre, à reza da oração: Nós vos saudamos, dulcíssima Virgem Maria... O Padre a rezava com tanta unção". Ir. Saint-Louis fazia parte da comunidade das Irmas de l'Hermitage, por ocasião do recenseamento de 1841 e cita este depoimento de Gabrielle Fayasson a qual viveu vários anos em l'Hermitage (AFM, doc. 140/3, nº 9, p. 21).

antes e depois de cada saída obrigatória, para visitar doentes ou resolver alguma coisa. Na saída suplicava a Jesus que o perseverasse de todo pecado e abençoasse o que ia fazer. Na volta, examinava-se como procedera, agradecia ao Senhor as graças recebidas e pedia perdão das faltas ,cometidas.

Daí pode-se deduzir o que fazia para inspirar aos Irmãos essa devoção, por ele denominada a maior de todas. Quando se organizaram os primeiros regulamentos, determinou que a visita ao Ssmo. Sacramento[799] se fizesse duas vezes ao dia, não só na casa do noviciado, mas também nos estabelecimentos. Dessa forma três vezes por dia os Irmãos acompanhavam os alunos à igreja: de manhã, para participar da missa; no final de cada turno para adorar Jesus no Ssmo. Sacramento e recomendar-se à Ssma. Virgem. Prescreveu, outrosim, aos Irmãos, visitarem[800] Jesus Sacramentado todas as vezes que saíssem a passeio. Nas casas de noviciado e outra em que houvesse capela com Santíssimo, os Irmãos deviam visitar Nosso Senhor antes e depois de qualquer viagem ou saída. "Vocês nunca devem sair de uma casa onde se guarda a Santíssima Eucaristia, sem pedir a bênção a Jesus. Quando chegarem de volta ou quando forem a outra paróquia, deverão ainda, em primeiro lugar, visitar o Ssmo. Sacramento". Tanto fazia questão dessas práticas que chegou a punir Irmãos por havê-las descurado. Foi muito a contragosto que, mais tarde, se viu constrangido a abolir algumas dessa visitas e, até morrer, exortou continuamente os Irmãos a amarem Jesus presente na Hóstia Santa.

"É para nós, dizia-lhes, que o divino Salvado permanece dia e noite em nossos altares, há mais de dezoito séculos. É para que possamos recorrer a Ele em todas as nossas necessidades. Nada angustia mais seu divino Coração do que nossa ingratidão para com semelhante benefício e nossa frieza em visitá-lo e pedir-lhe graças. Se soubésse-

799 "Faz-se, em seguida, depois das aulas, uma visita ao Ssmo. Sacramento, se o vigário estiver de acordo. Não indo à igreja, recitam-se as orações da visita na aula mesmo. São as seguintes: ato para a comunhão espiritual, ato das virtudes teologais, a oração: eu vos saúdo, dulcíssima Virgem Maria e o Ângelus" (Règle de 1837, cap. II, art. 19, p. 20).

800. "Os Irmãos farão sempre uma visita ao Santíssimo, antes de partirem para viagens ou passeios; também na volta, sempre que possível" (Règle de 1837, chap. VIII, art. 1, p. 55).

mos quanto proveito nos trazem as visitas ao Ssmo. Sacramento, ficaríamos sem cessar ajoelhados diante dos altares. Os santos compreendiam essa verdade. Saibam que Jesus é a fonte de todas as graças. Por isso, logo que enfrentavam algum obstáculo, quando tinham favores particulares e pedir, acorriam pressuroso ao Ssmo. Sacramento. S. Francisco Xavier, S. Francisco Régis e tantos outros permaneciam horas a fio de dia e boa parte da noite ao pé dos altares. Mediante esse colóquios prolongados com Cristo conseguiam o progresso de suas obras, convertiam os pecadores e tinham bom êxito em tudo o que empreendiam para a glória de Deus e para a própria santificação"'.

Ao expressar-se dessa maneira, nosso piedoso Fundador nada mais do que adotar a linguagem dos santos, que foram unânimes em considerar as visitas ao Ssmo. Sacramento como um tesouro de bênçãos para os cristão. "Por certo, afirma S. Ligório,[801] entre as práticas de piedade, depois da comunhão, não existe outra mais agradável a Deus e mais vantajosa para nós do que freqüentes visitas a Jesus Cristo presente em nossos altares. Muitas vezes conseguem-se mais favores em quinze minutos de oração diante do Ssmo. Sacramento do que em todos os exercícios espirituais do dia" Jesus no Santíssimo Sacramento do altar afirma S. Pedro de Alcântara,[802] tem as mãos cheias de graças, pronto a concedê-las a qualquer um que venha pedi-las". "Em parte alguma Jesus Cristo atende com mais facilidade às orações do que no Ssmo. Sacramento", acrescenta o bem-aventurado Henrique Suso.[803] Enfim, S. Pedro nos ensina que N. S. Jesus Cristo no Ssmo. Sacramento é o trono da graça e da misericórdia.[804]

Quando o Pe. Champagnat estava com algum problema difícil, quando surgiam obstáculo, contradições ou algum acontecimento desagradável, acorria ao seu refúgio, Jesus Sacramentado. Aí examinava o que iria fazer. Jamais tomava decisão, mesmo de pouca importância,

---

801 "Entre todas as devoções, a mais agradável a Deus e a mais útil para nós – após a santa comunhão – é a oração aos pés de Jesus Cristo presente no Sacramento do alta" (SAL, vol. XI, cap. XVIII, p. 92).

802. Mesma idéia atribuída ao Pe. Baltazar Àlvarez: o Senhor lhe apareceu "com as mão cheias de graças" (SAL, vol. XI, cap. XVIII, p. 92).

803 "Jesus Cristo, no Ssmo. Sacramento, atende mais facilmente àquele que o ooooooo

804.Hb 4,16..

sem recomendá-la a Jesus. Costumava dizer em tais circunstâncias: "Vamos entregar tudo a Nosso Senhor, durante a santa Missa, na comunhão e nas visitas que lhe fizermos. Depois veremos o que fazer".

Quantas questões extremamente complicadas se resolvem, como por encanto e contra as previsões humanas, após algumas preces diante do Ssmo. Sacramento! Certa vez debatia-se uma questão gravíssima com pessoas importantes, todas implicadas. Parecia impossível chegarem a um consenso, pois as pretensões individuais se haviam acirrado de tal forma que impossibilitavam qualquer acordo. No auge da discussão, o Pe. Champagnat concentrou-se por um tempo. Levantou-se sem dizer palavra, foi à capela, prostrou-se ante o sacrário e, após instantes de ardentes preces, retornou à reunião. À sua chegada o ambiente serenou. Expôs algumas idéias, aceitas por todos como razoáveis. Houve acordo e o difícil problema foi resolvido satisfatoriamente para todas as partes.

Certo dia, um Irmão procurou o Pe. Champagnat no seu quarto e disse-lhe, sem meias palavras, que estava resolvido a ir embora. Acrescentou ser irrevogável sua decisão e nada no mundo conseguiria demovê-lo.

Por que ir embora? Disse-lhe o Padre. Não vejo motivo nenhum que justifique tal decisão e até hoje sempre o julguei feito para a vida religiosa à qual Deus o chamou.

Durante algum tempo também pensei assim, replicou o Irmão. Hoje, porém, estou convencido do contrário. Desde alguns meses a vida comunitária me é insuportável.

Uma perigosa tentação o está perseguindo, respondeu o Padre. O demônio, invejando sua felicidade e prevendo o grande bem que poderá realizar deseja, com uma tacada só, arruinar este bem e causar sua perdição. Tome cuidado para não ceder às sugestões dele. Você iria arrepender-se por toda a vida e talvez por toda a eternidade.

Depois de usar, com o Irmão, todos os meios segeridos pelo zelo para levá-lo a mudar de idéia, percebendo que nada podia fazer para influenciar-lhe o ânimo, nem sequer conseguia convencê-lo a passar alguns dias na preces e na reflexão, o Padre acrescentou: "Aguarde um instante. Volto e lhe direi o que deve fazer". Corre à capela e numa ardente oração implora a Nosso Senhor que tenha pena

do Irmão, retenha-o na beira do abismo e liberte-o da terrível tentação que o persegue. Após uns minutos de oração, presente que foi atendido. Retorna para junto do Irmão e encontra-o de joelho:

Padre, que favor acabou de me prestar! Satanás, que me atormentava, acaba de fugir. Não sei o que se passou comigo, mas agora sinto-me tão aliviado. Tenho a impressão de que me tiraram uma montanha dos ombros. Minhas idéias são completamente outras, e não entendo como pude deixar-me seduzir por ilusões tão grosseiras.

Meu amigo, respondeu-lhe o Padre, tenha muito amor a Nosso Senhor, pois é a Ele que você deve essa graça. Trabalhe para que Ele seja conhecido e amado. Foi para isso que o livrou da tentação e o conservou na vocação.

Outro irmão, assaltado por violentas tentações contra a pureza e incapaz de libertar-se de hábitos perniciosos contraídos no mundo, vinha muitas vezes ter com o Pe. Champagnat, para lhe expor seu estado miserável e procurar remédio para seus males. Depois de lhe dar muitos conselhos e recomendar vários meios, que ficaram sem resultado, o bom Padre lhe prescreveu oferecer e consagrar o coração a Nosso Senhor todos os dias durante a missa. Aconselhou-o a rezar a ladainha ao Sagrada Coração, dizendo após cada invocação: eu me consagro a vós; a renovar esse oferecimento e essa consagração durante a ação de graças cada vez que tivesse a felicidade de comungar; ir a capela duas vezes por dia, nos momentos livres, para pedir a bênção de Nosso Senhor. Essas práticas surtiram efeito. As tentações diminuíram sensivelmente e ele se libertou inteiramente dos maus hábitos que por muito tempo o havia escravizado.

O profundo respeito e o terno amor que o piedoso Padre votava a Jesus Cristo no Ssmo. Sacramento levavam-no a celebrar solenemente os ofícios da Igreja e cumprir com minuciosa exatidão as rubricas e tudo quanto estava prescrito pelo ritual diocesano. A esse respeito, a diminuta capela da comunidade assemelhava-se à igreja matriz ou à do seminário maior. Diversas pessoas salientaram esse fato. Embora apreciasse muito a pobreza e a fizesse reinar cuidadosamente na comunidade, como veremos mais diante, queria que a capela, e tudo o que se relacionasse ao curto divino, fizesse exceção; que

os paramentos e os vasos[805] sagrados fossem não somente limpos, mas também ricos, tanto quanto os recursos da comunidade o permitissem.

Quando chegou a Lavalla, encontrou a igreja suja. Pôs-se, ele próprio, a limpá-la, tirando a poeira e as teias de aranha. Caiou alguns lances das paredes, pois tinham aspectos repugnantes. Lustrou candelabros e crucifixos, expanou as estátuas e tudo o que servia à ornamentação. Encerava semanalmente os degraus do altar e mantinha o asseio na sacristia. Continuou nesses serviços até que um Irmão estivesse suficientemente treinado para assumi-los. Para dar mais esplendor aos ofícios divinos, e também alimentar a devoção dos fiéis, preparou os meninos para ajudarem a missa e ensinou-lhe os cerimoniais da Igreja; por ocasião da procissão do Corpo de Deus, mostrava-lhe como incensar o Ssmo. Sacramento e jogar-lhe flores com circunspeção e modéstia. A fim de conseguir que os acólicos cumprissem tudo isso com a máxima piedade, punha-os numa espécie de noviciado, e somente os deixava ajudar no altar se tivessem merecido tal favor por um procedimento irrepreensível, por determinado espaço de tempo.

Por respeito para com Nosso Senhor, abstinha-se cuidadosamente de cuspir no lugar santo. O mesmo exigia dos Irmãos, e disso fez uma norma.[806] Recomendava, também, aos Irmãos que se arrumassem com asseio, antes de entrarem na igreja. Proibiu-lhes entrar sem o hábito ou usando tamancos ou outro calçado sujo: "O santo respeito que devemos à pessoa sagrada de nosso divino Salvador exigi que nosso exterior seja decente e asseado quando temos a felicidade de comparecer a sua presença. Comparecer diante de Jesus Cristo, com visual desleixado, é não compreender o que devemos a Ele".

Sua piedade na celebração da santa missa era admirável. Porte modesto, semblante compenetrado, andar grave, tom de voz piedoso e animado, tudo manifestava os sentimentos que lhe inundavam o coração e a impressão profunda que lhe causava a santidade do augusto sacrifício que estava oferecendo a Deus. Nunca omitia a santa missa diária e, nas viagens, era visto por vezes caminhar cinco, seis ou mais

805. O P. Champagnat escrevia de Paris ao Ir. Francisco, em 7 de março de1838: "... comprei um lindo cibório..." (LPC 1, doc. 175, p. 356).
806. É conveniente abster-se, quanto possível, de tossir, cuspir e assoar-se na igreja (Règle, AFM, doc. 362.1).

léguas, para não perder essa consolação. Em tais circunstâncias, normalmente jejuava toda a manhã, na esperança de poder celebrar o santo sacrifício quando chegasse ao destino. Numa viagem a Gap, descendo da carruagem, indaga pela hora: "Onze horas", responderam-lhe. Imediatamente dirige-se para a catedral, onde pede para rezar a missa. Finda a ação de graças, voltando junto ao companheiro de viagem , exclama: "Que favor Deus me concedeu hoje. Não esperava ter a dita de subir ao santo altar, embora o desejasse tanto".

Outra vez, chegando a Bourg-Saint-Andéol[807] sem esperança de poder oferecer o santo sacrifício, por não trazer consigo o *Celebret,* a Providência permitiu que encontrasse um sacerdote, seu conhecido, que lhe proporcionou a consolação de poder celebrar a santa missa. Concluída a ação de graças, foi apresentar-lhe os agradecimentos: "Meu amigo, ficou-lhe devendo um favor que jamais esquecerei". Acrescenta o padre que narra o episódio: "Proferiu essas palavras com tamanha fé e piedade, que vinte anos não puderam apagar a impressão que me causaram".

Depois disso, não e de se admirar que recomendasse tanto aos Irmãos a assistência à missa e a comunhão freqüente: "O prejuízo que vocês levam ao faltar à missa ou à comunhão é um prejuízo irreparável, um prejuízo sem conta e ficariam inconsoláveis se entendessem as riquezas infinitas contidas na Eucaristia. Jamais deixem a comunhão, quando autorizada pelo confessor, exceto no caso de terem a desgraça de cometer um pecado mortal ou imaginarem que isso tenha acontecido. Deixar de comungar sob pretexto de não estar bastante preparado ou porque não se tem devoção sensível, por ter-se relaxado um pouco cometendo faltas leves, é pura ilusão. É querer reparar um erro com outro maior".

Certa vez, perguntou a um Irmão veterano por que motivo faltava com tanta facilidade à comunhão da quinta-feira.

É porque sou muito imperfeito e cheio de defeitos.

Meu caro amigo, replicou-lhe o Padre, exatamente porque você é imperfeito e cheio de defeitos, é que eu desejaria vê-lo comungar muitas vezes. O sacramento da Eucaristia é o meio mais eficaz para

807. Cidadezinha de Andéche, a uns dez quilômetros de Saint-Paul-Trois-Châteux.

corrigir seus defeitos e tirá-lo da frouxidão em que está. Jesus Cristo não disse:? Vinde a mim vós que sois perfeitos; porém, vinde a mim vós que sofreis,[808] que andais aflitos, vós que lutais, esmagados sob o peso das imperfeições e eu vos confortarei. Não é, pois, afastando-nos da comunhão, que haveremos de corrigir nossos defeitos, tornar-nos piedosos e adquirir a virtude, mas aproximando-nos freqüentemente do divino Salvador.

Mas Padre, replicou o Irmão, não estou melhorando nada com a comunhão.

A comunhão, reagiu o Padre, sempre melhora alguma coisa, desde que estejamos isentos de culpas mortais, porque este sacramento age de suas maneiras: por ele mesmo – *ex opere operato*[809] – e pelas condições de quem o recebe – *ex opere operantis*, então não deve pensar que não esta melhorando nada com a comunhão, por não ver progressos na virtude. A comunhão serve, pelo menos, para mantê-lo no estado de regra, o que não é pouco. Por acaso pensa que o alimento dado ao corpo lhe seja inútil porque as forças e a saúde não aumentam? Está enganado, serve para compensar as perdas diárias e conservar as forças e a saúde. Alguns se queixava de que não melhoram com esse sacramento. Pois não têm razão. Combater as tentações, fugir do pecado mortal, perseverar na vocação, cumprir razoavelmente as obrigações, permanecer fiel aos exercícios de piedade, lastimar-se por ser imperfeito são melhoras trazidas pelos sacramentos. Ignorar essas melhoras e não dar graças a Jesus Cristo por isso é ingratidão. O que é que está faltando a esses religiosos para fazerem grandes progressos na virtude e adquirirem a perfeição que Deus exige deles? Um pouco mais de atenção e de esforço para rezarem bem, maior pontualidade na observância da Regra, maior dedicação ao trabalho apóstolo, maior amor a Jesus Cristo. Ora, o meio mais eficaz para conseguirem o pouco que lhes falta em todas essas coisas é a assistência à missa com mais fervor, é a meditação dos mistérios da vida de Nosso Senhor, é a comunhão freqüente. Não esqueçamos: temos tudo em Jesus Cristo e sem Ele não temos nada.

Um Irmão deixaria de comungar na quinta-feira e foi falar com

---

808. Mt 11,28.
809. Cf Sto. Tomás, 3a, q. 62, art. 1-2. Apêndice 11, cap. VII.

o Padre, alegando ter agido assim por sentir-se muito tentado. O padre lhe disse: "Deixar de comungar por sentir-se tentado é entregar ao demônio a vitória de mão beijada. Ele o tenta exatamente para que você não comungue, pois sabe, por experiência, como é fácil induzir ao pecado mortal aqueles que se privam deste divino alimento, que é o melhor remédio contra o pecado. Não reparou ainda que o demônio lhe povoa o espírito de maus pensamentos e o persegue sem tréguas nas vésperas dos dias de comunhão e o deixa em paz tão logo você tomou a resolução de não comungar? Por que é que ele faz isso? Porque tem ódio a santa comunhão; tem-lhe ódio porque sabe dos bens que ela nos traz, e porque sabe ser ela o cotraveneno ao pecado. Então, o meio mais fácil para vencer as tentações e livrar-se delas, é aproximar-se com freqüência de Jesus Cristo".

Agora, o que mais contristava o piedoso Fundador era ver os Irmãos faltarem à missa ou à comunhão por tibieza, indiferença, pouco zelo pela própria perfeição ou por razões de viagens e visitas desnecessárias. Centenas de vezes verberou contra esse abuso. Sempre com energia e veemência, prova do amor que tinha a Jesus Cristo e da mágoa profunda que sentia ao ver os Irmãos afastarem-se d'Aquele que é a fonte de todas as graças.

Em suma, o amor a Jesus Cristo inspirava-lhe o zelo ardente por sua glória, levando-o a incentivar os Irmãos, em todas as ocasiões, a conhecerem o divino Salvador e torná-lo conhecido e amado. Nas suas instruções repetia continuamente: "Tornar Jesus Cristo conhecido e amado, eis a meta de sua vocação e a finalidade, nossa Congregação será inútil e Deus lhe retirará a proteção. Por isso, recordem sempre a vida e os mistérios de Nosso Senhor. Fale freqüentemente aos alunos de suas virtudes, seus sofrimentos, do amor que lhes mostrou pela morte de cruz,[810] e do tesouro de graças que lhes deixou nos sacramentos. Saber religião consiste em conhecer Jesus Cristo. E tem mais: em Jesus Cristo consiste a vida eterna, e os santos no céu ocupam-se exclusivamente em conhecê-lo, contemplá-lo e amá-lo. Para eles a bem-aventurança é Jesus Cristo. O conhecimento de Nosso Senhor deve ser, pois, o objetivo de todos os catecismos e, em nenhum deles, devem deixar de falar do divino Mestre. Quanto mais o tornarem co-

810 LPC 1, doc. 24, p. 72.

nhecido e difundirem seu amor, mas diminuirão o reino do pecado, mas consolidarão o da virtude e mais garantirão a salvação de seus alunos".

Em muitíssimas cartas, expressa as mesmas recomendações, incitando os Irmãos a recordarem continuamente aos alunos quanto Jesus Cristo os amou e, conseqüentemente, quanto eles têm obrigação de amá-lo.[811]

811. As cartas ao Ir. Bartolomeu (LPC 1, doc. 14, p. 53 e doc. 19, p. 61).

CAPÍTULO SÉTIMO

Devoção à Santíssima Virgem.

Pode-se afirmar que nosso amado Pai recebera desde o berço um terno amor à Santíssima Virgem, pois a mãe e a tia,[812] ambas devotíssimas de Maria, se tinham esforçado para inspirar-lhe esta preciosa devoção e instilaram-na suavemente no seu coração, desde pequenino. Durante a juventude e enquanto permaneceu em casa, para honrar Maria, contentava-se em rezar algumas breves orações que lhe haviam ensinado. Mas logo que optou pela vida sacerdotal e ingressou no seminário, sua devoção à Mãe de Deus cresceu sensivelmente. Impôs-se numerosas práticas para merecer-lhe a proteção e testemunhar-lhe todo o afeto. Resolveu, então, rezar diariamente o terço, hábito que manteve fielmente durante toda a vida. Gostava de fazer freqüentes visita a Nossa Senhora. Foi no decorrer dos prolongados colóquios com ela, junto a seus altares, que teve a intuição de que Deus o chamava para santificar-se e trabalhar na santificação do próximo mediante devoção especialíssima à Mãe de Deus. Vem de então o seu lema: "Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus",[813] lema que lhe norteou o espírito e lhe foi norma de conduta a vida toda.

Considerando Maria sua Mãe e caminho para chegar a Jesus, colocou sob a proteção dela os estudos, a devoção e todos os projetos. Cada dia consagrava-se a ela e lhe oferecia todas ações, para que se dignasse apresentá-las ao Divino Filho. Numa das freqüentes visitas a Nossa Senhora, nasceu-lhe a idéia de fundar uma Congregação de

812. "Marcelino tinha pelo lado paterno uma tia e uma tia-vó religiosas da Congregação das Irmãs de São José... (Luísa) Ir. Teresa foi para a casa do mano em 1791" (AA, p. 13-14).

813. A primeira parte deste lema encontra-se com freqüência em muitos autores espirituais, sobretudo no século XVII. A segunda parte deve ser interpretada, com oem Grigno de Montfort, num sentido de humildade: deixar com Maria tudo o que se oferece a Jesus. Grignon chega a dizer: Tudo para Maria. Sobre isso ver o comentário de Jean MORINARY, Marie et la faiblesse de Dieu, le message spirituel du Père de Montfort, Ed. Nouvelle Cité, 1988, p. 266-268.

religiosos voltados para o ensino[814] e dar-lhe o nome daquela que fora inspiradora do projeto. Sentindo atrativo especial para honrar a Santíssima Virgem[815] e julgando os outros por si mesmo, achou que o nome de Maria seria suficiente para trazer vocações à congregação sonhada. Não se enganou. Fiel ao compromisso de se dirigir sempre a Jesus por Maria, ao deixar o seminário maior após receber as ordens sacras, subiu a Fourvières para consagrar seu ministério à Mãe do Senhor. E toda vez que precisava volta a Lião, ia renovar a consagração e o projeto aos pés de Maria, no santuário de Fourvières. Nomeado coadjutor em La Valla, viajou num sábado[816] e quis iniciar o ministério sacerdotal no dia da Assunção, para que Maria lhe abençoasse as primícias e as apresentasse pessoalmente ao Divino Filho.

Assim procedeu a vida inteira, oferecendo e confiando à Virgem Maria todos os projetos e obras. Nada começava sem antes ter demoradamente pedido que ela abençoasse tudo. Diariamente, quando visitava o Santíssimo, prestava também sua homenagem à Virgem Santíssima. Como se isso não bastasse para satisfazer sua devoção, ergueu no quarto um altarzinho, com a imagem da Virgem, e aí, em todas as horas do dia, dirigia-lhe fervorosas preces, permanecendo até muito tempo prostrado a seus pés. Percebendo que, na igreja paroquial, o altar dedicado a Maria se encontrava em maus estado, mandou fazer um novo às próprias custas e mandou reformar toda capela. Na paróquia de Lavalla, a pouca distâncias da aldeia, encontra-se um san-

814. Idéia conrroborada pelo Ir. Francisco, que escreveu ao Ministro em 1851, na sua petição de autorização legal: "O Sr. Champagnat teve infinitas dificuldades para aprender a ler e escrever. Foram estas dificuldades que lhe fizeram sentir (...) a necessidade de formar bons professores para instruir as crianças da zona rural" (AFM, ADL, V, 480).

815. Escreve o Pe. Champagnat em carta ao rei Luís Felipe em 24 de janeiro de 1834: "Dei-lhes o nome de Irmãozinhos de Maria, na certeza de que bastaria o nome para atrair muitos candidatos. O rápido crescimento, em poucos anos, justificou minhas previsões e superou minhas esperanças" (LPC, doc. 34, p. 100). Expressa a mesma idéia ao Ministro Salvandy, em 27 de novembro de 1837 (LPC 1, doc. 159, p. 307).

816. O registro de aprovações dos Arquivos da diocese de Lião indica o dia 12 de agosto como sendo o de sua nomeação para La Valla: era uma segunda-feira. Podemos imaginar que ele sabia da nomeação desde a saída de Lião (24 de julho) e que foi para La Valla logo que pôde, por enquanto, no sábado, 3 ou 10 de agosto (OM 4, p. 220, nota).

tuário dedicado à Virgem Santíssima, sob o nome de Nossa Senhora da Piedade.[817] O bom Padre o visitava com freqüência, e várias vezes por semana ia lá procissão, com alguns fiéis, para celebrar o santo sacrifício da missa. Na ida cantava-se o *Miserere* e na volta, a ladainha de Nossa Senhora.

No primeiro ano de coadjutor, introduziu na igreja paroquial a piedosa prática do mês[818] de Maria pouco difundido na época, mas que devia, poucos anos depois, produzir frutos de salvação em toda a França e no mundo inteiro. Pessoalmente fazia esse exercício.[819] todas as manhãs, antes da missa. Distribuiu na paróquia inúmeros exemplares do livrinho intitulado *Mês de Maria*[820] e outras obras próprias a propagar a devoção à augusta Mãe de Deus. Desta forma, em breve tempo as práticas do Mês de Maria realizavam-se em todos os lugarejos[821] da paróquia. Cada família organizou também seu oratório, onde, à tarde, se reunia para implorar a proteção da Rainha do Céu, cantar seus louvores e meditar seus privilégios e favores.

Após a fundação do Instituto, o Mês de Maria passou a ser exercício comunitário. Prescreveu-o nas escolas por um artigo de Regra, assim redigido: "Todos os Irmãos tomarão a peito celebrar carinhosamente o Mês de Maria e levarão os alunos a fazer o mesmo com alegria e devoção"[822]

A exemplo de todos os santos, acreditava que a devoção a Maria é sinal de predestinação. Nas instruções gostava de repetir esta consoladora verdade; sem dúvida, devido a esta convicção, envidada todos os esforços para tornar conhecida e amada esta augusta Virgem

---

817. É o nome consignado nos livros maristas, porque havia lá um estátua de Nossa Senhora da Piedade. Mas o nome oficial é "Capela de Leytra". O santuário data do século XV.

818. Conferir RIBEIRO, Francisco das Chagas Costa, Champagnat – primeiro mês de Maria em La Valla, 1817, Roma, Marianum, 1983.

819. O Pe. Champagnat escreve de Paris ao Ir. Francisco, em 20 de maio de 1838: "(...) Durante o trajeto de carro, fiz o Mês de Maria e rezei o terço com os que estavam comigo" (LPC 1, doc. 193, p. 389).

820. O Ir. Francisco afirma que "recebeu um exemplar das mãos do Pe. Champagnat" (AFM, Mélanges, cahier 1, p. 93).

821. Numa população tão dispersa como a de La Valla, era natural propor a igreja para o povo da freguesia e indicar uma casa em cada aldeia.

822. Règle de 1837, cap. IV, art. 11, p. 36.

e inspirar aos fiéis e aos Irmãos confiança ilimitada em seu amparo. Mas ainda, tinha firme convicção de que os Irmãos que tivessem a ventura de falecer no Instituto seriam salvos. Diversas vezes ouviram-no dizer: "Confio que Maria não deixará perecer nenhum daqueles que perseverarem até a morte na sua vocação e que saírem desta vida vestido com sua librés". Eis as razões sobre as quais fundamentava tal afirmação, razões de peso, que justificavam sua confiança:

A vocação para a vida religiosa é, por si mesma, sinal de predestinação, na opinião dos santos;

A devoção especial que o Instituto tema Maria e as numerosas práticas de piedade prescritas pela Regra, para honrá-la e merecer-lhe a proteção. "Se vemos tantos cristãos salvarem-se por terem sido fiéis em rezar a esta Virgem poderosa ou homenageá-la com algum ato de virtude, como poderá perder-se um Irmão que a honra todos os dias com o terço, o ofício e muitas outras orações; consagrada-lhe um dia por semana e celebra suas festas com particular devoção? Se, por estranha perversidade, alguém abusasse de todos os meios de salvação de seu santo estado, não seria de esperar que as orações e boas obras dos seus coirmãos lhe obteriam a conversão? Eu penso que sim, ou então ele deixará o Instituto":[823]

A promessa de salvação ligada ao santo escapulário. Antes de mais nada, todos os Irmãos usam o santo escapulário; depois, se a Virgem promete preservar da condenação eterna todos os que se limitam a usar o escapulário, usam seu nome, o seu hábito, vivem na casa dela, prestam-lhe homenagem todos os dias, trabalham para toná-la amada, para difundir sua devoção entre as crianças e têm mil outras práticas para honrá-la e merecer-lhe a proteção;

A experiência do passado. "vejam aqueles que morreram no Instituto. Consultem os registros mortuários e digam-me se neles consta alguém cuja morte inspire dúvida quanto à salvação eterna! Não consta nenhum, graças a Deus. Todos esses bons Irmãos morre-

823. Era também o pensamento do Pe. Colin, expresso pelo Pe. Mayet: "Tenho a confiança de que todos os que morrerem na Sociedade serão predestinados e que a Santíssima Virgem eliminará da sociedade quem não for do número dos eleitos (...) por estarem com o coração corrompido. Pois é, minha confiança chega a esse ponto" (OM 2, doc. 425 [13] p. 136).

ram nas disposições mais cristãs e tranquilizadora. Podemos acrescentar até, para a glória de Maria, nossa boa Mãe, que a maioria deles partiu deste mundo com sinais evidentes de predestinação".

Em confirmação dessa palavras, poderíamos relatar aqui grande número de fatos. Vamos contentar-nos com um só. Em 1838, o Ir. Justino,[824] diretor da escola de Pereux, foi acometido de tuberculose pulmonar que, em pouco tempo, o levou às portas da morte. Ciente da gravidade do mal, o bom Irmão preparou-se para morrer como autêntico religioso. A um Irmão que lhe aconselhava pedisse a Deus a cura, deu a seguinte resposta: "De forma alguma; não preciso da saúde. Basta-me cumprir a vontade de Deu. Se soubesse como me sinto feliz de sofrer um pouco por Nosso Senhor, e de morrer para contemplá-lo no céu, não me falaria em pedir a cura".

Com tais sentimentos passou os últimos dias da vida em colóquios contínuos com Jesus e Maria. Recebeu todos os sacramento e foi-lhe aplicada a indulgência *in articulo mortis.* Com o crucifixo e o terço nas mãos aguardava ansiosamente o momento de partir para o céu. Por volta da meia noite do dia 23 de junho, os que o assistiam, percebendo seu profundo recolhimento, chamam-no, fazem-lhe perguntas. Pelas respostas, certificam-se de que está em plena lucidez. Sabendo quanto gostava de entreter-se com Deus, deixam-no sossegado, contentando-se em observá-lo. Transcorrida meia hora nesta contemplação, seu semblante reanimar-se, readquirindo a cor. Junta as mãos, tenta levantar-se e põe-se a sorrir por várias vezes. Os Irmãos que o assistem perguntaram-lhe o que deseja e por que está sorrindo. Ela responde: "Estou sorrindo porque vejo Nossa Senhora. Ela está ai e vem buscar-me". Instantes depois, adormecia placidamente no Senhor, sorriso nos lábios e olhos fixos na direção em que dizia ter visto Nossa Senhora.

Um postulante de procedimento duvidoso e tão vacilante na vocação que, por várias vezes, pedira para se retirar, tendo assistindo a morte tão piedosa, mudou radicalmente. No mesmo dia cedinho, Foi ter com o Pe. Champagnat para lhe fazer que desejava viver e morrer no Instituto. Pediu-lhe o favor de ser admitido ao noviciado, com o

824. Pierre Champallier, nascido em La Valla em 1814 ou 1815 (cf. BI. Vol XXIV, p. 505 LPC 2, p. 309).

nome do Irmão que acabava de falecer e ser enviado às missões da Oceânia. A conversão foi definitivamente. A partir desse dia, comportou-se de modo bem diferente e obteve as três coisas que pedira.[825]

Tal certeza do santo Fundador, relativa à salvação dos membros do Instituto, não nos surpreenderá, se considerarmos o que prescreveu aos Irmãos, com o fim de honrar Maria e merecer-lhe a proteção. No pensamento do piedoso Fundador, tudo no Instituto deve pertencer a Maria, tudo deve ser usado para a sua glória. Amar a augusta Rainha, servi-la, propagar-lhe o culto de acordo com o espírito da Igreja, com excelente meio para amar e servir mais fácil e perfeitamente a Jesus Cristo, foi a finalidade que se propôs ao fundar a Congregação. Quer que os Irmãos considerem Maria como Mãe, Padroeira, Modelo e Primeira Superiora[826] e tenham, porquanto, para com ela os sentimentos exigidos por esses títulos. As piedosas práticas prescritas no Instituto para honrar Nossa Senhora, que enunciaremos a seguir, inspiram-se nestes princípios.

Já de manhã cedo, o dia todo lhe e consagrado pela Salve Rainha, cantada nas comunidades numerosas, rezadas nas demais. Cada Irmão, ao despertar, recomenda-se à sua maternal proteção, rezando três aves –marias. O mesmo deve fazer à noite, ao deitar-se. O ofício, o terço, a reza da ave-maria em todas as horas e diversas outras orações são a homenagem de veneração que os Irmão lhe oferecem diariamente. Todos os exercícios de piedade, como a maioria dos exercícios comunitários, encerram-se com o Sub Tuum.[827] O sábado de cada semana é especialmente consagrado a Maria. É o dia em que os Irmãos lhe dirigem súplicas particulares para obter, por sua intercessão, a bela virtude da pureza. Além disso, todos os Irmãos devem jejuar, e, se alguém se acha impedido, não pode se dispensar sem autorização. Deve permutar o jejum por algumas orações ou algum ato de virtude. Sábado é também dia de comunhão,[828] para quem tem a devida autori-

825. O Ir. Justino (tienne Perret), o segundo com esse nome, nascido em Chamelet (Rhône), em 1814, partiu para a missão da Oceânia, depois voltou e veio a falecer em Lião, em 1817 (CSG I, p. 468 e XIII, p. 305).

826. LPC 1, doc. 23, p. 71 e doc. 260, p. 493. Também do Testamento Espiritual.

827. O Sub Tuum é uma das orações marianas mais antigas. Aparece a partir do século III (BI nº 213, p. 24).

828. A maioria dos Irmãos comungava aos domingos e às quintas-feiras. Raríssimos

zação.

As festas marianas devem ser celebradas por todos os membros do Instituto com santo júbilo e muita veneração, com amor e filial gratidão. A Regra impõe que os Irmãos se preparem por ma novena ou alguma outra prática de piedade. Haverá jejum na véspera. No dia da festa, cada qual, após a comunhão, deve renovar os votos e consagrar-se novamente à Boa Mãe. As cinco principais festas de Maria[829] são consideradas de preceito nas casas de noviciado, onde se devem celebrar os ofícios com muita solenidade. Todos os Irmãos do Instituto devem consagrar inteiramente estes santos dias para honrar a Divina Mãe, seja lendo alguns livros que trate de seus privilégios, seja fazendo alguma palestra aos jovens sobre o tema da festa e as vantagens da devoção a Maria.

A todas estas práticas instituídas nas Congregação para honrar a Mãe do Senhor, o piedoso Fundador acrescenta mais duas coisas indispensáveis, que, no seu entender, são o complemento das homenagens tributadas a Maria e o fruto da devoção para com ela. A primeira é a imitação de suas virtudes. Por isso. Recomenda que os Irmãos assumam sobretudo o espírito de Maria e imitem-lhe a humildade, a modéstia, a pureza e o amor a Jesus Cristo. A vida pobre e oculta da divina Mãe e os exemplos sublimes que nos deu devem ser a norma de conduta dos Irmãos. Cada um deve esforçar-se de tal modo para assemelhar-se a ela, que tudo em suas ações e na sua pessoa relembre Maria, retrate o espírito e as virtudes de Maria.[830] A segunda é que os Irmãos se considerem como particularmente obrigados a torná-la conhecida e amada, a propagar o seu culto e inspirar sua devoção às crianças.[831] Sobre o tema, aqui vão alguns pensamentos de vosso venerado Pai:

---

era aqueles que, como o Ir. Francisco, comungava diariamente.

829. Assunção, Imaculada Conceição, Natividade, Anunciação, Visitação (AFM, Règle Communes de 1825, cap. VI, p. 14, nota).

830. "Como Irmãos e filhos de Maria, devem recorrer a ela em todas as necessidades, renovar diariamente sua consagração e o propósito de dedicar-se a seu santo e grato serviço (...) fazer tudo em união com ela e sob seu amparo" (Règle des Petits Frères de Marie, cap. XII, art. 5; AFM 362. 1, manuscrito do Ir. Francisco).

831. "Os Irmãos envidarão todos os esforços para inspirar aos meninos grande devoção à Santíssima Virgem" (Règle de 1837, cap. IX, art. 14, p. 37).

"A salvação vem dos judeus,[832] dizia nosso Divino Salvador à Samaritana. Com maior razão poderíamos dizer que a salvação vem de Maria. Dela nasceu Jesus; por seu intermédio Ele baixou do céu para salvar os homens; por sua mediação e valimento realizou a primeira aplicação de seus méritos na santificação de S. João Batista.[833] Atendendo a pedido seu, fez o primeiro milagre.[834] A ela, do alto da cruz, confiou todos os homens na pessoa do discípulo amado.[835] Ensina-nos, com isso, que ela é nossa mãe e que através deseja conceder-nos seus favores e aplicar-nos o s merecimentos de sua morte e cruz. Ora, se as graças nos são concedidas pelas mãos de Maria e sua intercessão é necessária para nossa salvação, conforme asseguram os santos Padres da Igreja devemos concluir com um dos maiores santos de nosso tempo, S. Ligório,[836] que a salvação dos homens depende de devoção verdadeira à Santíssima Virgem da confiança sem limites em sua proteção que soubermos inspirar-lhes. Se, pois, vocês tiverem a sorte de incutir no coração dos alunos tão preciosa devoção, tê-los-ão salvo. Não se afastarão muito do caminho da virtude, ou a ele voltarão, trazidos por aquela que a Igreja invoca com o nome de Mãe de misericórdia, Refúgio dos pecadores".[837]

Para que os Irmãos conseguissem arraigar a devoção à Santíssima Virgem, o Pe. Champagnat recomendava-lhes aproveitassem de todas as ocasiões para falar aos alunos. As palestras deveriam ser interessantes e ilustradas com fatos apropriados e com os exemplos práticos dos santos. Ele próprio narrava muito desses exemplos, sabia apresentá-los tão oportunamente e deduzia aplicações tão felizes e

832. Jo 4,23.
833. Lc 1,44.
834. Jo 2,1-11..
835 Jo 19,25-27
836 " Todos os bens a nós dispensados por Deus, nós os recebemos pelas mãos de Maria, e por que? Porque é vontade de Deus, responde S. Bernardo. Mas a razão específica é extraída deste pensamento de Sto Agostinho: Maria é chamada acertadamente de nossa Mãe por ter cooperado, pela sua caridade, para o nosso nascimento à vida da graça(...). Quer a Igreja que saudemos com os títulos de Vida, Doçura e Esperança nossa" (Alphonse de LIGUORI, Oeuvres dogmatiques, vol. VII, Ed. Casterman, 1867, p. 298).
837. Aqui o Ir. João Batista apresenta um longo desenvolvimento que publicamos no fim do capítulo como Anexo 1.

acertadas, que era um encanto ouvi-lo.

O zelo em propagar a devoção a Maria não é somente meio de conquista os alunos para Deus; é também fonte de bênçãos para o catequista. E o Pe. Champagnat não cessava de lembrá-lo ao Irmãos. Escrevia a um deles: "Deseja que Deus abençoe sua casa e derrame sobre você e seus Irmãos o espírito de piedade? Inspire aos alunos a devoção a Maria, há de vencer as tentações que o afligem e perseverar na sua santa vocação. Nela sentir-se-á realizado e a Virgem Santíssima lhe concederá graças especiais. Se ela é tão bondosa para com todos os homens, quanto mais para aqueles que, não satisfeitos em servi-la, ainda trabalham para torná-la amada e servida pelos outros".[838]

É evidente que o Pe. Champagnat não centrava a devoção a Maria unicamente em prática exteriores. Que se esforçassem por imitar-lhe as virtudes e fossem entusiastas nas propagação de seu culto. Entretanto, exigia o cumprimento exato e fervoroso das práticas exteriores, por serem muito próprias para alimentar a piedade e merecernos a proteção de Maria, e porque, sem elas, não pode existir verdadeira devoção mariana. Vimos como várias pessoas o pressionaram para que suprisse o Ofício de Nossa Senhora, mas ele jamais cedeu. Não perdia ocasião de recomendar aos Irmãos que nunca o omitissem, exortando-os a rezá-lo com todo o fervor possível. Vivia repetindo: "Lembrem-se de que estão pronunciando a palavra do Senhor e ao Espírito Santo é que devemos estas fórmulas de oração e de louvor à Mãe de Deus".

Fazia as mesmas recomendações com relação ao terço.[839] Os Irmãos deviam sempre levar consigo o terço e o escapulário. "Se , por algum imprevisto ou alguma tarefa extraordinária, não tivesse tempo de rezá-lo por inteiro, rezem duas ou três dezenas. Se nem isso for possível, digam três ave-marias, ou pelo menos peguem o terço e beijem-no antes de deitar; assim não, vai acontecer nunca deixarem com-

838. Outro desenvolvimento, que transpusemos para o fim do capítulo, como Anexo 2.

839. "Trarão sempre consigo o escapulário e o terço" (Règle Communes de 1852, 1ª parte, cap. VI, art. 13). "Não é suficiente recitá-lo (o terço); é bom tê-lo consigo no bolso, como, como arma protetora e poderoso auxílio" (Règle des P.F.M., AFM, manuscrito, doc. 362. 1; 262. 2 e 362.3).

pletamente essa oração. Quem ama Nossa Senhora nunca deixa de trazer consigo alguma recordação da Divina Mãe e leva dia e noite sobre si o terço e o escapulário são armas de salvação, que nos defendem contra as tentações e, muitas vezes, basta segurá-los na mão, ou simplesmente lembrar-nos que os trazemos, para afugentar o demônio".

Cera vez, encontrando-se com um Irmão que, ao trocar de roupa, esquecera o terço, observou-lhe: "Se você amasse Nossa Senhora e soubesse como o terço é útil em situação de perigo, e quantas bênçãos garante, não o esqueceria[840] com tanta facilidade".

Depois disso tudo, seria de estranhar que o bom Padre tivesse tão grande confiança em Maria? Nada lhe parecia impossível, com o auxílio da Virgem Poderosa. Muitas vezes ouviram-no dizer: "Mesmo se o mundo inteiro estiver contra nós, nada temos a recear se a Mãe de Deus estiver do nosso lado".

Na Revolução de 1830, era voz corrente que a Congregação seria dissolvida, porque não tinha autorização governamental. De fato, o prefeito[841] do Departamento do Loire, seja por ordem ministerial, seja por obediência às perversas inclinação do seu coração e ao ódio que alimenta contra a religião, preparava-se para fechar o noviciado. Em tal situação, o Pe. Champagnat não se perturba nem desanima. Como sempre, corre para Maria Santíssima e lhe confia a comunidade. Reunindo os Irmãos, que começavam a perturbar, disse-lhes: "Não tenham medo de ameaças, nem se arreceiem do futuro. Maria não congregou nesta casa; ela não permitirá que a maldade dos homens

840. Em viagem a Paris, o Pe. Champagnat escreve de Lião ao Ir. Francisco, em 10 de janeiro de 1838: "Esqueci meu terço, mande-mo sem falta" (LPC 1, doc. 169, p.334).

841. O senhor Scipion Mourgue prefeito do Departamento, de 23 de setembro de 1830 a 4 de maior de 1831, disse no Conselho Geral: "Senhores, essa instituição (dos Irmãos Maristas) é muito pouco recomendável: É do conhecimento público que os que os que nela terminam o curso são deploravelmente ignorantes; são bons para fazer perder tempo às crianças; não, porém, para transmitir-lhes conhecimentos, mesmo os mais triviais (...). entretanto, este Instituto deseja a todo custo lançar-se ao ensino; disto tive a prova pela temerária resistência que outrora opôs, em Feurs, à introdução do ensino mútuo, felizmente protegido pelo prefeito firme e esclarecido daquela cidade " (RLF, p. 82).

nos expulse daqui. Mais do que nunca, sejamos fiéis em honrá-la, vivendo como seus verdadeiros filhos, imitando suas virtudes. Redobremos de confiança e lembremo-nos ser ela o nosso Recurso Habitual. Para merecer sua proteção e afastar de nós todo perigo, pela manhã cantaremos a *Salve Regina*, antes da meditação". Foi a única providência. Maria, em quem depositara toda a confiança, não o decepcionou. O prefeito foi substituído,[842] e a casa não foi importunidade. E o canto da *Salve Regina* continua até hoje. Tornou-se artigo de Regra.[843]

Quando recomendava um problema a Maria, viesse o que viesse, não se perturbava, a repetia tranqüilo e confiante: "Nada receiem, as aparências estão contra nós. Maria, porém, vai dar um jeito: bem que ela sabe remover dificuldades, dirigir acontecimentos e revertê-los em nosso favor". Coisa admirável! Nunca sua confiança foi traída.

Por isso em todas as necessidades, circunstâncias diferentes, recorria a Nossa Senhora. Só a ela, depois de Deus, queria ser devedor de tudo e de sua proteção tudo esperava. Maria é nosso *Recurso Habitual*,[844] era sua expressão favorita. Não perdia ocasião de repeti-la aos Irmãos. Quando os animava a pedirem as virtudes ou favores temporais, terminava sempre: "Já sabem perfeitamente a quem nos devemos dirigir para conseguir estes favores: o nosso *Recurso Habitual*. Não renhamos receio de recorrer demais a ela, pois é sem limites o seu poder, inesgotáveis sua bondade e seu tesouro de graças. Aliás, sendo nossa Mãe, Padroeira, Superior, é responsável por nós, e contamos com ela. Esta comunidade é obra sua. Foi Nossa Senhora que nos congregou nesta casa. Ela tem de nos conseguir as virtudes que em nós deseja ver[845] e os favores temporais de que necessitamos".

A devoção a Maria, o desejo de honrá-la, servi-la e viver sob sua proteção eram sinal de vocação, no entender do Fundador.

Por que veio para nossa Congregação, a menor de todas? Indagava certa vez a um postulante.

Porque esta comunidade traz o nome de Maria, e eu também

842. Em 4 de maio de 1831, pelo Senhor De Norvins (LPC 2, p. 13).
843. 'As quatro hora e cinqüenta minutos, a Salve Rainha, a oração da manhã, seguida da meditação (...)"Règles Comununes de 1852, 1ª parte, cap. IX, art. 3).
844. Em versalete no original, como nas Règles de 1852, p. 15.
845. LPC 1, doc. 259, p. 492.

estou com vontade de receber este nome e viver sob a proteção da Mãe de Deus.

Sendo assim, vamos em frente! Maria o abençoará; você será feliz no Instituto e será um bom Irmão.

Outro rapaz solicitava insistentemente seu ingresso no Instituto. Mas não era conhecido e não trazia carta de apresentação. O Padre não queria admiti-lo. Triste com a recusa inesperada, o postulante caiu em pranto, insistindo que não queria voltar para o mundo. Surpreso e contente por tanta persistência, após algumas indagações, o Pe. Champagnat acabou por dizer-lhe:

Você trouxe bastante dinheiro para pagar a pensão no noviciado?

Só tenha uma moeda de vinte centavos;

A esta pergunta o postulante redobrou as lágrimas.

Gosta de Nossa Senhora? Perguntou o Padre pela segunda e terceira vez.

Gosto sim, Padre, e é por isso que estou aqui.

O tom era decidido.

Está bem, meu amigo, dê-me os vinte centavos. Eu o recebo. Mas não esqueça nunca foi para amar e servir a Maria que você veio e foi admitido no Instituto.[846]

Finalmente este capítulo com um episódio muito significativo, da proteção de Maria sobre o Pe. Champagnat. Em fevereiro de 1823, um Irmão de Bourg-Argental[847] achava-se gravemente enfermo. O Pe. Champagnat não quis deixar seu filho morrer sem vê-lo mais uma vez e dar-lhe bênção. O mau tempo e o chão recoberto de neve não impediram o Padre de sair a pé quando soube que o Irmão estava em perigo de vida. Depois de bençoá-lo e confortá-lo, tratou de volta para Lavalla. Os Irmãos tentaram dissuadi-lo, pois caíra muita neve e o vento soprava com inusitada violência. Consultando apenas a coragem, o Padre julgou que não devia ceder os rogos dos Irmãos e aos conselhos

846.Pode ser que se trate de Joseph-Antoine Falque (Ir. Cecílio) o qual entrgou 1 franco (20 moedas) e prometeu entregar 100 francos mais tarde (AFM, Cahier des entrées, R. E. 1,p. 96).
847. Trata-se do Ir. João Batista, segundo o Ir. Avit (AA, p. 50-52).

dos amigos. Logo se arrependeria, acompanhado pelo Ir. Estanislau, preferiu transpor as montanhas de Pilá.[848] Tinha andado apenas duas horas.[849] quando se perderam. Não achando mais nem sinal de estrada, viram-se forçados a caminhar sem direção, ou melhor, sob a direção de Deus. Um vento violentíssimo lhes jogava a neve no rosto, de modo que nem sabiam se estavam indo ou voltando. Vaguearam hora a fio, e o Irmão sentiu-se exausto. O Pe. Champagnat teve de tomá-lo pelo braço para conduzi-lo e não deixá-lo cair. Mas dali a pouco, até ele, vencido pelo rigor do frio e sufocado pela neve, sentiu-se desfalecer e teve de parar. Falou ao Irmão:

"Meu amigo, estamos perdidos, se Maria não nos socorrer. Recorramos a ela e supliquemos-lhe que nos salve a vida em perigo neste mato e no meio da neve".

Isto dizendo, sentiu o Irmão escorregar-lhe da mão e cair desmaiado. Cheio de confiança, ajoelhou-se ao lado do Irmão, que parecia inanimado, e rezou o Lembrai-vos com sentido fervor.

Finda a prece, procurou erguer o companheiro e fazê-lo andar. Não tinham andado dez passos, quando vislumbraram, na escuridão da noite, uma luz bruxuleando a certa distância. Dirigiram-se para lá e deram com uma casa,[850] onde pernoitaram. Ambos estavam enregelados pelo frio, sobretudo o Irmão, que demorou a recuperar inteiramente os sentidos.

Muitas vezes o Pe. Champagnat afirmou que, se o socorro não tivesse chegado naquele exato momento, ambos estariam perdidos. A Santíssima Virgem os salvara de morte certa.[851]

---

848 O itinerário seguido passa por uma garganta de 1.202m de altura: La Croix de Chaubouret.

849. De Bourg-Argental ao local do Lembrai-vos dá aproximadamente 10 km.

850. Os habitantes da casa eram José Donnet, sua esposa Maria Madalena Despinasse e a filha Antonieta, de cinco anos.

851. "Na minha juventude apreciava muito visitar meus primos Donnet, onde era sempre bem recebido. Numa dessas visitas, estando eu de batina, o pai Donnet mostrou-me, com certa ufania, a cama em que o Venerável tinha deitado. Vi uma cama muito asseada, enfeitada de flores pintadas nos principais painéis". (Notas do Ir. Francisco Maria [Jean-Claude Naime] nos arquivos AFM 0144.0002). Também em Présence Mariste nº 176, 1988, p. 21).

ANEXO 1

Pela devoção a Maria, os santos de todos os tempos santificaram o mundo. S. Vicente Ferrer considerava a propagação do culto `Santíssima Virgem o meio mais eficaz para inspirar o ódio ao pecado e o espírito de penitência.

O Pe. Honório, religioso de S. Francisco, tão afamado pelas suas pregações evangélicas e pelos frutos de salvação que produzia, não cansava de propagar a devoção a Maria, ensinando o povo a honrá-la por diversas práticas, especialmente pela reza do terço. Dizia aos que o criticavam e censuravam por estar perdendo tempo: "Aguardem o final da missão e verão para que serve a devoção a Maria e se perdi o tempo, inspirado-a ao povo e ensinando-lhe e rezar o terço". A missão era sempre coroada com a conversão de muitos pecadores, com a renovação da piedade, da devoção e das práticas religiosas; com a evangelização do povo, que transformado voltava ao caminho da virtude.

Todos sabem que S. Domingos estava pregando aos albigenses, quase sem nenhum resultado. Nossa Senhora lhe apareceu e lhe disse: "Meu filho, o meio usado pela Santíssima Trindade para renovar o mundo foi a saudação angélica, sabe do Novo Testamento. Portanto, se quiser converter os pecadores, divulgue o meu rosário". Consolado e instruído por essa visão, o santo vai ensinar os mistérios do rosário, propagar a devoção a Maria e em pouco tempo converte mais de cem mil horege e numerosíssimos pecadores.

S. Gregório Taumaturgo, ao ser designado Bispo de Neocesaréia, encontrou apenas dezessete cristãs na sua diocese. Direige-se a Maria, consagra-lhe o episcopado, pede-lhe a conversão do seu rebanho e consulta-a para saber qual a melhor meio de instruí-lo e conquistá-lo para Deus. A Santíssima Virgem atende ao pedido do servo fiel. Aparece-lhe resplendente de glória, acompanhada de S. João Evangelista, a quem dá ordem de explicar a Gregório os mistérios da fé e a maneira de ensiná-los. E Maria, de tal forma abençoou os trabalhos do santo prelado, que por ocasião de seu falecimento havia apenas dezessete hereges ou infiéis em sua vasta diocese, que estava cheia deles, quando de sua posse.

Sto. Ildefonso, arcebispo de Toledo, tinha um segredo para

converter os pecadores: conduzi-os a Maria. Quando os via perseverantes no culto daquele que chamava reformadora do universo, tesoureira de todas as graças, tinha a certeza de havê-los conquistado. Animava-o zelo infatigável de honrar Maria, falava dela a todo momento e compôs um volume para defender sua virgindade perpétua. A Santíssima Virgem não se deixou vencer em generosidade: derramou sobre o santo Bispo uma chuva de favores. Citaremos apenas o seguinte.

A dezoito de dezembro, celebra-se na Espanha a festa da Anunciação. Ildefonso, sentado na cátedra de bispo, estava para iniciar a cerimônia litúrgica, quando a Rainha do Céu lhe apareceu, acompanhada de miríades de anjos. Nas mãos trazia o livro escrito pelo santo sobre sua virgindade. Após expressar-lhe sua satisfação, entregou-lhe, como prova de seu carinho, uma riquíssima casula, dizendo: "Desde que você tem profundo zelo por minha glória, além de fé viva e consciência pura, eu lhe ofereço esta vestimenta trazida dos tesouros de meu Filho".

O evento encontra-se registrado nas atas de um concílio da Espanha o qual, para perpetuar-lhe a lembrança, instituiu uma festa. O fato vem narrado por Mariana, Barônio, Triteno, S. Francisco de Sales e muitos outros.

Desde a infância, S. Bernardo de Sena esteve a serviço da Rainha do céu e passava horas a fio rezando diante de sua imagem. Um belo dia, a divina Mãe lhe apareceu e lhe disse: "Meu filho, em recompensa da piedade e do amor que me tens, concedo-te três graças excelentes: a primeira, a vocação para a vida religiosa; a segunda, talentos e dons especiais para anunciar a palavra de Deus e converter os pecadores; a terceira, sólida virtude e grande santidade". Em pouco tempo, Bernardo enchia a Itália com os frutos de suas pregações e a fama de seus milagres. Os maiores pecadores se convertiam, a piedade reflorescia por toda parte e a virtude surgia, onde antes imperava o vício. Ressuscitou quatro mortos, na presença de muitas testemunhas. Tais prodígios e os frutos de salvação que recolhia eram a recompensa de sua devoção a Nossa Senhora. Tamanha confiança depositava em Maria, que lhe pedia um milagre com a mesma naturalidade com que se pedia um favor comum. À força de pregar, a voz foi ficando sempre mais fraca. Pediu, e Maria curou-o completamente. O santo nascera, tomara o hábito religioso, professara, rezara a primeira missa e prega-

ra o primeiro sermão no dia oito de setembro, festa da Natividade de Maria. Também faleceu na mesma data.

O Sr. De Nobletz foi um dos homens mais extraordinários do último século. Através de exortações familiares e catecismo às crianças, estabeleceu a piedade e o espírito de fé em toda a Bretanha. Atribuiu todos os êxitos de seus trabalhos à Santíssima Virgem, conforme depoimento seu perante o Santíssimo Sacramento, horas antes de falecer: "A consciência me obriga a manifestar as grandes graças que recebi de Deus pela intercessão de Maria, minha Mãe divina. Quando eu estudava em Agensofri grande adversidade. Então, a Virgem Maria, a quem sempre servi e amei, apareceu-me, confortou-me e disse: "Meu filho, consegui três coroas para você: a primeira é a virgindade, que você vai conservar intacta por toda a vida, mesmo no meio dos maiores perigos a que seu ministério o expôs; a segunda, é o desprezo do mundo e o desagrado de tudo; a terceira, é a coroa de doutor e mestre da vida espiritual, pelo que muitas almas serão salvas". Depois disso, será de estranhar os grandes frutos de salvação produzidos pelo grande servo de Deus?

Desde seus mais verdes anos, S. Felipe de Nèri não passava um dia sequer sem dedicar a Maria algumas práticas de piedade. Só lhe chamava terna Mãe, dulcíssima padroeira, causa de alegria. Não perdia ocasião de torná-la amada e difundir seu culto; e, quando falava de Maria, irradiava felicidade em seu semblante; e no coração dos ouvintes crescia o fervor e, muitas vezes, nascia-lhes o desejo de ingressar na vida religiosa. Não fazia colóquio, exortação, discurso, sem falar de Maria. Aos penitentes que dirigia, àqueles que lhe pediam conselho, jamais atendia sem acrescentar algumas palavras sobre a devoção à Santíssima Virgem: "Honrem a Maria, meu filhos, porque ela é a dispensadora das graças. Se quiserem converter-se, rezem a Maria". É incalculável o número de pecadores empedernidos que ele converteu e arrancou do pecado prescrevendo-lhes apenas algumas práticas de devoção à Virgem Maria. Assim renovou a cidade de Roma e realizou maravilhas em todas as idades, particularmente entre os jovens.

O jesuíta Pe. Gonzales Sylvera recomendava todo empreendimento à Santíssima Virgem. Ao saber que seria enviado às missões da Etiópia, tratou de obter a proteção de Maria por toda sorte de práticas

e orações. Durante a viagem, diariamente, passava várias horas em oração, recomendando-lhe, com insistência, concedesse aos infiéis que ia evangelizar o dom da fé e a graça da salvação. Diariamente reunia marinheiros e passageiros para falar-lhes dos privilégios da Mãe d Deus e inspirar-lhes a devoção a ela. Tenho chegado ao reino de Monomotapa, termo da viagem, redobrou de orações e penitência para conseguir que a Mãe de Deus lhe facilitasse a entrega e preparasse o coração do príncipe para acolher a palavra de verdade que ele vinha anunciar. Imaginem o resultado! Apesar dos inumeráveis obstáculos, o santo missionário conseguiu a conversão do rei idólatra, graças àquela que é a onipotência suplicante. O rei recebeu o batismo, juntamente com mais de trezentos notáveis do país. Finalmente, para cúmulo de felicidade, após ter preparado os Cafres para a Evangelho, obteve a coroa do martírio. Assim triunfam e são abençoados os empreendimentos daqueles que trabalham sob a proteção de Maria.

O Pe. Francisco Vepèze morreu em 1617, com fama de santo. Segundo o Pe. Varasco, o santo homem soube, por inspiração divina, que os demônios se queixavam sobretudo de dois tipos de pessoas, que lhes infligiam derrotas consideráveis: as que propagam a devoção à Santíssima Virgem e as que trazem constantemente o santo escapulário.

Certo dia um missionário, depois do sermão, vê chegar um velhinho pedindo licença para lhe transmitir importante recado.

pode falar!

É que ... O respeito pelo ministro de Deus corta-lhe a palavra e impede-lhe falar o que Deus lhe inspira.

Não tenha medo, meu amigo, pode falar com toda liberdade.

Como! Eu, o mais miserável dentre os homens, chamar atenção a um ministro do Senhor? Não! Isso não!

Não receie nada, explique-se. O que é que não estou fazendo como devo?

Senhor ministro de Jesus Cristo, o senhor se queixa de que seus sermões tão bonitos não convencem as pessoas. Eu sei por quê.

Por que será?

É que o senhor esquece uma coisa essencial.

Diga logo, homem, por favor, que coisa é essa?

Reverendo, o senhor esquece de falar de Nossa Senhora. Sem ela o senhor está perdendo o seu tempo, porque o fruto da palavra de Deus está nas mãos dela.

O missionário, santo sacerdote, zeloso pela salvação das almas, aproveitou a lição. No dia seguinte caprichou num sermão sobre a devoção a Maria, e a cidade inteira foi sacudida. Pecadores pediram o sacramento da penitência. A partir desse dia, a missão foi um sucesso. O missionário contou muitas vezes essa história, como prova mais evidente da necessidade da devoção a Maria Santíssima para ganhar almas a Deus e fazê-las progredir na virtude.

ANEXO 2

O bem aventurado Herman, bispo na Suécia, costumava acrescentar sempre às suas instruções algumas palavras em honra de Maria, no intuito de propagar esta devoção entre os fiéis. A Virgem Santa, aparecendo a Santa Brígida, encarregou-a de dizer ao santo prelado que, devido a esse piedoso hábito, ela lhe serviria de Mãe e lhe obteria morte santa. Ela em pessoa apresentaria sua alma a Deus.

Para honra Maria, um professor compunha cânticos sobre suas grandezas e ensinava os alunos a cantá-los. A Virgem Santíssima encarregou Sta Brígida de lhe dizer que seu trabalho não ficaria sem recompensa e lhe reservaria no céu tantas coroas quantos cânticos houvesse composto em sua honra.

Segundo Sto Antonino, Maria Santíssima veio assistir à morte de seu fiel servo S. Domingos e levar sua alma em triunfo até o céu. O mesmo favor foi concedido a S. Felipe de Néri, S Francisco Régis, S. Ligório e a uma plêiade de outros santos como recompensa do zelo que tiveram em honrá-la e propagar seu culto.

S. José Calazans, fundador dos Escolápios, não cessava de propagar a devoção à Santíssima Virgem. Sentia-se como que obrigado a habituar os alunos a venerá-la e dirigir-lhe preces diárias. Uma vez, enquanto estava rezando com os alunos diante de sua estátua, a divina Mãe lhe apareceu e abençoou a todos. Naturalmente concedeu esse grande favor ao santo para lhe mostrar quanto lhe agradavas seu

zelo e recompensá-lo pelo que fazia por sua glória.

Um santo religioso da Companhia de Jesus, chamado Inácio, abandonou, por ordem do céu, a função de pregador, na qual era brilhante, para consagrar-se à catequese das crianças. Sendo devotíssimo de Maria, trabalhava sem tréguas para infundir a mesma devoção nos alunos. Era tão zeloso, que dava catecismo até nas praças da cidade. Em cada instrução, mandava alguém contar um episódio ou algum milagre mariano. O povo escutava, com extremo interesse e muito proveito, os comentários que o santo acrescentava. Um dia, em pleno mercado de Lisboa, perguntou à multidão se alguém queria recitar a ave-maria. Por acanhamento ou por respeito humano, todos recusaram, mas uma criancinha de seis meses, no colo da mãe, levantando a vozinha, começou a pronunciar distintamente as palavras da saudação angélica e a rezou até o fim, com grande admiração dos ouvintes.

Nossa Senhora realizou esse prodígio para confirmar o ministério do fervoroso catequista e mostrar quanto lhe era agradável seu zelo em propagar-lhe a devoção. Maria visitou o bom religioso no seu leito de morte, confortou-o e inundou-o de alegria e felicidade. Pediu que o enterrassem com a vareta por ele usada durante dezessete anos para indicar às crianças as letras do alfabeto. Foi atendido.

CAPÍTULO OITAVO

Respeito obediência aos Superiores

A obediência é virtude peculiar ao cristianismo, fundamento da vida religiosa, resumo da perfeição e o meio mais eficaz para adquirir todas as virtudes Profundamente convicto desta verdade, o Pe. Champagnat empenhou-se na prática da obediência, colocando-se inteiramente à disposição dos superiores. Desconfiava tanto das próprias idéias, estava a tal ponto persuadido de que sem obediência as melhores coisas não podem agradar a Deus votava tão profundo respeito aos superiores, que uma palavra deles seria suficiente para fazê-lo abandonar sua obra predileta: a fundação do Instituto. Por várias vezes falou ao arcebispo de Lião e aos Vigários[852] Gerais: "se acharem que esta Obra não vem de Deus, digam-me , e abro mão imediatamente, pois meu único desejo é cumprir a vontade , de Deus e não posso saber qual é essa vontade, a não ser por intermédio dos senhores".

Uma das máximas do piedoso Fundador era que homem é feliz e pode realizar o bem unicamente onde Deus o quer e Deus sempre o quer aonde a obediência o chama. Por isso, jamais pediu nem desejou posições eclesiásticas; jamais quis empreender coisa alguma a não ser por espírito de dependência dos superiores com o consentimento deles.

Na sua opinião, a obediência é extremamente necessária aos Irmãos, por três motivos:

1. É a virtude fundamental do estado religioso. Através dela chegam-nos as graças de estado, tão indispensáveis para sermos fiéis à vocação. Se, pois, vocês querem ser instrumento de Deus para fazer o bem aos alunos, deixem-se conduzir pela obediência. Amem o trabalho e o lugar que a obediência lhes indicou. 'Mestre, trabalhamos a

852 (OM 2, doc. 757 [5], p. 771). Temos depois, o Pe. Champagnat usará da mesma linguagem com o Pe. Barou, Vigário Geral, LPC 1, doc. 7,39; com o Vigário Geral de Lião, LPC 1, doc. 4, p.35 e com o Pe. Cattet, LPC 1, doc. 11, p. 47.

noite toda e nada apanhamos', disseram os Apóstolos ao Salvador, 'mas à vossa palavra, lançaremos as redes.[853] Assim fizeram, e as redes rompiam-se pela grande quantidade de peixes. Imitem os Apóstolos. Lancem as redes no local designado pela obediência, e seu trabalho será abençoado e terão a alegria de conquistar muitos jovens para Deus. Sabem o que acontece quando a obediência os chama a função? Se aceitam de bom grado, o Senhor lhes concede imediatamente as graças[854] necessárias para desempenhá-la. Quanto mais a obediência lhes custar, mais copiosas serão as graças. Deus enviará seu anjo à frente para aplainar-lhes o caminho, prevenir os obstáculos, predispor os ânimos em seu favor e tornar dócil o coração das crianças que lhes serão confiadas. Vocês vão ver, por experiência própria, que nada é difícil, tudo é possível, quando se anda pelos caminhos da obediência.

Pelo contrário, se quiserem dirigir-se pelo capricho pessoal, se procurarem trabalho ou lugar de acordo com os seus gostos, se à força de pressões obrigarem o superior a transferi-los, perderão o direito de esperar aquelas graças especiais. Lembrem-se desta passagem da Imitação de Cristo: [855]'Quem foge à obediência, foge à graça'. Sem a graça e o auxilio de Deus, não terão apenas desgostos e aflições. A tristeza será tanto maior, quanto a consciência os acusará de terem sido vocês mesmos os autores dessa infelicidade, pela falta de obediência. E assim não poderão esperar consolação nem de Deus nem dos homens. Nem de Deus, pois não fazem a vontade dele. Nem do superior, que poderá responder: 'Vocês me forçaram a nomeá-los para este trabalho, esta escola. Se estão fracassando e não se sentem bem, a culpa é sua; estão colhendo o que semearam'".

Para melhor entenderem o passado, o Pe. Champagnat servia-se da seguinte comparação: "Se o soldado enviando a uma guarnição seguir o roteiro que lhe foi traçado, em sua folha de alterações, em cada etapa e em cada lugar onde passa, encontra acolhida, alojamento, alimentação e tudo de que necessita. Mas, se tomar roteiro diferente, perde o direito a todas essas regalias. fica entregue à própria sorte. Tem de viajar às suas próprias custas, com o risco de ser considerado

853 Lc 5,5-6.
854 LPC 1, doc. 24, p. 72.
855 Livro III, 13.1.

desertor. Assim acontece com o religioso: enquanto permanece na rota da obediência, Deus o cumula de benefícios e o protege. Nada lhe falta e é abençoado em tudo quanto empreende. Todavia, se abandona a rota traçada, para seguir a sua, não faz mais jus aos auxílios de Deus. Fica só, com a sua fragilidade. Cada passo é um tropeço. Vive infeliz e infelicita aqueles que o rodeiam;

a obediência é indispensável aos Irmãos porque lhes assiste o dever de formar os alunos nesta virtude. Todos concordam que o único meio para regenerar a sociedade é dar boa educação às crianças. Ora, a obediência ocupa o primeiro lugar entre os principais meios para dar uma boa educação.[856] Aqui também, ninguém dá o que não tem: se o Irmão não obedece, jamais haverá de inspirar obediência aos alunos. Pelo fato de não ensinar a obedecer, compromete-lhes a educação. Não me venham dizer que se obterá a obediência pela firmeza do caráter e pela força. A obediência não se impõe, inspira-se. Se a ordem exterior e a disciplina podem ser mantidas pela autoridade e por uma vontade enérgica, somente a obediência do mestre, com a graça que sempre a acompanha, pode fazê-la brotar no coração das crianças;

a obediência é absolutamente necessária aos Irmãos também por ser para eles dever de ofício, e não haver sem ela nem progresso na virtude nem alegria. A obediência é para os Irmãos um dever, um preceito: prometeram, fizeram voto de obediência. A vida do Irmão torna-se, pois, em virtude do voto, uma vida essencialmente dependente. O religioso que vive apegado a seus caprichos esquivando-se da obediência falta ao dever de estado e não cumpre o voto.

Um ponto é preciso não esquecer: os Irmãos devem particular obediência aos que são designados para dirigi-los. Portanto, não cumprem o voto se não obedecem aos Irmãos Diretores. Vocês devem obedecer é ao Irmão Diretor, pois ele representa o Superior.[857]

E é dele que vocês dependem na vida de todos os dias. Quem pretendesse obedecer somente ao Superior, ou só quando o Superior ordena, não obedeceria quase nunca, porquanto é muito raro que ele

856 LPC 1, doc. 31, p. 86.
857 "Superior" aqui significa: Superior Geral.

dê ordens pessoalmente, e muitos religiosos nunca receberam ordem alguma dele, na vida de todo dia. Donde concluo: quem não vive unido a seu Diretor e não lhe é submisso, não é obediente e não cumpre o seu voto. Se não cumpre seu voto seu voto, nem perguntem quantos progressos faz na virtude, pois não faz nenhum. Não progride, regride. A piedade, o amor à vocação, a dedicação ao trabalho, o horror ao pecado, o zelo pela própria salvação, tudo vai diminuindo paulatinamente, sem que ele dê por isso. Logo mais, perde a paz e a alegria, e então o desassossego, o mau humor, a amargura do coração, o tédio, desgosto pela vida consagrada substituem a alegria e a felicidade que gozava enquanto era dócil e obediente.

Vou dizer uma verdade que lhes peço não esquecerem: de duas pessoas depende sua felicidade. Para viverem contentes e felizes na vocação devem, necessáriamente, estar de bem com elas. As duas pessoas são: Deus e o superior. Para viver na amizade de Deus, duas exigências devem ser preenchidas: primeira temer o pecado e evitá-lo com o máximo cuidado; segunda, ser fiel a todos os exercícios de piedade e desempenhar-se deles com todo fervor possível. Para estar de vem como superior, também duas coisas são necessárias: a total abertura de coração e a docilidade. Desafio que me apresentem um religioso de bem com Deus e com o superior e, ao mesmo tempo, infeliz na vocação, no trabalho. Acredito que não existe um sequer. Apresentem-me, agora, um religioso pouco relacionado com o superior, que lhe fecha o coração, oculta-lhe os defeitos e as fraquezas, um religioso cheio de rancor contra o superior, que se julga maltratado por ele, e ao mesmo tempo seja feliz, contente e solidamente virtuoso. Vocês poderiam correr o mundo inteiro, não achariam um sequer. Para o religioso, obediência, felicidade e autêntica virtude são três sinônimos. Quem não tem a primeira, nunca terá as duas outras".

O preço do bom Padre pela obediência o levava a procurar as ocasiões de praticá-la. Assim, cada vez que desejava realizar uma vestição, pedia licença ao Arcebispo.[858] Alguém insinuou-lhe que poderia obter uma licença definitiva. Isso evitaria ter de escrever várias vezes por ano para solicitar a mesma coisa. Replicou-lhe: "É verdade, isso daria menos trabalho. Entretanto, além de gostar de contatos freqüen-

[858] LPC 1, doc. 127, p. 259 e doc. 200, p. 405.

tes com os meus superiores, é necessário reiterar atos de dependência". Admirável exemplo, próprio a confundir os espíritos independentes e idólatras da falsa liberdade, que consideram penosas as prescrições da Regra, que exige encontros freqüentes com o superior e pedidos de licença em certas ocasiões.

O piedoso Fundador tinha profundo respeito aos pastores da Igreja. Primeiro, ao Santo Padre o Papa, cujas decisões, advertências e demais orientações eram consideradas oráculos. Certa vez, lendo em comunidade a encíclica de Leão XII,[859] sobre os maus livros, quis que os Irmãos ficassem de pé durante a leitura por veneração às palavras do Papa. Foi por ocasião dessa encíclica que formulou um artigo de Regra proibido aos Irmãos a leitura de qualquer livro perigoso. "Os livros[860] recolhidos dos alunos, como suspeitos, serão entregues ao Irmão Diretor, sem serem lidos. O Irmão Diretor, julgando-os perniciosos, não deve examiná-los, mas remetê-los ao vigário".

Certo dia, vendo um Irmão dos mais antigos concentrados na leitura de um livro, perguntou-lhe:

Que é que está lendo?

Padre, estou lendo uma obra sobre a infalibilidade do Papa.

Qual é o autor?

O Cardeal Mauro Cappellary,[861] hoje Gregório XVI.

Ótimo! E você acredita na infalibilidade do papa?

Sim, e firmemente.

Eu também, sempre acreditei. Nunca tive a mínima dúvida a respeito.

Para inspirar aos Irmãos profundo apego à Igreja e total submissão a seu augusto chefe, por diversas vezes fez esta comparação:

---

859 Eleito Papa em 1823, Leão XII publica, em 3 de maio de 1824 a encíclica Ubi Prmum, que aconselha aos bispos vigilância sobre o ensino nos seminários (cf LEFLON, Histoire de l'Èglise, vol. 20 1951, p. 388-389).

860 Règle de 1837, cap. V, art. 31, p. 46.

861 O livro Il trinfo della Santa Sede e della Chiesa é um "grito de esperança na vitória próxima e definitiva da Igreja. Os católicos, dizia o prefácio, devem aprender pelos fatos, segundo a expressão de Crisóstomo, que é mais fácil apagar o sol do que destruir a Igreja" (Dictionnaire de théologie, L; Letouzey, 1920, p. 1822.

"Como toda a claridade que ilumina a terra provém do sol, todo mesmo modo toda a luz que ilumina os homens na ordem sobrenatural, no terreno da salvação, provém do santo Padre o Papa. O Papa é para o mundo moral o que o sol é para o mundo físico. Sem o sol a terra seria um caos. Sem o Papo, a Igreja não seria nada. Reinariam as trevas espessas do erro. O que se passa com os protestantes é prova irrecusável. Alguns chegaram a negar a existência[862] de Jesus Cristo. Permanecendo em comunhão com seus pastores, o católico está com a verdade e permanece unido a Jesus Cristo. A Igreja de hoje é a mesma de Jesus fundou e os Apóstolos estabeleceram. Se S. Pedro e S. Paulo voltassem à terra, não teriam nada que mudar a propósito de doutrina. Encontrariam a Igreja tal qual a deixaram, isto é, com os mesmos dogmas, a mesma moral, a mesma doutrina, os mesmos sacramentos e meios de salvação, a mesma hierarquia. Não receio afirmar que os Santos Apóstolos[863] ficariam alegres e satisfeitos e exclamariam: 'É exatamente esta a Igreja que estabelecemos. É a esposa de Jesus de Jesus Cristo, sempre sem mancha e sem ruga.[864] Ela permaneceu tal qual a deixamos'".

Não era menor o respeito que votava aos bispos. Ao comparecer na presença deles, ajoelhado, suplicava-lhes humildemente a bênção, fazendo o mesmo ao retirar-se. Os prelados com os quais tinha de se relacionar ficavam encantados com a humildade e o espírito de simplicidade do piedoso Fundador. Todos lhe manifestavam provas inequívocas de alta estima e mostrava-se totalmente solidários com a sua obra, o que para ele era uma das maiores consolações. Exclamava às vezes: "Conforta a gente ter todos esses santos bispos do nosso lado! Pode-se, acaso, ter medo quando se é guiado e protegido pelos sucessores dos Apóstolos, por aqueles que são a luz do mundo, as colunas da verdade, o sal da terra![865] Os bispos são nossos pais. Devemos considerar-nos seus filhos e, em qualquer circunstância, dar-lhes mostras de profundo respeito e total submissão. É indispensável que

862 Alusão ao protestantismo liberal, que às vezes questiona a divindade de Jesus Cristo.

863 O Ir. Francisco informa serem estes comentário originários de uma instrução feita pelo Pe. Champagnat, no dia da festa de S. Paulo CSG 11, P. 231).

864 Ef 5,27.

865 Mt 5,13-14; 1Tm 3,15.

os Irmãos sintonizem com o clero. Hoje mais do que nunca, isto é necessário para a realização do bem".[866]

Poucas coisas recomendou com tanta veemência quanto o respeito ao sacerdócio e a docilidade aos pastores da Igreja. Para nos convencermos, bastar ler a Regra e os escrito que nos legou. É sua vontade que:

Os Irmãos considerem como pai o vigário da paróquia onde trabalham e se comportem como filhos obedientes com relação a eles;

Em todas as coisas importantes relacionadas com a escola, sigam o seu parecer, sobretudo, em se tratando da exclusão de alunos. Entendam-se com ele para a distribuição de prêmios e nada façam contra a sua vontade e sem seu consentimento;

Recebem gratuitamente na escola todos os pobres por ele apresentados;

Não interrompam as aulas e não se ausentem da paróquia sem preveni-lo;

Peçam-lhe a bênção todas as vezes que forem chamados à casa-mãe, quando vierem para o retiro ou saírem para qualquer viagem;

Convidem-no para visitar muitas vezes as aulas e, de vez em quando, dar a bênção às crianças;

Não visitem os pais dos alunos sem preveni-lo e sem se informar com ele se a visita é conveniente e vantajosa para a escola;

Envidem todos os esforços para infundir nas crianças elevado conceito do sacerdócio, grande respeito pelo clero e total submissão aos senhores vigários.[867]

Durante toda a vida exigiu a observância de todos esses itens. Gostaria de transformar o quinto e o sexto em artigos de regra. Sabendo, porém, que alguns vigários não os aceitariam facilmente, preferiu deixá-los em forma de conselhos. Encarecia, sem cessar, aos Irmãos que se mantivessem sempre em comunhão de sentimentos com o senhor Vigário, recebessem com profundo acatamento avisos, conse-

866 O autor acrescenta aqui uma nota que deslocamos, como Anexo, para o final do capítulo.

867 Règle de 1837, cap. V, art. 8 e 15; ainda cap. VIII, art. 5

lhos, advertências e mesmo repreensões da parte dele; e, quanto possível, colaborassem com ele na boa educação dos alunos e em todas as obras identificadas com o espírito de Regra, como, por exemplo, formar os alunos no canto litúrgico, ensinar-lhes a ajudar a missa, ensaiá-los para as procissões do Santíssimo Sacramento, cuidar deles durante os retiros de Primeira Comunhão, e agissem em todas essas coisas na dependência do senhor Vigário e de acordo com suas intenções. Resumindo: que os Irmãos se mantenham unidos aos vigário, comportando-se de tal forma que a escola e o proceder de cada Irmão lhe sejam motivo de consolação.

Foi esse o espírito que o piedoso Fundador quis legar aos Irmãos, seja por suas intrusões, avisos particulares, norma cheia de espírito de Deus, que ele redigiu com essa finalidade, seja, sobretudo, pelo exemplo de sua vida. Todas as escolas foram fundadas por solicitação do clero e jamais teria consentido enviar Irmãos a uma paróquia, por mais vantajoso que lhe parecesse o lugar, sem o consentimento do vigário. Chegando a uma paróquia para visitar a escola, a primeira visita era reservada ao vigário. Apresentava-lhe seus cumprimentos, antes mesmo de falar com os Irmãos. Avaliava habitualmente a situação da escola e o comportamento dos Irmãos, pelas disposições e referências do vigário. Se ele tivesse satisfeito, era prova de que tudo estava bem. Neste caso contentava-se com breve visita de apoio aos Irmãos e se retirava, sem visita as aulas. Sobrevindo dificuldades numa casa, nunca pensava acertar as coisas sem previamente consultar o vigário e levar em conta sua opinião. Freqüentemente a humildade do piedoso Fundador e o profundo respeito que votava aos pastores da paróquia aplainaram muitos problemas, acalmaram muitas susceptibilidade e resolveram as situações mais desesperadoras.

Na última vez que passou por Lião, de volta da fundação do noviciado de Vaubam, apesar de estar com a saúde abalada, resolveu ir cumprimentar o vigário de Saint-Jean, responsável pelo orfanato de Denuzière.[868] Como tentasse dissuadi-lo, devido seu esgotamento e às dores que sofria, retrucou: "Desculpem, mas tenho de ir. Talvez não me receba tão bem, em vista dos contra tempos sobrevindo na administração daquela casa. Não importa, é necessário superar essas ninha-

868 LPC 2, p. 588. Também LPC 1, doc. 306, p. 552-555.

rias para realizar a obra de Deus. Além do mais, minha visita só poderá dar-lhe prazer". De fato, a acolhida foi, de início, muito fria, e o santo Fundador ficou até constrangido. Usou, porém, de tanta franqueza, simplicidade e humildade em suas explicações, que o vigário mudou completamente, despendido-se do Padre com mil mostras de amizade e apoio.

Voltava tão excepcional respeito ao clero, que diverso vigário acharam que essa virtude era fruto da timidez ou do temor.

Partindo dessa suposição, pediram-lhe, vez por outra, concessões financeiras nas condições contratuais de manutenção das escolas, mas o piedoso Fundador agia com firmeza igual à sua humildade e modéstia. Se, em determinadas circunstâncias, a causa do bem o decidiu a transigir em questões de ordem puramente material, jamais cedeu no que poderia causar risco à virtude dos Irmãos ou expô-los a perder o espírito da sua vocação.

Recomendação rejeitada aos Irmãos e da qual fez um artigo da Regra foi a de se manterem afastados de grupos e opiniões que dividissem a paróquia. Chamados exclusivamente para o ensino e a educação das crianças, os Irmãos devem abster-se de criticar a atuação das autoridades ou intrometer-se em questões da administração eclesiástica ou civil.[869]

Um Irmão, muito piedoso mas bastante ingênuo, estendeu de censurar o vigário por este ano apoiar suficientemente os Irmãos e não visitar a escola. O Pe. Champagnat soube disso durante as férias. Chamou-o e repreendeu-o: "Quem o responsabilizou pelo comportamento do senhor vigário e com que direito se atreve a criticá-lo? Você fez algo que um Irmãozinho de Maria não deveria jamais permitir-se. Amanhã mesmo partirá bem cedo, para encontrar-se com o senhor vigário a penitência com muita humildade. De penoso mesmo... as dez léguas, que teve de fazer a pé.

A dependência com relação ao clero poderia eventualmente

869 Règle de 1837, cap. V, art. 10, p. 40. Este artigo da Regra era praticado pelos Irmãos, segundo o testemunho do Conselho do Loire: "Deve-se aos Irmãos (Maristas) esta justiça, que nunca nenhuma preocupação política os desviou da finalidade de sua instituição" (Registro de deliberações, 25 de agosto de 1838).

enfraquecer a regularidade e o espírito comunitário. Por exemplo, se o vigário propusesse mudanças no modo de administrar a escola ou no estilo de vida peculiar ao Instituto, ou pretendesse conceder aos Irmãos autorizações descabidas. Em tais situações, o Pe. Champagnat determinou sabiamente que os Irmãos deveriam mostrar, com todo o respeito, ao vigário o que a Regra prescreve ou permite, rogando-lhe aceitar que eles possam agir de acordo com ela. Mas, para prevenir possíveis insistências dos vigários e situações constrangedoras, ordena que o vigário seja avisado de antemão, para não levar a mal se, em caso de dúvida, os Irmãos escreverem ao Superior Geral, para pedir a devida licença[870] em vista de atendê-lo. Quanta prudência e sabedoria encerra este expediente e quanto é próprio a evitar qualquer conflito: remetendo a decisão ao Superior, afasta os Irmãos de qualquer discussão, assegura-lhes a harmonia com o vigário, subtraindo-lhe, ao mesmo tempo, a possibilidade de abusar da subordinação e da obediência que os Irmãos sempre lhe devem. E assim, o piedoso Fundador encontrou o meio de dar ao vigário toda autoridade e toda influência possam jamais alterar o espírito de regularidade e uniformidade de todas as casas do Instituto.

ANEXO

Um Irmão perguntou ao Pe. Champagnat como devia proceder por ocasião da visita do Senhor Bispo à paróquia. Eis a resposta:

1 se houvesse procissão de recepção, vá com todas as crianças, recomendando-lhes modéstia, silêncio e perfeita ordem;

2 entende-se com o vigário para saber qual o melhor momento para os Irmãos encontrarem-se com o Bispo no presbitério e lhe apresentarem respeitosos cumprimentos;

3 chegando à presença do Bispo, ajoelhem-se, pedindo-lhe a bênção. Faça o mesmo no término da visita;

4 após haver prestado homenagem ao Bispo, faça-lhe breve relato da situação da escola. Peça-lhe que visite o estabelecimento e dê a

870 "Às observações dos vigários, que se afastam um pouco do espírito da Regra, responder-se-á ser possível atendê-los após autorização" (Règle de 1837, cap. V, art. 11, p. 40).

bênção aos alunos;

5 se esse favor lhe for concedido, prepare tudo, de sorte que a ordem, a disciplina, o asseio, a simplicidade e a modéstia transpareçam no seu estabelecimento e na compostura dos Irmãos e alunos;

6 receba o Bispo na porta principal do estabelecimento, conduza-o para a sala onde os alunos estarão reunidos com a presença dos Irmãos, e onde terá preparado as poltronas para o Bispo e seus acompanhantes;

7 uma vez o Bispo e seus acompanhantes estiverem sentados, um aluno já ensaiado fará uma saudação para agradecer-lhe a visita e testemunhar-lhe os sentimentos de respeitos, amor, submissão e religiosa veneração devidos ao pastor, sucessor dos Apóstolos;

8 Irmãos e alunos ajoelhem-se depois, para receber a bênção;

9 acompanhe o Bispo na visita que fizer ao estabelecimento. Finalmente, leve-o à porta principal e não se despeça dele sem pedir-lhe novamente a bênção.

CAPÍTULO NONO

Amor à pobreza.

O Pe. Champagnat praticou a pobreza a vida total. Seu diminuto patrimônio permitiu-lhe apenas custear a pensão nos seminários e prover a manutenção pessoal, de forma que nada possuía ao receber as ordens sacras. Em seu total desprendimento, enquanto permaneceu coadjutor, jamais pensou em economias. Destinava aos pobres ou à sua comunidade tudo o que possuía. Embora os Irmãos passassem as maiores privações, não hesitou em unir sua sorte à deles, compartilhando das mesmas privações e da mesma pobreza. Desde o dia em que veio morar com eles, não teve mais nada que lhe fosse próprio e quis viver sempre a vida comunitária. Um Irmão empregou o termo "seu", referindo-se a um objeto proveniente da mobília. Replicou-lhe vivamente o Padre.

- Irmão, que história é essa de "seu, de "meus"? Isto é tanto seu quanto meu. Pertence à comunidade, vale dizer, a todos os Irmãos que dele necessitarem.

Para compreender todas as privações e sacrifícios que a vida comunitária lhe custou, importa relatar, em poucas palavras, como viviam os Irmãos naqueles primórdios. O bom Padre, ao fundar o Instituto, não possuía recursos: foi obrigado a pedir emprestada a quantia com a qual comprou a pobre casinha destinada a ser o berço de seus primeiros filhos.[871]

Os jovens que reuniam no começo eram mais pobres do que ele. Para mantê-los dispunha tão só dos parcos vencimentos de coadjutor e das coletas da paróquia de Lavalla. Durante oito anos, essas coletas foram a maior fonte dos recursos da comunidade. O passadio da casa era dos

[871]. Em 1º de outubro de 1817, o Pe. Champagnat, juntamente com o Pe. Couverlle, vigário de Epercieux, comprou o imóvel mediante instrumento particular, no valor de 1.000 francos. O Pe. Champagnat e o vendedor assinaram novo instrumento particular em 26 de abril de 1818, relativo ao mesmo imóvel, mas elevando o preço de 1.000 para 1.600 francos. O Pe. Champagnat pediu emprestada a quantia e pagou ao vendedor no ato, o Pe. Courveille não aparece nesta nova transação (AA, p. 40 e OME, doc. 16 e 17, p. 67-70).

mais simples e frugais: pão caseiro, queijo, batatinha, legumes, um pouco de carne salpresa[872] vez por outra e por bebida sempre água. Todos os alimentos era servidos sem muito preparo: primeiro, por espírito de mortificação e pobreza; depois, porque os Irmãos, todos os jovens, não tinham experiência da arte culinária e saíam-se mal, apesar da maior boa vontade. Em abundância, apenas duas coisas: pão e água. Os pratos, mesmo os mais simples, eram servidos com parcimônia. Um dia, o vigário de Lavalla, passando pelo refeitório durante a janta, não viu senão um prato de salada, cuja quantidade estava longe de corresponder ao número de oito pessoas em casa mesa: "Pobres rapazes", exclamou levantando os ombros, "eu poderia levar seu jantar todinho na minha mão". No instituto, durante uns quinze anos, não se soube o que era vinha nem carne fresca. Somente depois de 1830, na casa-mãe, começou-se a tingir a água com um pouco de vinho e a comer um pedacinho de carne.

Nas comunidades, seguia-se aproximadamente o regime da casa de noviciado.para se ter uma idéia da vida pobre e frugal dos Irmãos, basta lançar os olhos sobre os números transcritos, de próprio punho do Pe. Champagnat, no livro de conta da casa e l'"Hermitage.

- A despesa dos Irmãos de Bourg-Aegental, referente ao ano de 1825, totalizou ....364 F, 29 cênt.

Dos Irmãos de Boulieu 306 F

Dos Irmãos de Saint-Symphorien-de Chânteau .....518 F

Provavelmente deixaram provisões, pois, no ano seguinte, isto, é em 1826, foi apenas 342 F

E, em 1827, foi.....389 F

Dos Irmãos de Charlieu, em 1827, foi .....350 F

---

[872] No original: um peu de salé. O Dictionnaire de l'Académie Française, 6ª., Paris, 1845, vol. 2. p. 696, informa que salé é carne de porco salgada. Ainda hoje, no interior do Nordeste Brasileiro existe essa modalidade de carne, comprada pelas famílias de menos posses. Compare-se o passadio dos Irmãos com os costumes dos camponeses da época, na França. adolphe Blanqui, pesquisando em 86 Departamentos entre 1845 e 1851, concluía: "Chegam a milhões (os homens) que só têm por bebida a água, nunca ou quase nunca comem carne, nem mesmo pão branco" (cf. G. Cholvy, Societá, genres de vie et mentalités dans lês campagnes françaises de 1845 às 1885, in L'information historique, nº 4, set/out., 1974, p. 157).

Em 1828.....402 F, 50 CÊNT.

Em 1829.....462 F

Em 1830.....403 F

- Dos Irmãos de Mornant, em 1827.....400 F

em 1828.....425 F

em 1829.....446 F

Dos Irmãos de Saint-Paul-em-Jarrêt, em 1828....521 F

E no ano seguinte.....457 F

No mesmo ano de 1828, a despesa dos Irmãos de Neuville foi de....420 F

A dos Irmãos de Saint-Symphorien-d'Ozon.....456 F, 85 cênt.

- A despesa dos Irmãos de Chavary foi .....300 F

mas o terceiro Irmãos ficou até a Páscoa; ao passo que nas casa mencionadas acima eram três o ano todo.

- A despesa dos Irmãos de Saint-Sauveur foi também.....3000 F

mas o livro registra que eles tinham provisão de lenha, uma dezena de libras de toucinho e cinqüenta libras de sal isto dá a entender que achavam a despesa bastante elevada. O certo é que nos anos anteriores tinha sido bem mais modesta. Por exemplo, a despesa dos Irmãos de Chavaney, em 1824, foi apensa 250 F

É preciso saber também que as despesas de aquecimento, iluminação, lavanderia e outras semelhantes achavam-se incluídas nos totais acima.[873]

A manutenção da casa, o mobiliário e o vestiário dos Irmãos acompanhavam o ritmo da alimentação. A roupa era das mais comuns. Todos dormiam sobre palha; nem sequer havia colchão para os doentes. Os Irmão viajavam a pé, por longas e penosas que fossem as viagens. Durantes mais de vinte anos ninguém usou malas nas mudanças. Bastava um saco de pano grosseiro. Em parte de alguma se usava guarda-chuva. Em suma, privavam-se de tudo o que não fosse indispensável.

O mais admirável em tudo isso, contudo, é saber que vida tão pobre

873. AFM, 132. 8002-8019.

agradava aos Irmãos: amavam-na e viviam-na livremente e por virtude, recusando tudo quanto pudesse proporcionar-lhes o mínimo alívio. Alguns fatos:

Em certo estabelecimento, uma pessoa caridosa deu de presente aos Irmãos um pão de açúcar. Não quiseram aceitá-lo, alegando que não se usavam dessas coisas no Instituto. Como a pessoa insistisse e se mostrasse melindrada pela recusa, inexplicável para ela, o Irmão Diretor lhe propôs: "Se fizer mesmo questão de nos dar um presente, aceitaríamos um saco de batatinha, no lugar deste pão de açúcar". A benfeitoria retirou-se com seu pão de açúcar e naquela mesma tarde um criado trazia o desejado saco de batatas.

Numa casa fundada em 1825, ao chegarem, os irmãos encontraram, na adega, um barril de vinho, colocado pelos organizadores. Viram-se em apuros para saber que destino lhe dariam. Finalmente resolveram confessar aos benfeitores que os Irmãos não tomavam vinho [874]e pediram que levassem de volta o barril.

Noutra casa, um Irmão caiu doente. Pessoas de posses, amicíssimas dos Irmãos, visitaram-no muitas vezes. Durante a convalescença, trouxeram-lhe muitas guloseimas e comidas nutritivas, que ele nem provou. Olhando certo dia para todos aqueles presentes, disse: "Que é que vamos fazer com esses doces, as compotas, as garrafas de vinho tão lacradas? Eu é que não quer; não preciso disso". Após discussão comunitária, concordaram que não sabiam o que fazer. Acabaram mandando tudo para os doentes do hospital, não muito distante.

Por ocasião da fundação de Boutg-Argental, em 1822, a senhora de Pleynè, incumbida de providenciar as camas dos Irmãos, colocou em cada uma um ótimo colchão. Em vez de usá-los, os Irmãos os amontoaram no sótão. Depois de algum tempo, o empregado da senhora, que freqüentemente trazia provisões para a casa, descobriu os colchões e comunicou o fato à patroa. Imediatamente ela foi à casa dos Iemãos para saber o porquê de tal procedimento.

---

[874]. "O senhor Tripier, ótimo cristã, pagou todas as despesas de Neuville e agradecia a Deus em alta voz permitiu-lhe usar o dinheiro nesta boa obra. O Irmão João Batista, então com 18 anos, primeiro Diretor, usou do dinheiro, sem abusar. Foi ele quem recusou o barril de vinho que Tripier mandara colocar na adega" (AA,p. 78).

- Será que esses colchões não prestam? Disparou ao Irmão Diretor.[875]

- São muito bons, minha senhora, são muito bons.

- Porque então foram substituído por outros?

- Que eu saiba, não foram substituído.

- Pelo jeito, vocês estão dormindo sobre palha. Vocês pensam que comprei os colchões para amontoá-los no sótão? Não, foi para que fiquem nas camas e não saiam mais de lá. Quando se estragarem, comprarei outros.

- Muito obrigado, minha senhora, não usamos colchões para dormir.

- Pois estão errados; depois de se cansarem o dia inteiro com os alunos, deviam pelo menos ter uma cama boa para dormir à noite.

- Mas não pe costume na comunidade e ninguém de nós usa colchão.

- Bom, então vou mandar levá-los embora.

- Acho que é a melhor coisa a fazer.

Após renovada e inútil insistência para que se recolocassem os colchões nas camas, a generosa senhora, vendo baldados todos os esforços, com pesar mandou retirá-los e os levaram ao Pe. Champagnat para que deles dispusesse como melhor entendesse.

Fatos semelhantes, que poderíamos multiplicar, mostram que o espírito de pobreza e a vida frugal eram, por assim dizer, naturais aos Irmãos. Procedendo assim, não pensavam estar fazendo sacrifício, mas simplesmente cumprindo o dever, a tal ponto andavam persuadidos de que, na sua devoção, não podiam agir de outro modo.

Se dissermos que os Irmãos não faziam mais que imitar, de longe, os exemplos de Pe. Champagnat, poderemos aquilatar a que extremos de perfeição ele viveu a virtude de pobreza. Não se deve supor que lhe tenha custado pouco formar os Irmãos a esse gênero de vida. Foi só com exemplos cotidianos, com lições e instruções repetidas, avisos particulares, observações diárias, acompanhando-os nas minúcias do seu comportamento, que logrou inspirar-lhes o amor à pobreza e habituá-los a fazer economia. Semanalmente, e às vezes com mais freqüência, reunia os Irmãos responsáveis pelos bens materiais, o ecô-

875. Irmão João Maria (Granjon), primeiro diretor da escola.

nomo o cozinheiro, o horticultor, os alfaiates e sapateiros, e pedia-lhes prestação de contas do emprego do tempo, ensinando-lhes a poupar as coisas, cada um a tirar o máximo proveito de tudo. As orientações tinham por base o que havia observado durante a semana. Formava também os operários que trabalhavam na construção da casa. O oficial marceneiro[876] dizia tempos depois: "Ele soube tão bem habituar-me a utilizar a madeira, que eu percorria todos os recantos do edifício, antes de usar uma tábua, para melhor aproveitá-la".

O Pe. Champagnat raramente passava pela cozinha, despensa, oficinas, sem que fizesse alguma observação relativa à ordem ou à economia. Nada o aborreceria tanto quanto ver se estragarem os mantimentos e os móveis por falta de cuidado. "Depois da ofensa de Deus", desabafava às vezes, "nada me deixa mais aflito do que ver estragar ou esbanjar as coisas". Diversas vezes advertiu, e até castigou, o Irmão cozinheiro por deixar certas sobras de gordura ou de manteiga no fundo das travessas, após as refeições. Certo dia, passando pelo refeitório, percebeu migalhas de pão debaixo das mesas. Chamou o Irmão encarregado da despensa e lhe disse em tom severo: "Por que deixa esse pão se perder? Não sabe que faz falta a muita gente? Esbanjar desta forma os bens de Deus é faltar à pobreza".

De outra feita, viu um postulante pisar em cima de um objeto casualmente no caminho, em vez de recolhê-lo. O Pe. Champagnat mandou chamá-lo e despediu-o. Diante do espanto provocado por este ato de severidade, justificou-se: "Este indivíduo não é mais criança. Tal gesto na idade dele mostra falta de juízo, de ordem, de economia e dedicação. Veio aqui só para garantir pão. De qualquer jeito não serve para nós. Precisamos de homens com espírito de família, naturalmente propensos à economia e que dêem valor ao espírito de pobreza". Noutra ocasião, mandou um Irmão veterano jantar de joelho, por ter deixado acesa uma lâmpada sem necessidade, durante alguns minutos.

Juntando, como de costume, o exemplo às lições, era o primeiro a fazer o que exigia dos outros. Muitas vezes viram-no recolher uma acha de lenha, uma fruta caída de uma árvore ou qualquer outro jeito que achasse no caminho. Um dia, regressando de Saint-Chamond,

876. O marceneiro que trabalhava em 1'Hermitage com o Pe. Champagnat era Philippe Arnaud (AA, p. 17).

recolheu algumas folhas de trigo da Turquia,[877] que o carroceiro deixara cair. Todos os dias percorria toda a casa, recolocando um objeto no devido lugar, fechado bem uma janela que o vento poderia quebrar, ou recolhendo ferramentas casualmente esquecidas.

Ao falar de economia, narrou um fato que julgamos oportuno reproduzir aqui, juntamente com a lição moral que deduzia:

"Os criados e até os filhos de certo homem acusaram-no de excessiva parcimônia e avareza, porque evitava os pequenos gastos desnecessários e repreendia os familiares quando esbanjavam as coisas ou usavanas sem necessidade. Diante de tais acusações, o de família limitou-se a responder: 'Seria mais fácil para mim fazer diferente; não sei quem lucraria, mas sei muito bem quem perderia. Receio muito que no futuro menos se economizará, mas também menos se dará'. Na realidade, esse bom cristão, com suas economias, distribuirá muitas esmolas,que após sua morte acabaram completamente, pois o filho, incapaz de organização, não pôde mais ajudar os pobres, nem sequer pagar os empregados".

"Coisa semelhante acontece diariamente entre nós. O Irmão que sabe economizar e não faz gastos inúteis com seu ganho modesto dá um jeito para sustentar satisfatoriamente a casa, contribuir para a caixa comum do Instituto e ajudar na formação dos postulantes que não podem pagar. Enquanto outro, que não sabe economizar, não cuida das coisas, compra mil bagatelas dispensáveis, enche a casa com dívidas, deixa o mobiliário estragar-se, e nem sequer pagar ao Instituto a roupa do corpo. Gente assim não pode ser bom religioso, nem bom professor. Levam consigo o espírito de desordem por toda parte, nas coisas intelectuais e nas materiais, no plano espiritual e no plano temporal. Pessoas desse tipo são verdadeiro flagelo para as casas onde passam. Nas mãos deles tudo se estraga: deixam atrás de si ruínas e nada mais. Para os Irmãos, a economia é não somente um conselho, é um dever. Como religiosos, têm a obrigação de alimentar-se e vestir-se pobremente, zelar por tudo quanto está a seu uso pessoal e por tudo quanto lhe é confiado. Por isso, não receio afirmar que aqueles que deixam estragarem-se os objetos recebidos do municípios ou do Instituto, pe-

877. Entenda-se: *milho*

cam contra a justiça[878] e ficam obrigados à restituição".

Para induzir os Irmãos a cuidarem das coisas a eles confiadas estabelecera que, se alguém danificasse ou quebrasse um objeto, mesmo involuntariamente, deveria confessar sua falta ao superior e pôr-se de joelhos, no refeitório, durante o almoço. Quem deixasse à toa alguma roupa ou qualquer objeto de uso pessoa, devia também, como reparação, cumprir uma penitência pública.

Queria que todos os Irmãos soubessem cozinhar, manter a limpeza e cuidar da casa. [879]Primeiramente, por espírito de pobreza e para não depender dos outros; depois, também para preservar a saúde dos Irmãos. "Meus amigos", dizia algumas vezes gracejando, "vocês querem suprimir a cozinhar e viver como anjos? Vamos rezar uma votação. Vejamos: aqueles que não querem comer fiquem de pé!" Como ninguém se levantasse, acrescentava no mesmo tom: "Uma vez que não aceitam a minha proposta e acham que a cozinha é algo indispensável, então o jeito é aprender a cozinhar bem: os maus cozinheiros são inimigos do bolso e da saúde, gastam muito e preparam comida que estraga a saúde".

Exigia também que cada um aprendesse a costurar, para eventualmente consertar as roupas. Não gostava absolutamente de que os Irmãos recorressem a estranhos[880] para esse tipo de coisas, nem tampouco para lavar as meias e as batinas. Neste particular, o piedoso Fundador exigia dos Irmãos apenas o que era prática usual em quase todas as Ordens Religiosas, onde cada um é responsável por seu vestuário, devendo mantê-lo limpo e consertá-lo quando necessário. vários santos bispos, que tinham vivido no claustro, continuaram por toda a vida esse ato de pobreza e humildade.

---

878. " Aqueles que deixam estragar-se os objetos confiados pelas prefeituras ou pela casa-mãe pecam contra a justiça e ficam obrigados à restituição" (*Règle* de 1837, cap. XI, art. 2, p. 59).

879. "Deve reinar muito ansseio em tudo o que está no uso dos Irmãos" (Règle de 1837, cap. IX, art. 14, p. 62).

880. É bom saber, porém, que, em 1'Hermitage, para cuidar da roupa, havia Gabrielle Fayasson, irmã de dois Irmãos Maristas e, pouco mais tarde, uma comunidade de Irmãos da Sagrada Família (6, segundo o recenseamento de 1841). No livro de contas de 1'Hermitage de 1826-1842, acham-se indicadas, em períodos regulares, as somas pagas "às mulheres que lavam roupas".

Um exemplo apenas, para edificação dos Irmãos. Sto. Tomás de Vilanova, agostiniano, nomeado arcebispo de Valência, Espanha, não consentiu que se fizesse qualquer despesa de vestuário para aumentar seu modesto guarda-roupa de religioso. Só fez uma concessão: a compra de agulhas, linha, tesoura, dedal e todo o necessário para remendar suas roupas. Teve o cuidado, entretanto, de conseguir esse material por vias indiretas e meio às escondidas. Guardou-os num estojo fechado a chave, onde ficavam também seus instrumentos de penitência. Guardou o estojo na cela exígua, despojada de adornos, que o prelado escolheu de preferência a qualquer apartamento. Aí recolhia-se para rezar e fazer penitência, e para remendar, com as próprias mãos, suas roupas pessoais e as vestes que usava.

Observante fiel da pobreza evangélica, sentia indizível satisfação naquele trabalho humilde, mas fazia-o tomando mil precauções para não ser visto. Temia parecer esquisito ou melindrar alguma falsa delicadeza. Em parte por essa razão, todas as pessoas da casa estavam proibidas de entrar em cela, da qual somente ele tinha a chave e que mantinha sempre fechada.

Certo dia, porém, depois de entrar, não trancou a porta, por distração. Um sacerdote, grande amigo seu, tendo assunto urgente a comunicar-lhe, foi direto ao cubículo e entrou sem bater. O santo arcebispo, naquele exato momento, estava remendando uma cueca. O Padre estaca surpreso e exclama com emoção:

- Como? V. Ex.ª ocupando-se de uma coisa dessas? Isto é indigno de sua posição. por uma ninharia, qualquer alfaiate lhe faria este conserto. Não vou admitir que isso continue.

No mesmo instante aproxima-se e arranca-lhe das mãos o trabalho começado.

- Por favor, disse-lhe sorrindo o arcebispo, deixe-me prosseguir no meu trabalho. E com ar de seriedade acrescentou: sou bispo, é verdade; mas sou também religioso. Como religioso, minha obrigação é praticar a pobreza, por amor à pobreza; como pastor, preciso também praticar a pobreza, por amor aos pobres, que são muitos no meu rebanho. Percebe, pois, que tenho dois bons motivos para agir desta forma, sem lhe falar do prazer que encontro nesta ocupação. O senhor me diz que poderia mandar remendar esta peça a preço irrisório. Bem o sei.

Entretanto, pensei que, fazendo eu mesmo este remendo, amanhã poderei alimentar um pobre com o dinheirinho poupado.

Assim agem e falam os santos.

Não podemos furtar-nos ao prazer de citar mais um episódio semelhante, tanto mais edificante quanto seu autor nos é mais caro e nos toca mais de perto. Encontrava-se o Pe. Colin, Superior Geral, numa de nossas casas de noviciados. Como algumas de suas roupas necessitassem de conserto, dirigiu-se ao Irmão alfaiate, pedindo-lhe agulhas, dedal, linha e pedaços de pano. Adivinhando do que se tratava, o Irmão ofereceu-se para fazer o conserto e insistiu que lhe desse esse prazer.

-Não, obrigado! Basta que me dê o que lhe peço, o resto eu faço, pois estou acostumado a isso.

Foi inútil a insistência do Irmão. O venerando Padre trancou-se no quarto e remendou sua roupa, que estava mesmo surrada.

Muitas vezes o Pe. Champagnat também agia de modo semelhante. Com exemplos desses, qual o Irmão que vai sentir-se rebaixado em remendar sua roupa ou recusar-se a cuidar do seu vestuário? Aqueles que têm verdadeiramente espírito de sua vocação vão comprometer-se a andar nas pegadas desses homens veneráveis, nossos pais modelos.

O amor do virtuoso Fundador à pobreza o levou a tomar as maiores precauções para conservá-la entre os Irmãos. Daí as normas tão sábias que nos legou a respeito e cuja observância tanto incentivou durante a vida.

Anualmente, por ocasião do retiro, verificava pessoalmente se algum Irmão tinha algum objeto de propriedade exclusiva. Recolhia tudo o que o Irmão houvesse conseguindo sem licença assim como tudo o que não fosse de reconhecida necessidade, ou que, pela natureza, se afastasse do espírito da Regra: tabaqueira, livros com encadernação de luxo, pastas e canivetes demasiado caros, livros didáticos, material de desenho[881] etc. não usava menos rigor na repressão dos abusos, que

[881]. "Não é permitido levar os objetos de um estabelecimento para outro. Os livros escolares, o material de agrimensura e de desenho, incluem-se neste artigo" (Règle de 1837, cap. IX, art. 4, p. 60). Na "Suite de l'appendice à la Règle", em 1841, o Ir. Francisco acrescenta: "Os Irmãos renovarão anualmente a licença de conservar con-

eventualmente se cometeriam nas casa. Quando vinha a saber que os Irmãos de uma comunidade se afastavam do espírito de simplicidade e de pobreza mesmo circunstancialmente ou em matéria leve, tratava de atalhar o abuso com a máxima presteza e, para tanto, não hesitava empreender longas viagens a pé. Prevenindo por algum de que em certa escola, por ocasião de uma reunião de Irmãos, haveria um almoço um tanto fora do comum, no qual as normas da simplicidade religiosa perigava, para lá encaminhou-se no dia da reunião. Após censurar severamente o Irmão Diretor e ordenar que servisse o almoço de acordo com a Regra, pôs-se à mesa com os Irmãos, sem deixar transparecer nada. Durante a refeição, mostrou-se cheio de amabilidade, procurando alegrar a todos.

De outra feita, contaram-lhe que o Irmão Diretor de um estabelecimento tinha adquirido uma baixela rara. De caso pensado, visitou a comunidade para certificar-se do caso. Chegando, dirigiu-se de imediato ao aparador,onde a louça devia estar; mas, encontrando apenas um serviço muito comum e simples, disse ao Irmão Diretor:

- É tudo o que vocês têm?

- Sim, senhor, Padre.

- Ainda bem que fui enganado. Haviam-me dito que sua louça não condizia com nosso espírito de pobreza e simplicidade. Agora já sei como responder àqueles que o criticam. Semelhantes boatos, mesmo infundados, devem mostrar-lhe como é importante que você, um veterano, dê o bom exemplo, porque tudo quanto faz parte repercute e não deixa de produzir muito bem ou muito mal, de acordo com seu comportamento.

Achando-se em necessidade, certa pessoa veio apresentar uma calça de seda ao Irmão Diretor, suplicando-lhe com tanta insistência que a comprasse para ajudá-la, que o pobre do Irmão se deixou levar e pagou cinco francos, quando, na realidade, valia muita mais, durante o retiro, o Padre Champagnat foi informado dessa aquisição contrária à Regra. Chamou o Irmão, repreendeu-o severamente e lhe proibiu o uso da calça. O Irmão procurou desculpar-se, alegando a pressão do

---

sigo objetos que não são de uso geral, tais como: estojos de matemática, óculos, relicários etc". (GSG 1, p. 64).

vendedor e a modicidade do preço:

-Meus amigo, vou provar que você sabia estar agindo mal e contrariando a própria consciência. Diga-me, você trouxe aquela calça? lançou a compra no livro de conta?

O Irmão foi forçado a declarar que não fizera nenhuma coisa nem outra. O Padre acrescentou:

-Aí estão duas provas de que sabia estar agindo mal; você não esconde as despesas autorizadas pela Regra. Jamais um bom religioso compraria aquilo que não ousaria lançar no livro de contas, nem aquilo que não pode mostrar aos superiores, sem ser admoestado.

O incidente ficou por aí durante algum tempo. Mas alguns dias após a abertura das aulas, estando sem compromisso, o Padre decidiu visitar o estabelecimento onde o fato se passara. Apenas entrou na casa pediu para examinar a mobília.

-Abra seu guarda-roupa, ordenou ao Irmão Diretor.

Não demorou em dar com a calça de seda; agarrou-a com a mão e, mantendo-a afastada do corpo como se temesse sujar-se ao seu contato, disse:

-Venha comigo.

E, dirigindo-se à cozinha junto ao fogão, atirou-a no fogo, repetindo por duas vezes:

- Isto só presta para o fogo.

Em seguida, num tom severo: "Que jamais coisas dessas apareçam entre nós! Um Irmãozinho de Maria não deve sem tocar em seda, muito menos utilizar objetos de luxo em sua escola".

O Pe. Champagnat queria pobreza, não apenas na pessoa dos Irmãos, mas em tudo que estava ao uso deles: moradia, móveis da casa e mobiliário escolar. A seu ver, limpeza e simplicidade devem ser os únicos ornamentos das casas religiosas. Por isso, não queria tapeçarias, quadros caros, nenhum objeto de pura decoração.

Encontrando-se um da numa comunidade onde todos os quartos tinham tapeçaria,[882] imediatamente mostrou desagrado. A Congregação,

882. Provavelmente o castelo de Vauban (AA, p. 299).

observavam-lhe, não costuma usar tapeçaria nas casas, mas esta foi-lhe doada nas condições que o senhor está vendo. Julgamos conveniente deixá-la como está. "Se esta casa fosse minha", replicou o Pe. Champagnat, "antes do pôr do sol, eu teria passado uma demão de cal em todas essas paredes".

Afinal, nosso piedoso Fundador considerava a pobreza como virtude indispensável aos filhos do Instituto. Dizia amiúde: "Meus amigos, lembremos-nos do objetivo que nos propusemos ao fundar a Congregação, dar o benefício da instrução cristã às paróquias pobres e, portanto, trabalhar com remuneração mínima. Ora, se nos desviarmos do espírito de pobreza, se quisermos viver na abundância e gozar de todas as condições da vida, nossos vencimentos não serão suficientes; seremos obrigados a pedir maior remuneração, e a maioria dos municípios não conseguirão pagar-nos por falta de recursos e nos tornaremos inúteis. Por nossa profissão religiosa e pela finalidade que nos propusemos, somos obrigados a praticar a pobreza, restringir-nos ao necessário, evitar com o máximo cuidado não somente o luxo e o supérfluo, mas também tudo o que recende a conforto, mudanismo, tudo o que se opõe à simplicidade e modéstia de que o Instituto faz profissão".

Conforme já observamos, o Pe. Champagnat sempre confirmava pelo seu exemplo as instruções que ministrava e dos Irmãos não exigia nada que ele não tivesse antes praticado. Assim, por espírito de pobreza, viajava quase sempre a pé. Caso tivesse que usar transporte coletivo, contentava-se com os últimos lugares.

Durante sua estada em Paris, dado que suas numerosas correrias o esgotavam muito, um sacerdote amigo aconselhou-o a tomar um ônibus que o transportaria, a baixo custo, a todos os bairros aonde precisasse ir. "Não tenho problema para encontrar ônibus", replicou o Padre. "Mas não somos religiosos para sermos transportados como gente rica. Se o voto de pobreza não nos custasse, não teria para nós nenhum mérito. É verdade que as passagens não são caras, mas muitas pequenas parcelas acabam formando um grande total. Numa comunidade numerosa, se cada um transige com suas pequenas fantasias, sob o pretexto de serem bagatelas, no fim do ano todas as pequenas despesas formam soma considerável, com a qual poderíamos receber várias

postulantes”.[883]

Um Irmão, a quem censurava por despesas inúteis, desculpou-se alegando tratar-se de coisas pequenas: “Não chame de pequenas as coisas que fazem praticar o voto de pobreza e o conservam no espírito de sua vocação. Racionando e agindo assim, o voto de pobreza não custaria nada. Ora, se os votos não exigem de vocês sacrifícios diários, pode ter a certeza de que não os observa e, diante de Deus, você vai ficar só na promessa. Seria iludir-se pensar que cumprimos nossos votos só porque não os transgredimos em matéria grave. Não violar os votos e cumpri-los como convém ao bom religioso são coisas bem diferentes. Por exemplo: para não transgredir o voto de pobreza basta abster-se de qualquer ato de propriedade proibido pela Regra, como comprar vender, doar, emprestar, possuir algo em seu próprio nome. Mas, para cumprir perfeitamente o voto, para ter o mérito da pobreza, é preciso que se comporte e viva de acordo com o espírito de sua vocação. Para a alimentação, o vestuário e tudo o mais de que precisa, limite-se ao que lhe é permitido e concedido pela Regra. Em resumo: O Irmão que observa a Regra, observa os votos. Quanto mais se afasta da Regra, mas se afasta da perfeição dos votos”.

Nosso piedoso Fundador considerava o espírito comunitário e o espírito de pobreza como coisas fundamentais. Não tolerava que nenhum Irmão, professo ou noviço, se apropriasse da mínima coisa. Que a Regra fosse a mesma para todos: admitidos na comunidade, os candidatos deviam despojar-se de tudo o que contrariasse os usos do Instituto, não conservando nem dinheiro, nem qualquer coisa proibida pela Regra.

Certo dia, o Irmão ecônomo encontrou na escrivaninha de um jovem Irmão alguns livros retirados da capela ou de outro lugar, sem licença, e mais quatro ou cinco francos guardados em segredo e contrariamente à Regra. Levou tudo ao Pe. Champagnat, que ficou extremamente contristado. Mandou logo chamar o Irmão e, após repreendê-lo severamente, ordenou que se retirasse imediatamente, dizendo-lhe que não servia para a vida religiosa. O rapaz saiu. O relógio marcava quatro horas da tarde e a neve caía em flocos.

883. Comparar com LPC 1, doc. 174, p. 351, linhas 37-39.

Finalizemos com um episódio mais consolador e que nos mostrará a que perfeição o piedoso Fundador levou a prática da pobreza. Dois ou três dias antes de morrer, o Pe. Janvier, vigário de Saint-Julien-em-Jarret, íntimo amigo seu, veio visitá-lo. Após alguns momentos de conversa, pediu-lhe como prova da estima e santa amizade que os unia o pequeno crucifixo de madeira que estava em cima do genuflexório. "Com todo prazer", respondeu-lhe o Pe. Champagnat, "mas tenho voto de pobreza, nada me pertence e não posso dispor de nada. Mas eu lhe prometo: vou pedir licença ao Padre Superior Geral. E espero que ele não recusará". Obteve a licença. A cruzinha foi entregue ao Pe. Janvier.

Felizes os Irmãozinhos de Maria se, dóceis aos ensinamentos do seu venerado Pai e fiéis na imitação de seus exemplos, conservarem sempre o espírito de pobreza e de simplicidade que lhes deixou como a herança mais preciosa.

CAPÍTULO DÉCIMO

Desapego dos parentes de todas as criaturas.

Consagrando-se a Deus, o Pe. Champagnat renunciou a tudo o que tinha no mundo, para amar o Senhor com exclusividade e pertencer-lhe inteiramente. Assim, não mais se ocupa com as coisas terrenas, nem mesmo com os familiares. Se, durante o seminário, vai passar as férias com eles, fica alheios aos negócios temporais deles, limitando-se a edificá-los, contentando-se instruí-los e levá-los a Deus, na medida do possível. Sacerdote, exercendo as funções do sagrado ministério, esteve com a família acidentalmente, quando por ofício devia visitar a escola dos Irmãos em Marlhes. Abraçando o estado eclesiástico, pensava em servir à Igreja, promover a salvação das almas e não em ser útil à família. Por isso, mesmo quando seus manos se encontravam em dificuldades, jamais receberam dele recursos pecuniários. Não gostava que eles lhe falassem dos negócios temporais.

Entretanto, certa vez, achando-se um de seus irmãos em premente necessidade, veio visitá-lo e lhe suplicou com muita insistência o empréstimo de certa quantia. Sempre bondoso e sensível ao extremo, o bom Padre deixou-se comover, entregando-lhe a soma solicitada. Mas, recriminando-se por ter obedecido à voz da natureza e temendo que essa fraqueza fosse mal exemplo para os Irmãos do Instituto, apenas o mano tinha saído,mandou-lhe alguém ao encalço para pedir de volta a quantia que acabara de lhe emprestar. O Irmão enviado tinha a ordem de não retornar à casa sem o dinheiro. E o bom Padre só recobrou a calma quando viu a quantia sobre a mesa[884]

O desapego dos parentes e dos bens terrenos é a primeira disposição que Deus semeia no coração da pessoa por ele chamada à vida religiosa, uma vez que constitui o fundamento da perfeição evangélica.[885] *Se queres ser perfeito, vai vender tudo o que tens e dá-o aos*

884. Afirma o Ir. Avit: "Foi a João Bartolomeu que o piedoso fundador emprestou 500 francos e logo depois mandou Philippe Arnaud e Rosey para que os pedisse de volta" (AA, p. 17).

885. "Não existe, para os religiosos, obstáculos maior à vocação do que os pais... Os

pobres; depois vem e segue-me.[886] *Se alguém vem a mim, acrescenta alhures, e não odeia seu pai, sua mãe, e mesmo sua própria vida, não pode ser meu discípulo*[887]. Quem entra na vida religiosa, com verdadeira vocação, traz sempre esta disposição: vive desapegado dos parentes, dos bens que deixou no mundo e só tem uma aspiração: doar-se totalmente a Deus. O bom Padre convencera-se tanto desta verdade que não receava afirmar ser possível julgar da vocação de um moço pela disposição dele em relação a isso. Por isso, não acreditava na perseverança dos que achava ainda com excessiva afeição humana à família ou aquilo que tinha deixado no mundo. Dizia: "Para perseverar na vida religiosa, cumpre nela entrar por inteiro, e não se contentar com entrar apenas com um pé, como fazem os que vêm para ver como é, para fazer uma experiência, ou que não querem pagar logo a pensão do noviciado".

Um jovem que desde algum tempo se preparava para entrar no Instituto veio afinal, após muitas hesitações, trazendo toda a pensão do primeiro ano de noviciado. O Padre, falando desse moço a um Irmão, disse: "Fulano chegou com real indício de vocação. Agora posso contar com ele". Curioso, o Irmão perguntou pelo sinal de vocação. "Os trezentos francos que me entregou. O rapaz suou para ganhar esse dinheiro; não iria gastá-lo ou desfazer-se dele, se não estivesse desapego dos bens terrenos e se não estivesse disposto a perseverar, apesar de todas as dificuldades que haverá de encontrar no estado religioso".

"Para sermos felizes na vida comunitária", repetia amiúde o santo fundador, "não devemos entrar e viver como empregado, mas sim como filho da casa". "Ensina-nos a Sagrada Escritura: o homem deixará pai e mãe para unir-se à sua mulher. Pois bem, o religioso, analogamente, se quiser viver feliz no seu santo estado, se quiser usufruir todas as consolações da vida religiosa, deve deixar pai, mãe, ir-

---

mestres da vida espiritual exortam a todos os que desejam atingir a perfeição dos pais, a não se imiscuírem em seus negócios" (ª M LIGUORI, La religieuse sanctifiée, vol. VIII, cap. X [1], p. 252). De Sta Teresa, citada no mesmo capítulo: "Como é que vós, que deixastes o mundo para vos tornardes santas, podeis desejar que vossos pais vos venham visitar a toda hora?" (ibid., p. 255). Cf. Sto. Tomás, 2. 2, q. 189, 10 ad 2.

886 Mt 19,21

887. Lc 14,26.

mãos e tudo mais que possui no mundo, para unir-se a seus superiores, aos coirmãos, os Instituto que se torna sua família. Quem não se doa totalmente À sua comunidade e não se empenha na aquisição dos sentimentos de um bom filho, não é religioso, mas empregado. Querem saber qual a diferença entre Irmão empregado e Irmão, filho do Instituto? O Irmão 'empregado' considera o superior como patrão, como policial que o espiona; por isso,tem medo, evita encontrar-se com ele, oculta-lhe os pormenores de sua conduta e, mais ainda, os seus defeitos. Desconfia dele facilmente, acha que o superior o trata mal, não gosta dele, causa-lhe dissabores e o censura sem motivo. O Irmão "empregado" considera os coirmãos como estranhos. Em conseqüência, trata-os sem caridade, sem lealdade, sem delicadeza. Inteiramente voltado para si mesmo, para seus próprios interesses, apodera-se do que há de melhor, de menos penoso, sem se preocupar se os Irmãos estão sofrendo, se, se encontraram sobrecarregados, se estão precisando de ajuda. O Irmão 'empregado' é indiferente aos interesses da comunidade. Pouco lhe importa sua prosperidade ou decadência. Cumpre a tarefa, porque não tem outra saída. Não se incomoda com o bem comum. É esbanjador; deixa que as coisas se estraguem, preferindo deixar arruinar-se os móveis e os objetos e ele confiados, sem dar-se ao trabalho de zelar por eles."

"De modo totalmente diverso age o religioso 'filho da casa'. Considera e ama o superior como pão. Tem fé nas palavras dele e confia inteiramente em sua orientação. Convencido de que o superior só deseja e procura seu bem, aceita os avisos e repreensões como gestos de afeto, como prova da mais pura amizade. Em vez de esconder ou dissimular seus defeitos e faltas, é o primeiro a olhos revelar e só fica satisfeito quando o superior conhece toda sua conduta e todas as mágoas de sua alma. O religioso 'filho da casa' considera os membros do Instituto como seus irmãos. Faz de tudo para ajudá-los, confortá-los e prestar-lhes serviços. Apóia-os sempre, defende-os, desculpa-os e encobre-lhe os defeitos. Que bem a Deus e logo depois ao Instituto. Quer vê-lo prosperar, isto é, desenvolver-se, conservar seu espírito, prosseguir na sua finalidade, promovendo a glória de Deus e a salvação das almas. Reconhecendo-se, com razão, comprometido em contribuir, com sua parte, para o bem do Instituto, esforçar-se por dar, em toda parte, exemplo de regularidade, piedade, submissão, bom espírito e

abnegação, não temendo trabalhos nem canseiras para promover o êxito das escolas, a boa administração das casas, não recuando perante nenhum sacrifício quando se trata do bem comum, da edificação, do interesse dos Irmãos e do serviço do Instituto".

"Só o religioso animado pelos sentimentos e pelo espírito de família encontra na vida consagrada o cêntuplo prometido por Jesus Cristo.[888] Vivendo unicamente para o Instituto, doando-se para o bem dos Irmão, não perdendo nenhuma oportunidade de lhes ser útil, agradável, recebe em troca o cêntuplo daquilo que dá: amam-no, sacrificam-se por ele, todos os corações lhe são afeiçoados e conta com tantos auxiliares, ou melhor, Irmãos e amigos, quantos membros tem o Instituto. Quanto ao Irmão 'empregado', não só não recebe o cêntuplo, mas não acha nenhuma satisfação nem contentamento na vida religiosa. Como não ama de verdade nenhum de seus Irmãos, vive egoisticamente, não goza das simpatias de ninguém. Suportam-no, evitam melindrá-lo porque a caridade cristã o exige. Mas não lhe dispensam os cuidados, as atenções que ele nega aos outros. Nem os gestos de amizade, que ele não compreende, e para os quais seu coração não foi feito. Não receio afirmar existirem poucas pessoas mais infelizes do que o religioso desprovido, apegado às pessoas que deixou no mundo, estranho na comunidade, com o tesouro e o coração em outro lugar".

"O desapego dos pais", dizia em outra palestra, "é disposição indispensável ao religioso. Se deixa penetrar no coração o amor da carne e do sangue, perde ao mesmo tempo o espírito religioso e a vocação. Sempre observei que o muito apegado aos pais, é pouco apegado à vocação; e aquele que se preocupa muito com os pais preocupa-se pouquíssimo com a própria perfeição e até com a salvação. Muitos religiosos perderam-se por falso amor ao pai e à mãe. Vários deles, após tornarem-se apóstatas,[889] sob o pretexto de assisti-los, acabaram por arruiná-los com despesas e por tornar-lhes infeliz a velhice, pelo desregramento da vida".

"Uma das ciladas mais perigosas do demônio é induzir os religiosos a se intrometerem nos negócios dos pais; ou, por falsa compai-

---

888. Mt 19,29

889 Segundo o Ir. João Batista, "apostatar a vocação é deixá-la depois que não for mais conselho e sim de preceito, isto é,depois da profissão" (ALS, cap. III, p. 37).

xão, a exagerar as necessidades deles, julgando-se, assim, no dever de ajudá-los, por meios não aprovados pela vocação religiosa. O inimigo da salvação atreve-se até a insuflar na mente de alguns que lhes é permitido abandonar a vocação para dar-lhes assistência. É inconstentável que um filho tem a obrigação de assistir seus pais, se impossibilitados de proverem a própria subsistência. Entretanto, é extremamente raro que um religioso seja obrigado a abandonar sua vocação para cumprir semelhante obrigação. Com efeito, consoante o parecer da totalidade dos teólogos,[890] para encontrar-se em semelhante situação, impôs-se os seguintes reguisitos:

1. As necessidades dos pais devem ser extremamente graves;

2. não existir outro meio de socorrê-los;

3. ao deixar a vocação, o religioso deve ter certeza de tornar-se útil aos pais;

4. não siga nisto sua inclinação natural, sua vontade própria, não seja ele próprio o juiz, na avaliação das necessidades dos pais, nem dos meios para remediá-las, mas oriente-se pelos conselhos de seu superior, porque só ele possui poder de decisão sobre o que o religioso há de fazer e sobre a maneira de ajudar os pais;[891]

5. retorne à sua comunidade e retorne os exercícios de sua vocação logo que cessarem as necessidades dos pais, por morte ou de outro modo".[892]

Um Irmão pediu para retirar-se, sob pretexto de ajudar a mãe, viúva e sem outro filho. O Pe. Champagnat tentou convencê-lo ser este pensamento tentação do demônio que, ciumento por vê-lo crescer

890 Sto. Tomás, 2, 2, q. 101, a, q. 189, 6 ad. 1;

891 Está citando S. Jerônimo: "Quantos religiosos, por terem compaixão dos pais, se extraviaram" (La religieuse sanctifiée, vol. VIII, cap. X [7], p. 258). "Acontece frequentemente a muitos deixarem a vida religiosa para irem,dizem eles, assistir os pais, no mundo. É de se observar que não é esse, em geral, o motivo que os leva a agir e os torna infiéis à vocação" (PPC, partie II, traité V, chap. VII).

892 O Pe. Champagnat é muito atencioso para com aqueles que realmente estão em necessidade. Eis dos exemplos: "Acolhe em 1'Hermitage, no asilo destinado aos velhos, os pais do Irmãos Ligório" (AA, p. 300). "Acolhe, também, em 1'Hermitage,seu próprio mano João Pedro e quatro filhos, que foram enterrados em nosso cemitério" (AA, p. 18(.

no temor do Senhor, queria lançá-lo no mundo, onde, dada sua fragilidade e sua tendências, fatalmente sua virtude naufragaria. Disse-lhe também que, em vez de ser útil à mãe, lhe causaria aflição e lhe tornaria a vida infeliz. Tudo aconteceu como previsto: o jovem saiu, mas nem sequer apareceu na casa da mãe. Pior ainda, por várias vezes passou a frente à casa dos pais, sem nela entrar, e a infeliz genitora ficou sabendo da saída só pelas conversas sobre o comportamento do filho.

Outro Irmão, tentado de abandonar a vocação para consolar e assistir a mãe nos últimos dias, freqüentemente vinha ter com o Pe. Champagnat a fim de expor-lhe seu problema e obter seu desligamento do Instituto. Depois de recomendar-lhe várias vezes que combatesse a tentação,terminou por dizer-lhe: "Sabe, meu Irmão, como deve considerar sua vocação? Já pensou a quem deve atribuí-la? Minhas perguntas o embaraçaram e você não responde; pois bem, conhecendo sua família, vou dar-lhe minha opinião. Sua vocação, no meu entender, é a recompensa da piedade e da virtude de sua mãe. Deus lhe outorgou a graça de ter um filho religioso. Em seus desígnios de misericórdia, quis que você fosse um motivo de bênçãos para sua família. Abandonando a vocação, você privaria sua boa mãe do prêmio de sua virtude, arrebatar-lhe-ia a glória de ter dado um de seus filhos à vida religiosa; assim você se tornaria causa de ruína para a família. cuidando da mãe, você não estará fazendo um ato de piedade filia, mas um ato de ingratidão. Veja, pois, o que deseja fazer. Não é de minha alçada desligar você do dever de seguir a vocação: foi Deus quem o chamou à vida consagrada, é a Ele que você fez os votos. É também Ele quem lhe pedirá conta". Motivo por estas considerações tão sábias, o Irmão atira-se aos pés do piedoso Fundador, exclamando: "O que o senhor diz é certo, meu Padre. Atribuo minha vocação aos bons exemplos e à piedade de mamãe. Fui infiel à graça porque sou covarde, porque receio violentar-me, e seguir, por demais, as vozes da carne e do sangue. Porém, doravante será diferente: prometo-lhe não mais dar ouvidos à tentação e trabalhar com todas as energias para ser um bom religioso". Cumpriu a palavra. Não só não vacilou mais na vocação, mas viveu como excelente religioso.

O Pe. Champagnat costumava repetir: "Um Irmão, que ama seus pais com amor excessivamente humano e se ocupa com os negócios temporais deles, não só prejudica sua perfeição,mas compromete

igualmente os interesses de seus familiares; portanto, muitas vezes Deus pune o religioso, permitindo que os negócios nos quais se intromete, contrariando o espírito da vocação, não cheguem a bom termo. Um Irmão é muito mais útil à família vivendo na piedade e no desapego, do que ocupando-se dela, procurando ajudá-la e favorecê-la nas coisas materiais. S. Luís de Gonzaga e Sto Estanislau Kostka contribuíram muito mais para a prosperidade e o crescimento de suas famílias,[893] vivendo como santos religioso, do que se tivesse vivido intrometendo-se nos negócios temporais delas. A virtude e a santidae destes dois santos dera nome à família. Sem eles as famílias Kostka e Gonzaga estariam condenadas a eterno olvido".

Certo Irmão, que no princípio dera provas de verdadeira vocação e durante muito tempo mostrara-se piedoso e observante da Regra, deixou-se arrastar por uma afeição desregrada aos pais. Atraía-os à escola, da qual era diretor, e se envolvia em tudo o que era da conta deles. Às primeiras transgressões seguiram-se, como de costume, outras maiores. Emprestou-lhes dinheiros às cultas e fez despesas para favorecê-los. Informado, o Pe. Champagnat ficou muito aborrecido. Com grande bondade ponderou ao Irmão quando fora censurável sua conduta e quanto era grave a falta cometida com a violação de seu voto de pobreza. A repreensão foi bastante bem-aceita, porém, a falsa compaixão do infeliz religioso para com os pais fê-lo reincidir na mesma falta, festa vez com redobrada gravidade. Com a mesma caridade e bondade, o Padre repreendeu-o novamente com energia e firmeza. Declarou-lhe que, se não se corrigisse, cairia na desgraça, juntamente com a família. Dito e feito. O Irmão, após nova falta, abandonou a vocação e foi morar com seu mano. Pouco depois, este, a quem se afeiçoara desordenadamente e pelo qual sacrificara sua consciência e vocação, roubou-lhe todo o dinheiro e expulsou-o de casa.

Passados alguns anos, adoeceu. Fez o testamento em benefício de um irmão e morreu, depois de sofrer muitas atribulações. Seu infeliz irmão instaurou um processo contra essa irmã, esperando apoderar-se dos benefícios daquele testamento. Não se pejou de caluniar seu falecido mano perante os tribunais, e mesmo arrolar falsas testemu-

893. Cf. Père MESCHLER, S.J.,Vie de Saint Louis de Gonzague. Trad. Do alemão para o francês por Lebréquier, Paris Lethielleux, 1927, p. 382-285.

nhas, por ele subornadas. Mas a justiça divina aguardava-o, não lhe concedendo o tempo de ver a conclusão da demanda. Devido ao trabalho e à viagens que teve de realizar para ganhar o processo, contraiu uma pleurisia que, em poucos dias, o levou à morte, sem que pudesse recobrar a consciência e sem receber os sacramentos. Assim, por desmedido afeto aos pais, o infeliz religioso violou os votos, perdeu a vocação, viveu e morreu em terríveis angústias, desgraçou a família, tornou seu mano ladrão, arruinou-lhe os negócios temporais e, o que infinitamente mais lamentável, colocou seu irmão no risco iminente da eterna condenação. Eis como se cumpriu a ameaça do Pe. Champagnat: se não se emendar, sobrevirá a desgraça para você e seus parentes.

CAPÍTULO ONZE

Apreço à mortificação

Aqueles que pertencem a Jesus Cristo, escreve São Paulo, crucificaram a carne com suas paixões e concupiscências.[894] *Todo seu esforço se concentra em dominar o corpo, sujeitando-o ao espírito,* [895] *perfazendo assim na carne o que falta aos sofrimentos de Cristo.*[896] A tarefa dos homens verdadeiramente mortificados consiste em substituir, no seu coração, o amor às riquezas pelo amor à pobreza; o amor aos prazeres pelo amor à cruz; o amor às criaturas pelo amor a Nosso Senhor. A exemplo de S. Paulo, cada dia morrem a si mesmos, [897] às inclinações da natureza, à vida dos sentidos,[898] às satisfações temporais, a fim de viver unicamente para Deus e para a eternidade.

Assim viveu o Pe. Champagnat. Toda sua existência foi uma contínua imolação das dificuldades da alma e do corpo a Deus, por meio da mortificação. Iríamos longe, se quiséssemos expor aqui o quadro de sua vida dura e mortificada. Aliás, para se fazer uma idéia, basta recordar o que dissemos a este respeito. Limitar-nos-emos, pois, a relatar alguns episódios ainda não citados e fornecer mais pormenores sobre outros que apenas esboçamos.

Naturalmente rigoroso para consigo mesmo, não concedia ao corpo senão o alimento, o descanso e algum alívio absolutamente indispensável.[899] Tomara a resolução de não comer nada no intervalo das refeições. Cumpriu-a durante toda a vida, mesmo quando se entregava as tarefas esfalfantes e a longas viagens. Foi visto encaminhando dias inteiros, suportando calores sufocantes e, ao chegar, recusar qualquer bebida, até mesmo um copo d'água. Para disfarçar a mortifica-

---

[894]. Gl 5,24.

[895]. 1Cor 9,27; Rm 8,13.

[896] Cl 1,24.

[897]. 1 Cor 15,31; 2Cor 5,15.

[898]. Cl 2,2.

[899]. Ir. Silvestre afirma: "Francamente eu não podia entender como um corpo tão grande pudesse viver de comida tão pouca" (MEM, p. 127).

ção, dizia não estar acostumado a tomar coisa alguma fora das refeições e que esses alívios são mais próprios a arruinar a saúde do que a minorar os leves incômodos originados pela fome e pela sede. E acrescentava: "o corpo se habitua a tudo e, quando recusamos satisfazê-lo, torna-se menos exigente. Se hoje bebemos porque sentimos sede, amanhã à mesma hora a mesma necessidade voltará mais exigente. E se continuamente satisfazemos a natureza, onde fica a mortificação, o espírito de sacrifícios e a vida cristã?"

Desde o seminário acostumou-se a beber unicamente água misturada com um pouco de vinho. Chegou a privar-se de vinho, por muito tempo, por considerá-lo inimigo da castidade. "Nada concorre tanto para excitar a concupiscência e irritar as paixões do que o uso imoderado do vinho. Aquele que não sabe mortificar-se e se afastar da sobriedade nunca será casto".

Durante anos, julgou que os Irmãos poderiam dispensar-se do vinho. Mais tarde, ao ver-se constrangido a autorizá-lo, proibiu expressamente tomá-lo pura, exceto em caso de doença. Regulamentou que fosse tomado sempre meio a meio com água. Nas refeições, normalmente servia-se apenas de dois pratos[900] e, estando só, nunca permitia que lhe trouxessem mais. Era tão indiferente quanto a pratos servidos,que não foi possível saber de quais gostava ou não gostava, senão que preferia as comidas mais comuns e mais simples. Aceitava tudo o que lhe ofereciam e nunca se queixou de que a comida estivesse mal preparada. A única censura dirigida ao Irmão cozinheiro foi a de preparar demasiadamente bem o que lhe servia. Quando os pratos lhes pareciam um tanto requintados, deles não se servia.

Quando visitava os Irmãos nas escolas, vivia com eles e contentava-se com a comida de todos os dias. Ia tomar as refeições com os senhores vigários só em casos extremamente raros e quando não podia dispensar-se sem faltar às conveniências. Nas visitas nunca permitia que os Irmãos fizesse algo do extraordinário em sua honra, e não podiam dar-lhe maior satisfação do que manter o regime da co-

---

900. "Ao almoço serve-se sopa, dois pratos, um pouco de sobremesa e vinho misturado com água, meio a meio" (Règle de 1837, cap. II, art. 26b, p. 22). Às sete horas, o jantar, que será servido como no almoço, exceto a sobremesa (ibid., cap. II, art. 39, p. 26).

munidade. Em várias oportunidades repreendeu Irmãos Diretores que não agiam e mandou devolver pratos que exorbitavam do que era previsto na Regra.

Em certo estabelecimento, onde se viu compelido a passar oito dias devido a uma enchente que tornava as estradas intransitáveis, serviram-lhe durante todo o tempo apenas batatas e queijo caseiro, porque a casa era muito pobre. Ficou tão satisfeito com o cardápio e tão edificado com o espírito de pobreza e simplicidade dos Irmãos, que muitas vezes mais tarde testemunhou contentamento e gratidão ao Irmão Diretor, sem esquecer o queijo caseiro.

Chegou a outra comunidade na hora do almoço. Como o Irmão Diretor lamentasse e pedisse desculpas por não dispor de nada para lhe oferecer, o bom Padre disse-lhe carinhosamente:

- Não se incomode, comeremos juntos, basta-me o que vocês têm.

- Mas, Padre, temos apenas salada e queijo.

- E batatas?

- Sim, temos, mas não estão preparadas. Levaria muito tempo para cozinhar.

-Mande trazê-las. Vou ajudá-los no preparo. Com a cooperação de todos, a coisa ficará logo pronta.

Correm buscar as batatas e ele começa a descascá-las com os Irmãos. Por ser novo, o cozinheiro não sabia prepará-las direito. O Padre, tomando a frigideira e fritando-as, ensinou-lhe como devia proceder.

De outra feita, ao voltar de viagem, o Irmão cozinheiro se dispunha a preparar-lhe o almoço.

- Não se preocupe, quero apenas os restos da refeição dos Irmãos.

- Mas, Padre, não sobrou nada.

- E aquela carne que estou vendo ali?

- Está estragada e os Irmãos não agüentaram comê-la.

Apanha-a, prova-a e estranha o gosto apurado dos Irmãos.

Aproveita-a para seu almoço, reservando a sobre para a jantar. Entretanto, não pairavam dúvida de que a carne exalava mau cheiro, tanto que os Irmão, nada exigentes, não tinham conseguido tragá-las. Mas seu amor a mortificação não lhe permitia ser luxento e, cada vez aparecia uma oportunidade de oferecer a Deus um sacrifício e mortificação a natureza, não a desperdiçava.

Não admira, depois disso, que ele tenha recomendado tanto aos Irmãos a sobriedade e a mortificação na comida. No seu entender, esta espécie de mortificação constitui o abc da vida espiritual. Tinha como certo o seguinte:

1. – quem é incapaz de refrear a gula, dificilmente trinfa dos outros vícios, e será sempre frouxo na virtude;

2. quem não consegue pôr um freio à boca e é escravo da sensualidade,Será incapaz de se mortificar quando for necessário resistir a tentações mais delicadas e mais perigosas;

3. a impureza é sempre precedida pela gula ou pela preguiça. Por isso a gula era uma das faltas que ele menos perdoava. Queria que não se tomasse nada, sem licença, no intervalo[901] das refeições. Se surpreendesse alguém comendo uma fruta ou qualquer outra coisa, repreendia-a e castigava-o publicamente: "Não sabe que Adão se perdeu, e com ele toda a humanidade, por haver cometido semelhante falta: parece coisa de pouca monta saborear uma fruta, comer um naco de pão, ou qualquer bagaleta deste tipo, mas isto basta para satisfazer a natureza, contentar a sensualidade e, por isso mesmo, expor a alma aos maiores perigos. Quem, nesses casos, não é capaz de se mortificar e se deixa vencer pelas inclinações naturais, está preparando terríveis quedas. Quem pretende ser forte e não fraquejar nos grandes combates deve ser fiel em se mortificar e vencer-se nas pequenas coisas".

Magoava-se quando ouvia certos Irmãos murmurarem e queixarem-se da comida. "Não entramos na vida religiosa para sermos bem tratados e termos de tudo, mas para nos mortificar e fazer penitência. Os Irmãos sensuais são religiosos apenas de nome e de hábito.

---

[901]. "Sempre que possível deve-se tomar as refeições junto com a comunidade; não comer nada fora do refeitório e fora do tempo das refeições" (Règle manuscrite, AFM, doc. 362.1, cap. II, art. 61).

Sempre notei que aqueles que cuidam muito do corpo pensam pouco na alma, e os que têm demasiado zelo pela saúde não têm quase nenhum por sua perfeição. A experiência ensinou-me também que, de ordinário, os que se queixam da alimentação não tinham nem o necessário no mundo. Os religiosos que gozavam de fartura no seio da família nunca se queixam na comunidade, embora lhes faltem várias coisas e outras não casem com seus gostos, porque entraram na vida religiosa para sofrer, para imolar-se a Deus pela mortificação. Assim sendo, estão sempre satisfeitos com a maneira como são tratados e aproveitam as ocasiões de sofrer".

O bom Padre considerava o corpo como seu maior inimigo. Não cessava de mortificá-lo e fazê-lo sofrer. Desde seminarista, afligia-o com disciplina e cilício. Pela vida a fora continuou usando esses instrumentos de penitência.

Certo dia, levou até seu quarto o jovem que escolhera para pedra fundamental de seu Instituto. Conversou com ele sobre assuntos edificantes. Depois tirou de um caixinha dois cilícios e uma disciplina e apresentou-os ao moço.

- Conhece estes objetos?

- Não, reverendo, é a primeira vez que vejo objetos assim.

- Adivinha para que servem.

- Não imagino o que se possa fazer com eles, me explique por favor.

-Não, por hoje basta vê-los. Mas tarde lhe darei um, que você aprenderá a usar.

Após alguns meses, estando o rapaz já iniciando nas práticas da vida interior, ensinou-lhe o uso dos instrumentos e entregou-lhe uma disciplina e um cilício. O fervoroso noviço não os deixou mofar. Usava-os com tanto rigor que o Pe. Champagnat precisou moderá-lo.

Embora o piedoso Fundador desse grande importância às penitências corporais, não impor nenhuma aos Irmãos, com exceção do jejum do sábado. Não pretendia com isso que não as praticassem, mas preferiu deixar esse tipo de mortificação ao critério de cada um e à prudência dos superiores. Ademais, entendia que, para a maioria dos Irmãos, os sacrifícios e as penas inerentes ao ensino poderiam substi-

tuir as penitências corporais. Cada vez que explanava este capítulo, não cansava de repetir:

"Conquanto a Regra não prescreva nenhuma penitência corporal, não significa que devamos nos abster dela: quem deseja imitar Jesus Cristo e os santos, não deixará de impor-se algumas. Ninguém, todavia, neste particular, há de agir por sua própria vontade, sem a licença do superior, que não se oporá a esse fervor, desde que não comprometa a saúde. Um pequeno cilício, acrescentava sorrindo, não faz mal; alguns até estão precisando dele".

No entanto, na sua opinião, a mortificação corporal só tinha valor na medida em que fosse acompanhada pela mortificação interior. Sobretudo esta pratica e recomendava aos Irmãos. Segundo seu pensamento e de acordo com suas explicações, esta espécie de mortificação compreende:

1. *A mortificação das paixões*, principalmente de orgulho, do amor próprio, da afeição desregrada às criaturas, do apego à vontade própria e à paixão dominante. "Podemos salvar-nos, e até ser ótimos religiosos, sem jejuns rigorosos e sem entregar-nos a flagelações corporais. Porém não é possível salvar a alma, menos ainda trabalhar para nossa santificação, sem combater as paixões e sem fazer-nos contínua violência. Muitos podem alegar razões legítimas para dispensar-se do jejum e da disciplina. Mas ninguém pode achar motivos que o dispensem da moderação dos seus pensadores perversos, da correção de seus defeitos e da reforma de seu caráter. Há santos que se impuseram poucas penitências corporais. Nem sabemos se a Ssma. Virgem praticou alguma. Mas todos os santos, com sua Rainha à frente, primara pela mortificação interior e vigilância sobre os sentidos, que é a conseqüência necessária".

Cada uma de nós deve, pois lutar continuamente contra a vaidade, contra o desejo de agradar aos homens e obter seus elogios, contra os defeitos de caráter que infelicitam aqueles com os quais se tem de viver e dificultam fazer todo o bem possível às crianças, contra a curiosidade e o prazer em receber notícias do mundo. Cada um deve esforçar-se para suportar com caridade os defeitos dos coirmãos, e tudo o que na conduta deles pode contrariá-lo; receber com paciência uma ofensa, uma crítica imerecida: manter o espírito de caridade para

com aquele que o censuram, contradizem e perseguem, e retribui-lhes o bem pelo mal". [902]

O Pe. Champagnat legou-nos exemplos admiráveis. Durante toda a vida foi contrariado, censurado, perseguido de todo jeito e jamais se permitiu a satisfação, tão cara à natureza e ao amor próprio, já não digo de se queixar dos seus adversários e perseguidores, mas até mesmo de se justificar. [903]Muitos mais: levou o espírito de renúncia a ponto de elogiar as pessoas que lhe faziam mal e a prestar-lhes todos os serviços possíveis. Certo vizinho homem grosseiro e ímpio, durante anos causa-lhe toda sorte de vexames: insulta-o, escreve-lhe cartas injuriosas; ameaça mal tratar os Irmãos, arromba-lhe uma represa que servia para irrigar a horta. O bom Padre não se vinga de tantas maldades; responde com paciência e caridade;[904] reza e manda rezar por aqueles que era seu inimigo, e teve a ventura de convencê-lo a Deus. Ao falecer, o homem deixou de herança um litígio com outro vizinho. O Pe. Champagnat intermediou e tanto fez que conseguiu arranjar tudo em benefício da viúva e dos filhos do defunto.[905]

2. A mortificação do trabalho, que consiste, segundo nosso piedoso Fundador, em mantermos absoluta indiferença espiritual por tudo quando nos possa ser mandado e por todos os lugares aos quais nos enviarem; empenhar-nos em cumprir perfeitamente o trabalho que a Providência nos confiou e, finalmente, consiste em aproveitarmos de todas as oportunidades que ele nos oferece para nos mortificar.

"Este tipo de penitência é tanto mais agradável a Deus quando se enquadra sempre na sua vontade divina; não pode ser viciada pelo amor próprio, é a mais comum e conduz inevitavelmente à prática das mais belas virtudes. Outra vantagem desta penitência é ser ela de todos os dias e de todos os momentos. Vejamos, por exemplo, um Irmão

---

[902]. Rm 12, 14-17. 21; 1Ts 5,15; 1Pd 3,9.

[903]. O Pe. Champagnat, numa situação delicada, manifesta ao Sr. Bispo submissão incondicional (LPC 1, doc. 150, p. 295).

[904]. LPC 1, doc. 18, p. 60.

[905]. O Ir. Avit é mais preciso: "A morte levou também o conhecido pelo nome de Motiron, vizinho muito incômodo que provocou toda sorte de empecilhos ao Pe. Champagnat e aos Irmãos... Monteiller, genro do falecido, não seguiu o procedimento teimoso do sogro" (AA, p. 202-2003).

encarregado de uma classe. A todo instante surgem oportunidades de praticar atos de dedicação, caridade, zelo e paciência. Continuamente precisa cuidar para conservar-se na modéstia e na seriedade convenientes e idôneas, para manter a autoridade sobre os alunos e edificá-los. Continuamente precisa dominar-se para suportar-lhes a grosseria e os demais defeitos dos educando, pôr-se ao alcance de todos e repetir sempre as mesmas coisas. Que tesouro de méritos para aquele que souber aproveitar bem tantas ocasiões diárias de se mortificar e de praticar a renúncia.

Neste tipo de mortificação, o exemplo do Pe. Champagnat nunca será louvado condignamente. Jamais conseguiremos avaliar quanto lhe custou a partilha das privações, dos trabalhos e da vida dura dos Irmãos, para formá-los, instruí-los, corrigir-lhes os defeitos, educá-los na virtude, afirmá-los na vocação, prepará-los ao magistério e fazer deles verdadeiros religiosos. De quanta abnegação, caridade, paciência, espírito de sacrifício não precisou para unir sua existência à dos pobres rapazes vindos das montanhas, e trazendo ignorância geral, modos grosseiros e todos os defeitos próprios às pessoas não-educadas; para viver, trabalhar, recrear-se, rezar com eles; pôr-se a serviço deles e lhes testemunhar toda a ternura de um pai!

Embora a maioria correspondesse às atenções e desvelos, dando-lhes muitas consolações, é certo que a educação deles exigiu-lhe sacrifícios e muita solicitude. É igualmente certo que o comportamento pouco religioso de outros mergulhou, muitas vezes, seu coração na angústia e na amargura e constituiu para ele longo exercício de paciência e mortificação. Mas a sua virtude sempre pairou mais alto. apesar de todos os obstáculos e disabores, nunca o viram esmorecer, irritar-se, ceder ao mau humor, desfazer-se em recriminações, nem manifestar o menor sinal de aborrecimento ou contrariedade. Quando fosse necessário advertir, repreender, corrigir, procedia sempre com bondade, visando a recuperar o ânimo e infundir confiança. Sentia-se nele um pai que falava e cuja única finalidade era o bem e a correção do faltoso.

Assim mesmo, sucedeu algumas vezes que um ou outro recebesse mal a repreensão, chegando a ponto de desacatá-lo com linguagem áspera. Em tais ocasiões, em vez de fazer uso de sua autoridade e se mostrar severo, calava-se. Rezava pelos ingratos que abusavam de

sua bondade e condescendência. Certa vez, um Irmão repreendido por ele atreveu-se a replicar-lhe com arrogâncias. O Padre o largou de mão e foi ajoelhar-se diante do Ssmo. Sacramento, rezando pela conversão do Irmão rebelde.

Noutra ocasião, um Irmão se mostrou muito ofendido por uma reprimenda, feita embora com muita bondade. Passadas algumas horas, a calma e a reflexão fizeram-no reconhecer sua falta. Foi ter com o Padre, prostrou-se a seus pés, pedindo-lhe perdão e suplicou-lhe esquecesse os seus erros e não conservasse nenhum ressentimentos. "Eu! Ficar resistindo com você? Ah! Prezado amigo, Deus me livre! Graças a Deus jamais uma gota de fel penetrou no meu coração, nem o menor ressentimentos, [906]nem contra você, nem contra nenhum de meus Irmãos". Isto dizendo, levantou o Irmão e abraçou-o com carinho. Poderíamos. Poderíamos multiplicar fatos semelhantes.

3. Mortificações inerentes ao estado religioso. Este tipo de mortificação equivale à exata observância da Regra. A fidelidade, a pontualidade à Regra, consagra totalmente o religioso a Deus por um holocausto perpétuo que se repete a cada instante do dia. Compreende-se que é necessário empunhar continuamente o gládio da mortificação e exercer constante vigilância sobre si mesmo para manter a fidelidade a todas as prescrições da Regra, isto é, estudar, observar o silêncio, cumprir bem o seu dever, praticar a pobreza, a observância, a humildade, a modéstia, a caridade e as demais virtudes do próprio estado.

"Quem vive desta forma, faz uma penitência imperceptível aos olhares humanos, mas infinitamente meritória para o céu e agradabilíssima a Nosso Senhor. Em resumo, quem vive assim, vive segundo a vontade de Deus. Vocês compreendem isso? Ele vive, não segundo o homem, não segundo a carne, não conforme suas paixões, seus caprichos, seu humor; não de acordo consigo mesmo, nem segundo o mundo e, menos ainda, segundo satã, porém segundo Deus e os exemplos de Jesus Cristo e dos santos. Uma vida assim, é preciso confessá-lo, sacrifica a natureza e não é a toa que os santos a denominam de martírio. Com efeito, para viver segundo Deus, ou seja, segundo a Regra, é

---

[906]. Ele dirá, no Testamento espiritual: "... embora não me lembre de ter voluntariamente causado desgosto a ninguém".

preciso lutar constantemente contra a carne, as paixões, o mundo, o demônio. É preciso sacrificar a Deus todas as potencialidades da alma e todos os sentidos do corpo".

Como sempre, o Pe. Champagnat confirmava com seus exemplos as instruções que ministrava. Era sempre os primeiro a comparecer aos exercícios comunitários, o primeiro na oração e no trabalho, o primeiro na prática da pobreza, da humildade, da modéstia e de todas as virtudes religiosas; o primeiro a sacrificar-se para a glória de Deus, para a santificação dos Irmãos e para o bem do Instituto. Não pensemos que a fidelidade lhe tenha custado pouco. Para ele, como para todos os que são fiéis, foi objeto permanente de mortificação e de abnegação. Atesta-o ele próprio em confidência a um Irmão: "Há mais de vinte anos que eu me levanto às quatro horas, mas ainda não me acostumei. Cada dia é para mim novo sacrifício. Francamente, tenho pena dos jovens Irmãos, a quem isto deve custar muito. Há certas coisas com as quais nuca nos habituaremos. Para mim, o levantar é uma delas" embora lhe custasse, como ele mesmo declarou, nunca deixou de levantar-se exatamente à hora marcada. Pode-se afirmar dele o que se diz de S. Vicente de Paulo:[907] a segunda batina do sino jamais o encontrou em posição idêntica à primeira. Aliás, na maioria das vezes, levantava-se antes das quatro horas, porque os trabalhos diários os absorviam ao repouso para rezara o ofício, meditar, atos que para ele constituíam necessidades e prazer. Tal pontualidade no levantar durou a vida inteira.

Nos seus últimos anos, já habitualmente enfermo, não atendia aos que lhe pediam usasse mais tempo para o repouso. Ele mesmo sentia que este repouso lhe era necessário e lhe daria alívio, mas não podia resignar-se a permanecer deitado. Logo que ouvia o sino, saltava da cama. Com alguém lhe observasse que estava se tratando com muito rigor e que não era lícito maltratar tanto a natureza, respondeu: "Se a gente quisesse atender aos reclamos da natureza, sobretudo a certa altura da vida, precisaria de constante dispensas, e, sob o pretex-

---

907. "Imaginar que o sino é a voz de Deus e, no instante que soa, pular para fora da cama" (P. COSTE, S. *Vicente de Paul* III, Paris, 1921, p. 542. "Sim, senhores, até o levantar da manhã me parece um grande problema e as menores contrariedades se me afiguram insuperáveis" (ibd., XII, p. 93).

to de alguma doença, não se observaria mais a Regra. Equivale a dizer que seríamos religiosos apenas de nome. Acaso seria razoável sacrificar a perfeição, o dever e a alma para conservar a saúde do corpo ou para poupar-o dever e a alma para conservar a saúde do corpo ou para poupar-lhe leves e rápidos sofrimentos?"

"*Quando era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança".* [908] O Pe. Champagnat, tanto na vida de criança como na de adulto, imitou o grande Apóstolo. Na infância custava-lhe muito levantar cedo. Cada vez que os pais vinham acordá-lo e obrigavam-no a levantar, murmurava baixinho: "Quando eu for grande e senhor de meu nariz, hei de me deitar e dormir a meu bel-prazer". Já adulto e dono de si mesmo, apesar da propensão que sentia para o repouso, ter-lhe-ia custado mais continuar deitado, que ergue-se da cama quando menino. Por aí vemos como a graça e o espírito de sacrifício transformam os homens.

É de se lamentar que muitos religiosos possuem de homem somente o tamanho e a barba, enquanto os sentimentos e a conduta continuam de criança a vida inteira! Dão a impressão de terem ingressado na vida religiosa para serem alisados, terem vida cômoda e viverem mais tempo. Tais pessoas, afirma Sta. Teresa vivem inventando pretexto para satisfazer a natureza, em prejuízo da Regra.[909] Hoje, não se levantam ou se dispensam de qualquer outra observância alegando dor de cabeça. Amanhã, porque a tiveram na véspera, e nos dias subseqüentes, com receio de que a dor volte. Infelizes os monges que preferem a sanidade à santidade, concluía S. José de Calazans.[910]

---

[908]. 1Cor 13,11.

[909]. Para Sta Teresa, a observância da Regra é mortificação bem meritória: "Não observamos certos itens da Regra, como, por exemplo, o silêncio, que não nos fazem mal; e inventamos novas penitências para depois não cumprirmos nem esta nem aquelas" (cf. ª M. LIGUORI, *La religieuse sanctifiée,* vol. VIII, cap. VII, P. 148). "Se nos empenhamos em cumprir fielmente nossa Regra e nossas Constituições, espero que, em sua bondade, o Senhor acolherá favoravelmente nossas orações. Não lhes peço nada de novo, mas somente cumprir aquilo que nossa profissão exige; afinal, é nossa vocação e nós nos comprometemos a isso" (SAINTE THÉRÈSE, Oeuvres complètes: Lê chemin de la perfection, Paris, Ed. Fayard, 1963, p. 265).

[910]. "Infeliz do religioso que faz mais questão da sanidade que da santidade"

4. Outra espécie de mortificação interior vêm a ser as *mortificações permitidas pela Providência*, doenças e achaques corporais, tentações, a aridez, as tristezas e as demais provações da vida espiritual, a inclemência das estações, o frio, o calor e todas as ocasiões de sofrer encontradas no trabalho, o clima, a casa em que moramos, os acontecimentos, os acidentes desagradáveis, as aflições de toda espécie, venham donde vierem. "Esta espécie de penitência", dizia o piedoso Fundador, "é extremamente agradável a Deus, porque vem diretamente de sua mão e ao aceitá-la fazemos simultaneamente ato de mortificação e ato de conformidade à santa vontade de Deus".

Um postulante, ao ingressar no Instituto, perguntou quais as penitências extraordinárias que a Regra prescrevia. "Nenhuma", respondeu o Pe. Champagnat. Como o jovem estranhasse e parecia mesmo escandalizado, acrescentou: "Embora a Regra não nos obrigue a usar o cilício, nem tampouco a nos infligir a disciplina, nunca nos faltarão oportunidades de mortificação. A vida comunitária, o magistério, a fidelidade à normas, fornecem campo vastíssimo de privações e sacrifícios para quem deseja praticar a renúncia e consagrar-se a Deus. Primeiramente, você vai exercitar-se nisto. O bom aproveitamento de todas essas ocasiões de penitência basta para que se torne bom religioso. Quanto ao mais, futuramente poderemos acrescentar alguma coisa, se necessário".

(TALENTI, Vie de Saint Joseph Clazance, Livre VI, cap. IX).

CAPÍTULO DOZE

A humildade

Ao tratar da obrigação de praticar a humildade, que têm todos os cristãos, Sto. Agostinho[911] não hesita em afirmar ser esta virtude a mais essencial e importante de todas: "Se me consultassem a respeito do que é mais importante praticar na religião cristã, eu respondência que é a humildade. E, se me fizessem a mesma pergunta cem vezes, eu daria cem vezes a mesma resposta. E mais, se desejassem saber a quem julgo o mais perfeito de todos os santos, eu responderia: é o mais humilde".[912] Dizia S. Cipriano, num discurso sobre o nascimento de Cristo: "O primeiro passo a dar na prática da virtude, como o primeiro passo que nosso divino Salvador deu ao entrar no mundo, consiste em humilhar-se, pois o fundamento da santidade sempre foi a humildade". Acrescenta ainda Sto, Agostinho: "O edifício da perfeição não pode ter outra base a não ser a humildade. Esta base há de ser tanto mais profunda, quanto mais elevado o edifício".[913] O mesmo nos ensina S. Crisóstomo:[914] "Se vossas esmolas, jejuns, orações mortificações e todas as boas obras não tiverem como base a humildade, tereis trabalhado em vão, e vossa casa vai desmoronar". A mesma doutrina, com outras palavras, adora S. Gregório: "Aquele que se esforça por adquirir muitas virtudes sem a humildade age como aquele que apanha poeira e a joga pelos ares: o vento a carrega no mesmo instante".[915]

A convicção destas verdades levou o Pe. Champagnat a se afeiçoar de modo especial à humildade e mais tarde a fazer da prática desta virtude o caráter distintivo de seu Instituto. Desde que resolveu dar-se totalmente a Deus, fez um exame introspectivo para descobrir seus de-

---

911. "A primeira senda é a humildade; a segunda, é a humildade; a terceira, é também a humildade: dar-vos-ia sempre a mesma resposta se me perguntásseis" (STO. AGOSTINHO, *Cartas* 118, a Dióscoro 22).

912. PPC, partie II, traité III, chap. II.

913. Sto. Agostinho, *Sermão 69,2*.

914. S. João Crisóstomo, Homilia sobre S. Mateus, 15,2.

915. S. Gregório, Salmo 3,3.

feitos e resolveu atacar, em primeiro lugar, o orgulho, considerando-o, com razão, o maior inimigo das virtudes e o maior obstáculo à perfeição. Por muito tempo tomou essa virtude por assunto de exame particular. Compôs uma prece que rezava diariamente, pedindo a Nosso Senhor a humildade, pela intercessão de Maria e dos santos padroeiros.[916] Para suas leituras espirituais usava o *Livro de Ouro*[917] ou, então, outro o título: *Menosprezo de si mesmo*.[918] Eram os dois livros de predileção. Leu-os e meditou-os durante toda a vida.

Tinha tão baixo conceito de si mesmo que os atos de humildade, por assim dizer, não lhe custavam nada. Vivia e agia no meio dos Irmãos como o servo de todos. Compartilhava dos trabalhos deles, reservando sempre para si os mais penosos e repugnantes. Quantas vezes viram-no carregando argamassa, retirando esterco da estrebaria, descendo nas fossas do esgoto para limpá-las! Sempre aparecesse algum serviço difícil, estava pronto a fazê-lo. Habituaram-se tanto a vê-lo agir assim, que quase nem mais se davam conta.

Após um retiro em Belley, seus confrades pediram-lhe que lhes dirigisse algumas palavras de edificação. Desculpou-se, alegando incapacidade. Levado finalmente a ceder às instâncias. Falou-lhes pr alguns minutos, com satisfação geral. Surpreso e confuso ao notar que o escutavam com muita atenção, pára de repente e se retira dizendo: "Estou abusando de vossa paciência e vos faço perder tempo. Sabeis e praticais todas essas coisas melhor do que eu".[919]

---

916. OME, doc. 6 (3), p. 38.

917. *Lê livre d'or* ou a Humildade em prática para levar à perfeição é útil para todos os fiéis (nova edição, Paris, Victor Lecoffre, J. Gabalda, 1917, formato 7,5cm X 11, 126 P.). Prólogo: "Este pequeno tratado não é um livro novo oferecido às almas fiéis: é conhecido, há mais de um século, como sendo uma das melhores instruções sobre a humildade; cinco ou seis edições sucessivas, feitas em diferentes épocas e logo esgotadas, são o testemunho de sua utilidade" (*Lê livre d'or* era um dos livros que os Irmãos deviam trazer para as férias em 1'Hermitagem. *Régle* de 1837, cap. X, art. 5);

918. Joseph Ignace FRANCHI, *Traité de l'Amour du mépris de soi-même*, Lyon, 1803. O Pe. Colin também prezava muito este livro (cf. OM 2, doc. 471 [2]; 550; 726).

919. "O Pe. Champagnat, tendo sido encarregado de nos fazer exortações num retiro, após falar algum tempo... pediu desculpas pelo tempo que perdíamos, ouvindo-o"

De outra feita, voltando do retiro com os mesmo padres, alguns dos quais se preparavam para ir às missões estrangeiras, tomou-lhes os pertences, dizendo: "Deixem-me carregá-los, pelo menos participarei assim um pouco do bem irão realizar". Diante da recusa dos padres, insistiu: "Deixem-me levá-los. Sou camponês[920] habituado a trabalhos pesados". Dizendo isso, apanhou os sacos, colocou-os nos ombros e com grande satisfação carregou-os por muito tempo.

Nem o êxito do Instituto, nem o grande bem realizado pelos Irmãos, que todos enalteciam, jamais conseguiram alterar-lhe o humilde conceito que tinha de si mesmo. "A fundação do Instituto e seus progressos são obras de Deus e não nossa", repetia freqüentemente. "Foi Ele quem tudo fez. À proteção de Maria devemos esta bênção e todos os nossos Êxitos. Quanto a nós, só sabemos é estragar o que Deus nos confia. Devemos, pois rogar-lhe proteja sempre esta comunidade, tendo em vista as nossas faltas".

Viajando certa vez com dois ou três Irmãos, um sacerdote que estava no mesmo veículo, impressionado com o recato deles, perguntou ao Pe. Champagnat quem eram aqueles religiosos.

-São Irmãos que lecionam às crianças do meio rural, respondeu.

-Como se chamam?

-Irmãozinhos de Maria.

-Quem fundou a comunidade?

-Não se sabe ao certo, replicou o Pe. Champagnat, um tanto embaraçado. Alguns jovens se agruparam, compuseram um regulamento de acordo com seus objetivos, um coadjutor cuidou deles, Deus lhes abençoou os propósitos muito acima de qualquer expectativa humana.

Após essas palavras, ditas com grande simplicidade, mudou de assunto.

Cera vez alguém lhe disse:

(OME, doc. 155, p. 362).

920. O Pe. Terraillon, não querendo atravessar a cidade com seus embrulhos, resolveu deixá-los... "Me dá, me dá aqui", disse o Pe. Champagnat, que já estava carregando um grande pacote: "sou camponês, isto não me cansa". Apanhou e carregou os dois pacotes (OME, doc. 159, p. 372).

-Padre, várias pessoas espalham por aí que nos primórdios do Instituto deram-se fatos maravilhosos.[921]

-Tais rumores três mais fundamentos do que talvez possa parecer. Que maior milagre pode haver, por exemplo, do que Deus ter-se servido de semelhantes homens para começar essa obra? Deus escolheu pessoas sem virtude, sem talento, carentes de recursos humanos; quis servir-se da própria miséria para fundar essa Congregação, a fim de que toda honra e toda glória lhe fossem atribuídas e que ninguém jamais duvidasse ser somente Ele o realizador de tudo.

Tais sentimentos de humildade o acompanharam pela vida inteira e se tornaram mais acentuados com o passar dos anos. Levaram-no a dizer, pouco antes de expirar, quando aludiam ao prejuízo que seu desaparecimento iria causar ao Instituto: "Sou inútil aqui no mundo. Mais que isso, estou profundamente convencido de que represento um estorvo[922] para o bem e que depois da minha morte a comunidade andará melhor do que durante minha vida".

Resta-nos, agora, relatar o que fazia para infundir a humildade aos Irmãos e levá-los a amar essa virtude. Ao fundar o Instituto, o Pe. Champagnat propunha dupla finalidade: proporcionar o benefício da instrução cristã às crianças pobres do campo e honrar Maria, pela imitação de suas virtudes e a difusão de seu culto. Mas como a Virgem Maria, modelo de todas as virtudes, brilhou sobretudo pela humildade e como a função de educador da infância e, de per si, um ofício humilde, quis que a humildade, a simplicidade e a modéstia fossem o caráter específico do Instituto. E para que os Irmãos compreendessem bem seu pensamento, deu-lhe o nome de Irmãozinhos de Maria (Petitis Frère de Marie) a fim de que, através do nome, se lembrassem continuamente do que deviam ser.

O termo *petit,*[923] que choca certas pessoas é considerado por outras

---

[921]. OME, doc. 156 (1), p. 362; AA, p. 148-149 e *Revista Nova Aurora*, São Paulo, ano 17, mar./1991, p. 37-39: A estatueta de Nossa Senhora.

[922]. Cf. AA, p. 115.

[923]. O adjetivo petit (pequeno) tinha, em primeiro lugar, uma função social opondo os Irmãs do setor rural aos Irmãos das Escolas Cristãs, os *Grands Frères*, que só trabalhavam nas cidades (cf. P. ZIND, NCF, p. 86). Mas embutido no próprio nome do Instituto, conserva todo o significado aqui exposto. Mais pormenores históricos

como supérfluo e inútil, e constitui um enigma para quem não conhece o espírito da Congregação. Não foi dado aos Irmãos, por acaso, e não sem motivo. No pensamento do piedoso fundador[924] esse vocábulo deve relembrar aos Irmãos que o espírito de sua vocação é um espírito de humildade, que sua vida há de transcorrer humilde, obscura e desconhecida do mundo; [925] que a humildade deve ser a virtude predileta. Pelo exercício cotidiano da humildade trabalharão eficazmente na própria santificação e na santificação dos jovens e eles confiados. O adjetivo *petit* constitui, a rigor, a marca e o modelo do Instituto. E o espelho que reflete constantemente o espírito do piedoso Fundador, ensina e mostra a cada Irmão o que deve ser e o modo de ser.

Após assinalar aos Irmãos, pelo nome que lhes dava, o espírito que devia animá-los, empenhou-se incansavelmente em formá-los à humildade e simplicidade. A primeira lição que lhes dava, ao admiti-los ao noviciado, era sobre a humildade, e recomendava trabalho constante na aquisição dessa virtude, fundamento de todas as demais. O primeiro livro que lhes punha nas mãos era *o Livro de Ouro ou Tratado sobre a humildade.* Todos tinham obrigação de tê-lo e meditá-lo com esmero para impregna-se profundamente dos sentimentos e da virtude que a obra procura despertar no espírito e no coração do leitor. No mesmo intuito impunha trabalhos braçais aos postulantes e noviços, e formava-os na manutenção e limpeza da casa. Queria que a pobreza sempre se refletisse na alimentação, no traje, no alojamento, porquanto para o verdadeiro religioso duas companheiras inseparáveis devem ser a pobreza e a humildade.

O orgulho era o primeiro vício que procurava erradicar nos postulantes e jovens Irmãos, pois o considerava o maior inimigo da humildade e mais avesso ao espírito do Instituto. Reconhecia o orgulho nos multiformes disfarces e combatia-o sempre que o encontrasse. Assim sendo, humilhava sempre aqueles nos quais descobria vaidade e autosuficiência, repreendia-os publicamente, empregava-os nos trabalhos

---

em P. ZIND, O *B.M. Champagnat e seus pequenos Irmãos de Maria*, Belos Horizonte, Centro de Estudos Maristas. 1988, p. 12-14;31-33.

924. O Pe. Champagnat, nos seus escritos, usa esse adjetivo só raramente; a maioria das vezes fala de Irmãos de Maria.

925. Expressão freqüentemente repetida pelo Pe. Colin, falando aos Padres Maristas

mais humildes, retirava-os do ensino, quando notasse que a ciência os inflava, ou então, limitava-lhes o estudo às matérias mais indispensáveis.

Certo Irmão, durante o catecismo, usou algumas palavras rebuscadas. O Padre, que o escutava, mandou chamá-lo depois da aula e lhe disse: "Fiquei muito mal impressionado com a pretensão tola de que você deu prova na sua catequese. Por que não usa termos mais simples para transmitir a doutrina? Que significa para seus alunos, esta expressão *Celeste Sião*? Acaso não entenderia melhor se dissesse paraíso? Tivesse o espírito de sua vocação, você seria mais humilde, mais modesto e não se deixaria levar pelas inspirações da vaidade. Em vez de fraseado, você falaria a língua de todos os dias para ser compreendido até pelos mais jovens e ignorantes".

A outro Irmão que, ao corresponder-se com ele, empregara alguns termos sofisticados, respondeu: "Meu Irmão, não consigo decifrar sua carta: venha explicá-la". Quando o Irmão esteve em sua presença, aplicou-lhe uma boa reprimenda que terminou com estas palavras: "Os verdadeiros Irmãozinhos de Maria esforçam-se por imitar sua divina Mãe e adquirir-lhe o espírito. Para tanto, conservam-se na simplicidade e modéstia quando falam ou escrevem; usam as expressões mais simples. Ao contrário, aqueles que, como você, perdem o tempo construindo frases complicadas, para alardear cultura quando não sabem nada, não têm o espírito da Ssma. Virgem, não têm espírito do Instituto, mas o espírito de orgulho. Não recaia em semelhante falta, pois na próxima vez não vai ficar apenas numa simples repressão". O Irmão prometeu muito não recomeçar e cumpriu a palavra.

O Pe. Champagnat tinha reconhecida aversão aos elogios. Bastava elogiá-lo para que se retirasse. Uma de suas máximas era que não se devia elogiar ninguém durante sua vida, ou, em termos mais populares, só confiava nas relíquias dos santos depois de mortos. "Os elogios podem causar grande mal aos jovens irmãos, dizia. É ignorando as virtudes e as boas qualidades que os jovens as conservam. Se, pelo contrário, as gabamos com elogios fora de propósito, o demônio do orgulho serve-se disse para arrebatar-lhes esse tesouro.

Certa vez, o prefeito de um município que o Pe. Champagnat visitava em companhia do Irmão Diretor, dirigiu os maiores elogios ao valor, à

capacidade e dedicação deste Irmão. Quando saíram, o Padre disse ao Irmão: "Você ficou muito satisfeito com os elogios, não ficou? Foi tudo fumaça. Estou com medo que a fumaça possa fazê-lo perder a cabeça. Falo-lhe com franqueza, porque o estimo e pareceu-me que os elogios lhe causaram visível prazer. Previno-o, portanto, se der importância a tais futilidades, você está perdido". O piedoso Fundador falava a pura verdade. O Irmão, envaidecido pelos talentos e pequenos sucessos, perdeu a piedade, o espírito religioso e finalidade abandonou a vocação.

Para combater o orgulho e conquista a verdadeira humildade, o Pe. Champagnat apontava os quatros meios seguintes:

1. Procurar conhecer-se. Aconselhava: "Quando satanás lhes suscitar pensamentos de vanglória, destacando-lhes as boas qualidades, virem a medalha; vejam os defeitos e todo o mal que praticaram. Ou então, mergulhem no abismo do seu nada, reflitam no que são perante Deus e o que vocês têm de próprio. Examinando-se com seriedade, perceberão duas coisas: primeiro, o bem que há em vocês é reduzidíssimo e esse pouco bem é obra de Deus; segundo, que se acham cheios de vícios, más inclinações e defeitos. Não há crimes, por maiores que sejam, que não possam cometer e aos quais a natureza corrupta não os predisponha. Se não cometem desordens mais graves, devem-no unicamente à misericórdia do Senhor, segundo estas palavras de Sto. Agostinho: [926] Não há pecado cometido por um homem, que qualquer outro não possa cometer, se a mão que fez o homem cessar de ampará-lo".
2. *Meditar assiduamente nas vantagens da humildade e nos males produzidos pelo orgulho.* Recomendando a leitura do livrinho mencionado acima, o Pe. Champagnat indagou uma vez por que razão essa obra era denominada *Livro de Ouro* e ele próprio respondeu: "Porque a humildade, de que trata, está entre as virtudes, como o ouro entre os metais. Todos sabem que o ouro é o mais precioso dos metais. Por isso é o mais raro e o mais procurado. Quando se quer fazer um grande elogio a al-

[926]. Sto. Agostinho, Sermão 99,6.

guém, a alguma coisa, diz-se simplesmente: é de ouro, isto é, não somente é bom, mas ótimo, perfeito. O mesmo acontece com o religioso profundamente humilde. Dele pode-se dizer, que é de ouro, porque todas as suas virtudes são verdadeiras, sólidas, fortes".

"A humildade é um aroma que conserva as virtudes. O orgulho, um tóxico que as estraga. Vicia as ações e boas obras antes, durante e após a execução. Numa pessoa dominada e influenciada pelo orgulho, as melhores coisas perdem o brilho, o mérito e mudam-se em lama. A soberba imita a água de um goteira que, ao cair na viga mestra, em pouco tempo causa seu apodrecimento, fazendo cair o telhado e com ele o edifício. O orgulho não se comporta como os demais vícios que, ordinariamente, atacam apenas uma virtude. O orgulho combate e destrói todas elas. É impossível a prática da virtude para quem se deixa dominar por esse vício horrível. De fato, ser piedoso, entreter-se amiúde com Deus pela oração, freqüentar os sacramentos com proveito e ainda ser orgulhoso é uma coisa impossível. Deixar-se guiar pela obediência, aceitar as diretivas do superior, não manifestar preferência por lugares e encargos, e não ser humilde, é coisa impossível. Praticar a caridade, viver em paz com os coirmãos, suportar-lhes os defeitos, ceder quando necessário, e não ser humilde, é o que vocês nunca encontrarão. Suprimir a humildade é destruir todas as virtudes. Não foi sem motivo que Nosso Senhor falou: '*Aprendi de mim que sou manso e humilde de coração'*.[927] Não foi sem motivo que nos deixou tantos exemplos maravilhosos de humildade.[928] Sabia quanto esta virtude nos é necessária. Sabia o mal que nos causa o orgulho! Porém, o mais incompreensível é ser o homem orgulhoso perante um Deus tão profundo humilhado"!

3. Procurar, a todos custo, *praticar a obediência e a caridade*; as faltas mais comuns e mais perigosas provocadas pelo orgulho são: mur-

---

[927]. Mt 11,29.

[928]. "Começa, desde já, a pregar pelo exemplo o que mais tarde vai ensinar pela palavra: Aprendi de mim que sou manso e humilde de coração (Mt 11,290... Peço-vos, pois, encarecidamente, meus irmãos, não permitais que tão precioso modelo seja inutilmente colocado antes vossos olhos, amoldai-vos a ele e renovai-vos nas profundezas da alma" (S. Bernardo, Primeiro sermão para o dia de Natal, 1)

murar, ser respondão, aceitar com frieza, com indiferença as ordens do superior, cumprir de má vontade ou segundo as idéias próprias, suas determinações; recusar até mesmo obedecer, vangloriar-se, querer dominar em toda parte, desrespeitar os coirmãos, alimentar antipatias contra aqueles que não combinam conosco. Ora, a obediência e a caridade ajudam a evitar todas essas faltas. Aliás, qualquer ato de obediência ou de caridade é, ao mesmo tempo, ato de humildade. Acrescentava, por isso, o Pe. Champagnat: "Nada resulta em maior eficácia na luta contra o orgulho do que a Vicência dessas duas virtudes. apresentem-me uma comunidade onde os Irmãos se deixam dirigir como crianças, onde obedecem em tudo à orientação que lhes é dada, onde se respeitam e se suportam mutuamente, em suma, onde se amam pois a caridade abrange tudo, e nela não haverá a mínima discórdia. A união será perfeita e a casa se assemelhará ao paraíso. Mas a comunidade onde há pessoas orgulhosas assemelha-se ao inferno, porque o orgulho fera as revoltas, as rixas e tudo o que perturba e semeia a inquietação e a desarmonia entre os Irmãos. Orgulho, que coisa detestável! Não me surpreende, pois, saber que Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes".[929]

4. *Conservar a modéstia em tudo e toda parte*. "É próprio dos orgulhosos, acrescentava o bom Padre, aparecerem, exibirem seus talentos e qualidades, desejarem ser conhecidos, louvados, adulados e alardear o bem que fazem. O natural da modéstia é ocultar-se. Aquele que possui essa virtude vive desconhecido na comunidade. É simples nas atitudes, nos gestos, nas palavras e em tudo o que faz. Se possui talentos, não se vangloria. Não se percebe nele auto-suficiência, nem altivez, nem arrogância. Enfim, nada que fira a modéstia. Desejando unicamente a glória de Deus, pratica o bem sem barulho, não procura aplausos, nem busca razões para que falem nele na sociedade".

"Conheço um Irmão que, nesse particular, pode servir de exemplo a todos os seus coirmãos. Excelente religioso, embora possuidor de muitos predicados e muito instruído, regia uma classe do curso primário. [930] Era diplomado, responsável pela escola e professor efetivado

---

[929]. Pr 3, 34; Lc 1,51; 1Pd 5,5; Tg 4,6.

[930]. No original: petite classe, i. é turma de alunos em que sóera ensinado a ler; a turma em que se ensinava também a escrever já era uma grande classe.

pelo município. Era ele que preparava os modelos de caligrafia e os cartazes. Pois bem, era tanta a sua modéstia e humildade, que por vários anos nenhuma pessoa estranha, tampouco nenhum aluno, chegou a saber disso. Atribuíam ao Irmão Diretor o diploma, os maravilhosos modelos caligráficos e tudo aquilo que na escola prendia a atenção dos alunos e conquistava a simpatia dos pais. O Irmão, professor da primeira série primária, nunca disse uma palavra sequer para manifestar a importância que tinha no êxito da escola. Em vez disso, ocultava seus talentos e tudo o que fazia para o bem da escola fazia-o com tanto cuidado que, na paróquia, todos acreditavam que ele não sabia escrever. O bom espírito, a modéstia e humildade desse autêntico Irmão de Maria causam admiração e estão acima de todos os elogios. Assim devem comportar-se todos os membros do Instituto. Pessoas assim constituem um tesouro para a comunidade e uma fonte de bênçãos para as casas que têm a felicidade de os ter"

finalmente, o Pe. Champagnat não só queria que os Irmãos praticassem a humildade individualmente, como queria também considerassem sua comunidade como a menor da Igreja. Tão possuído estava com esses sentimentos, que muitas vezes aconselhava postulantes a se dirigirem a outra Congregação, particularmente aos Irmãos das Escolas Cristãs: "Lá encontrarão tudo bem arrumadinho e uma regularidade perfeita. Lá vocês poderão dar expansão a seus talentos e realizarão maior bem".

Certa vez, o Pe. Douillet, diretor do seminário menor de La Cote-Saint-André, apresentou-lhe um jovem, a cujo respeito teceu rasgados elogios. Reação de Champagnat: "Por que não entra para os Irmãos das Escolas Cristãs? É a Congregação que melhor lhe conviria; se eu fosse você, iria sem vacilar". Freqüentemente exortava os Irmãos a que tivessem muita consideração pelos membros de outras congregações e lhes prestassem todos os serviços possíveis. "Não tenham invejam de quem quer que seja, com maior razão daqueles que Deus chamou a trabalhar como vocês, na vida religiosa e na educação da juventude. Sejam os primeiros a aplaudir seus triunfos e a lamentar seus insucessos. Não dêem ouvidos aos que visem a prejudicá-los e cedam-lhe o lugar sem constrangimen-

to."[931]

O piedoso Fundador sempre orientou sua conduta por esses sábios princípios. As autoridades de várias comunas freqüentemente lhe pediram, como insistência, lhes enviassem Irmãos para substituir os Irmãos das Escolas Cristãs, sob o pretexto de que estes rejeitavam as mensalidades e que seus vencimentos significavam ônus excessivo para o municípios. Ele, porém, recusou energicamente tais propostas e repetia que nunca se prestaria a semelhante manobra. "Não viemos para substituir os discípulos do venerável Pe. De La Salle", observava aos Irmãos. "Jamais poderemos fazer isso. Nós formos fundados para supri-los, para fazer o que eles não podem e para ocupar as pequenas localidades, onde, conforme as Constituições, eles não podem ir. Esses excelentes religioso são nossos modelos: jamais nos faremos tão bem quanto eles. Se não nos é possível igualar-nos a eles, esforçar-nos aproximarmos deles, tanto melhor nos sairemos".

[931]. Cf. Testamento espiritual do Pe. Champagnat (OME, doc. 153 [4], p. 344).

CAPÍTULO TREZE

Amor à pureza, horror ao vício contrário e ao pecado em geral.

Homem tão humilde e mortificado não podia deixar de ser muito casto, pois a natureza constitui o resultado e o prêmio da humildade e da mortificação. Desde a mais tenra infância, o Pe. Champagnat demonstrou grande amor à modéstia e notável horror a qualquer palavra ou ação contrária a essa virtude. Declara uma testemunha que o conhecera intimamente na infância: "Embora gostasse muito de jogar e brincar com os colegas de sua idade, ficava sério, mostrava repulsa e chegava a retirar-se, caso algum colega se permitisse, na sua presença, a mais insignificante atitude que ferisse o decoro".[932] A predileção que dedicava à encantadora virtude cresceu muito na fase de seus estudos, em decorrência dos ensinamentos recebidos a respeitos nos seminários menores. E, compreendendo que a pureza é dádiva divina, impossível de se conseguir pelas próprias forças, pediu-a com insistência a Nosso Senhor e à Ssma. Virgem. Era uma de suas principais intenções nas orações, comunhões e nas múltiplas visitas ao Ssmo. Sacramento.

Convencido, entretanto, de que suas preces só teriam atendidas na medida em que ele usasse os meios prescritos pela religião a todos os homens, para se conservarem na pureza perfeita, exerceu permanente vigilância sobre o coração, os pensamentos e ações, para evitar tudo o que pudesse dar acesso à tentação e às sugestões do inimigo da salvação. Sendo a ociosidade, [933] a gula e a soberba as causas do vício impuro, declarou-lhes guerra sem tréguas e empenhou-se, de maneira especial, na prática das virtudes contrárias. Foi através do exercício contínuo dessas virtudes, pela oração, pelo amor a Nosso Senhor, por uma devoção muito terna à Virgem Santíssima, pela vigilância e pela fuga das ocasiões, que atingiu a pureza perfeita, que num corpo mortal o tornou semelhante aos anjos. Como toda virtude traz consigo a força

---

[932]. No original: modestie. No tempo em que escrevia o Ir. João Batista, o sentido mais comum do vocábulo era decoro, pudor, reserva.

[933]. Siracides recomenda: "Manda-o para o trabalho, para que não fique ocioso, pois a ociosidade ensina muitos males" (Sr. 33, 28).

de comunicar-se, ele tinha o dom peculiar de inspirar o amor à pureza, consolar, aliviar e fortalecer os que sofriam tentações violentas contra a bela virtude. Muitas vezes bastava abrir-lhe o coração para que se dissipassem essas incômodas e humilhantes tentações. Outros, até afirmavam que bastava resolverem ir se desabafar com ele para se verem livres delas.

Convencido de que a fuga das ocasiões é o meio mais seguro de conservar imaculada a pureza, o santo Fundador deu aos Irmãos as mais prudentes diretivas para pô-los a salvo das ciladas do inimigo da salvação e permitir-lhes evitarem tudo o que fosse perigo para a virtude. Assim, quer que vivam retirados do mundo e nunca saiam sem real necessidade. Nas visitas estejam sempre em dois. Sejam breves com todos, particularmente com as senhoras,[934] que só serão admitidas na portaria. Além disso, quer que a portaria [935] fique aberto todo o tempo da visita.

Nos relacionamentos com os alunos, os Irmãos devem ter grande recato e evitar toda espécie de familiaridade, [936]quaquer demonstração de amizade excessivamente humana, tudo o que se oponha à mais rigorosa modéstia e possa torna-se ocasião de tentação. Em conseqüência, pede que os Irmãos evitem segurar os meninos pela mãos, tomar-lhes o rosto, abraçá-los e manifestar-lhes qualquer outra prova de afeição, indiferente em si mesmo, porém capaz de servir à malícia do demônio para desencadear a tentação. Zelava de tal maneira pela observância dessas prescrições consideradas por ele guardiãs da pureza que, anualmente, no retiro espiritual, as relembrava e recomendava encarecidamente aos Irmãos lhes permanecessem fiéis. Mais ainda, obrigava cada Irmão, testemunha de alguma transgressão dessa diretivas, a informá-lo o mais cedo possível.

O Pe. Cattet, Vigário Geral, quando de uma visita a 1'Hermitage, recomendou aos Irmãos que se abstivessem de castigos corporais e corrigissem os meninos sem desanimá-los. Acrescentou que, em certas ocasiões, poder-se-ia abraçar um aluno que chorasse

---

[934]. Règle de 1837, cap. VIII, art. 4, p. 55 e cap. IX, art. 9, p. 61.

[935]. Règle de 1837, cap. IX, art. 10 e 11, p. 61.

[936] Règle de 1837, cap. V, art. 23, p. 38.

por causa de um castigo, a fim de acalmá-lo e conquistá-lo com esta marca de benevolência. O Pe. Champagnat aproximou-se e objetou-lhe que a Regra proibia semelhante prova de amizade, pedindo-lhe retirasse essa expressão. O Vigário Geral voltou atrás imediatamente, confirmado a sabedoria de tal proibição.

Conquanto o Pe. Champagnat se mostrasse extremamente bom e corrigisse os defeitos dos Irmãos com muita condescendência, agia sempre com severidade em se tratando de alguma violação das normas acima citadas. Depois de censurar repetidamente um Irmão Diretor que saía sozinho e recebia facilmente senhoras em casa, mandou chamá-lo e lhe observou: "Por que razão, apesar de minhas advertências e os remorsos de sua consciência, transgride a Regra em ponto de tamanha importância? Não sabe que todo aquele que se expõe ao perigo nele cairá? [937] Eu já não lhe disse que de Deus não se zomba[938] impunemente e que Ele abandona os que, para grande escândalo dos Irmãos, introduzem semelhantes abusos nas casas? Saiba que, se não mudar de comportamento, terá os castigos da justiça divina e não morrerá no Instituto". Essa ameaça, severa e profética, não demorou a cumprir-se. O Irmão, não aproveitando a lição, caiu em falta grave e abandonou a vocação.

A outro Irmão, que não era bastante reservado com os meninos, o piedoso Fundador disse: "Caro Irmão, essas coisas que se permite são mais perigosas para a alma do que para o corpo se brincasse com serpente. Somente a fidelidade a esse ponto relevante e a vigilância pessoal podem proporcionar-lhe segurança. Nunca as violará sem expor-se a algum perigo, pequeno ou grande. Ora, quem ama realmente a pureza foge até da sombra do perigo".

A um Irmão que pedia permissão para deixar entrar uma piedosa senhora, benfeitora do estabelecimento, que garantia o conserto e a manutenção da mobília, com a condição de poder vê-la, disse-lhe o Padre: "A observância do artigo da Regra que proíbe o ingresso de senhoras em nossas casas, eu considero mais importante do que todo o bem que essa virtuosa senhora poderia fazer-lhe. O Instituto perecerá

---

[937]. Sr 3,26.

[938].Gl 6,7.

no dia em que pusermos os interesses temporais acima da Regra. Aliás, as pessoas que pretendem ajudar-nos serão tanto mais levadas a fazê-lo, quanto mais formos fiéis a Deus e aos nossos deveres, pois Nosso Senhor nos diz*: "Procurai primeiro o reino de Deus e sua justiço e tudo mais vos será dado por acréscimo".*[939]

Numa conferencia sobre o tema, um Irmão se levantou e lhe disse:

-Padre, me desculpe, parece-me haver casos em que é impossível recusar a entrada na casa a certas pessoas.

-Não sei de nenhum caso. Por quase vinte anos não se deu nenhum sequer nesta casa, onde, contudo, recebemos numerosas visitas.

-Não admite, então, que contrariemos essa prescrição?

-Não, jamais, salva se a pessoa vier acompanhar do sr. Vigário ou do prefeito.

-Mas, se for uma drama da mais elevada posição, como ousaremos proibir-lhe a entrada na casa?

-Se for a Rainha, podem recebê-la, replicou com veemência o Padre. Em seguida completou, em tom calmo e firme: "O ingresso em nossas casas é proibido às senhoras,[940] e aqueles que, com especiosos pretextos, violam esse preceito e introduzem abusos tornam-se gravemente culpados.

O amor do Pe. Champagnat à pureza e o ódio ao vício impuro levaram-no tomar inúmeras precauções para conservar esta Angélica virtude entre os Irmãos. Compreendendo, porém, que a vigilância mais severa e os preceitos mais sábios não bastariam, se não fossem acompanhados pela oração, pedia continuamente a Nosso Senhor, por intercessão de Maria, que concedesse a todos os Irmãos total pureza de alma e de corpo. Queria, e determinou, que no Instituto se fizessem preces especiais e diárias, para obter a santa virtude da pureza. Nesta intenção rezava, muitas vezes, a missa votiva da Ssma. Virgem. Repe-

---

939. Lc 12,31.

940. Durante o governo do Ir. Francisco a condessa de Grandville conseguiu a uma sessão do Capítulo: foi introduzida pelo Pe. Matricon. Nesse ponto o Ir. Francisco era tão rígido quanto o Pe. Champagnat.

tia amiúde: “Maria foi admirável em pureza; nós, seus filhos, que temos a glória de trazer seu nome, devemos também amar muito essa bela e sublime virtude, combatendo sem trégua, em nós e nos meninos a nós confiados, aquilo que pode ofendê-la ou destruí-la. Devemos procurar vivê-la com a máxima perfeição”.

O piedoso Fundador tinha grande aversão ao vício impuro que não podia ouvir falar nele sem ser tomado de pavor. Falta grave contra a pureza lhe fazia verter lágrimas. Mostrava-se terrível e inexorável sempre que havia perigo de contágio, e não tinha compaixão dos corruptores.

Na época em que os Irmãos ainda residiam em Lavalla, havendo poucos noviços, aceitavam-se pensionistas com a finalidade de conseguir alguns recursos para a comunidade. Um postulante, servente no internato, sucumbiu à tentação. O Padre, que no momento trabalhava na construção da casa de 1’a Hermitage,[941] soube de fato no mesmo dia e ficou abalado. Foi imediatamente para Lavalla. Ali ficou sabendo que o fato já era conhecido de muitos meninos e Irmãos. Resolveu parar o contágio, cortando o mal pela raiz.

Infligiu terrível castigo ao culpado. Convocou ao seu quarto todos os Irmãos e noviços. Colocou-os em semicírculo e, sem prevenilos, revestiu-se de sobrepeliz e estola e mandou entrar o delinqüente. Logo que apareceu, o Padre lançou-lhe um olhar fulminante: “Desgraçado! Uma vez que não teve receio de crucificar Jesus Cristo no seu coração e de profanar seus membros vivos, também não temerá pisar sobre sua imagem!” Ao mesmo tempo, diante do postulante, atira ao chão um crucifixo e lhe grita com voz terrível: “Mostro! Pise a imagem de seu Deus! O crime que cometer agora pisando o símbolo sagrado da Redenção será menor do que o crime de ontem”. Apavorado, o moço cai de joelhos, em prantos, e suplica misericórdia. Reage o Padre: “Homem perverso! O que lhe fez aquele rapaz para você roubar-lhe a inocência? Suma daqui! Não merece misericórdia”! Como o postulante continuasse ajoelhado e pedindo compaixão, o Padre bradou-lhe: “Seu monstro, suma daqui! Você profanou esta casa; não volte mais a pôr os pés aqui!” O culpado estava tão espantado e con-

941. O Ir. Silvestre conta o fato em suas Mémoires: “(...) conto porque conheci o Fulano”.

fuso que nem sabia o que fazer. Mal achou a porta de saída, embora estivesse escancarada diante dele. O Padre empurrou-o para fora, dizendo-lhe: "Vá embora, desgraçado e nunca mais aparecça na minha frente!"[942]

Mal o rapaz tinha saído, ajoelhou-se antes o crucifixo, que ainda fazia por terra, e exclamou: "Perdão, meu Jesus! Por este crime por todos aqueles que vos causaram a morte na cruz! Por vossas santas chagas preservai-nos de pecado tão enorme, e não permitais que esta casa se manche novamente com o demônio da impureza!" Em seguida, levantou-se e olhando para os Irmãos, lhes disse: "Meus amigos, peçamos a Deus que nos preserve para sempre de semelhante falta. Roguemos-lhe que afugente satã desta casa. Ele entrou, mas como auxílio de Maria nós o expulsaremos. Tragam-me água benta". Precedido de um Irmão, que levava a caldeirinha, e seguido pelos demais, percorreu todos os aposentos, aspergindo-os com água benta em todas as direções, repetindo sempre, com expressão melancólica e enternecida: Asperges me hyssopo, et mundadbor: lavabis ,e, et super nivem dealbabor.[943] Terminou a cerimônia, ajoelhando-se e fazendo prece ardente para pedir a pureza. Impossível expressar o impacto que semelhante cena produziu nos Irmãos. Todos chorava e tremiam de emoção e espanto, como se a culpa fosse deles. Isso aconteceu por volta das quatro horas da tarde. Durante o recreio que seguiu o jantar, a impressão continuava tão viça e profunda que ninguém ousava falar. O recreio transcorreu em melancólico silêncio.

Passados alguns anos, outro postulante, de seus vinte e cinco anos, incidiu em idêntica falta. Informaram o Pe. Champagnat às dez horas da noite, uma hora após o deitar da comunidade. Não se conformou em deixar o culpado na casa até o dia seguinte. Mandou-o levantar-se e despediu incontinente. Como o jovem lhe suplicasse de joelho a permissão de passar a noite num recanto da casa, ou na estrebaria, alegando ser muito tarde para achar onde se hospedar, respon-

---

942.Bento XV, por ocasião do exame da heroicidade das virtudes, defendeu o Pe. Champagnat contra o Promotor da fé ("advogado do diabo"), que sustentava que o padre faltara à caridade.

943. "Purifica meu pecado com o hissopo e ficarei puro; lava-me e ficarei mais branco do que a neve" (Sl 50,9.

deu o padre: “De jeito nenhum; enquanto permanecer aqui, tremerei de medo, pois a maldição de Deus pode cair sobre nós”. Dizendo isso, forçou-o a sair e fechou a porta atrás dele. Momentos depois um Irmãos lhe observou que o postulante deixara seu enxoval. “Você vai ajuntar todos os trastes dele e jogá-los no outro lado do ribeirão, para não termos mais nada nem com ele nem com as coisas dele. Que a água nos preserve do contágio até de seus pertences.”[944]

Como já frisamos alhures, os reveses, os desastres e o que mundo chama “desgraças”, como doenças, aflições, contradições, perda dos bens materiais, não conseguiam perturbar a paz de espírito, o caráter alegre e equânime do Pe. Champagnat. Só o pecado o magoava terrivelmente e dava à sua fisionomia uma expressão de dor e de tristeza. A exemplo dos santos, só temia o pecado. Dizia: “Ver que Deus pe ofendido e as almas se perdem são para mim duas coisas insuportáveis e me cortam o coração”. Nesses casos, não lhe era possível dominar a emoção, dissimular o sofrimento nem deixar de representar quem visse ofendendo a Deus.

Numa de suas viagens viu-se obrigado a entrar numa venda com outro sacerdote, para tomar a refeição, enquanto estavam à mesa, chegou um magote de jovens libertinos. Sentaram-se perto deles e, sem consideração alguma ao caráter sacerdotal, permitira-se proferir palavras licenciosas e ímpias. Durante algum tempo o Padre manifestou desaprovação e mágoa apenas pela reação fisionômica. Vendo, porém, que aqueles infames não paravam, seu zelo o provocou e sua dor explodiu. Ergueu-se de supetão, fulminou-os com o olhar e, desferindo tremendo murro na mesa, gritou: “Desgraçados! Se vocês não se respeitam, respeitem os outros! Calem-se... ou suma daqui”. Os libertinos, estupefatos, mas pela inflexão da voz e pelo aspecto inflamado que pelo murro na mesa, baixaram os olhos, silenciaram e sumiram sem retrucar uma palavra sequer.

O pecado, com a seqüela de calamidades, seus tremendos castigos, figurava no temário habitual das instruções do Pe. Champagnat. Por esse meio renovou a paróquia de Lavalla e conquistou e conquistou para Deus seus primeiros Irmãos. Profundamente compenetrado

[944] Aqui o autor faz uma explanação sobre o horror que os santos tinham ao pecado. Tranpusemos-la para depois do capítulo, como Anexo.

da verdade desta palavra do Espírito Santo: "*O temor do Senhor é o começo da sabedoria"*, [945] não cessava de repeti-la em suas exortações e nas entrevistas particulares com os Irmãos. Suas lições não foram perdidas. Teve a felicidade de gravar o santo temor tão profundamente nos Irmãos, que se tornou a base da eminente perfeição que atingiram. Observou-se que todos eles tinham consciência extremamente timorata, sendo que os apavorava até a sombra do pecado e o mais leve risco de ofender a Deus. Um deles assim se expressava: "Tenho tal horror ao pecado mortal e receio tanto cometê-lo, que basta ouvir o nome para me impressionar, amedrontar-me e dar-me vontade de fugir como de um perigo iminente". Propuseram ao santo Ir. Antônio, [946] enfermo em Bourg-Argental, convidar uma senhora idosa para atendê-lo "Nem pensar nisso, prefiro morrer e deixar entrar em casa uma mulher para cuidar de mim", reagiu ele. Como insistissem, acrescentou resolvido: "Estão perdendo tempo; e vou dizer uma coisa? Se ela vier aqui, mesmo doente vou fugir para uma sala de aula".

O Pe. Champagnat não se contentava com levar os Irmãos a fugirem do pecado mortal. Esforçava-se também por inspirar-lhes extremo horror ao pecado venial e às mínimas faltas. Viajando, certa vez, com o Ir. Luís, começou a conversar sobre tema de piedade, conforme seu costume, e, finalmente, focalizou a enormidade da malícia do pecado venial: "Para muitas pessoas, esse pecado parece uma ninharia; entretanto, depois do pecado mortal é o maior de todos os males. Sim, a soma de todas as catástrofes que assolam a terra, as guerras, a peste, a fome, as moléstias, as enfermidades de toda sorte que atormentam a humanidade, a morte e o próprio inferno, com as chamas e os suplícios eternos, são mal menor do que o pecado venial, porque todos esses males atingem as criaturas, enquanto o mais leve pecado venial é uma ofensa a Deus. Todos esses males, exceto o inferno, tornam-se para nós meios de santificação e salvação, motivos de méritos se o quisermos, e podem valer-nos um grau imenso de méritos se o quisermos, e podem valer-nos um grau imenso de glória. O pecado, porém, é totalmente mau, só nos traz castigos. Donde podemos concluir que, se por um só pecado venial pudéssemos evitar todas

---

[945]. Sl 110,10; Pr 1,7;9,10.

[946]. LPC 2, p. 45-46.

as calamidades do mundo, não seria permitido cometê-lo.

-O que, Padre?, replicou com veemência o Ir. Luís; não seria permitido cometer um pecadinho venial para livrar a humanidade de tantos males?

-Não, não, meu caro amigo, não nos seria permitido. Não deveríamos dizer nem uma mentira, mesmo que – coisa absurda – com ela pudéssemos libertar a terra de todos os males.[947] Mas ainda, não seria permitido cometer um pecado venial, mesmo se com isso convertêssemos todos os pecadores.

-Se é assim, Padre, trancar-se entre quatro paredes, longe de qualquer ocasião de pecado, seria melhor do que jogar-se no meio dos perigos do mundo, para educar os jovens.

-Raciocínio errado: a educação da juventude, longe de obrigá-lo a ofender a Deus, oferece-lhe meios adequados para evitar o pecado e lhe abre oportunidades de combatê-lo, não somente em si próprio mas também nos outros.

-Mas Padre, se o pecado é mal tão grande, acho que o melhor e o mais seguro é a gente preservar-se e, para tanto, tomar uma medida radical, abraçando um gênero de vida que nos separe inteiramente do mundo, inclusive da juventude. Assim a gente estaria livre das faltas a que se expõe, lidando com a juventude. O importante é nós ficarmos sem pecar.

-Mas uma vez, caro amigo, raciocínio errado: para evitar um deslize não se deve cair em outro maior. Seria o caso, se você não correspondesse à vocação, cuidando somente de si próprio, tornando-se egoísta, faltando à caridade para com o próximo. Que acha você de um homem que, vendo a casa pegar fogo, se contentasse em fugir para salvar a pele, deixando perecer no meio das chamas seus irmãos e amigos que poderia salvar com pequeno risco? Quando um perigo nos ameaça e a nossos irmãos, não basta fugir. A caridade exige que protejamos nossos irmãos. Aliás, a razão principal de fugirmos do pecado e detestá-lo é a ofensa a Deus. Ora, o pecado ofende a Deus em todos os homens. Odiando-o somente em nós e não em nosso próximo, prote-

947. Nunca, pois, é permitido contar uma mentira para livrar alguém de um perigo qualquer (Sto Tomás, 22, q. 110, a. 3. ad. 4).

gendo-nos só a nós e não trabalhando para que outros o evitem, além de não amarmos a Deus, estaremos odiando o pecado só imperfeitamente. Estaremos fugindo dele somente pelos males que nos acarreta, ao invés de temê-lo, combatê-lo e evitá-lo porque desagrada a Deus e causou os sofrimentos e a morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Esse era o posicionamento de nosso piedoso Fundador com relação ao pecado venial. Oxalá os Irmãozinhos de Maria se impregnem de semelhantes disposições e, a exemplo do seu Pai espiritual, temam e evitem o pecado mais do que todos os males do mundo!

ANEXO

Tirante alguma nuances de caráter e uma que outra diferença de circunstâncias e atitude, todos os santos se parecem fundamentalmente, pois o Espírito de Deus que nos conduz e anima lhes inspira os mesmo pensamentos e os mesmos sentimentos. Há certos gostos e pendores pelos quais poderíamos identificar os santos, caso nos encontrássemos com eles, porque trazem características próprias: 1) horror e medo do pecado; 2) espírito de piedade e gosto pela oração; 3) amor a Jesus; 4) zelo pela glória de Deus e salvação das almas; 5) obediência; 6) provações e amor à cruz; 7) humildade. Não há santo sem as sete características. Atenhamos-nos à primeira: qualquer santo temia mais o pecado do que a morte. Os episódios há pouco referidos a respeito do Pe. Champagnat e outros que relataremos mais adiante não passam de pálida cópia dos exemplos a nós alegados pelos santos e que lemos em casa página de suas vidas.

Sto. Inácio de Loyola abominava tanto o pecado, que dizia: 'Não me atreveria a pernoitar numa casa, em que soubesse haver um homem culpado de pecado mortal; temeria que o telhado nos esmagasse sob seus escombros". Exclamava Sta. Madalena de Pazzi, no seu leito de morte: "Deixo esta terra, sem poder decifrar um mistério aterrador: como é que se pode cometer tão facilmente o pecado". S. João Crisóstomo afirmava preferir ficar possesso do demônio a cometer um só pecado venial. S. Luís rei de França, preferia sofrer todas as doenças do mundo a cometer um só pecado mortal. Exclamava Sta

Dorotéia: “Prefiro que pareça meu corpo e sejam retalhado todos os membros, mas que não se manche minha alma com o mais leve pecado”. Uma palavra indecorosa, uma leve sombra de pecado eram suficientes para provocar desmaios em Sto. Estanislau Kostka. S. Francisco de Assis, S. Bento, S. Bernardo e muitos outros rolavam sobre a neve ou nos espinheiros quando lhes vinha a simples idéia de cometer um pecado.

CAPÍTULO QUARTORZE

Amor ao trabalho

"O homem nasceu para trabalhar, como pássaro nasceu para voar", [948] diz o Espírito Santo em Jô. O homem está destinado ao trabalho, não só pelo próprio apelo de sua natureza, mas também por ordem expressa de Deus. Com efeito, a Bíblia afirma que, depois de criar Adão, Deus o colocou no paraíso terrestre para que o cultivasse e guardasse.[949] Após a perda da inocência, essa lei foi reforçada por novo preceito, o de comer o pão ao suor do seu rosto e cultivar o solo com o trabalho de suas mãos.[950] Nosso santo Fundador, ao exigir o trabalho dos Irmãos, não inventava nenhuma lei nova. Apenas lembrava a lei imposta pela autoridade soberana de Deus.

Aqui, como em tudo o mais, nosso bom Padre prega pelo exemplo e pratica primeiro aquilo que vai exigir de nós. O trabalho não era para ele um fardo. Desde pequeno trabalhou com gosto. Vimo-lo na casa paterna, exercitando-se em tudo e conseguindo sempre bons resultados. Muito inteligente e destro por natureza, trabalhando com entusiasmo e aplicação, formou-se pela orientação paterna e mais ainda por própria iniciativa, nos ofícios essenciais: agricultura, alvenaria, marcenaria etc. Mais tarde a aptidão para esses diferentes ofícios tornou-se extremamente útil à Congregação, permitindo-lhe realizar pessoalmente, com o auxílio dos Irmãos, muitas tarefas que teriam ocasionado enormes despesas à comunidade, caso houve contratado mão-de-obra qualificada. A casa de Lavalla[951] foi feita por ele; a casa de 1'Hermitage em grande parte. As reformas, a mobília, os muros e o embelezamento da propriedade também foram obra sua. Seu amor ao trabalho e principalmente sua humildade o levaram a empreender múltiplos misteres. Levantar uma parede com os pedreiros, um tabique de

---

[948]. Jô 5,7.

[949].Gn 2,15.

[950]. Gn 3,17-19.

[951]. A saber, o acréscimo de 1823, exigido pela chegada de oito postulantes, seguida de vários outros (AA, P. 46-47).

tijolos com os gesseiros, fabricar um móvel com os marceneiros, trabalhar com os canteiros[952] na pedreira, cultivar a horta, carregar pedras, estercos, para ele tanto fazia, dava conta de tudo. Sempre se distinguia por sua habilidade e quantidade de produção. Os operários mais valentes concordavam: não havia jeito de competir com ele. Sempre saía ganhando. Seu exemplo estimulava os mais frouxos. Ninguém perto dele ousava ficar ocioso ou recusar uma empreitada, por mais pesada e humilhante que fosse.

Certo dia, trabalhando com os pedreiros, o dirigente, homem robusto e corajoso, com fama de não recusar perante nenhum obstáculo, disse-lhe:

-Padre, desistimos de cortar este rochedo; a pedra é tão dura[953] que iríamos perder tempo.

Aconteceu que o Padre queria absolutamente que o rochedo fosse talhado porque ressumava água na parede da construção e tornava insalubres os quatros. E respondeu zombeteiro:

-Mas como! É essa toda a sua valentia? Não me admiro que seja incapaz de quebrar esta rocha; suas marretadas são tão fracas que não conseguiriam furar nem a sola dos meus sapatos.

Dirigindo-se a outro:

-E você? Está mais desanimado que uma galinha que passou a noite ns chuva.

A caçoada, logo emendada com o exemplo, teve efeito imediato. Vendo-o pegar da picareta e marreta o rochedo com tanta vontade que as pedras voavam em lascas, os operários apanharam suas ferramentas e puseram-se a trabalhar com tanto afinco, que no dia seguinte o rochedo desaparecera.

Nem precisa dize que se dedicava ao trabalho manual menos

---

952. No original: *mineurs.* O autor queria provavelmente referir-se aos operários que trabalhavam em aterro ou terraplenagem. Durante a vida inteira o Pe. Champagnat interessou-se pelo trabalho manual. De Paris escreve ao Ir. Francisco, em 4 de fevereiro de 1838: "Afinal, o Poncet cortou bastante o rochedo?" (LPC 1, doc. 172, p. 344). De volta a 1'Hermitage, no início de julho, pôs-se ele próprio a cortar o rochedo (AA, p. 241).

953. Cf. Frère Avit, AA, p. 56.

por prazer do que por necessidade e que essa era a menos relevante de suas ocupações. Dedicar-se ao estudo, instruir e formar os Irmãos, estar em dia com a correspondência, acompanhar todos os setores da administração do Instituto, visitar as escolas, elaborar, estudar e meditar as normas que pretendia dar à sua comunidade, atender a todas as classes de pessoas que vinham tratar de negócios com ele, entrevistar os Irmãos e postulantes para orientá-los em suas necessidades e na conduta pessoal: tais eram as tarefas que preenchiam seu dia, ou melhor, a vida inteira, esgotando suas energias, enfraquecendo sua complexão robusta, levando-o prematuramente ao túmulo.

Vejamos agora o que fazia para inspirar aos Irmãos o amor ao trabalho e o horror à ociosidade. Independentemente da lei comum que prescreve o trabalho a toda a espécie humana, a vida religiosa, sendo por sua própria natureza uma vida de abnegação de trabalho e fadiga. O Pe. Champagnat nunca esquecia de lembrar essa verdade aos postulantes, logo às sua chegada. A primeira disposição que exigia deles era o amor ao trabalho. A primeira provação a que os submetia era o trabalho, manual ou outro. Despedia sem dó quem não agüentava ou tivesse medo do esforço, ou na expressão dele, tivesse *mal aux coudes* (dor nas juntas dos cotovelos)

Esse modo de proceder de nosso venerando Padre concorda perfeitamente com o das antigas Ordens religiosas, que considerava o amor ao trabalho disposição indispensável para ser admitido à vida consagrada. S. Jerônimo, S. Bento[954] e S. Cassiano afirmava que a preguiça era caso de exclusão em todas as comunidades do seu tempo. Nas ordens religiosas surgidas depois não diminuiu a severidade em questão de tamanha relevância. Em todas para o amor ao trabalho dói considerado disposição absolutamente necessária para a admissão ao estado religioso.

Tendo o Instituo por finalidade a educação cristã das crianças, conclui-se naturalmente que a ocupação normal dos Irmãos há de ser o estudo e o ensino. No entanto, como a Regra os obriga a cuidar dos

---

954."A ociosidade é inimiga da alma. Os Irmãos devem, pois, consagrar certas horas ao trabalho das mãos e outras à leitura das coisas divinas. Achamos por isso que podemos regulamentar ambas as ocupações..." (Règle de saint Benôit, cap; XLVIII, p. 69. Ed. Duculot, 1945).

bens temporais e sendo-lhes necessário um pouco de exercício físico, ao estudo e ao ensino devem acrescentar o cuidado da casa e o cultivo da horta. Para prepará-los e formá-los a esses diversos ofícios, durante o noviciado divide-se o tempo de maneira a exercitarem-se um pouco em tudo. Ocupavam-se, pois, com estudo, horticultura, arte culinária, manutenção da limpeza, enfim, com os trabalhos corriqueiros de uma casa. Queria o Padre que os Irmãos e os postulantes passassem, um por um, em todos esses serviços, na medida do possível, aprendendo a fazê-los convenientemente e segundo o espírito do Instituto. Para tanto, exigia especialmente três coisas:

1.que cada um aceitasse de boa vontade o serviço para o que fora designado e sem ficar cobiçando outro;

2.que estivesse sempre ocupado e nuca ocioso.

Com referência a esse último item, não exigia muito rendimento, sobretudo se o trabalho fosse pesado. Mas não tolerava perda de tempo, moleza no serviço. Nos trabalhos externos não queria que sentassem para descansar porque esta postura ordinariamente denuncia preguiça e negligência e não é bom para a saúde sentar-se no chão.

Certo Irmão, aliás bom religioso, porém um tanto lerdo, fora incumbido de retirar um montão de pedras do terreno da propriedade. Depois de levar algumas, sentou-se naquele montão e de lá começou a jogar as menores para o lugar onde deveriam ficar. O Pe. Champagnat, avistando-o do seu quarto, resolveu dar-lhe uma lição que lhe despertasse os brios e o corrigisse de vez. Chama, pois, um jovem Irmão e, entregando-lhe um travesseiro, diz:

-Está vendo aquele Irmão lá sentado sobre as pedras? Leve-lhe esta almofada e diga-lhe para sentar-se em cima.

Vendo a almofada e, pior ainda, ouvindo o recado-convite, o Irmão ficou muito encabulado. Levantou-se e retomou o serviço, sem levantar os olhos, até a hora do almoço. O que mais o chateava era o travesseiro que deveria devolver. Soube, porém, sair-se bem e com a elaboração das circunstâncias conseguiu levá-lo de volta ao quarto do Padre, sem que ele percebesse. O Irmão aproveitou a lição.[955] Era exa-

[955]. "O piedoso Ir. Mateus, meio doentio, estava trabalho na horta; após trabalhar algum tempo, sentou-se sobre um monte de pedra" (AA, p. 192). Em 1852, esse

tamente o objetivo do "educador".

Em suas exortações, o Pe. Champagnat não cessava de estimular os Irmãos aos trabalhos e acostumá-los à fuga da ociosidade: "O trabalho, é indispensável à saúde do corpo e à pureza da alma. É necessário ao homem para o aperfeiçoamento físico e moral. Necessário, também, para conquistar a felicidade. Com efeito, pela ação e pelo uso, tudo se aperfeiçoa; pela inércia tudo se corrompe. Corrompe-se a água estagnada, enferruja o ferro não utilizado, cobre-se de ervas daninhas, de cardos e espinhos o terreno baldio, arruína-se a casa abandonada mais depressa do que a habitada. O movimento, a ação, o uso transformam todas essas coisas em instrumentos úteis ou em fontes de benefícios.

O Irmão que não ama o trabalho e acha pesado o estudo, após dez, vinte, trinta anos de vida religiosa, do ponto de vista moral e físico está mais imperfeito do que no dia da entrada.

O espírito está menos afeiçoado à reflexão e os pensamentos, sentimentos e gostos estão carnais; a alma com menos força e vigor, resiste menos às tentações e não consegue praticar as virtudes. O próprio corpo, por falta de atividade, fica cheio de toxinas e de enfermidades e não suporta o mínimo esforço. Está aí o castigo da ociosidade: tornar o homem infeliz e inútil".

Certo dia, enquanto conversava com determinado Irmão, um dos velhinhos aos cuidados dos Irmãos passou na frente deles, pôs-se a andar de cá para lá, fazendo trejeito, pois, sendo louco, não podia ocupar-se com nenhum trabalho. O Irmão achou graça e disse:

-Isso que é homem feliz, não tem nada que fazer.

-Como! Replicou com veemência o Padre, chama de feliz um homem que não faz nada! Deus me livre desse tipo de felicidade que eu considero grande desgraça. Gente que vive sem fazer nada só merece dó e compaixão. Gente feliz aqui na terra só conhece os prazeres

---

tempo foi eleito suplente do Capítulo Geral. O Ir. Avit (AA, p. 517, manuscrito nos AFM) afirma dele: "Era um saboiano cuja simplicidade casava bastante com a finura. Era dono de saúde precária e de instrução muito limitada; o que não impedia de manter conversa amena e espirituosa. D. Broullard, bispo de Grenoble, prezava-o muito e passava horas conversando com ele..." (AA, p. 641, manuscrito nos AFM).

dos bichos. Ignoram totalmente a felicidade e as delícias da virtude. Sua vida não é vida de gente, é vida de bicho. Ao ouvir essa resposta, o Irmão ficou um tanto confuso e nunca mais foi tentado a chamar de felizardos os que via na ociosidade.

Dizia freqüentemente o Pe. Champagnat: "Mesmo que o homem não fosse obrigado ao trabalho por força do mandamento divino de ganhar o pão com o suor do rosto,[956] um Irmão estaria obrigado a isso:

1. Para evitar as tentações e perseverar na virtude. Disse o Espírito Santo: a ociosidade é a mãe de todos os vícios.[957] É a fonte das almas perigosas tentações e dos maiores pecados. O demônio perde tempo tentando uma pessoa ocupada, mas consegue sempre induzir ao mal os que se deixam levar pela preguiça".

Sobre o assunto narrava a seguinte historieta: Um santo ouviu dois demônios trocando idéias a respeito do resultado de suas investidas contra dois homens. Dizia o primeiro:

-Perco meu tempo tentando aquele rústico pedreiro; anda continuamente debruçado sobre a pedra; olha só para a pedra e só se ocupa com ela. Se tento inspirar-lhe algum mau pensamento, responde-me com marteladas. Estou perdendo tempo com ele. Esse homem jamais alcançará grande virtude, porque não é suficientemente movido por razões sobrenaturais. Mas vai salvar-se porque não vou conseguir incutir-lhe o prazer do vício.

Tomou a palavra o outro demônio:

-Quanto a mim, sucede exatamente o contrário. O homem que me cabe tentar não tem o que fazer. Cada manhã basta-me inspirar-lhe o mal que dele desejo durante o dia para que o execute e, muitas vezes, vai muito além do que lhe sugiro.

E concluía o Pe. Champagnat: "É o que acontece àqueles que vivem ociosos. O religioso dado a este vício expõe-se às maiores quedas. Mesmo que, por graças especiais, não caia, a preguiça, pecado capital, é suficiente para fazer dele um condenado. Corta-se e joga-se

---

956. Gn 3,19

957. Sr 33,28-29.

no fogo a árvore estéril, unicamente em razão de sua esterilidade.[958] Também o servo inútil é lançado às trevas exteriores, mesmo que não se encontrem nele outros crimes, além da covardia e da preguiça".[959]

2. *Para perseverar na sua vocação.* Opinava o Pe. Champagnat a um de seus Irmãos mais conceituados: Para mim, a quase totalidade dos jovens Irmãos que saíram do Instituto perderam a vocação porque se deixaram dominar pelo preguiça. Não que esse vício seja a causa direta da saída deles, mas porque a indolência os levou a faltas graves que, após lhes tirar o gosto e o amor do seu estado, levaram-nos a abandoná-lo. Para mim, o ócio é o maior inimigo da vocação religiosa e as faltas desse gênero são as que causam maior dano aos Irmãos jovens".

Compreendendo, agora, com mais facilidade, por que o santo Fundador levava tanto a sério o trabalho e por que aconselhava com tanta insistência aos Irmãos Diretores que mantivessem os jovens Irmãos continuamente ocupados. "O Irmão cozinheiro deve apressar seu trabalho, de modo a poder passar a maior parte do seu temo na aula ajudando seus Irmãos no ensino. Se o número de alunos não exigir sua colaboração, nem por isso deve dispensar-se de comparecer; mas, neste caso, deve ficar estudando. O serviço mais importante que um Diretor pode prestar a um jovem Irmão será ocupá-lo de tal maneira que não lhe sobre momento para a ociosidade. Se o deixar à própria sorte e desocupado, sejam quais forem as boas disposições desse Irmão, corre grave risco de ser perder. Conheci muitas pessoas prendadas, que seriam hoje ótimos religiosos e a glória do Instituto, mas perderam a vocação e não as formaram na virtude."

3. *Para se capacitar*. Um Irmão deve capacitar-se em que? Responde o Pe. Champagnat: Um Irmão deve capacitar-se para executar qualquer tarefa no Instituto. Deve saber cozinhar, cultivar a horta, ensinar a ler, cuidar da vigilância das crianças e todos os demais cargos que podem ser-lhe confiados. Para tanto, precisa gostar do estudo e dedicar-se a ele com assiduidade. Freqüentemente vejo, aqui no noviciado ou nos estabelecimentos, objetos que se estragam ou são usa-

---

[958]. Mt 3,10;7,19.

[959]. Mt 25,30.

dos inadequadamente, por negligência ou por ignorância de como aproveitá-lo.

Nada me aflige tanto, ao comentar esses fatos, do que ouvir dizer: eu não sei fazer isso; não estou habituado a trabalhar na horta, a tomar conta dessas coisas; eu não entendo de cozinha etc. Um Irmão não pode permitir-se essa linguagem; por isso, precisa treinar-se e preparar-se para tudo. Acontece o mesmo, em se tratando do estudo e das disciplinas de nosso programa. Não devemos contentar-nos com sabê-las de maneira superficial, mas aprofundá-las e estudá-las até chegarmos a conhecê-las perfeitamente. Isso exige, de nossa parte, aplicação diária e perseverante aos estudos".

Para incutir nos Irmãos o amor ao estudo e provocar a emulação, passava-lhes exercícios de redenção[960] no período das férias. Outrossim, durante exame público, abrangendo todo o programa, registrava as notas de cada um, a fim de poder avaliar no ano seguinte os progressos realizados. Para obrigar todos os Irmãos a formarem-se perfeitamente nos vários tipos de escrita, ordenou que todos aqueles que lecionavam nas primeiras e segundas classes fizessem seus próprios modelos de caligrafia, não lhes permitindo o uso de modelos litográficos. Determinara, demais, que, anualmente aos ensejo do retiro, cada Irmão trouxesse pelo menos dez modelos, feitos de próprio punho. Isto sempre com o intento de motivo a emulação e verificar os progressos de cada um.

Também, com a finalidade de transmitir aos Irmãos Diretores o amor ao trabalho, à ordem e à exatidão e treiná-los na boa administração das finanças e dos bens temporais das casas, ele mesmo examinava os livros de conta e instituiu um curso referente à boa apresentação desses livros. Incumbira uma comissão, composta dos mais notáveis Irmãos, de compulsar todos esses volumes, examiná-los sob o tríplice aspecto da regularidade da escrituração, da justeza de pormenores exigidos pela Regra e pelos usos do Instituto, e da caligrafia. Em seguida, o grupo elaborava uma relação, por ordem de merecimento, e a remetia ao Pe. Champagnat.

Finalmente, como, apesar de tudo, alguns poderiam deixar-se

---

[960]. LPC 1, doc. 313, p. 570, linhas 88-105.

vencer pela negligência no decorrer no ano e só se dedicarem ao estudo e ao preparo dos exames de férias apenas nos derradeiros meses, instituiu verificações trimestrais. Uma circular informava sobre as partes do ensino que seriam objeto de estudo e cada um devia prepará-las com esmero e por escrito.[961] Quase sempre presidia pessoalmente a essas verificações. Isso exigia dele longas e estafantes viagens; mas, tratando-se de inspirar aos Irmãos o amor ao trabalho e capacitá-los, nada lhe custava.

Seria supérfluo lembrar que o estudo mais recomendado por ele era o estudo da religião. Quis que estivesse à frente de todos os demais e que os Irmãos lhes consagrassem uma hora diária. "Seria vergonhoso para um religioso-educador não reconhecer suficientemente a doutrina cristã; seria verdadeiro escândalo, se fosse menos capaz de ensinar o catecismo do que as outras ciências. O Irmão não pode descurar o estudo do catecismo sem tornar-se culpado, pois o resultado de seus ensinamentos está na proporção do zelo que emprega em prepará-los. Donde se conclui que das aulas de catequese sem preparação equivale a torná-las inúteis.

A negligência no estudo do catecismo é omissão que implica pesadas conseqüências. Em primeiro lugar, é ficar sem conhecer perfeitamente a religião e permanecer superficial a vida toda; é escandalizar os coirmãos e desobedecer à Regra. Depois é ficar sem condições e dar a instrução religiosa aos alunos e formá-los adequadamente à virtude; é não se incomodar com a finalidade do Instituto e secularizar nossas escolas. Numa palavra, é atraiçoar o primeiro e o mais importante dever de um educador: ministrar antes de tudo o ensino religioso e a educação cristã aos alunos. Porventura refletimos nessas conseqüências, lastimáveis e terríveis, quando negligenciamos o estudo do catecismo? Se meditássemos nisso, dificilmente encontraríamos alguma razão legítima para nos dispensar dele.

Alguns alegam falta de tempo. Desculpa vá, pois sempre encontraram tempo para o estudo das outras ciências e para fazer muitas coisas menos necessárias, até mesmo para se divertir. É certo que o tempo n ao lhes pode fazer falta, pois a Regra manda consagrar um

[961]. LPC 1, doc. 318, p. 581, linhas 28-35.

hora diária a esse estudo, e não pode empregar essa hora em outras coisas a seus bel-prazer. Outros alegam, como justificativa, que ka leram várias vezes os catecismos da biblioteca. O estudo da religião não consiste só em ler os catecismos, mas também, e assiduamente, os livros ascéticos, as vidas dos santos, a história da Igreja, e é preciso refletir no que já se leu".

Essas últimas palavras levaram um Irmão a indagar-lhe se era permitido usar uma parte do tempo destinado à preparação do catecismo, para a reflexão e a meditação do que se tinha lido. Respondeu-lhe o Padre: "Permitido e recomendado. A meu ver quem ler um bom livro durante meia hora e empregar a outra meia hora a refletir sobre o que leu, faz muito bem. É o meio de aprofundar os assuntos e saber apresentá-los aos meninos com interesse".

Um dia perguntou a um Irmão quem era o grande santo de quem tinha o nome, quais os fatos mais importantes de sua vida. Embora piedoso e instruído, o Irmão confessou:

-Desculpe, Padre, sei que o senhor não vai gostar, mas eu não sei nada da vida de meu padroeiro.

Replicou o Padre:

-Mas como! Ficou até hoje sem ler, nem meditar a vida do grande servo de Deus, do qual tem a felicidade de levar o nome? Isso é uma vergonha! Que adianta levar o nome de um santo? Bem poderia ter recebido o nome de um pagão. Não sabe que a Igreja nos impõe o nome de um santo para que lhe imitemos as virtudes e, portanto, para que estudemos sua vida? Alem do mais, já que deve levar seus alunos a lerem a vida de seus santos patronos e copiar-lhes as virtudes, não devia praticar primeiro o que lhe cabe aconselhar. Um Irmão deve ler com assiduidade a biografia dos santos, não só para edificação própria, mas também para dela extrair exemplos apropriados a conirmar, na ocasião as verdadeiras da religião que deve transmitir.

4. Para não transtornar a ordem da casa e não constituir um peso para seus coirmãos. "Para que a paz e a caridade reinem numa comunidade religiosa, é preciso que cada um faça bem feito o trabalho que lhe cabe. Quem não gosta de trabalhar, faz mal a sua parte e impede aos outros de fazerem a deles. Se, por exemplo, o Irmão cozinheiro não apronta a comida na hora, descontenta os Irmãos, provoca

murmurações e queixas; leva a descumprir a Regra e semeia a desordem na casa. Se, por preguiça ou por falta de atenção, não prepara bem a comida ou esbanja as coisas, pode comprometer seriamente a saúde dos Irmãos e, em todo caso, compromete a bolsa, pois comida malfeita sempre sai cara. O que dissemos dos Irmãos responsáveis pelos bens temporais poderíamos repetir para os Irmãos ocupados nas escolas. Quem não cumpre sua função, prejudica os outros; o que ele não faz, ou outros têm de fazer. Sobrecarregam-se por causa da omissão do preguiçoso."

Enfim, embora o Pe. Champagnat tivesse dado aos Irmãos o exemplo[962] a vida inteira e não perdesse nenhuma oportunidade para inspirar-lhes o amor ao trabalho, embora tenha redigido as mais belas normas para manter os Irmãos sempre ocupados e preservá-los da ociosidade, seu remorso maior, antes de morrer, era não ter exigido bastante trabalho, não ter recomendado suficientemente: "Devo confessar que não incentivei suficientemente os Irmãos ao trabalho. Cuidem muito deles neste particular, conservem-nos constantemente ocupados, pois não existe vício mais prejudicial aos religiosos do que a preguiça".

Oxalá não esqueçam nunca os Irmãozinhos de Maria as palavras do Pai agonizante. A seu exemplo, tenham pavor da ociosidade e dediquem-se com afinco ao trabalho.

---

962. I. A BALKO, *Marcelino Champagnat e sua missão.* S.l. Províncias Maristas do Brasil, 1979, cap. XIII: O trabalho. Original francês em Voyages et Mission, nº 132.

CAPÍTULO QUINZE

Amor e carinho aos Irmãos.

Pai nenhum teve mais afeto por seus filhos do que o Pe. Champagnat por seus Irmãos. Seu coração, naturalmente bondoso e cheio de caridade para com as pessoas em geral, transbordava de carinho pelos membros do seu Instituto. Amava a todos os Irmãos igualmente, os jovens e os anciãos, os imperfeitos e os mais virtuosos, embora estes lhe dessem maiores alegrias. Nenhum deles o entrevistava ou lhe escrevia, sem dele receber alguma prova de afeição.

Suas cartas[963] estão repletas de expressões de que vamos dar amostra: "Saiba, Irmão, que o amo e lhe consagro todo o afeto em Jesus Cristo. Bem sabe quanto me é caro e quanto participo de todas as suas aflições". Ou então, escrevendo aos Irmãos Diretores: "Digam aos Irmãos que os amo como se fossem meus filhos;[964] penso muitas vezes neles e rezo sem cessar às intenções deles". Escrevia aos Irmãos de um estabelecimento, que dentro de poucos dias devia visitar: "Estou ansioso por vê-los, abraçá-los e dizer-lhes toda a afeição que lhes dedico em Nosso Senhor. Notícia alguma me podia ser mais grata do que o que me dizem nas suas cartas: todos passando bem e contentes. A felicidade e o contentamento durarão enquanto viverem unidos, enquanto se amarem".[965] Não se encontra nenhuma carta circular em que não fale da caridade. A terna afeição que tinha por todos os membros do Instituto aí transparece tão claramente que não resistimos ao prazer de citar alguns fragmentos.

---

963. Eis algumas expressões de amizade extraídas das cartas do Pe. Champagnat a Irmãos: Ver LPC 1: ao Ir. Antonio, P. 59: "Amo-o muito" (falando do Ir. Domingos). Ao Ir. Bartolomeu, p. 74: "Abraço-o nos corações de Jesus e Maria, onde o deixo". Ao Ir. Teófilo, p. 150: "Meu caro amigo, diga ao Ir. Silvestre quanto o amo". Ao Ir. Francisco, p. 167: "Receba a garantia da eterna afeição pela qual..." Ao Ir. Apolinário, p. 258: "Aperta-me o coração saber que está doente". Aos Irmãos, p. 152: "Aguardando o prazer de abraçá-los..."

964. O Ir. Lourenço pôde escrever: "Mãe alguma tem pelos filhos a ternura que ele tinha por nós" (OM 2, doc. 757 [7], p. 762).

965.LPC 1, doc. 20, p. 64.

Em janeiro de 1836, escrevia:[966] "Meus caríssimos Irmãos, meu coração se alegra ao relembrá-los cada dia e oferecê-los todos ao Senhor no santo altar. Hoje , porém, é-me impossível resistir à necessidade de testemunhar-lhes minha afeição paternal. Vocês constituem o objeto especial de toda minha solicitude; todos os meus votos, meus anseios visam a sua felicidade. Mas vocês compreendem, a felicidade que lhes desejo não é a felicidade que o mundo procura e julga encontrar na posse dos bens materiais. O que desejo e peço para vocês são bens mais concretos e consistentes. Servir a Deus com fervor, cumprir com fidelidade todos os deveres de estado, trabalhar diariamente para desapegar o coração das criaturas e entregá-lo a Jesus e Maria, abandonando-o às inspirações da graça. Eis os bens que lhes desejo. Desejo, além disso, que a reunião e a caridade, da qual fala o discípulo bem-amado,[967] reinem sempre entre vocês. Os que devem obedecer cumpram esse dever com humildade, aqueles que governam o façam com grande caridade. Desta forma, a alegria e a paz do Espírito Santo estarão sempre com vocês".

"Outro favor peço especialmente a Deus por vocês, é que tenham grande zelo pela própria perfeição. E como é somente pelo exato cumprimento da Regra que poderão consegui-la, rogo a Nosso Senhor lhes conceda entranhado amor pela Regra e uma graça particular para observá-la em todos os pormenores. Coragem, pois, diletíssimos Irmãos; os sofrimentos e as lutas da vida são coisas do momentos. Vamos olhar para o peso imenso de glória, que será para sempre nossa recompensa, lembrando-nos continuamente de que o justo juiz coroará unicamente aquele que tiver perseverado até o fim".[968]

Numa carta, escrita na mesma época aos Irmãos de um estabelecimento, dizia-lhes:[969] "Nem preciso dizer que lhes desejo feliz ano novo, pois sabem que só vivo para vocês. Não há nenhum bem verdadeiro que eu não peça diariamente para vocês e que eu não esteja disposto a conseguir a custo dos maiores sacrifícios".

---

966. LPC 1, doc. 63, p. 156.

967. Jô 15,12-17; 1Jo 4,7-11; 2Jo 1,5.

968. Mt 10,22; 24,23.

969.LPC 1, doc. 168, p. 332.

Mas não ficava só nas palavras a sua caridade; testemunhava-a por ações concretas. Efetivamente, vivia ocupado com as necessidades espirituais e materiais de cada um. Logo que um Irmão comparecia à sua presença, seu olhar, guiado pelo ternura de pai, percebia de imediato se estava precisando de algo. Ao enviar alguém a um estabelecimento, nunca se esquecia de lhe recomendar que se munisse do necessário e, quando o Irmão vinha dizer-lhe adeus e solicitar-lhes a bênção, dirigia-lhe sempre algumas perguntas para certificar-se de que levava tudo de que precisava.

Um dia, uma turma de Irmão estava se despedindo. O Pe. estava e perguntava a cada um se havia providenciado todo o necessário. Como cada um lhe respondesse afirmativamente, interrogou um jovem Irmão que ia estrear no ensino: "E você, meu amigo, está com todo o necessário? Aposto que lhe falta alguma coisa. Vejamos, quantos pares de meia tem?" A solicitude e o amor paterno acertaram em cheio. O Irmão jovem e imprevidente ia partir somente com as meias que estava usando.

O bom Padre vivia recomendando aos Irmãos Diretores que não deixassem os Irmãos sofrer e lhes fornecessem todo o necessário quanto à comida, roupa, material escolar ou outro conforme o trabalho de cada um, sem deixar que esperassem ou pedissem mais de uma vez.[970]

Quando alguém chegava de viagem, se estivesse suado, cuidava em mandá-lo trocar de roupa, tomar uma bebida quente, recomendava-lhe evitar correntezas de ar e retirar-se para um quarto quente e seco. "Uma imprudência ou um mero descuido nessas ocasiões pode provocar doenças ou alguma longa enfermidade." Uma vez, no período de férias, um grupo de Irmãos chegou em dia de chuva. Mandou

---

[970]. As constituições de 1852 mantêm esta recomendação. "Sendo obrigado a prover de todo o necessário os Irmãos que residem com ele, deve fornecer a cada um o material necessário; e prestar atenção para que ninguém sofra ou lhe falta alguma coisa quanto à comida ou quanto à roupa. Quando os Irmãos lhe dizem do que precisam ou pedem alguma licença que não contrarie a Regra, deve ouvi-los com bondade e conceder-lhes o que for justo e razoável, sem obrigá-los a pedir várias vezes" (*Constitutions et Règles du Gouvernement*, 2.ª parte, cap. IV, 2.ª secção).

logo chamar o Irmão ecônomo[971] para que os fizesse mudar de roupa. Este ausentara-se levando consigo a chave do vestiário. Entrega pessoalmente roupa e batinas aos que estavam molhados. Viram-no, muitas vezes, na falta de cozinheiro, servir ele próprio a refeição àqueles que chegava ou partiam.

Outra vez, após entregar a um jovem Irmão a carta de obediência para um estabelecimento a pequena distância, abriu a gaveta da escrivaninha para dar-lhe um pouco de dinheiro. Não havendo mais do que dois francos e cinqüenta cêntimos, o jovem lhe disse que não precisava de dinheiro e podia chegar em casa sem gastar nada. "Poder, você pode, meu filho, respondeu-lhe o Padre, mas não quero que você fique desprevenido se acontecer algum imprevisto. Está certo que não dispomos de mais nada, porém a Providência não nos abandonará." E entrega ao jovem um franco e vinte e cinco cêntimos, [972] a metade do que estava na gaveta.

À noite, freqüentemente percorria a casa, particularmente os dormitórios, para ver se todos os Irmãos tinham deitado, se não havia janelas abertas e se tudo estava em ordem.

Se o santo Fundador já era bom para com seus Irmãos que estavam de boa saúde, redobrava de atenções quando adoeciam. Queria que as necessidades dos doentes fossem sempre atendidas em primeiro lugar, não media cuidados nem sacrifícios para lhes fornecer o necessário. No tempo da construção da casa de l'Hermitagem, não encontrando aí acomodação adequadas para uma enfermaria, mandou construir um pavilhão para essa finalidade. "Não vou ter sossego enquanto não dispusermos de instalações para alojar os bons Irmãos que consumiram as energias e a saúde no trabalho da santificação dos alunos. Será que não é justo termos para com eles atenções especiais e lhes propiciarmos aquilo de que necessitam para estabelecer a saúde, sacrificada com tanta generosidade para a glória de Deus e o bem do Instituto?"

Mas tarde, não de todo satisfeito com essa enfermaria, por se achar muito próxima do riacho, construiu uma segunda, maior e mais

---

971. No original: procureur, administrador da casa.

972. MEM, p. 99.

de acordo. Aí montou uma farmácia com todos os medicamentos necessários. Encarregou um Irmão experiente de responsabilizar-se por ela. Mandou que fizesse cursos para ficar em melhores condições de fazer bem o serviço. Vários outros Irmãos inteligentes, dedicados e caridosos, foram indicado para colaborar no atendimento aos doentes, sob sua direção. Diariamente exigia prestação de contas do estado dos enfermos. Tudo isso ainda era pouco para satisfazer o grande afeto que lhes tinha. Visitava-os com freqüência, para ver pessoalmente se nada lhes faltava. Consolava-os, animava-os, exortava-os a santificarem os sofrimentos e, se fosse o caso, preparava-os para morrerem santamente. Logo que um Irmão adoecia numa escola, chamava-o para l'Hermitagem ou mandava buscá-lo para atendê-lo melhor.[973]

Uma noite, após o deitar da comunidade, fez uma visita a um Irmão gravemente enfermo. Este, depois de ouvir suas palavras de conforto, disse-lhe:

-Estou confuso, Padre, com tanta bondade e lhe confesso que me aflige muitíssimo causar tantos incômodos a meus Irmãos e tantas despesas à comunidade em favor da qual ainda não fiz coisa alguma.

- Como está enganado, meu Irmão! Replicou de pronto o Padre, que idéia é essa! O doente jamais é um fardo para a comunidade. Pelo contrário, é motivo de bênçãos. Você se torna mais útil ao Instituo e lhe presta maior serviço suportando com resignação a doença do que dando aula. Atendê-lo, para nós, não é incômodo, é uma satisfação. Tire da cabeça tal idéia, se ela voltar. Caso contrário eu não dormiria tranqüilo esta noite.

Deu-lhe a bênção, abraçou-o e insistiu que mandasse embora a idéia boba. Extremamente comovido com essas provas de carinho, o doente ficou totalmente livre da tentação.

O bom Padre amava os Irmãos como filhos e exigia que se amassem como irmãos. Nas instruções, conversas, entrevistas, na correspondência e em todas as ocasiões, recomendava-lhes, sem cessar, que se amassem, se edificassem e vivessem na paz e harmonia. escrevia aos Irmãos de uma comunidade:[974] "Vocês sabem muito bem que

---

[973]. LPC 1, doc. 126, p. 257.

[974].LPC 1, doc. 168, p. 332.

eu os amo a todos em Jesus Cristo. Por isso meu desejo ardente e minha vontade é que se amem uns aos outros como filhos do mesmo pai, que é Deus, da mesma Mãe, que é a Igreja, em suma, como filhos de Maria. Poderia a divina Mãe ficar indiferente se tivéssemos sentimentos rancorosos no coração ou mesmo alguma antipatia contra algum Irmão nosso,a quem ela ama talvez mais do que anos? Ah! Não, eu lhes suplico, não causem tamanha dor ao seu coração materno!"

Ver a caridade e a concórdia reinando nas comunidades dava-lhes a maior alegria e consolação. "Meus prezados Irmãos", escrever-lhes uma circular, convidando-os ao retiro, [975] "quanto me é grato pensar que dentro de poucos dias terei o grato prazer de abraçá-los e repetir com o salmista: *Quam bonm et quam jucundum habitare fratres um unum*.[976] É grande minha consolação ao vê-los reunidos, não tendo senão um só coração e uma só alma, formando uma única família, procurando todos a glória de Deus e o interesse da religião e combatendo sob o mesmo estandarte, o da Virgem Maria. Adeus, meus bons amigos. Deixo-os nos corações de Jesus e Maria, centro,[977] de amor e de unidade".

O grande desejo que tinha de ver a caridade no meio dos Irmãos o tornava industrioso e lhe sugeria as mais variadas razões e toda sorte de expedientes para inspirar-lhes essa virtude. Escrevia numa circular de início de ano: [978] Diletos, caríssimos Irmãos, amemos-nos uns aos outros. Nesta circunstância não posso usar linguagem mais adequada a meus gostos e afeições. Pois, se consulto o coração e os sentimentos, a dor que me causa o menor de seus males, suas chateações que são as minhas, seus receses que me atingem tanto quanto a vocês, razão de meus afetos, vinte anos de solicitude, tudo isso me garante que posso, com ousadia e sem temor, endereçar-lhes as palavras que o discípulo bem-amado coloca no cabelha de todas as suas epístolas: 'Caríssimos, amemos-nos uns aos outros, porque a caridade

---

[975]. LPC 1, doc. 132, p. 267.

[976]. Sl 132,1: Como é bom, como é agradável os irmãos viverem juntos!

[977]. A carta citada (cf. nota 13, acima) diz: a "Augusta Maria", no lugar da expressão do Ir. João Batista, que retoca também a última frase.

[978]. LPC 1, doc. 79, p. 190.

vem de Deus'.[979] Os votos que faço diariamente são muitos diferentes dos votos que o mundo procura expressar. Os mundanos desejam entre si bens terrenos, prazeres e honrarias. Quanto a mim queridos Irmãos, todos os dias peço as nosso divino Mestre que derrame sobre vocês graças e copiosas bênçãos, faça-lhes evitar o pecado (o único mal), firme-os na prática das virtudes próprias do estado religioso e sobretudo das que são específicas dos filhos de Maria. finalmente, rogo a nossa Mãe comum nos obtenha uma santa morte, a fimde que, havendo-nos amado sobre a terra, nos amemos eternamente no céu".

As palestras e exortações que o piedoso Fundador não parava de fazer sobre a caridade não ficaram infrutíferas. Teve a consolação, grata ao coração de pai, de ver a caridade reinar entre os Irmãos, e com ela, a paz e a harmonia que fazem a felicidade das comunidades religiosas. Não obstante, desejando que a santa afeição jamais se enfraquecesse entre seus filhos, segundo o exemplo de Jesus Cristo, prescreveu-a no seu testamento espiritual, como expressão de sua última vontade. E para que este anseio se lhes tornasse ao mesmo tempo mais suave, palpitante e sagrado, expressa-o em forma de súplica, persuadido de que os bons filhos não se atreveriam a recusar coisa alguma ao pai agonizante.

"Eu vos peço também, meus queridos Irmãos, com toda a afeição de minha alma e por toda a afeição que tendes por mim que procedais sempre de tal modo que a santa caridade se mantenha sempre entre vós. Amai-vos uns aos outros como Jesus Cristo vos amou.[980] Que não haja entre vós senão o mesmo coração e o mesmo espírito.[981] Que se possa dizer dos Irmãozinhos de Maria como dos primeiros cristãs: Vede como eles se amam. É o mais ardente voto de meu coração, neste derradeiro momento de minha vida. Sim, meus caríssimos Irmãos, escutai as últimas palavras de vosso Pai; são as mesmas de nosso amado Salvador: amai-vos uns aos outros."[982]

O amor de uns aos outros que o Pe. Champagnat queria vivo

---

[979]. 1Jo 4,7.

[980]. Jô 13,34.

[981]. At 4,32.

[982]. Jô 13,34.

entre os Irmãos deve ser um amor efetivo, traduzido em quatro coisas:

1.Ajudar-se mutuamente: substituir um coirmão na aula, colaborar nos serviços, comunicar-se os pequenos meios que a experiência pode ter descoberto para estabelecer o estímulo numa aula, para conquistar a simpatia dos meninos e para formá-los facilmente à ciência e à piedade; encorajar-se, confortar-se nas tribulações e nas horas amargas, tratar-se com respeito e lealdade, enfim, estar sempre pronto para servir os outros.

"No Instituto não deve haver comunhão só dos bens materiais, mas também dos bens do espírito, ou seja, os talentos[983] de cada um devem servir a todos. Diria a mesma coisa em relação aos bens do corpo (o vigor, a saúde) e os bens da alma (as virtudes). Aquele, pois, que possui conhecimentos especializados e o dom de ensinar ou de governar tem a obrigação de comunicá-los aos seus coirmãos. Quem é forte e vigoroso deve aliviar aqueles que se acham doentes ou debilitados. finalmente, cada qual deve esforçar-se para que todos os bens espirituais recebidos de Deus sejam usados em proveito de todos os Irmãos, o que se faz rezado por eles e dando-lhes sempre o bem exemplo. É assim que deve ser entendido e aplicado o princípios: entre os Irmãos tudo[984] fica em comum".

2. *Perdoar e encobrir os defeitos dos coirmãos.* Neste sentido ditou-lhes regras muito sábias. Uma delas prescreve aos Irmãos Diretores prestigiarem os jovens Irmãos, sustentar-lhes a autoridade e desculpar-lhe, quanto possível, as falhas no magistério. Proíbe-lhes formalmente punir e até censurar[985] um Irmão, perante pessoas estranhas ou perante os alunos. Outra regra proíbe aos Irmãos contarem o que se passou de censurável nos estabelecimentos e comunicarem-se as pequenas antipatias eventualmente havidas entre os Irmãos, as dificuldades ocorridas com eles. Somente ao superior[986] devem comunicar

---

983. Essa partilha dos "talentos" sempre foi pedida aos Irmãos de nossas comunidades, sob diversas formas. Ver, por exemplo, o art. 88 das Constituições de 1986.

984. Na fórmula das promessas escritas pelo Pe. Champagnat, dizia-se nós colocamos tudo em comum (OME, doc. 52, p. 138, linha 18.

985. *Règle* de 1837: cap. V, art. 3, p. 38.

986. Règle de 1837: cap. V, art. 6, p. 39.

o que perceberam de contrário à Regra dentro da comunidade ou na conduta dos Irmãos.

Tão cara lhe era a reputação dos Irmãos, que chegou a proibir que se indicasse a estranhos o novo local de transferência de qualquer Irmão. “Porque pode acontecer que um Irmão fracasse num lugar por inexperiência, por incompatibilidade de gênio com as pessoas da região, ou por qualquer outro motivo, e consiga pleno êxito em outro. Também pode acontecer que se tenha de transferir um Irmão devido a uma imprudência cometida. Ora, se referirem sua colocação ao Pe. Vigário ou ao Sr. Prefeito, ou a qualquer outra pessoa, poderá suceder que tais pessoas estejam relacionadas com as autoridades ou alguns habitantes do municípios onde se encontra o Irmão, e lhes revelem seus defeitos e a causa de sua transferência. Isso bastaria para desacreditá-lo e impedi-lo de sair-se bem. Se, portanto, alguém lhes perguntar o lugar de tal ou tal Irmãos, respondam simplesmente: não saberia dizer”.

Finalmente, não tolera que os Irmãos se critiquem mutuamente, nem que se fale de algum Irmãos, a não ser para falar bem dele. “Conservar a reputação dos Irmãos é tão necessário ente os membros da comunidade quanto fora. O Irmão tem até mais direito à estima dos coirmãos do que à dos estranhos. Um religioso desacreditado publicamente pode sentir-se compensado pela estima e confiança dos coirmãos. Mas, se for desacreditado entre os seus, por aqueles com os quais está obrigado a viver, a vida comunitária se lhe torna um suplício. Não é possível agüentá-la sem uma virtude excepcional. Aliás, cumpre-nos tanto mais evitar a maledicência, quanto é muito fácil, ao comentar os defeitos e as falhas de nossos Irmãos, nos tornarmos gravemente culpados:

a) Porque muitas vezes uma ninharia é apresentada como falta grave; ou pelos menos, aumenta sempre ao passar de boca em boca.

b) Porque um defeito ou uma falta, mesmo insignificante, que a gente espalha pode denegrir o Irmão, indispor os que vivem com ele, tirar-lhe a estima e tornar-se causa de desavenças, desunião, perturbação e desordem durante o ano letivo

c) Porque a maledicência pode gerar, contra o difamador, ódio, aversão, ressentimento que anos não conseguirão apagar no

coração do difamado.

d) Porque essas faltas não causam escrúpulos; consideram-se bagatelas; muitas vezes, nem são acusadas na confissão, com o risco de cometer sacrilégio pois ocorre freqüentemente,[987] que tal maledicência ou tal palavra contra a caridade,tidas como falta leves, constituem pecado mortal. As faltas contra a caridade, de qualquer ângulo que sejam consideradas, são extremamente perigosas. Eis, por que os Irmãos devem evitá-las com o máximo cuidado."

3. *Suportar-se*. "Não existe pessoa sem defeito", acrescentava o piedosa Fundador. "Algumas mais, outras menos, mas todas têm. Logo, por mais piedoso e virtuoso que seja o Irmão, é claro que lhe sobram vários defeitos que incomodam os outros. Sendo assim, o único jeito de conservar a caridade é suportar os defeitos dos outros como desejamos que suportem os nossos."

Um Irmão Diretor queixava-se dos defeitos dos membros da comunidade, afirmando que era impossível afinar com os Irmãos, adaptar-se aos modos deles, aliás bem desagradáveis. O Padre começou por animá-lo, lembrando-lhe as razões que temos para suportar mutuamente. Percebendo, porém, que o Irmão nem ligava para os conselhos e continuava a acusar os Irmãos e exagerando os defeitos, acabou por lhe dizer: "Caro amigo, você pe exageradamente severo com os outros e demasiado indulgente para consigo mesmo. Descobre o cisco no olho de seus Irmãos e não percebe a trave no seu.[988] Desejaria que seus Irmãos fossem perfeitos e que neles houvesse apenas boas qualidades, enquanto você não faz nada para corrigir os próprios defeitos e o que, em você, desagrada a eles. Nunca lhe passou pela cabeça que no seu procedimento há coisas menos certas e que você é o mais imperfeito da casa? Que é preciso ser muito virtuoso para suportá-lo e viver em sua companhia? Confesso ter muitas vezes admirado paciência dos Ir-

---

[987]. O mesmo autor desenvolve ainda o pensamento do Pe. Champagnat sobre a maledicência em *Avis, lenços, sentences,cap. XXVI.*

[988]. Mt 7,3.

mãos, seus subordinados,e a caridade com que o aturam, sem se queixarem. Quanto a mim, não posso esconder que noto tantos defeitos no seu caráter, embora reconheça em você o bom religioso, que para mim seria difícil combinar com você. Seja mais razoável, tolere um pouco os Irmãos jovens. Mas, sobretudo, convença-se: eles têm muito mais coisas a suportar em sua pessoa, do que o inverso".

Este Irmão, de muita virtude, embora de caráter rígido e difícil, reconheceu seus erros, tirou bom proveito da correção tornado-se um dos Irmãos de maior afabilidade, mais caridoso e menos exigente. Assim a paz e a concórdia não foram mais perturbadas.

4. Advertir caridosamente dos defeitos e faltas à Regra. O piedoso Fundador fez da advertência fraterna um artigo de Regra. Esta advertência tem momento marcado: semanalmente, logo após o exercício da culpa. Depois de cada um haver declarado suas faltas exteriores, os Irmãos presentes devem apontar-lhe os defeitos, as faltas que esses defeitos levaram a cometer e que não foram acusados.

Outra maneira de praticar a advertência fraterna, muito aconselhada pelo Pe. Champagnat, consiste em que dado Irmão zelo de modo particular pelo comportamento de outro que lhe tenha solicitado este favor, apontando-lhe caridosamente todos os defeitos que nele percebe e todas as faltas por ele cometida. Essa modalidade vinha sendo praticada com muito fruto nos primórdios do Instituto.

Finalmente, um terceiro modo de praticar esse ato de caridade fraterna: manifesta com franqueza, cordialidade e simplicidade o que no proceder dos Irmãos deva ser corrigido, especialmente o que contraria a Regra e a edificação do próximo. Isso, à medida que a ocasião se apresentar. E ainda: animar, dar bom conselhos e palpites ajuizados.

"Se, por exemplo, virem um Irmão tristonho, aborrecido ou que tem dificuldade no desempenho da função, não o deixem sozinho, mostrem que tomam parte nos seus dissabores, confortem-no, animem-no, indiquem-lhe meios para se livrar do aborrecimento que o persegue ou, ao menos, para combatê-lo. Se virem outro recalcitrar contra os avisos do Diretor, murmurar, queixar-se e criticar o tratamento que recebe dos demais, digam-lhe amigavelmente que está er-

rado, que o Diretor tem razão e está apenas cumprindo o dever. Mostrem-lhe a gravidade e as conseqüências do seu erro, convençam-no a submeter-se e corrigir-se. Uma advertência dada assim só pode produzir bons resultados. Na maioria dos casos é o melhor método para trazer um Irmão ao bom caminho e devolver-lhe o bom espírito. Aliás, em tais casos a advertência é não somente de conselho; é de obrigação. Aquele que se negasse a fazê-la seria muito culpado, sobretudo se tomasse a si as dores do Irmão advertido, pois, além de destruir o que o Diretor tenta construir com seu zelo, inutilizaria as correções e confirmaria o Irmão rebelde nos seus desvios e sua obstinação".

"Certos religiosos excessivamente indulgentes ou de espírito limitado às vezes se expressam da seguinte forma: este Irmão está sendo tratado com demasiado rigor, não é tão culpado como se imagina. É preciso usar de condescendência para com os fracos. Respondo-lhes: Por que julgam seu superior? Por que razão o tacham de severo? Julgam-se mais sabidos do que ele? Quem lhes garantiu que esse Irmão tem razão? Haveria indulgência em deixar morrer um enfermo , permitindo-lhe seguir seus caprichos e deixando-o tomar o que lhe é prejudicial? Se tivesse o espírito de zelo, compreenderiam que ser bom e condescendente é indignar-se contra o pecado, corrigir os faltosos, e agir de outra forma é pecar contra a caridade. Apoiando esse Irmão, aprovando ou desculpando seu procedimento, fazem mal maior do que o dele. Quem impede o tratamento de uma ferida é mais culpado do que aquele que a provocou. Ferindo, nem sempre se mata. Mata-se, porém, ao impedir a cura. Aquele Irmão, cujos defeitos desculpam e cujas paixões lisonjeiam, perecerá, porque não tiveram a caridade de repreendê-lo, nem sequer o bom senso de permitir que o superior o corrigisse. E mais: a falta de vocês é suficiente para arruinar a paz e a harmonia que deve reinar numa comunidade. Nela introduzem o mau espírito, ferindo a autoridade do Superior e paralisando todo o bem que poderia fazer junto aos Irmãos."

Outra coisa que o Pe. Champagnat não suportava: ofender-se alguém com a advertência feita pelo coirmão e ficar ressentido com a repreensão do superior: "Isto é totalmente oposto ao espírito religioso; é provar evidente de que se está dominado pelo orgulho. Quem não aceita a repreensão nunca se emendará, não cumprirá bem a missão e quase sempre falhará. O Irmão cujo trato exige muita delicadeza e ao

qual não podemos dizer nada não passará de religioso imperfeito, estorvo para o superior, membro doente que fará sofrer o corpo inteiro, isto é, todos os Irmãos. Ter medo de crítica é sinal infalível de orgulho ou falsidade. Aceitar a correção, venha de onde vier, é sinal certo de bom senso e sólida virtude".

CAPÍTULO DEZESSEIS

Solicitude em corrigir os defeitos dos Irmãos e formá-los à virtude.

Corrigir os defeitos dos Irmãos e formá-los à virtude, era sobretudo aí que estava o amor de Champagnat a seus filhos. Profundo conhecedor do coração humano, sabia que, em conseqüência de sua corrupção original, o homem tem más inclinações e traz dentro de si mesmo a fonte de todos os vícios. Não se surpreendia com erros e falhas. Dizia muitas vezes: "Cair é próprio do homem; e, se Deus nos retirasse sua graça e nos entregasse à nossa própria sorte, seríamos capazes de cometer toda sorte de crimes!" Como as chagas de um doente provocam a compaixão de um médico bom, as misérias de seus Irmãos o comoviam, sem jamais irritá-lo. Às vezes, viram-no tratar os Irmãos com muita firmeza, mas nunca o surpreenderam zangando-se contra os culpados, ou falando-lhes com irritação.

Desaprovava os que iniciavam a correção censurando a falta. O jeito dele era adentrar o espírito e conquistar o coração de quem estava corrigindo, e conseguir a confissão. Depois indicava-lhe, com bondade, os meios de se corrigir. Suas correções eram quase sempre em forma de conselhos, consistindo em observar com simplicidade, franqueza e afeição o que era necessário fazer ou evitar. Quando um primeiro aviso não surtia efeito, contentava-se em renová-lo de modo idêntico, sem mostrar ressentimento. A um Irmão Diretor, que se irritara com uma repreensão, embora muito jeitosa, escreveu: "Meu caro amigo, se quiser que eu continue a corrigir-lhe os defeitos, é preciso não se ofender com isso; pois não será irritando-nos mutuamente que conseguiremos corrigir você, mas praticando a humildade, a paciência e a caridade".[989]

Detestava acima de tudo os resmungões; e ele nunca resmungava. Correção aplicada, falta esquecida; e, se a relembrasse,. respondia: "Tudo bem, tudo bem, meu caro amigo; já esqueci, não pense mais nisso. Trata de melhorar daqui para frente".

Se apanhasse algum Irmão em flagrante, a maioria das vezes

[989]. LPC 1, doc. 168, p. 331. Frère Denis, Bron, LPC 2, p. 171-172.

contentava-se em fitá-lo com olhar severo ou censurá-lo com poucas palavras. Um dia, entrando na cozinha, flagrou o Irmão cozinheiro encarapitando no fogão, contando piadas a seus coirmãos. Contentou-se em dizer-lhe: "Bonito, para um Irmão que deve dar o bom exemplo!" contava nosso herói, temos depois: "Foi uma lição relâmpago. Valeu mais do que se me tivesse repreendido durante meia hora. Bastou para me corrigir da leviandade, que para mim parecia de nascimento".

Um dia, um jovem Irmão, cheio de qualidades, porém um pouco avoado, encontrando o Padre na semi-escuridão, ao pé da escada, e crente de estar mexendo com algum Irmão, salta-lhe aos ombros e lhe sussurra: "Não diga nada e me leve ao primeiro andar". De fato, o Padre não disse nada, e o Irmão[990] só o reconheceu ao vê-lo encaminhar-se para seu quarto e entrar. Envergonhou-se, então, de sua falta e não duvidou de que lhe valeria severo castigo. O Padre deixou-o dois ou três dias angustiado e perplexo. Depois, mandou chamá-lo e, vendo-o confuso e cabisbaixo, falou-lhe em um tom severo, mas paternal: "Até quando vai ser criança? Veio aqui para aporrinhar os Irmãos e perturbar a ordem de sua leviandade. Combata com vigor esse defeito, se quiser que eu esqueça toas as besteiras que andou fazendo, senão você vai ficar me devendo".

Flagrando outro infrator, limitou-se a dizer-lhe as mesmas palavras:

-Você fica me devendo.

-É verdade, Padre, mas prometo que nunca vou ter de pagar.

-É tudo o que lhe peço. Trate de cumprir a palavra.

Para a compreensão desse episódio é preciso saber que o Padre adotara por princípio perdoar as duas primeiras vezes em que se cometia uma transgressão, castigando somente a terceira. Daí essa expressão que lhe era familiar: "Na primeira vez, você está perdoando; na segunda, você fica devendo; na terceira, você me paga". O Irmão a quem dizia "você fica me devendo" estava, pois, na segunda falta e, ao jurar que nunca lhe pagaria, estava prometendo não cair na terceira.

---

990. MEM, p. 86.

Nas correções mais sérias, em que usava maior severidade, sempre se mostrava bom e indulgente. Após demonstrar ao infrator todas suas faltas, encorajava-o, apontando-lhe também suas boas qualidades e o que fazer para desenvolvê-las e usá-las na correção dos seus defeitos. "O homem é tão frágil, explicava, que é perigoso revelar-lhe apenas o aspecto fraco e negativo do seu íntimo. Para reanimá-lo e fornecer-lhe a força de combater as más inclinações,cumpre ressaltar-lhe as potencialidade que a Providência lhe concedeu, ensinar-lhe o modo de cultivá-las, esclarecendo que lhe foram conferidas como remédio contra seus defeitos".

Cuidava ainda de levar em consideração as circunstâncias que pudessem atenuar ou aumentar a gravidade de uma falta, tais como o tempo, a idade, o temperamento etc. geralmente era indulgente ao extremo para com os jovens. Bastava mostrarem bons sentimentos e darem provas de boa vontade. Assim falou a um Irmão Diretor que exagerava um pouco as deficiências de seus subordinados: "Não possui o espírito de Jesus Cristo aquele que no próximo percebe apenas do defeitos. Para ser justo é preciso tomar em conta suas virtudes e tudo o que nele existe de bom. [991] Não será de fato edificante e muito consolador ver cerca de trezentos [992] jovens passarem anos seguidos sem se afastar do dever e sem cometer faltas graves, pelo menos ostensivamente? Entre tantos Irmãos haverá sempre algum cuja conduta deixa a desejar. Entretanto, se esses Irmãos se mostram imperfeitos e cometem transgressões na vida religiosa onde estão protegidos contra todos os perigos, cometeriam muito mais mundo. Não sejamos, pois, exigentes demais. Perdoemos algo à fraqueza humana e guardemos-nos, por um zelo desarrazoado, de exigir-lhes uma perfeição que não correspondente à sua idade".

Quando outro Irmão Diretor expressou-lhe o desgosto que sentia ao ver pouca piedade nos Irmãos do seu estabelecimento, o Pe. Champagnat aproveitou a ocasião para dar, publicamente, esta advertência a todos os Irmãos Diretores: "Meus caros Irmãos, não se admirem de que os Irmãos de quinze a vinte anos não tenham, nas orações, o fervor e a devoção que vocês têm. Essa idade é a fase mais crítica da

---

[991]. Era assim que o Pe. Champagnat lidava com o Ir. Silvestre (MEM, p. 85...).

[992]. Statistique. AA. P. 316.

vida. É o tempo em que as paixões começam a agir, movendo contra o homem a tal da guerra que só termina com a morte. Neste período, a alma, por um lado a atraída pelos prazeres sensuais, por outro arcada pelas misérias e fatigada pelas lutas que deve sustentar, não tem gosto para nada. As coisas mais sagradas não lhe causam nenhuma impressão, e as verdades mais terríveis mal conseguem despertá-la do torpor e frear-lhe as más inclinações.

Todos os homens pagam triste tributo a essa idade. Mesmo os que são bons e piedosos por natureza, gozam pouco da unção da graça e da piedade. Por isso, em vez de se queixarem do pouco fervor e devoção daqueles que atravessam esta fase da vida, importa compadecer-se deles, orar por eles, tratá-los com bondade, animá-los e, sobretudo, não repreendê-lo com aspereza. Severidade fora da conta poderia, talvez, descia-los do caminho da virtude, levá-los as do vício, que os seduz, e até fazer-lhes perder a vocação.

Quatro coisas são indispensáveis para sustentar esses Irmãos e fazer com que possam atravessar sem acidentes o tempo de provação e, assim, conservá-los nos Instituto:

1.Levá-los a rezar. Estou imaginando vocês me dizerem: É exatamente o que eles não querem e do que nos queixamos. Eu lhes respondo: a oração lhes é necessária, justamente porque não sentem gosto por ela e porque lhe têm repugnância. Vocês devem usar, de todos os meios que um zelo criativo pode inventar, para torná-los assíduos a esse santo exercício. Dêem-lhes bons conselhos, levem-nos à leitura de livros próprios a lhes inspirar sentimentos de virtude e amor à vocação. Peçam-lhes freqüentemente conta de sua meditação, surgiram-lhes a prática de algumas novenas a Nossa Senhora para solicitar-lhe o dom da oração e, sobretudo, exijam que cumpram fielmente todos os exercícios de piedade prescritos pela Regra.

2. *Mate-lo bem ocupados.* Para todos, a ociosidade representa um grave risco, mas para os jovens é causa certa de tentações e pecados. Eis por que o Irmão Diretor que exige o silêncio, estimula os estudos e faz com que se mantenham na observância da Regra, que exige de cada um a execução cuidadosa e dedicada de seu trabalho, está contribuindo diariamente para evitar uma infinidade de pecados, está preservando os Irmãos de uma multidão de perigos e de tentações,

prestando-lhe assim o mais assinalado favor.

3. *Animá-los.* Em qualquer idade o homem precisa de animação e apoio; porém, essa ajuda é sobretudo necessária aos jovens, pois, em virtude da inexperiência, a dificuldade os embaraça, levando-os a abandonarem seus bons propósitos. Possuindo convicções fracas e imaginação ardente, deixam-se persuadir com facilidade, seguindl, quase sem resistência, o impulso que lhes for dado. Se bem dirigidos, bem aconselhados e animados, tomam o caminho da virtude e percorrem-no com segurança. Porém, se os abandonarmos à própria sorte e, o que é pior, se imprudentemente lhes falarmos, ou os levarmos a crer que a virtude é difícil, que lhes falta aptidão para o ensino ou para a vocação que abraçaram, isso é suficiente para desanimá-los, levá-los a abandonar tudo e enveredar cegamente na direção errada.

4. *Levá-los à observância da Regra*. A observância da Regra traz muitas graças e afasta sérios perigos. As pequenas vitórias de um jovem Irmão, conquistadas contra si próprio para cumprir a Regra, adestram-no para os grandes combates, para os grandes atos de virtude, consoante o oráculo do Espírito Santo: quem é fiel nas pequenas coisas será também fiel nas grandes.[993] Pelo contrário, aquele que transgride a Regra, que obedece a seu próprio capricho nos pormenores de sua conduta, mostrar-se-á fraco nas grandes ocasiões, sucumbindo facilmente às tentações.

Ouvi numerosos Irmãos confessarem: não consigo resistir às tentações se não cumpro a Regra. Tornei-me infeliz, fui vencido porque faltamos à Regra, não levantamos na hora, não fazemos as orações no tempo determinado. Vocês já pensaram na responsabilidade do Irmão Diretor que não liga para a Regra! Pequenos desvios, ninharias para ele, podem tornar-se causa de faltas graves, das quais terá que dar contas a Deus. Sabem disso os Irmãos Diretores verdadeiramente imbuídos do espírito do seu estado. Tomaram os meios que acabo de indicar, sentem a alegria de serem úteis aos jovens Irmãos, de mantê-los na piedade e conservá-los na vocação".

O que mais admirava na jeito do Pe. Champagnat é que era a um só tempo enérgico e indulgente. A energia e a indulgência era,

---

[993]. Lc 16,10.

porem, mais fruto da graça e das qualidades cultivadas do que efeito do caráter e do temperamento. Era bom e condescendente porque transpirava o espírito de Nosso Senhor. Esse espírito, que o dirigia em tudo, conferia-lhe o caráter bom e enérgico que lhe conquistava a afeição, o respeito e o temor ao mesmo tempo. Aliás, confessava a afeição, o respeito e o temor ao mesmo tempo. Aliás, confessava que, de todos os deveres do superior, o mais espinhoso é a correção.

"Para bem cumpri-lo, é preciso ter muito espírito de abnegação e evitar cuidadosamente quatro defeitos: 1) habito de ralhar; 2) amuo; 3) impetuosidade; 4) fraqueza de caráter ou pusilanimidade. Esses quatros defeitos trazem consigo as mais funestas conseqüências.

O hábito de ralhar priva o Irmão Diretor da estima dos Irmãos, provoca murmurações e introduz infalivelmente o mau espírito na comunidade. No Irmão encarregado de uma classe, semelhante vício destrói a disciplina da escola, cria nos alunos um caráter rude, melancólico e grosseiro, inspirando-lhe secreta aversão ao professor e à escola.

O silêncio afetado ou amuo, sintoma de fraqueza, arruína a autoridade, destrói o respeito e a confiança devida aos superiores, torna os súditos insolentes, levando-os a zombarem de tudo.

A impetuosidade, tal qual o furação e o granizo, espalha o terror, mantém os subordinados continuamente sob ameaça, gerando sentimentos de temor.

A fraqueza de caráter, a pusilanimidade, a frouxa condescendência, que tolera os abusos, acoberta os defeitos, abre a porta a todas as desordens e torna o superior culpado de todo o mal praticado numa casa ou numa aula".

O piedoso Fundador possuía em grau elevado o espírito de abnegação que preconizava e, conseqüentemente, suas representações eram sempre acompanhadas de bondade, firmeza, caridade e indulgência. No entanto, com os veteranos e com os que possuíam sólida virtude, tomava menos cautelas, perseguindo-lhes os defeitos até os mais íntimos refolhos do amor próprio. Quando via alguém ufanar-se de seus talentos, humilhava-o publicamente ou em algum trabalho manual. Se visse algum Irmão relaxando os exercícios de piedade e apaixonando-se pelas ciências, proibia-lhe qualquer estudo profano,

ficando só com o estudo do catecismo. Ao perceber que um Irmão tinha grande Êxito e era muito aplaudido, sem preveni-lo retirava-o, transferindo-o para outra escola.

Um Irmão Diretor veio passar uma quinta-feira em 1'Hermitage. Mandaram-no trabalhar na horta. Transcorrido algum tempo, como fizesse frio e nevasse, o Irmão largou o trabalho sem permissão e foi ao curral bater um papo com um Jovem Irmão. No almoço, após a bênção da mesa, o Padre chama o culpado, repreende-o severamente e obriga-o a almoçar de joelhos no meio do refeitório. O bom Irmão recebeu a punição de maneira tão religiosa e cumpria-a com tanta humildade, modéstia e simplicidade, que um Padre diocesano, que almoçava com o Padre, ficou maravilhado. Voltando à sua paróquia, contou o fato a um grupo de jovens, que reunia na sua casa aos domingos. Ficaram de tal forma edificados que dois deles decidiram ingressar no Instituto onde se tornaram ótimos religiosos.

Quando os defeitos ou as falhas vinham de um caráter superficial, de um espírito transviado, ou por sua natureza escandalizava os Irmãos, mostrava-se firme e, às vezes, rigoroso. Um jovem Irmão conservara exagerado apego aos Pais. O Padre limitara-se, no início, a admoestá-lo repetidas vezes, com bondade, para levá-lo a superar essa tendência. Tendo sido informado de que esse Irmão, enviado por ele a um estabelecimento para substituir um doente, fora visitar a mãe, sem licença, mandou chamá-lo e o despediu. A um Irmão veterano que achava essa conduta severa demais, respondeu: "O Irmão que preza mais o pai ou a mãe do que a Regra e seu dever é um religioso leviano. Teremos sempre em demasia esse tipo de gente e, quando conhecidos nunca é demais a pressa em desfazer-se deles".

Certo postulante ostentava asseio requintado e conservava, apesar das observações do mestre de noviços, certas maneiras mundanas. Após repreendê-lo duas ou três vezes, o Padre, vendo que não se emendava, chamou-o e lhe disse: "Amanhã você vai voltar para casa". Diante da resistência do postulante, estima-o: "Vá embora e leve junto todas essas maneiras mundanas que aqui não toleramos".

Um Irmão, sob o pretexto de que guiava o cavalo e viajava muito, fizera pequena provisão de alimento numa maleta e, decerto, se aproveitava nas viagens. Informado, o padre chamou o Irmão e expul-

sou-o no mesmo dia. No Conselho em que se ventilou essa expulsão, assim se expressou o bom padre: "Aquele que se esconde, não vive como os outros e se deixa levar pela sensualidade, não é próprio para viver em comunidade: pois a vocação religiosa exige alma transparente, abnegada e prazerosa com a vida comunitária".

O piedoso Fundador não se limitava a corrigir os Irmãos de seus defeitos. Trabalhava sem descanso em promovê-los na virtude. Sua grande ocupação era torná-los cada dia mais piedosos, mais humildes, mais mortificados, mais desapegados das criaturas e da vontade própria e mais fiéis à Regra. Queria que tivessem virtudes sólidas. Por isso, nas exortações e nos ensinamentos recomendava a humildade, a pobreza, a mortificação e as demais virtudes que libertam o homem dos vícios ocultos nos receios da alma, como: apego à vontade própria, vaidade, auto-suficiência, preguiça e tudo quanto lisonjeia a natureza. Possuía o carisma de discernir e desmascarar essas espécies de defeitos e inspirar-lhes horror.

Paralelamente, tinha o dom especial de inspirar o amor à virtude, levar os jovens a abraçá-la e fazer esforço generosos para adquiri-la. Sabendo que nem todos são chamados à mesma perfeição, nem conduzidos pelos mesmos caminhos e que o melhor meio de fazê-los avançar é colaborar com a graça que os atrai e conduzi-los com cuidado seguindo o atrativo particular, exigia de cada um a perfeição de acordo com o grau de graças e as disposições que descobria neles.

Seu método consistia em exigir pouco no início, fazendo percorrer lentamente o caminho da perfeição. Não permita entretanto, nenhuma parada e menos ainda retrocessos. Dizia sempre aos que se deixavam levar por entusiasmo passageiro e queriam abraçar tudo de uma só vez ou se lançavam a objetivos árduos demais: "Vão devagar porque a virtude não consiste em muito prometer, ou muito empreender, mas em ser perseverante e fazer bem as coisas ordinárias".

Um Irmão lhe mostrara resoluções do retiro. Após lê-las, disse-lhe: "Que diria você de uma criancinha que tivesse a pretensão de carregar um fardo que um homem de vinte e cinco anos levaria com dificuldade? É o que pretende, conforme o que escreveu. Risque os três quartos de suas resoluções e cumpre bem o restante. Já é suficiente para fazer de você um bom religioso"

Sua vigilância o tornava atento para manter a regularidade na comunidade, nela implantar o fervo, desenvolver a virtude dos Irmãos e, sendo preciso, submetê-los à prova. Certo Irmão, dono de grandes talentos e a quem não faltavam disposições para a virtude, pediu-lhe autorização para comprar um Tratado de Geometria: "Não", atalhou o Padre, "porque quero que o estude outra ciência, mais necessária para você do que a geometria: a humildade". E pegando da biblioteca a obra intitulada *Desprezo de si próprio*, [994]acrescentou: "Aqui está o livro que o ajudará a aprendê-la. Trata de o ler, estudá-lo e meditá-lo durante tudo este ano. No próximo retiro, dar-me-á uma apreciação deste livro por escrito e vai me prestar contas ainda dos progressos que tiver feito no conhecimento de si próprio e na prática da humildade".

Esse estudo e meditação não resultaram inúteis para o Irmão e o zelo do bom Padre viu-se recompensado com os esforços do Irmão em vencer o orgulho e adquirir a humildade. Sabia, porém, que os bons começos deviam ser apoiados e que a virtude, para ser sólida, precisa ser excercitada. Em conseqüência, acompanhou de perto o Irmão. Informado de que se permitira algumas palavras de vaidade durante um recreio, alardeando os êxitos obtidos na aula no decorrer do ano, mandou chamá-lo e lhe disse: "Encarrego-o de lavar a louça. Este trabalho lhe assenta perfeitamente bem. Seria muito bom que ficasse com ele o ano todo. Vou deixá-lo aqui o tempo que puder. Trate de deixar tudo bem limpinho e não quebre nada". Embora fosse diretor, teve de lavar louça os dois meses de férias.

Ainda durante as férias o Padre quis avaliar a obediência de um diretor que já estava trabalhando na horta. O Irmão encarregado da estrebaria chamou-o: "Venha comigo, é ordem do Padre". Quando chegaram dos banheiros, acrescentou: "O Padre quer que você faça o seguinte com esta escada, desça na fossa de esgotos e retire o bezerro morto que está aí faz dois dias. Eu fico aqui em cima. Quando você o tiver retirado, ajudarei a arrastá-lo até o rio". Estando o Irmão Diretor no fundo da fossa e já agarrando o animal em putrefação no meio daquelas imundices, o Irmão vaqueiro[995] lhe gritou: "Pode subir. Não

---

[994]. OM 2, p. 177, ilustração 49.

[995]. O vaqueiro é o Ir. Doroteu (AA, p. 190). Cf. LPC 2, p. 185.

precisa tirar o bezerro. A ordem era só que você tentasse. Agora, vá tomar banho, que está precisando muito".

Decorridos dois dias, o Pe. Champagnat chamou o mesmo Irmão Diretor e lhe disse: "Sabe que somos numerosos e nos faltam bons cozinheiros. Pensei que você faria bem esse trabalho. Então, pode começar. Quero ordem e asseio na cozinha e em suas dependências". Deixou-o neste trabalho durante os dois meses de férias, não pode necessidade, mas para triná-lo na humildade, mortificação e obediência. Encontrando-o alguns dias depois disse-lhe:

-Em que ficou pensando desde que assumiu a cozinha?

-Olhe, Padre, respondeu o bom Irmão, ando tão atarefado de manhã à noite, que não sobrou tempo para pensar em coisa diferente do meu trabalho. Além do mais, sei que, cumprindo sua vontade, faço a de Deus. Isto me basta e não preciso ficar pensando.

A resposta edificou muitíssimo o bom Padre, o que o levou a redobrar de zelo para aperfeiçoar a virtude do seu discípulo. Sabendo que o Irmão era muito estimado na paróquia onde lecionava e temendo que ele se afeiçoasse demais ao lugar, durante as férias, fez menção de trocá-lo. Com efeito, nomeou-o para outra escola, onde tudo estava por fazer, onde, portanto, teria muito que sofrer. Visando conhecer-lhe perfeitamente os sentimentos e verificar se não se lamentava com essa remoção, pediu a alguém para observá-lo e observou-o ele próprio, durante vários dias. Como esse Irmão viesse pedir-lhe para iniciar os preparativos da sua transferência, inquiriu-lhe o Padre:

-Não lamenta deixar a escola onde se sentia tão bem?

-Padre, não posso negar que gosto do lugar de onde sou transferido. Mas, acima de tudo, faço questão de obedecer e cumprir a vontade de Deus.

-Muito bem! Se é por isso, prepare-se para voltar ao seu estabelecimento anterior, pois mudei de idéia.

Querendo o santo Fundador experimentar a obediência de outro Diretor e avaliar sua docilidade e seu bom espírito, justamente na fase em que esse Irmão conseguia os maiores sucessos e era aplaudido

pelas autoridades, enviou-lhe um Irmão[996] com uma carta redigida nestes termos:

"Meus caro amigo, parta imediatamente em companhia do portador desta carta. Não informe a ninguém de sua partida, nem mesmo ao Sr. Vigário. Também não indague para que lugar estou mandando você, nem o que estamos querendo. Abandone-se inteiramente à obediência".

O Irmão submeteu-se em tudo ás intenções do seu superior.Acompanhava em silêncio seu guia, que lhe anunciou seu destino no momento que lá chegava, após dois dias de caminhada. Iria lecionar em classe mais adiantada, sob a direção de outro Irmão. Assim, voltava a obedecer, após ter exercido o cargo de diretor pelo espaço de dez anos.[997] Dois meses haviam transcorrido quando um de seus coirmãos, desejando conhecer sua atitude para agüentar isso.

-Corre por aí o boato que lhe custou muito voltar a obedecer, depois de ter sido diretor por dez anos. E estão dizendo também que vocês está precisando de muita virtude para agüentar isso.

-Deixe correr os boatos e falar os homens, e evite acreditar em tudo o que ouve.

-Mas, afinal, seja franco, o que é que sentiu na ocasião e como se sente agora, nesta nova situação?

-Já que o deseja, vou dizê-lo sem mistério. A contar do dia em que me aliviaram das preocupações da administração de uma casa, rezei todas as noites um Te Deum para agradecer a Deus semelhante favor e sinto-me tão feliz no estado atual de dependência que desejo e suplico ao Senhor conservai-me assim a vida inteira. Existem pessoas, até entre os religiosos, que não compreendem os deveres de um Irmão Diretor, e menos ainda a felicidade e as vantagens da obediência, eis por que correm esses boatos, que um bom religioso não deve levar em conta.

---

996. AA, p. 191.

997. "Excetuando a interrupção de um ano, em 1830, o Ir. João Batista permaneceu uma dezena de anos em Neuville... Reencontramos o Ir. João Batista em Charlieu, por volta de 1836, onde substituiu o Ir. Luís (*Nos Supérieurs*, p. 21). Então é possível que se trate do próprio Ir. João Batista.

Poderíamos alinhar uma infinidade de fatos semelhantes. Bastam estes, porém, para evidenciar o espírito profundamente religioso dos primeiros Irmãos e fazer-nos compreender com que sabedoria o Pe. Champagnat exercitava, fortalecia e aprimorava, pondo à prova a virtude dos Irmãos.

CAPÍTULO DEZESSETE

Cuidando na formação dos Irmãos Diretores.

A tarefa do Pe. Champagnat teria sido mais fácil, se consistisse apenas em formar religiosos. Mas pela índole do Instituto e pela finalidade da vocação, devendo todos – ou quase todos – os Irmãos exercer o cargo de superiores, por terem coirmãos ou alunos a superintender, dirigir e educar, urgia incutir-lhes as qualidades necessárias ao cabal desempenho desse ministério tão sublime quanto espinhoso.

Francamente, não há nada mais sublime do que a direção das almas. Isso levou S. Gregório[998] a dizer que governo dos homens representa a arte das artes e a ciência das ciências. "Se há dificuldades em obedecer, prossegue o santo doutor, há incomparavelmente mais em mandar. Essas dificuldades crescem quando se trata do governo de uma comunidade, onde não basta orientar os religiosos no exercício da vida mora, honesta e social, mas é preciso ainda conduzi-los a Deus e à mais alta perfeição". Uma comunidade, e pode-se falar, é um corpo moral, cuja cabeça é superior, e os membros os súditos. Ora, assim como a cabeça comunica ao corpo todos os influxos benéficos ou maléficos, do mesmo modo o superior de uma casa transmite aos súditos seu espírito, suas disposições, vícios ou virtudes. Isso induziu os Santos Padres a dizerem que uma comunidade, via de regra, é o retrato de seu chefe.[999] "Os defeitos que grassam numa comunidade, dizia S. Vicente de Paulo, nascem geralmente da negligência do superior. Também a boa conduta e as virtudes dos membros dependem da regularidade e da sabedoria do governo de quem se dirige.

Comumente as causas produzem os efeitos de acordo com sua natureza. Ovelha gera ovelha. Homem gera homem. Se o dirigente for animado somente pelo espírito humano, quem o escuta e procura imi-

---

998. S. Gregório Magno, *Regra Pastoral*, vol. 1, cap. 1.

999. No livro *Biographies de quelques Frères,* escreve o autor: "Ordinariamente uma comunidade é igual ao chefe; foi isso com certeza que nos quis mostrar o Espírito Santo quando diza: 'tal o gevernante, tais os habitantes da cidade'" (Sr 10,2). BQF, p. 247.

tá-lo tornar-se-á simplesmente humano. Diga a ele e faça o que quiser, não conseguirá oferecer-lhe senão a aparência de virtude, jamais os fundamentos. Haverá de comunicar-lhe o espírito que o anima, como observamos que os mestres imprimem no espírito dos discípulos as suas maneiras de agir. Quando, porém, o superior vive embebido do espírito de Deus, seus atos são outros tantos ensinamentos mudos, que levam ao bem. Suas palavras são sempre eficazes. Dele dimana uma força que edifica os súditos e, imperceptivelmente, os torna melhores."[1000]

Em suma, o superior representa para sua comunidade aquilo que o enxerto é para a árvore. Se o enxerto for de boa qualidade, a árvore produzirá excelentes frutos. Se, pelo contrário, for de espécie degenerada e selvagem, a árvore só produzirá frutos selvagens. O superior plasma seus discípulos à sua imagem e semelhança. Suas faltas são logo reproduzidas e o contágio se propaga como incêndio. São como pecados originais, contraídos por todos aqueles que os presenciam. O superior é o espelho da comunIdade, e a comunidade, o eco da conduta do chefe. Assim como se atribui o triunfo ou o malogro de uma guerra ao general do exército, assim também os vícios ou as virtudes reinantes numa casa religiosa dimanam, quase, dos defeitos ou das virtudes do superior.[1001]

Tais sentenças afloravam muitas vezes nos lábios do Pe. Champagnat, e delas se convencera profundamente, a ponto de assegurar que o futuro do Instituto dependia totalmente dos Irmãos Doutores. Não admira, pois, que se mostrasse tão cauteloso e, por que não dizer, severo na escola de Diretores, considerando como uma de suas mais importantes obrigações o cuidado de formá-los na administração escolar e no governo das casas. Para vencer nessa difícil empreitada servia-se dos três meios seguintes:

Durante os dois meses de férias,[1002] fazia muitas conferências

---

[1000]. Lous Abelly, *La Vie du Vénérable Seviteur de Dieu, Vincente-de-Paul,* Paris, Lambert, 1644. Livro III, cap. XXIV, p. 360-364.

[1001]. Cf. Lê Bom Supérieur (introduction), p. 16, na edição de 1951. Ver também BQF, p. 248-249.

[1002].Em certos anos, as férias só começavam no fim de setembro (LPC 1, doc. 11132, p. 267). O Pe. Champagnat faz com os Irmãos Diretores o que fazia com os Irmãos

aos Irmãos Diretores sobre o governo das casa, a administração dos bens materiais e a direção das aulas. Nessas conferências discorria com riqueza de detalhes sobre as virtudes necessárias a um bom superior e os meios de as adquirir; as obrigações do professor e do diretor, e o modo de cumpri-las. Após uma explanação que versava sobre esse tema importante, um Irmão Diretor lhe disse: "Sendo tão pesadas as obrigações de um superior, não vejo nenhuma vantagem em ser superior. Peço-lhe, pois, aliviar-me desta função cuja responsabilidade me apavora".

"Meu Irmão, replicou-lhe o Padre, Deus, confiando-nos um ofício por via da obediência, nos dá, ao mesmo tempo, os auxílios e as graças necessárias para executá-lo adequadamente.[1003] De sorte que as obrigações de nosso estado, longe de serem obstáculo à nossa salvação, pelo contrário são meios pela perfeição de praticar grandes virtudes, se correspondermos à graça que nos é dada. Recusar um encargo que Deus nos impõe não significa agastar os perigos que ameaçam nossa salvação, mas expor-nos ao maior de todos os perigos, o de nos subtrairmos à direção da Providência e de tornarmos inúteis os dons e as graças que Deus nos dispensou. É incorrer na situação de sermos condenados como os servo preguiçoso que ocultou[1004] seu talento. Que teria acontecido se S. Francisco Xavier, pretextando ser sua missão muito perigosa, recusasse obedecer e seguir a voz divina que o chamava às Índias? Esse grande santo responderia perante o supremo Juiz por todos aqueles, pela salvação dos quais trabalhou com tanto sucesso e que, sem ele, ficariam sepultados nas sombras da morte.[1005]

---

professores, conforme depoimento do inspetor Dupuy: "O Pe. Champagnat [...] nos quinze dias de férias, reúne todos os professores, prepara-os por meio de um curso normal e aperfeiçoamentos sucessivos. O inspetor viu-os, duas vezes, nestes exercícios, leu seus estatutos e só achou coisas muito louváveis. Na viagem examinou, com muita atenção, as escolas por eles dirigidas [...] em toda parte percebeu a ordem, ótimo método e um ensino que, em Bourg-Argental, dentre em breve será do primeiro grau" (RLF, p. 107; ver também LPC 1. doc. 313, p. 556ss. Para a organização de conferências

1003. Sto. Tomás, Summa, 3.27.4c.

1004. Mt 25,25.

1005. Jô 3,5; Sl 22,4; 87,7; 106,14; Lc 1,79.

S. Francisco Xavier[1006] se achava de tal modo compenetrado dessa verdade, que não acreditava escapar do inferno, se não fosse pregar o Evangelho no Japão. Não é, portanto, nosso cargo que representa para nós um perigo, mas nossa infidelidade à graça. Quem recusa uma função que Deus lhe impõe, assume a maior e a mais terrível de todas as responsabilidade".

Nas conferências, o piedoso Fundador concedia a todos os Irmãos a liberdade de lhe apresentar seus problemas, submeter-lhe as dúvidas e tudo quanto os embaraçava nos pormenores de suas funções. Os Irmãos usavam amplamente esta liberdade, e cada um lhe trazia suas observações, lhe expunha seus sentimentos, seus escrúpulos a respeito de inumeráveis questões administrativas, direção das casas, ou o questionava sobre as opções mais conformes à Regra, ao espírito do Instituto, em tais ou tais circunstâncias, assim como a conduta a seguir numa infinidade de casos que o Diretor deve tratar e resolver.

2. *Muitas vezes admitia no seu conselho Irmãos de maior liderança*, e quase nada resolvia sem antes consultá-los. Acreditava que iniciar os Irmão nos assuntos do Instituto e consultá-los a respeito das normas que elaborava e do método de ensino a ser adotado seria um meio seguro de lhes formar o espírito, corrigir conceitos, desenvolver o discernimento, dar-lhe experiência, levá-los a julgar, a apreciar as coisas e tratá-las, depois, com inteligência e eficácia. Vez por outra, após ventilar em conselho os prós e contras de uma medida, encarregava um Irmão de executá-la ou complementá-la, deixando a seu critério o cuidado de fazer pelo melhor. Resolvia a questão, exigia prestação de contas de como fora realizada. Louvava e aprovava aquilo que julgava bom. Indicava as providências, vencer obstáculos, diminuir resistências, ou contentava-se em dizer que, por outro caminho, ele teria obtido melhor resultado.

3. *Freqüentemente fazia entrevistas com cada Irmão Diretor*, pedindo-lhe esclarecimentos sobre a administração, problemas surgidos com os Irmãos, com as autoridades, com os alunos ou com os pais. Elogiava ou censurava o comportamento do Irmão conforme as

---

[1006]. Carta ao Pe. Inácio de Loyola, de 12 de janeiro de 1549 (BAC 100, 283).

circunstâncias e lhe apontava a linha de ação futura em casos semelhantes. Nesses colóquios exigia total franqueza. "Não é, expressava-se, encobrindo os próprios erros e imprudências que se adquire experiência, mas revelando com simplicidade sua conduta a quem tem o direito e o dever de julgar. Na vivência comunitária, aquele que teme ser avaliado e não gosta de ser repreendido e orientado torna-se incapaz de administrar obras e formar os Irmãos. Ainda mais, acaba na impossibilidade de desempenhar corretamente qualquer cargo, tornando-se homem inútil. A visão humana, por mais perfeita que seja, é sempre fraca e limitada. Os oráculos e os instrumentos óticos a dilatam e a levam até os confins do espaço. Assim também, por mais esclarecida que seja a inteligência do Irmão, se ficar restrito a si mesmo e à sua débil razão, só perceberá as coisas de maneira imperfeita. Terá noções curtas e incompletas. Jamais poderá assumir uma função de confiança e não realizará o bem que Deus exige dele."

Durante o ano, cada Irmão Diretor devia escrever-lhe, pelo menos, bimestralmente, [1007] a fim de lhe comunicar a situação da sua casa e da escola, o comportamento dos Irmãos, e receber orientação e instruções sobre imprevistos. Enfim, a todos os cuidados em formar os Irmãos no governo das casas, acrescentava fervorosas suplicas, pedindo a Deus homens de capacidade para a função. Nessa intenção – segundo frisou diversas vezes -, a recitação diária do ofício marial e a comunhão[1008] da quinta-feira visavam obter do Senhor bons Irmãos Diretores e dignos superiores.

Bom espírito, grande dedicação ao Instituto, muita habilidade e perícia, amor à ordem e à economia, fidelidade à Regra, verdadeira piedade e, acima de tudo, caridade, humildade e prudência, tais eram as qualidades e as virtudes que exigia do Irmão para encarregá-lo de dirigir os demais. Competência e talentos, se não viessem acompanhar por essas virtudes em grau suficiente para garantir a boa direção da casa, tinha-os em conta de nada. Em visto disso, freqüentemente suce-

---

[1007]. Règle de 1837, cap. VII, art. 1, p. 52.

[1008]. "Alguns Irmãos já comungava na terça-feira, em 1831. a comunhão de sábado foi introduzida mais tarde [...]. O Padre autorizava algumas vezes duas, raramente três, jamais quatro comunhão seguidas, receando que os Irmãos se habituassem a fazê-la sem preparação" (AA, p. 328-329).

dia que Irmãos muito instruídos não eram diretores e até desempenhava as últimas funções da comunidade. Isso desconcertava, por vezes, as pessoas do mundo que julgam as coisas apenas pelas aparências e por aquilo que impressiona os sentidos. Em certo município, as autoridades, após visitarem a escola que estava em fraca prosperidade, comentava ao se despedir: "Não entendemos como é a organização dos Irmãos. Fazem o contrário dos outros: o mais competente dá aula na classe inicial e o que parece menos instruído é responsável pelo governo da casa". Eram assim mesmo. O que não impedia o andamento perfeito da escola, porque o Irmão Diretor, embora com menos instrução, possuía todas as qualidades necessárias para dirigir a escola e orientar os Irmãos.

Para o piedoso Fundador, idade não constituía nem recomendação em motivo de exclusão, embora nomeasse, em geral, para a direção das casas somente homens maduros. Um dia, tendo alguém manifestado estranheza por ter ele confiado a direção de um estabelecimento importante a um Irmão jovem, replicou: "Há jovens idosos e anciãos que permanecem crianças a vida inteira.[1009] Esse Irmão, embora moço, é muito sensato, prudente e sábio, predicados essenciais a um Diretor. Encontra-se, pois, em melhores condições de governar do que muitos outros mais idosos do que ele". Todavia designava para as funções de Diretor somente Irmãos professores[1010] e que, portanto, haviam vivido certo número de anos no Instituto e tido templo de lhe assimilar o espírito, formar-se na virtude e adquirir experiência. "A profissão, dizia, é condição exigida para exercer a função de governo por três razões:

1. Porque é conveniente que os Irmão sejam orientados, governados e formados por um membro perpétuo do Instituto e não por um estranho ou um noviço;

2. porque a profissão constitui suficiente prova de que a pessoa possui as virtudes de um bom religioso, assim como as qualidades necessárias a um membro do Instituo e de que se acha em condições de cumprir a finalidade da instituição;

[1009]. Cl 4,13.

[1010]. Cl Statuts de la Société de Marie, art. 7: Irmão não poderá ser nomeado superior de uma casa antes de fazer a profissão" (AFM 132. 7, P. 3).

3. porque a direção das almas e a santificação dos meninos são obras da cruz e não se realizam senão pela cruz. A função de diretor exige necessariamente religiosos "cruzados", vale dizer homens de abnegação e de sacrifícios, mortificados, conhecedores do mistério da cruz. E conhecer o mistério da cruz é estar profundamente convencido de que todas as obras de Deus vêm marcadas por esse sinal sagrado; é considerar a cruz como a certeza de triunfo, como o meio mais eficaz para ter Êxito como catequista das crianças e Diretor dos Irmãos. É impossível fazer o bem sem que o demônio e o mundo se oponham. Penas e aflições são inexoravelmente o quinhão de todos aqueles que realiza a obra de Deus e trabalha com proveito na salvação das almas. Portanto, quem teme contrariedade, perseguições e provações, quem recua e se desequilibra perante os obstáculos, aquele a quem as dificuldades paralisam a desanimam, desconhece o mistério da cruz e é impróprio para o cargo de Diretor."

Para desempenhar-se bem de qualquer trabalho é preciso ter idéia exata sobre ele e conhecer as obrigações que impõe. Não é raro, infelizmente, encontrar pessoas encarregadas do governo dos outros que se iludem estranhamente, em relação a autoridade que exercem, exergando no posto apenas o proveito pessoal e aquilo que lisonjeia o amor próprio. Outra coisa, não menos surpreendente, é encontrar às vezes homens que ambicionam o cargo de superior. Ah! Quanta cegueira! Quão pouca virtude e espírito religioso deve ter alguém para acalentar semelhantes idéias! Desejar um cargo é, ordinariamente, uma prova de que não se tem as qualidades requeridas para desempenhá-lo bem; é demonstrar que se ignoram os deveres e as responsabilidades de superior.

Certamente o Pe. Champagnat aludia a esses religiosos, quando afirmava: "Para alguns Irmãos Diretores a autoridade consiste em lecionar na classe mais adiantada, gerir as finanças, apoderar-se para seu uso do que há de melhor no estabelecimento, adquirir mil ninharias, mil coisas supérfluas, projetar-se na sociedade, permitir-se toda sorte de liberdades, serem servidos e, às vezes, tiranizar seus Irmãos. Como são desprezíveis esses diretores! Bastam alguns desses para dar livre acesso aos mais desastrados abusos, arruinar o espírito religioso de uma casa, transtornar e perder uma comunidade. Guarde-nos Deus de confiar um só estabelecimento ao Irmão animado desse espírito e

capaz de agir assim".

Findas essas palavras, expressas com extrema veemência, um Irmão veterano se ergue e lhe fala: "Padre, todos nos associamos ao desejo que acaba de manifestar, e não permita Deus que uma só de nossas casas seja governada por um Irmão que a tal ponto ignore seus compromissos. Contudo, antes do término dessa conferência poderia dizer-nos como deve considerar sua autoridade um bom Diretor".

"De muito bom grado, redargüiu o Padre. O Irmão Diretor que possui o espírito do seu estado e compreende as obrigações impostas pelo cargo do governo de uma casa faz consistir sua autoridade nos seguintes pontos:

1. *Manter a observância da Regra e o espírito de piedade na comunidade.* Para tanto dá testemunho de pontualidade e regularidade, exorta e instrui através de seus atos e todo seu comportamento, empenha-se com prudente firmeza, para que todos os Irmãos a ele confiados cumpram seu dever, seja fiéis à Regra e ajam em tudo de acordo com o espírito e os costumes do Instituto. A esse respeito, trago ao conhecimento de vocês uma resposta magnífica de um Irmão Diretor. Um de seus subalternos, que passara por diversos estabelecimentos e nem por isso se tornara mais regular, disse-lhe que nas casas de onde vinha tolerava-se algumas coisas contrárias à Regra e que se praticava outras, desta e daquela maneira, e não entendia o porquê de não agir da mesma forma na comunidade em que ingressava. 'meu Irmão', respondeu-lhe o sábio Diretor, 'aqui não levamos em conta o que se faz alhures. Contentamos-nos em cumprir, do melhor modo possível, nossa Regra. Por isso, não me fale mais do que viu e do que se faz em outras casas. Contente-se em me avisar se notar qualquer infração à Regra. Farei o que depender de mim para remediá-la'. Assim é que devem expressar-se e agir todos os Diretores.

2. *Dedicar-se totalmente às suas funções e à direção da casa;* manter-se constantemente à frente de sua pequena comunidade; presidir os exercícios de piedade, os recreios, os estudos e as refeições. Deve ser o primeiro na observância do silêncio, no amor ao estudo; a conservar a ordem e a limpeza, a trabalhar na horta[1011] e a cuidar das

[1011]. O Prospecto de 1824 exigia uma "horta" (OME, doc. 28 [11], p. 88)

crianças. O Diretor deve usar todo seu tempo, talentos e cuidados, toda sua atividade em favor da comunidade. Deve dedicar-se ao ensino e à educação dos alunos, supervisionar todas as aulas, estar a par de tudo o que se faz,[1012] orientar os Irmãos, formá-los à virtude e aos conhecimentos de seu estado, segui-lo nos pormenores da conduta, a fim de, segundo a necessidade, dar-lhes avisos, lições, censuras e estímulo; deve ainda administrar os bens materiais da casa. É isso que deve ocupá-lo o tempo todo, e não as questões estranhas ao seu ofício de Diretor.

3. *Tornar-se o servo de todos os seus Irmãos*, de modo a poder dizer, a exemplo de Jesus Cristo: Estou no meio de vós como aquele que serve.[1013] Um de seus primeiros deveres consiste em formar os Irmãos para as diversas funções do Instituto. É necessário, pois, que saiba um pouco de tudo, para lidar com tudo, para ministrar lições práticas em todos os setores, fazendo na presença dos Irmãos, aquilo que não sabem fazer. O Irmão Diretor deve tratar seus Irmãos, como a irmã de caridade trata seus doentes: pelo amor, pela solicitude, pelos cuidados permanentes em aliviar as dores dos que sofrem, socorrer os necessitados, soerguer o ânimo dos abatidos e prover às necessidades de todos.

4. *Ser intercessor de seus Irmãos junto a Deus*, rezando continuamente por eles. Quem é superior deve imitar Moisés,[1014] erguendo permanentemente as mãos ao céu, para atrair a misericóridia divina sobre seus súditos e implorar a Deus queira preservá-los das ciladas do inimigo da salvação. O Irmão Diretor deve conseguir, pelo favor e a perseverança de suas preces, aquilo que suas lições, seus bons conselhos e observações não conseguem. Só se opera o bem através da oração. Por isso, o Irmão Diretor sem piedade sólida não tem a graça de Deus para ter êxito no seu cargo e formar à virtude os Irmãos e as crianças a ele confiadas.

1012. "O Irmão Diretor examinará, cada quinze dias, os meninos que podem mudar de lição; alem disso, deverá manter-se a par do comportamento e do progresso de todos os meninos, para poder prestar contas em qualquer ocasião" (Règle de 1837, cap. III, art. 9, p. 29).

1013. Lc 27,27; Mt 20,26-28; Mc 10,43-45.

1014.Ex. 17,10-13.

5. Velar pelo pequeno rebanho que Deus lhe confiou. Sua vigilância deve ter por finalidades

a) Conhecer tudo o que se passa na casa, para averiguar se Deus está sendo servido, se todas as normas estão sendo observadas, se os bens temporais são bem administrados, se reina ordem e se os Irmãos trabalham com zelo e dedicação.

b) acompanhar os Irmãos nos pormenores do seu comportamento, para conhecer-lhes os defeitos e as qualidades, as falhas e os progressos na virtude, suas necessidades temporais e espirituais, afim de corrigir o mal, sustentar e aperfeiçoar o bem e proporcionar a cada um o que lhe for necessário para adquirir as virtudes de seu estado e cumprir a finalidade de sua vocação;

c) prevenir as faltas, prescrevendo a cada um o que deve realizar; afastar qualquer ocasião de transgredir a Regra, perturbar os Irmãos ou causar-lhes perda do tempo e do recolhimento, corrigindo e repreendendo oportunamente, pois não há nada que multiplique tanto as transgressões como a impunidade;

d) conseguir que todos os Irmãos sejam assíduos aos exercícios de piedade e os cumpram condignamente; que se respeite o silêncio, que não haja abusos nas relações com os estranhos e com os alunos. Esses três pontos são essenciais. Resumindo, o Irmão Diretor deve fazer consistir sua autoridade em manter a Regra, dedicar-se ao bem do seu estabelecimento, tornar-se o servo de seus Irmãos, rezar por eles, prevenir, pela vigilância, qualquer abuso e qualquer transgressão à Regra."

Em outra conferência sobre os deveres e as atribuições dos Irmãos Diretores, o piedoso Fundador dizia: "A autoridade confiada àqueles que exercem o governo de uma casa tem sete funções:

1. Ensinar: isto e, os irmãos têm o direto e o dever de governar os súditos, instruí-los e formá-los; explicar a Regra e, em certos casos, explicitar-lhes o sentido e aplicação, de acordo com o espírito do Instituto;

2. dirigir os Irmãos no caminho traçado pela Regra, no trabalho, nos estudos, na prática das virtudes e em todos os exercícios da vida comunitária;

3. estar atento para afastar o mal e tudo o que possa prejudicar aos indivíduos e ao corpo todo;

4. conter ou manter os Irmãos no dever, no espírito e na finalidade do Instituto;

5. prover com terna solicitude às necessidade espirituais e corporais de todos os membros da comunidade, de sorte que os súditos não tenham de se ocupar com isso, e dediquem todas a atenção à santificação própria e ao trabalho que exercem;

6. salvaguardar os direitos de cada um, sustentar a autoridade dos jovens Irmãos e garantir-lhes o respeito e a obediência dos alunos; proteger, se preciso for, o fraco contra o forte, o oprimido contra o opressor;

7. corrigir e punir, com indulgência e caridade, os defeitos e as faltas dos bons; repreender os transgressores da Regra, os promotores de abusos e escândalos, porque a respeito de cada superior poder-se dizer: não é sem razão que leva a espada."[1015]

depois de esclarecer aos Irmãos Diretores em que consiste a autoridade deles e apontar-lhes as atribuições, procurava preveni-los contra os defeitos capazes de enfraquecê-la e destruí-la. Assinalava quatro defeitos principais: a facilidade em transgredir a Regra, a falta de dignidade, a inconstância e a susceptibilidade.

"Transgredindo a Regra, vocês desobedecem a Deus, dizia. Seus súditos lhes desobedecerão também. Menosprezam a Regra e a vontade divina, desprezar-lhes-ão a autoridade e as ordena e vocês próprios cairão no desprezo. Quantas vezes ouvi jovens Irmãos me falarem nestes termos: 'Perdi toda a confiança no Irmão Diretor, uma vez que percebi que ele não faz caso da regularidade. Não posso estimá-lo, porque não é regular. Sou levado a desprezá-lo e a desobedecer-lhe, sempre que o vejo infringir a Regra, perde a autoridade e perde os Irmão.

A falta de dignidade não é menos nociva à autoridade. O Irmão Diretor que é excessivamente familiar e cai na leviandade, na dissipação e no espírito galhofeiro, assim como em todo ato que fere a

[1015]. Rm 13,4.

circunspecção, a seriedade e modéstia convenientes ao religioso, jamais granjeará o respeito e a obediência dos súditos.

A susceptibilidade e a inconstância se caracterizam por mudar facilmente de conduta, melindrar-se, ofender-se e zangar-se por ninharias. São dois inimigos perigosos para a autoridade. Quem possui jurisdição sobre o comportamento alheio só deve zangar-se e aflingir-se perante a ofensa a Deus. Em qualquer outra situação deve permanecer impassível. É normal que o superior mantenha seus direitos e sua autoridade. Entretanto, importa não inciumar-se por demais. Se quiser conservar a autoridade, é preciso mantê-la nos seus limites, porquanto exigir demais equivale a nada alcançar".

Enfim, o Pe. Champagnat, nos seus ensinamentos, nas correspondências com os Irmãos Diretores e nas conversas particulares com cada um deles, transmitiu inúmeras orientações e conselhos próprios a formá-los na direção das casas. Na impossibilidade de relatá-los todos aqui, citaremos pelo menos os pensamentos seguintes que lhe eram mais familiares:

"É importante saber, dizia, que a autoridade se conservava pelo respeito. Ora, o Irmão Diretor deve primeiro respeitar-se a si mesmo. Para tanto, é preciso que proceda em tudo com muita prudência; seja reservado, sério, modesto em sua conduta e discreto nas palavras; oculte, com cuidado, seus defeitos, sua incapacidade e ignorância, e evite tudo o que possa acarretar-lhe censura ou desprezo".

"Ele próprio deve respeitar sua autoridade e, com este propósito, usá-la sempre com discernimento e sabedoria. Jamais comprometa-la com ordens injustas, desarrazoadas ou inoportunas. Precaver-se contra qualquer preconceito e evitar repreender e corrigir com azedume, cólera, ímpeto ou paixão".

"Enfim, deve respeitar os súditos. Mas respeitar o quê?

1. *A pessoa:* tratando a todos com lealdade, dando ordens com bondade, tratando-os como Irmãos, membros de um mesmo corpo, como a si mesmo.

2. *Seus direitos:* ouvindo-lhes as observações, as desculpas aceitando-as quando fundadas, deixando-lhes plena liberdade de recorrer aos superiores quando desejarem.

3. Sua autoridade: evitando censurá-lo na presença dos alunos ou falar-lhes sem consideração. O Irmão Diretor pode e deve reservar-se a correção das faltas graves. Nunca, porém, deverá impedir os Irmãos de castigar os alunos, porque seria privá-los de toda autoridade e de qualquer meio para manter a disciplina em aula. Não é reservando-se, com exclusividade, as punições, que o Diretor faz valer sua autoridade sobre todos os alunos, mas conservando plena e total autoridade dos Irmãos. Para isso, deve visitar freqüentemente as aulas, pedir publicamente dados relativos ao comportamento dos alunos, exigindo até um relatório, exato e por escrito, dar elogios e prêmios aos que procederem corretamente, censurar e corrigir os que não trabalharam ou caíram em alguma falta grave.

4. *A velhice,* se forem idoso. A singeleza, a inocência e a fragilidade, se forem jovens.

5. *Suas virtudes,* particularmente a estima da Regra, o respeito, a confiança, a abertura de coração que eles têm para com o superior".

"Há duas espécies de autoridade: a de direito, conferida pelo cargo de Diretor, e a autoridade moral conquistada pela capacidade, a sensatez e a virtude. A primeira é quase nula sem a segunda. Daí a necessidade de o Irmão Diretor ser virtuoso e dar bom exemplo aos Irmãos.

O superior tem de ser comportar de tal forma que possa dizer aos súditos o que S. Paulo dizia aos primeiros fiéis: sede meus imitadores, como eu sou imitador de Jesus Cristo".[1016]

"O Irmão Diretor possui tantas cópias de suas ações e de sua conduta, quantos Irmãos tem para dirigir e quantos alunos para educar. O bem e o mal que realiza são, pois, muito grandes, assim como as conseqüências, boas ou más, que o esperam".

"Para obter a obediência dos Irmãos, para granjear-lhes a confiança e a simpatia, é importante que o Irmão Diretor equilibre o trabalho com as forças e a capacidade de cada um. Pois exigir o impossível a um Irmão é um injustiça. É levá-lo ao desânimo, provocando-lhe a idéia de abandonar tudo. Tal Irmão, seja por falta de experiência, de caráter, de aptidão, seja porque não foi chamado, n ao consegue em

[1016]. 1Cor 4,16; 11,1.

sua aula senão disciplina imperfeita e fraco rendimento escolar. Outro, encarregado da cozinha, não desempenha satisfatoriamente o trabalho pelas mesmas razões. Contente-se com a boa vontade desses Irmãos e não os desanime com montras de descontentamento, ralhando com eles e exigindo o que não podem dar. Para agir desta maneira, isto, é, para ser justo em relação a seus subordinados, o Irmão Diretor necessita do espírito de prudência e de sabedoria, que pe a bússola do bom superior. Este espírito de justiça lhe ensina a avaliar com exatidão os talentos, a aptidão, o vigor, a saúde e a virtude de cada um para lhe atribuir uma tarefa proporcional".

A prática desses conselhos, tão sábios e repletos do espírito de Deus, haverá de assegurar a cada Irmão Diretor o respeito e a obediência de seus Irmãos, tornar-lhes –á leve a função, proporcionando-lhe a alegria de realizar todo o bem que Deus lhe pede.

CAPÍTULO DEZOITO

Providências para conservar os Irmãos na vocação.

A vocação[1017] é o que há de mais importante. É o fundamento sobre o qual se alicerça todo o edifício de nossa vida. A salvação depende mais da escolha da vocação do que de qualquer outra coisa, porque é certo que quase todos os pecados dos homens nascem dos compromissos do próprio estado. Para nós a vocação constitui o melhor caminho da salvação. É a questão mais importante, da qual depende a conquista da vida eterna, pois a vocação sucede a justificação é seguida pela glorificação,[1018] isto é, a bem-aventurança. Quem rompe esta cadeia, dificilmente salvar-se-á. Assim se exprimem Bourdaloue e S. Ligório.[1019] Após lembrar aos Irmãos as citações acima, o Pe. Champagnat acrescentava: "As vantagens da vida religiosa são tão preciosas e excelentes, que não nos é possível compreendê-las; tão numerosas que levaríamos horas inteiras para enumerá-las. Limitar-me-ei a uma só, que é para nós motivo da mais grata e mais inefável consolação: a vocação religiosa é um penhor de predestinação. [1020] Em parte alguma a salvação eterna tem maior garantia e facilidade do que no estado religioso. Essa garantia tem por base:

1. As próprias palavras de Jesus, que nos afirma com juramento, no Evangelho, que todo aquele que por sua causa queixar pai, mãe e tudo o que possui no mundo receberá o cêntuplo nesta vida e possuirá a glória eterna.[1021] Não olvidemos: quem assim nos fala é a própria verdade, que sempre concede mais do que promete. Para as pessoas do mundo existe uma verdade terrível: muitas são chama-

---

[1017].O autor restringe aqui o sentido desta palavra ao apelo à vida religiosa.

[1018]. Rm 8,30.

[1019]. "É evidente que nossa salvação depende principalmente da escolha de um estado [...] é certo que esta escolha é o ponto principal de que depende a conquista da vida eterna. À vocação sucede a justificação e à justificação, a glorificação, isto é, a vida" (ª M. LIGUORI. *Oeuvres ascétiques*, Paris, Ed. Paul Mellier, 1843, vol. IX, La vocation religieuse, cap. 1, p. 247-248).

[1020]. O Ir. João Batista desenvolve o mesmo tema em BQF, p. 419.

[1021]. Mt 19,29.

das[1022] salvação, poucas, porém, a conseguem. Com relação aos religioso dá-se o contrário: pouco são chamados a este santo estado e muitos são eleitos[1023] para a vida eterna.

2. *A quantidade dos meios de salvação*. Todos os meios de salvação são oferecidos aos religiosos para se santificarem: oração, sacramentos, leituras espirituais, bons exemplos, orientação dos superiores, retiros e graças atuais. Todo tipo de ajuda lhes é prodigalizado diariamente. Ora, será possível que Deus conceda tantos favores a um condenado? Se concede aos religiosos tal abundância de graças, é porque deseja ardentemente salvá-los. Chama-os a elevado grau de perfeição e destina-os à sublime glória no céu.

3. *O afastamento dos perigos.* Sem dúvida, podemos ofender a Deus e perder nossa alma em qualquer lugar, porque em toda parte conservamos nossa liberdade e o triste pendor para o mal, que nos é congênito. Entretanto, pode-se afirmar que é quase tão difícil a um religioso abandonar-se ao mal, quanto é difícil para às pessoas do mundo evitá-lo, devido aos perigos aos quais andam expostas e aos maus exemplos que vêem. Sem dúvida não existe outro estado em que se esteja mais ao abrigo das tentações e das ciladas do demônio do que o estado religioso. Se um Irmão chamado a essa vocação não conserva a graça e a virtude, não as conservará em parte alguma.

Tais vantagens[1024] do estado religioso levaram o Pe. Champagnat a dizer que é impossível ao homem apreciar e avaliar com exatidão a excelência e o valor da vocação religiosa. Só no outro mundo o Irmão vai saber o que Deus fez por ele e quanto o amor e privilegiou. Certa vez, o piedoso Fundador vislumbrado distância um Irmão sem o

---

[1022]. Mt 22,14; Lc 13,23-24.

[1023].”Esta vocação que Deus lhe deu gratuitamente em sua infinita misericórdia, a fim de retirá-lo da multidão e colocá-lo no número dos príncipes eleitos do paraíso, tornar-se-ia, por sua culpa, se fosse infiel a Deus, um inferno especial para você. Escolha, pois, hoje. Deus entrega a sorte em suas mãos; escolha: ou ser um grande rei no paraíso ou um réprobo, mais atormentado do que os outros, no inferno” (ª M. LIGUORI, ibidem, p. 295).

[1024]. “Se considerarmos, de um lado, a nossa fraqueza e, do outro, a teimosia do demônio em nos tentar, veremos não existir melhor meio de nos fortalecer e barrar todos os caminhos a satã, do que ligar-se a Deus pelos votos que fazemos” (PPC, partie III,TRAITÉ II, chap. III, Avantagens dês voeux).

rabat. Tomando-o por um padre, indagou:

-Quem é o clérigo que vem lá?

-Não é um clérigo, responderam-lhe; é apenas um Irmão.

-Um Irmão é algo de muito grande, replicou-lhe o Padre com veemência. É uma alma destinada a elevado grau de virtude e sobre a qual Deus tem desígnios particulares de misericórdia! O Irmão é um homem para quem o mundo inteiro é pouco e a quem somente o céu pode contentar.

Dois moços apresentaram-se, pedindo admissão ao Instituto.

-Por que vocês vêm aqui? Indagou. Qual o motivo que os trouxe?

-Vimos para ser Irmão.

-Sabem o que significa ser Irmão? Ser Irmão é comprometer-se a ser santo. Todos os Irmãos de Maria devem ser santos. Para isso trabalham a vida inteira e com todo empenho. Se tiverem a sincera e firme vontade de trabalhar todos os dias da vida na sua santificação e e se empenharem verdadeiramente na aquisição de autêntica virtude, no intuito de realizarem o maior bem possível, vocês são bem-vindos. Agora, se não tiverem essas disposições, se tiverem outras intenções, vão perder tempo. Voltem para casa e vivam como bons cristãos no mundo.

Sendo assim, não é de estranhar que enfrentasse tantos sacrifícios para formar os Irmãos e conservá-los na vocação. Tão logo percebia alguém aborrecido, chamava-o, animava-o e não o deixava ir embora antes de lhe dissipar as tentações. Encarregou um Irmão [1025]dos mais piedosos da comunidade para acompanhar os recém-chegados e apontar-lhe aqueles que tinham dificuldades em habituar-se, assim em habituar-se, assim como os que vacilavam na vocação. Mal lhe apontava alguém, mandava chamá-lo ou arrumava uma ocasião de encontrar-se com ele, tomando-o como companheiro numa viagem, numa saída, ou ocupando-o consigo num trabalho braçal, e seguia-o constantemente até firmá-lo no propósito de perseverar no seu santo estado. Valia-se de uma infinidade de jeitos e artifícios para dis-

[1025]. Ir. Estanislau (MEM, p. 115).

sipar as tentações contra a vocação e animar os que se deixava abater por dissabores e provações da vida religiosa. De um conseguia a promessa de ficar mais alguns dias, jurando-lhe que, se o aborrecimento não passasse, deixá-lo-ia partir. A outro dava um trabalho de confiança, dizendo-lhe que contava com ele e tinha certeza de que o executaria com perfeição. A um terceiro, recomendava fizesse uma novena, após a qual, caso sua disposição continuasse, prometia não mais se opor à sua partida. A outra ainda aconselhava ficar algum tempo para se instruir e, enquanto o rapaz concentrava-se nos estudos, inspirava-lhe habilmente o gosto pela vida religiosa e o levava a abraçá-la.

Um jovem postulante, após alguns dias, vencido pela saudade e cedendo a seu temperamento inconstante, voltou para a família. Anos depois, solicitou novamente o ingresso no Instituto. O Pe. Champagnat, reconhecendo-lhe predicados, acolheu-o com bondade e fez de tudo para lhe proporcionar alegria no seu estado. Mas o jovem volúvel, saudoso das cebolas do Egito,[1026] decidiu novamente retirar-se. Durante dois ou três anos o Padre usou todas as táticas possíveis para fazê-lo esquecer a idéia do mundo e firmá-lo na vocação. Tempo perdido!

Certa noite, o Irmão foi ter com o Padre e lhe declarou que estava decidido a ir embora de qualquer jeito e não queria sequer ficar o dia seguinte, um domingo. De fato, partiu às cinco da manhã. Não conseguindo retê-lo, deixou-o partir. Mas, esperando contra toda esperança, dirige a Deus fervorosas súplicas por aquele filho pródigo, recomenda-o à Sstm. Virgem, conjurando a Boa Mãe que não o desampare. Foi atendido. Às seis da tarde o Irmão está de volta, encaminha-se diretamente ao quarto do bondoso Padre. Ajoelha-se, pedindo-lhe que o aceite pela terceira vez.

-Mas, meu amigo! Você por aqui? Que prazer me dá! Quem lhe deu a feliz Edéia de voltar?

1026. “Lembramos-no do peixe que comíamos de graça no Egito, dos pepinos, dos melões, das verduras, das cebolas e dos alhos” (Nm 11,5). “Todos os israelitas saíram do Egito efetivamente, mas nem todos saíram afetivamente; eis por que alguns no deserto lamentava não ter a carne e as cebolas do Egito” (Saint François de Sales, Oervres complètes, Paris, Ed. Béthune, 1833, Introduction à la vie devote, vol. II, partie I, chap. VII, p. 31).

-Muito bem, amigo, na casa ninguém sabe de sua saída e nunca saberão. Vá vestir a batina. Seja coerente. Para isso entregue totalmente a Deus.

De fato ninguém soube do episódio. O Irmão dedicou-se inteiramente à vocação. Hoje é um dos Irmãos Diretores mais regulares, piedosos, dedicados e dos apegados ao Instituto.

Outros postulante, de excelente disposição, desgostou-se inteiramente da vocação por motivo de uma conversa perniciosa com um noviço, colega de trabalho. Decidiu ir embora o quanto antes para evitar gastos inúteis. Foi então apresentar-se ao piedoso Fundador e comunicar-lhe a decisão, pedir-lhe de volta seu dinheiro e dizer-lhe adeus. Profundamente magoado por perder um candidato no qual depositara grandes esperanças, o Padre esforçou-se por neutralizar as más impressões deixadas pelo noviço na alma do rapaz. Conseguiu apenas que o postulante ficasse mais alguns dias, aguardando a ocasião de ir para casa em companhia de um Irmão que viajaria para a mesma região.

Obtido esse adiantamento, o Pe. Champagnat chamou um Irmão piedoso e inteligente, encarregado da cozinha, e lhe disse: "Vou mandar-lhe um postulante de minha estimação, que possui todas as qualidades para vir a ser um ótimo Irmão. Está desanimado por certas insinuações de um noviço. Contudo, não duvido que voltará às primitivas disposições, se vir somente bons exemplos. Vou mandá-lo para a cozinha. Você lhe dará uma ocupação. Procure conquistá-lo e obter dele a decisão de permanecer na vocação".

Foi, pois, o postulante para a cozinha, mas, apesar dos bons exemplos, dos bons conselhos e dos estímulos do Irmão Cozinheiro, a tentação e os aborrecimentos cresceram a ponto de ele cair enfermo. Por diversas vezes esteve com o Pe. Champagnat, com a intenção de obter a licença para retirar-se. Este, porém tratava-o com tanto jeito que acabava sempre adiando a partida. Neste ínterim, satanás, que aproveita de tudo para iludir as almas, armou-lhe outra cilada. O Padre deu à comunidade uma instrução sobre as vantagens e os deveres da vida religiosa. O postulante que se achava presente, ao invés de se animar a perseverar no santo estado, cujo elogio ouvira, ficou, pelo contrário, completamente desanimado: "Não sei nada. Minha memória

é fraca. Como querem, pois, que eu guarde tantas coisas? Aliás, tenho pendores tão contrários às virtudes religiosas que, evidentemente, não fui feito para esta santa vocação". Concluiu que devia partir imediatamente, sem aguardar o dia seguinte.

Após a oração da noite, subiu ao quarto do Pe. Champagnat para apresentar-lhe as despedidas. Encontrou-o rezando o terço. Foi tão impressionado, que não ousou pertubá-lo. Na manhã seguinte, estando ocupado na preparação da saída, interveio o Irmão cozinheiro, em tom resoluto: "Em vez de se aprontar para retornar ao mundo, no qual já ficou demasiado tempo, vá pedir o santo hábito religioso. Sabia que daqui a uma semana haverá vestição? Você precisa integrar-se no grupo"

"Que é que me está insinuando? Replicou o postulante. Que necessidade tenha eu de batina, se não sinto vontade alguma de ser Irmão?" "Se não quisesse ser Irmão, não teria vindo aqui. Quantos às qualidades que lhe faltam, terá tempo de adquiri-las. Afaste, pois, todas essas idéias e vá imediatamente pedir para receber o hábito. Dou-lhe minha palavra que você não se arrependerá". Com essas palavras dissiparam-se todas as tentações e, após um instante de reflexão, o candidato foi pedir o hábito religioso.

Embora um tanto surpreso com a súbita reviravolta, o Padre lhe respondeu: "Você teve ótima idéia. Mas é bom refletir antes de revestir o santo hábito. Somente se deve recebê-lo quando se estiver disposto a conservá-lo até a morte". Como o postulante insistisse, acrescentou: "Vá, pois, ter com o Irmão alfaiate e peça-lhe que faça uma linda batina para você".

Nunca mais o atrativo do mundo veio perturbar a paz do postulante. Entretanto, no intuito de lhe dar tempo para consolidar as boas disposições, a cerimônia da vestição foi adiada por algumas semanas. Finalmente, a 15 de agosto de 1829, revestiu o hábito religioso. Professou daí a algum tempo com o nome de Ir. Jerônimo.[1027] Durante os vinte e dois anos vividos no Instituto, foi modelo de todas as virtudes

[1027]. Ir. Jerônimo, Pierre Grappeloup (1803-1850), LPC 2, p. 304-305. Em 28 de abril de 1829, com 26 anos, foi recebido como noviço, não sabendo nem ler nem escrever (AFM, Livro de contas do pe. Champagnat, p. 25). O Pe. Colin pensou em tê-lo como horticultor, em Belley (OM 1, doc. 330 [3], p. 744).

religiosas. Segunda a expressão do Pe. Champagnat, era um homem jeitoso para tudo. Foi responsável sucessivamente pela cozinha, pela padaria, pela horta e pela adega. Desincumbiu-se com perfeição de todos esses ofícios e em todos notabilizou-se pela habilidade, limpeza, economia, amor ao trabalho e dedicação ao Instituto. "Irmão excelente, afirmava o Pe. Champagnat; não possui instrução, mas vale ouro por seu caráter e suas virtudes. É uma dessas pessoas raras e preciosas, que dificilmente podem ser substituídas quando Deus as leva".

Gostava de contar, como muitas vezes o surpreendera, à noite, inspecionando todo o edifício, para ver se tudo estava fechado, se as janelas estavam presas e se não havia risco de incêndio. Ouvindo-se o andar de mansinho pelos corredores e compartimentos, embora soubesse que era ele, perguntava às vezes:

-Quem está aí?

-Sou eu, Padre.

-Eu, eu; é este eu?

-Ir. Jerônimo, Padre.

-Ah! É você, Ir. Jerônimo? Não precisava incomodar-se tanto. Que anda fazendo sozinho a estas horas?

-Estava com receio de terem esquecido alguma janela aberta e que o vento quebrasse os vidros. Temia que o fogo pegasse em algum lugar etc. por isso vim dar um giro.

Tudo bem, Ir. Jerônimo. Volte para a cama.

Nenhuma satisfação maior para o Pe. Champagnat, do que essas solicitude e dedicação. Afirmava: "Esse ama o Instituto. Não é como certos Irmãos que só pensam em si e fazem sempre o menos possível".

Nos últimos anos de vida, o Ir. Jerônimo recebeu o encargo de tocar o cavalo[1028] e fazer os recados externos. Nesse ofício, sua virtude não se desmentiu. Mostrava-se tão humilde, honesto e caridoso quando surgia oportunidade de prestar serviço ao próximo, que granjeou a estima do povo que o considerava um santo. No meio de afaze-

[1028]. Esse cavalo era também, algumas vezes, usado pelo Pe. Champagnat para seus deslocamentos (MEM, p. 64 e p. 88-89).

res tão absorventes vivia constantemente unido a Deus, evitando, quanto possível, demorar-se em conversas com estranhos nos caminhos, para não perder o recolhimento. Nunca entabulava concersa com aqueles que encontrava. Contentava-se com responder às perguntas e trocar algumas palavras amenas... Enquanto conduzia a carroça, rezava piedosamente o terço ou outras orações.

As pessoas do mundo se habituaram tanto a vê-lo rezar e respeitavam de tal forma sua vontade, que evitavam perturbá-lo. Irmão excelente, pereceu vítima de sua dedicação. Seu cavalo espantou-se de repente, desembestando em plena cidade de Saint-Chamond. O Irmão precipitou-se para detê-lo, porque, um pouco mais adiante, a rua estava cheia de crianças que vinham saindo da escola. Porém o pé falseou e o Irmão caiu, tendo a perna esmagada pela roda do veículo. Certamente pela caridade heróica, Deus permitiu que o animal parasse alguns passos antes da escola, de sorte que nenhuma criança correu perigo. Socorrido por alguns postulantes que tinham presenciado o lamentável acidente, Ir. Jerônimo foi levado para o hospital. Embora estivesse num estado deplorável e sofresse muito, não soltou a menor queixa. Nem sequer gemeu e, esquecendo-se totalmente de si mesmo, só falou para perguntar se o cavalo havia machucado alguém. Manifestou incontida alegria quanto lhe certificaram não ter havido nenhum outro acidente. Durante os oito dias que ainda viveu, deu exemplo de todas as virtudes. Sua paciência e resignação eram grandes que os assistentes e visitantes ficavam muito admirados. "Nunca presenciamos tanta virtude num doente", dizia as Irmãs do hospital.

Um último falto vai dar-nos idéia da retidão, da simplicidade e da pureza de sua alma. Enquanto o removia para o hospital, um sacerdote acudiu e, notando a gravidade do seu estado, disse-lhe: "Irmão, não devo ocultar que se acha em perigo. Se, portanto, precisar confessar-se, estou ao seu dispor. Examine-se um pouco. Voltarei dentro de alguns minutos". Meia hora mais tarde voltou o sacerdote: "Padre, observou-lhe o Irmão, não há muito que me confessei. Inclusive, tive a ventura de comungar esta manhã. Acabo de me examinar e, graças a Deus, não achei nada na consciência que possa me inquietar". Tais eram as virtudes e a pureza de alma do bom Irmão que, ao se encontrar, de repente, em presença da morte, nada achou que pudesse assustá-lo na terrível passagem do tempo à eternidade. É que há muito tem-

po se confessava semanalmente como se tivesse de morrer logo depois.

Muitos ensinamentos podemos colher da história deste Irmão:

1.O mal que podem causar, por palavras e exemplos, os Irmãos sem o espírito de sua vocação e o perigo que representam para uma comunidade. Uma só conversa de um desses homens pôs em perigo a mais bela das vocações e quase privava o Instituto de um excelente membro.

2. O bem que pode realizar um religioso solidariamente virtuoso; a força e o poder de bons exemplos. No caso presente, o Pe. Champagnat afirmava que sem as preces e o estímulo do Irmão cozinheiro, O Irmão Jerônimo não teria resistindo ao desânimo e teria perdido a vocação.

3. A caridade criativa, a paciência e o zelo do bom Padre para conservar seus Irmãos na vocação! Fez em favor de muitos outros o que acabamos de referir nos dois episódios precedentes.

Mas, deixemos bem claro, seu zelo nem sempre colhia o mesmo resulta. Sucedia com bastante freqüência que, após muito se cansar para formar certos candidatos e firmá-los na vocação, curtia a mágoa de vê-los enjoados da vocação, perderem a piedade e voltaram ao mundo. Essa aflição, não receamos afirmar, constituía a mais pesada de todas as suas cruzes. Nas demais aflições, por maiores que fossem, sempre achava algo de agradável; essa, porém, era somente amargura. Em semelhantes ocasiões, não podia comer nem beber, tanto o sensibilizava e o afetava a perda de seus filhos. Somente na submissão à vontade divina encontrava alívio. “Ah!, exclamava, para mim seria infinitamente menos penoso assistir ao enterro desses Irmãos do que vê-los abandonar a santa vocação para se lançarem no mundo.” Seu sofrimento aumentava com a convicção de que a maioria abandonava a comunidade, infiéis à vocação “Tenho certeza, dizia numa palestra, que, entre os que olham para trás e abandonam a vida religiosa, [1029]mais de três quartos são realmente vocacionados e daria bons religiosos, se correspondessem à graça. A perda da vocação tem quatro causas principais:

[1029]. Lc 9,62.

1. *Infidelidade à Regra,*[1030] sobretudo a negligência nos exercícios de piedade. A vocação é dom gratuito. Não, porém, a perseverança. Esta é fruto da oração e da fidelidade à observância da Regra. Quem, pois, negligencia ou cumpre mal os exercícios de piedade, perderá infalivelmente a vocação.

2. *Falta de zelo pela educação cristã das crianças.* Ao chamá-lo à vida religiosa. Deus não pensou somente na salvação pessoal de cada um, mas também na salvação das crianças que lhes seriam confiadas. Se, pois, desleixam o catecismo, se não tem zelo para formar os meninos à virtude e à piedade, vocês se opõem aos desígnios de Deus, resistem à sua vontade, que consiste em vocês colocaram as crianças no caminho da salvação por meio de uma boa educação. Se lhes negarem este benefício, serão relegados. Outros[1031] tomarão seus lugares e receberão as graças das quais vocês abusaram, e hão de realizar o bem que vocês não quiserem fazer.

3. *Falta de interesse pela própria santificação.* Muitos religiosos perdem a vocação, porque são menos virtuosos do que Deus quer; porque não correspondem à graça e descuidam a própria perfeição. Aquele que ingressa na vida religiosa e na permanece para levar vida mansa e cômoda que não conseguia no mundo, jamais perseverará. O abuso da graça a preguiça em relação às coisas espirituais, as pequenas infrações voluntárias, a tibieza causam maiores perdas de vocação do que o pecado mortal e os grandes desregramentos. O mais terrível, porém, para os que se deixam apanhar por esta cilada de satanás, é que só percebem terem perdido a vocação depois de ultrapassarem o limiar, e o desastre já estar consumado. A vida religiosa é dom divino por excelência, necessitamos ter grandes às graças do Senhor e muita generosidade".

Certo dia um Irmão foi ter com o piedoso Fundador e lhe disse:

[1030]. "Ao perceber um religioso incidindo em falta grave, não pense que o mal começou naquele momento. Sem dúvida, há havia muito tempo que seu espírito e coração não estava mais na vida religiosa; pouco ligava às infrações da Regra e já abandonara a oração, o exame e os Exercícios de piedade" (PPC, partie III, tratité VI, chap. V. Lê mépris dês Règles).

[1031]. Ap 2,5; 3,11.

-Padre, estou muito aborrecido e desanimado.

-Por que razão?

-Pela saída do Irmão fulano. Tremo de medo quando vejo alguém abandonar sua vocação e se atirar para o mundo, após quinze anos de comunidade. Receio que me aconteça a mesma desgraça.

-A saída desse Irmão não me abala nem me espanta. Castigos desse tipo são individuais, bem como as faltas que os provocam. Não é porque tal Irmão se torna apóstata, que os outros devem desanimar. Vou dizer-lhe uma verdade terrível que pode estarrecê-lo e fazê-lo tremer: quem não vive como religioso, não morrerá na vida religiosa! É só por não viver como religioso que se abandona esta santo estado, mesmo depois de passar a maior parte da vida em comunidade.

Um bom fruticultor revê, de tempos em tempos, todas as árvores do seu pomar para podá-las, cortando até os mais grossos galhos ressequidos e, quanto mais grossos forem, mais pressa terá em cortá-los do tronco, porque só lhe causam prejuízo. Deus age mais ou menos da mesma forma: visita as comunidades, seus jardins de delícias, e , encontrando religiosos estéreis em virtudes, mortos para o espírito da sua vocação, elimina-os com receio de que prejudiquem os demais e introduzam vícios e idéias mundanas na assembléia dos santos. Assim, meu Irmão, o que deve nos inspirar temor é nossa vida e nossas atitudes e não a infelicidade dos outros. Se a sua consciência lhe dá testemunho de que você tem zelo pela própria perfeição, se esforça para adquirir as virtudes de seu estado, cumprir a finalidade de sua vocação e viver como religioso, nada tema recear. Se lhe atestar o contrário, tem toda razão de tremer e de assustar-se. Repito: *Quem não vive como religioso não morrerá na vida religiosa!*

4. Enfim, continua o Pe. Champagnat, a quarta causa da perda da vocação vem da teimosia, da falta de docilidade e transparência. Há poucos religiosos cuja vocação não tenha sido provada pela tentação; para muitos a mais penosa e a mais prolongada. A razão desta guerra pertinaz está em que a perda da vocação desemboca numa infinidade de faltas e, freqüentemente, compromete a salvação. O remédio para semelhantes tentações é a abertura do coração e a docilidade ao superior. Quem, nessas circunstância , pretende seguir sua orientação pessoal, prepara a própria ruína. Quem, ao invés de se dirigir a seu supe-

rior e seguir-lhe as diretivas, procura aconselhar-se com estranhos, extravia-se também. Quem vai buscar conselhos no Egito[1032] vai perder-se com os conselhos do Egito. Quem abandona a pista fornecida por aqueles que Deus lhe deu por dirigentes e guia, encontra, para a sua desgraça e por justo castigo divino, exatamente aquilo que desejava. Ninguém mais do que o superior é idôneo para discernir a vocação de um religioso. Nessas ocasiões preferir o julgamento de qualquer outra pessoa que não o do superior, é mergulhar na ilusão e numa cegueira irremediável".

Um Irmão professo, depois de negligenciar os exercícios de piedade e transgredir as regras concernentes às relações com estranhos, perdeu completamente o espírito religioso. Dirigiu-se ao Pe. Champagnat para ser dispensado de seus votos. Em vez de lhe conceder a dispensa, o piedoso Fundador chamou-o à casa-mãe e prescreveu-lhe um retiro com o objetivo de reconduzi-lo ao fervor primitivo. Mas, depois de algum tempo, como recaíssem nas mesmas transgressões, desgostou-se da vocação e resolveu abandoná-la. Sabendo que o é. Champagnat não aprovaria as razões para seu afastamento, dirigiu-se a outro sacerdote, expondo-lhe seus problemas, conforme lhe sugeria seu espírito de falsidade, e obteve a decisão de acordo com seus desejos.

O Pe. Champagnat, a quem revelou a decisão, lhe disse: "Foi buscar conselhos no Egito, vai perder-se com os conselhos do EGITO. Você me disse que, conforme o parecer de um confessor, o bispo o dispensou dos votos. De minha parte declaro-lhe que eu condeno as tentativas que fez à minha revelia. As razões que alegou para obter, ou melhor, arrancar esta dispensa, são nulas. Não posso, pois, consentir que abandone sua vocação. Digo mais: se lhe acontecer tal desgraça, vai arrepender-se". Apesar dessa declaração, o Irmão se desligou do Instituto. Passados alguns meses casou e, no mesmo dia do casamento, caiu doente, vindo a falecer três dias depois, entre angústias terríveis, e repetindo sem cessar: "Enganaram-me! Enganaram-me! E eu perdi

---

[1032]. "Ai dos filhos rebeldes, oráculo de Iahweh, que fazem projetos mas não vindos de mim [...] partem para descer ao Egito, sem me consultarem, buscarão socorro no faraó, procurarão abrigo à sombra do Egito. Mas o socorro do Faraó se vos tornará em vergonha e o abrigo à sombra do Egito, em ultraje" (Is 30,1-3).

minha vocação”!

CAPÍTULO DEZENOVE

Precauções pra conservar os Irmãos no espírito de sua vocação. Firmeza em manter a observância da Regra

Sto Tomás, [1033] ensina que Deus, ao confiar uma missão a alguém, confere-lhe ao mesmo tempo as graças necessárias para cumpri-la adequadamente. Temos uma prova dessa verdade na vida do Pe. Champagnat. Destinando-o a fundar uma sociedade de piedosos educadores da juventude, Deus inspirou-lhe todos os princípios necessários à criação, ao desenvolvimento e à conservação desta obra. Deu-lhe, ao mesmo tempo, firmeza extraordinária para mantê-los, apesar das contradições do mundo e dos obstáculos suscitados pelos inimigos do bem. Um fato surpreendente, que demonstra de maneira admirável ter sido o piedoso Fundador guiado por Deus, é a clara visão dos meios a tomar para atingir o objetivo proposto na fundação do Instituto[1034] não deixam dúvidas a esse respeito, pois nelas encontramos o projeto, a finalidade, o espírito e as constituições fundamentais da Congregação. A Regra que lhe deu depois é apenas conseqüência e desdobramento de sues princípios básicos.

Ora, como os meios devem sempre estar em relação com o fim proposto, compreendeu que os Irmãos só conseguiriam promover a santificação das crianças mediante a união com Deus. Quanto mais unidos a Deus, melhores condições teria para realizar o bem. Logicamente importava, antes de tudo, proporcionar-lhes os meios mais eficazes para consolidá-los firmemente na vocação e adquirir sólida virtude. A meditação, as orações vocais, a assistência à missa, a leitura espiritual, o exame de consciência, a freqüência dos sacramentos, a abertura do coração ao superior,[1035] a correção fraterna, os retiros anu-

---

[1033]. Sto. Tomás, Summa, 3, 27.4.

[1034]. Alusão, sem dúvida, aos diversos aproximadamente. Vários, de fatos, contêm regulamentos, esboços de Regra, observações inspiradas pelas circunstâncias. Justamente por isso, não devem ser dos "primórdios".

[1035]. "Monstamos-nos aos Superiores tais como somos" (PPC, partie III, traité VII, chap. I, p. 289sss). O Pe. Champagnat deixou-nos um escrito, *"Le compte de conscience",* conservado em nossos arquivos (AFM, cahiers 6 e 7 e Règle de 1837, cap.

ais e os votos religiosos pareceram-lhe indispensáveis para levar os Irmãos a um sólida virtude e nela mantê-los. Proveu-os, pois, suficientemente, com todos esses meios de perfeição, e quis que consagrassem várias horas por dia aos exercícios de piedade. Os votos são quatros:[1036] pobreza, castidade, obediência, estabilidade.[1037] Considerou esses votos como o único meio capaz de fixar a inconstância do coração humano. Na verdade, segundo o Anjo[1038] da Escola, é através desses compromissos que a vontade humana se torna firme, consolidada, constante e inabalável no bem.

"Seja qual for a virtude e a boa vontade do Irmão, dizia o piedoso Fundador, pode a todo o momento mudar de idéia e abandonar seus bons propósitos, caso nenhum vínculo o retenha. Se, porém, estiver comprometido por votos de religião, não lhe é mais dado retroceder. Insurja-se a natureza, ataquem-no a concupiscência, satanás e o mundo, ele há de permanecer inflexível porque a consciência falará mais alto do que tudo isto e só encontrará a paz e a alegria no cumprimento daquilo que prometeu a Deus."

Não bastava, porém, proporcionar aos Irmãos os auxílios próprios a consolidá-los na prática da virtude. Convinha, além disso, prever o que no seu estado, no trabalho e nas relações com o mundo poderia tornar-se um perigo para a virtude e convinha também dar-lhes os meios de evitá-lo. A respeito disso, quatro coisas fixaram sua atenção:

1. Regulamentar o zelo dos Irmãos e circunscrevê-lo à única finalidade da sua vocação. Fundando a Congregação, como já vimos, o Pe. Champagnat demarcara-lhe com exatidão a finalidade. Propu-

---

III, art. 25, p. 33): "Os Irmãos terão grande abertura para o Irmão Visitador e lhe comunicarão, confiantes, as penas e dificuldades interiores e exteriores que possam experimentar".

1036. No momento em que escreve o Ir. João Batista, em 1856 (cf. MEM, p. 40).

1037. "Quando ao voto de estabilidade, eu nunca ouvi o Pe. Champagnat falar dele; mas é certo que, no Capítulo Geral de 1852, cada capitular recebeu escrito do Venerando Padre, dizendo com todas as letras: '*Les Frères de cet institut feront lês trois voeux de pauvreté, de chasteté, d`abéissance et lê voeu de stabilité*, sem outra explicação. Eu mesma vi o manuscrito e a letra era mesmo dele; as diversas cartas que ele me tinha escrito não me deixaram a mínima dúvida" (MEM, p. 40)

1038. Sto. Tomás, Summa, 2.2, q. 88, 4c.

nha-se exclusivamente a educação cristã das crianças. Entendendo que essa obra exigia dedicação total dos Irmãos, determinou que se consagrassem totalmente a ela e não se ocupassem com nenhuma outra, por mais excelente que fosse.

A dificuldade de encontrar recursos para a manutenção das escolas levou as autoridades de alguns municípios a oferecerem aos Irmãos as funções de secretários da prefeitura. Tais propostas foram sempre energicamente rechaçadas, sem considerar as vantagens temporais que poderiam trazer. Em outras municipalidades pretendiam que os Irmãos dessem noções gerais de latim[1039] a certos alunos. O piedoso Fundador recusou sempre, apesar das razões religiosas em que fundamentava o pedido. Solicitaram-lhe Irmãos para todo tipo de atividade, como cuidar de doentes, [1040] administrar bens temporais em seminários menores, dar instrução primária nestes seminários, orientar escolas agrícolas, gerenciar pequenas propriedades[1041]... Jamais [1042]pensou em atender a semelhantes demandas. "Queriam", dizia em tais ocasiões, "valer-se dos Irmãos para uma infinidade de coisas alegando haver muito bem a realizar. Não nego serem excelentes todas essas obras que nos propõem; entretanto, não é razão suficiente para assumi-las, porque não é obrigação nossa encarregarmos-nos de toda sorte de obras, mas realizarmos, e bem, só a que a Província nos confiou".

Outra obra que o Pe. Champagnat foi pressionado a assumir, foi o cuidado das sacristias.[1043] Propuseram-lhe tal serviço simultane-

---

[1039]."Parece-me que não devemos permitir que nossos Irmãos lecionem latim, de maneira nenhuma; todas as vezes que tolerei isso, me arrependi depois" (Pe. Champagnat, AFM 0132.4015c; ou cahier 4, p. 36).

[1040] Em l'Hermitage abriu um pequeno asilo para idosos (Ir. Alexandre Balgko, FMS, *Marcelino Champagnat e sua missão*, s.l., Províncias Maristas do Brasil, 1979, p. 84-86). O empreendimento revela a compaixão, uma das características do Pe. Champagnat.

[1041]. Aceita o estabelecimento de uma escola agrícola (LPC 1, doc. 28, p. 79) destinada a torna-se estabelecimento educacional.

[1042]. *Jamais* é termo exagerado. O Pe. Champagnat, para atender a certas necessidades, admitiu algumas exceções, apesar dos inconvenientes que previa (cf. LPC 1, doc. 130, p. 263).

[1043]. " Continuo pensando que este problema de sacristia, para os Irmãos, nos trará

amente com a instrução das crianças e, neste caso, apresentam-no como uma saída para aumentar a receita da escola e o número de Irmãos, ou os Irmãos se encarregariam apenas da igreja; o motivo que alegavam então era a dedicação pública e a dignidade do culto divino. Tais motivos, embora louváveis, nunca chegaram a vencer a inflexível firmeza do piedoso Fundador. Não cedeu Irmãos nem para manter a capela de Fourvières, em Lião. O Pe. Barou, Vigário Geral, que desejava muito confiar o cuidado dessa capela aos Irmãos de Maria, pressionou muito o piedoso Fundador para assumir o encargo. Não conseguindo, acabou por dizer-lhe, com uma pontinha de humor: "Pe. Champagnat, não entendo você. Várias congregações cobiçam o posto de Fourvières. Como se atreve a recusar, prefere sua comunidade a qualquer outra, e pensou que daria prazer e ajuda, confiando-lhe o Santuário? Todos os consultados acham convenientes que o altar de Maria seja guardado pelos Irmãos de Maria. Se você recusar Irmãos para a Ssma. Virgem, ela não vai abençoá-lo".

"Sr. Vigário Geral", respondeu-lhe o Padre," o interesse que tem por nós me deixa muito sensibilizado e agradecido. Não desconheço as vantagens da generosa oferta que nos faz. No entanto, parece-me que as razões aduzidas para aceitarmos o encargo de Fourvières são insuficientes par anos afastar do princípio ao qual permanecemos fiéis até hoje: atermo-nos ao ensino e recusarmos qualquer função que não tenha como finalidade a educação das crianças. O Sr. Me ameaça com a Ssma. Virgem. Espero que ela não se irrite contra nós, pois foi o intuito de lhe agradar, merecer sua proteção e conservar sua obra tal qual fundada por ela, que recusamos o encargo da sacristia de Fourvières".

2. Providenciar o necessário para os Irmãos. O objetivo do piedoso Fundador era proporcionar mestres religiosos às pequenas municipalidades. Surgia, um grande obstáculo: encontrar os recursos indispensáveis ao sustento das escolas. Por um lado, urgia assegurar aos Irmãos um nível de vida condigno a religiosos; por outro, não se devia exigir dos municípios senão o que pudessem pagar, adequando as despesas da escola aos parcos recursos deles. Depois de consultar demo-

---

muitas amolações. Faça o que puder para desfazer-se dela". Carta do Pe. Champagnat ao Pe. Colin, de 29 de março de 1935 (LPC 1, doc. 55, p. 139, linhas 88-90).

radamente a Deus sobre o difícil problema, o Pe. Champagnat apontou três caminhos o para resolvê-lo. O primeiro era conduzir, o mais impossível, a remuneração dos Irmãos, adotando para sua Congregação um regime frugal, um passadio simples, modesto e pouco dispendioso; o segundo, receber mensalidades;[1044] o terceiro, permitir aos Irmãos recebem alunos internos.

Desta forma as escolas se tornavam menos onerosas aos municípios e os Irmãos podiam estabelecer-se quase por toda parte. Todavia, após reduzir ao mínimo a remuneração dos Irmãos e possibilitar aos municípios os meios de assegurá-la, exigia o pagamento e preferia retirar os Irmãos a transgredir nesse ponto[1045] "Cada um deve viver de sua profissão, dizia ele. Se os Irmãos, cujo trabalho é muito exigente, não dispuserem do necessário, a situação deles se tornará insustentável. Terão de abandonar tudo, apesar da virtude e do zelo que os anima na educação das crianças". Eis o que escrevia ao prefeito[1046] de uma comuna, o qual achava excessivo o salário dos Irmãos e não pagava em dia. "A quantia de mil e duzentos francos, que pedimos, é bem módica para o sustento de três Irmãos. A meu ver, diminuí-la significa privá-los, já não digo do estrito salário, pelo trabalho mais ingrato e penoso que o cidadão possa ter, mas até da comida mais pobre e insípida. Além disso, todas as comunas onde nos estabelecemos pagam pelo menos essa quantia. O senhor sabe que os Irmãos da Doutrina Cristã recebem seiscentos francos por pessoa, soma tida como o mínimo necessário. Reduzimos a dois terços aquele montante que já não tem concorrência. Julgue o senhor mesmo, com sua prudência e sensibilidade se não seria impiedoso e desumano reduzir, ainda mais, tão diminuto pagamento".

3. *Mantê-los separados do mundo e reduzir ao mínimo indispensável as relações com as pessoas de fora:* as relações dos Irmãos com as pessoas estranhas à comunidade representam certamente o maior obstáculo que sua virtude possa encontrar. Para removê-lo o Pe. Champagnat deseja que os Irmãos vivam solitários no meio do mun-

---

1044. Cf. LPC 1, doc. 34, p. 103.

1045. Entretanto, sabia fazer concessões (cf LPC 1, doc. 21, p. 66).

1046. Ao Sr. Devaux de pleyné, prefeito de Bourg-Argental, carta de fins de 1827 (LPC 1, doc. 8, p. 41).

do, recolhidos em suas casas e relacionando-se com as pessoas de fora[1047] unicamente por necessidade. Recomenda-lhes continuamente realizarem o bem sem alarde e sem ostentação, [1048] fugindo ao vedetismo, e a tudo o que possa atrair a atenção e os olhares da sociedade. Traça-lhes, ainda, normas prudentes e sábias, para restringirem ao máximo as relações com o mundo e contornar todos os perigos que tais relações com o mundo e contornar todos os perigos que tais relações podem oferecer. Nesse intuito deseja que o prédio da escola seja independente, sem ruídos na vizinhança; que os Irmãos não sejam observados em seus aposentos nem nos pátios, nem no quintal. Esse isolamento da casa era para ele tão importante, que teria preferido renunciar a uma escola a aceitar um local em condições de perigo para os Irmãos.

Assim, escrevia a um vigário [1049] que não cumpria suas promessas a esse respeito: "Caso não tome as providências para colocar o estabelecimento dos Irmãos nas condições do contrato, vou retê-los aqui, por ocasião do retiro. A casa atual não oferece condições. Não posso tolerar por mais tempo que os Irmãos sejam perturbados pelas pessoas que se acham na moradia contígua, e não possam ir ao quintal sem serem observados. Se não quiser cumprir a promessa de entregar aos Irmãos essa casa, da qual, como sabe, necessitam para completar e regularizar o estabelecimento, é absolutamente necessário que as portas e janelas que dão sobre a escola sejam muradas". As portas e janelas não foram muradas, mas o que é melhor, a casa inteira foi posta à disposição dos Irmãos.

Por idênticas razões, não aceitava que se instalasse na residência dos Irmãos o Juizado de Paz, ou coisa parecida. Sabendo que isso acontecera em certo município, imediatamente escreveu ao prefeito,[1050] reclamando contra a o abuso. "A casa cedida aos Irmãos pela

---

[1047]. "Dificilmente os seculares serão admitidos no interior da caas" (Régle de 1837, cap. IX, art. 11, p.61).

[1048]. Viver ocultos e como ignorados, "ignoti et quase oculti". Esta máxima encontra-se nos escritos do Pe. Colin (cf Société de Marie, Roma, 1965, p. 163).

[1049]. Carta ao Pe. Durand Gilbert, vigário de Neuville-sur-Saône (Rhône) em maio de 1827 (LPC 1, doc. 5, p. 36).

[1050].Não possuímos a carta endereçada ao prefeito, mas a que mandou ao Pe. Bois

municipalidade, embora bastante espaçosa, pode comportar somente as aulas e, se é intento seu estabelecer aí definitivamente a prefeitura, não poderemos continuar a manter a sua escola. Não posso permitir que os Irmãos se vejam constantemente em contato com o público que aflui à prefeitura para seus negócios. Os Irmãos necessitam de silêncio e recolhimento para cumprir sua missão. O convívio com as pessoas em contínuo vaivém, que a situação tornaria fatal, só poderia distraí-los da própria função e expô-los a perder o espírito do seu estado. Confio, pois, que haverá de entender essas razões e que, assim como no passado, conforme combinamos, deixará à disposição dos Irmãos o edifício inteiro".

Outra coisa que lhe pareceu muito importante, era que os Irmãos cuidassem pessoalmente de seus bens temporais. Que entre eles tudo se fizesse em família, não se admitindo senhoras no interior das casas do Instituto. Diversos vigários, no intuito de aliviar os Irmãos e diminuir as despesas ocasionadas ao município, sugeriram-lhe a contratação de pessoas piedosas e caritativas para trabalharem na cozinha, mas ele opôs-se energicamente e, a fim de afastar de uma vez semelhante abuso, compôs um artigo de Regra nestes termos: "Jamais os Irmãozinhos de Maria contratarão pessoas do sexo feminino para assumirem a cozinha". [1051] O Pe. Douillet, fundador da escola de La Cote-Saint-André, pressionou-o muito com o fim de alcançar que uma senhora idosa e de comprovada virtude, se incumbisse do cuidado dos bens temporais dos Irmãos e aduzia, para isso, os motivos mais poderosos e plausíveis. Mas o Pe. Champagnat, entendendo que uma só exceção à Regra, por qualquer pretexto que fosse, abriria um precedente perigoso, permaneceu irredutível.[1052] Antes a insistência do Pe. Douillet em querer empregar essa senhora, declarou-lhe expressamente que, se isso ocorresse, retiraria os Irmãos. Preferia perder a casa, sementeira de noviços, que muito estimava, a permitir a transgressão de um dispositivo regular de capital importância. Escreveu, também,

---

François, vigário de Saint-Symphorien-d'Ozon (Idère), em julho de 1837, exprime a mesma preocupação (LPC 1, doc. 125, p. 256).

[1051]. Règle de 1837, cap. IX, art. 10, p. 61

[1052]. LPC 1, doc. 86, p. 200-201, e doc. 93, p. 209. Também AA, p. 208-209.

sobre isso ao Bispo[1053] de Grenoble, pedindo-lhe convencesse o Pe. Douillet. Preveniu-o de que se o padre não desistisse das pretensões, ver-se constrangido a retirar os Irmãos.

"Não podemos continuar nessa casa, dizia na carta, a menos que se observem as condições da fundação, sendo uma das principais que os Irmãos possam cumprir a Regra e que nada se modifique no seu modo de viver. Ora, caso contratassem uma senhora para cuidar da casa, como deseja o Pe. Douillet, estaria aberto um precedente de conseqüências desastrosas. Tenho certeza que V. Excia. Achará nossos argumentos bem fundamentados e vai aprová-los". Foi necessária tal firmeza para obrigar o Pe. Douillet a abandonar seu intento.

Para tranqüilizar o piedoso Fundador não bastava a proibição de os Irmãos admitirem senhoras para cuidarem dos bens temporais. Proibiu também introduzi-las no interior das casas, como já vimos. Para ressaltar o grande alcance dessa medida, [1054] acrescenta: *"Este artigo é de rigor",* expressão por ele usada unicamente neste assunto. Muito mais: julgava, e com razão, que os relacionamentos muito freqüentes, com quaisquer pessoas representam perigo para os religiosos. Por isso proíbe aos Irmãos se recrearem junto com seculares, [1055] não

---

[1053]. Citação livre da carta de 19 de setembro de 1838 a Dom Bruillarde Philibert, bispo de Grenoble (Isère) LPC 1, doc. 213, p. 424).

[1054]. "Pessoas de sexo diferente jamais serão introduzidas no interior da casa, exceto se estiverem acompanhadas do senhor vigário ou do prefeito. Este artigo é de rigor" (Règle de 1838, cap. IX, art. 9, p. 61).

[1055]. "Os Irmãos não devem tomar seus recreios com seculares, nem permitir que estes o tomem no estabelecimento ou em suas dependências" (Règle, appendice, art. 25, CSG 1, p. 88).

permitindo que esses passem o tempo no estabelecimento ou nas suas dependências.

Em outro artigo, proíbe aos Irmãos a correspondência com pessoas de fora.[1056] Finalmente, o mundo, segundo pensava, é perigo tão grande para os Irmãos, e ele receia tanto que o espírito mundano se infiltre nas comunidades que ordena fique a porta de entrada sempre trancada[1057] por dentro.

Contudo não é suficiente que as pessoas de fora deixem de vir sem motivo, à residência dos Irmãos. É necessário ainda que os Irmãos não vivam fora de casa, mas permaneçam recolhidos, inteiramente ocupados na própria santificação e na educação cristã das crianças. Para conseguir isso, o Pe. Champagnat lhes proíbem:

1. Fazer visitas[1058] sem necessidade. Aconselha que s elimitem a encontrar-se de quando em vez, com as autoridades e os benfeitores da escola;

2. sair sem autorização[1059] e sem companheiro;

3. ensinar a domicílio;[1060]

4. viajar ou visitar os Irmãos das escolas vizinhas, sem autorização escrita do superior (carta de obediência);[1061]

5. fazer as refeições[1062] na casa do vigário, do prefeito, e com maior razão, na residência de qualquer outra pessoa;

6. convidar estranhos[1063] para comerem na casa dos Irmãos;

1056. "Os Irmãos não manterão nenhuma correspondência com estranho; também não aceitarão ler as cartas para eles nem escrever em nome deles" (Règle de 1837, cap. VII, art. 10, p. 54).

1057. O porteiro "terá" o cuidado muito especial de manter a porta de entrada fechada para que ninguém penetre na casa, o que poderá acarretar graves inconvenientes" (cf *Règle* du portier, AFL, cahier 6, p. 23-24).

1058. *Régle* de 1837, cap. V, art. 16 e 17, p. 42.

1059. *Régle* de 1837, cap. VIII, art. 4, p. 55-56.

1060. *Régle* de 1837, cap. Vi, art. 24, p. 52.

1061. "Superior" aqui significava Irmão Superior Geral.

1062. *Regle* de 1837, cap. VIII, art. 10, p. 57.

1063. A esse respeito o Pe. Champagnat escreveu ao Ir. Denis, em 5 de janeiro de

7. manter correspondências[1064] com pessoas alheias à comunidade e ter ligações com os egressos do Instituto.

É impossível dizer quanta questão fazia da obediência a essas normas. Insistia sobre isso cada ano nas instruções do retiro e repetidas vezes declarou aos Irmãos que negligenciar esses pontos seria expor-se aos maiores perigos e correr o risco de perder o espírito religioso e até a própria vocação. Afirmava que o convívio com as pessoas do mundo é dos maiores perigos para a virtude dos Irmãos Diretores.

Informado, certa vez, que um Irmão Diretor saía sozinha, chamou-o imediatamente, embora residisse a quinze léguas da casa-mãe, e entre outras coisas, disse-lhe: "De duas uma: ou vai deixar de violar a Regra em aspecto tão importante, ou demito-o, para trabalhar na horta toda a vida". Ciente de que outro incidia na mesma infração, deu-lhe como colaborador um Irmão veterano, de notável regularidade, para que o informasse, caso viesse a falta novamente à Regra. "Cuidado", disse-lhe encarregando-o dessa missão, "para não incorrer em falsa condescendência e demorar demais em me avisar quando houver algo contra a Regra, porque, neste caso, você se tornaria culpado pela perda do Irmão".

4. proporcionar o meio de se guardarem mutuamente em Jesus Cristo. Percebendo que não era possível, mesmo com as normas mais sábias e minuciosas, prevenir todos os riscos que ameaçavam a virtude dos Irmãos, o Pe. Champagnat, tomadas as cautelas que a prudência e o zelo lhe sugeriam, julgou com razão que a caridade fraterna poderia ser um abrigo contra todos os perigos, imprevisíveis ou inevitáveis. Profundamente compenetrado desta sentença da Sagrada Escritura: *Ai do homem que anda só,* (Ecl 4,10) e lembrado de que Jesus Cristo enviou os discípulos dois a dois, tomou por princípio nunca enviar um Irmão, sem companheiro.

Ademais, quer que os Irmãos lecionem sempre juntos, isto é, pelo menos dois a dois, em classes contíguas, comunicando-se pr divi-

---

1838: "Admira-me que não tenha encontrado na Regra, nada proíba fornecer refeições a estranho, quando nela se encontra a proibição de, simplesmente, admiti-los: onde é que fica o espírito" (LPC 1, doc. 1668, p. 331).

1064. *Régle* de 1837, cap. VII, art. 10, p. 54.

sória com vidro, ao longo de toda a sala ou, pelo menos, uma porta com vidraça. Em sua moradia os Irmãos devem ter sala de trabalho, [1065]dormitório e refeitório comuns. Todos os exercícios de piedade, assim como os estudos, devem ser feitos em comunidade. A vivência comunitária constitui um dos princípios essenciais do Instituto, e nenhum Irmão, nem de dia nem de noite, nem durante o trabalho nem durante o recreio, pode separar-se dos outros ou procurar privilégios. Nas saídas, nos passeios e mesmo indo à igreja, deverão andar juntos, compreende-se que semelhante vida em comum seja uma defesa contra toda espécie de perigos, principalmente se atentarmos que a Regra recomenda avisarem-se caridosamente dos defeitos e das falhas individuais. Também devem levar ao conhecimento do superior os abusos, as infrações à Regra e tudo aquilo que, na conduta dos Irmãos, poderia escandalizar o próximo e comprometer o bom nome do Instituto.

Os resultados dessa vigilância e da caridade fraterna eram piedoso Fundador grande motivo de consolação. Não hesitava em afirmar que muitos deviam à prática desse ato de caridade o fato de terem escapado de graves perigos, conservado a virtude e a vocação; que a observância dessa norma constituía, para o Instituto, uma barreira contra abusos e escândalos. "A caridade fraterna é a guardiã dos Irmãos e do Instituto, dizia. Através dela ficando o superior informado de tudo quanto acontece de censurável no comportamento dos Irmãos, adota as medidas cabíveis com o fim de trazer novamente ao dever aqueles que dele se afastarem, manter em vigor a Regra, prevenir e corrigir abusos. Porém, para que o amor fraterno cumpra sua dupla missão, é preciso, primeiramente, que dê bons exemplos, bons conselhos e caridosas adevertâncias a quem negligencia a correção de seus defeitos; em segundo lugar, que avise o superior quando um Irmão se afasta de suas obrigações ou transgride com facilidade certas prescrições".

"A correção fraterna, apresentada pela Regra, não é apenas um conselho. É um dever. Quem a negligencia torna-se culpado da falta de seu Irmão. Não houvesse receptadores, e quase não existiriam ladrões. Daí serem os primeiros tão culpados quanto os segundos".

"Se na comunidade não houvesse receptadores, isto é, religio-

[1065]. No original: "laboratoire", isto é, sala de trabalho.

sos que violam a caridade fraterna, encobrindo com o manto de falsa indulgência os erros dos coirmãos, em vez de os revelar ao superior, jamais haveria infrações graves à Regra e nenhum abuso penetraria na casa". Essas palavras nos dizem o porquê da persistência com a qual o Pe. Champagnat voltava sempre ao tema da caridade fraterna e do dever que os Irmãos têm de se edificarem, se admoestarem caridosamente e se protegerem mutuamente em Jesus Cristo.

Um Irmão que se omitira e sentia remorsos, confessou sua culpa ao bondoso Padre. Este respondeu-lhe:

"Não agiu como devia, e agora se arrepende. Louvado seja Deus! Peça a Jesus que perdoe a você e ao Irmão cujas fraquezas encobriu. Meu amigo, se não quisermos ter remorsos, andemos sempre no bom caminho. O respeito humano, ou uma falsa indulgência, não nos leve a esquecer a glória de Deus e os verdadeiros interesses de nossos Irmãos. Lembre-se: não prevenir o superior é faltar à caridade, é tornar-se culpado da desgraça de quem se afasta do dever, pois uma caridosa advertência do superior poderia tê-lo reconduzido ao bom caminho. Urge, portanto, prezado Irmão, reparar o passado, mediante maior fidelidade à norma relativa à caridade fraterna".

Durante os dois meses de férias, o piedoso Fundador fazia diariamente uma conferência aos Irmãos sobre a Regra, explicando artigo por artigo, respondendo às objeções, insistindo muito sobre a importância da Regra, os males de sua transgressão, tanto para as pessoas como para o corpo inteiro. O que havia nele de mais admirável, e pasmava os que tinham a ventura de lhe ouvir os ensinamentos era que, explanando cada ano o mesmo texto e repetindo basicamente as mesmas coisas, adotava sempre nova forma e novas expressões.

De vez em quando, em lugar da conferência, mandava ler em Rodríguez ou em Saint-Jure, [1066] os capítulos referentes à Regra. Uma vez, acenando ao leitor para que parasse, exclamou emocionado: "Prezados Irmãos, não posso deixar de interromper a leitura, apesar de tão maravilhosa, para comunicar-lhe algo que me aflige e em espanta.

[1066]. Na biblioteca do Pe. Champagnat havia um exemplar da *Pratique de la perfection chrétienne*, de Rodriguez, Lyon, Rusant, 1814 e um volume de *L'homme religieux*, de Saint-June, Guyit (nova edição), 1835.

É uma espécie de incredulidade que atinge alguns de vocês a respeito da necessidade da Regra e da obrigação de cumpri-la. Rodriguez, que já lemos repetidas vezes, e Saint-Jure, que estamos lendo, e os santos Padres[1067] citados pelos dois, ensinam ser a Regra absolutamente necessárias aos religiosos, para a aquisição das virtudes do seu estado. Dizem-nos que infringi-la com facilidade seria renunciar à perfeição e expor-se ao perigo de se perder. Os Irmãos a que me referi, cheios de presunção e levados pela cegueira, se atrevem a duvidar da doutrina dos santos, da intuição desses piedosos autores, e consideram exagero o que ambos disseram a respeito do valor e da necessidade da Regra. O modo de ver desses Irmãos é dos mais perigosos e pode induzi-los a todo tipo de desregramento.

Com tais idéias na cabeça, abandonar-se não somente a Regra, mas também os compromissos essenciais: os votos, os Mandamentos, a prática da virtude e a devoção. Felizmente o número de Irmão nessa situação é pequeno. Existem outros, totalmente convictos da necessidade da observância da Regra nas coisas importante, mas entendem poder dispensar-se, sem risco, dos preceitos menores. É uma armadilha perigosa. Religiosos assim, pela infidelidade nas pequenas coisas, cometem uma infinidade de faltas leves, resistem continuamente à graça e tiram pouco proveito dos sacramentos e dos exercícios de devoção. Sem perceber, resvalam paulatinamente na tibieza e perdem o amor e o entusiasmo pela vocação. A situação pode chegar a tal extremo que se extraviam sem dar por isso. Quantos não conheci que só viram o abismo quando já estavam no fundo".

"Vou dizer uma coisa que vai surpreendê-lo: os religiosos tíbios são mais perigosos numa comunidade do que os escandolosos. São os grandes inimigos do Instituto. Não há que temer a má influência dos religiosos totalmente relapso. Primeiro porque, graças a Deus, são raríssimos e são afastados da comunidade tão logo se lhes conhecem os desvarios. Segundo, porque seu comportamento traz consigo a condenação, a censura e a repulsa de todos. Já não acontece o mesmo com os religiosos tíbios. Quais frutas de bela aparência, mas corroídas pelos vermes e já em decomposição por dentro, esses religiosos apa-

[1067]. Sto Tomás, summa 2-2, q. 186, art. 9 ad 3; Sto. Agostinho, Sermão 22; S. Bento, Regra, 3. 7 e 11; 7. 55; 60. 2; S. Bernardo, Cartas 321 e 341.

rentam ser mais virtuosos do que são na realidade. Por isso são mais estimados do que merecem. Sem respeitar, vai-se recebendo sua influência, adotando seus sentimentos, seguindo, enfim de ser igual a eles.

Seus exemplos são, pois extremamente contagiosos, porque:

1. Mantêm-se geralmente fiéis em matérias grave e passam por virtuosos e conscienciosos;

2. gozam da reputação de homens de bom senso, tolerantes e indulgentes;

3. sabem colorir, com belas razões e mil pretexto seu comportamento desleixado, irregular, suas falhas e desmandos que permitem;

4. não ligam muito para esse tipo de faltas, consideradas sem importância, o que leva os outros a pensar que eles agem muito bem e não há nenhum mal em imitá-los;

5. são de todo dia seus maus exemplos e, dada a fragilidade humana sempre inclinada ao mais fácil, tende-se insensivelmente a imitá-los".

"Os religiosos tíbios e que dobram a Regram a seus caprichos exercem terrível influência e nada pode exprimir o mal que fazem por suas palavras e maus exemplos. São eles que pintam os superiores como homens exigentes, severos, intratáveis, roubando-lhes a estima, o respeito e a confiança dos coirmãos. São eles que destroem todo o efeito dos bons exemplos dos Irmãos fervorosos, piedoso, regulares, pontuais, apontados por eles como quadrados, escrupulosos, mesquinhos e que não sabem viver. São eles que destroem o amor à Regra, considerando-o como fardo, escravidão, jugo pesado, do qual é preciso livrar-se o mais possível, os abusos e todos os desregramentos que se introduzem nas comunidades. É, pois, bem verdade que os Irmãos tíbios, negligentes, transgressores da Regra são os grandes piedosos, humildes, regulares e solidamente virtuoso, são seus verdadeiros amigos, protetores e sustentáculos".

Em outra conferência o piedoso Fundador dizia: "Obedecer fielmente à Regra equivale a fazer constantemente a vontade de Deus, andar a passos largos pelo caminho da perfeição; gozar de todas as consolações da vida religiosa; garantir, na medida do possível, a sal-

vação. Sim, sejam à Regra, fujam de toda publicidade e de toda conversa inútil com as pessoas de fora; fiquem na sua casa e hão de amar sua vocação, terão a paz da alma e receberão o cêntuplo[1068] de bens, graças e consolações que Nosso Senhor promete àqueles que tudo deixaram para segui-lo. Observem fielmente a Regra, e eu lhe garanto o céu". Vocês me pede", escrevia a um Irmão, "que método usar para progredir na virtude. Não conheço outro melhor do que a fidelidade à Regra". E dizia a outro: "Se for fiel à Regra, responsabilizo-me por sua salvação".[1069]

O Pe. Champagnat não se contentava com fazer aos Irmãos tão sólidas instruções. Dava-lhes também o exemplo de regularidade, sempre se achando entre os primeiros nos atos comunitários que acompanhava, obedecendo ao regulamento da casa, dentro das possibilidades de seus afazeres. Se acaso o sineiro se esquecia de dar o sinal do despertar quando o relógio batia as horas, ele corria pessoalmente para tocar o sino. Para acostumar os Irmãos à perfeita regularidade prescrevera uma penitência para quem chegasse por último às reuniões comunitárias. Também, quando alguém se dispensava de um exercício, devia apresentar-se ao superior e pedir-lhe uma sanção se a ausência fosse voluntária ou por negligência. Era assim que o bom Padre lançava mão de todos os expedientes sugeridos por seu zelo para formar os Irmãos na regularidade e no espírito e comunidade.

[1068]. Mt 19,29.

[1069]. LPC 1, doc. 102, p. 223.

CAPÍTULO VINTE

Zelo pela glória de Deus e a salvação das almas.

O zelo[1070] é, ao mesmo tempo, fruto e prova certa da caridade. Na realidade não é possível amar a Deus, sem desejar que ele seja conhecido, amado e servido por todos os homens, sem afligir-se ao vê-lo ofendido, e sem desejar também levar ao próximo os bens espirituais que podem conduzi-lo à vida eterna. O zelo sempre é proporcional à caridade. Quem muito ama a Deus fica tomado de zelo. Quem o ama pouco tem pouco zelo. Os santos, sem exceção, primaram todos na caridade. Todos, também sobressaíram na virtude do zelo. Exerceram-no, porém, diferentemente, segundo as condições e as circunstâncias em viviam.

A vida inteira do Pe. Champagnat é unicamente zelo pela salvação das almas. Basta o leitor lembra-se dos principais fatos da sua biografia, para avaliar em que nível de perfeição o sacerdote praticou essa virtude. "Amar a Deus e trabalhar para torná-lo conhecido e amado, deve ser a vida do Irmão", dizia às vezes. Com essas palavras, sem querer, caracterizou-se a si mesmo e resumiu toda a sua vida. Buscar a comunhão com Deus pela prática das mais heróicas virtudes e trabalhar pra conquistar-lhe almas, foi a única ocupação de toda a sua vida. Desde a hora em que decidiu abraçar a carreira sacerdotal até seu falecimento, sempre e em toda parte vêmo-lo ocupado com obras de zelo. Enquanto seminarista, emprega todas os momentos livres das férias na catequese das crianças da sua aldeia, nas visitas aos doentes, preparando-os para uma boa morte, no conforto aos aflitos, ensinando-lhes a santificar os sofrimentos, fazendo leituras espirituais e instruções familiares aos parentes e vizinhos e a muita gente que vinha ansiosa para ouvi-lo. Embora totalmente absorvido pelos estudos, ainda arranjou tempo para idealizar e formar o projeto do seu Instituto, tratar desse projeto fundamental em seus demorados colóquios com Deus, apre-

---

[1070].Sto. Tomás: "O zelo, em qualquer sentido que se entenda, provém da intensidade do amor" (Summa 1,2 q. 28, ª 5). Sto. Agostinho: "Se te aprazem as almas, ama-as em Deus [...] Arrasta contigo para Deus, todas as que puderes [...] Foi ele quem criou essas coisas e ele não anda longe" (Confissões, Livro IV, cap. XII).

ender-lhe o espírito e compenetrar-se profundamente dos princípios que deveriam constituí-lo. Em suma, prepará-lo de tal forma que pudesse iniciá-lo no primeiro dia do seu ministério.

Nomeado coadjutor em Lavalla, renova a paróquia com a criatividade de seu zelo. As confissões, as instruções, a catequese às crianças, a visita aos doentes e às escolas, o diálogo com os que haviam abandonado os sacramentos, ocupavam totalmente os seus dias. Desculpem, encontrava tempo ainda para instruir os Irmãos, educá0los à virtude, ensinar-lhes a catequizar as crianças e, até mesmo, para acompanhá-los no desempenho desse ministério, a fim de corrigir, no seu comportamento e no método de ensino, todos os defeitos que poderiam impedi-los de se tornarem bons catequistas. Desdobrava-se para estar presente em qualquer lugar onde houvesse algum bem a fazer. Soubesse de alguma desavença numa família, [1071] apressava-se em levar a paz e conciliar os ânimos. Ao haver distribuição pública de pão aos pobres da paróquia e às crianças na casa de alguém, nunca faltava, para juntar a esmola espiritual à corporal. Nessas ocasiões exortava os pobres reunidos, ensinando-lhes a enfrentar as privações sem queixar-se; a santificar a pobreza pela conformidade com a vontade de Deus, pela humildade, paciência e pelo cuidado de unir seus sofrimentos aos de Jesus Cristo.

Embora seu zelo abrangesse todas as obras que podiam contribuir para a santificação do próximo, tinha predileção por aquelas que se referiam à instrução e à educação cristã da juventude. Sentia-se alegre e muito à vontade ao ensinar o catecismo às crianças, formá-las à piedade e à virtude. Freqüentemente parava nas ruas, onde as encontrasse, a fim de lhes ensinar os mistérios de fé, saber se freqüentavam a escola ou dar-lhe alguns conselhos. Ao visitar os doentes, acontecia-lhe passar horas a fio ensinando o catecismo a pastorinhos, ou outras crianças que encontrava nos campos ou em casa. Nas viagens entabu-

---

[1071]. O Sr. Freicon jogou pedras no terreno do Sr. Drevet. conseqüentemente: bate-boca e tapas. Informado, o Pe. Champagnat vai dar uma verificada e nota as pedras ainda sujas de terra, provindas da prosperidade de Freycon e lançadas no campo de Drevet. "Não foram os pássaros do céu que as puseram do lado de lá", disse o Pe. Champagnat; "você não tem razão de queixar-se do Sr. Drevet", Freycon emudeceu. Dessa data em diante os dois vizinhos tornaram-se amigos para o resto da vida. (Cf. Fr. Marie Règis, Summarium – Positivo super virtutibus, Roma, 1910, p. 335).

lava conversas com as crianças e, bondosamente, perguntava se havia feito a Primeira Comunhão e se acompanhavam o catecismo na igreja.

Habitualmente indagava se conheciam os mistérios e as verdades essenciais da salvação. Mandava-as recitar ou lhes ensinava sem que percebessem. Dizia muitas vezes: “Não posso ver uma criança sem me dar vontade de ensinar-lhe o catecismo, e fazer-lhe saber quanto Jesus Cristo a amou e quanto, por sua vez, deve amar o divino Salvador”. Avistando um magote de crianças entregues a si próprias, brincando nas ruas, exclamava: “Essas crianças talvez não conheçam Jesus Cristo, ignorem as consoladoras verdades da religião, nem saibam que Deus é Pai e que elas são chamadas à glória do céu. coitadinhas! Tenho dó! A culpa é dos pais, que as deixam sem educação e abandonadas por aí. Quanto bem os Irmãos podem fazer! Houvesse aqui uma boa escola e a criançada não andaria pelas ruas, onde só vê maus exemplos e aprende a fazer o mal. Estaria na aula, preservadas dos perigos do mundo e se formando à piedade, à virtude e aos conhecimentos úteis”.

Essa triste situação de tantas crianças aumentava-lhe muito o desejo de maior número de Irmãos. Um dia, passando perto de um grupo de operários, todos moços de uns vinte anos, depois de olhar para eles, exclamou: “Cada noviço que eles dariam se viessem ficar com a gente! Dá pena ficarem no mundo! Se soubessem como é bom servir a Deus e trabalhar na salvação das almas, haveriam de deixar tudo para entrar logo em nosso noviciado”. Depois acrescento u: “ A felicidade da vida religiosa me parece tão grande, e anseio tanto por mais Irmãos para atender a todas as paróquias, que raramente encontro jovens sem me bater esse desejo e rogar a Deus que os chame a esta bela vocação”.

Na comunidade, com freqüência, mandava fazer novas novenas para pedir candidatos a Deus. Essa também era uma das principais intenções nos exercícios de piedade. Bem convencido de que os Irmãos só realizam o bem na medida em que possuem o espírito do seu estado, sempre considerou uma de suas principais obrigações formá-los à sólida virtude, torná-los bons catequistas e inspirar-lhes grande zelo pela santificação das crianças. Esse ponto capital era sua ocupação diária e objeto principal de sua solicitude. Suas instruções sobre o tema formariam volumes. Para não nos alongarmos demais, contentar-

nos-emos com registrar aqui alguns de seus pensamentos.

A primeira coisa que se esforçava por inculcar nos Irmãos, era a finalidade da vocação. "Não esqueçam, Irmãos, que o ensino primário que devem ministrar aos alunos, não é propriamente o objetivo que nos propusemos ao fundar o Instituto. É apenas meio de chegarmos à nossa finalidade de modo mais fácil e completo. Nosso objetivo é ministrar a educação cristã às crianças, isto é, ensinar-lhes o catecismo, as orações e formá-las à piedade e à virtude".

"Os vigários que os chamam para suas paróquias, entregam a vocês parte da função de seu ministério sacerdotal. Os pais, confiando-lhes os filhos, depositam igualmente em suas mãos a educação religiosa e não se preocupam mais com ensinar às crianças as orações e a maneira de se confessar. Tampouco se importam com o procedimentos e a educação religiosa dos filhos. Julgam haver cumprido esse dever de suma importância, só porque os confiaram a seus cuidados. Se vocês deixassem de lado a instrução e a educação cristã dos alunos, além de ofender a Deus e faltar ao primeiro e mais sagrado dos deveres como educadores, abusariam da confiança dos pastores da Igreja e dos fundadores da escola. Burlariam a boa-fé dos pais que lhes mandam os filhos na intenção que vocês lhes ensinem, prioritariamente, os princípios religiosos; arruinariam a Congregação, abandonando o projeto que se propôs e seriam obstáculo aos planos de Deus".

"Ninguém, pois, sob o pretexto de que deve lecionar disciplinas profanas, negligencie o catecismo. E não venha dizer que não pode decidir à catequese todo o tempo determinado pela Regra. Lembrem-se de que a finalidade primeira dos Irmãos é educar cristãmente as crianças. Consentimos em transmitir-lhes os conhecimentos profanos apenas para termos facilidade de lhes dar o catecismos diariamente e assim gravar mais profundamente no espírito e no coração delas, a ciência da salvação. Histórica, gramática, desenho linear e demais conhecimentos devem ser atraticos[1072] para matricular os alunos e conservá-los na escola".

"Sabem como procedem os missionários nas regiões pagãs?

[1072]. LPC 1, doc. 313,p. 567.

Levam espelhinhos, facas, estojos e mil bugigangas para mostrá-las aos habitantes na intenção de atraí-los. Prometem dá-las aquém quiser ouvi-los para se instruir. Enquanto os nativos se entretêm com os espelhos, o missionário vai falando de Deus, transmite-lhe as verdades religiosas. Façam o mesmo em relação às crianças: mostrem-lhes lindas páginas de caligrafia, todas as vantagens de saber desenho, geografia etc. mas, lecionando essas matérias, não esqueçam as aulas de catecismo: tenham elas sempre a primazia. Além disso façam de tudo para, de todos os setores do ensino e de todos os conhecimentos dados às crianças, retirar elementos que sirvam para alimentar a fé, a piedade e as levem a amar a Deus e a religião".

O Pe. Champagnat tinha especial talento para praticar o que aconselhava aos Irmãos. Numa de suas visitas, ao entrar numa sala, enquanto os alunos estudavam desenho e noções de agrimensura, perguntou-lhes primeiro o que estavam fazendo e o que sabiam dessas matérias. Depois acrescentou: "Minha gente, vejo com satisfação que vocês saberiam medir um terreno. Ótimo! Futuramente poderão precisar disso. Mas não esqueçam também de aprender a medir o céu. aprende-se a medir o céu calculando quanto vale, quanto trabalho é preciso para merecê-lo e o que custou a Jesus Cristo para nele preparar-nos um lugar! Há tanta coisa para medir no céu! Quanto é grande, quanto é belo e quanto é rico! Vocês sabem usar a escala proporcional, como acabam de provar. Seriam capazes de me dizer como escalar o céu? Pelos mandamentos de Deus. Se os conhecerem e praticarem, eles servirão de escada para subir ao céu!"

Em outra ocasião, como os alunos estivessem recitando a história da França, perguntou-lhes:

-De que trata a lição de hoje?

-Do reinado de Clóvis, responderam.

Convidou-os a narrá-lo. Assim que chegaram à batalha de Tolbiac, interrompeu-os, dizendo: "Que nos ensina esta história? Estão atrapalhados para me responder, não é? Pois bem, vou dizer-lhes, contando que me prometam não esquecer. Esta história nos ensina três coisas:

1. A força e o poder da oração. Clóvis [1073] se dirige a Deus, apenas com uma jaculatória. E consegue uma grande vitória só com essa pequena oração.

2. *A piedade, isto é, a oração, é útil para tudo*.[1074] Obtém-nos a proteção de Deus e o Êxito nas coisas espirituais e também nos negócios temporais quando inseridos nos planos da Providência; assim a oração pode obter, a um general, a vitória sobre os inimigos da pátria; a um operário, o bom resultado no seu trabalho; a um estudante, a inteligência para aprender as lições e para cumprir perfeitamente as tarefas escolares.

3. A oração pode ainda mais obter-nos a *vitória sobre os inimigos da nossa salvação*. Todos os dias temos que declarar guerra e lutar contra os demônios que procuram levar-nos a ofender a Deus e nos perder. Mas nós, como o rei Clóvis, sairemos sempre vitoriosos, se soubermos orar, se apelarmos para Jesus Cristo e se, como Clóvis, prometermos servi-lo e não adorar outro Deus senão a Ele".

Uma vez, dando uma lição de geografia aos Irmãos, sobre as capitais e outras cidades célebres da Ásia,ao falar de Jerusalém, interrogou-os: "Quem observam a respeito dessa cidade?" Depois de um Irmão ter respondido aquilo que o livro ensinava, o Padre prosseguiu: "Desde a morte de Cristo, ela é única no mundo, por suas vicissitudes. Mudou dezessete vezes de dono, quer dizer, pertenceu a monarcas de dezessete dinastias diferentes. Pertenceu, e ainda pertence aos mais assanhados inimigos do Cristianismo. Entretanto, apesar da raiva dos maus e do furor do inferno, o Santo Sepulcro sempre foi respeitado. O culto público da religião cristã sempre nele se manteve. Continuamente lá se oferece o santo sacrifício da missa, e os fiéis de todo o mundo jamais deixaram de visitá-lo com veneração.

Assim cumpre-se a palavra da Escritura, verdadeira profecia:

[1073]. "Jesus Cristo, tu, que segundo Clotilde, és o Filho de Deus vivo, ajuda-me na desgraça e, se me deres a vitória, acreditarei em ti e aceitarei o batismsso" (G. KURT, *Collection vie Saints*, em Sainte Clotilde. Ed. Lecoffre, 1905, p. 53). Testemunho de Gregório de Tours, primeiro historiador das Gálias, no século 6º, narrando a vitória de Clóvis, rei dos Fracos, sobre os Alamanos.

[1074]. 1Tm 4,8.

Reinareis no meio de vossos inimigos.[1075] O sepulcro de Jesus Cristo permanece intato. Mas ainda, é respeitado, venerado, glorioso, embora nas mãos dos maus, dos perseguidores da religião cristã, dos inimigos do Deus Salvador. Sinal evidente de sua onipotência e do amor imenso que tem à humildade. Sim, o amor que Jesus Cristo consagra aos pecadores, leva-o a deixar sob o poder deles seu sepulcro e todos os lugares consagrados e santificados por sua presença, por seus sofrimentos e pelos mistérios de sua vida. É vontade sua que o Calvário, onde sofreu e morreu, o túmulo onde foi enterrado, permaneceram nas mãos dos inimigos, para que se lembrem sem cessar do que Ele fez para salvá-los. As vicissitudes de Jerusalém simbolizam a situação do pecado que abandonou a Deus para entregar-se aos vícios, e tem agora tantos donos, ou melhor, tantos tiranos quantas paixões o escravizam".

Assim, o bom Padre, em qualquer lição sabia realçar o aspecto religioso. Todas as noções profanas serviam para desenvolver nas crianças o conhecimento da religião, conseguir que gostassem dela e ao mesmo tempo formava-lhes o coração e o espírito.

Nunca o Pe. Champagnat se mostrava mais eloqüente, mas enfático do que ao falar do catecismo, dos meios de levar as crianças até Deus e do bem que o Irmão piedoso pode fazer. Os mais indiferentes, os mais insensíveis, não podiam ouvi-lo sem comover-se, convencer-se e sem firmar o compromisso de melhorar no catecismo. "Meus caros Irmãos", dizia-nos em certa ocasião, "como é sublime a missão[1076] de vocês aos olhos de Deus! Ditosos vocês, os escolhidos para tão nobre função! Fazem o mesmo que Jesus fez na terra. Ensinaram os mesmos mistérios, as mesmas verdades. Fazem o que fizeram os apóstolos, os doutores da Igreja e os grandes santos. Exercem uma missão invejada pelos anjos. Vocês têm nas mãos o preço do sangue de Jesus Cristo. Seus numerosos alunos, depois de Deus, agradecerão a vocês a salvação eterna. O Divino Salvador lhes entrega o cultivo da mais bela porção de sua Igreja. Confia-lhes aqueles que lê mais amou, as crian-

---

1075. Sl 110,1.

1076. Em 21 de janeiro de 1830, o Pe. Champagnat escrevia ao Ir. Bartolomeu: "Como é importante o seu trabalho como é sublime! [...] Quem me dera a ventura de ensinar, dedicar de maneira mais direta meus desvelos na educação dessas tenras crianças" (LPC 1, doc. 14, p. 53).

ças. As crianças, das quais é amigo. As crianças, que ele atrai para si e em cuja companhia se compraz: *Deixai vir a mim as crianças, porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham.* [1077] *Minha delícia é estar com os filhos dos homens,* [1078] filhinhos que Ele acariciou e abençoou. [1079] E o Divino Salvador, no intuito de induzi-los a dedicar-lhes grane desvelo, respeitá-las e tratá-las com bondade, garante-lhes que tudo quanto fizeram à menor delas é a Ele pessoalmente que farão.[1080] Educar uma criança, isto é, instruí-la nas verdades da religião, formá-la à virtude e ensinar-lhe a amar a Deus, é função mais grandiosa e mais excelsa do que governar o mundo! Ensinar à criança uma lição de catecismo, uma oração como o *Pai Nosso e a Ave Maria*, é, perante Deus, ação de maior magnitude e de maior merecimento do que vencer uma guerra. O catecismo, quero dizer, o catecismo bem dado, vale mais do que as maiores penitências, afirma São Gregório Magno. Diz ainda o santo Doutor: quem castiga seu corpo com os rigores da penitência agrada menos ao Senhor e adquire menos méritos do que aquele que trabalha para conquistar-lhes almas! Vocês já viram o alcance dessas palavras? O próprio Jesus Cristo, a Verdade personificada, nos assegura *que aquele que pratica e ensina aos outros* as verdades cristã, os preceitos de Deus, *será grande no reino dos céus*.[1081] Assim como denominamos grandes, entre os homens, aqueles que sobressaem pelo gênio, pela elevação e nobreza de sentimentos, por seus feitos gloriosos e atos de benemerência, assim Deus chama *grandes* aqueles que ensinam sua santa lei, e, por palavras e exemplos, levam os outros a observá-la".

"Meus caros Irmãos", dizia-nos durante um retiro, "as vezes atemorizam-se com a recordação das culpas de sua vida passada. Receiam a morte, tremem ao pensar no inferno. Contudo, vocês dispõem de um meio eficaz, infalível, para tornarem a morte suave e escaparem ao inferno. Ouçam o que diz o Espírito Santo pela boca do apóstolo S. Tiago: *Aquele que converte um pecador salvará sua alma da morte e*

1077. Mt 19,14; Mc 10,14; Lc 18,16.

1078. Pr 8,31.

1079. Mc 10,16

1080. Mt 25,40.

1081. Mt 5,19.

fará desaparecer uma multidão de pecados. [1082] Quantos pecados vocês podem prevenir! Quantas almas, salvar! Quantas crianças, preservar do inferno! Quantas vezes vocês encobrirão a multidão de pecados, se cumprirem bem a missão que lhes é confiada, se, pela vigilância e pelo desvelo, impedirem as crianças de ofender a Deus! É incalculável o número de faltas que vocês podem fazer-lhes evitar.

Suponhamos que tenham cinqüenta, sessenta, oitenta, e muitas vezes, cem crianças [1083] na classe. Se não estivessem com vocês, a maioria delas andaria pelas ruas em más companhias, onde aprenderiam a dizer palavrão, blasfemar e a cometer outros atos não menos detestáveis. Garanto que, mesmo sem ensinar nada a esses meninos, só pelo fato de retirá-los da rua e ficar com eles, fariam um bem imenso. Se continuassem soltos na rua, não haveria nenhum desses meninos que não cometesse muitas faltas todos os dias. [1084] Tudo isso vocês impedem, conservando-o na aula. S. João Francisco Régis assim se expressava: *"Se puder fazer evitar um só pecado, considerar-me-ei bem recompensado por todos os meus trabalhos.* Quanto, pois, devem estimar sua vocação, vocês que têm a facilidade de impedir centenas de pecados cada dia! Façam a conta dos dias que passaram dando aula às crianças, instruindo-as e acompanhando-as. Verão o bem que realizaram e o bem que ainda podem fazer no futuro.

A esta altura, desconfio queiram fazer-me uma objeção. Vocês estão de acordo que existe o bem a realizar entre as crianças mesmo que sejam facilmente educadas na virtude. Mas lastimam que poucas conservem os princípios recebidos; quase todas se deixem arrastar pela torrente das paixões quando atingem a adolescência. Respondo: pois é um grande bem conservar essas crianças na inocência durante alguns anos, educá-los na virtude e nas práticas da piedade cristã, pro-

---

[1082]. Tg 5,20.

[1083]. Era esse número de meninos que os Irmãos tinham por aula, sobretudo na classe dos principiantes (LPC 2, p. 301).

[1084]. "Centenas de vezes disseram-lhe que estava perdendo tempo; que as pecadoras públicas quase nunca se convertem sinceramente; que arrastada pela força de inveterados hábitos, sempre retornam às prevaricações primitivas. Respondeu-lhes: Se por meus cuidados apenas conseguisse fazer evitar um só pecado mortal, sentir-me-ia bem pago pelos meus trabalhos" (Daubenton, *La vie du Bx. Jean-François Régis*. 3ème èd., Lyon, Jacques Lions et Louis Bruyet, 1717, p. 52).

piciar-lhes sólida instrução religiosa e favorecer-lhes a graça de um boa Primeira Comunhão.

Não se limitam a isso porém seus labores. As crianças que vocês educam cuidadosamente tiveram experiência da beleza e do encanto da virtude, da bondade de Deus e de quanto se é feliz no seu serviço. Se mais tarde se afastarem, o retorno à prática religiosa será muito mais fácil. Uma que não encontrarem nos prazeres e nos bens do mundo a felicidade sonhada, deixarão os caminhos dos vícios para andar nos caminhos da virtude. Vejam o filho pródigo. [1085] Que motivo o impele a vir lançar-se aos pés do pai? É o paralelo que faz entre os bens de que gozava na casa paterna com a situação miserável em que se encontra desde que a deixou. Não houvesse conhecido o pai e a ventura de se achar junto dele, talvez jamais pensasse em voltar para lançar-se nos seus braços e reatar amizade com ele. Uma boa Primeira Comunhão é penhor de salvação. Ousaria quase dizer, um sinal de predestinação, isto é, um pé no céu.

Aprendemos no Evangelho que Jesus levou a graça e a salvação aonde teve boa acolhida e anunciou desgraças aos que não souberam aproveitar de sua visita ou que o acolheram mal. [1086] Se alguém entra numa casa com intenções de paz e sentimentos de amizade, e é mal recebido, retira-se indignado e jura não mais pisar naquela casa. Assim faz Nosso Senhor quando chega a um coração pela primeira vez. Se for mal acolhido, se encontrar o pecado mortal e o demônio, seus inimigos, irá embora para nunca mais voltar. Uma das razões por que tantas pessoas se afastam dos sacramentos está em que os profanaram na primeira ocasião em que deles se aproximaram. Favorecer a uma criança a graça de uma boa Primeira Comunhão, vale garantir-lhe o mais precioso de todos os bens. É orientá-la e afirmá-la no caminho da salvação. É dar-lhe o meio mais eficaz para nele se manter e ser bom cristão a vida inteira.

Preparar uma criança à Primeira Comunhão não é tarefa de alguns dias, mas de várias meses e até vários anos. É preciso tempo para instruir solidamente uma criança, corrigir-lhe os defeitos, formá-la à

[1085]. Lc 15, 11-32.

[1086]. Mt 11,21; Lc 10,13; Mt 23,37; Lc 13,34.

virtude, inspirar-lhe sentimentos de devoção, levá-la a ensinar a lei divina e habituá-la às práticas religiosas. Assim também, só mediante lições assíduas e muito repetidas, dar-lhe-emos a entender a importância da grande ação que vai fazer, e a deixaremos nas disposições requeridas. Naturalmente vocês devem preparar as crianças à Primeira Comunhão por um retiro de alguns dias. Este pode produzir os melhores frutos, e lhes recomendo fazê-lo com o máximo cuidado e zelo. Mas não passa de preparação próxima e último retoque para dispor as crianças a receberem Jesus Cristo. A grande preparação deve iniciar-se aos oitos ou nove anos. Desde essa idade é preciso falar-lhe deste grande ato, das disposições que exige, e dos meios para se prepararem".[1087]

Durante os oito anos de coadjutor de Lavalla, o Pe. Champagnat cumpriu rigorosamente o que recomenda aqui aos Irmãos. Reunia as crianças para dar-lhes o catecismo, ensinar-lhes a rezar a participar com seriedade e piedosamente dos ofícios da Igreja e para lhes falar da Primeira Comunhão. Confessava-as cada três meses. Acompanhava-as durante os ofícios. Recomendava-lhes a fuga das más companhias, a freqüência à escola. Conseguia que prometessem rezar alguma oração a Nosso Senhor, à SSma. Virgem, ao Anjo da Guarda, para alcançarem a graça de uma boa Primeira Comunhão. Aproximando-se o tempo desse grande ato, acompanhava-as mais de perto, dava-lhes o catecismo e exigia que assistissem à missa quase diariamente. Confessava-as mais freqüentemente e, finalmente, encerrava esta longa preparação por um retiro de vários dias, durante o qual ficavam todo o tempo com elas, a fim de incutir-lhes santas disposições.

Tratando da Primeira Comunhão, nunca omitia recomendar aos Irmãos a luta contra a falsa vergonha que, freqüentemente leva a criança a disfarçar ou esconder seus pecados. "Uma das ciladas mais perigosas do demônio, dizia, é exagerar a gravidade das faltas, inspirando grande vergonha, convencendo a criança de que, se as declarar, o confessor ralhará com ela e não lhe deixará fazer a Primeira Comunhão. Combatam essa perigosa tentação e digam às crianças: as faltas de vocês nem sempre são graves como parecem. Muitas vezes o diabo

[1087]. O "L'état de la population de la paroisse de Marlhes em 1808" indica que a Primeira Comunhão era feita aos 13 anos (AFM, 146.003).

as leva a crer que uma falta é pecado mortal quando, na realidade, não passa de pecado leve. Aliás, por maiores e mais numerosas que sejam suas faltas, nunca haverão de surpreender o confessor nem tornarão vocês indignas da Primeira Comunhão, contanto que as confessem e se arrependam sinceramente. Instruam-nas cuidadosamente sobre a necessidade da integridade da confissão. Esforcem-se por incutir-lhes extremo horror ao sacrilégio e expliquem-lhes bem que a maior desgraça que pode acontecer seria a profanação dos sacramentos. É de suma importância voltar ao assunto muitas vezes. Suas instruções, se bem preparadas e confirmadas com historinhas apropriadas, nunca serão infrutíferas".

"O verdadeiro zelo é generoso e constante", declarava o Pe. Champagnat em outra instrução. "É assim que deve ser porque a salvação de uma alma é coisa de valor e merece ser obtida a custo de grandes sacrifícios. Para realizá-la, Deus entregou seu próprio Filho, e Cristo se fez homem e sujeitou-se a todas as nossas fraquezas fora o pecado. [1088] Trabalhou durante trinta e três anos. Derramou o sangue e deu a vida. Aniquilou-se na Eucaristia e sacrifica-se diariamente em nossos altares. Se quisermos atrair as crianças para Deus, cooperar com Jesus Cristo na salvação delas, cumpre-nos, a exemplo do Divino Salvador, oferecer nossos trabalhos, cuidados, energias e saúde e, se for necessário, a nossa própria vida. A salvação de uma alma nunca se consegue com preço inferior. Compreende-se, pois custou o sangue e a vida de Homem-Deus. O Irmão incapaz de semelhante abnegação não é digno da missão que lhe confiaram. O zelo verdadeiramente generoso não recua perante nenhum sacrifício. Jamais se poupa; aproveita toda e qualquer oportunidade para ser útil às crianças, instruí-las, corrigi-las dos defeitos, formá-las à virtude e conduzi-las para Deus. Coloca-se inteiramente ao dispor de todas. [1089] Lança mão de todos os meios, envida todos os esforços para que elas alcancem a salvação. É animado de zelo verdadeiramente generoso o Irmão que não deixa seus alunos, nem de dia nem de noite, acompanha-os em tudo, que sacrifica lazer, estudos e descanso, a fim de estar com eles, mantê-los no dever e preservar-lhes a inocência, que em toda parte Irmão que

[1088]. Hb 4,15.

[1089]. 1Cor 9,22.

não tem zelo generoso: só pensa na própria saúde, em seus mesquinhos interesses, no conforto pessoal, regateia as atenções que deve às crianças e executa estritamente o que lhe pe imposto".

"Já ouvi Irmãos dizerem que o ensino é exigente demais e gostariam de deixá-lo. Se soubessem quanto vale as almas, e quanto agrada a Deus contribuir à salvação de uma só, cinqüenta anos de ensino não lhes custaria nada para encaminhar à salvação nem que fosse apenas uma. Outros acham difíceis os alunos, mal criados, ingratos, cheios de defeitos, e não agüentam ficar no meio deles. Falta é zelo a esses Irmãos. Falta-lhes o espírito da sua vocação, o espírito de Jesus Cristo e não sabem o que é fazer a obra de Deus. Fossem perfeitas as crianças, não necessitariam de cuidados. É por terem defeitos que precisamos educá-las. Só assim haverá mérito em suportá-las, instruí-las, educá-las".

"Reparem no que custou aos apóstolos a conversão do mundo: todos sacrificaram a vida para realizar essa missão. Reparem no que custou aos missionários a catequese dos indígenas do Novo Mundo e da Oceania: expuseram-se a todos os sofrimentos e privações para levar a salvação aos fiéis. E nós pretenderíamos salvas as almas sem sofrimentos, na base da vida folgada e cômoda! E nos queixaríamos de esbarrar contra oposições da parte dos alunos, ou dos pais?! Nesse caso, entendemos muito pouco dos caminhos de Deus! Como são rasteiros e carnais nossos pensamentos, nossas convicções! Cristo redimiu os homens pela cruz e os sofrimentos, e nós queremos trabalhar na salvação pelos prazeres e satisfações da natureza?! Com tais sentimentos não é de estranhar que não façamos o bem e nosso ministério seja infrutífero.

Não menos necessária que a generosidade é a oração em favor dos alunos. É sinal de zelo autêntico. Ensinamentos, conselhos até mesmo correções, não passam de semente lançado no espírito e no coração das crianças. Para germinar e produzir frutos, a semente deve ser regada pela oração. Sem umidade a terra não produz nada. Sem oração nada podemos fazer, nem para nós, nem para ou outros. quando mais defeitos tiverem certos alunos, quanto menos proveito tiraram dos ensinamentos e das atenções de vocês, tanto mais devem rezar por ele. É só pela oração que se cativam tais alunos para Deus. Recomendem-nos, pois, diariamente, a Nosso Senhor e à Ssma. Virgem. Sua

constância em orar por eles constitui o maior ato de caridade e o meio mais seguro de convertê-los e trazê-los para os caminhos da virtude".

Depois dessa palestra feita com veemência, parou um instante para respirar. Aproveitando a pausa, um Irmão levantou-se para lhe perguntar se nos dias de festa consagrados à Virgem Maria, não seria melhor mandar as crianças para casa depois dos ofícios da Igreja, a fim de os Irmãos poderem dedicar mais tempo ao recolhimento e à oração.

Respondeu-lhe o Padre: "Prezado amigo, naquele dia você não fará nada melhor do que ficar com os alunos. Reuni-los nos na sua escola, fazê-los rezar, ensinar-lhes o Evangelho, dar-lhes breve instrução sobre o mistério do dia, conduzi-los aos ofícios religiosos isso tudo constitui para você a mais bela de todas as orações, um ato de caridade e de zelo mais agradável a Maria do que se permanecesse o dia inteiro prostrado aos pés de seus altares. Além disso, não pode escolher tempo mais oportuno para ministrar às crianças uma boa catequese sobre a Ssma. Virgem. Não creio existir um só Irmão que se conforme em não falar aos alunos daquela que é Mãe, Padroeira, Modelo e Primeiro Superiora dos membros do Instituto, justamente num dos seus dias de festa. O autêntico Irmão de Maria não se contenta em amar e servir esta augusto Virgem. Empenha-se em torná-la amada e venerada por todos os alunos, e usa de todos os meios sugeridos pelo zelo e pela devoção para inspirar-lhes profundo respeito, confiança sem limites e amor filial para com essa Divina Mãe. É próprio da devoção a Maria irradiar-se. Não procurar comunicá-lo, ter pouco zelo em irradiar e propagar o culto à Ssma. Virgem, é prova de que não se tem essa preciosa devoção".

Manda a Regra dar catecismo duas vezes por dia. Nos primórdios dava-se até três vezes. Todas as tardes, ao escurecer, as crianças de aldeia, e as que freqüentavam a escola, reuniam-se no estabelecimento e um Irmão lhe ministrava o ensino religioso durante uma hora. Além do que os Irmãos, normalmente as quintas-feiras e aos domingos, iam ensinar o catecismo nos povoados da paróquia. Tempo depois, alguns jovens Irmãos, deixando arrefecer em si o espírito de zelo que animara os primeiros Irmãos, julgaram ser suficiente dar um aula de catecismo por dia. Levavam a proposta ao Pe. Champagnatr e, para que consentisse nos planos deles, disseram-lhe não dispor de tempo

suficiente para os demais conteúdos do ensino.

-Meus amigos, objetou-lhe o Padre, em nosso regulamento previmos o tempo necessário a cada disciplina que devem licionar. Mesmo que esse tempo fosse insuficiente para algumas disciplinas do programa, não deveria ser a aula de catecismo a sofrer o corte, pois seria abandonar nossa meta, e sim, as outras partes menos essenciais do ensino primário.

-Mas, Padre, replicou um dos irmãos, todas elas me parecem indispensáveis para o êxito das escolas.

-Sim, mas o catecismo, mais que todas as disciplinas, favorece a prosperidade das escolas e, além do mais, é necessário para que o aluno tenha bom comportamento, consiga mais tarde vencer na via e, sobretudo consiga a salvação eterna.

-Padre, permita-me ponderar-lhe, os Irmãos da Doutrina Cristã, que sem dúvida fazem questão do catecismo, tanto quanto nó, só ministram meia hora por dia.

-Isso não prova, de forma alguma, que vocês devam fazê-lo um só vez, porque:

"1. É muito provável que se o venerável Padre de La Salle fundasse hoje seu Instituto, ordenaria a seus Irmãos dessem catecismo duas vezes por dia. De fato, quando foi instituída a Congregação das Escolas Cristã – há cento e cinqüenta anos – os pais, que então eram eminentemente religiosos, tomavam a si a educação dos filhos e ao Irmãos cabia tão somente complementar nas escolas as lições aprendidas no lar. Infelizmente hoje as coisas mudaram muito. A maioria dos pais ignora e não pratica a religião. Acham-se preocupam mais com a educação dos filhos. Confiam, pois, totalmente essa tarefa aos Irmãos. É, pois, necessário, nos tempos atuais, ministrar com maior assiduidade o catecismo nas escolas.

2. Não ficamos com os alunos tanto tempo quanto os Irmãos das Escolas Cristãs. Nas cidades, as crianças começam a freqüentar a escola com menos idade. Freqüentam-na mais regularmente e por mais tempo. Além disso, em geral, são mais inteligentes e, habituados

a falar francês, [1090] assimilam muito melhores as lições. Quanto a nós, porque nossas escolas encontram-se quase todas na faixa rural, lidamos com as crianças apenas alguns meses[1091] do ano. Muitas vezes os pais no-las enviam já acrescidas e, logo que podem trabalhar, retiram-nas. É, pois, necessário aproveitar do pouco tempo que ficam conosco, para instruí-las suficientemente nas verdades da religião. Para isso, ensinamos o catecismo duas vezes por dia.

Muitas vezes foi preciso ensinar o catecismo três vezes ao dia na época da Primeira Comunhão, sem o que, as crianças não estariam convenientemente preparadas. Aliás, embora déssemos catecismo duas vezes por dia, não estaríamos dando mais tempo a esse exercício do que os Irmãos das Escolas Cristãs, os quais lhe consagram meia-hora nos dias úteis, uma hora na véspera dos feriados e uma hora e meia aos domingos e dias de festa, o que perfaz cinco horas por semana. Ora, nós não damos mais que isto"[1092]

Não era somente nas instruções que o Pe. Champagnat se esforçava por incutir nos Irmãos o zelo pela santificação das crianças. Nas entrevistas pessoais e nas cartas voltava continuamente ao mesmo tema. Escreve numa carta circular às casas do Instituto: [1093] "Desejo que, a exemplo de Jesus Cristo, nosso divino modelo, consagrem terna afeição. Repartam, com santo zelo, o pão espiritual da religião. Concentrem todos os esforços para educá-las na piedade e gravar-lhes no coração sentimentos indeléveis de virtude".

[1090]. As crianças da zona rural falavam o dialeto da sua região.

[1091]. Para a maioria, desde Todos os Santos até a Páscoa. entretanto, nesta época as crianças "nunca se achavam na mesma altura: um ingressara na aula em outubro, outro, em novembro; um terceiro, em dezembro ou depois. A estas entradas escalonadas ao longo do ano escolar – a dar Páscoa era tão importante como a de Todos os Santos – devia-se acrescentar as irregularidades da freqüência diária" (Antonie PROST, *L'enseignement em France de 1800 a 1967*, Ad. Armand Colin, 1968, p. 115).

[1092]. "(Os Irmãos) darão a estes alunos, todos os dias, meia hora de catecismo; nas vésperas de feriados, durante uma hora; e nos domingos e festas, durante uma hora e meia*" (Règles communes de I'Institut dês Frères dês Ècoles Chrétiennes,* chap. VII, art. 6, ed. De 1901, p. 15.

[1093] LPC 1. doc. 63, p. 157.

E a um Irmão:[1094] "Diga aos seus alunos que Deus ama muito aqueles que são bem comportados, porque se parecem com Jesus, o máximo de bem comportado e que ama também aquele que não são bem comportados, porque espera que ainda vão chegar lá. Diga-lhes, igualmente, que Maria os ama, porque ela é, de modo especial, a mãe de todas as crianças de nossas escolas".

Depois de dar ótimos conselhos a um Irmão[1095] Diretor para ajudá-lo a fazer o bem numa situação difícil, recomendava-lhe: "Relembre sem cessar aos seus alunos que eles são os amigos dos santos, os filhos de Maria, os membros e co-herdeiros de Jesus Cristo; que o Divino Salvador anseia pelos corações deles; é ciumento e teria o maior desgosto se o demônio se apoderasse desses; e estaria pronto, se preciso fosse, a morrer outra vez na cruz para lhes provar o seu amor. Diga-lhes mais: Sabem meus amigos, porque Deus os ama tanto? É por serem o preço do sangue de Jesus Cristo, e porque vocês podem sem maiores dificuldades, tornarem-se grandes santos, se quiserem de verdade, pois o bom Jesus promete carregá-los nos ombros[1096] para evitar-lhes o trabalho de andar! Tristes daqueles entre vocês que estudam sem gosto o catecismo e o aprendem mal. Nunca terão a felicidade de conhecer e amar a Jesus Cristo".

Numa carta a outro Irmão: [1097] "Procure dar bem o catecismo. Aproveite de tudo para formar seus alunos à virtude. Mostre-lhes bem claramente que, se a piedade, sem o temor de Deus, jamais serão felizes; não existe paz para o ímpio; unicamente o Senhor pode lhes dar a felicidade porquanto dói tão-só para Ele que foram criados".

"Meus bons amigos", aconselha aos Irmãos [1098] de outra casa, "desdobrem-se para o bom andamento da escola. Tenham sempre diante dos olhos o grande bem que podem realizar. Esse bem e a grande recompensa que os aguarda não podem deixar de lhes infundir zelo e

---

[1094]. Carta de 21 de janeiro de 1830, ao Ir. Bartolomeu (LPC 1, doc. 14, p. 53).

[1095]. Carta de 1. de novembro de 1831, ao Ir. Bartolomeu (LPC 1, doc. 24, p. 72). A transcrição do Ir. João Batista não é fiel;

[1096]. LC 15,5.

[1097]. Carta de 3 de janeiro de 1831, ao Ir. Bartolomeu (LPC 1, doc.19, p. 610.

[1098].Carta de 4 de fevereiro de 1831, aos Irmãos Antônio e Gonzaga (LPC 1, doc. 20, p. 63).

coragem. Considerem o enternecido amor que o Salvador do mundo dedica às crianças. Censura abertamente os apóstolos quando querem afastá-las de sua esposa. [1099] Vocês, meus amigos, não só não impedem o acesso das crianças ao Divino Salvador, mas ainda envidam todos os esforços para conduzi-las até Ele. É com infinita benevolência que Ele os aconselhará na hora da morte! Com que generosidades haverá de recompensar as penas e os sacrifícios que lhes custa a educação dos alunos! Que glória, que felicidade lhes reserva esse Mestre tão liberal, que não deixa sem recompensa um copo d'água [1100] e se comprometeu a considerar e retribuir como feito a Ele tudo o que fizerem a esses pequeninos!"

"Solicita-me os meios mais indicados para ter êxito no seu cargo e promover a prosperidade do seu estabelecimento", respondia a um Irmão Diretor. Eis os que julgo melhores:

1. Interesse Maria em seu favor e, para tanto, não esqueça de considerá-la como Primeira Superiora de sua casa e, conseqüentemente, não empreenda nada de importante sem consultá-la. Entregue-lhe sua esposa, os Irmãos, as crianças, a escola inteira. Empenhe-se em propagar sua devoção. Recorra a ela em toda e qualquer necessidade e, depois de ter feito seu possível, diga-lhe que será problema dela se as coisas desandarem [1101]

2. Assiste com grande solicitude as crianças pobres, as mais atrasadas e as menos dotadas. Trate essas crianças com muita bondade; interrogue-as freqüentemente e não receie demonstrar-lhes, em toda ocasião, que as estima e ama tanto mais quanto menos prendadas pela natureza. Os pobres são numa aula, o mesmo que os doentes numa casa: motivo de bênção e de prosperidade, olhados com os olhos da fé, e honrados com os membros sofredores de Jesus Cristo.

3. Lute sem tréguas contra o pecado. Para isto vale continuamente sobre as crianças. Só desta forma conseguirá conservar-lhes a

---

[1099]. Mt 19, 13; Mc 10, 13-16.

[1100].Mt 10,42.

[1101]. O Ir. João Batista transcreve uma passagem da carta de 4 de fevereiro de 1831, aos Irmãos Antônio e Gonzaga (LPC 1. doc. 20, linhas 22-26, p. 64). Será que cita uma carta que não possuímos ou realiza um amálgama de várias cartas? O certo é que o Pe. Champagnat não costumava escrever tão longas.

inocência e mantê-las afastadas do mal. Porfie em lhes inspirar extrema aversão ao pecado mortal e lembre-se de que, se tiver a sorte de preservá-las do pecado e bani-lo de sua escola, Deus infalivelmente haverá de abençoá-la. É oportuno citar aqui as palavras do Apóstolos: *Se Deus está conosco, quem será contra nós*? [1102] Se Deus está com os alunos de sua escola, pela sua graça e seu amor, nada poderá prejudicá-los. Entretanto, se o pecado e o demônio se infiltrarem em sua casa, ela perecerá, ou no mínimo estará na iminência de ruína, mesmo tendo o apoio das autoridades e de todas as pessoas influentes da região. Aplique esses três meios, meu caro Irmão, e eu me responsabilizo pelo êxito de seu estabelecimento. Diga a seus alunos que nunca subo ao altar sem pensar em vocês e neles". E acrescentou: "Como eu gostaria de ter a felicidade de instruir as crianças e consagrar-me mais diretamente aos cuidados e sua formação à virtude".[1103]

Para encerrar dignamente este capítulo, nada melhor do que narrar como o piedoso Fundador terminava algumas vezes suas instruções sobre a necessidade de dar o catecismo. Após esgotar tudo o que o zelo lhe sugeria, para explicar aos Irmãos os deveres a respeito desse tema importante, concluía exclamando: "Ao lhes falar desta maneira eu cumpro um dever de consciência. Agora cabe a vocês cumprir o seu. Se vocês se omitirem, negligenciando a instrução das crianças e a sua formação à piedade, correm o risco de se tornarem muito culpados. Vão responder a Deus pela alma de cada uma delas, prestar-lhe contas de todas as faltas que elas cometerem devido à ignorância e à falha na educação cristã.

[1102]. Rm 8,31.

[1103] LPC 1, doc. 14, p. 54.

CAPÍTULO VINTE E UM

Caridade para com os pobres.

O Pe. Champagnat não limitava a caridade às obras de misericórdia espirituais. Assistia também os pobres em suas necessidades, na medida em que seus parcos e recursos lhe permitiam. O bem que lhes fazia vinha de três princípios:

1. a bondade o seu coração que não lhe permitia presenciar o sofrimento do próximo seu apiedar-se e ser levado a minorá-lo;

2. o profundo respeito e amor que consagrava a Nosso Senhor, feito pobre por nossa causa, e que se identifica com os indigentes;

3. o desejo ardente de trabalhar pela salvação das almas, desejo esses que a esmola lhe dava ocasião de satisfazer. Dirigia sempre algumas palavras de edificação quando dava esmola a quem lhe pedia.

Se fosse uma criança, indagava se conhecia os principais mistérios da fé cristã e, conforme o caso, fazia uma exortação ou curta instrução. Numa viagem que fez a Paris, apenas apeou da carruagem, várias crianças se aproximaram dele e, como de costume, pediram-lhe um dinheirinho. "Sim, disse-lhes, vou ajudá-las com prazer, se souberem o catecismo". Começou a interrogá-las sobre os principais mistérios, e teve o desgosto de encontrar um menino de dez anos que os ignorava completamente. Dando-lhe a esmola, disse: "Meu filho, daqui a um mês voltarei e se tiver aprendido os mistérios, eu lhe darei cinco [1104] tostões. O guri prometeu aprendê-lo com ses colegas ou com outra pessoa, e cumpriu a palavra. Quanto voltou, o garoto correu-lhe ao encontro, gritando: "Seu padre, aprendi meu catecismo, me dê os cinco tostões que me prometeu!" E sabia mesmo, bem direitinho. E o Padre lhe deu a recompensa com muita alegria.

Quando coadjutor em Lavalla, encontrou certo número de pais, pobres e negligentes, que deixavam os filhos na ignorância das verdades da fé, não os enviando nem à escola nem ao catecismo. Reuniu

[1104]. Cinco tostões ("cinq sour") eram a quarta parte de um franco. Em 1838, o salário de um bom trabalhador podia ser estimado em três francos por dia.

essas crianças e trouxe-as para a casa dos Irmãos e ele mesmo se encarregou de dar-lhes comida e roupa. No primeiro ano eram doze. [1105] Nos anos seguintes o número foi crescendo e continuou recebendo-os enquanto foi possível alojá-los na casa. Sua bondade não se restringia às crianças. Todos os pobres da paróquia saíram ganhando. Nenhum deixava de ser atendido. A uns arranjava pão. A outros, roupas e agasalhos. Mandava preparar comida adequada para os doentes e designava dois Irmãos para assisti-los durante a noite.

Um dia chamaram-no para um doente. Apressa-se em visitá-lo e encontra um infeliz coberto de chagas, na maior miséria, tendo apenas alguns trapos a cobrir-lhes a nudez e as úlceras. Profundamente movido de compaixão à vista de tantas dores e tanta miséria, dirige-lhe, primeiramente, palavras de conforto. Depois, corre para casa, chama o Irmão ecônomo e ordena-lhe que leve imediatamente colchão, lençóis e cobertores ao infeliz que aqui acabava de visitar.

-Mas, Padre, não temos nenhum colchão sobrando.

-Como! Não encontra nenhum colchão na casa?

-Não, nenhum. Deve lembrar-se que dei o último faz alguns dias.

-Pois bem! Retire o colchão da minha cama e leve-o agora mesmo ao pobre do homem.

Muitas vezes aconteceu-lhe despojar-se desta forma, para assistir os indigentes ou fornecer a seus Irmãos aquilo que lhes faltava.

De outra feita, uma pessoa caridosa pediu-lhe que visitasse um infeliz que, além de aleijado, enfermo e mergulhado na mais profunda miséria, vomitava horríveis blasfêmias contra a religião e grosseiros insultos contra quem tinha a caridade de vista-lo e levar-lhe alguma ajuda. O Padre fez de tudo para tocar aquele coração empedernido. Tudo inútil. Viu-se constrangido a retirar-se para evitar mais blasfêmia. Chegado em casa, disse ao Irmão encarregado de levar esmolas aos doentes: "Só há um jeito de conquistar aquele homem: fazer-lhe o

[1105].O Pe. Champagnat escreve ao Ir. João Maria Granjon em 1 de dezembro de 1823: "Falando de La Valla, parece que teremos muitas crianças e muitos pobres. Graças a Deus, faremos o que pudermos para alimentá-los" (LPC 1, doc. 1, p. 30). Cf. OME, doc. 166 (17), p. 445.

bem e responder às injúrias com benefícios. A caridade, e somente a caridade, pode realizar sua conversão. Assim, é preciso dar-lhe todo o necessário, manter alguém constantemente ao lado dele para servi-lo, assisti-lo durante a noite, falar-lhe com extrema paciência e bondade e rezar muito. Deixar durante algum tempo de falar de religião, a fim de evitar mais blasfêmias. Deus fará o resto". Seguiram à risca esses prudentes conselhos, que surtiram pleno efeito. Ao ver-se alvo de tantas atenções e tratado com tanta caridade, o doente comoveu-se e exclamou certo dia: "Agora sim, estou vendo que a religião é verdadeira, pois inspira tanta dedicação e tanta caridade. Somente ela foi capaz de levá-los, não só a me suportar – o que já seria muito – mas ainda a servi-me e dar-me tanta atenção, que eu não receberia nem de meus pais, nem de meus empregados se tivesse". Solicitou a presença do Pe. Champagnat, a quem se confessou, depois de várias vezes pedir-lhe perdão por tê-lo recebido tão mal no primeiro encontro. Faleceu algum tempo depois, consolado pelos sacramentos e com plena resignação cristã.

Mais ou menos na mesma época chamaram-no à cabeceira de uma senhora doente para confessá-la. Encontrou-a na maior penúria, sem ter sequer lenha para se aquecer. Confessou-a, consolou-a, exortando-a a confiar em Deus e a oferecer-lhe seus sofrimentos e suas privações. Entretanto, compreendendo que em tais situações não bastava palavras de conforto, mandou trazer-lhe todo necessário para comida, roupa e lenha. Arranjou-lhe uma assistente para o dia e a noite e contratou um médico para examiná-la e tratá-la gratuitamente. Quando a mulher faleceu, assumiu o cuidado de um filho que ela deixara, devido à prolongada doença da mãe e de sua extrema indigência, o garoto não recebera nenhum princípio religioso e já havia contraído mais hábitos que, corrompendo-lhe o caráter e o coração, tornaram inúteis, por muito tempo, os cuidados que tiveram com ele.

Os Irmãos, a quem o Padre o confiou, não lhe deixaram faltar nada, quanto o roupa e comida. Foi matriculado na escola. Procuraram incutir-lhe princípios religiosos, corrigir-lhe os defeitos e os maus hábitos. Ele, porém, em vez de aproveitar das atenções que lhe prodigalizavam e mostrar-se agradecido, não correspondia à bondade senão malcriações, ingratidão e rebeldia. Acostumado a viver na vadiagem e a seguir sem freio as más inclinações, não agüentou enquadrar-se em

regulamentos de escola, não aceitava as advertências nem os conselhos paternais dos Irmãos. Fugiu várias vezes, preferindo mendigar comida e viver vida de rua, a submeter-se à disciplina escolar. Cada vez os Irmãos iam buscá-lo de volta e usavam de todos os meios sugeridos pelo zelo para trazê-lo a melhores sentimentos, corrigi-lo e conquistar-lhe a amizade. Desanimados porém, com o pouco resultado de seus esforços, acabaram pedindo ao Pe. Champagnat que o abandonasse à própria sorte, "pois, disseram-lhe, estamos perdendo tempo com esse rapaz. Mais cedo ou mais tarde, seremos obrigados a mandá-lo embora".

O piedoso Fundador, de zelo mais perseverante e indulgente, convidou-os, num primeiro momento, a ter mais paciência e rezar pelo malandrinho. Diante da insistência dos Irmãos em exigir a expulsão, podonderou-lhes: "Meus amigos, se o problema é simplesmente ver-se livre do pobre órfão, nada mais fácil. Mas que mérito haveria um jogá-lo na rua? Se o abandonarem, será que Deus não vai pedir-lhes conta de sua alma? Além disso, não lhes pesa na consciência desperdiçar a ocasião de exercitar a caridade e o zelo e, conseqüentemente, perder o mérito de reconduzir esse menino ao caminho da virtude? Se você o mandarem embora, Deus dará a outros o cuidado e a graça de educá-lo. E vocês vão lamentar terem perdido, por impaciência, esta glória missão, e será tarde demais. Adotamos este garoto. Não podemos mais abandoná-lo. Temos que guardá-lo conosco, embora nos incomode e não corresponda às nossas atenções. Devemos trabalhar sem desanimar, para que ele mude. Tenham coragem. Deus não vai permitir que tantos sacrifícios por amor desse órfão, tantos atos de caridade praticados para com ele, fiquem sem resultado. Rezem por esse menino e, tenho plena certeza, em breve lhes dará tanta consolação, quanto desgosto lhes tem causado". Dito e feito. Pouco tempo depois, aquele menino impossível que, por anos a fio causava tanto desgosto aos Irmãos, mudou completamente: tornou-se calmo, dócil, ajuizado, parecia um anjo. Após a Primeira Comunhão, feita nas mais edificantes disposições, solicitou admissão ao noviciado. Foi atendido. Cheio de estima por sua vocação, veio a ser um Irmão [1106] piedoso, regular e

[1106]. Trata-se do Ir. Nilamon (Jean-Baptiste Berne) falecido em 1830 9XXVIII, p. 409-413).

obediente. Faleceu como um santo na idade de vinte e um anos, nos braços do Pe. Champagnat, cheios de gratidão pelo grande bem que lhe fizera.

Esse episódio nos lembra as recomendações que o piedoso Fundador fazia aos Irmãos, com referência aos alunos em situação de serem expulsos da escola. “A expulsão é coisa extremamente gravemente, dizia. É o último e o mais terrível dos castigos. As faltas que exigem essa medida extrema são raras entre os meninos, quando na aula há disciplina e o professor sabe manter sua autoridade. Se me perguntassem que tipo de faltas exige expulsão, responderia que não conheço nenhum se o culpado puder emendar-se e manifestar vontade sincera de se corrigir. Numa palavra, a expulsão só se aplica aos incorrigíveis e àqueles cuja influência contagia a escola. Portanto, antes de expulsar um aluno, é necessário:

1. Ter plena certeza de sua culpabilidade e da gravidade da falta;

2. Ter certeza ainda que existe perigo de contágio e o rapaz é aquilo que se chama uma ovelha sarnenta;

3. haverem-se esgotado os meios apropriados para corrigi-lo e impedir a contaminação;

4. rezar, refletir, aconselhar-se, pois uma questão de tamanha relevância deve primeiro ser tratada com Deus, e a prudência exige que se utilizem todos os recursos oferecidos pela caridade, em tais casos, para garantir a justiça da medida.

“Tenho, pois, razão ao afirmar que a expulsão é castigo extremamente grave e deve acontecer raramente. Aplicá-la ao aluno porque desafiou uma ameaça imprudente, porque seu caráter é antipático e desagrada, porque é leviano o indisciplinado, porque se ausenta com freqüência da escola, ou mesmo porque às vezes falta aos ofícios religiosos, porque não cumpriu certos castigos ou outra falta desse gênero, é faltar com sua obrigação, pecar contra a justiça, difamar um garoto perante e paróquia inteira, pois a expulsão supõe faltas graves e conduta escandalosa. Quando a expulsão não tem motivo para murmurações e queixas das pessoas, excita indignação e revolta dos pais cujos filhos foram expulsos indispõe os jovens e os deixa para sempre com raiva dos Irmãos. Quem ponderar essas tristes conseqüências,

cuidará de não perder o controle despedindo uma criança num momento de raiva, paixão, ou por faltas que, embora pareçam graves, nem são de natureza a prejudicar os outros meninos, comprometer-lhes a inocência, espalhar mau espírito, nem pôr em grave risco a disciplina da escola. A expulsão de um aluno é de exclusiva competência do Irmão Diretor. Outros Irmão, que aplicasse esse castigo, estaria exorbitando de suas atribulações. Quando um menino se coloca em situação de ser expulso, é melhor convencê-lo a retirar-se por sua própria iniciativa ou então, chamar os pais, expor-lhes a conduta do filho e pedir-lhes que o retirem para lhes poupar o desgosto de vê-lo expulso da escola".

As necessidades dos pobres preocupavam continuamente o bom Padre, que vivia falando disso. Se acaso percebesse alguém esbanjar as coisas, dizia-lhe: "Não sabe que muitos indigentes carecem do necessário e se dariam por felizes em ter aquilo que você usa mal e deixa estragar?" Repetia freqüentemente: "Ficaríamos com peso na consciência, se fizéssemos gastos inúteis e buscássemos o supérfluo, enquanto muitos pobres não têm comido nem roupa. Se ficamos impassíveis perante a miséria e as privações dos membros sofredores de Cristo e não empregamos os meios possíveis para assisti-los, usando as coisas com moderação, é porque não temos caridade. Os santos, que tinham imenso amor a Deus, amavam os pobres como irmão. Em conseqüência privavam-se até do necessário para socorrê-lo".

No início de cada inverno, o santo Fundador mandava consertar as roupas usadas existentes na casa. [1107] Empacotava-as e as mandava aos Irmãos das regiões montanhosas, para distribuí-las aos necessitados. Como alguém lhe observasse que o conserto seria muito dispendioso e que seria mais fácil doar as roupas como se encontravam, deixando aos pobres o trabalho de remendá-las, replicou-lhe: "Que seja mais fácil não duvido. Mas, ficariam os pobres mais satisfeitos? E seria mais completa a nossa caridade? Duvido! Se vocês dessem as roupas como estão, muitos pobres não se dariam ao trabalho de as remendar e, após alguns dias, não poderiam mais usá-las. Outros não teria linha nem retalhos para consertá-las. É preferível custar um

[1107]. "Pedimos que coloquem no pacote a roupa que não serve mais e as batinas gastas e as mandem [...]" (LPC 1, doc. 226, p. 500, linhas 29-33).

pouco mais à casa e a esmola ficar mais de acordo".

Nos últimos anos o Padre se dedicou ainda a outra forma de caridade: encarregar-se e cuidar de alguns anciãos [1108] se recursos e impossibilitados de ganhar a vida, que passavam duras privações. Mandava-lhes um Irmão para assisti-los; fornecia-lhes todo o necessário, pedindo-lhes apenas vivessem como bons cristãos. Diversos eram portadores de enfermidades repugnantes. Outros, além dos males do corpo, traziam doenças morais, tornando extremamente difícil e penosa a tarefa de atendê-los. Mas a caridade que é paciente e tudo sofre, [1109] a que nada repugna, no coração do Fundador foi maior do que todas essas misérias. Inútil dizer que não se limitava a prover às necessidades físicas e aliviar os sofrimentos corporais. Seu zelo visava especialmente a levá-los à recepção dos sacramentos pela resignação e união com Jesus Cristo. Guiados por seus conselhos, os velhinho traçava-se um regulamento de vida, dividindo o tempo entre a oração e o trabalho adequado às forças e à saúde. A assistência à missa, piedosas leituras, o terço, a visita ao Ssmo. Sacramento, constituíam seus exercícios diários. Um Irmão estava encarregado de acompanhar o comportamento deles e admoestá-los quando preciso. realizava com eles atos religiosos e ajudava-os a cumpri-los com devoção. Todos esses velhinho findaram nas disposições mais cristãs e deram ao Pe. Champagnat a consolação de lhes ter sido mais útil à alma do que ao corpo.[1110]

O espírito de fé que animava o piedoso Fundador, mostrando-lhe nos carentes a pessoa de Jesus Cristo feito pobre por nós, levava-o a ter-lhes grandes respeito. Se nem sempre conseguia assisti-los, proporcionava-lhes, pelo menos, todos os alívios, encorajamentos e demonstrações de interesse possíveis. Visitando uma escola, notou casu-

---

1108. Cf. I. ª BALKO, "A casa de beneficência", *in Marcelino Champagnat e sua missão,* p. 84-86. O original em: FMS, nº 16, 1975, p. 209. Em 1º de dezembro de 1832, no seu livro de contas (folio 37), o Pe. Champagnat escreve: "Hoje, sábado, 1º de dezembro de mil oitocentos e trinta e dois, dia venturoso, dia afortunado em que nós contribuímos para uma boa obra feita por Mademoiselle Fournas, recebendo dois enfermos incuráveis".

1109. 1Cor 13,4-7.

1110. O Padre recebeu [...] o velho Chazelle, sapateiro-remendão, que depois recebeu o hábito com o nome de Irmão Espiridião (AA, p. 132 e p. 300-301).

almente, que o Irmão porteiro destratava um pobre que se apresentara à porta. Como ele não tivesse entendido bem o sentido das palavras, e estivesse atarefadíssimo naquela hora, julgou necessário dar importância ao fato. À noite, porém, o caso veio-lhe ao pensamento e sentiu profundo remorso por não ter chamado à ordem o Irmão. Ao amanhecer, mandou chamá-lo para obter dele uma explicação. O Irmão lhe confessou que, de fato, tinha tratado aquele mendigo com alguma aspereza, mas que tal linguagem se impunha para se ver livre de um homem que já estava abusando da bondade e da caridade dos Irmãos. Apesar de a virtude e o caráter do Irmão tornarem-no merecedor de crédito, o Padre dirigiu-lhe uma série de perguntas, após as quais pareceu dar-se por satisfeito. Mas retornou de propósito àquela casa, [1111] distante três léguas de 1'Hermitage, para entrevistar um sacerdote lhe disse que o Irmão não merecia nenhuma censura, pois o caráter e o desequilíbrio mental daquele mendigo, tornavam necessária tal maneira de agir.

Não podendo providenciar aos indigentes todos os recursos corporais que desejavam pois a situação e os recursos não permitiam, procurou compensar amplamente, formando mestres para ministrar instrução primária e educação cristã às crianças pobres.[1112]

Foi sobretudo para elas que fundou o Instituto e é vontade sua que os Irmãos se considerem particularmente encarregados da instrução dessas crianças. Já nos primeiros compromissos que impôs aos Irmãos, o piedoso Fundador mencionara esse ponto e julgara-o tão importante que o colocou em primeiro lugar: *Nós nos comprometemos acima de tudo, a instruir gratuitamente todos os indigentes que o sr. Vigário nos apresenta.* [1113] Não bastava ensinarem o catecismo. Deviam transmitir todos os conhecimentos necessários à condição social das crianças e não fazer distinção alguma entre ricas e pobres.

A igualdade deve ser a grande lei nas escolas dos Irmãos. Nelas não deverão existir preferências nem privilégios, nem considera-

---

[1111].Casa de Tarentaise ou de Valbenoîte? Impossível resolver, pois ambas distam três léguas (12km) de 1'Hermitage.

[1112]."As crianças pobres são admitidas gratuitamente em nossas escolas [...]' (Champagnat, cachier 1, art.15, p. 21; AFM 0132.0102

[1113].Cf. OME, doc. 34 (2), p. 103 e doc. 52, p. 138.

ções de status nem de qualidades exteriores. Ricos e pobres devem ser tratados segundo seu mérito, capacidade, virtude e consideração individual. Essa igualdade há de estender-se a todos os componentes da educação da criança. Assim, mesma classe para todos, mesmos estudos, mesmos castigos, mesmas recompensas e mesmos cuidados. O menino pobre será considerado na escola, não de acordo com sua condição social ou suas posses, mas segundo sua aptidão pessoal. Como o aluno rico, ele poderá cursar todas as classes, completar o programa de ensino primário, se os seus recursos permitirem. Poderá competir com o colega rico, colocar-se a seu lado, superá-lo inclusive.

Enfim, na escola, o Irmão deve ignorar, se possível, a condição social dos alunos, ver neles apenas o que a fé lhe revela, considerar tão só a conduta deles, amá-los e tratá-los como filhos. "Isso não quer dizer", esclarecia prudentemente o Pe. Champagnat, "que não se possa, vez por outra, ter certas considerações com respeito a alguns alunos, quando o interesse geral da escola o requer. Assim, por exemplo, não se porá um garoto rico, bem asseado junto com outro mal cheiroso e piolhento. [1114] Os pais poderiam ofender-se com razão, e este último deve ser colocado de tal maneira que não possa transmitir a ninguém o que o torna asqueroso. Neste caso as atenções que se têm para o rico revertem a favor do pobre. Procura-se conservar os ricos só para proporcionar ao pobre os meios de se instruir, porquanto na maioria das vezes, se não houvesse meninos abastados para garantir os recursos aos Irmãos, a escola não poderia sustentar-se. Todavia, se a prudência e o bom-senso admitem e até mesmo exigem semelhantes precauções, o espírito de fé, que nos mostra no pobre a pessoa de Jesus Cristo humilhado e feito pobre por nós, deve inspirar ao Irmão grande respeito e grande amor pelo indigente. Esse respeito e amor devem manifestar-se em todas as ocasiões com testemunhos de estima e benevolência, com mais assíduos cuidados para fazê-lo avançar e garantir o progresso e com a preocupação constante de tratá-lo como os demais". Essa é a atitude que o Pe. Champagnat deseja que os Irmãos tenham com as

[1114] Marie-Françoise Baché, nascida em La Valla em 1825, declara: "Sobra-me apenas uma idéia vaga de tê-lo visto em minha infância. Mas ouvi falar muito dele da parte de minha mãe que colaborava em suas obras de assistências. Por várias vezes ela matou os piolhos em meninos pobres que ele colhia, instruía, alguns dos quais se tornaram Irmãos" (Proc. Ord., Lyon, fol. 291).

crianças pobres.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Empenho pela instrução primária e a boa disciplina da escola.

O espírito de Deus, que norteava o Pe. Champagnat na fundação do Instituto, fez-lhe compreender que a educação dada pelos Irmãos, para produzir todos os frutos devia, quanto possível satisfazer as necessidades é manter o aluno por mais tempo na escola, a fim de subtraí-lo à influência dos maus exemplos que encontra a cada passo, até no seio da família. Uma das grandes exigências do nosso tempo é que o professor deve transmitir conhecimentos profundos, e iniciar os alunos numa infinidade de noções, as quais a opinião pública dá grande importância, embora na realidade, sejam pouco úteis aos meninos, e até se tornem prejudiciais pelo mau uso que delas fazem. Assim sendo, o piedoso Fundador compreendeu que, muito embora atribuindo à religião a plena importância que deve ter na educação, a escola dos Irmãos não devia deixar nada a deseja, nem quanto ao nível, nem quanto à boa direção dos estudos. Importa que os pais se inclinem a lhes dar preferência, tanto pela vantagem de assegurar aos filhos os benefícios de sólida instrução primária, quanto pela certeza de lhes proporcionar uma educação eminentemente cristã. Assim, não hesitou em introduzir no programa escolar dos Irmãos todos os conhecimentos [1115] próprios do ensino primário. Chegou mesmo a declarar que uma escola de certo porto, mantida pelo Instituto, sempre deveria ter uma turma onde houvesse o ensino de todas essas disciplinas. A Congregação se comprometia a mandar um Irmão, desde que houvesse número suficiente de alunos matriculados,

Não ignorava os riscos que o ensino mais adiantado poderia acarretar aos rapazes destinados em maioria à agricultura ou às profissões industriais. Ponderando, contudo, que vivemos num século ávido de ciências e vendo que os maus, incitados pelo inimigo da salvação, valiam-se da sede de aprender para apoderar-se dos jovens e, sob o

[1115]. Circular do Pe. Champagnat aos Irmãos, em 10 de janeiro de 1840, sobretudo a organização de conferência pedagógicas (LPC 1, doc. 313, p. 567).

pretexto de lhes dar instrução primária, lhes inculcavam doutrinas perniciosas, roubando-lhes a fé e os bons costumes, não hesitou em passar por cima dos possíveis inconvenientes das ciências, inconvenientes que uma sólida educação crista haveria de minorar ou dizer desaparecer. De mais a mais, essas desvantagens aparecem muito graves e sem remédio nas escolas dirigidas por mestres seculares e mercenários.[1116] Queria ter as crianças a qualquer preço. Ora, para retirá-las desse tipo de escola era preciso prometer e dar-lhes ensino tão completo quanto o que recebiam dos professores laicos. Por outro lado não desconhecia, que se o ensino das ciências profanas apresenta certos inconvenientes, encerra também a vantagem de ocupar o aluno, mantê-lo muito tempo na escola e assim preservá-lo da ociosidade, das más companhias e de toda sorte de ocasiões perigosas que encontraria diariamente se, em vez de estar na escola, ficasse abandonado e passasse a juventude sem fazer nada. De fato, uma ocupação, um estudo sério, preserva a criança das paixões perversas, conservar-lhe a fé, a piedade e a virtude. O saber que adquire desenvolve-lhe as faculdades intelectuais, preparando-a para receber os princípios religiosos e pô-los em prática.

Para que uma escola prospere e o ensino seja bom, é preciso que o esforço dos alunos acompanhe a ação do mestre, porquanto, aquilo que o mestre faz pessoalmente, através de seu devotamento e suas lições, é pouco. Mas o que ele faz os alunos praticamente, através do estudo, da aplicação, do trabalho, é tudo. O importante será, pois, alcançar a espontânea colaboração dos educandos. Para obtê-la mais facilmente, o Pe. Champagnat apontava a emulação como meio seguro e eficaz. Queria que os Irmãos fizessem de tudo para estabelecê-la e

---

[1116].Carta do Pe. Barthétem Artru, vigário de Peaugres, em 7 de setembro de 1835: "Sempre foi meu parecer que se devia dar às crianças da minha paróquia uma educação melhor do que vinham recebendo antes de mim. Nem os pedagogos saboianos que vinham dar algumas aulas de escrever e conta, no inverno, nem os hipócritas sequazes da Escola Normal conseguiram atingir nossa meta... Em fins de 1833, chamei os seus Irmãos... A escola deles teve em minha paróquia o mais retumbante êxito; bastaram alguns meses para desfazer o preconceito desfavorável de certas pessoas, e nada prova melhor o bem que realizam do que a afã com que as famílias, não só da minha paróquia, mas também das paróquias vizinhas, acorrem para confiar-lhes o filhos" (AFM, 129.15; CF. LPC 2,p. 56).

conservá-la. Não se contentava com a emulação entre os alunos de uma mesma classe ou de um mesmo estabelecimento. Queria vê-la funcionar entre todos os alunos de todas as escolas confiadas aos Irmãos. Nesse sentido, determinou um concurso geral caligrafia. Cada mestre de caligrafia[1117] devia apresentar, por ocasião do retiro, a primeira composição caligráfica passada aos alunos na abertura das aulas, bem como a última, realizada antes das férias. Uma comissão, formada pelos Irmãos mais capacitados, incumbia-se de cotejar as duas folhas, constatar os progressos dos alunos em cada escola, e classificar as escolas por ordem de mérito. Para que esse concurso provocasse ao mesmo tempo a emulação dos mestres e dos alunos, o Padre determinava duas espécies de prêmios: um para os Irmãos cujas aulas figuravam em primeiro lugar na classificação; outro, para os alunos que fizessem maior progresso durante o ano e tivessem melhor caligrafia. Inútil dizer que foram adotadas certas medidas para prevenir qualquer tipo de fraude.

Outra tática usada pelo Pe. Champagnat para conseguir o bom andamento das classes, o progresso dos alunos e verificar se a instrução religiosa e a educação cristã eram ministradas, foi visitar anualmente as escolas. Quando certas classes deixavam a desejar, não se contentava com visitá-las uma vez por ano; visitava-as cada três ou quatro meses. Além disso, delegara em cada região um Irmão para supervisionar as escolas ali existentes. Era obrigação desse Irmão visitar a cada dois meses as escolas do seu distrito, [1118] redigir um relatório minucioso da situação e remetê-lo ao superior.

Fossem quais fossem os efeitos benefícios das visitas e de outros recursos que o Padre usava para estimular o zelo dos Irmãos e excitar a emulação entre os alunos, compreendia que não bastavam para garantir a prosperidade das classes e que, acima de tudo, era necessário que os mestres tivessem competência. Impossível enumerar

---

1117. "Todos os anos, na mesma época (férias), trarão uma folha na qual cada aluno terá escrito, segundo sua capacidade, na entrada e na saída. O Irmão Diretor do estabelecimento mais próximo examinará se a caligrafia corresponde à habilidade do estudante, comparando esta folha com o caderno que escreveu ao mesmo tempo" (Règle de 1837, cap. X, art. 4, p. 63).

1118. "Em cada distrito haverá um Irmão primeiro-Diretor, encarregao de supervisionar todos os Irmãos nele lotados" (Règle de 1837, cap. III [2], art. 15, p. 30-32).

os trabalhos que se impôs para formá-los. Ele próprio dava aos Irmãos aulas de leitura, ortografia, aritmética, história, geografia e canto. freqüentemente ocorreu-lhe empregar, inclusive, as horas de recreio para instruí-los nos diversos conhecimentos, ensinava-lhes ainda a arte de transmiti-los aos alunos, formando-os ao método de ensino. O método simultâneo, criado pelo venerável Pe. de La Salle, pareceu-lhe o melhor e adotou-o para as escolas dos seus Irmãos. Para treiná-los, convidou um professor especializado no assunto.

Na infância, o Pe. Champagnat tivera extrema dificuldade em aprender a ler. [1119] Mais tarde, pesquisando a causa, atribuiu-a à incapacidade dos professores e às falhas do método em vigor. Depois de estudar e examinar por vários anos o assunto, depois de muitas tentativas e experiências sobre métodos ou maneiras de ensinar a ler, convenceu-se de que a antiga pronúncia das consoantes multiplicava os obstáculos da leitura e retardava o progresso dos alunos. Com tantas experiências, era de se esperar que abandonasse imediatamente um sistema reconhecido com defeituoso. Desconfiando, porém, de suas próprias luzes, antes de tentar qualquer inovação numa questão de tanta importância, consultor pessoas competentes e criteriosas. Todas, após maduro exame da meteria, concordaram com ele. A partir daí, tomou hesitou em quebrar a rotina e adotar um método mais rápido e mais racional para as escolas de sua Congregação. Consignou a teoria e a prática num opúsculo intitulado *Princípios*[1120] de leitura, que compôs, com a colaboração dos Irmãos mais qualificados.

Embora o Padre amasse ternamente todas as crianças, consagrava especial predileção aos pequeninos, que chamava de anjinhos devido à inocência deles. Mostrava-se incansável quando falava da classe dos principiantes,[1121] que dizia ser a mais importante.[1122] Descia

---

[1119]. "Natural do distrito de Saint-Genest-Malifaux (Loire), passei por dificuldades imensas para aprender a ler e a escrever. Senti necessidade urgente de fundar uma Sociedade que, a preços módicos, proporcionasse às crianças das escolas rurais o bom ensino que os excelentes Irmãos das Escolas Cristãs proporcionam às crianças das cidades". (Carta ao Rei Luis Felipe, LPC 1, doc. 34, p. 98-104. também ao Ministro da Instrução Pública, LPC 1, doc. 159, p. 306-312).

[1120]. A circular de 11 de novembro de 1916 anuncia a 42 edição deste volume (CSG XIII, p. 426).

[1121]. "Sobe a Restauração, e até 1839, teve-se a idéia de dividir os alunos em duas

a minúcias, ao tratar dos cuidados a serem tomados para ensinar-lhes as primeiras verdades da religião, inspirar-lhes a piedade, o amor à virtude e minorar-lhes as dificuldades na leitura. A um Irmão que lhe indaga por que a classe dos principiantes era considerada a mais importante respondeu. "Considero-a mais importante pelas razões seguintes:

1. Todos o êxito da educação depende geralmente das primeiras lições dadas à criança. Para tornar mais compreensível essa afirmação, S. Jerônimo [1123] usa duas comparações, muito adequadas e verdadeiras: A lã, uma vez tingida, jamais perder totalmente a primeira cor. O vaso de barro conserva, igualmente, por muito tempo o gosto e o perfume do primeiro licor. Assim também, acrescenta o santo doutor, as primeiras impressões recebidas na infância dificilmente se apagam, e os hábitos adquiridos nessa idade raramente se modificam. Portanto, se as crianças adquirirem hábitos e sentimentos virtuosos na classe dos principiantes, conservá-los-ão por toda a vida.

2. Em muitos lugares pequenos, as crianças passam na classe dos principiantes todo o seu período educativo. Trovam a escola pelo trabalho, antes do ingresso na classe mais elevada,[1124] ou permanecem pouco tempo nesta última.

3. Da classe dos principiantes depende o êxito de todas as demais. Se ali as crianças receberem bons princípios, se forem formadas à piedade, à leitura, irão guardar facilmente as lições que lhes serão dadas mais tarde. Terão êxito nos outros ramos do ensino e se tornarão ótimos estudantes. Se, pelo contrário, saírem da primeira classe primária sem saber ler, sem saber as orações, ignorando as principais verdades da religião, darão muito trabalho aos mestres das outras classes e,

---

classes de nível diferentes: a "petite classe", para os que estavam aprendendo a ler; a "grande classe" para os que estavam aprendendo a escrever e a contar. Havia, pois, necessidade de dois mestres por escola e um número mínimo de alunos" (P. ZIND, SMC, vol. 2, p. 77 e Présence Mariste, n 151).

[1122]. Numa carta ao Irmão Eutímio, em 19 de março de 1832, o Pe. Champagnat destaca a importância da "patite classe" (LPC 1, doc. 102, p. 223 e Cahier 4, p. 33; AFM 0132.4014d).

[1123]. Carta a Leta, trad. Charpentier. Ed. Garnier, 1936, Lettres de St Jérôme, vol. 2, p. 61).

[1124]. Ver nota 7, supra.

apesar de tudo, ficarão sempre e em toda parte entre os mais fracos. Pior ainda: pode acontecer que, após oito a dez anos de escola, chegadas enfim ao último ano, encontrem-se atrasadas em todas as partes essenciais da instrução primária, fracas em caligrafia, ortografia, aritmética, e até em leitura, porque na base não foram adequadamente formadas. Donde se conclui que, se o Irmão incumbido da classe dos principiantes não desempenhar a sua função, paralisa o desenvolvimento da escola, comprometendo, pelo fato mesmo, toda a obra da educação das crianças que a freqüentam.

4. As crianças da classe dos principiantes são muito agradáveis a Deus pela própria inocência, e atraem as bênçãos do céu sobre o estabelecimento.

5. O Irmão encarregado dessa classe precisa de muita caridade, zelo, paciência, abnegação, para repetir sempre as mesmas lições, para pôr-se ao alcance das criancinhas, habituá-las à ordem e pô-las a trabalhar sem maltratá-las e sem se mostrar severo. Por isso, o Irmão que não sabe tornar-se criança, que não gosta de repetir sempre as mesmas coisas, que só pensa em adiantar o programa, não serve para uma classe de principiantes. O sistema mais eficiente para garantir o progresso dos principiantes consiste em usar linguagem acessível à fraca inteligência deles, em voltar muitas vezes sobre aquilo que se estudou, fazendo o possível para que aprendam bem as coisas, em vez de procurar multiplicar-lhes os conhecimentos.

De acordo com esse princípio, de suma relevância, o Irmão do primeiro ano primário deve voltar freqüentemente sobre as lições passadas, sobre aquilo que as crianças já recitaram ou aprenderam. Para que essas repetições contínuas não tomem tempo demais, deve conseguir a colaboração dos alunos mais adiantados. Assim, uma vez que tiver ensinado a lição aos alunos que estiverem ao quadro de giz, confiará a ler aos alunos mais atrasados. Fará o mesmo para as lições seguintes, as orações e o catecismo".

Desse modo, sem saber, o piedoso Fundador estava combinando o método [1125] simultâneo com o mútuo, colhendo o que havia de

---

[1125]. O Ir. João Batista escreve "modo" em vez de "método". O Método mútuo e o método simultâneo: cf. P. ZIND, *O Bem-aventurado Marcelino Champagnat e seus*

melhor do último para aperfeiçoar o primeiro e preparava os Irmãos para mais tarde adotarem definitivamente o método simultâneo-mútuo.

A importância atribuída à classe dos principiantes levava-o ainda a recomendar insistentemente aos Irmãos Diretores [1126] que as acompanhasse com solicitude, as visitassem, no mínimo cada quinze dias; estivessem sempre a par dos progressos dos alunos, fizessem as mudanças de grupos e, principalmente, formassem os Irmãos responsáveis por essas classes, inculcando-lhes as virtudes cristãs e os sentimentos paternais, únicos capazes de produzir bons educadores da infância.

O Pe. Champagnat, constantemente preocupado com o bem da religião notou que, por falta de cantores, muitas vezes os ofícios divinos eram mal executados nas igrejas da zona rural. Achou que ensinar o canto gregoriano às crianças, com a finalidade de preparar e formar cantores para as paróquias, seria um modo de contribuir valiosamente para a glória de Deus, a edificação pública e a solenidade dos ofícios. Não se enganou. Os senhores vigários, com indizível júbilo, aplaudiram a introdução do canto nas escolas, e externaram-lhe grande satisfação. "Louvado seja Deus, escreveu-lhe um deles, por lhe ter feito entender uma das maiores necessidades do nosso tempo e ter-lhe inspirado os meios de satisfazê-la. Pelo ensino do canto, seus Irmãos prestarão os maiores serviços aos vigários. Vão despertar e renovar a devoção dos fiéis. Atrairão grande número de pessoas aos ofícios e transmitirão às crianças o amor e o gosto pelas cerimônias da Igreja".

Introduzindo o canto, o Pe. Champagnat propunha-se ainda atrair os alunos e afeiçoá-los à escola, pelo prazer puro e inocente que o canto [1127] lhes oferece, mantê-los na alegria e no contentamento, fazer-lhes saborear os encantos da virtude, instruí-los agradavelmente nas verdades da religião, inspirar-lhes sentimentos de piedade e banir os cantos profanos. O canto, na verdade, produz todos esses efeitos, se

---

Pequenos Irmãos de Maria, Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas, 1988, p. 209-210 e *Présence Mariste*, n 151 e 152.

[1126]. Cf. cap. 17, nota 5.

[1127]. Na petição oficial do reconhecimento legal, de 15 de janeiro de 1825, conta no programa o "canto de igreja" (OME, doc. 34 [2], p. 103).

as crianças foram adequadamente formadas. No início da Congregação, o canto não figurava no programa do ensino primário. A partir de agora tem o seu lugar, e o Pe. Champagnat tem a glória e o mérito de haver sido o primeiro a introduzi-lo, pelo menos nas escolas rurais. [1128]

A disciplina da escola, outro tema do qual muito se ocupou o Pe. Champagnat. Para não nos alongarmos demais, transcrevemos aqui apenas alguns de seus conceitos a respeito de dois pontos importantes: a necessidade da disciplina representa a metade da educação da criança; faltando essa metade, na maioria dos casos inutiliza-se a outra. De que adianta ao menino saber ler, escrever e até saber o catecismo, se não aprendeu a obedecer, a se comportar, se não adquiriu o hábito de refrear as más inclinações para seguir a voz da consciência? Por que razão os homens de hoje são tão volúveis, sensuais, incapazes de renúncia, incapazes de suportar algo que contrarie a natureza? porque não fora submetidos à disciplina desde a infância. Desfrutaram demasiada liberdade. Não se lhes ensinou o autodomínio, a abnegação e a luta contra as más inclinações.

A disciplina é o corpo da educação; a religião, a alma. Ora, uma vez que julgamos o interior do homem pelo seu exterior, da mesma forma, é pela disciplina que avaliamos uma casa de educação. A disciplina séria atrai a atenção, agrada a todos, granjeia a estima e a confiança da sociedade e, por vezes, basta para assegurar o bom conceito de uma escola e atrair-lhe alunos. O Irmão que consegue manter a disciplina em classe, mesmo que não saiba fazer outra coisa, é preferível a outro muito instruído, mas que não compreende a importância da disciplina ou é incapaz de estabelecê-la. O primeiro pelo beneficio de sábia disciplina, pelo menos ensina as crianças a obedecer, o que não é pouco. O grande mal de nosso século, na opinião de todos, é exatamente o espírito de independência. Cada qual quer fazer sua vontade e pena ter vindo ao mundo para mandar e não para obedecer. O

[1128]. "Os Irmãos, ensinando o canto aos alunos e transmitindo-lhes o gostos pelas cerimônias e ofícios da Igreja, prestarão importante serviço às paróquias, aos senhores vigários, e darão contribuição valiosa à pompa dos ofícios e à edificação dos fiéis" (Guide dês Écoles à l'sage dês Petits Frères de Marie, 1853, parte III, cap. VII, p. 211-212).

filho recusa obedecer aos pais, aos súditos se revoltam contra os governantes, a maioria dos cristãos despreza a lei de Deus e da Igreja. Em suma, a insubordinação reina por toda parte. É, pois, prestar grande serviço è religião, à Igreja, à sociedade, à família e, sobretudo à criança, dobrar-lhe a vontade e ensinar-lhe a obedecer.

A disciplina traz outra vantagem, não menor que a primeira. Favorece o trabalho, mantém a criança ocupada, evita a preguiça, mãe de todos os vícios.[1129] Quando reina a ordem numa aula, o aluno ocupa-se com suas lições, com seus deveres. Gosta do estudo e da escola e entrega-se de corpo e alma ao trabalho da própria educação e não lhe sobra tempo nem de pensar mal. A paz, a regularidade e o recolhimento em que vive, torna-o dócil, respeitosos para com os mestres, complacente, serviçal para com os colegas, honesto, afável e bondoso para com todos. Nem precisa dizer que somente nas salas de aula disciplinadas o catecismo é bem dado e a piedade floresce.

Que serviços pode prestar aos alunos o Irmão sem disciplina, mesmo com todo o seu saber? Francamente, não sei dizer, pois estou convencido de que seriam pouquíssimos. Chego até a duvidar se vale a pena os alunos virem às aulas. Talvez fosse melhor ficarem em casa".

Certo dia, após visitar as aulas de um estabelecimento, o Padre chamou o Irmão Diretor e lhe disse:

-Por que permite que os alunos briguem na sua aula?

-Não estou sabendo que os meus alunos brigam dentro de minha sala de aula.

-Brigam sim, e você nem repara. Aliás, não admira que se passem muitas coisas que você nem fica sabendo. Sua aula carece de disciplina. Você se perde no meio da algazarra e nota somente as grandes desordens e os fatos mais sérios. Não vê que seus alunos podem fazer um mal enorme, sem que você se dê conta?

-Deus me livre! Em todo caso minha consciência me diz que não tenho culpa nenhuma.

-Tem mais do que imagina.

[1129].Sr 33,28.

-Como assim, Padre?

-Porque você faz tudo para tumultuar a classe e não faz nada para manter a ordem. Você provoca a desordem na sala porque não fica sentado à sua mesa. Por isso não pode manter os meninos sob o seu olhar. Repreende com palavras, em vez de usar o "signal". [1130] Grita e fala sem necessidade, castiga demais, e peca por excesso de familiaridade. Não faz nada para impor a disciplina. Não exige que observem o regulamento, que os alunos cheguem rigorosamente na hora. Não sabe cobrar tarefas nem lições. Não obriga os alunos a permanecerem nos seus lugares. Não é capaz de exigir silêncio e, por isso, a sala fica em contínuo rumor e permanente confusão. Com a zoeira e a dissipação das crianças, é impossível que prestem atenção ao catecismo, rezem com devoção e, até mesmo, que trabalhem. Ora, se não prestam atenção à aula de religião, se não rezam e não se ocupam, o que é que fazem? Transmitem-se os vícios, comunicam-se o mal. O que vi hoje de tarde é uma prova evidente.

-Sendo assim, Padre, o melhor que tenha a fazer é fechar minha escola.

-Uma escola indisciplinada é um flagelo para a paróquia. Melhor seria que não existisse. Entretanto, em vez de fechá-la, você tem caminho melhor a seguir: discipliná-la. E seria bom começa imediatamente.

"Nunca se consegue introduzir a disciplina sem dificuldade", afirmava em outra circunstância. "Talvez seja isso que o aluno mais receia. As lições e os deveres lhe são menos penoso do que a disciplina. A maior das vezes assume-os com prazer, chegar até a gostar deles. Mas a ordem e o regulamento sempre lhe pesam. A primeira coisa que faz quando entregue a si mesmo é ver-se livre de tudo isso. O motivo está em que a disciplina contraria continuamente a natureza e or-

---

1130."Singnal", fabricando geralmente de madeira de buxo, é uma espécie de matraca em que uma corda de tripa "com a grossura de um ré ou segunda corda de violino", permite a uma lingüeta de madeira estalar no corpo do "signal" com ruído leve e seco (P. ZIND, *O Bem Aventurado Marcelino*..., p 211). "Os Irmãos considerarão um dever não falar enquanto o "signal" puder substituir a palavra" (*Le Guides dês Écoles*..., cap. VII, P. 18 E *Présence Mariste*, n 151 w SMC, vol. 2, p. 76).

dena todas as faculdades e sentidos da criança. É justamente nisto que reside sua importância e sentidos da criança. Para estabelecer e manter a disciplina numa, aula dois requisitos são absolutamente indispensáveis ao mestre: firmeza e constância. Conseqüentemente, as pessoas sem essas duas qualidades não tem condições para educar as crianças. Não é fácil corrigir a falta de firmeza, porque não se pode modificar a natureza da pessoa. Mas pe possível reduzir os inconvenientes e deploráveis efeitos, pela docilidade aos conselhos e avisos do superior, pelo rigor na aplicação do método de ensino e do regulamento escola, pela presença junto às crianças, para acompanhar tudo que fazem e prevenir as faltas. Os mesmos meios podem ser usados para corrigir a inconstância".

Se por um lado o Pe. Champagnat queria que reinasse rigorosa disciplina nas escolas, por se parte essencial da educação, por outro lado queria que ela fosse paternal. "A finalidade da disciplina não consiste em reprimir os alunos pela força nem pelo medo dos castigos, mas em preservá-los do mal, corrigir-lhes os defeitos, formar-lhes a vontade, incliná-los suavemente ao bem, dar-lhes o hábito da pontualidade e da virtude por meio do sentimento religioso e do amor ao dever". Por isso, sempre se insurgiu com tanta energia contra o abuso dos castigos corporais, então muito generalizado, e recomendou tantas vezes aos Irmãos não usá-los. Dizia: "Será que é com a palmatória que se educam as crianças e se inspira o amor a virtude? De jeito nenhum. É a razão, a religião que convencem a inteligência, levam o coração ao bem, e não os castigos. É de se estranhar que se use para educar os meninos, um método que não se gostaria de ver usado nem para os animais. Quando se quer domar ou ensinar um animal, tomam-se precauções para não maltratá-lo. Pelo contrário, é tratado com bondade, com afagos, o freio só é usado com prudência e cautela. Através de exercícios, repetidos durante longo tempo, com muita paciência, conseguimos amansá-lo e amestrá-lo para o que desejamos. E a criança, criada à imagem de Deus, dotada de razão, de liberdade, em geral cheia de boa vontade, de sentimentos virtuosos e desejo de fazer o bem, pretenderíamos educá-la pela força brutal? Semelhantes recursos ofendem a dignidade da criança, tornando desprezível e odiosos a quem os emprega, perturbam a escola, destroem os sentimentos de amor, estima, confiança e respeito mútuos que devem unir mestre e

discípulos e frustram todos os cuidados dispensados ao educando.

Objetar-me-ão, talvez, que o Espírito Santo recomenda castigar o jovem e corrigi-lo com solicitude, e aliás, os castigos são necessários para obter a disciplina. Não há dúvida que o Espírito Santo deseja que corrijamos as crianças. Até faz da correção um dever para os pais e mães e, conseqüentemente, para aqueles que partilham suas funções na educação da juventude. Mas castigar as crianças não significa surrá-las e na Sagrada Escritura o termo *castigar* [1131] não tem o significado de castigo corporal, mas de toda e qualquer correção. É verdade que para assegurar a disciplina deve-se corrigir as transgressões ao regulamento e tudo quanto se afaste do dever. Lembrem-se, porém, que não é pelos castigos corporais que se consegue a submissão das crianças, mas pela autoridade moral, obtida mediante comportamento digno e sempre edificante, pela dedicação total à instrução, por uma postura modesta, séria e sempre uniforme. Mostrem-se antes pais do que mestres. Assim serão espontaneamente respeitados e obedecidos. O espírito de uma escola de Irmãos deve ser o espírito de família. Ora, numa boa família, numa família bem ordenada, dominam os sentimentos de respeito, de amor e de confiança recíproca e nunca o temor de castigos. É satã que insufla a ira, a brutalidade, a grosseria, no intento de destruir os frutos dos bons princípios inculcados nos jovens. Como o joio abafa a boa semente, assim também os maus tratos abafam os bons sentimentos no coração das crianças".

O bom Padre achava tão grave o abuso dos castigos corporais, que sentenciava: o Irmão rude, violento, que se permite com facilidade maltratar as crianças por palavras ou ações, é inapto para o ensino; só presta para quebrar pedra ou revirar a terra. Para prevenir os castigos corporais, o rigorismo excessivo e qualquer exagero nas correções, não queria que se castigasse o aluno no momento [1132] da infração. Receava, decerto, que a veemência, a irreflexão ou a irritação aumentassem a gravidade da falta e levassem a exagerar a punição. Mostrava-se de tal modo avesso aos castigos corporais, que a meticulosidade o impeliu a prevenir os que poderiam surgir de uma eventualidade ou de

---

1131. Pr. 13,24; 23,13-14; Sr 30,1.

1132. "As faltas graves só terão castigos no começo da aula seguinte. Pode-se iniciar dando ao culpado algumas linhas a decorar" (Règle de 1837, cap. V, art. 20, p. 43).

ímpeto involuntário. Vem daí a exigência de se atar, com um cordel, a vareta [1133] utilizada para apontar as letras e os algarismos nos quadros de leitura e de aritmética, para tornar impossível bater com ela nos alunos.

Segundo o Pe. Champagnat para conseguir disciplina forte e paterna, tão necessária à educação da criança, "o mestre precisa estar sempre atento, não só para a manutenção da ordem na escola e para a execução dos deveres escolares dos alunos, mas principalmente para prevenir o contágio dos vícios e preservar a inocência das crianças. Considerada sob esse ângulo, estar atento é verdade mais necessária ao mestre. A ausência de atenção frustra todo o bem que se poderia esperar, e sua classe, que devia ser para os alunos escola de virtude e meio de santificação, torna-se causa de depravação e ocasião de ruína e condenação.

O Irmão deve ser o anjo da guarda dos alunos. Deus lhe pedirá contas de como eles se comportavam na escola. As faltas dessas crianças lhe serão atribuídas como suas próprias. Ai dele se, por negligência culposa, deixar as ovelhas sarnentas contaminarem o pequeno rebanho [1134] que lhe foi confiado; se, por falta de vigilância, permitir ao inimigo da salvação – que ronda constantemente em volta das crianças [1135] – arrebatara-lhes a inocência batismal, a vida da graça e deitar-lhes joio no coração. Só imaginar semelhante desgraça deve fazer tremer o Irmão e mantê-lo sempre alerta. Precisa lembrar-se de que, se salvar uma alma é salvar a própria, deixar perder uma alma é também perder a própria.

Nos outros setores da educação, faltando uma qualidade, pode-se, muitas vezes, substituí-la por outra. Assim, a dedicação e o zelo podem substituir o preparo. Mas nem a piedade, nem a virtude, nem o bom exemplo, menos ainda grandes talentos, podem substituir a vigilância; mesmo que o mestre fosse um santo, se negligenciasse a vigilância seus alunos se corromperiam e todas as suas exortações e obras de zelo seriam inúteis. O primeiro e o mais importante de seus deveres

---

1133."As varetas usadas para mostrar os quadros de leitura e de aritmética deverão ficar presas por uma das extremidades" (Règle de 1837, cap. V, art. 28, p. 45).

1134. Lc 12,32; 1Pd 5,2.

1135.1Pd 5,8.

consiste, pois, em exercer contínua vigilância sobre as crianças, que delas afaste todo perigo para a virtude, toda cilada contra sua inocência. Enfim, uma vigilância que lhes impossibilite o mal. Somente a esse preço a escola dos Irmãos pode ser útil às crianças. Se, por deficiência, em vez de ser-lhes guardiã e refúgio, seria preferível que essas meigas crianças nela jamais tivessem posto os pés".

Para cumprir a obrigação da vigilância, [1136] o Pe. Champagnat não quer que os Irmãos deixem as crianças sozinhas, e portanto, nunca se ausentem da aula. Caso o Irmão seja solicitado durante o período de aula, deve responder que não pode deixar os meninos. Que desejar falar-lhe, escolha outro momento. Este item provocou muita oposição e foi alvo de muitas reclamações. Muitos Irmãos julgavam que não deviam negar-se a sair um instante da sala para falar com um pai que vinha de longe para conversar sobre o filho ou pagar a contribuição escolar. O Padre, porém, manteve-se firme, desfazendo mil vezes os arrazoados que lhe opunham, mais aparentes que sólidos. Entre outras coisas dizia: "O tempo de aula não é de vocês nem daqueles que lhes vêm falar; é dos alunos. Portanto, não podem dispor dele, nem perdê-lo sem prejudicar os alunos e sem pecar contra a justiça. E notem que aqui a coisa logo vai ficando mais grave. Vocês deixam a aula, suponho, por cinco minutos. Ora, esses cinco minutos multiplicados por quarenta ou cinqüenta alunos, perfazem três ou quatro horas perdidas para eles. Será coisa de somenos importância, como poderiam supor à primeira vista? Um intervalo de cinco minutos é mais que suficiente para o inimigo jogar na classe uma centelha capaz de provocar um incêndio. Encarada sob esse ponto de vista, sua culpabilidade é bem mais grave".

Visto que o grande argumento dos Irmãos consistia em afirmar que não convinha despedir as personalidades de certa categoria sem ofendê-las, assim como os que vinham de longe, atalhou o Padre:

1136. "Enquanto as crianças estiverem na casa deverão estar sob vigilância. Os próprios Irmãos deverão exercê-la e se, por sério motivos, tiverem de se ausentar, agirão de tal modo que haja sempre junto aos alunos um vigilante de confiança" (Règle de 1837, cap. V, art. 21, p. 43). ("Os Irmãos) não atendenderão os pais durante as aulas, e mandarão dizer aos que lhes quiserem falar, que não podem deixar as crianças sozinhas e que, por favor, voltem outro momento" (Règles Communes de 1852, parte III, cap. VII, art. 8, p. 111).

"Ninguém há de achar ruim que vocês obedeçam à Regra e permaneçam nas suas funções. Pelo contrário, os pais verão com satisfação seu empenho em ficar junto dos filhos. Ficarão encantados com o zelo e a dedicação de vocês em instruí-los. Aliás, mesmo se o cumprimento dessa prescrição provocasse algumas queixas (o que não acontecerá se pedirem aos meninos que avisem os pais de não virem durante as aulas) este inconveniente é cem vezes menor do que deixar as crianças sozinhas. Conheço certa aula na qual, devido à ausência do mestre durante alguns minutos, o vício que havia dominado o coração de um menino alastrou-se e instilou o veneno no coração de todos os outros".

Durante os recreio [1137] os Irmãos devem ficar no meio dos alunos para colaborar nos jogos, ver o que fazem, ouvir o que dizem, para ser testemunhas de todas as suas ações. Na igreja e durante os ofícios, devem tê-los todos sob os olhos, nunca perdê-los de vista, nem abandoná-los, nem mesmo para cantar ou ajudar a missa, exceto se houver bastante Irmãos para vigiá-los e mantê-los na disciplina.

Resumindo, as crianças devem ser permanentemente acompanhadas, enquanto estiverem na escola. Convém que os Irmãos cumpram, pessoalmente, esse encargo e não podem deixá-lo a um monitor de confiança senão por razões muito graves. Finalmente, o piedoso Fundador reputava tão importante o dever da vigilância, que chegou a dizer que negaria a comunhão ao Irmão que, sem graves razões e sem fazer-se substituir, houvesse abandonado seus alunos durante a aula, o recreio, ou durante qualquer outro período em que os meninos estivessem sob sua responsabilidade. E acrescentava: "Vigiando atentamente os alunos e mantendo-os constantemente ocupados, o Irmão pode ter a certeza de realizar grande bem e ser útil a todos eles:

1. conserva a inocência das crianças e, muitas vezes, leva-as até a Primeira Comunhão sem terem cometido faltas graves;

2. possibilita a todas evitarem numerosos pecados. Na realidade, as crianças abandonadas a si mesmas criam facilmente espírito

---

[1137]. "Mesmo durante os recreios, os Irmãos não devem usar de familiaridade com os alunos, nem brincar com eles, exceto se for para dar andamento ao jogo. Evitarão, igualmente, falar a sós com alguns, para não se distraírem nem prejudicarem a vigilância do conjunto" (Règle Communes de 1852, parte III, cap. IV, art. 9, p. 98).

de independência, cedem inadvertidamente às más inclinações da natureza, aos maus exemplos e se entregam a uma infinidade de faltas, nas quais nem sequer pensariam se estivessem sob a guarda de um Irmão responsável.

3. impede o contágio do mal, sufoca no coração das crianças pervertidas os maus pensamentos, obrigando-as a reprimir as tendências pecaminosas, e às vezes, a lutar, malgrado seu, contra as paixões;

4. transmite às crianças o hábito do trabalho e do esforço. conserva-as na serenidade, no recolhimento e prepara-as para tirarem proveito dos ensinamentos religiosos.

5. mantém a disciplina, garante o progresso dos alunos e a prosperidade da escola.

Mas, ninguém se iluda, o dever da vigilância é custoso. Para cumpri-lo é preciso zelo, atenção, assiduidade, fidelidade, perseverança, virtudes que existem tão somente nos Irmãos com grande espírito de mortificação, dedicação e que saibam sacrificar gostos e lazeres para trabalhar pela glória de Deus e a santificação das crianças".

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Conceitos de Champagnat sobre a educação das crianças.

Educar uma criança não é ensinar-lhe a ler, escrever e iniciá-la nos diversos conhecimentos do ensino primário. Essas noções bastariam, se o homem fosse feito só para este mundo. Mas outro destino o aguarda. Ele existe para o céu, para Deus. É para atingir essa finalidade que há de ser educado. Educar uma criança é, pois, desvendar-lhe tão nobre e sublime destino e oferecer-lhe os meios para atingi-lo. Numa palavra, educar uma criança é fazer dela bom cristão e virtuoso cidadão. Em conseqüência da queda origina, o homem vem ao mundo com o germe de todos os vícios, e também de todas as virtudes. É um lírio entre espinhos. [1138] Uma vinha, mas necessita de poda; [1139] o campo do pai de família, no qual foi lançada a boa semente, mas onde o inimigo semeou o joio. [1140] A finalidade da educação é arrancar os espinhos, podar a vinha, amanhara o campo e arrancar o joio.

Ao fundar o Instituto, o Pe. Champagnat não tencionava dar aos meninos apenas a instrução primária, nem apenas ensinar-lhes as verdades da fé, mas ainda dar-lhes a educação, com o sentido acima indicado. “Se fosse apenas para ensinar as ciências humanas aos jovens, não haveria necessidade de Irmãos; bastariam os demais professores. Se pretendêssemos ministrar somente a instrução religiosa, limirar-nos-íamos a ser simples catequistas, reuniríamos as crianças uma hora por dia, para transmitir-lhes as verdades cristãs. Nosso objetivo, contudo, é mais abrangente. Queremos educar as crianças, isto é, instruí-las sobre seus deveres, ensinar-lhes a praticá-los, infundir-lhes o espírito e os sentimentos do cristianismo, os hábitos religiosos, as virtudes do cristão e do bom cidadão. Para tanto, é preciso que sejamos educadores, vivamos no meio das crianças e que elas permaneçam muito tempo conosco”.

1138. Ct 2,2.

1139. Is 5,1-7.

1140. Mt 13, 24-26.

Ainda no intuito de proporcionar educação mais apurada, o piedoso Fundador autoriza os Irmãos a aceitarem alunos internos e insiste em que todo estabelecimento escolar tenha um pátio para os jogos dois alunos. "Se tivéssemos em vista apenas nosso interesse e tranqüilidade", escrevia a um prefeito, [1141] "não lhe pediria um pátio, não lhes dá outra vantagem, a não ser a de se tornarem os jogos. É unicamente por nos empenharmos em dar-lhes bons princípios e afastá-los das más companhias que solicitamos um local de recreio".[1142]

Considerando que, ao longo desta biografia, já registramos as lições do bom Padre, atinentes às diversas secções da educação, reuniremos aqui tão somente alguns conceitos e conselhos que não tivemos oportunidade de referir.

"A educação é para a criança o que o cultivo é para o solo. Por melhor que seja um terreno, se permanecer inculto, não produzirá senão espinhos e abrolhos. Da mesma forma, por melhores que seja as disposições de uma criança, se lhe faltar a educação crescerá sem virtude e sua existência será nula para o bem".

"Cultivar um campo, um terreno, é erradicar as plantas daninhas, as ervas e os espinheiros. Cultivar o coração dos jovens é corrigir-lhes os vícios e defeitos. Tratar-se de um trabalho longo, de todos os dias. O Irmão deve continuamente corrigir e arrancar, isto é, apontar às crianças suas falhas, inspirar-lhes, para isso, os recursos".

"Formar o coração é fazer germinar e crescer as boas disposições. É adorná-lo de virtude. Isto se consegue ensinando às crianças bons princípios, inspirando-lhes extremo horror ao pecado, mostrando-lhes os encantos, os atrativos e o prazer da virtude, levando-as a praticá-la em toda ocasião, porque a virtude só se conquista pela prática".

"Como todo dom perfeito vem do alto, [1143] a piedade é meio mais rápido e mais eficaz para corrigir as crianças de seus defeitos e formá-las à virtude. Ora, para torná-las verdadeiramente piedosas, três requisitos são necessários:

[1141]. Esta carta não chegou até nós.

[1142]. Cf. OME, doc. 28 (11), p. 88.

[1143]. Tg 1,17.

1. Mostrar-lhes a necessidade e as vantagens da oração e fazer com que tenham elevado conceito dos exercícios de piedade;

2. empenhar-se, de modo especial, em que recitam as orações da escola com atenção, modéstia e recolhimento. Este ponto é de suma importância;

3. exercitá-las nas práticas de piedade, compatíveis com sua idade e suas necessidades".

"O bom jardineiro arranca, cultiva, planta e rega. Quatro coisas que o Irmão também deve fazer. Deve eliminar ou corrigir os defeitos dos meninos, através de caridosas advertências, sábias e prudentes reprimendas. Deve cultivar as boas disposições e semear nos seus corações bons princípios, por meio de ensinamento e exortações bem preparadas e por admoestações dadas oportunamente. Enfim, deve irrigar tudo, por meio de fervorosas preces".

"A obediência [1144] é o fundamento de toda educação. É o fulcro sobre o qual gira o futuro do homem e do cristão. A obediência é a virtude de toda a vida e de todas as condições. Quem não sabe obedecer, não só é mau cristã, mas é o flagelo da sociedade, que se mantém pela subordinação e obediência aos magistrado e às leis. Para obter a obediência e formar as crianças a esta virtude, o Irmão deve atender aos seguintes princípios:

1. Dar somente ordens ou proibições justas e razoáveis;

2. não mandar nem proibir muitas coisas ao mesmo tempo,visto que a multiplicidade de ordens ou proibições leva a esquecê-las, e as determinações inúteis indispõem os ânimos;

3. nunca mandar coisas demasiadamente difíceis, ou impossíveis de executar, pois nada contribui mais para irritar os alunos, tornálos teimosos e rebeldes, do que exigências descabidas;

4. exigir o cumprimento pleno e total do que é mandado; dar ordens ou impor deveres escolares, sanções, sem cobrar a execução, equivale a tornar o aluno desobediente, deseducar-lhes a vontade,

[1144] "É sobretudo a obediência a virtude que elas (as crianças) devem praticar". Carta do Pe. Champagnat ao Ir. Afonso, em 3 de novembro de 1833 (LPC 1, doc. 31, p. 86).

acostumá-lo a menosprezar ordens e proibições".

"Para educar, para formar uma criança, é necessário ter qualificado que imponha respeito e obediência. Ora, as credenciais que a criança mais facilmente reconhece e compreende são: a virtude, o bom exemplo, a competência e os sentimentos paternais que lhe testemunhamos. A educação é portanto, em primeiro lugar, questão de bom exemplo, porque a virtude fortalece a autoridade; porque é da natureza do homem imitar o que vê fazer, e os atos têm mais força para convencer e persuadir do que palavras e instruções. Criança aprende mais pelos olhos do que pelos ouvido. Vendo os pais ou chefes trabalhando, acostuma-se ao trabalho e aprende um ofício. Assim também, é vendo fazer o bem e recebendo bons exemplos, que aprende a praticar a virtude e a viver cristãmente. O Irmão piedoso, observante, caritativo, paciente, dedicado, honesto e fiel a todos os deveres, está sempre dando catecismo. Sem notar, pelos bons exemplos vai transmitindo aos alunos a piedade, a obediência, a caridade, o amor ao trabalho e todas as virtudes cristãs".

"Para bem educar as crianças é preciso amá-las e amá-las todas igualmente. Ora, amar as crianças é dedicar-se totalmente à sua instrução e empregar todos os recursos sugeridos por um zelo criativo para formá-las à virtude e à piedade".

"Amar as crianças é jamais esquecer que elas são seres frágeis e, portanto, devem ser tratadas com bondade, caridade e indulgência, e serem instruídas e formadas com muita paciência".

"Amar as crianças é suportar sem queixas seus defeitos, a desobediência e mesmo a ingratidão e propor-se nos cuidados que se lhes dispensam motivações unicamente sobrenaturais, isto é, a glória de Deus, o interesse da religião e a salvação dessas criaturinhas".

"Nada contraria mais o amor sincero e verdadeiro do que aviltantes familiaridades e preferências por algumas delas e amizades exclusivas".

Com relação a ponto tão delicado, o piedoso Fundador, em suas instruções verberava, com veemência, contra as amizades exclusivas e afirmava serem, com freqüência, causa de ruínas para o mestre e

os alunos. [1145] Efetivamente, essas familiaridades causas três grandes males:

1. Arruínam o caráter e todas as faculdades morais dos alunos que têm desgraça de serem o alvo. A experiência prova que as crianças admiradas, aduladas e elogiadas sem razão e sem medida, tornaram-se orgulhosas, dissimuladas, obstinadas, preguiçosa, insolentes, ingratas, egoístas e, em conseqüência, libertinas e profundamente pervertidas;

2. são para o mestre um dos mais perigosos ardis do demônio e fonte das piores tentações. Por isso dizia Champagnat: "Aquele que tolera em seu coração esse tipo de afeição e não as combate, expõe-se aos maiores perigos. A situação, em pouco tempo, tornar-se-á tão crítica, que se achará em ocasião próxima de pecado, e estará à beira do abismo". Essas palavras explicam o porquê da extrema severidade do bom Padre com relação a estas faltas. Não queria que o Irmão, com deslizes neste ponto, se aproximasse de comunhão sem haver-se confessado. Ia mais além; considerava impróprio para o Instituto quem tivesse acentuado pendor para esse tipo de amizades naturais. Em diferentes ocasiões, viram-no recusar a admissão aos votos, e adiar por anos seguidos a profissão de candidatos de virtude e talentos, pela única razão de cometerem algumas faltas esporádicas deste tipo;

3. são causa de mau espírito para os outros alunos, porque a inveja, sendo tão natural ao homem, chamar-lhes a atenção para semelhantes preferências e leva-os a crer que são desprezados e tratados injustamente. Isso os irrita, revolta e leva-os a desprezar o mestre, recusar-lhe obediência e, às vezes, até a suspeitar dele e caluniá-lo.

O Pe. Champagnat dizia muitas vezes que um dos meios mais adequados para atrair alunos è escola e formá-los à virtude, consistia em preparar bem o catecismo e tornar as instruções agradáveis. Para

---

[1145]. "Nunca se ficará a sós com uma criança, por qualquer motivo que seja; dever-se-á sempre ter a presença de outro Irmão ou, então, de pelo menos quatro crianças" (Règle de 1837, cap. V, art. 22, p. 44). "Não se permitirá nenhuma familiaridade com elas (as crianças), como tomá-las pela mão, ou coisa semelhante. Qualquer Irmão que tenha sido testemunha de familiaridade desse tipo, seja com os alunos, seja com os Irmãos, fica obrigado a prevenir o Superior o mais rapidamente possível" (Règle de 1837, cap, V, art. 23, p. 44).

isso apontava os meios seguintes:

1. Decorar ou, pelo menos, ler com atenção e reflexão a lição que se vai explicar;

2. anotar os pontos mais importantes, sobre os quais será preciso chamar particularmente a atenção dos alunos;

3. prever as perguntas secundárias que poderão ser feitas sobre cada um desses pontos, entrosando-as entre si, de maneira a desenvolver a verdade e pô-la ao alcance dos menos inteligentes;

4. servir-se, com freqüência, de comparações, parábolas, exemplos, historinhas, para tornar mais sensível a verdade, confirmá-la e prender a atenção dos alunos;

5. proceder de tal modo que as perguntas secundárias de esclarecimento seja sempre breves, claras, práticas e simples;

6. fazer com que os alunos entendam perfeitamente o texto do catecismo, pois isto os ajuda muito a compreender as explicações que serão feitas e a conservá-las na memória;

7. no ensino do catecismo, visar sempre aos quatro pontos seguintes:

a) fazer conhecer e amar a Jesus Cristo;

b) mostrar os atrativos, os encantos, as vantagens da virtude e da felicidade dos que a praticam;

c) mostrar, igualmente, a fealdade e sordidez do vício, os males e castigos que provoca e inspirar extremo horror ao pecado;

d) conquistar o coração da criança, levá-la a amar a religião e a cumprir os deveres por amor;

8. durante a preparação do catecismo, fazer-se freqüentemente estas perguntas: Será que estou bem a par do que vou ensinar e explicar? Será que estou entendendo bem esta lição, esta verdade? Estou bem convencido? Como devo proceder para ser bem compreendido pelas crianças, para tornar-me agradável, educar-lhes a vontade, para fazerem o bem que esta verdade exige ou evita o mal que ela proíbe?

9. assumir e manter atitude séria, fisionomia alegre, afável e modesta que transpire o grande prazer que sentimos em falar de Deus.

Uma vez, contaram ao Pe. Champagnat que um Irmão não dava catecismo. Mandou chamá-lo e perguntou-lhe o porquê.

-Não há outro motivo a não ser minha incapacidade e a dificuldade em ministrá-lo de modo adequado.

-Ensinar o catecismo não é nada difícil quando temos piedade e zelo e o preparamos como o prescreve a Regra. A tarefa do Irmão catequista não consiste em dar longas explicações, tratar de assuntos elevados, fazer perguntas difíceis e, menos ainda, sermões. É preciso deixar tudo isso para os padres e limitar-se a fazer breves perguntas e dar explicações simples e familiares. Vamos supor que você deva ensinar o mistério da Redenção. Não será preciso ser muito erudito para perguntas aos alunos: quais são os principais sofrimentos de Nosso Senhor na sua paixão? Quais as causas dos seus sofrimentos e de sua morte? Porque sofreu? Como sofreu? Ora, essas quatro ou cinco perguntas, desenvolvidas através de perguntas secundárias e acompanhadas de algumas palavras de exortação a amar Nosso Senhor e a detestar o pecado – causa de seu sofrimento – bastam para um bom catecismo. Se tiver que fazer a catequese sobre um mandamento de Deus, será acaso difícil indagar o que ordena e o que proíbe? Mostrar as vantagens em observá-lo e as desvantagens em trangredi-lo? Fazer compreender e gravar tudo isso por meio de comparações e episódios da História Sagrada ou da vida dos santos?

"É desse jeito que muitas mães piedosas ensinam o catecismo aos filhos todos os dias. Seria estranho os Irmãos que, por força da profissão, se comprometem a estudar a religião, não se acharem capazes de fazer o mesmo. Não é com longos discursos e muita sabença, que instruiremos as crianças e as formaremos è virtude, mas é exigido com exatidão o texto do catecismo, gravando profundamente no espírito as verdades básicas do catecismo e habituando-as a vivê-las. Vou repetir: tudo isso deve ser feito com poucas palavras, mas numa linguagem que demonstre convicção profunda do que você está dizendo".

As lições do bom Padre sobre o jeito de ensinar a religião produziram copiosos frutos. Os primeiros Irmãos [1146] distinguiram-se

[1146].Particularmente o Ir. Lourenço. Na circular de 3 de julho de 1951, o Ir. Francis-

pelo zelo na instrução cristã das crianças e pelo dom particular para formá-las à virtude.

Numa paróquia, certa mãe de família que se negara a confiar seus filhos à escola dos Irmãos por serem estes demasiados jovens, veio um dia ter com o vigário e lhe falou: "Embora os Irmãos sejam ainda crianças, reconheço que ensinam admiravelmente o catecismo. O garoto da vizinha, que freqüenta sua escola, já conhece melhor a religião do que nós todas. Dá-nos uma aula todas as noites e nos conta coisas maravilhosas. É por isso que estou decidida a levar meus três filhos à escola deles, amanhã mesmo".

Em outra paróquia, as crianças tinham verdadeira sofreguidão de ir à casa dos Irmãos, aos domingos, unicamente pelo catecismo. Surpreso, o coadjutor dizia ao vigário:

-Não sei o que os Irmãos falam às crianças. Conseguem retê-las horas a fio, sem aborrecê-las.

Retrucou o vigário:

-Os Irmãos ministram com perfeição a catequese, e acho que você sairia ganhando se assistisse a uma aula deles.

O mesmo vigário, conversando com o Vigário Geral, pondera-va-lhe: "O povo acha que nossas crianças mudaram. Entretanto, a transformação exterior, à vista de todos, é o de menos. É preciso ser vigário e confessor para ter uma idéia do bem que os Irmãos realizam desde sua chegada".

Outro requisito que o Pe. Champagnat considerava indispensável para atrair as crianças à escola e formá-las à virtude, era a disciplina. "Alguns imaginam que a disciplina afugenta os alunos. Pelo contrário, todos apreciam a ordem. A desordem desagrada a todos, às crianças inclusive. Vivem satisfeitas e à vontade numa escola discipli-

---

co, anunciando o falecimento do Irmão, narra o seguinte: "Quantas vezes veio ter conosco o Ir. Lourenço, depois que suas enfermidades o retiveram na Casa-Mãe, para nos solicitar o favor de ir ensinar o catecismo de aldeia em aldeia, esmolando seu pão!" (CSG, XII, p. 71) e (AFM, carta do Ir. Lourenço). O autor deste livro (Ir. João Batista) enviado como Diretor e cozinheiro para a escola de Bouillargues em 1842, quando já era assistente, dava o catecismo diariamente, com grande admiração dos paroquianos e do vigário, o qual quis ouvi-lo, escondido no confessionário, 1953, p. 29-30).

na. Mas se aborrecem e se desgostam do estudo numa aula onde reina a desordem".

"A falta da disciplina é para as aulas o que a paixão dominante é para os homens: a raiz de todos os males, causa direta ou indireta de todos os erros".

"Os defeitos que mais prejudicam o professor e mais solapam a sua autoridade e a disciplina da escola são: 1.) a tagarelice; 2.) a dissipação; 3.) a familiaridade; 4) o desânimo; 5.(a inconstância".

"A autoridade será por demais fraca, se não for respeitada nos monitores e nas pessoas que o mestre indica para representá-lo. Assim, também será por demais fraca a disciplina se não se mantiver na ausência do professor. Quando, pois, vocês virem a ordem e a disciplina desaparecerem tão logo o mestre se ausentar, podem concluir que este não tem autoridade moral sobre os alunos, e os mantém apenas pela repressão. Em aulas desse tipo, é impossível educar, e o mestre não passa de policial".

"Os castigos e as recompensas podem contribuir para a manutenção da disciplina somente quando usados com moderação e grande sabedoria. É necessário também diversificar os castigos, começando sempre pelos menores. Recorrer aos mais drásticos, só raramente e por faltas graves. Deve-se agir do mesmo modo com as relações às recompensas. Estas devem ser desejadas, merecidas, e distribuídas com inteligência e equidade".

"Não convém dar como castigo algo que por natureza os alunos devem estimar e respeitar, como rezar, ajudar missa, prestar serviço a alguém etc. evite-se aplicar como castigo lições de catecismo, cópia ou memorização de orações, para não inspirar às crianças aversão a coisas que elas devem estimar e amar".

"A emulação, os prêmios e as sanções não passam de meios secundários, com o objetivo de tornar os meninos ativos, estudiosos e dóceis. Para obter eficazmente tudo isso, é necessário preservar o aluno do mal e conservar-lhe a inocência. Ora, para conservar as crianças inocentes, é importante incutir nelas, profundamente, estas duas máximas:

a) Deus me vê em toda parte e em qualquer tempo.

b) Quando nos achamos sós, não devemos jamais permitir-nos o que não ousaríamos fazer diante dos outros, e que teríamos vergonha de contar a nossos pais ou superiores".

"Finalmente, para bem educar as crianças, é preciso ter ardente amor a Jesus Cristo. É o que nos ensina o divino Salvador, perguntando por três vezes a São Pedro, se o amava, antes de confiar-lhe o cuidado de sua Igreja".[1147]

"Jesus Cristo resumiu todos os mandamentos no amor a Deus e ao próximo. [1148] Também resumiu na caridade todas as virtudes dos pastores de almas, dos superiores e de quem for incumbido de dirigir os outros. Porque tudo quanto necessitam para cumprir dignamente suas funções depende desta virtude como princípio e fonte. Pois é, meus caros, amem a Jesus Cristo e terão todas as virtudes e todas as qualidades de um mestre perfeito".

"Se a humildade é a marca do autêntico Irmãozinho de Maria, deve ser sua virtude predileta; a caridade já é humilde e não se incha de orgulho.[1149]

Se a mansidão é o clima em que vocês devem viver e acompanha todas as virtudes, para vocês cativarem o coração das crianças, a caridade já é mansa, benfazeja e cheia de compreensão.

Se precisam de paciência para agüentar os defeitos das crianças e todas as dificuldades ligadas a seu santo estado, a caridade já é paciente suporta tudo e jamais se ofende, nem se zanga.

Se a prudência e a sabedoria são virtudes imprescindíveis aos responsáveis pela conduta dos outros e pela educação dos meninos, a caridade não é temerária nem precitada, não age nunca sem discernimento.

Se vocês devem ser sempre bom, honestos, afáveis no relacionamento com os alunos e com todas as pessoas, a caridade não é desdenhosa; tudo sofre e a tudo se adapta.

Se necessitam de profundo espírito de desprendimento, zelo,

[1147]. Jô 21,15-17.

[1148]. Mt 22,40.

[1149]. 1Cor 13,4.

generosidade e abnegação para passar a vida no meio dos meninos e para sacrificar toda a existência à sua educação, a caridade é sempre generosa, mais forte que a morte. Não anda à procura de seus próprios interesses, [1150] mas somente da glória de Deus e da salvação das almas".

"Portanto, o Irmão que ama a Jesus Cristo de verdade, é humilde, bondoso, paciente, compreensivo, prudente, generoso, firme, zeloso, honesto. Numa palavra, tem todas as virtudes, e os auxílios e a proteção de Deus o tornam onipotente, apto para tudo".

"Por último, atendem para o que diz Jesus Cristo a S. Pedro: Apascenta as minhas ovelhas. [1151] Por que minhas ovelhas e não as tuas?

1. Para nos ensinar que devemos procurar a glória de Deus e não a nossa; os interesses de Jesus e da religião e não os nossos;

2. para levar-nos a respeitar os alunos e tratá-los sempre com bondade, justiça e caridade. Se fosse, filhos de príncipes, de reis, com que cuidado vocês os instruiriam e educariam! Quanta prudência para se desempenharem condignamente dessa missão, para granjearem a estima e a afeição desses alunos, para lhes serem agradáveis, para evitarem tudo o que pudesse ofendê-los e aborrecê-los! Pois seus alunos são muito mais do que filhos de reis; são filhos de Deus, irmãos e membros de Jesus Cristo. E não esqueçam: o divino Salvador - verdade suprema – considera com efeito a ele próprio [1152] todo o bem e todo o mal que lhes fizeram".

Finalizaremos o capítulo com algumas considerações do piedoso Fundador sobre a excelência do zelo pela santificação das crianças: "O zelo é virtude fecunda em frutos de graças e bênçãos; tesouro e manancial inexaurível de toda sorte de bens. Para o Irmão, o zelo é a pedra filosofal, alquimia que transforma em outro tudo o que faz. Vocês lecionam gramática, aritmética, geografia, desenho aos alunos, para entretê-los e subtraí-los às ocasiões de ofenderem a Deus. Valem-se dessas disciplinas ara atraí-los à escola, granjear-lhes a estima e

---

[1150].1Cor 13,4-8; Rm 12,9 e 13,10.

[1151]. Jô 211111,17.

[1152]. Mt 25,40.

mais facilmente formá-los à virtude que vocês praticam. O zelo em levar os meninos a Deus terá transmudado em outro, isto é em atos de virtude, as ações mais corriqueiras e tudo quanto fazem na aula. Que diferença entre o Irmão que leciona com apóstolo, animado de zelo, e outro, que leciona apenas como profissional. as palavras e as ações do primeiro, vivificadas pela caridade, são obras de zelo, enquanto as do segundo são obras mortas".

"A educação da juventude não é simples profissão; é ministério religioso, verdadeiro apostolado. Quem achar que dar aula é tarefa ingrata, está muito enganado, porque executa de maneira puramente profana um trabalho em sim muito meritório e agradabilíssimo a Deus. Se o Irmão tivesse o espírito da vida religiosa, se compreendesse a excelência da sua vocação, diria: Educar as crianças é obra de zelo, abnegação e sacrifício. Para cumprir dignamente esse encargo – participação na missão de Jesus Cristo – é preciso ter o espírito do divino Salvador e, como Ele, estar pronto e dar o sangue e a vida pelas crianças".

"O Irmão zeloso é homem extremamente benquisto por Nosso Senhor, que o ama como a menina dos olhos. Considera-o companheiro e colaborador na santificação das crianças".

"O zelo assegura ao Irmão graças copiosas e proteção particular de Deus nas tentações e nos perigos em que se possa encontrar. Vocês promovem os interesses de Jesus Cristo catequizando as crianças e formando-as à virtude. Ele garantirá os interesses de vocês. Vocês lutam por Jesus Cristo, quando velam pelas crianças, corrigindo-as dos defeitos, afastando-as do pecado. Ele combaterá por vocês e fará questão de honra ampará-los nas tentações e lhes concederá triunfo completo sobre os inimigos. Conheço vários Irmãos que conseguiram livrar-se das mais terríveis tentações pelo fato de se aplicarem a dar bem o catecismo, prometendo a Jesus Cristo ensinar as orações às crianças e prepará-las, com cuidado, à Primeira Comunhão".

"O zelo constituirá para o Irmão grande motivo de consolo na hora da morte. Três categorias de pessoas poderão enfrentar a morte sem medo: as que amam apaixonadamente a Jesus Cristo. Ora, o Irmão zeloso realiza tudo isso. Ama a Jesus Cristo, pois abandonou tudo para servi-lo e trazer-lhe as crianças. Quanto sofrimento na função de

catequista, tão sublime e honrosa, mas também tão difícil! Que acolhida carinhosa vai ter de Jesus na hora da morte! Que alegria, que felicidade, que felicidade experimentará quando o divino Salvador lhe mostrar todos os atos de virtude que praticou na aula, as lições de catecismo explicadas, as orações que ensinou, os ensinamentos transmitido, os bons conselhos dados, as crianças que instruiu, formou e preparou à Primeira Comunhão! Quando Jesus lhe mostrar todos os pecados que fez evitar e lhe disser: vem, bendito do meu Pai, vem partilhar da minha felicidade! [1153] Passaste a vida recolhendo os frutos do meu sangue, tornando-me conhecido e louvado. Vem receber a coroa de glória e entra para sempre na alegria do teu Senhor e teu Deus!"[1154]

"O zelo é forte de prosperidade para uma casa; conta-se na Bíblia que Deus abençoou as parteiras do Egito, cumulando-lhes os lares de ventura porque salvaram da morte os filhos dos hebreus. [1155] Se o Senhor premiou com favores aquelas mulheres pagãs por terem salvo a vida corporal das crianças do seu povo, quantas bênçãos não haverá de derramar sobre o Irmão que trabalha para salvar da morte eterna a alma das crianças! O estabelecimento de ensino dirigido por um Irmão zeloso está assentado sobre a rocha. [1156] Deus o guardará, defenderá, abençoará e o fará prosperar continuamente. O zelo pe um imã que atrai as crianças e as prende à escola. Se vocês derem bem o catecismo, se ensinarem com esmero as orações, se formarem os alunos à virtude, se os protegerem contra as más companhias e lhes fizerem evitar o pecado, os anjos encherão de alunos a sua escola. O próprio Deus encaminhará, amoldará de tal jeito seus corações, que se sentirão atraídos a vocês por uma força misteriosa, afluirão à sua escola mesmo sem os pais mandarem e apesar de tudo o que puderem fazer os maus para barra-lhes a entrada ou para retirá-los de vocês".

[1153]. Mt 25,34.

[1154]. Mt 25,21.

[1155]. Ex 1,17-20.

[1156]. Mt 7,24.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Perseverança no bem e em todos os empreendimentos.

Sto Tomás ensina que uma das maiores provas de nossa predestinação é perseverança [1157] nas boas resoluções, na prática das boas obras empreendidas para a glória de Deus e, sobretudo, a perseverança na vocação que abraçamos. A afirmação do Anjo da Escola fundamenta-se nas palavras de Cristo: "Quem perseverar até o fim será salvo" [1158] E nestas outras: "Quem põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus".[1159]

Uma das características mais notáveis da vida do Pe. Champagnat, foi a generosidade e a perseverança com que praticou a virtude. Mostrou-se perseverante em tudo e em toda parte, tanto nas coisas pequenas, como nas grandes. Perseverante na oração entregando-se a este santo exercício com assiduidade e fervor admiráveis, apesar dos contratempos e das ocupações de que sua vida era repleta. Perseverante na correção dos próprios defeitos, na mortificação da natureza, submetendo-a ao espírito e combatendo em si tudo aquilo que poderia opor-se ao trabalho da graça ou embaçar a pureza da alma. Perseverante em suportar, com perfeita resignação, as contradições e perseguições dos homens, as aflições, enfermidades, adversidades e todas as penas inerentes à direção [1160] de uma comunidade numerosa. Perseverante na vocação, trabalhando sem descanso para ser-lhe fiel, dedi-

---

1157. "A constância tem o mesmo fim que a perseverança e a mesma dificuldade que a paciência. Mas como o fim é o mais importante, ela fica mais para o lado da perseverança" (Sto Tomás, Summa, 2,2, q. 137, art, a 3).

1158. Mt 10,22; 24,13.

1159. Lc 9,62.

1160. O Pe. Champagnat dizia, certo dia: "Eu poderia viver bem tranquilo numa paroquiazinha, em vez de estar continuamente atarefado com o governo desta Sociedade; mas a glória de Deus e a salvação das almas exigem de mim este trabalho. Eu poderia também estar vivendo sossegado na minha família, trabalhando, em vez de tantas canseiras, preocupações e viagens, ocasionadas pelo governo e a direção dos Irmãos, mas Deus o quer assim e eu fico satisfeito". (No Carnet n. 8 do Ir. Francisco, p. 77).

cando-se totalmente aos compromissos assumidos. Perseverante nas obras começadas para a glória de Deus e a salvação das almas, embora os meios humanos financeiros lhe faltassem com freqüência, e obstáculos sem conta surgissem para barrar-lhe o caminho.

"Mesmo que a terra inteira estivesse contra mim, eu não retrocederia", afirmava às vezes. "Basta-me saber que Deus quer o projeto e que meus superiores o aprovam; depois disto, pouco me importam as objeções dos homens e as dificuldades. Não lhes dou a mínima importância. Se tivéssemos que parar cada vez que faltassem os meios humanos, ou porque algum obstáculo viesse obstruir a passagem, não faríamos nada. Satanás é essencialmente inimigo do bem. É impossível empreendermos uma boa obra sem ele se opor, sem ele envidar todos os esforços para levá-la ao fracasso e sem jogar todas as paixões humanas contra ela. Amedrontar-se em tal situação e desanimar perante os obstáculos seria injuriar a Deus. Seria desconhecer a nota peculiar de suas obras, que é a cruz, atraiçoar os interesses da religião e entregar covardemente a vitória ao demônio".

A persistência e firmeza do Pe. Champagnat salvaram vários estabelecimentos que os ímpios haviam jurado liquidar. Com o objetivo de se descartarem dos Irmãos, sucedeu freqüentes vezes, em várias localidades, que os censurassem, caluniassem e perseguissem. Chegaram mesmo a suprimir-lhes os vencimentos e a empregar toda a sorte de medidas para impedir que as crianças lhes freqüentassem as aulas. Contudo, foram inúteis todos os esforços do inferno. A perseverança e a paciência do Fundador conseguira-lhe o triunfo em todas as provações. Jamais cedeu um palmo ao inimigo. Preferiu sustentar, às custas da comunidade, os Irmãos perseguidos, a abandonar as escolas.[1161] Atitude tão desinteressada conquistou-lhe a confiança das pessoas de bem e lhe valeu muitos pedidos. Prazerosamente confiavam a administração das escolas a um homem capaz de fazer tais sacrifícios para conservar as obras que a caridade punha em suas mãos.

Entretanto, a constância e a tenacidade em prosseguir nos seus planos e continuar com as escolas já em funcionamento, não significavam nem temeridade nem obstinação. Se não temia embaraços e

[1161]. Foi o caso de Feurs (FPC 1, doc. 21, p. 64).

não recuava frente às dificuldades, também não as criava pelo gosto de superá-las. Realizava o bem como podia e com os recursos disponíveis. Confiando na Providência quanto ao futuro, limitava-se a prover às necessidades presentes. É por isso que a casa de 1' Hermitage carece de conjunto e continuidade, tendo sido construída por partes e de acordo com as necessidades do momento.

"Para fazer triunfar a causa da religião e neutralizar os entraves que os maus suscitam contra as obras de Deus, dois meios se configuram sumamente eficazes", dizia o Pe. Champagnat. "O primeiro, é dar tempo ao tempo. É conhecida a expressão: o tempo é bom conselheiro. Mil incidentes podem mudar o panorama das coisas. Um falecimento, uma reviravolta administrativa, um acontecimento qualquer, pode livrar vocês dos mais terríveis adversários, ou fazê-los mudar de idéia [1162] a respeito de vocês, e até convertê-los em amigos e protetores. O segundo, a resistência passiva, pela paciência, suportando as perseguições e a agressividade dos maus sem lamentar, sem se queixar, sem revidar ataques ou calúnias. [1163] Pois acontece com freqüência que, no afã de nos defendermos, atiçamos as paixões, envenenamos e exasperamos os espírito e, com isso, não somente acendemos, mas intensificamos o fogo da perseguição, ao passo que o apagaremos suprimindo-lhe o combustível. Na hora da perseguição, sigam o conselho de S. Paulo: 'Abençoai os que vos maldizem, orai por aqueles que vos perseguem e vos caluniam, retribuí-lhes o mal com o bem'. [1164] Imitem os primeiros cristãos: [1165] ocultem-se no recesso de suas casa, mantendo com gente estranha só os relacionamentos absolutamente indispensáveis; permaneçam unidos a Deus; redobrem tudo o que possa chamar a atenção da sociedade. Com essas prudentes cautelas e mais um comportamento humilde e cristão, haverão de triunfar

---

[1162]. Assim, no dia seguinte à Revolução de 1830 (RLF, p. 82) o Conselho distrital e o Conselho geral de Loire se opõem ao Pe. Champagnat e seus Irmãos, tidos como amigos dos recém-derrotados. Mas a partir de 1833 e, sobretudo em 1835 (RLF, p. 121) ambos os Conselhos declaram-se, por unanimidade, a favor dos Irmãos Maristas.

[1163]. A vida do Ir. Cassiano apresenta um exemplo sumamente comovedor de humildade heróica defronte às injúrias (BQF, p. 167).

[1164]. Rm 12,14.21.

[1165]. At 2,46.

de todos os inimigos. A borrasca, por mais violenta que seja, passará sem lhes causar dano e sem arrancar um só de seus cabelos".[1166]

Desejava que os Irmãos demonstrassem idêntica atitude quando tivessem de enfrentar alguma concorrência. "Nestas circunstâncias, evitem imitar seus competidores, dizia. Deixem que eles façam estardalhaço, inventem toda espécie de meios e promessas para aliciar as crianças. Quanto a vocês, mais do que nunca, apeguem-se à Regra e ao seu método de ensino. Não modifiquem nada em sua maneira de fazer. Limitem-se a redobrar de zelo e dedicação na formação das crianças à piedade e para fazê-las progredir nos pontos essenciais da introdução primária. Agindo assim, conservarão os alunos e sairão ganhando e, o que é infinitamente mais valioso, manter-se-ão fiéis ao espírito de seu estado, edificarão a paróquia e atrairão as bênçãos de Deus. Por outro lado, o meio de prolongar indefinidamente a concorrência é lutar ostensivamente, promovendo certas atividades escolares só porque o concorrente as promove, modificando o regulamento para se parecer com o dele etc. pois neste caso, o orgulho se intromete e ninguém é capaz de ceder. É o caso de lembrar que fazemos a obra de Deus e o êxito dela obtém-se especialmente com os meios oferecidos pela religião: a piedade, a fidelidade a todos os deveres de estado, o bom exemplo, a prática das virtudes cristãs e o zelo pela própria perfeição e pela santificação das crianças. Lutar com essas armas, ignoradas pelo mundo, é garantir a vitória. Esquecê-las e preferir os meios humanos é perpetuar a rivalidade e preparar o triunfo do adversário".

Se o Pe. Champagnat necessitou de generosidade e constância para consolidar a obra dos Irmãos, não precisou menos para conservar a dos Padres na diocese de Lião. Tudo fez junto aos superiores eclesiásticos e junto aos confrades, para o crescimento da obra. Quantas cartas, quantas viagens, longas e penosas, com esse objetivo! Percebemos, em sua correspondência com o Pe. Colin, que não media sacrifícios, e muitas vezes este foi obrigado a moderar-lhe o ardor. [1167]

[1166]. Lc 21,18.

[1167]. O Pe. Colin escreve ao Pe. Champagnat: "[...] (2) Mais do que nunca, aposto na obra da Santíssima Virgem. A situação de agora só faz crescer em mim a confiança e a coragem; não sei, porém, se a reunião que o senhor está pedindo é prudente. Sei que a escolha de um centro é necessária ao piedoso emprendimento; desejo-a tanto

Desde que o plano da Sociedade dos Maristas foi firmado no seminário maior, a ele consagrou-se totalmente e fez a Deus a promessa de trabalhar a vida inteira para a sua execução em todos os pormenores. Um de seus maiores pesares, conforme declarou várias vezes, seria morrer antes da organização definitiva da Sociedade, sem haver emitido os votos religiosos. Tanto assim que escreveu ao Pe. Colin, pedindo-lhe para professar, no mesmo dia em que lhe anunciaram a aprovação da Sociedade dos Maristas pela Santa Sé. A generosidade, a abnegação e a constância foram virtudes de toda a sua vida. Uma de suas grandes máximas era que, ao nos consagrarmos a Deus, é fundamental fazê-lo resolutamente, sem reservar, sem desvios: "Ai daqueles que têm saudades das cebolas do Egito. Não serve para a terra prometida da vida religiosa. Regatear com Deus, hesitar indefinidamente em consagrar-se a seu serviço, dar-se a ele em doses contadas, com restrições, é dar mostrar de desconhecer a grandeza de Deus, a excelência da vocação religiosa, a beleza da virtude, o preço da salvação e a bem-aventurança do céu. É desconfiar de Deus e injuriá-lo. É armar uma cilada a si mesmo e expor-se a cair, mais cedo ou mais tarde, nas redes do demônio.

Querem uma prova? Interroguem os que perderam a vocação. Indaguem como surgiu a tentação que os fez voltar ao mundo. A maior responderá que se extraviaram porque, ao ingressar na vida religiosa consagrando-se a Deus, fizeram restrições, impuseram condições às suas promessas, alimentaram segundas intenções, deixando a porta aberta para o retorno ao mundo. E o demônio aproveitou-se da porta para infiltrar-se no coração e escravizá-lo".

Para o bom Padre, a inconstância era prova de que alguém não tinha aptidão para a vida religiosa. Examinando os postulantes, bastava descobrir que alguém experimentara diferentes profissões, para barrar-lhe o ingresso.

-Qual é sua profissão? Perguntava a um moço que pedia insis-

---

quanto o senhor; creio, porém, não ser prudente viajar tanta gente por agora [...].

[...] (3) Além disso, se nos reuníssemos, mesmo por poucos dias, sem o beneplácito de nossos superiores, eles ficariam inquietos [...]

[...] (4) Tenhamos paciência; trabalharemos em nossa própria formação. Eu não ficaria sentido de ver os senhores aumentar [...]" (OME, doc 84, p. 175).

tentemente a admissão ao noviciado.

-Exerci diversas, respondeu o postulante, e citou logo umas três ou quatro.

-Pois vá experimentar uma quinta, redargiu o Padre. Você é inconstante demais para nós. Para ser religioso, é preciso saber fixar-se e você não parece dispor de suficiente firmeza de caráter para isso.

Outro postulante acabara de receber ordem de retirar-se, depois de alguns meses no noviciado. Um Irmão veterano, vendo-o chorar, condoeu-se e foi interceder por ele. "Irmão", replico-lhe o Padre, "este rapaz não merece tal consideração. Aliás, ele não aproveitaria, porque é da raça daqueles de que fala o Espírito Santo no Eclesiástico:[1168] 'Os insensatos mudam como a lua'. Pessoas assim n ão são feitas para a virtude, que exige caráter firme e vontade forte. convém ainda menos a nosso Instituto, onde a paciência e a constância são absolutamente necessárias, seja para ser fiel à Regra, seja para educar as crianças".

Um jovem [1169] apresentou-se para ser admitido ao Instituto. O Padre percebeu sinais de que fora criado com muito mimo, e receou que não suportasse a vida comunitária. Por isso, após haver-lhe mostrado o que ela apresenta de custoso, acrescentou: "Consulte suas forças, examine-se e veja se tem coragem de enfrentar semelhantes sacrifícios. A mim parece que você não agüentaria e este gênero de vida lhe seria penoso demais".

Depois de breve reflexão, o jovem respondeu: "Confesso que um tipo de vida assim é penoso para a natureza. Entretanto, duas coisas me fazem crer que conseguirei adaptar-me a ele e me decidem a ficar no seu Instituto, caso o senhor me aceite. A primeira é que, com a graça divina, poderei fazer aquilo que tantos outros estão fazendo. O senhor tem aqui diversos postulantes mais jovens do que eu. Se eles podem observar o regulamento, eu também poderei. A segunda, é que há mais de três anos persegue-me a idéia de tornar-me religioso. Peço sempre esta graça à Santíssima Virgem, persisto neste propósito, em-

---

[1168]. Si 27,12.

[1169]. Trata-se de João Batista Grimaud (Ir. Attale) cujos pais abastados opuseram-se por muito tempo à sua entrada na vida religiosa. (BQF, p. 364-365).

bora meus pais façam de tudo para que eu desista". Satisfeitíssimo com semelhante resposta, o Padre falou-lhe emocionado: "Sim, meu amigo, você nasceu para ser religioso. Sua oração e vontade persistentes são, para mim, prova cabal. A constância é ótima qualidade. Conserve-a com esmero, ela garantirá sua vocação e fará de você um santo religioso".

Em certa ocasião o piedoso Fundador, vendo sobre a mesa o livro de ofício de um Irmão, abriu-o e leu, na primeira página, estas palavras escritas à mão: "Faço o voto de rezar uma Ave Maria cada dia de minha vida, para alcançar, pela intercessão de Nossa Senhora, a graça da perseverança". "Pedir a perseverança pela mediação de Maria". disse ao Irmão a quem pertencia o livro, "é coisa muito boa, que deve fazer diariamente. Contudo, não devia comprometer-se, por voto, a rezar essa Ave Maria, porquanto, na vida religiosa é vedado emitir voto sem autorização. A perseverança em praticar uma virtude já e a virtude. A perseverança em pedir uma graça é sinal inequívoco de que a alcançamos. Louvo, portanto, sua perseverança em pedir a Maria a graça da salvação e lhe asseguro que a divina Mãe lha conseguirá, se perseverar em pedi-la. Mas censuro seu voto indiscreto, e lhe peço nunca mais fazer isso sem permissão".

Finalizamos esta biografia de nosso venerado Pai, analisando uma belíssima instrução aos Irmãos sobre a constância, ao comentar o Evangelho do segundo domingo do Advento:

" A constância é virtude indispensável ao cristão para salvar-se, e mais ainda, ao religioso para perseverar na vocação e adquirir a perfeição de seu estado. O comportamento de Cristo no Evangelho de hoje confirma de modo cabal esta verdade. O divino Mestre tece esplêndido elogio a S. João Batista e declara, perante todo o povo, que ele é o maior dos filhos dos homens. [1170] Ora, que é que Jesus louva de modo especial e acima de tudo, no santo Precursor? Será a maravilhosa inocência, uma vez que, durante toda a vida, provavelmente não cometeu nenhuma falta venial voluntária? De modo algum. Será a humildade, tão profunda, que se julgava indigno de desatar as correias das sandálias de Jesus Cristo? [1171] De modo algum. Jesus não fala da

[1170].Lc 7,28.

[1171]. Jô 1,27.

humildade no elogio que faz a João Batista. Será o amor à castidade, que o leva a censurar com destemor, a conduta criminosa de Herodes? Também não. Os elogios de Jesus não visam à castidade, por elevada e sublime que seja. Referem-se todos à constância do santo Precursor. Para chamar a atenção sobre a firmeza inabalável de S. João, Nosso Senhor interroga aos que o cercam: que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? [1172] Não! Alma tão fraca, tão leviano caráter não teria provocado vossa curiosidade e admiração. Que fostes ver então? Fostes ver um homem perseverante no exercício das mais raras e heróicas virtudes. Um homem constantemente fiel em cumprir a missão que Deus lhe confiou. perseverante na vocação e no gênero de vida austero que abraçou. Um homem sempre fiel ao serviço de Deus, na edificação do próximo, na denúncia, na repreensão aos pecadores. Constante em sofrer, com paciência inalterável e perfeita resignação, as perseguições dos maus. Foi esse o homem que fostes ver!"

"E por que Jesus Cristo louva tanto a constância? Porque esta virtude, de certo modo, encerra todas as outras e, sem ela, as outras não servem para nada. O importante, afirma Santo Agostinho, [1173] não é começar bem; é terminar bem, pois segundo Jesus Cristo, unicamente aquele que perseverar até o fim, será salvo. [1174] Porque essa é a virtude de todos os dias e de todos os instantes. De fato, a vida do cristão, ainda mais a do religioso, é combate contínuo. Para corrigir nossos defeitos, praticar a virtude, salvar a alma, urge fazer-nos constante violência [1175] e lutar contra tudo que nos rodeia. conseqüentemente temos que lutar:

1.Contra nós mesmos, nossas paixões, nossas más inclinações, contra nossos sentidos, para mantê-los na submissão e na sobriedade;

2. conta o demônio, leão rugidor, sempre alerta, que ronda sem cessar em volta de nós, para nos devorar; [1176] contra o sedutor dos

---

[1172]. Lc 7,24.

[1173]. "Quem perseverar até o fim será salvo" (Mt 24,12-13). O profeta preparou-se para uma incansável perseverança, mas percebeu que a vida era longa, e como perseverar, "tornasse perfeita a sua perseverança" Sto. Agostinho, Sl 139,11).

[1174].Mt 10,22; 24,13.

[1175]. Mt 11,12.

[1176]. 1Pd 5,8.

filhos de Deus, [1177] anjo das trevas, que se transmuda em anjo de luz [1178] para melhor disfarçar suas ciladas e para mais facilmente nos apanhar em suas redes;

3. contra o mundo, suas vaidades, máximas e escândalos; contra os maus exemplos de nossos coirmãos, não os imitando, mas cumprindo o dever e a Regra; contra nossos pais e amigos, para não atendermos à voz da carne e do sangue [1179] e amá-los sempre em Deus e por e por Deus; contra os que se tornam nossos inimigos, pagando-lhes o mal com o bem, amontoados dessa forma, como diz o Apostilo, carvões acesso nas suas cabeças;

4. contra todas as criaturas e as cosas que nos cercam, para não nos afeiçoarmos a elas, mas nos servimos delas como simples meios para chegarmos a Deus e realizar nossa salvação;[1180]

5. finalmente, devemos combater e lutar contra o próprio Deus, pressionando-o santamente, por meio de fervorosas orações, suportando com paciência e resignação a aridez espiritual, os dissabores, as tentações, todas as provações que a Divina Providência quiser enviar-nos".

"Ora, só a firmeza inabalável e a constância enérgica podem sustentar pelejar tão violenta e tão persistente. Os volúveis, os pusilânimes, os covardes não agüentam, e correm sério perigo de se perder. A eles se dirigem as terríveis palavras de Nosso Senhor: 'Quem põe a mão no arado e olha para trás – isto é, o inconstante – não é apto para o Reino de Deus'".[1181]

GLÓRIA, SÓ A DEUS!

[1177]. Ap 20, 7-10; 19,20.

[1178]. 2 Cor 11,14.

[1179]. Jô 1,13.

[1180]. Rm 12,20.

[1181]. Lc 9,62.

ÍNDICE CRONOLÓGICO

1789 – 20 de maio: Nascimento de Marcelino Champagnat.

1803 – Vocação ao sacerdote.

1805 – Entrada no seminário menor de Verrières.

1813 – Entrada no seminário maior de Lião.

1815 – 23 de junho: É ordenado padre por D. Dubourg.

1816 – 16 de agosto: Inicia o trabalho de coadjutor em La Valla.

1817 –2 de janeiro: Funda o Instituto.

1824 – Construção de 1Hermitage.

1824 – Maio: A comunidade vem morar em 1Hermitage.

1829 – É fixado definitivamente o hábito dos Irmãos.

1830 – Em Paris, diligências para a autorização legal.

1835 – Relacionamento com o Pe. Mazelier.

1836 – 29 de abril: Roma autoriza a Sociedade de Maria.

1836 – 24 de dezembro: Partida da primeira leva para as missões da Oceania.

1837 – Impressão da Regra.

1838 – de 15 de janeiro a fim de abril e de maio a fim de junho: Em Paris, o Pe. Champagnat faz diligência para conseguir a autorização legal do Instituto.

1839 – 12 de outubro: Eleição do Irmão Francisco.

1840 – 6 de junho: Falecimento do Pe. Champagnat.

1851 – 20 de junho: Autorização legal do Instituto na França.

1856 – Publicação da Vida de J. B. M Champagnat.

1888 – Início do Processo ordinário (Lião, 21/7/1888-22/12/1891).

1889 – 12 de outubro: Exumação dos restos mortais do Pe. Champagnat.

1896 – 9 de agosto: Leão XIII assina o decreto da Introdução da Causa.

1897 – Início do Processo apostólico (Lião, 24/4/1897-30/12/1991).

1903 – Os restos do Venerável são ocultados no lugarejo de Lês Maisonnetes.

1920 – 11 de julho: Decreto sobre a heroicidade das virtudes do Venerável Marcelino Champagnat, pelo papa Bento XV.

1920 – 1º de dezembro: Os restos mortais do Venerável são levados de volta a 1'Hermitage.

1955 – 29 de maio: Beatificação do Venerável Marcelino Champagnat pelo papa Pio XII.

1957 – Retomada da Causa para a canonização.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Casa em que nasceu Marcelino Champagnat	5
Cardeal Fesch	14
Dom Duborguer	24
La Valla em 1825	36
Comuna de La Valla	40
Fourvière em 1805	47
Berço do Instituto	59
Lugares das origens maristas	74
Irmão João Batista	91
D. Gaston de Pins	109
Notre-Dame de 1'Hermitage em 1836	123
Pe. J. C. Colin	149
Traje primitivo dos Irmãos	161
Pe. Mazelier	174
Pe. Vernet	239
Madame de La Grandville	241
Casa de Beaucamps	247
Irmão Luís Maria	265
Santo Cura d'Ars	290
São Pedro Chanel	307
Pe. Querbes	335
Pe. Bochard	364
São João Batista de La Salle	394
Papa Pio VII	425
Papa Gregório XVI	451
Casa de Saint-Paul-Trois-Châteux	477
Casa de Saint-Genis-Laval	502

Fotografias em páginas fora do texto

Estatueta de Nossa Senhora	1
Marlhes e arredores	3
A virgem negra de Fourvières	2
Carta do Pe. Champagnat	3
Notre-Dame de 1'Hermitage de dias de hora	4
De. Marlhes a La Valla (mapa)	5
La Valla e arredores	6
Casa dos primeiros Irmãos	6
Irmão Francisco	7
Lês Maisonnettes	8
Relicário com as cinzas do Pe. Champagnat	8

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Allirot (vigário): 1,8, 9, 78, 82, 84.
Audras (J.B): ver Irmão Luís.
Audras (J.C.I): ver Irmão Lourenço.

Barou (vigário geral): 183, 185, 447.
Basson: 120
Bedoin (vigário): 115.
Bélier (padre): 226.
Besson(Padre marista): 190, 194;
Bochard (padre): 107, 108, 109, 110.
Bourdin (padre marista): 186, 190, 194.
Cattet (vigário geral):
duas visitas a 1'Hermitage 138-139,382;
sua benevolência 187-188,382.
Champagnat (Pe. Marcelino):
nascimento 1;
presságio 3;
meninice e Primeira Comunhão 4;
chamado divino 10;
estudos (ver índice temático);
ordenação 29-30;
coadjutor 33-54;
virtudes 251-517;
falecimento 232-234.
Chanut (padre marista): 186, 190, 194.
Chatelard (Marguerite): 1.
Chaulieu (prefeito de Departamento): 164.

Chirat (Marcelino): 1.
Cholleton (vigário geral): 28, 119-120,188, 240.
Clérigos de Saint-Viateur: 178-179.
Colin (Venerável J.C.):
eleição 186-188;
reeleição 191;
relacionamento com o Pe. Champagnat 191-192;
apreensões quanto a nosso Instituto 205;
divergências com Champagnat 186, 205-506;
duas visitas a N. D. de 1'Hermitage 203, 247-248.
Outros: 28, 186, 190, 205, 237, 513.
Colomb de Gaste (prefeito): 81.
Courbon (padre): 8, 9, 108.
Courveille (padre): 128-130, 131-132,133-135, 136, 138, 139-140, 183, 184.
Crouseilles (ministro): 243.
Dervieux (vigário):
Censuras ao Pe. Champagnat 110;
Ameaças 112;
Pó último, a dedicação 113, 127, 133.
Dorzat (vigário): 152.
Douillet (padre) 170-171, 193, 379, 450-451.
Dubois (padre): 203.
Dubourg (Dom): 30.
Duplaix (vigário): 84.
Durand (padre): 148-149.
Épalle (Julienee): 31.
Fakkiux (ministro): 199-242
Fesch (cardeal): 8, 29,30.

Forest (padre marista): 190,194.
Gardette (padre): 108-109,113,114, 183.
Gaucher (vigário): 126.
Grandville (condessa): 242.
Granjon (J.M.) ver Irmão João Maria.
Gregório XVI (papa)191.
Guibert (Dom) 240.
Guinot (prefeito): 126.
Guizot (ministro): 172,197.
Hérard (padre): 130.
Irmão Antônio (A. Couturier): 60, 387.
Irmão Bartolomeu (B. Badard): 62.
Irmão Estanislau:
- homem sensível, 134;
- durante a doença do Pe. Champagnat, 214;
- palavrinha do Pe. Champagnat 228
- Outros, 72, 134, 213, 235.
Irmão Francisco (Gabriel Rivat):
- Infância e adolescência 42, 62-63;
- Diretor geral do Instituto 207-208;
- ao lado de Champagnat agonizante 219;
- agir prudente 237;
- carta circular sobre o falecimento do Pe. Champagnat 236;
- outros 225, 235, 238, 244, 245.
Irmão Hipólito: 234
.

ÍNDE TOPOGRÁFICO

Irmão Jerônimo:
- delicadeza para com o Pe. Champagnat 227;

- provação e espírito de família 437-441.
Irmão João Francisco: 81

Irmão João Maria (J. M. Granjon):
- vocação 55-57;
- sua eleição como diretor 64;
- seu papel entre os Irmãos 65-66;
- diretor da escola paroquial de La Valla 69;
- seu papel entre os Irmãos 65-66;
- diretor da escola paroquial de La Valla 69;
- diretor de Boug-Argental 87;
- sua fuga expulsão 140-141.

Irmão João Maria (J. C. Bonnet): 235, 260.
- **Irmão João Pedro: 105.**
- **Irmão Justino: 316.**
- **Irmão Lourenço (J.C. Andras**):
- Vocação 61-62;
- Catequista 76-77;
- Diretor de Tarentaise 85;
- Espírito de oração 294;
- Promessa em vésperas do falecimento 244.
- **Irmão Luís** (J. B. Audras):
- vocação 57-58;
- apega à vocação 60;
- diretor da escola de Marlhes 78-84;
- digno proceder 83;

- a grande tentação 243-244;
- delicadeza de consciência 146-147;
- horror ao pecado 387-388.
- **Irmão Luís Maria**: 207, 221-222, 228.
- **Irmão Pascal**: 247.
- **Irmão Roumesy**: 142-143.
- **Irmão das Escolas Cristãs**: 57, 58, 68, 82, 90, 91, 92, 96, 200, 2001, 2004, 379, 470.
- **Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux:** 173-174, 283-239.
- **Irmãos de Valbenoite:** 152-153.
- **Irmão de Viviers:** 239-240.
- **Janvier** (padre): 232, 352.
- **Lanchèze** (deputado): 199
- **Maitrepierre** (padre marista): 212.
- **Matricon** (padre marista): 190, 194, 235.
- **Mazelier** (padre):
- acerto com Champagnat 173;
- visita ao Pe. Champagnat 230;
- união de seus Irmãos aos de 1'Hermitage 238.
- **Missões estrangeiras** (Paris): 202
- **Napoleão** (imperador Luís): 26, 242.
- **Parisis** (Dom): 243.
- **Pins** (Dom de):

-amparo do instituto 113-114, 117;

-suas diligências em Paris 165; projeto de união 178-179;

-mal informado 279-280.

Pleyné (prefeito): 85,345**.**

Pompallier (padre): 177-178, 186, 192, 194, 196.

Querbes (padre): 178.

Rebaud (padre): 37, 71, 111, 114.
Rivat (Gabriel): ver Irmão Francisco.
Rochete (Monsieur de la): 81
Rouchon (vigário): 153, 190.
Salvando (ministro): 197, 200, 201.
Sauzet (deputado): 197.
Séon (padre marista): 184, 185, 186, 190, 194.
Servant (padre marista): 190, 194.
Térel (vigário): 126.
Terraillon (padre marista): 128-129, 140, 183, 184, 195.
Treuil (vigário): 232.
Trousset d' Héricourt (Dom Bénigne du): 209.
Vernet (padre): 239-240.

ÍNDICE TOPOGRÁFICO

Aiguebelle: 140.
Ampuis: 60, 130, 131.
Anse: 196.
Autun: 209.

Balbingny: 131.
Beaucamps: 242.
Bégudes (La): 242.
Belley: 188, 189, 190, 191, 197, 323, 372.

Bssat (Le): 76-77, 85.
Boulieu: 105, 131, 341.
Bourg-Argental: 85-87, 94, 112, 131, 140, 341, 343, 344, 387.
Bourg-Saint-Andéol: 310.

Carvin: 237.
Charlieu: 126, 131, 132, 341.
Chavanay: 126, 127, 131, 342.
Chomiol: 69.
Coin (Le): 81.
Côte-Saint-André (Le): 170, 171, 193, 209, 379, 450.

Denuzière (Orfanato): 196, 337.
Digoin: 237.

Èpercieux: 128.
Feurs: 164, 170.

Firminy: 196.
Fouillouse (La): 131.
Fourvière: 27, 30, 114, 314, 447.

Gap: 309.
Genas: 196.
Gier: 116, 120.
Grange-Payre (La): 190, 213.
Grenoble: 190, 197.

Hermitage (N.D. de 1'):
-situação geográfica 116;
-construção 119 e 127;
-comportamento exemplar dos Irmãos 126;
-liderança do Pe. Champagnat 127;
-bênção da capela 127;
-episódios de proteção divina 122;
-outros 131, 132, 138, 158, 167, 171, 177, 183, 188, 190, 192, 194, 197, 226, 241, 245, 247, 278, 341, 382, 384, 403, 416, 482.

Izieux: 240.
Langres: 243
Lião: 1, 8, 16, 26, 29, 30, 36, 92, 93, 118, ,159, 187, 189, 190, 206, 284, 314, 337, 513.
Ligny: 242.
Lille: 242
Lorette: 175.
Louvesc (La): 110.
Luzernaud: (lugareño): 69.
Marlhes: 1, 8, 9, 31, 78, 81, 175, 353.

Millery: 164.
Montbrison: 12, 128.
Mornant: 147. 341.

Neuville-sur-Saône: 147, 148, 342.
Nossa Señora da Boa Esperança (Paris): 203.
Nossa Senhora das Vitórias (Paris): 203.
Oceania: 192, 193, 317.
Paris: 26, 197, 201, 202, 203, 244, 284, 351.
Peaugres: 175.
Pélussin: 175.
Perreux: 196,316.
Pilat: 1, 33, 76, 323.
Polinésia: 191, 192.
Puy (Lê): 1, 97.

Roanne: 131.
Roches-de-Condrieu (Les): 204.
Roma: 190, 192, 195, 207.
Rosey (Le) 9, 44.

Saint-Chamond: 33, 57, 106, 110, 112, 116, 118, 120, 127, 134, 158, 185, 190, 194, 232, 235, 283, 345, 440.
Sain-Didier-sur Rochefort: 196.
Saint-Didier-sur-Chalaronne: 196.
Saint-Étienne: 131, 169.
Saint-Genest-Malifaux: 1, 8, 75.
Saint-Julien-en Jarret: 232, 352.
Saint-Lattier: 237.

Saint-Martin-la-Plaine: 196.
Saint-Paul-en Jarret: 147, 342.
Saint-Paul-Trois-Châteaux: 173, 193, 230, 238, 239, 240, 241.
Saint Pol-en-Artois: 203, 204.
Saint-Sauveur-en-Rue: 11, 81, 82, 85, 89, 94, 104, 131, 342.
Saint-Symphorien-d'Ozon: 152, 342.
Saint-Symphorien-le-Château: 105, 131, 341.
Semur-en-Brionnais: 196.
Soubiers: 175.
Sury-Le-Comtal:175.
Tarentaise: 63, 85, 131.
Terrenoire: 175.
Thoissey: 196.
Valbenoîte: 152, 190.
Valência: 347.
Valence: 173, 226.
Valla: (La).
-situação geográfica 33;
-sitaução moral da paróquia na chegada de Champagant 34;
-a escola 68-71, 78.
-vida de Champagnat com discípulos 71-73.
-outros 37, 38, 39, 44, 50, 54, 76, 82, 83, 84, 92, 93, 107, 109, 110, 114, 115, 127, 140, 153, 210, 219, 281, 309, 314, 323, 340, 341, 384, 387, 390, 459, 467, 476.
Vanosc: 105, 131.
Vauban: 209, 210, 337.
Valay: 1, 97.
Verrières: 12, 15, 272.
Viriville: 175.
Viviers: 174, 239, 240, 241.

ÍNDICE TEMÁTICO

Abandono à Providência: 29, 70-71, 276, 280-282.
Alegria:
-importância 255, 257-259;
-temperamento do Pe. Champagnat 212, 251-252;
-dos primeiros Irmãos 103;
-artifício de quem é vivo 257-258.
Alistamento militar: 165, 172-173, 198, 203, 242, 243.
Alunos:
-caso de expulsão 478-480.
Amizade exclusivistas: 501-502.
Amizade do Pe. Champagnat:
-à oração 285-286,, 291, 292;
-ao recolhimento 297-298;
-à pobreza 348-350;
-à mortificação 24-25, 54, 360-362;
-à humildade 231, 371 e ss.;
-á pureza 381 e ss.;
-ao trabalho 390 e ss.;
-a nossa senhora 110, 313-315. 323-324;
-pensamentos sobre o amor a Jesus 100-101.
Apego do Pe. Champagnat:
-aos discípulos 71, 400-401;
-solicitude para com eles 211, 220, 277, 402-404,
-votos e recomendações 404-405;
-acolhida carinhosa 227-228;
-tristeza com o pensamento de deixá-los 215, 217;

-dos Irmãos ao Fundador 103, 128-129, 134,-135, 226, 236.
Arrependimentos do Pe. Champagnat: 218-219, 399.
Ascendência sobre Juventude 23-24, 40-41, 251-252.
Autenticidade dos fatos narrados XII
Autoridade:
-duas espécies 432;
-funções 430;
-defeitos prejudiciais 430-431;
-meios de salvaguardá-la 427-429.
Autorização legal:
-motivação para solicitá-la 165, 172, 174-175;
-papel de D. de Pins 165;
-denegação pelo governo 172;
novas diligências 196-2001, 242;
-feliz desenlace 202, 244.
Aviso fraterno: 66, 408-410, 453-455.
Benção de 1'Hermitage: 119, 127, 196.
Camas e roupas de cama: 59, 66, 120, 231, 343-344.
Canto:
-remédio contra a tristeza 103, 253;
-ensino do canto litúrgico 489-490.
Capelas de N. D. de 1'Hermitage:
-capela provisória 120;
-capela definitiva 127;
-nova capela 196.
Capítulo Geral:
-primeiro 206-208;
segundo 244-247.
Caridade:

-para com os carentes 475 e ss.;
-para com os doentes 52-53, 104;
-para com as crianças 70;
-o que movia sua caridade 445;
-caridade fraterna 103, 124, 223-224, 402-405;
-suas exigências 406-410.
Cartas do Pe. Champagnat:
-ao Pe. Barou 184;
-ao arcebispo de Lião 184-185;
-ao Pe. Cattet 187;
-a um vigário 449-450;
-a um prefeito 450;
-três cartas circulares 181-182, 404-405, 472;
-cartas sobre a autorização do Instituto 197-199;
-trechos de cartas aos discípulos 284, 401, 471-473;
-perpassadas de carinho para com eles 400-401.
Cartas:
-do Pe. Colin a nosso Fundador 186-187;
-circular do Ir. Francisco 236.
Castigos e recompensas: 493-494, 506.
Catecismos do Pe. Champagnat:
-em Rosey 23;
-em La Valla 39-42, 459, 467:
-meio de combater as reuniões perigosas 48;
-uma proposta bem acolhida 69;
mo 104, 461, 466, 469-471;
-dois modos de dar catecismo 102;
estudo e preparo do catecismo 396-398, 503, 515.
Catequistas:

-excelência e importância de ser catequista 463-466;
-o Pe. Champagnat forma bons catequistas 73-75, 504-505;
-Ir. Lourenço 76-77, 85;
-Ir. Luís 79-80;
-um catequista de quatorze anos 102.
Censuras injustas: 138-139, 177-178.
Coadjutor: 33, 36-37, 114-115, 127.
Comportamento:
-em Rosey e Verrières 12-14;
-no seminário maior de Lião 16-19;
-durante as férias 20-22;
-em relação aos intrigantes 114-115, 157-162;
-do Pe. Rebaud 37, 111-112;
-dos fantasiosos 140-143;
-do vizinho agressor 136
-dos inconformados 367;
-dos levianos 412;
-dos Irmãos jovens 414-415.
Comunhão:
-importância da primeira 466;
-preparo das crianças 466-467;
-freqüente 310-311.
Concorrência: 223-224, 379, 509, 511-513.
Confiança em Deus:
-inspiração para os empreendimentos 277-278;
-dava santa ousadia 117-119;
-fazia-lhe menosprezar ameaças 165-167;
-os boatos maldosos 279;
as preocupações com a administração 277-279;

-animava-o no estudo 272;
-confortava-o no fracasso 272;
-tranqüilizava-o quanto ao futuro do Instituto 214, 215, 276;
levava-o a entregar-se à Providência 29, 71, 279;
-essa confiança é importante 273;
desconfiança nos meios e apoios humanos 268, 274m 284;
-ficava triste com a falta de confiança 276;
-alguns criticavam-no por confiar demais 279, 282;
-Deus o compensava 283;
-seu pensar a respeito 292-293.
Confissão (conselhos a respeito): 467.
Consciência (delicadeza de): 73-75, 210, 212, 218, 219.
Conselhos:
-aos Irmãos de Bourg-Argental 86-87;
-a religiosos educadores 124-126.
Constância:
-virtude caraterística do Pe. Champagnat 510-515;
-uma palestra sobre o tema 515-517;
-prova de vocação religiosa 514-515;
Construções:
-em La Valla 98-100;
-em 1'Hermitage 119-122;
-papel de Champagnat 121, 390-391;
-críticas injustas 279;
-chiste 391.
Contradições:
-por parte do cunhado 11-15;
-dos amigos 94, 99;
-da sociedade 106;

-do Pe. Bochard 107-109, 110;
-dos confrades 106, 337;
-do Pe. Rebaud 111;
-do Pe. Derveille 110;
-do confessor 112;
-do Pe. Cattet 138-139;
-de alguns membros infiéis 140-143, 151-152, 357-359, 442, 444;
-da autoridade diocesana 177-179;
-do Pe. Pompallier 177-178;
-do poder abusivo 172.
Correção:
-método do Pe. Champagnat 411-413, 417,-418;
-sabia ser agradável ao corrigir 412;
-mostras de indulgência 412
-conforme o caso, era firme 416-417;
-o que os Irmãos devem evitar na correção 410, 415-416.
Decretos:
-do papa Gregógio XVI 191;
-Do Presidente da República 244.
Desenvolvimento do Instituto: 96-97, 177, 214.
Deus (presença de):
-prática favorita do Pe. Champagnat 264, 295-298;
-remédio contra o pecado 299, 506;
-forte de ânimo e força 301;
-modo de praticar 302.
Devoção:
-ao menino Jesus e a Nosso Senhor 303-304, 312, 506-508;
-ao Santíssimo 14, 266-267, 304-305, 308, 367;

-à missa 306, 308-310;

-a Nossa Senhora (ver Maria);

a S. José 212.

Dificuldades: ver Contradições).

Dinheiro: (ver Finanças).

Diretores:

-deveres e responsabilidades 413, 427-430;

-sua formação 418, 422-427;

-prudência, bússola do bom Superior 432-433 (ver Autoridade, Qualidade e Superiores).

Disciplina:

-importância 490;

-como deve ser 493;

-comoestabecê-la 492, 494, 500;

-vantagens de uma boa disciplina 490-491 (ver Prefeito de estudos);

-o que a prejudica 505.

Doenças de Champagnat:

-esgotamento 25-26;

-primeira doença grave 132-133;

-última doença 204-205, 211 e ss.

Doentes:

-pressuroso em visitá-lo 51-53;

-solicitude para com os Irmãos adoentados 220, 403-404;

-dedicação dos primeiros Irmãos para com os doentes 104.

Educação:

-importância 498-499;

-importância da primeira educação 487-489;

-sermão sobre como educar os filhos 46-48;

-nobre miss]ao 508.

Eleições:
-do Ir. João Maria 64;
-preferência pelo Pe. Champagnat 128-130;
-eleição do Pe. Colin 188;
-reeleição do Pe. Colin 191;
eleição do Ir. Francisco 206-208.
Emulação: 485.
Episódio significativos:
-a bofetada 5;
-apelido 6;
-jovem confirmado na vocação 15-16;
-o agonizante não sabia da existência de Deus 55-56;
-o carrinho 256;
-os "meios infalíveis de sucesso";
o travesseiro 393;
-"leve-me até o primeiro andar" 412;
-os cinco tostões 475;
-o órfão impossível 477-479.
Escrúpulo: 277-228.
Espírito de fé:
-inspirava-lhe dar valor às almas 264;
-verificava-o em qualquer lugar 264;
-alimentava o fervor 264-265;
-inspirava-lhe respeito às coisas e lugares santos 265-267;
-fazia-lhe só contar com Deus 268-270.
Espírito de família:
-na comunidade 124, 354-355, 450, 453-454;
-na escola 494;
Espírito de observação: 171, 218.

Esporte: 256-499.

Estatística:

-escola e Irmãos em 1826 184;

-Irmãos e escolas em 1840 e em 1856 249;

-membros do primeiro Capítulo Geral 207.

Estátua que aparece e desaparece: 373.

Estima:

-depoimentos a favor do Pe. Champagnat 44, 72, 83, 105, 113, 115, 119, 128, 130, 164, 166-167,

Estudos:

-em Saint-Sauveur 11, 272-273;

-em Vierrières 12;

-em Lião e durante as férias 16, 18, 20, 21, 22, 35;

-estudar Nosso Senhor 312;

-estudar a religião 397-398;

-estudar a vida dos santos 398-399;

-outros estudos 416, 418, 484-485, 498;

-estudar para ser competente 500.

Exemplo (importância do bom): 500-501.

Exilar-se (projeto de): 112

Expressão verbal de Champagnat: 15, 38, 39, 42, 53, 274.

Falecimento: 234-235.

Fé: (ver Espírito de fé).

Felicidade: do religioso 100-101.

-de morrer como religioso 233.

-três sinônimos 333.

Finanças:

-pequenos negócios de Marcelino 6-7;

-pagamento da pensão 12;

-compra de casa em La Valla 59;
-compra de terreno às margens do Gier 116;
-construções em l'Hermitage 119, 282;
-avalista confiante 118;
-renda de 600 francos 130;
-os 500 francos de Tripier 148;
-os 200 francos do postulante 258;
-situação financeira 276;
-vencimentos os Irmãos 277, 351, 488-449;
-situação financeira do Instituto no falecimento do Fundador 280;
-benfeitores unsignes 133, 280, 283;
-gastos de algumas casas 341-342;
-auxílios providências 283;
-verba-auxíli do Conselho Geral do Departamento de Loire 164;
-em caixa 2 francos e 50 cêntimos 402;
-Champagnat empresta dinheiro ao irmão 253.
Firmeza:
-em continuar os estudos 11-12, 272;
-em superar-se 25;
-no caso das meias de malha 156-162;
-nas contradições 446;
-na luta contra os abusos 417, 449*151;
-contra o pecado 384*387;
-diante do perigo 26, 164-167, 321-322.
Formação dos Irmãos: 296, 417;
-dos Irmãos jovens 413-415;
-dos pedagogos 68-69, 72, 75, 486 (ver Diretores).
Hábito religioso: 64, 154, 266.

Humildade:
-importância 371;
-virtude predileta do Fundador 230, 278, 371-274;
-guerra ao orgulho 16-17;
-formação dos discípulos à humildade 374-379;
-meios de adquiri-la 376-379;
-para os Irmãos 379-380.
Igreja:
-respeito ao lugar santo 309;
-acatamento aos pastores 334-338.
Incontância: 514-515.
Instituto:
-"precisamos de Irmãos" 28;
-missão do Fundador 28, 55 445;
-primeiros noviços (ver Noviços).
-primeiro oratório 65;
-falta de vocações 89-90;
-projeto do Pe. Bochar 107-110;
-ameaça de fechar a casa de formação 112-113
-doença do Fundador 132-135;
-pedidos de D. de Pins178-179;
-ameaças do prefeito do Departamento de Loire 321;
-inimigos 457;
desenvolvimento atual e futuro 96-97, 214, 276, 422.
Instrução primária:
-vantagens 482, 484-485;
-importância das sérias iniciais 487-489.
Instruções (apanhado das instruções sobre):
-o pecado e suas ocasiões 213, 381-382;

-a confiança em Deus 275-276, 292-293;
-a devoção de Maria 319;
-a mortificação 362-364;
-zelo e a nobreza de ser catequista 463-464;
-recomendações vária 216-217;
-pensamentos que gostava de comentar.
Intrigas:
-contra o Pe. Rebaud 114;
-do Pe. Couveille 128-140;
-de alguns rebeldes 155-162.
Irmãozinhos de Maria: 374-375.
Lei sobre o ensino primário: 172.
-Lei Falloux 242.
Leituras:
-leituras piedosas 45, 99;
-más leituras 50-51;
-maus livros 334.
Levantar (o): 36, 368-369, 457.
Manutenção dos Irmãos: 447-448.
Maria (devoção a): 12, 18, 27,-28, 30, 32, 35, 48, 59, 64, 67, 86, 90, 94, 95, 97, 101, 110, 114, 121, 125, 130, 131, 214, 216, 217, 224, 228, 235, 313 e ss.;
Meias: -no que pensava da devoção a Nossa Senhora 101;
-o"lembrai-vos" na neve.

-de malha 154;
-de pano 155, 156-163.
Meninos:
-o que se deve fazer por eles 125-126;
-amá-los e amar a Jesus para bem educá-los 501, 506-507;

-respeitá-los 507;
-ser paciente e equânime com os incorrigíveis 478-479;
-amor de Champagnat pelas crianças 482.
Método:
-para explicar o catecismo 41-42;
-para se manter na presença de Deus 297-298;
-para animar os Irmãos à perfeição 416-420;
-para formar bons diretores 422-427;
-de ensino 68, 155-156, 489.
Missionários:
-primeiros missionários maristas 192, 194;
-aspirações apostólicas do Pe. Champagnat 192
-sua verdadeira missão 192;
-somos todos missionários 194.
Moradia: 59, 72, 98, 120.
Mortificação:
-de Champagnat 24-25, 54;
-depoimento do Pe. Rebaud 37 nota 10;
-vida com os discípulos 71-72, 120, 360;
-vida laboriosa 121;
-sobriedade 120, 131, 362;

-sermão sobre a mortificação 45-46;
-das paixões 365;
-no trabalho 366-367;
-na vida comunitária 368, 408;
-no que nos manda a Providência 370;
-espírito de mortificação dos primeiros Irmãos 340-344.
Mundo (perigos): 162-163, 449*453.

Noviços (primeiros do Instituto): 55-63, 98, 103.
Obediência:
-Ao vigário 36-37;
-Apreço pela obediência 333;
-Recomenda-a aos Irmãos 223;
-é necessária aos Irmãos 330-333;
-jeito de formar os meninos à obediência 500;
-exemplos admiráveis 418-420;
-insubordinação pode causar a perda da vocação 443-444.
Ociosidade:
-perigos 393-394;
-alerta de Champagnat 395.
Ocupação principais de um Irmão: 392-394.
Operários (suas ameaças): 167.
Oração:
-necessidade para fazer o bem 287-288, 469;
-espírito de oração de Champagnat 285-286;
-estima pela prática da oração 288, 290 (ver Piedade).
Oração mental:
-importância 291;
-prática 292-294.
-a oração mental do Ir. Lourenço 294
Ordens (menores e maiores): 29-30.
Orgulho:
-repulsa ao orgulho 375;
-o que fazia para combatê-lo 17-18;
-perigo dos elogios 376;
-remédios contra o orgulho 376-379.
Paciência:

-para com os inexperientes 100;
-para com os discípulos 367, 411-412;
-para com os incorrigíveis 476-477.
Padroeiro (santo): conhecer sua vida 398-399.
Pais:
-desapego aos pais 29;
desapego da família, necessário ao religioso 353-354, 356.
Palavras proféticas:
-sobre a autorização legal do Instituto 172, 202, 244;
-sobre o agravamento da doença 213, 214, 229;
-sobre o desenvolvimento do Instituto 214;
-sobre o Ir. Luís 146.
Passadio:
-sobriedade do Pe. Champagnat 25;
-dos primeiros Irmãos 65-66,
103, 120, 341, 344, 361-362.
Pecado:
-horror ao pecado 15,213, 384-386;
evitar as ocasiões 382-383;
felicidade de impedi-lo 50;
-horror dos santos ao pecado 389;
-horror dos primeiros Irmãos ao pecado 387-388.
Penhor de salvação:
-a vocação religiosa 229, 434-435;
-a perseverança na vocação 232;
-a devoção a Nossa Senhora 315-316.
Penitência (instrumentos de): 364 (ver Mortificação).
Pensamento sobre vários assuntos: 100-102, 463-466, 499-503.

Perfeição:
-consiste em 297, 299;
-meios de perfeição 124-126;
-como Champagnat animava os Irmãos à perfeição 417-418.
Piedade:
-na família 4, 12;
-em Varrières 13.
-no seminário maior 19;
-durante a doença 218, 221, 229, 230;
-seus dizeres a respeito 100, 293-294;
-papel da oração na educação 449-450;
-o que são os Irmãos piedosos 288-289;
-os que não têm piedade 289;
-piedade mal compreendida 469.
Pobreza:
-abnegação 340;
-estima por ela 350-352;
-cuidado em despertar nos Irmãos seu espírito 344-347;
-frutos de seu cuidado 341-344;
repressão aos abusos 349-350;
exemplos admiráveis 347-348.
Prefeito de estudos:
-primeiro dever 73, 125, 495-497;
-deve ser o anjo da guarda dos meninos 495.
Presença de Deus: (ver Deus).
Promotor vocacional:
-o padre promotor 8-9;
-improvisado 91-93.
Proteção de Deus (episódio da): 282-283

Provação (fortifica a virtude): 418-420.

Pureza:

-amor do Fundador por ela 382-383;

-decidido a afastar o vício impuro 384;

-dois castigos exemplares 384-386.

Qualidades:

-de um bom Diretor 425;

-do zelo generoso 467-469;

-da boa disciplina 490-491.

Recolhimento (em Paris): 298 (ver Deus).

Recreação: 17-18, 66-67, 103.

Regra:

-primeira Regra codifica 178-182;

-revisão 244-247;

-importância 163, 352, 415, 455-457;

funestas conseqüências de sua violação 151-152, 415 (ver Tibieza).

Regulamento:

-para as férias 20-22;

-para o tempo de coadjutor 34-36;

-dois primeiros noviços 64-65, 120-121.

Regularidade: 15, 211 (ver Levantar).

Relaxamento: 133.

Religioso:

-o bom tem espírito de família 354-355;

-religioso tíbio 152, 455-457.

Resoluções: 15, 17-18.

Respeito:

-para com os superiores 36-37;

-pelos lugares sagrados 308-309;
-à criança 507-508;
-aos súditos 431-432;
-sábias normas 500-501.
Retiros espirituais: 169-170, 191-192.
Revolução:
-pergunta de criança 4;
-revolução de junho 165-167.
Santificação:
-zelo pela própria santificação 12, 16-23, 34-35;
-santificação das ações ordinárias 45-46.
Seminário:
-de Varrières 12,16;
-de Lião 16, 19;
Sermões: 43-48.
Sobriedade: 25, 120, 360-361.
Sociedade de Maria:
-projeto de fundação 27;
-"precisamos de Irmãos" 28;
-apego e dedicação do Pe. Champagnat pela Sociedade de Maria 183, 185, 188-189;
-dez discípulos arranjados por Champagnat 194;
-aprovação do ramo dos padres pela Santa Sé 191;
-Pe. Colin partidário da separação dos dois ramos 205-2-6, 247-248.
Superiores: 332-333, 422 (ver Diretores).
Surdos-mudos (escola dos): 203.
Terço:
-fidelidade em rezá-lo 12, 313;
-como o estimava 290, 320-321;

Testamento do Fundador:
-civil 212;
-espiritual 222-225.
Tia materna: 4.
Tibieza: 152 (ver Religioso).
Tiradas do Pe. Champagnat:
-"estou pronto a recebê-lo como aprendiz" 9;
-"é muita honra" 168;
-"à toa é só para você" 195;
-"Deus não se atrapalha para encontrar gente" 281;
-"no cofre da Providência" 282;
-"cinqüenta Irmãos, bons" 283.
Trabalho:
-amor ao trabalho 211, 390;
-o que exigia de cada um 392-393;
-seus comentários 393-394;
-arrependimento na hora da morte 399;
-por que apreciar o trabalho 395-397.
Trabalho apostólico:
-nobreza de ser catequista 463-465;
-o bem que um Irmão pode fazer 465-466;
-mortificação provinda do trabalho 366-367;
-por que fazer bem i trabalho apostólico 399.
Tristeza:
-conseqüência 254;
-motivos para evitá-la 255;
-meios de combatê-la 256ª.
-tristeza sem motivo 254-255;
-como tratou o tristonho;

condição ladina 257-258.
Universidade: 172,198.
Viagens:
-delas gostava o Pe. Champagnat porque... 290;
-como viajava de ordinário 131;
-efeitos sobre a saúde 211.
Vigários gerais: 107, 108, 119, 158, 166, 179, 183, 184, 447, 505.
Virtudes:
-em Verrières 15-16;
-no seminário maior 19.
Visitas (feitas e recebidas):
-visita às escolas 131, 148, 171, 213;
-duas visitas a D. de Pins 113, 178;
-visita a Salvandy 197ª;
-visita aos pais 353;
-visita do Pe. Cattet 138;
-"visita" domiciliar 167-169;
-visita do Pe. Bellier 226;
-visitas do Pe. Colin 230, 247;
-visita do Pe. Mazelier 230;
-visita do Pe. Janvier 232;
-visita ao Santíssimo 304-308.
Vocação religiosa:
-Marcelino atende ao chamado de Deus 10-12;
-vocação é penhor de salvação 291, 434-435;
-modos de Deus chamar 10-11, 63-64;
-felicidade do religioso 101;
-causas da perda da vocação 442-444.

Votos:
-primeiros votos no Instituto 145-147;
-profissão religiosa do Pe. Champagnat 191;
profissão religiosa dos primeiros padres maristas 191-195.
Zelo:
-do Pe. Champagnat 15-16, 23-24, 264, 458-463;
-apreço pelo trabalho de catequista 463-465;
-exortação e pensamento a respeito 471-472;
-o que é e o que deve ser o zelo 39, 458, 467-468;
-fonte de bênçãos divinas 508-509;
-zelo de nossos maiores 69;
-zelo mal entendido 468-469;
falta de zelo é causa da perda da vocação 442.

SUMÁRIO DOS CAPÍTULOS

PRIMEIRA PARTE

PREFÁCIO.....VII

INTRODUÇÃO.....XV

CAPÍTULO PRIMEIRO.....1

Nascimento, pais e primeira educação de Marcelino Champagnat.

CAPÍTULO SEGUNDO.....8

Marcelino é chamado ao estado sacerdotal. Considerações sobre o tema. Comportamento e progressos nos seminários.

CAPÍTULO TERCEIRO.....20

Procedimento edificante do clérigo Champagnat durante as feias. Visita os enfermos e catequiza as crianças do lugarejo. A vida austera e mortificada lhe prejudica a saúde. De acordo com outros piedosos seminaristas planeja a fundação da Sociedade de Maria. Prepara-se para as ordens sacras e recebe a ordenação sacerdotal.

CAPÍTULO QUARTO.....33

Nomeação do Pe. Champagnat para coadjutor de Lavalla. Situação da paróquia. Seu regulamento de vida. Respeito e submissão ao vigário. Nada empreende sem consultá-lo. Analisa a índole dos paroquianos e procura conquistar-lhe a confiança. Os primeiros desvelos são para as crianças.

CAPÍTULO QUINTO.....43

Os sermões e as instruções familiares do Pe. Champagnat renovam a paróquia. Corrige os vícios e reforma os abusos. Zelo apostólico e caridade para com os enfermos.

CAPÍTULO SEXTO.....55

O Pe. Champagnat funda o Instituto dos Irmãozinhos de Maria. vocação dos primeiros Irmãos. Normas de proceder que lhes dá.

CAPÍTULO SÉTIMO.....68

OS Irmãos assumem a escola de Lavalla. O Pe. Champagnat vai residir com eles. Forma-os ao magistério e à prática da catequese e os envia dois a dois para ensinarem catecismo nas aldeias.

CAPÍTULO OITAVO.....78

Fundação das escolas de Marlhes e de Saint-Sauveur. Atitude edificante do Irmão Luis. Fundação de Tarentaise e Bourg-Argental.

CAPÍTULO NONO.....89

Champagnat pede vocações a Deus. Deus atende a suas preces de modo inesperado.

CAPÍTULO DÉCIMO.....98

Champagnat empreende uma construção para ampliar o noviciado. Seu zelo para formar os noviços à piedade e às atitudes da Vida Religiosa. O grande fervor na casa de noviciado e nas escolas.

CAPÍTULO ONZE.....106

Contrariedade e perseguição que a obra dos Irmãos atrai a seu

Fundador. Dom Gastão de Pins, administrador da diocese de Lião, protege o Instituto.

CAPÍTULO DOZE.....116

A transferência do noviciado acarreta novos aborrecimentos ao Pe. Champagnat. Construção da casa de 1'Hermitage.

CAPÍTULO TREZE.....128

O Pe. Courveille associa-se ao Pe. Champagnat. Suas intrigas para ser eleito superior. O Pe. Champagnat cai gravemente enfermo. Situação tensa da comunidade durante a doença.

CAPÍTULO QUATORZE.....138

A virtude do Pe. Champagnat sofre novas provações causadas pelo comportamento do Pe. Courveille e pela deserção de vários Irmãos.

CAPÍTULO QUINZE.....145

O Pe. Champagnat admite os Irmãos à profissão religiosa. Novas fundações. Importância das normas concernentes ao relacionamento com os seculares.

CAPÍTULO DEZESSEIS.....154

O Pe. Champagnat completa o traje dos Irmãos. Adota a nova pronúncia das consoantes no ensino da leitura. Relutância de alguns Irmãos às meias de pano e ao novo método de leitura.

CAPÍTULO DEZESSETE.....164

Prosperidade crescente do Instituto. Tentativas do Pe. Champagnat junto ao governo para obter a autorização legal. Os acontecimentos de 1830 interrompem as diligências. Confiança e serenidade do Pe. Champagnat. Visita domiciliar à casa-

mãe. Fechamento da escola de Feurs. Fundação de La Cote-Saint-André.

CAPÍTULO DEZOITO.....172

Novas tentativas para obter a aprovação legal do Instituto. projeto de fusão com os Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux. Crescimento do Instituto, apesar dos obstáculos. Impressão da Regra.

CAPÍTULO DEZENOVE.....183

A Santa Sé aprova a Sociedade dos Padres Maristas. O que fez Champagnat por essa obra.

CAPÍTULO VINTE.....196

Fundação de novas escolas. O Pe. Champagnat faz novas tentativas para obter a autorização legal do Instituto. A saúde do bom Padre se altera sensivelmente. Concorda com a nomeação de um sucessor.

CAPÍTULO VINTE E UM.....209

Fundação do noviciado de Vauban, agrava-se a doença do Pe. Champagnat. O piedoso Fundador põe ordem nos negócios temporais do Instituto. Faz confissão geral.recebe o sagrado viático. Exortação feita aos Irmãos na circunstância. Várias censuras que faz a si mesmo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS.....221

Testamento Espiritual do Pe. Champagnat Recomendações a diversos Irmãos. Sente-se consolado com as visitas que recebe. Os sofrimentos lhe aumentam a piedade, o fervor, o amor a Deus. Agonia, falecimento exéquias.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS.....236

Os Irmãos testemunham seu amor ao Pe. Champagnat rezando

com fervor pelo seu descanso e submetendo-se docilmente a seu sucessor. União com os Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteux e os Irmãos de Viviers. Prosperidade crescente do Instituto. Revisão, exame e adoção definida da Regra, pelo Capítulo Geral.situação da Congregação em 1856.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO PRIMEIRO.....251

Retrato e índole do Pe. Champagnat. O que pensava da tristeza e da santa alegria. Seu empenho em educar o caráter dos Irmãos.

CAPÍTULO SEGUNDO.....263

Espírito de Fé do Pe. Champagnat

CAPÍTULO TERCEIRO.....272

Confiança em Deus.

CAPÍTULO QUARTO.....285

Amor à oração. Modo como, para ela,formava os Irmãos.

CAPÍTULO QUINTO.....295

Espírito de recolhimento do Pe. Champagnat e cuidado para se manter na presença de Deus.

CAPÍTULO SEXTO.....303

Amor a Jesus Cristo.

CAPÍTULO SÉTIMO.....313

Devoção à Santíssima Virgem.

CAPÍTULO OITAVO.....330
Respeito e obediência aos Superiores.

CAPÍTULO NONO.....340
Amor à pobreza.

CAPÍTULO DÉCIMO.....353
Desapego dos parentes e de todas as criaturas.

CAPÍTULO ONZE.....360
Apreço à mortificação.

CAPÍTULO DOZE.....371
A humildade.

CAPÍTULO TREZE.....381
Amor à pureza, horror ao vício contrário e ao pecado, em geral.

CAPÍTULO QUATORZE.....390
Amor ao trabalho.

CAPÍTULO QUINZE.....400
Amor e carinho aos Irmãos.

CAPÍTULO DEZESSEIS.....411
Solicitude em corrigir os defeitos dos Irmãos e formá-los à virtude.

CAPÍTULO DEZESSETE.....421

Cuidado na formação dos Irmãos Diretores.

CAPÍTULO DEZOITO.....434
Providência para conservar os Irmãos na vocação.

CAPÍTULO DEZENOVE.....445
Precauções para conservar os Irmãos no espírito de sua vocação. Firmeza em manter a observância da Regra.

CAPÍTULO VINTE.....458
Zelo pela glória de Deus e a salvação das almas.

CAPÍTULO VINTE E UM.....475
Caridade para com os pobres.

CAPÍTULO VINTE E DOIS.....484
Empenho pela instrução primária e a boa disciplina da escola.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS.....498
Conceitos de Champagnat sobre a educação das crianças.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO.....510
Perseverança no bem e em todos os empreendimentos.

ÍNDICE CRONOLÓGICO.....518
ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES.....519
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....520
ÍNDICE TOPOGRÁFICO.....522

ÍNDICE TEMÁTICO.....524
SUMÁRIO DOS CAPÍTULOS.....531